Estudos bíblicos expositivos em

Richard D. Phillips

Hebreus

COMO ENFRENTAR OS DESAFIOS E ARMADILHAS DO MUNDO CONFIANDO NA SUPREMACIA DE CRISTO

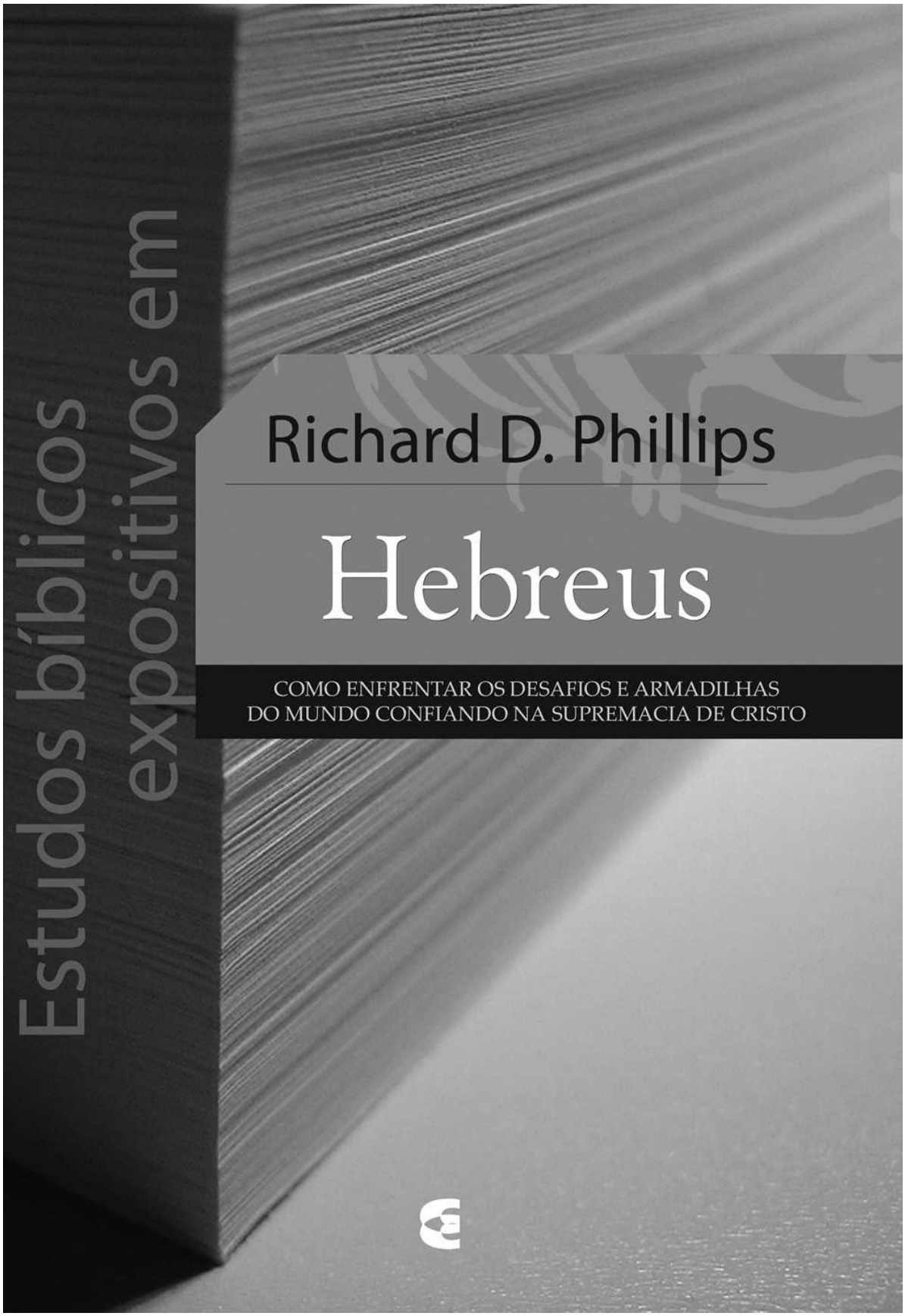
Table of Contents

Sumário
Prefácio
Parte 1: A supremacia de Cristo
- 1. A palavra final de Deus (1.1-2)
- 2. Profeta, Sacerdote e Rei (1.2-4)
- 3. Superior aos anjos (1.4-9)
- 4. O Senhor reina (1.10-14)
- 5. Prestem atenção! (2.1-4)
- 6. Sua história (2.5-9)
- 7. Perfeito mediante o sofrimento (2.10-13)
- 8. Poderoso para socorrer (2.14-18)
- 9. O grande Apóstolo (3.1-6)

Parte 2: Advertências contra a apostasia
- 10. Advertência contra a incredulidade (3.7-12)
- 11. A perda da salvação (3.12-19)
- 12. O descanso sabático (4.1-5)
- 13. Entrar no descanso de Deus (4.6-11)
- 14. A Palavra viva de Deus (4.12-13)
- 15. O trono da graça (4.14-16)
- 16. Designado como Sumo Sacerdote (5.1-6)
- 17. A fonte da nossa salvação (5.7-10)
- 18. Do leite ao alimento sólido (5.11–6.3)
- 19. Uma vez iluminados (6.4-8)
- 20. Diligentes até o fim (6.9-12)
- 21. Âncora da alma (6.13-20)

Parte 3: Nosso grande Sumo Sacerdote
- 22. Melquisedeque (7.1-10)
- 23. Esperança superior (7.11-19)
- 24. Porque ele vive (7.20-25)
- 25. Perfeitamente adequado (7.26-28)
- 26. Ministério mais excelente (8.1-6)
- 27. A nova aliança (8.6-13)
- 28. O santuário terrestre (9.1-10)
- 29. O sangue de Cristo (9.11-14)
- 30. Último testamento (9.15-22)
- 31. Uma vez por todas (9.23-28)

32. O corpo de Cristo (10.1-10)
33. Uma grande conclusão (10.11-18)
Parte 4: Exortações e exemplos de fé
34. Como então devemos viver? (10.19-25)
35. Uma horrível punição (10.26-31)
36. Dentro de pouco tempo (10.32-39)
37. O que é fé? (11.1-3)
38. Fé justificadora (11.4)
39. Fé que agrada a Deus (11.5-6)
40. Fé que trabalha (11.7)
41. Fé que olha para frente (11.8-10)
42. Fé na promessa (11.11-12)
43. Fé que procura uma pátria (11.13-16)
44. Fé testada (11.17-19)
45. Fé que confia no plano de Deus (11.20-22)
46. Fé escolhendo a Deus (11.23-26)
47. Fé que faz a travessia (11.27-29)
48. Fé que conquista (11.30-40)
49. Fé fixa em Jesus (12.1-3)
Parte 5: Exortações finais
50. Disciplinados como filhos (12.4-13)
51. Um chamado à santidade (12.14-17)
52. A montanha da graça (12.18-24)
53. O que não pode ser abalado (12.25-29)
54. Jesus Cristo é o mesmo (13.1-8)
55. Fora do arraial (13.9-14)
56. Um sacrifício de louvor (13.15-19)
57. Bênção de paz (13.20–25)


Estudos bíblicos expositivos em
Richard D. Phillips
Hebreus
COMO ENFRENTAR OS DESAFIOS E ARMADILHAS
DO MUNDO CONFIANDO NA SUPREMACIA DE CRISTO

Estudos bíblicos expositivos em Hebreus, de Richard D. Phillips © 2018 Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente com o título *Reformed expository commentary – Hebrews* © 2006 by Richard D. Phillips. Todos os direitos são reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, estocada para recuperação posterior ou transmitida de qualquer forma ou meio que seja – eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou de outro modo – exceto breves citações para fins de resenha ou comentário, sem o prévio consentimento de P&R Publishing Company, P.O.Box 817, Phillipsburg, New Jersey 08865-0817.

Conselho Editorial
Antônio Coine
Carlos Henrique Machado
Cláudio Marra (*Presidente*)
Filipe Fontes
Heber Carlos de Campos Jr.
Marcos André Marques
Misael Batista do Nascimento
Tarcízio José de Freitas Carvalho

Produção Editorial
Tradução
Deuber de Souza Calaça
Edmilson Francisco Ribeiro
Revisão
Filipe Delage
Mari Kumagai
Wilton Lima
Editoração e e-book
Felipe Marques
Capa
Magno Paganelli

P558e Phillips, Richard D.

Estudos bíblicos expositivos em Hebreus / Richard D. Phillips; traduzido por Deuber Calaça e Edmilson Francisco Ribeiro . _ São Paulo: Cultura Cristã, 2018

Recurso eletrônico (ePub)

ISBN 978-85-7622-904-9

Tradução Reformed expository commentary – Hebrews

1. Exposição bíblica 2. Vida cristã I. Título

CDU 27-187

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus "símbolos de fé", que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.

EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP
Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

À memória de

James Montgomery Boice,
com gratidão a Deus por seu amor a Cristo
e seu exemplo de fiel expositor
da poderosa Palavra de Deus
e ao
Apóstolo e Sumo Sacerdote
da nossa confissão, Jesus Cristo.

HEBREUS 3.1-3

SUMÁRIO

Prefácio

Parte 1: A supremacia de Cristo

1. A palavra final de Deus (1.1-2)
2. Profeta, Sacerdote e Rei (1.2-4)
3. Superior aos anjos (1.4-9)
4. O Senhor reina (1.10-14)
5. Prestem atenção! (2.1-4)
6. Sua história (2.5-9)
7. Perfeito mediante o sofrimento (2.10-13)
8. Poderoso para socorrer (2.14-18)
9. O grande Apóstolo (3.1-6)

Parte 2: Advertências contra a apostasia

10. Advertência contra a incredulidade (3.7-12)
11. A perda da salvação (3.12-19)
12. O descanso sabático (4.1-5)
13. Entrar no descanso de Deus (4.6-11)
14. A Palavra viva de Deus (4.12-13)
15. O trono da graça (4.14-16)
16. Designado como Sumo Sacerdote (5.1-6)
17. A fonte da nossa salvação (5.7-10)
18. Do leite ao alimento sólido (5.11–6.3)
19. Uma vez iluminados (6.4-8)
20. Diligentes até o fim (6.9-12)
21. Âncora da alma (6.13-20)

Parte 3: Nosso grande Sumo Sacerdote

22. Melquisedeque (7.1-10)
23. Esperança superior (7.11-19)
24. Porque ele vive (7.20-25)
25. Perfeitamente adequado (7.26-28)

26. Ministério mais excelente (8.1-6)
27. A nova aliança (8.6-13)
28. O santuário terrestre (9.1-10)
29. O sangue de Cristo (9.11-14)
30. Último testamento (9.15-22)
31. Uma vez por todas (9.23-28)
32. O corpo de Cristo (10.1-10)
33. Uma grande conclusão (10.11-18)

Parte 4: Exortações e exemplos de fé
34. Como então devemos viver? (10.19-25)
35. Uma horrível punição (10.26-31)
36. Dentro de pouco tempo (10.32-39)
37. O que é fé? (11.1-3)
38. Fé justificadora (11.4)
39. Fé que agrada a Deus (11.5-6)
40. Fé que trabalha (11.7)
41. Fé que olha para frente (11.8-10)
42. Fé na promessa (11.11-12)
43. Fé que procura uma pátria (11.13-16)
44. Fé testada (11.17-19)
45. Fé que confia no plano de Deus (11.20-22)
46. Fé escolhendo a Deus (11.23-26)
47. Fé que faz a travessia (11.27-29)
48. Fé que conquista (11.30-40)
49. Fé fixa em Jesus (12.1-3)

Parte 5: Exortações finais
50. Disciplinados como filhos (12.4-13)
51. Um chamado à santidade (12.14-17)
52. A montanha da graça (12.18-24)
53. O que não pode ser abalado (12.25-29)
54. Jesus Cristo é o mesmo (13.1-8)
55. Fora do arraial (13.9-14)
56. Um sacrifício de louvor (13.15-19)
57. Bênção de paz (13.20–25)

PREFÁCIO

Uma das glórias da Bíblia é o modo como Deus lida com uma situação particular envolvendo determinado grupo de pessoas, usando isso para falar com a maior relevância para pessoas de todos os tipos, em todas as épocas e em todos os lugares. A Carta aos Hebreus fornece um ótimo exemplo desse princípio. Escrita por um líder apostólico desconhecido, endereçada a um grupo de judeus cristãos que enfrentava perseguições na metade do século 1º d.C., as palavras dessa carta falam aos cristãos de todos os lugares sobre permanecer firme em Jesus Cristo. Há uma mensagem mais relevante e necessária para os nossos dias?

Poucos estudos podem ser mais proveitosos aos cristãos de hoje do que este da Carta aos Hebreus. Nessa carta, Deus nos exorta a perseverar na fé, mesmo diante das provações. Hebreus nos fala *por que* devemos prosseguir – por causa da insuperável supremacia de Cristo – e *como* devemos continuar – pela fé em Cristo, como a fé daqueles que vieram antes de nós. Hebreus nos adverte quanto aos perigos comuns de cada época, por meio dos quais muitos acabam por naufragar na fé, relembrando-nos também dos inúmeros recursos à disposição em nossa peregrinação nesta vida.

O mais importante de tudo, a Carta aos Hebreus oferece uma apresentação singular e incomparável de nosso Senhor Jesus Cristo. Mostrando assim a supremacia de Jesus sobre os anjos, Moisés, Josué e Arão, o autor de Hebreus expõe características do retrato de Jesus que não são encontradas em nenhum outro livro do Novo Testamento. Especialmente em sua detalhada descrição de Jesus como nosso perfeito Sumo Sacerdote – a mais acurada apresentação desse ofício encontrada em toda a Sagrada Escritura – aprendemos como e por que Jesus "pode salvar totalmente os que por ele chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles" (Hb 7.25).

O estudioso de Hebreus obterá conhecimentos detalhados de Israel do Antigo Testamento e com respeito à percepção bíblica quanto à intenção de Deus na antiga Aliança. Aqui veremos que a teologia da Aliança colocou a descoberto quanto está centralizada em Cristo e em sua obra. Em Hebreus alcançaremos a percepção superior na visão da sagrada Escritura do próprio Deus; Hebreus consiste amplamente de exposições de passagens do Antigo Testamento, e nessas exposições descreveremos os contornos de quanto inspiração e inerrância funcionam na prática. Ademais, visto que Hebreus não é tanto um tratado como um sermão – o autor descreve-o como "[minha] palavra de exortação" (Hb 13.22) – pastores e demais líderes no rebanho de Cristo recebem um proveitoso modelo de encorajamento e exortação bíblicos.

Meu objetivo ao escrever estes estudos é o mesmo tão bem expressado pelo autor de Hebreus: "Guardemos firme a confissão de esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel.

Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras" (Hb 10.23-24). Queira Deus abençoar estes estudos para todos que fizerem sua leitura – que você confie firmemente em Jesus Cristo até ao fim, dando glória ao seu santo nome.

Estas mensagens foram primeiramente pregadas nos cultos matinais da Tenth Presbyterian Church, Filadélfia, de setembro de 1999 a julho de 2001. A maioria delas foi pregada durante nossas reuniões semanais de comunhão, e sempre serei grato a Deus que meu primeiro ministério de púlpito envolveu a regular comunhão com o povo de Deus na presença de Cristo. Talvez minha memória mais afetuosa desse período tenha sido a administração semanal do sacramento a James Montgomery Boice, então meu pastor sênior. Sua santidade humilde e seu amor por nosso Salvador causaram impacto indelével em meu coração. Estes estudos são amorosamente dedicados à sua memória, em louvor a Deus e com ação de graças pelo exemplo que o Dr. Boice deixou como cristão, pastor e expositor da Escritura.

Tal é meu apreço à Carta aos Hebreus que preguei essas mensagens novamente nos cultos da tarde da First Presbyterian Church de Coral Springs/Margate, Flórida. A todos os irmãos e irmãs fiéis e amados nessa notável igreja, ofereço meus sinceros agradecimentos por seu constante amor e apoio. Sou grato, também, pela cuidadosa edição de meus colegas Phil Ryken e Dan Doriani, e pelo excelente trabalho dos meus amigos da P&R Publishing. Minha gratidão especial à minha esposa Sharon, cuja devoção a Cristo e ao ministério tornou possível meu serviço a Deus, e aos nossos cinco filhos: Hannah, Matthew, Jonathan, Ellie e Lydia. Finalmente, agradeço a Deus pelo maravilhoso dom de seu único Filho para ser o Cordeiro e o Sacerdote que ofereceu o sacrifício para o perdão dos meus pecados, em cuja presente intercessão confio inteiramente. A ele seja a glória para sempre.

HEBREUS



Permanecendo firme em Cristo

PARTE 1



A supremacia de Cristo

1

A PALAVRA FINAL DE DEUS



Hebreus 1.1-2

Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho [...]. (Hb 1.1-2)

Uma cena da vida e ministério de Jesus descreve de forma indelével o que a Carta aos Hebreus significa. Mateus 17 relata-nos que Jesus tomou seus três discípulos mais próximos e subiram ao monte, onde eles o viram transfigurado em glória, falando com Moisés e Elias. Pedro propôs construir um tabernáculo para a veneração desses três gigantes espirituais. Então, a glória da Shekinah entre nuvens os envolveu com resplendor e a voz de Deus disse: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi" (Mt 17.5). Quando os discípulos se refizeram de seu terror, não viram nem Moisés nem Elias, mas apenas Jesus. A. W. Pink comenta: "A glória associada a Moisés e Elias foi completamente eclipsada pela grandiosa e infinita glória de Cristo, que eles desvaneceram da visão".[1]

Este é o tema da Carta aos Hebreus – a supremacia de Cristo, juntamente com a suficiência da sua obra e a necessidade da fé nele para a salvação.

Contexto da Carta aos Hebreus

Deveríamos iniciar o estudo de um livro tecendo algumas considerações sobre o seu contexto. Quem escreveu a Carta aos Hebreus? Quando e quais foram os seus destinatários? O que motivou a escrita da carta, qual o seu gênero literário, por que foi incluída no cânon bíblico?

Quando consideramos a autoria de Hebreus, devemos observar, antes de tudo, que a resposta não está na carta em si. Não há uma saudação inicial, nem observações ao final que possam identificar o escritor. Contudo, não faltam candidatos para a honra da autoria.

Em toda a história da igreja houve um forte ímpeto em mencionar o apóstolo Paulo como o autor de Hebreus. Parece haver duas razões principais para isto, a primeira é que a maioria do conteúdo da carta soa paulina. Hebreus 13.23 faz referência a Timóteo, um dos discípulos de Paulo, e o tema do capítulo 10 – da alegria em meio ao sofrimento – remete-nos com certa naturalidade a Paulo. Por conseguinte, argumenta-se, o autor de Hebreus deve ter sido pelo menos um membro do círculo paulino. A segunda razão em apoio a Paulo está intrinsecamente associada à canonicidade da carta. Sua inclusão na Bíblia não foi sem controvérsia, e argumentos favoráveis à autoria de Paulo naturalmente reforçaram suas alegações dramaticamente.

Todavia, há diversos indícios que dão conta com razoável certeza de que Paulo não é o autor de Hebreus. Primeiro, em todas as suas cartas, Paulo se identifica, asseverando sua autoridade apostólica. O escritor de Hebreus não se identifica, embora alguns especulem ser por causa da hostilidade judaica que Paulo possa ter querido permanecer anônimo. E mais, a natureza do grego em Hebreus, que é de um elevado estilo literário, faz um notório contraste ao grego mais popular de Paulo. A estrutura de Hebreus, com suas exortações entremeadas, contrasta com a tendência de Paulo em reservar as aplicações práticas para o final da carta. Mais conclusivo é a declaração de Hebreus 2.3, que diz que a mensagem do autor "foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram". Em outras palavras, o escritor recebeu sua mensagem daqueles que a ouviram em primeira mão de Jesus. Isto é algo que Paulo sempre nega em suas cartas, insistindo ter recebido sua revelação do próprio Senhor e não de outros apóstolos (Gl 1.12).

Com a exclusão de Paulo, outros candidatos são inferidos de seu círculo que inclui Lucas, Silas e Priscila. Mais persuasivos são os argumentos favoráveis a Barnabé e Apolo. Hebreus 13.22 descreve a carta como uma "palavra de exortação", e Barnabé significa "filho da exortação". Barnabé não foi apenas companheiro de Paulo, mas como levita ele provavelmente teria tido o mesmo tipo de interesse no sacerdócio judaico salientado em Hebreus. Uma sugestão ainda mais intrigante foi apresentada por Lutero em favor da autoria de Apolo, muitas vezes colaborador de Paulo. Atos 18.24 identifica este como sendo um "homem eloquente e poderoso nas Escrituras", que o qualifica a escrever tão extraordinária carta. Ademais, Apolo vem de Alexandria, e Hebreus apresenta um interesse em temas teológicos conhecidos como populares ali.

Então, quem escreveu Hebreus? No fim, devemos concordar com o antigo erudito Orígenes, que concluiu: "Quem escreveu a carta apenas Deus conhece".[2] Tudo que podemos dizer com confiança é que ela procede de uma figura apostólica, que provavelmente foi companheiro do apóstolo Paulo. Não aprouve ao Espírito Santo dar-nos a conhecer a identidade humana do autor, assim devemos nos contentar em saber que a carta é a Palavra de Deus.

Também é importante a identidade dos destinatários. O título "Aos Hebreus" não está presente nos manuscritos mais antigos. Isso, com o conteúdo da carta, argumenta de modo persuasivo que estes eram judeus cristãos que estavam sob pressão para renunciar à fé e retornar ao judaísmo.

Quanto à sua localização, as duas opções mais importantes são Palestina e Roma. Aqueles que argumentam por destinatários palestinenses chamam a atenção ao fato de que os cristãos são conhecidos pelo sofrimento nas mãos de seus pares judeus, e também apontam para as referências detalhadas ao ritual do Templo judaico. Desde a descoberta dos Manuscritos do mar Morto, alguns têm tentado apresentar semelhanças nos escritos da comunidade dos essênios, no deserto da Judeia. Em oposição a essa teoria está o fato de que todas as citações do Antigo Testamento em Hebreus procedem da Septuaginta, a versão grega comum naquela época, a qual não era usada na Palestina nem em qualquer outra parte. Ainda em oposição ao contexto

palestinense está a declaração que os destinatários da carta só ouviram de Jesus de segunda mão (cf. Hb 2.3). Além disso, Hebreus 12.4 estabelece que perseguições anteriores não envolveram o derramamento de sangue, ao passo que essas na Palestina o fizeram desde o início.

O consenso entre os eruditos recentemente se voltou na direção de Roma. Clemente de Roma, escrevendo por volta de 95 d.C., mostra íntima familiaridade com Hebreus, e os livros de Atos e Romanos falam de uma próspera igreja em Roma desde muito cedo. Os judeus cristãos foram perseguidos em 49 d.C., sob o imperador Cláudio, e novamente nos anos 60 d.C., sob Nero. O que sabemos da primeira destas perseguições parece ajustar-se à descrição de 10.32-34 e 12.4 (visto que a perseguição de Cláudio envolvia perda de propriedade e aprisionamento, mas não derramamento de sangue), e a antecipação da violência ajusta-se à segunda, com a notória violência de Nero contra os cristãos. Finalmente, temos a declaração de Hebreus 13.24: "Os da Itália vos saúdam". Poderia ser que um pastor agora em Roma escrevia aos judeus fiéis na Palestina. No entanto, a razão mais provável para cristãos italianos enviarem saudações é que os leitores procediam realmente da Itália.

Se Roma foi o local onde viviam os destinatários, então a carta teria sido escrita pouco antes de 64 d.C., quando a perseguição de Nero irrompeu. Em quase todas as teorias, Hebreus foi escrito antes do ano 70, quando Jerusalém e seu Templo foram destruídos pelos romanos. Hebreus não só fala dos rituais do Templo como realidade presente, mas é difícil imaginar seu autor deixar passar tal oportunidade como a queda de Jerusalém para provar que passou o tempo da religião da antiga aliança.

O propósito de Hebreus está claro em seu conteúdo. O autor previne os cristãos a não fraquejar na fé em Cristo em meio às provações, exortando-os a persistir com toda a maturidade. A carta não pode ser pensada nos termos de um tratado teológico, mas como um sermão escrito por um pastor dirigido a uma congregação da qual encontra-se separado. O autor descreve isso como "[minha] palavra de exortação" (13.22). Seu método é apontar para a supremacia de Cristo sobre tudo que os leitores possam ser tentados a retornar. Ele é superior aos anjos, a Moisés e aos profetas, a Arão e aos sacerdotes levitas, ao sangue dos sacrifícios da antiga aliança, e ao Tabernáculo, bem como ao próprio Templo. Visto que Jesus é o verdadeiro mensageiro, o verdadeiro profeta, o verdadeiro sacerdote e o verdadeiro sacrifício, renunciá-lo é perder completamente a salvação. Portanto, o leitor precisa apegar-se firmemente a Jesus Cristo. A alegação do autor encontra-se resumida em Hebreus 10.23: "Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel".

A última questão quanto ao contexto a ser considerada é o lugar de Hebreus no cânon do Novo Testamento. O teste básico de canonicidade da igreja antiga era a prova da apostolicidade. Isto não significa que o livro deveria ter sido escrito por um apóstolo, como se vê na pronta inclusão de Marcos, Lucas, Atos e outros livros. Era suficiente que o autor fosse companheiro de algum apóstolo, visto que o ensino era apostólico em seu caráter. Não deveríamos pensar, contudo, que foi a igreja que criou o cânon, visto que foi exatamente o contrário. O cânon – isto

é, o ensino apostólico dos escritos do Novo Testamento – criou a igreja. Hywel Jones apropriadamente resume assim: "O cânon foi se formando [...] como resposta ao efeito que a literatura sagrada teve sobre aqueles que a ouviam. O reconhecimento formal da igreja de uma peça de literatura era um 'amém' ao testemunho do Espírito Santo nela, e não uma outorga de seu *imprimatur*".[3]

Toda introdução a Hebreus deve concluir com uma apreciação de sua destacada excelência. Aqui é melhor deixar a última palavra com Calvino, que escreveu na dedicatória de seu comentário:

> Visto que a Carta destinada aos Hebreus contém uma discussão completa da Deidade de Cristo, seu supremo governo e sacerdócio exclusivo (que são os pontos primordiais da sabedoria celestial) e como essas coisas são sobejamente explicadas nela, de sorte que todo poder e obra de Cristo se manifestam ali de uma forma muitíssimo gráfica, com justiça merece ela desfrutar do lugar e honra de um imensurável tesouro da igreja.[4]

Deus falou

Assim que iniciamos a Carta aos Hebreus, nos deparamos com a que talvez seja a mais importante declaração que poderia ser feita em nossos dias: "Havendo Deus [...] falado" (Hb 1.1). Este é um dos assuntos de vital importância que as pessoas do nosso tempo precisam saber. Vivemos numa era relativista; tanto que 70% dos americanos insistem que não existem absolutos, seja em assuntos de verdade, seja de moralidade. A sociedade secular removeu Deus, não há mais uma voz celestial para falar com clareza e autoridade. O preço que pagamos é a perda da verdade, e, com a verdade, a esperança. Mesmo quando surgem aqueles assuntos que pensamos conhecer, agora os consideramos meros construtos do pensamento em meio ao constante fluxo do conhecimento e confiança incertos. Realmente, como dissemos, não conhecemos nada com segurança, nem podemos conhecer.

Este também é o caso, especialmente quando se trata do conhecimento que temos do próprio Deus. Podemos conhecer nosso Criador, se é que existe um? Existe um Salvador para nos auxiliar? A menos que Deus tenha falado não podemos ter certeza da sua existência. A menos que Deus exista não há qualquer esperança final para nós como indivíduos, e nenhuma resposta para o problema último da morte. Jó pergunta: "Porventura, desvendarás os arcanos de Deus ou penetrarás até à perfeição do Todo-Poderoso?" (Jó 11.7), e responde: não. Por definição, Deus está além do reino dos nossos sentidos, do qual advém todo conhecimento adquirido por nós mesmos. Portanto, se Deus existe e quer que o conheçamos – se ele tem uma resposta, um plano ou uma salvação –, ele deve falar conosco. E deve fazê-lo de tal maneira que possamos entender. Por isso, não existe nada mais importante, nada mais essencial, do que o que Hebreus diz em seu primeiro versículo: "Havendo Deus [...] falado".

Esse é o testemunho uniforme da Bíblia sobre si mesma, qual seja, que ela é a verdadeira Palavra de Deus. Os livros da Bíblia foram escritos por autores humanos, que falaram e escreveram em linguagem humana. Todavia, a Bíblia insiste que através dela o próprio Deus

falou e fala ainda hoje a nós. Pedro explica: "Homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo" (2Pe 1.21). Isso é o que queremos dizer quanto à *inspiração* da Bíblia. Deus comunica-se conosco através da direção do Espírito Santo em seus autores humanos. A questão não é que esses livros contêm as percepções inspiradas dos homens; a questão é exatamente o contrário. De fato, podemos falar melhor da Bíblia não como sendo *ins*pirada, mas como sendo *ex*pirada. É a Palavra de Deus como saída da sua própria boca, transmitida pela ação do Espírito Santo na vida dos servos humanos. É isso o que Paulo enfatiza em 2Timóteo 3.16, em que diz: "Toda a Escritura é inspirada por Deus".

A autoridade divina da Sagrada Escritura precisa ser enfatizada hoje, especialmente visto que a erudição contemporânea tende a focar nos autores humanos. Está correto, é claro, entender o perfil humano que Deus usou para dar diferentes formas aos diferentes livros da Bíblia. Moisés teve sua própria experiência, chamado, personalidade e dons, e Deus usou-os com o propósito de produzir cuidadosamente uma mensagem particular nos livros que Moisés escreveu. Podemos dizer o mesmo de Paulo e João, bem como de todos os outros escritores bíblicos. Mas, enquanto a própria Bíblia afirma isso, uma própria ênfase encontra-se na autoria divina. Hebreus 1.1 diz que Deus "falou muitas vezes e de muitas maneiras", e que Deus utilizou os "profetas" para fazer isso. Mas, em tudo isso era Deus quem estava falando. Não é Moisés quem fala em Gênesis, nem Davi quem fala nos Salmos, nem Paulo quem fala em Romanos. Deus falou na Bíblia, e precisamos considerar toda a Escritura como sua palavra santa.

A Carta aos Hebreus oferece sua própria opinião quanto ao processo de revelação. Todas as vezes que o autor cita a Escritura, jamais é o autor humano quem recebe o crédito, mas o Autor divino. Em Hebreus 2.12 ele cita o salmo 22.22 atribuindo-o a Jesus Cristo falando no Antigo Testamento. Hebreus 3.7-11 cita o salmo 95, mas o apresenta não dizendo "como disse Davi", mas "como diz o Espírito Santo". Assim acontece em toda a Carta aos Hebreus. A questão não é negar a importância dos autores humanos da Bíblia, mas mostrar que nossa ênfase, seguindo a da própria Bíblia, sempre deve ser sobre Deus falando em sua Palavra.

Isso tem várias implicações importantes. Primeiro, se Deus fala na Bíblia, então ela é portadora da *autoridade* divina. Hoje, muitos querem deixar de lado os ensinos da Bíblia quando estes colidem com os padrões culturais vigentes. Mas, assim como Deus ordena nossa obediência, também exige que humildemente obedeçamos a sua Palavra. Nada há mais importante para os cristãos resgatarem hoje do que a reverência e o respeito que a Escritura merece como revelação do próprio Deus a nós.

Segundo, se Deus escreveu a Bíblia, então ela é continuamente *relevante*. Afinal, se Deus não muda – e por natureza não pode mudar –, então sua Palavra também não pode mudar. É verdade que algumas coisas ditas na Bíblia foram endereçadas exclusivamente aos seus destinatários originais. Deus disse para Moisés, não para nós, para "descer para o Egito". Todavia, o ensino dado por toda a Bíblia – sobre o caráter de Deus, o pecado e o seu padrão moral, sobre as boas-novas da salvação e como ela chega até nós – permanece para sempre, pelo simples fato da

eternidade de Deus. O autor de Hebreus diz no capítulo 13 que o padrão da conduta cristã permanece o mesmo porque "Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre" (13.8).

Deus falou na Bíblia não apenas àqueles que a receberam em primeira mão, mas ele fala igualmente àqueles que a leem hoje. E isso é enfatizado em Hebreus. Em Hebreus 3.7, por exemplo, o autor cita o salmo 95, escrito centenas de anos antes, e escreve: "Como *diz* o Espírito Santo". Faz uso do tempo presente. Não é meramente o que o Espírito Santo *disse* no passado quando Davi escreveu, mas o que o Espírito Santo diz agora enquanto Deus fala àqueles que leem. Essa é a razão por que a Bíblia é tão relevante a todas as nossas necessidades atuais.

Terceiro, visto que Deus fala na Bíblia, embora o tenha feito com grande diversidade – "muitas vezes e de muitas maneiras" –, nós também conservamos a *unidade* da Bíblia. A Bíblia é composta por 66 livros escritos ao longo de aproximadamente 1.300 anos, por mais de 40 pessoas diferentes. Todavia, ainda é um livro com uma mensagem unificada. James Boice explica:

> Estas pessoas não eram iguais. Algumas foram reis. Outras eram políticos, sacerdotes, profetas, coletor de impostos, médico, artesãos, pescadores... Contudo, juntos produziram um volume que se apresenta em uma maravilhosa unidade quanto à sua doutrina, ponto de vista histórico, ética e expectativas. Em resumo, é uma história singular da redenção divina iniciada em Israel, centralizada em Jesus Cristo, culminando com o fim da história. [...] Por trás dos esforços dos mais de 40 autores humanos está a mente perfeita, soberana e orientadora de Deus.[5]

Isso nos fornece um importante princípio interpretativo, a saber, que a Escritura é melhor interpretada pela própria Escritura. Visto que a Bíblia é uma mensagem falada por Deus, deveríamos entender o ensino de uma passagem à luz do modo que o ensino é transmitido em toda a Escritura. Para ter certeza, a mensagem da Bíblia é revelada progressivamente, de modo que o Evangelho aparece como botão no Antigo Testamento e em floração apenas no Novo Testamento. Muitas doutrinas, portanto, são reveladas progressivamente. Entretanto, o ensino claro que Deus comunica em dada passagem restringe nossa interpretação do mesmo assunto em outras partes da Bíblia. Isso é muito importante para o nosso estudo de Hebreus, no qual o autor não só acha ser relevante numerosas passagens do Antigo Testamento para seus leitores, mas também sob o controle do Espírito Santo nos dá uma orientação autoritativa de como deveríamos entendê-las (bem com a totalidade do Antigo Testamento).

A revelação final no Filho de Deus

Esses versículos não falam meramente que Deus fala, mas que sua revelação final e definitiva se encontra em e através de seu Filho, Jesus Cristo. O escritor assume essa posição através de três contrastes presentes em Hebreus 1.1-2. Primeiro, há o *quando* da revelação, "outrora", em contraste com "nestes últimos dias". Segundo, há o *a quem* da revelação, "aos pais", em

oposição ao "nos". Terceiro, há o *como* da revelação, a saber, "muitas vezes e de muitas maneiras [...] pelos profetas", *versus* "pelo Filho".

A ideia do autor, que é o refrão de toda a Carta aos Hebreus, é apresentar a superioridade do cristianismo diante da religião da antiga aliança. Não perde tempo para chegar a esse ponto, argumentando a supremacia de Cristo sobre os profetas. Tal supremacia de modo algum difama a fé do Antigo Testamento. Ao contrário das religiões pagãs, era uma revelação legítima e fé verdadeira. No Antigo Testamento "Deus falou", por isso, era uma religião dada por Deus. Todavia, Cristo é superior e com sua vinda não há escusa para se retornar ao judaísmo.

O autor descreve a primeira revelação como vindo "muitas vezes e de muitas maneiras". Sua questão não está meramente na diversidade da revelação no Antigo Testamento, mas em seu caráter fragmentário, incompleto e gradual. Tome qualquer um dos livros do Antigo Testamento – talvez Gênesis, com suas ricas cenas da criação, queda e redenção; ou Ester, com sua fé corajosa em um Deus invisível; ou Salmos, com sua poesia que enleva o coração – e você lerá a verdadeira revelação divina, mesmo assim revelação necessária. No entanto, cada livro é fragmentário e incompleto. O Antigo Testamento é incompleto. Cheio de expectativa, anseia pela resposta que vem em Jesus Cristo. Ao contrário, a revelação de Deus em Cristo não é parcial, tampouco incompleta. Eis a razão de a Era Cristã ser descrita como "estes últimos dias". A questão não está na volta iminente de Jesus, como muitos pretendem daqui extrair (embora outras passagens do Novo Testamento falem a partir desta perspectiva), mas que esta é a época do cumprimento quando a revelação de Deus se tornou completa. Isso é o que torna o *quando* da revelação cristã muito melhor. Calvino comenta: "Não foi apenas uma parte da Palavra que Cristo trouxe, e sim a Palavra final".[6]

Outra razão para a superioridade da fé cristã é o contraste quanto ao canal de sua revelação, isto é, o *como*. No Antigo Testamento, Deus falou pelos profetas, mas no Novo Testamento fala por seu próprio Filho. Dificilmente alguém poderia encontrar um grupo maior de gigantes espirituais do que os profetas do Antigo Testamento. Moisés, Elias, Isaías, Jeremias – estes foram extraordinários detentores da verdade divina. Todavia, como empalidecem quando comparados ao Filho de Deus que veio ao mundo. Como disse Jesus: "Quem vem das alturas certamente está acima de todos; quem vem da terra é terreno e fala da terra; quem veio do céu está acima de todos" (Jo 3.31).

A revelação em Cristo, então, não concedida anteriormente aos nossos antepassados, mas preservada para nós na Escritura, é superior àquela dada anteriormente pelos profetas. Martinho Lutero concluiu: "Se a palavra dos profetas é aceita, devemos nos apegar muito mais ao evangelho de Cristo, visto não se tratar de um profeta dirigindo-se a nós, antes o Senhor dos profetas, não um servo, mas um filho, não um anjo, mas o próprio Deus".[7]

Jesus, a Verdade

Sempre que pensamos a respeito de Jesus como a verdade última, final, podemos lembrar o confronto em seu julgamento perante Pôncio Pilatos. O governador romano procurou saber se Jesus pensava ser realmente um rei. Jesus replicou que seu reino não era deste mundo. Quando Pilatos respondeu em tom duvidoso, Jesus associou seu reino à revelação da verdade de Deus ao mundo. Disse: "Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade" (Jo 18.37). Cristo reina através da Palavra de Deus, porque em Cristo Deus se revelou plena e cabalmente, de uma vez por todas.

Que confronto! Pilatos representava a filosofia e a sabedoria do mundo, com seu relativismo e utilitarismo cruel. Pilatos não estava apto a aceitar tudo aquilo como sendo verdade. Olhando na face do Filho de Deus, através de quem Deus revelou a verdade última, Pilatos replicou: "Que é a verdade?" (Jo 18.38). Isso mostra não apenas que o que nós chamamos hoje de pós-modernismo, com sua negação da verdade, não é novidade, mas também dramatiza a tragédia que é este nosso mundo descrente. Jesus coloca desta maneira: "O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más" (Jo 3.19). Ali, diante de Pilatos, encontrava-se a Verdade de Deus, e lá estava ele negando ainda a possibilidade da verdade.

Pilatos pensava estar julgando Jesus, mas com a verdade diante de si era o governador quem realmente estava em julgamento. O mesmo é verdade hoje. Quando você lê ou ouve a mensagem de Deus através de seu Filho Jesus Cristo, você está diante da Verdade. Se você a rejeitar, a Palavra final de Deus, você se entrega às trevas – às trevas da cegueira espiritual agora e às trevas eternas que vêm com o juízo final de Deus.

Mas, se você olhar para Jesus Cristo, e se nele você vir e crer na Verdade de Deus, então a obra redentora de Deus de todos os tempos será completada em você. "Muitas vezes e de muitas maneiras" Deus começou a preparar o mundo pelos profetas para a vinda do seu Filho. Por quê? Para que nestes últimos dias – estes dias da redenção de Deus cumpridos em Jesus Cristo – nós possamos adentrar na plenitude da salvação. Isto é o que Jesus disse aos discípulos, enquanto esforçavam-se em conhecer a verdade na noite de sua prisão. Disse-lhes: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida" (Jo 14.6). De fato, ele o é para nós. Quando recebemos Jesus como a Verdade, então ele se torna o Caminho para adentrarmos na vida eterna. Esta é a razão por que Jesus é a Palavra final de Deus, e o motivo por que mesmo que todos os outros neste mundo estejam perdidos nós devemos recebê-lo rapidamente pela fé.

---

[1] A. W. Pink, *An Exposition of Hebreus* (Grand Rapids: Baker, 1954), 29.
[2] Eusébio, *The History of the Church*, tradução de G. A. Williamson (Nova York: Penguin, 1965), 6.25.
[3] Hywel R. Jones, *Let's Study Hebrews* (Edimburgo: Banner of Truth, 2002), xiii.
[4] João Calvino, *New Testament Commentaries*, 12 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), 12:ix.
[5] James Montgomery Boice, *Foundations of the Christian Faith* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1986), 58-59.
[6] Calvino, *New Testament Commentaries*, 12:6.

[7] Martinho Lutero, citado em Philip E. Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), 37.

2

PROFETA, SACERDOTE E REI



Hebreus 1.2-4

Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder. (Hb 1.3)

É difícil entendermos quão surpreendente foi para a primeira geração de cristãos depositar sua fé em Jesus Cristo. Isso é especialmente verdadeiro quanto aos judeus que não conheceram Jesus pessoalmente, mas, não obstante, converteram-se ao cristianismo. Podemos imaginar o tipo de argumentos que os judeus descrentes empregaram para dissuadi-los da nova fé. Eles teriam salientado que Jesus era apenas um homem, filho de um pobre carpinteiro de um atrasado vilarejo na Galileia. Poderiam ter feito eco ao comentário de Natanael: "De Nazaré pode sair alguma coisa boa?" (Jo 1.46). Era um tempo de inquietações e de paixões exaltadas. Poderiam ter salientado ainda que este homem Jesus era exatamente um dos muitos líderes entusiastas de sua época. Pior de tudo, seu fracasso como Messias ficou provado quando da sua execução com a pior sorte destinada a um criminoso. Sua crucificação – a morte mais desprezível de todas – provou que fora rejeitado por Deus. Jesus podia até ter sido um homem decente o bastante, diriam, embora, obviamente, tenha encontrado fama em sua breve existência. O verdadeiro problema foi que seus discípulos fanáticos fizeram uma estranha reivindicação quanto à sua ressurreição, dando início a uma religião herética, mas que verdadeiramente adorava o pobre homem morto.

Se esse é o tipo de argumento ao qual os cristãos judeus estavam expostos, provavelmente era um argumento forte. Especialmente quando se considera que a crença em Cristo veio com tão elevado preço – exclusão da sociedade judaica, talvez mesmo perseguições violentas nos dias por vir –, que muitos podem ter reconsiderado suas opções religiosas.

A Carta aos Hebreus foi escrita levando em consideração esse tipo de opressão. Então, como agora, a fé em Jesus exigiu um preço. Era impensável ser cristão sem carregar a cruz e sofrer nas mãos do mundo. Portanto, tinha de valer a pena crer em Jesus Cristo. Isto é o que o escritor de Hebreus ansiava imprimir em seus leitores. Nas linhas iniciais da carta, ele nos direciona para a supremacia do nosso Senhor. Está consciente de que, se percebermos Jesus em toda a maravilha da sua pessoa e obra – como Filho de Deus e como nosso Salvador –, então em lugar da dúvida ou do medo, responderemos com palavras semelhantes àquelas do belo hino: "Mas eu sei em

quem tenho crido, e estou bem certo que é poderoso! Guardará, pois, o meu tesouro até o dia final”.*

Os versículos 2-3 contêm sete afirmações quanto à supremacia de Cristo. Parece ser um número deliberado, tendo em vista que os versículos 5-14 listam sete citações do Antigo Testamento atribuídas a Cristo. Sete era o número da perfeição ou da inteireza, e esse é o ponto central do escritor aqui: a perfeita supremacia de Cristo. Ademais, as sete afirmações dos versículos 2 e 3 podem ser organizadas traçando um paralelo com as linhas dos três principais ofícios do Antigo Testamento, apresentados aqui como perfeitos e completos em Cristo: profeta, sacerdote e rei. Esse é um modo útil e bíblico de pensar a respeito do nosso Senhor. Ele é Profeta na medida em que nos revela Deus perfeitamente. É Sacerdote que se oferece a si mesmo por nossos pecados, purificando-nos e por nós intercedendo diante de Deus. É nosso Rei, reinando agora no céu e governando-nos como nosso soberano Senhor.

Cristo, verdadeiro Rei

É com o último desses ofícios, Cristo, verdadeiro Rei, que o escritor de Hebreus inicia as suas sete exclamações quanto à supremacia de Cristo. No versículo 2 lemos: “Nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo”. Nessas duas primeiras declarações vemos Jesus como Senhor, tanto em sua pessoa quanto em sua obra.

Primeiro, ele é “constituído herdeiro de todas as coisas”. Isto é consequência de ser ele o único Filho de Deus. Em Israel, era do filho primogênito o direito da herança. Isso significa que “como herdeiro, todas as coisas já pertenciam ao Filho a princípio, como elas verdadeira e finalmente serão suas no final”.[1] Este foi constituído por Deus Pai, em seu propósito na criação: que seu Filho seria abençoado e glorificado em receber todas as coisas. Este também é o propósito último da nossa redenção: “Sua herança é a inumerável companhia dos redimidos e o universo renovado pela virtude da sua obra triunfante de reconciliação”.[2]

O escritor de Hebreus prossegue dizendo: “pelo qual também fez o universo”. Jesus Cristo, o Filho de Deus, é Senhor e Rei por sua função na criação divina. Não só o mundo foi feito por ele, como também foi feito para ele. Dificilmente pode haver reivindicação pelo senhorio mais forte do que esta. Quando alguém faz algo, e o faz para si mesmo, então se é pleno senhor. Esse é o caso de Jesus Cristo. Paulo diz a mesma coisa em Colossenses 1.16: “Pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele”. Hebreus 1.3 acrescenta que mesmo agora está “sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder”.

Aqueles judeus cristãos que receberam em primeira mão essa carta encontravam-se sob a tentação de renunciar ao cristianismo. Jesus, porém, satisfez e reuniu em si mesmo tudo que o ofício real sempre significou para Israel. Ele é o verdadeiro rei, o Senhor de todos, e o verdadeiro Israel são aqueles que o adoram e o servem.

Nós devemos abraçar a mesma verdade. Jesus é Rei sobre a igreja e sobre o povo cristão, não menos do que quando os israelitas dos dias de Davi atenderam à sua autoridade e obedeceram a suas ordens. No entanto, agora raramente as pessoas pensam assim de Jesus. Quando andou na terra em sua humanidade, Jesus não parecia um rei. Não montava um belo garanhão; sua chegada não foi anunciada com trombetas; ele não manteve uma corte em um palácio de ouro. Eis a razão por que as pessoas ridicularizavam seu reinado. Pôncio Pilatos disse: "És tu o rei dos judeus?" Isso soava como um insulto. Jesus respondeu: "O meu reino não é deste mundo" (Jo 18.33,36). Isso significa que, enquanto é necessário respeitar governos terrenos, pode-se permitir ignorar o reino de Jesus, visto tratar-se de realidade meramente espiritual? James M. Boice responde:

> Nada poderia estar mais distante da verdade, pois quando dizemos que o reino de Cristo não é deste mundo, o que realmente dizemos é que o reino de Cristo é celestial, portanto sua exigência é muito maior sobre nós do que os reinos terrenos que conhecemos muito bem. [...] Acima deste está Cristo, e nós ignoramos seu reino não arriscando meramente nossa sorte e vida, mas nossas almas eternas.[3]

Jesus foi constituído herdeiro de todas as coisas, as quais foram feitas por meio dele, e mesmo agora são por ele sustentadas. Contudo, isso é visto apenas pela Palavra de Deus, e só com os olhos da fé. Jesus está entronizado, não em um trono terreno, mas "assentou-se à direita da Majestade, nas alturas" (Hb 1.3). Podemos contemplar isso apenas pela fé. Crendo em Cristo como nosso rei, devemos obedecê-lo pela fé, e devemos nos sentir confortados em meio às provações pelo conhecimento que em breve ele manifestará seu reino sobre toda a criação, destruindo seus inimigos com a vara de ferro de seu poder (Sl 2.9), e convidará seus servos fiéis a adentrar ao gozo do seu reino (Mt 25.21). Como o escritor de Hebreus indica em 2.8-9, citando o salmo 8: "Agora, porém, ainda não vemos todas as coisas a ele sujeitas". Esta é a razão de toda nossa descrença e insegurança. Mas pela fé sabemos que ele agora se encontra "coroado com glória e honra", e brevemente todo olho o verá, todo joelho se dobrará, e toda língua confessará que Jesus Cristo é o Senhor (Fp 2.10-11).

Cristo, o último Profeta

Nesta passagem Cristo é exaltado não apenas como Senhor, mas também como aquele que revela Deus perfeitamente em toda a sua glória. Ele é o verdadeiro Rei, mas também o último Profeta: "Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser" (Hb 1.3).

Ardente e fulgurante como o Sol está nos céus, jamais veríamos ou sentiríamos seu calor sem seus raios radiantes que chegam à Terra. Assim é com Deus e com seu Filho, o qual é o resplendor da sua glória. Sem o Filho permanecemos nas trevas observando a glória de Deus. Mas com o Filho temos um ideal, de fato, uma perfeita revelação de Deus. Disse Paulo em 2Coríntios 4.6, que nós vemos a luz "do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo". Nós não vemos Deus em Cristo através de esboços que pretendem apresentar suas características, muito menos através de um ator que tenta representar como Jesus era. Vemos Deus em Cristo

pelo ensino da Bíblia quanto à sua pessoa e obra, seu zelo santo e amor compassivo, suas palavras celestiais e poderosas, obras da salvação.

Como Filho, Jesus é a melhor revelação, superior àquela intermediada pelos profetas. É um servo escolhido. Podemos aprender algo a respeito de um mestre pelo que vemos naqueles que trabalham para ele. Porém, como explica Martyn Lloyd-Jones:

> Um servo pode estar pronto para dizer tudo que seja correto sobre seu senhor e mestre, pode conhecê-lo bem e intimamente, mas jamais poderá representá-lo do mesmo modo que um filho. O filho é uma manifestação do pai por ser o que ele é. Assim nosso próprio Senhor, enquanto aqui na Terra, representava e manifestava o nome de Deus de modo incomparável e grandioso, mais do que todos os outros, porque é o Filho de Deus.[4]

João 1.18 apresenta uma impressionante declaração da divindade de Jesus: "Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou".

Jesus é o Profeta perfeito – o único que revela plenamente a glória de Deus – não por ser apenas semelhante a Deus, o Pai, mas também por ser "a exata expressão da sua natureza". A palavra grega empregada aqui é *charaktēr*, de onde vem a palavra "caráter". Refere-se à marca ou impressão feita por um molde ou sinete. O melhor exemplo é a moeda com a estampa da face de um soberano. Da mesma maneira, Jesus traz a imagem de Deus. Assim expressa Paulo: "Este é a imagem do Deus invisível" (Cl 1.15). A questão é a credibilidade com que Jesus revela-nos Deus. Há uma exata correspondência entre o que nós vemos nele e a verdade de Deus. "Quem me vê a mim vê o Pai", explicou Jesus (Jo 14.9).

Ademais, Jesus sustenta "todas as coisas pela palavra do seu poder" (Hb 1.3). Jesus exerce poder divino porque, como Filho de Deus, está pleno de Deus. Como verdadeiro, grande e último Profeta, está apto para revelar não só a vontade de Deus, mas também para estabelecer a vontade de Deus na Terra.

Essa descrição de Jesus como maior e último Profeta nos auxilia quanto à obtenção apropriada do entendimento da relação do Antigo Testamento com o Novo Testamento. A razão por que os cristãos hebreus não deveriam retroceder de Cristo retornando ao judaísmo não é porque o Antigo Testamento estivesse errado. Ao longo da linha dos profetas, Deus deixou seu povo com sua revelação para sua salvação. Todavia, a principal mensagem daquela revelação era de um Salvador ainda por vir, o verdadeiro Profeta que não só indicaria a salvação, mas também a realizaria. Isaías falou de um menino que nasceria, um filho que seria dado, dizendo que ele seria chamado "Maravilhoso Conselheiro" (Is 9.6). Ele acrescentou: "Repousará sobre ele o Espírito do SENHOR, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do SENHOR" (Is 11.2-3). Ser um verdadeiro seguidor de Isaías e de outros profetas era e é crer em sua mensagem, receber pela fé aquele por quem eles oravam, que é o cabeça da sua ordem e o cumprimento da sua antiga esperança.

Cristo, o Sacerdote perfeito

Devemos louvar a Jesus, o Filho de Deus, como o Rei que é Senhor de todos. Devemos ouvi-lo como o verdadeiro e definitivo Profeta que revela perfeitamente a glória de Deus. Todavia, há um terceiro ofício que Jesus aperfeiçoa e completa, o sacerdotal. Junto ao ministério deste ofício podemos nos inclinar diante de Deus, podemos ouvir a Deus, mas jamais podemos ser aceitos por ele, nem nos aproximar da sua presença. Portanto, o escritor de Hebreus nos fala que Jesus é o verdadeiro e perfeito Sacerdote, que realiza sacrifícios por nossos pecados. Escreve: "depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas" (Hb 1.3).

O tema do ofício sacerdotal de Cristo ocupará a maior parte da Carta aos Hebreus, e é uma mensagem que devemos entender se queremos ser salvos. Jesus realiza o ofício sacerdotal porque oferece o verdadeiro sacrifício que remove o nosso pecado. Sobre isso o anjo já anunciara a José antes do nascimento de Jesus: "e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles" (Mt 1.21). Sim, Jesus reina em nós pelo seu Espírito, e dirige-se a nós como Profeta através do evangelho. Mas isso é possível porque como Cordeiro de Deus ele entregou a sua vida por nossos pecados, fazendo a purificação por nós na cruz. Então, como verdadeiro e definitivo Sacerdote, foi para os céus apresentar seu próprio sangue a Deus para assegurar nosso pleno, perfeito e definitivo perdão.

Essas sete exclamações de adoração ao Filho de Deus são completadas com a declaração de que ele "assentou-se à direita da Majestade, nas alturas" (Hb 1.3). Não havia assento no Templo de Jerusalém. Os sacerdotes ofereciam sacrifícios para a purificação das pessoas dia e noite, sem cessar, porque o problema do pecado ainda não fora resolvido. Eles nunca se sentavam. Mas, quando o Filho de Deus, o verdadeiro Sacerdote, cujos sacerdotes da antiga aliança apenas representavam, derramou o seu sangue por nós, seu sacrifício expiatório por nós foi único, para o qual todos os outros simplesmente apontavam. Ele assentou-se, porque não havia mais sacrifício a ser feito, tendo o Filho de Deus oferecido seu sangue infinitamente santo e precioso de uma vez por todas. Sendo este o caso, se os leitores de Hebreus quisessem os benefícios dos sacrifícios do Antigo Testamento, então não deveriam rejeitar a Cristo, mas receber rapidamente a sua morte para sua salvação.

O Filho de Deus "assentou-se à direita da Majestade, nas alturas" (Hb 1.3). Visto ser este o trono, naturalmente pensamos em seu ofício real. Mas é também como nosso Sacerdote que Jesus tomou seu assento real no céu. O Rei que governa no trono celestial é o Sacerdote que sacrificou a si mesmo para nossa salvação e cuja presença ali presta eterno testemunho para nosso perdão. Como Charles Wesley disse em seu extraordinário hino, "Arise, My Soul, Arise":

> Cinco feridas sangrentas suportas
> recebidas no Calvário;
> verteram orações eficazes,
> rogam fortemente por mim.
> "Perdoe-o, Ó perdoes", clamam elas
> "perdoe-o, Ó perdoes", clamam elas
> "nem permitas que esse pecador redimido pereça!"[5]

Coroá-lo com muitas coroas

O versículo 4 completa o que no texto grego é uma sentença única, que se inicia no versículo 1. Diz: "tendo-se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles". Parece ser um final estranho, mas há duas explicações. A primeira é que a espiritualidade judaica naqueles dias tinha uma opinião excessivamente elevada dos anjos. Os judeus associavam anjos aos grandes eventos do Antigo Testamento, crendo que Deus dera a Moisés a lei através da mediação angelical e que fora a voz de um anjo que falara a Moisés da sarça em chamas (Êx 3.2).

O escritor de Hebreus discute esses fatos, mas com uma interpretação muito diferente. Reconhece que os anjos são espíritos ministradores, enviados da parte de Deus em nosso auxílio (Hb 1.14). Mas, o fato de Deus ter empregado anjos não significa que devemos exaltá-los, como muitos judeus pareciam fazê-lo. Os anjos, como os profetas, eram servos da antiga aliança. Jesus Cristo, porém, é o Filho que cumpre a antiga aliança. Ele é o Cristo, o Messias, "o Ungido" do Senhor. Ele realiza os três ofícios sagrados do Antigo Testamento: Profeta, Sacerdote e Rei. Portanto, o único modo de cumprir tudo que o Antigo Testamento ensinou, o único modo de realizar tudo quanto os patriarcas israelitas tinham visto com esperança, era confiar no Filho de Deus, Jesus Cristo. No trono celeste, encontra-se exaltado acima dos anjos, e seu nome – isto é, seu título ou posição – é mais excelente do que o deles.

Há outra razão possível por que o escritor trouxe à luz esse assunto dos anjos, que faz eco ao nosso próprio ambiente espiritual. As pessoas são fascinadas pelos anjos. Livros sobre o tema viram *best-sellers*, e muitas pessoas se embelezam com joias angelicais. A razão é que as pessoas sabem que precisam de um mediador perante Deus. Precisam de alguém que abra a porta para o céu, portanto, para a bênção e o poder de Deus. Necessitam do auxílio sobrenatural, caso contrário os problemas se tornam intransponíveis. As pessoas na igreja do 1º século, como em nossos dias, encontravam nos anjos uma forma muito atraente e nada exigente de esperança e conforto espiritual (cf. Cl 2.18). O fato de não sabermos muito sobre os anjos os torna atrativos à nossa veneração. Podemos preencher os detalhes a nosso bel-prazer.

O que essa passagem bíblica nos revela sobre Jesus Cristo é motivo suficiente para maior conforto e esperança do que poderíamos obter do culto místico aos anjos. Quando a Bíblia apresenta o Filho de Deus como verdadeiro Profeta, Sacerdote e Rei, Deus nos mostra que Jesus Cristo é e faz tudo que nossas almas necessitam. Jesus Cristo é o Messias, o Ungido há muito esperado, que penetra os ofícios do Antigo Testamento concedidos por Deus, de modo que possa nos salvar absolutamente. Charles Hodge expressa isso muito bem, explica como Jesus Cristo supre perfeitamente todas as nossas necessidades, de modo que podemos adentrar com ele nas bênçãos da vida eterna:

> Como pessoas apóstatas, ignorantes, culpadas, contaminadas e impotentes, necessitamos de um Salvador que seja Profeta para ensinar-nos; de um Sacerdote para que faça expiação e interceda por nós; e de um Rei para governar-nos e proteger-nos. E a salvação que recebemos de suas mãos inclui tudo quanto um Profeta, um Sacerdote e um

> Rei fariam, no mais elevado sentido desses termos. Somos iluminados no conhecimento da verdade; somos reconciliados com Deus por meio da morte sacrificial de seu Filho; somos libertados do poder de Satanás e introduzidos no reino de Deus, tudo o que pressupõe que a um só tempo faria nosso Redentor como Profeta, Sacerdote e Rei.[6]

Jesus é a resposta perfeita e suficiente de Deus para nossa bênção eterna. A importância disso para os leitores originais é óbvia: se temos um Salvador como este, não podemos deixá-lo ir jamais. Se estiver em jogo o trabalho, a família, as propriedades – ou mesmo a própria vida –, então, que assim seja. Jesus disse: "Pois quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará. Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se ou causar dano a si mesmo?" (Lc 9.24-25). Que grande proveito é, então, ganhar Cristo e a vida eterna com ele, mesmo que seja necessário perder o mundo inteiro.

O que essa passagem nos diz sobe Jesus lembra-nos não meramente de *que* devemos recebê-lo pela fé, mas também *como* nos aproximar dele pela fé. Isso vem através do nosso entendimento de seus três ofícios, como Profeta, Sacerdote e Rei.

Jesus é nosso Rei. Precisamos ser regidos e governados, protegidos e guiados. Vamos, portanto, nos curvar perante ele e coroá-lo Senhor de tudo, tremulando sua bandeira nos portões dos nossos corações e renunciar todos os outros reinos e governos. Jesus é nosso Profeta. Precisamos da verdade; ele é a Verdade e fala a verdade. Vamos, então, buscar em sua Palavra luz e abandonar todos os falsos profetas que nos desorientariam. Jesus é nosso Sacerdote. Assim, devemos ir a ele para purificação, para perdão, para orações de intercessão e para reconciliação plena e amorosa com Deus, o Pai. Confessemos, assim, nossas maiores necessidades por seu sangue e por sua contínua intercessão sacerdotal no céu. Apeguemo-nos à cruz, abandonando toda e qualquer pretensão de mérito próprio. Em todas estas formas, através de seus três ofícios, confiemo-nos unicamente a Jesus Cristo, que é apto para nos guardar até ao fim, para a glória de Deus o Pai.

---

[1] Donald A. Hagner, *Encountering the Book of Hebrews* (Grand Rapids: Baker, 2002), 41.
[2] Philip E. Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), 37.
[3] James Montgomery Boice, *The Gospel of John* (Grand Rapids: Zondervan, 1985), 1.278.
[4] D. Martyn Lloyd-Jones, *Safe in the World* (Wheaton, Ill.: Crossway, 1988), 60-61.
[5] Charles Wesley, "Arise, My Soul, Arise", 1742. [Em inglês: "*Five bleeding wounds he bears,/ received on Calvary;/ they pour effectual prayers,/ they strongly plead for me./ 'Forgive him, O forgive', they cry,/ 'forgive him, O forgive', they cry,/ 'nor let that ransomed sinner die!'*"].
[6] Charles Hodge, *Systematic Theology*, 3 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1993), 2:461.

[*] Em inglês: "*I know whom I have believed, and am persuaded that he is able to keep that which I've committed unto him against that day*". [Edição em português: Hinário Presbiteriano Novo Cântico. Hino 105: *A certeza do crente*. São Paulo: Cultura Cristã.] (N. do T.)

3

SUPERIOR AOS ANJOS



Hebreus 1.4-9

> [...] *a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei? E outra vez: Eu lhe serei Pai, e ele me será Filho?* (Hb 1.5)

Os anjos estão "ali". Se você for à livraria local, encontrará milhares de livros, adereços e bugigangas celebrando esses seres alados. Quando se vai para a mídia, é certo que os anjos estarão "ali". Provavelmente o mais conhecido seja o programa televisivo nos anos de 1990, *Touched by an Angel,*[*] no qual os espectadores encontravam-se com anjos demasiadamente humanos servindo como psicólogos celestes, à procura de uma mensagem reconfortante de amor de um Deus demasiado aberto e não judiciatório. O que está equidistante da apresentação bíblica dos anjos, que são tudo, menos defensores de uma deidade moral frouxa e tolerante. Anjos aparecem em nossos dias porque parecem nos oferecer acesso às bênçãos sem ter de lidar diretamente com o Deus do céu.

Nossa época não é a única a apegar-se às atitudes falsas ou inapropriadas sobre o tema. Entre muitos judeus do 1º século houve uma ênfase malsã a respeito dos anjos, em parte graças às questões excelentes ditas nas Escrituras. Embora não devamos pensar frivolamente sobre os anjos, tampouco devem ser alçados a um lugar impróprio em nossa devoção.

Provavelmente a principal razão por que o autor de Hebreus precisou enfatizar a superioridade de Cristo sobre os anjos tem a ver com a associação dos anjos com a antiga aliança dada no Monte Sinai. Em Hebreus 2.2 vemos um exemplo desse ensino, no qual se diz que a lei do Antigo Testamento foi "falada por meio de anjos". Atos 7.53 diz: "Vós que recebestes a lei por ministério de anjos", de modo que sua mediação da lei no Sinai tem amparo bíblico.

Ao declarar que Cristo é superior aos anjos, o autor novamente enfatiza a superioridade da nova aliança sobre a antiga, portanto a loucura de abandonar o evangelho. Ele elabora esse tema aqui por meio de sete citações do Antigo Testamento. Esse é o padrão que veremos em toda a Carta aos Hebreus, e, ao mesmo tempo, o autor define para nós um exemplo quanto à autoridade por ele conferida às Escrituras. Neste capítulo examinaremos as cinco primeiras dessas citações, de Hebreus 1.4-9, que juntas provam a superioridade do Filho de Deus sobre os anjos.

Superior pelo nome mais excelente

O argumento desses versículos é simples: por estes ensinos e profecias do Antigo Testamento, o autor de Hebreus demonstra a reivindicação do versículo 4, que Jesus tornou-se "tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles". A supremacia de Cristo assenta-se em sua herança do nome "Filho de Deus". O grande refrão do autor é mostrar a superioridade da nova aliança sobre a antiga, do evangelho sobre a lei, essa aliança mediada por Cristo sobre aquela mediada por anjos. Seu propósito é persuadir seus leitores a não retroceder da fé cristã para a antiga e agora obsoleta religião.

A razão básica para a exaltação de Cristo acima dos anjos é declarada no versículo 4, que ele herdou mais excelente nome, isto é, o nome de Filho de Deus. Isso é reforçado nas duas citações seguintes: salmo 2 e 2Samuel 7. O salmo 2 é explicitamente "messiânico", referindo no versículo 2 "o seu Ungido". Os primeiros cristãos fizeram uma forte associação entre a declaração "os reis da terra se levantam, e os príncipes conspiram contra o SENHOR e contra o seu Ungido" (v. 2) e o julgamento e a condenação de Jesus Cristo.[1] Mais importante é o versículo citado em nossa passagem: "Proclamarei o decreto do SENHOR. Ele me disse: Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei" (v. 7).

Isso traz à luz a questão, a saber, quando Jesus herdou o nome de "Filho de Deus", como diz Hebreus 1.4, ou quando foi ele gerado como Filho de Deus (Hb 1.5, citando Sl 2.7). Afinal, ele não era o único Filho de Deus gerado antes de todos os mundos? Não parece ser este o problema em João 3.16, que "Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito"? Como, então, Cristo *herdou* o nome de "Filho de Deus"?

Há várias ocasiões na vida e ministério de Jesus em que se ouviu uma voz celeste proclamando-o como Filho de Deus. Por exemplo, quando o anjo Gabriel anunciou o nascimento de um filho à virgem Maria, disse: "este será grande e será chamado Filho do Altíssimo" (Lc 1.32). Alguns comentaristas, no entanto, concluem que foi em sua encarnação que Jesus foi designado ou declarado Filho de Deus. Igualmente, quando Jesus foi batizado por João Batista, ouvimos dizer que a voz do próprio Deus se fez ouvida, dizendo: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mt 3.17). Portanto, alguns marcam isto, a inauguração do ministério público de Cristo, como o momento de sua proclamação como Filho. Novamente, quando Jesus foi transfigurado em glória diante de três dos seus discípulos, fez-se ouvir a voz de Deus: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mt 17.5).

Devemos deixar algo muito claro: Jesus é eternamente Filho de Deus. Ele não se tornou Filho de Deus quando da ou subsequentemente à sua encarnação. J. I. Packer explica que o relacionamento "do Deus-homem com o Pai enquanto estava na Terra não era um relacionamento novo ocasionado pela encarnação, mas a continuação, no tempo, do relacionamento eterno entre o Filho e o Pai no céu. No céu como na terra".[2] Assim, Paulo diz em Romanos 1.3-4 que, de acordo com a natureza humana de Jesus, foi chamado de filho de Davi, mas quanto à sua natureza divina é o Filho de Deus. Igualmente, João 1.14 nos diz que na

encarnação "o Verbo se fez carne e habitou entre nós", e como resultado vimos a sua "glória como do unigênito do Pai".

Assim, se Jesus é eternamente Filho de Deus, o que fazer com a declaração do salmo 2.7 que diz: "eu, hoje, te gerei"? Felizmente, o Novo Testamento nos auxilia em outra passagem, como sempre o faz. Um dos princípios de interpretação que o autor de Hebreus segue rigorosamente é que a Escritura interpreta a própria Escritura. Tal princípio é conhecido como *analogia da fé*. No caso do salmo 2.7 é o apóstolo Paulo quem nos auxilia quando cita em seu sermão em Antioquia da Pisídia: "Nós vos anunciamos o evangelho da promessa feita a nossos pais, como Deus a cumpriu plenamente a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus, como também está escrito no salmo 2: Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei" (At 13.32-33).

Há clara referência à ressurreição de Cristo, e a ideia de geração aqui é declaração ou manifestação da sua plenitude. Paulo desenvolve isso em Romanos 1.4, escrevendo que Jesus "foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor". Aqui está a razão por que aqueles cristãos do século 1º precisavam agarrar a sua fé em Cristo, como nós também hoje: quando Deus ressuscitou nosso Senhor Jesus da morte, tendo sido crucificado por nossos pecados, Deus o Pai introduziu-o à sua herança, manifestando perante o mundo inteiro sua condição de Filho divino.

Essa ideia de herança é chave para o tema desses versículos. Quando pensamos em alguém herdar riqueza ou nome, nada tem a ver com o mérito ou os feitos dessa pessoa. Com frequência os herdeiros são pessoas indignas, às quais faltam as verdadeiras qualidades que permitiram a seus antepassados acumular sua fortuna. Ser herdeiro significa simplesmente que nasceu em uma posição vantajosa e não terá de trabalhar para viver como a maioria de nós.

Porém, não era isso que a Escritura pretendia, nem no mundo antigo no qual os leitores originais dessa carta viviam. Na sociedade romana, quando um filho chegava à idade adulta, caso fosse aprovado como homem por seu pai, poderia ser cerimonialmente recebido e outorgado com seu nome. Assim se deu quando da ressurreição de Cristo: por ressuscitá-lo da morte, Deus lhe concedeu sua aprovação final porque cumprira perfeitamente a lei e obedientemente suportou a cruz, recebendo o nome de "Filho de Deus" com a rubrica divina e sobrenatural do Pai. Ademais, no mundo antigo, os filhos participavam inevitavelmente dos trabalhos e negócios dos pais. Hoje, poucos de nós seguem os passos dos pais. Mas, voltando então, esse é o significado de ser filho. Ser aceito e aprovado como filho significava tudo isto – aprovação, herança e idoneidade para conduzir os negócios do pai. James Montgomery Boice escreve:

> A ressurreição de Jesus Cristo estabelece a doutrina da divindade de nosso Senhor. Quando viveu na Terra, Jesus reivindicou ser igual a Deus e que Deus o levantaria de entre os mortos três dias depois de ser executado pelas autoridades judias e romanas. [...] A ressurreição é o selo de Deus na reivindicação da divindade de Cristo. Jesus "foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos". (Rm 1.4)[3]

Por meio da ressurreição, Deus, o Pai, declarou que Jesus Cristo, tão somente ele, é o herdeiro merecedor e o verdadeiro Filho de Deus.

A segunda citação, 2Samuel 7.14, serve como argumento para a questão levantada pela primeira: "Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho". Isso foi falado a princípio pelo profeta Natã, como resposta de Deus ao piedoso desejo do Rei Davi de edificar uma casa para o Senhor. Nessa conhecida passagem, Deus prometeu a Davi que ele sempre teria um herdeiro, que seu filho edificaria a casa de Deus. Tal como acontece com muitas profecias do Antigo Testamento, essa teve cumprimento próximo e final. Por um lado, aplicava-se a Salomão, que edificou o templo e a quem Deus tratou com paternal afeição. Mas houve temas ditos deste filho que não poderiam ser verdadeiros com respeito a qualquer descendente humano de Davi, especialmente aquela declaração que diz: "[...] estabelecerei para sempre o trono do seu reino" (2Sm 7.13). Isso relaciona a profecia ao maior filho de Davi, Jesus Cristo, de quem Deus diz: "Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho". John Owen explica que isso expressa "o cuidado paternal de Deus sobre Cristo em seu reino, e o afeto do próprio Cristo para com ele".[4]

A questão, então, é: "a qual dos anjos jamais disse algo semelhante a isso"? A resposta é que Deus nada disse a respeito disso a qualquer anjo, e tendo em vista que ele dignificou especialmente Jesus Cristo com o nome de seu próprio filho, Cristo deve ser reconhecido como superior. Sendo esse o caso, a quem devemos recorrer para a salvação? A quem adoraremos como nosso Senhor e a quem seguiremos, a não ser aquele proclamado digno de ser herdeiro e Filho de Deus? Jesus ensinou: "Ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6), pois a salvação dele é a do Filho unigênito.

Superior porque é adorado

Hebreus 1.6 apresenta o segundo argumento para a superioridade de Cristo, a saber, que os anjos são concitados a adorá-lo. Para provar isso o autor cita o salmo 97.7 ou Deuteronômio 32.43, já que ambos incluem a afirmação que tem em mente: "E, novamente, ao introduzir o Primogênito no mundo, diz: E todos os anjos de Deus o adorem". No texto hebraico, os anjos são chamados de *elohim*, ou deuses, um modo incomum do Antigo Testamento falar dos anjos como seres celestes. A tradução grega, a Septuaginta, traduz como "anjos", é dela que o autor faz sua citação; visto que ele escreve sob a inspiração do Espírito Santo, nosso texto nos traz a interpretação correta do salmo 97.7 e Deuteronômio 32.43.

Primeiro, temos o próprio autor apresentando a declaração: "ao introduzir o Primogênito no mundo", à qual acrescenta a ordem de Deus que os anjos devem adorá-lo. Isso se refere, provavelmente, à vinda de Jesus em seu primeiro advento, começando com o nascimento virginal. Talvez a parte extraordinária desse primeiro natal seja o coro de anjos cantando louvores. Os anjos também se rejubilam quando o túmulo é aberto, e novamente na ascensão de Jesus aos céus. O livro de Apocalipse revela que os anjos sempre adoram o Filho que é o leão e o cordeiro que está assentado no trono (Ap 5.5-6).

Ademais, o autor de Hebreus fala de Cristo como o "Primogênito de Deus", por isso ele é adorado. A questão aqui parece ser a condição especial de Jesus sobre todo o reino criado. Não significa que Jesus é o primeiro entre as criaturas, ao contrário, que ele está exaltado acima das criaturas. A ideia é novamente aquela da herança e da dignidade única. F. F. Bruce explica: "Ele é chamado de primogênito porque existe antes de toda a criação e porque toda a criação é sua herança".[5]

Por maiores que sejam os anjos, eles ainda são criaturas. Assim, quando o primogênito entra no mundo, não é surpresa vê-los como seus principais adoradores. Essa era a vontade de Deus e deleite deles. O que mostra que Jesus é aquele que devemos adorar, aquele em quem precisamos confiar e seguir. Longe de nós adorar anjos, devemos seguir o exemplo deles e adorar o Filho de Deus.

Superior por sua soberania divina

Terceiro, o autor de Hebreus afirma que Cristo é superior por causa da sua soberania divina. Este é o tema da breve citação, bem como de outra mais longa, nos versículos 8-9.

O versículo 7 cita o salmo 104.4: "Ainda, quanto aos anjos, diz: 'Aqueles que a seus anjos faz ventos, e a seus ministros, labaredas de fogo'". Uma descrição dos anjos como servos, mesmo sendo gloriosos. Não devemos menosprezar os anjos; é para a glória de Deus que esses são os tipos de servo e ministro que ele cria e dispõe. Bruce escreve: "anjos são retratados executando ordens divinas com a rapidez do vento e o poder do fogo".[6] Não gostaríamos de brincar com os anjos. Embora sua glória seja menor do que a do Filho, é uma glória considerável. Aparecem na Bíblia por toda parte e paralisam o coração dos homens. Em Apocalipse, mesmo o apóstolo João foi tentado a adorar o anjo que lhe apareceu. "[...] não faças isso", reprovou-lhe o anjo. "Adora a Deus" (Ap 19.10).

Todavia, mesmo grandes, poderosos e gloriosos como são os anjos, eles ministram enquanto Cristo está entronizado. Eles servem, e ele é soberano. Portanto, a declaração da glória deles como servos é contraposta a outra citação do Antigo Testamento – do salmo 45.6-7 – nos versículos 8-9, que exulta na soberana glória de Cristo: "mas acerca do Filho: O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre; e: Cetro de equidade é o cetro do seu reino. Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; por isso, Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo de alegria como a nenhum dos teus companheiros".

A entronização de Cristo era central para a esperança do Antigo Testamento. Esse tema inicia-se nas passagens já citadas no salmo 2 e 2Samuel 7. Porém, o autor continua através de todo o Antigo Testamento. Isaías apoiou a esperança da sua geração na promessa de Deus de um Salvador:

> Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz; para que se aumente o seu governo, e

> venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre. (Is 9.6-8)

Isto foi dito pelo anjo a Maria, que se realizaria por intermédio de seu Filho nascido de uma virgem: "Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim". (Lc 1.32-33)

Tudo isso foi antecipado nas extraordinárias linhas do salmo 45. Trata-se de um salmo de núpcias, descrevendo a noiva real enquanto ela se prepara para o casamento com o rei: "Toda formosura é a filha do Rei no interior do palácio; a sua vestidura é recamada de ouro. Em roupagens bordadas conduzem-na perante o Rei" (Sl 45.13-14). O salmo começa com palavras que expressam o palpitar do seu coração: a noiva celebra sua formosura, o esplendor e majestade real dele, seu poder, e a dignidade do seu momento (Sl 45.1-5). Mas, então, o versículo 6 extrapola os limites do decoro. O salmo subitamente exclama do rei: "O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre". Este versículo é um forte exemplo do que é verdadeiro do Antigo Testamento como um todo, que exige cumprimento na vinda de Jesus Cristo. Todavia, um escriba judeu poderia explicar satisfatoriamente essa afirmação, dizendo que nenhum rei de Judá corresponde a essa aclamação. Apenas Jesus Cristo, o filho de Davi e o Filho de Deus, pode cumprir essa honra de um reino eterno que é perfeito em justiça. O autor de Hebreus nos ensina a ler o Antigo Testamento (em particular os Salmos), a saber, ler através das lentes coloridas de Cristo – prometendo e antecipando, descrevendo e celebrando a vinda de Jesus Cristo. O manuseio dos salmos pelo autor de Hebreus nos mostra o que o próprio Jesus ensinou aos discípulos desesperados no caminho de Emaús: "importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos" (Lc 24.44).

Assim como os versículos de abertura de Hebreus (Hb 1.1-3) apresentam a unção de Jesus aos ofícios – profeta, sacerdote e rei –, o salmo 45 prossegue falando desta unção do noivo real: "Amas a justiça e odeias a iniquidade; por isso Deus, o teu Deus, te ungiu com óleo de alegria, como a nenhum dos teus companheiros" (v. 7). Dificilmente poderia haver uma referência mais clara ao Messias – o Ungido. Ele é identificado como Deus: "O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre" (Sl 45.6). Mas é "Deus, o teu Deus", quem o unge. Isso fornece não apenas uma importante prefiguração do Antigo Testamento da doutrina da Trindade, mas é formidável a afirmação de que o verdadeiro rei da glória, o verdadeiro Messias em quem a justiça reinará, é um com o próprio Deus.

Observe também a base para essa exaltação – a perfeita justiça do Messias. O salmo diz: "cetro de equidade é o cetro do teu reino. Amas a justiça e odeias a iniquidade" (Hb 1.8-9; Sl 45.6-7). Eis a razão por que Jesus é exaltado; a razão por que ele é ungido como Messias e Salvador, porque em sua justiça ele é digno de reinar como Filho de Deus e apto para salvar pecadores.

Tudo isso sendo verdade, a quem mais nos voltaremos pela justiça que tão desesperadamente nos falta, mas precisamos se pretendemos estar no julgamento de Deus? Quem mais reinará nesta terra para estabelecer a justiça? Para qual poder, qual autoridade, correremos em busca de segurança e refúgio, a não ser àquele a quem Deus entronizou para sempre, que sustenta o título: "Tu, ó Deus", cujo cetro é de justiça, e que, no fim dos tempos, estabelecerá a justiça na terra?

"Eu lhe serei Pai"

As cinco citações do Antigo Testamento em Hebreus 1.5-9 provam amplamente o tema do autor de que Jesus é superior aos anjos, portanto, digno da nossa adoração. Ele é superior porque seu nome é maior: Filho de Deus; ele é superior porque é adorado pelos próprios anjos; ele é superior por causa da sua soberania real e unção divina.

Uma coisa, no entanto, é reconhecer a grandiosidade de Cristo e a dignidade para ser adorado, outra é chegar a ele pessoalmente buscando sua própria salvação. O autor já provou a primeira, porém a última é seu objetivo, isto é, que devemos nos apegar com presteza a Jesus Cristo como Salvador e Senhor.

Em todas as citações do Antigo Testamento, Deus, o Pai, unge e ordena a respeito de Jesus Cristo. Ele designa e declara Jesus como Filho e herdeiro; ordena que os anjos o adorem; o entroniza no trono eterno da justiça. Por quê? Porque o Pai ama o Filho e quer exaltá-lo e bendizê-lo, como o Filho ama o Pai e quer que ele seja glorificado.

Mas, havia outra razão para todas essas questões, uma razão maravilhosa e emocionante. Deus designou, exaltou e entronizou seu Filho, de modo que podemos ser reconciliados com ele e obter a salvação por meio do Filho como mediador. Essa é a razão por que o Filho eterno se torna homem, e como tal foi declarado Filho de Deus em poder – foi por nossa causa, por seu amor por nós. O Filho de Deus se tornou como nós, de modo que podemos ser como ele pela sua ressurreição.

Se cremos em Jesus Cristo como Filho de Deus e nos achegamos a ele para ser nosso Salvador, então esses versículos falam não simplesmente dele, mas também nos diz respeito, no recôndito do nosso coração, em que ouvimos a voz terna de Deus dizer estas preciosas, amáveis palavras do versículo 5 a cada um de nós: "Tu és meu filho, eu hoje te gerei". Podemos clamar a Deus Pai para sempre, com toda a segurança, cuidado e privilégios de um filho amado, em Cristo. Lemos no versículo 6 que Jesus é chamado de "primogênito". Então damos conta das palavras de Paulo em Colossenses 1.18, que Jesus não é meramente o primogênito *sobre* a criação, mas que em sua ressurreição ele é o primogênito *de* uma nova criação, da qual participamos pela fé. Paulo escreve em Romanos 8.29 que Deus "os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos". Jesus é o protótipo de uma nova raça em sua ressurreição, o primogênito de quem somos irmãos e irmãs.

Finalmente, o versículo 9 fala de Deus ungindo seu Filho entronizado "com o óleo de alegria como a nenhum dos teus companheiros". Nós estamos entre os companheiros de quem Deus fala. Por sua justiça Cristo conquista um reino, e nós somos membros desse reino; nós reinaremos com ele, como seus companheiros abençoados para todo o sempre. Seu regozijo e sua justiça são as bênçãos que ele concede aos seus súditos reais. Foi isto que o profeta Isaías vaticinou, falando do ungido Jesus Cristo e da obra que ele faria:

> O Espírito do SENHOR Deus está sobre mim, porque o SENHOR me ungiu para pregar as boas-novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados; a apregoar o ano aceitável do SENHOR e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os que choram e a pôr sobre os que em Sião estão de luto uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria, em vez de pranto, veste de louvor, em vez de espírito angustiado; a fim de que se chamem carvalhos de justiça, plantados pelo SENHOR para a sua glória. (Is 61.1-3)

Beleza em vez de cinzas, alegria em vez de pranto, louvor em vez de desespero, um povo justo manifestando a glória do Senhor – tudo isso é a generosidade do nosso rei justo, o Filho primogênito de Deus e nosso irmão mais velho, suas bênçãos a todos os que nele confiam.

---

[1] Para uma perspectiva do significado do salmo 2 para a Igreja Primitiva, cf. Donald A. Hagner, *Encountering the Book of Hebrews* (Grand Rapids: Baker, 2002), 42.
[2] J. I. Packer, *Knowing God* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1979), 54-55.
[3] James Montgomery Boice, *Foundations of the Christian Faith* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1986), 342-43.
[4] John Owen, *An Exposition of the Epistle to the Hebrews*, 7 vols. (Edimburgo: Banner of Truth, 1991), 3:145.
[5] F. F. Bruce, *The Epistle to the Hebrews*, rev. org., New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), 56.
[6] *Ibid*., 58.

[*] O programa ficou conhecido no Brasil como *O toque de um anjo*. (N. do R.)

4

O SENHOR REINA



Hebreus 1.10-14

No princípio, Senhor, lançaste os fundamentos da terra, e os céus são obra das tuas mãos; eles perecerão; tu, porém, permaneces; sim, todos eles envelhecerão qual veste; também, qual manto, os enrolarás. (Hb 1.10-12)

Nenhum capítulo em todo o Novo Testamento apresenta a divindade de Jesus Cristo de forma tão minuciosa e apaixonada como este primeiro capítulo da Carta aos Hebreus. Outros capítulos são notáveis em sua descrição da divindade de Cristo, tais como João 1 e Colossenses 1. Mas pelo mero peso do testemunho da natureza divina de Cristo, nada há em toda a Escritura como a barragem de versículos do Antigo Testamento aplicados a ele em Hebreus 1.

A divindade de Cristo

Desde o começo, Hebreus 1 coloca Cristo em um relacionamento mais íntimo com Deus e sua obra. Ele é chamado "herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo [...] o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder" (v. 2-3). No versículo 6 vemos que os anjos o adoram, e, pelo testemunho deles mesmos, somente Deus deve ser adorado (Ap 19.10). Mas, se resta qualquer dúvida de que o Filho seja Deus, essa é totalmente dissipada no versículo 8, que diz: "O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre". Essa é uma ótima passagem trinitariana, pois o Filho é tratado como "Deus", também diz que seu Deus o exaltou: "Por isso, Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo de alegria como a nenhum dos teus companheiros" (v. 9).

Com tal testemunho, é impossível perceber como a autoridade da Escritura pode ser mantida enquanto a divindade de Cristo é negada. O versículo 10, que começa nossa passagem, é o clímax de toda essa apresentação. Aqui, o Espírito Santo, falando por meio do autor de Hebreus, nos informa dessas palavras que são ditas pelo Pai ao Filho: "No princípio, Senhor, lançaste os fundamentos da terra, e os céus são obra das tuas mãos; eles perecerão; tu, porém, permaneces; sim, todos eles envelhecerão qual veste; também, qual manto, os enrolarás, e, como vestes, serão igualmente mudados; tu, porém, és o mesmo, e os teus anos jamais terão fim".

É comum quando se fala dos atributos de Deus distinguir entre seus atributos comunicáveis e os incomunicáveis. Alguns de seus atributos Deus pode comunicá-los a nós, tais como bondade, misericórdia e santidade, para citar alguns. Outros, porém, são parte e perfazem a deidade de

Deus, não podendo ser comunicados a criaturas mortais. Nesses versículos são os atributos divinos incomunicáveis que são descritos ao Filho – eternidade, onipotência e imutabilidade. De fato, estamos deliberadamente lembrando Gênesis 1.1: "No princípio, criou Deus os céus e a terra". Aqui, a obra da criação é atribuída ao Senhor Jesus Cristo, com todas as implicações da divindade que a acompanham.

Também observamos aqui um notável contraste entre a criação e o Filho de Deus. Céus e terra, nos é dito, perecerão. A grande obra de Deus na criação chegará ao fim – a majestade das montanhas, o barulho das cachoeiras, a beleza dos vales –, tudo isso prosseguirá seu curso e, finalmente, perecerá. De fato, como um velho conjunto de roupas, estão neste momento em desgaste. As estrelas estão absorvendo seu hidrogênio; a matéria é convertida em energia e há perda. O nosso universo está morrendo, dando sinais do seu fim.

Se essa é a verdade quanto à criação, quanto mais a obra do homem! O mais alto arranha-céu cairá; as represas vão estourar; as maiores conquistas serão esquecidas. Tudo isso acontecerá não só no curso do tempo, com sua decadência, mas repentinamente, quando o Filho de Deus vier para encerrar a História e julgar o mundo. Ele "qual manto, os enrolará", mudando-os por uma nova roupagem. O apóstolo Pedro escreve: "Virá, entretanto, como ladrão, o Dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas" (2Pe 3.10).

Como escreve Paulo: "a aparência deste mundo passa" (1Co 7.31). Mas, sobre o Filho de Deus, lemos exatamente o oposto: "eles perecerão; tu, porém, permaneces; sim, todos eles envelhecerão qual veste; [...] tu, porém, és o mesmo, e os teus anos jamais terão fim" (Hb 1.11-12).

É difícil imaginar uma descrição mais enfática da divindade de Cristo, um Senhor e Deus poderoso que é merecedor de nossa confiança.

Salmo 102: lamento e júbilo

Todas as vezes que vemos uma citação do Antigo Testamento é sempre bom relembrar a passagem em seu contexto original, porque o escritor do Novo Testamento geralmente tem isso em mente também. Isto é especialmente verdadeiro quanto a Hebreus 1.10-12, que é uma extensa citação do salmo 102, cujo subtítulo é: "Oração do aflito que, desfalecido, derrama o seu queixume perante o SENHOR".

Na primeira metade do salmo, o autor lamenta a natureza decadente da vida, a fragilidade e finalmente o fracasso de todas as coisas criadas, especialmente da natureza humana. Ele assim se expressa:

> Porque os meus dias, como fumaça, se desvanecem, e os meus ossos ardem como em fornalha. Ferido como a erva, secou-se o meu coração; [...] os meus ossos já se apegam à pele. [...] Não durmo e sou como o passarinho solitário nos telhados. Os meus inimigos me insultam a toda hora; furiosos contra mim, praguejam com o meu próprio nome. Por pão tenho comido cinza e misturado com lágrimas a minha bebida. (Sl 102.3-9)

Em particular, o autor vê sua mortalidade como resultado da alienação do homem de Deus por causa do pecado: "[...] por causa da tua indignação e da tua ira, porque me elevaste e depois me abateste. Como a sombra que declina, assim os meus dias, e eu me vou secando como a relva" (Sl 102.10-11).
A mutabilidade do homem, fraqueza e mortalidade por causa do pecado tornam-se o conteúdo do seu lamento.

Esses são gritos que se encontrarão nos lábios de todos os que vivem na Terra por longo tempo. Nossos dias passam como a fumaça, e nossos ossos secam-se. Todos nós devemos considerar o fato de que a morte nos espera; mesmo enquanto vivemos vamos "secando como a relva", aqui hoje, amanhã já passamos. O salmista parece estar motivado pela destruição de Jerusalém nas mãos dos babilônios. Na amargura da derrota, ele come cinzas e mistura sua bebida com lágrimas. E, enquanto vivermos, também conheceremos os insultos e a opressão dos inimigos contra os quais estamos muito fracos para resistir.

Todavia, na segunda metade do salmo, o homem em lamento levanta os olhos para ver Deus e lá ele encontra uma grande esperança: "Tu, porém, SENHOR, permaneces para sempre [...]. Levantar-te-ás e terás piedade de Sião; [...] porque o SENHOR edificou a Sião, apareceu na sua glória" (Sl 102.12-16). Embora tudo esteja perdido nesta vida, a despeito do sofrimento e mesmo da morte nos aguardar, a despeito das piores calamidades que trazem destruição, o homem que confia no Senhor o vê em seu reino eterno de poder, seu caráter constante e imutável, e ali encontra esperança. Pois como disse Deus em Isaías 51.6: "Levantai os olhos para os céus e olhai para a terra embaixo, porque os céus desaparecerão como a fumaça, e a terra envelhecerá como um vestido, e os seus moradores morrerão como mosquitos, mas a minha salvação durará para sempre, e a minha justiça não será anulada". A despeito de tudo que podemos perder nesta vida, pela fé em Deus recebemos uma salvação eterna e segura.

É como segue o salmo 102, e com as palavras do nosso texto em Hebreus 1 aproxima-se do seu final, lembrando que Deus criou todas as coisas e permanece para além do seu fim: "eles perecerão; tu, porém, permaneces; sim, todos eles envelhecerão qual veste; [...] tu, porém, és o mesmo, e os teus anos jamais terão fim".

Um dos propósitos de Hebreus 1 é mostrar a superioridade de Cristo sobre os anjos, portanto, a superioridade da nova aliança em relação à antiga. Esse contraste é inescapável à luz desses versículos. Se essas coisas são verdadeiras quanto ao Filho, então ele é merecedor de nossa total confiança. Nós seríamos extremamente tolos em não voltar nossos olhos para nossa salvação em um Salvador tão poderoso.

Do Pai para o Filho

No salmo 102, essas palavras são dirigidas a Yahweh, o nome pessoal do Senhor na aliança do Antigo Testamento. O que é surpreendente sobre a repetição delas em Hebreus 1 é que aqui

elas são ditas por Deus a Jesus, o Filho. É Deus quem dirige-se a ele como "Senhor", que é o equivalente a "Yahweh" ou "Jehovah" no Antigo Testamento.

De fato, à luz do Novo Testamento devemos ver as duas partes do salmo 102 como aplicadas ao nosso Senhor Jesus Cristo. *Ele* é o homem aflito derramando seu lamento diante de seu Pai. É *sua* voz, enquanto ele enfrenta e toma a cruz, que ouvimos bradar: "Porque os meus dias, como fumaça, se desvanecem, e os meus ossos ardem como em fornalha. Ferido como a erva, secou-se o meu coração; [...] Os meus inimigos me insultam" (Sl 102.3-4,8). Jesus, em sua humanidade, sabia o que era ter seus dias curtos, morrer ainda jovem, afligido e desprezado pelos homens, abandonado até mesmo pelos seus amigos. Crucificado vergonhosamente, ele morreu como se fora maldito, com todo o ressentimento e obscuridade que um homem pode experimentar.

A segunda metade do salmo constitui-se em resposta do céu ao angustiado brado do Salvador. Sim, como homem ele foi amaldiçoado, rejeitado e morto na cruz, mas como ressurreto e Filho exaltado, Deus dirige-se a ele: "Tu, porém, SENHOR, permaneces para sempre" (Sl 102.12). Sim, o mundo pode ter te crucificado, mas eu te entronizei! "Eles perecerão, mas tu permaneces; todos eles envelhecerão como uma veste, como roupa os mudarás, e serão mudados. Tu, porém, és sempre o mesmo, e os teus anos jamais terão fim" (Sl 102.26-27). Arthur Pink comenta:

> *Essa* foi a resposta de Deus ao lamento de Cristo por ser "eliminado" no meio de seus dias. [...] Como homem, na ressurreição, ele recebeu a "vida eterna". Será que nós realmente compreendemos isso? Por [quase 2.000] anos desde a cruz, os homens nasceram, viveram e depois morreram. Estadistas, imperadores e reis têm surgido em cena para, em seguida, morrerem. Mas há um Homem glorioso que atravessa os séculos, que em sua própria humanidade transpõe aqueles [dois milênios]. Ele não morreu, sequer envelheceu: ele é "ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre". [Hb 13.8][1]

Sentado à direita de Deus

O salmo 102 é uma descrição absolutamente maravilhosa do significado da ressurreição e ascensão de Cristo. Podemos ver por que o autor de Hebreus voltou seus pensamentos ao grandioso salmo. Mas no versículo 13 encontramos ainda outro grande salmo, a última das citações do Antigo Testamento usadas para apoiar a supremacia de Cristo em Hebreus 1. O versículo 13 nos apresenta as palavras iniciais do salmo 110: "Ora, a qual dos anjos jamais disse: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés?"

Se as palavras do salmo 102 são a resposta verbal de Deus à cruz, nessa citação do salmo 110 vemos a ação de Deus que acompanhou aquelas palavras. Essa entronização concorda com o que foi dito em Hebreus 1.3: "[...] depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas".

O salmo 110 é o salmo citado com mais frequência no Novo Testamento porque nos fala para onde Cristo foi quando deixou a Terra em glória, e o que ele faz agora. A sua imagem sentado vem da corte oriental, onde o rei sentava-se em seu trono enquanto seus vassalos e servos permaneciam diante dele, mostrando a diferença destes e a sua supremacia. Esse é o retrato que a Bíblia nos fornece da sala do trono de Deus em textos como Apocalipse 7, em que os anjos, os

anciãos e os seres viventes estão diante do soberano Deus entronizado, adorando-o e prontos para executar a sua vontade. Dizer: "assenta-te à minha direita", significa honra e dignidade singular. Mostra posição, poder e autoridade no reino.

O fato de Jesus estar assentado no trono de Deus não significa que esteja inativo. Pelo contrário, está atentamente comprometido com as questões do seu rebanho. Assentado, ele exerce autoridade sobre e por amor à igreja. Examinando atentamente o livro de Atos, veremos quão ativa a ascensão e a entronização de Cristo foram benéficas à igreja na Terra. Ele enviou seu Espírito para conceder poder a seus mensageiros humanos e trazer muitos outros à fé, como fez no dia de Pentecostes em Atos 2. Quando Estêvão, o primeiro mártir, morria violentamente nas mãos da multidão, clamou: "Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, em pé à destra de Deus" (At 7.56). Jesus ali estava para receber os seus nas cortes celestiais.

Quando o zeloso perseguidor, Saulo de Tarso, dirigia-se para Damasco a fim de importunar os cristãos ali presentes, o Jesus ressurreto apareceu-lhe em glória, dizendo: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" (At 9.4). De fato, ele dá ordens aos anjos enviando-os a serviço do seu povo, como quando Pedro foi resgatado da prisão de Herodes por um anjo (At 12.6-10). É isto o que o autor de Hebreus nos fala sobre os anjos no versículo 14: "Não são todos eles espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação?". Os anjos são servos enviados; Cristo ressurreto é o Senhor que os envia.

Que conforto saber que nosso Senhor está tão ocupado em nosso benefício desde o seu trono celeste de divina autoridade. Jamais podemos saber quando ele enviou anjos para ministrar a nós em tempos de necessidade, para frustrar inimigos espirituais, e para nos fortalecer em tempo de fraqueza. Como os carros de fogo que envolveram o profeta Elias, como muitas vezes recebemos auxílios invisíveis desses espíritos ministradores que Cristo nos enviou?

Nós também sabemos que Jesus envia o Espírito Santo para nos ensinar a seu respeito, para iluminar nossas mentes no conhecimento de Deus, para renovar nossas vontades e para nos conduzir nos caminhos da retidão. Nós sabemos que Jesus intercede por nós junto ao Pai, assegurando nossa aceitação na presença de Deus, santificando nossas petições e pleiteando cada uma das nossas causas do seu trono de honra, favor e autoridade à direita de Deus. Cristo está extremamente ocupado por amor a nós! Ele que sustenta "todas as coisas pela palavra do seu poder", como nos é dito no versículo 3, também sustenta nossa fé pelas suas intercessões por nós. Como ele mesmo dissera a seu discípulo Pedro antes do seu momento de fraqueza: "Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça" (Lc 22.31-32).

Inimigos derrotados

Hebreus diz que Cristo está sentado à direita de Deus "até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés". Nos tempos antigos, um general vitorioso colocava os pés no pescoço de um inimigo derrotado, como disse Josué aos seus capitães quando capturaram os reis canaanitas

(Js 10.24). Quem são os inimigos de Jesus? O apóstolo Paulo escreve em 1Coríntios 15.24-26: "E, então, virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder. Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés. O último inimigo a ser destruído é a morte".

A maldição da lei, o pecado, Satanás, os poderes mundanos, a morte, o túmulo – esses são os inimigos de Cristo. Em seu ministério terreno, ele avançou nas fileiras do seu inimigo, expulsando demônios, purificando leprosos, curando enfermos, desmascarando a hipocrisia, opondo-se aos falsos ensinos, humilhando os arrogantes, purificando o templo dos cambistas, e ao mesmo tempo chamando pecadores ao arrependimento e à fé. É especialmente na expansão do evangelho que ele agora supera os seus inimigos enquanto homens e mulheres vêm à salvação pela fé nele. No fim, não restará um único inimigo de pé, como narra o livro de Apocalipse: "Então, a morte e o inferno foram lançados para dentro do lago de fogo" (Ap 20.14). "E lhes enxugará dos olhos [do seu povo], toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram" (Ap 21.4).

Cristo nosso Senhor está entronizado à direita de Deus até que seus inimigos estejam debaixo de seus pés. Esse é o objetivo da sua atividade, após o que ele apresentará o seu triunfo a Deus, o Pai. Então, ele reinará para todo o sempre, como proclamado pelas vozes no céu: "O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos" (Ap 11.15).

Salvador suficiente

Assim conclui a exposição dividida em sete partes quanto à supremacia e divindade de Jesus Cristo, retornando ao versículo 4 – sete passagens do Antigo Testamento que provam a sua superioridade quanto aos anjos. É extremamente adequado que essa descrição conclua com Jesus sentado à direita de Deus, porque é onde ele se encontra agora, reinando como Senhor sobre e em benefício da sua noiva, a igreja. Ele é o salvador suficiente, merecedor da nossa confiança e louvor.

Nesses versículos vemos três atributos divinos aplicados a Jesus Cristo: eternidade, onipotência e imutabilidade. Cada um desses atributos nos fornece razões convincentes para confiarmos nele como nosso Salvador.

É o nosso Salvador que estava lá desde a eternidade, quando os mundos foram criados. "No princípio, Senhor, lançaste os fundamentos da terra, e os céus são obra das tuas mãos" (Hb 1.10). Aqui está uma rocha sobre a qual podemos permanecer seguros. Contudo, ele veio a este mundo como um de nós; ele resgatou a humanidade porque pode estabelecer um lugar para o homem na eternidade celeste. Mesmo agora ele concede uma oportunidade para todos que vierem a Deus por meio dele.

Ademais, nosso Senhor exerce seu reinado onipotente, sobrepujando todos os inimigos que fazem oposição ao seu reino, inimigos que também nos afligem e oprimem. E ainda foi através

da maior fraqueza que ele sustentou o fardo mais pesado, até mesmo o peso do nosso pecado. Foi porque ele se submeteu à cruz com toda sua agonia e vergonha que Deus o ressuscitou para uma posição de glória e de autoridade. Na cruz Jesus mostrou seus méritos para reinar em poder para sempre, portanto, Deus o coroou Senhor de todos. À destra de Deus, ele está habilitado para nos ajudar em tempos de necessidade e nos guardar até a vida eterna.

Finalmente, nosso Salvador é imutável – isto é, nele não há variação nem mudança: "Tu, porém, és o mesmo, e os teus anos jamais terão fim" (Hb 1.12). "Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre" (Hb 13.8); por isso, nós podemos confiar nele para nossa salvação. Ele jamais mudará seu pensamento a nosso respeito ou perderá seu poder de nos salvar.

Se tudo isso é verdade, o que pode precisar uma alma no tempo ou na eternidade que não possa ser encontrado em Cristo? Você precisa de perdão para os seus pecados? Olhe para ele exaltado e saiba que Deus aceitou o sacrifício de seu sangue em seu favor. Você precisa reconciliar-se com Deus? Ali está ele à direita de Deus, intercedendo por você e oferecendo sua própria obra perfeita como o fundamento para sua aceitação. Você precisa de uma nova vida – um novo coração, uma nova força para segui-lo? Do seu trono celeste ele envia poderosos recursos – até mesmo anjos para auxiliá-lo. Melhor ainda, ele envia seu Espírito Santo para agir em sua vida com poder.

Você tem problemas? Decisões difíceis a tomar? Escolhas que preocupam você ou problemas que lhe causam medo e ansiedade? Cristo está entronizado em poder, um Salvador que cuida de você com sabedoria e amor, com poder e com um grande propósito para o seu futuro. O valor prático dessa verdade é imenso, porque nos leva a confiar nele e glorificá-lo com as nossas vidas compradas pelo seu sangue. Você tem medo da morte? Ele reina agora e até mesmo o último inimigo será derrotado. Porque ele reina vitorioso, a morte não terá domínio sobre você, unicamente o de conduzi-lo às moradas celestiais.

O que mais você precisa que o Senhor e Salvador ressurreto e reinando não seja a resposta? Nada há que você possa enfrentar, nada que falte a você, nada que possa precisar em toda sua fraqueza, pecado e debilidade humana, que não seja encontrado abundantemente naquele que o ama e doa-se a si mesmo a você e que reina agora para sempre como Salvador e Senhor, que permanece o mesmo e cujos anos jamais terão fim.

---

[1] A. W. Pink, *An Exposition of Hebrews* (Grand Rapids: Baker, 1954), 73-74.

5

PRESTEM ATENÇÃO!



Hebreus 2.1-4

> [...] *importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos.* (Hb 2.1)

Nós vivemos tempos onde a verdade parece não ser levada em consideração por muitos. O clima intelectual é resumido pelo *slogan* popular: "Meu carma atropelou meu dogma". Em outras palavras: "Não fique preso às questões de doutrina ou de verdade. Sentir-se bem é o que realmente importa". Isso pode soar tolerante e atrativo, mas está longe do apelo dos sentimentos dos autores bíblicos, aos quais tais atitudes são uma fórmula para o desastre.

Para os apóstolos, como para os profetas antes deles, e para o Senhor Jesus Cristo, questões de verdade são altamente prioritárias. Nossa crença sobre Jesus é de suma importância, determinando tanto o nosso destino eterno quanto nossa utilidade nas mãos de Deus neste mundo. O apóstolo João escreveu: "Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus" (Jo 3.18). É pela fé na verdade que Deus nos salva e então atua em nossos corações para nos tornar santos. F. F. Bruce assim escreve: "A verdade e o ensino do evangelho não devem ser acolhidos levianamente; eles são de momento supremo, são questões de vida e morte, logo devem ser valorizados e obedecidos a todo custo. O perigo de afastar-se deles, portanto de perdê-los, não pode ser tratado sem a devida seriedade".[1]

Um perigo: apostatar

Tendo em mente esse problema é que o autor de Hebreus se debruça agora no primeiro versículo do capítulo 2: "Por essa razão, importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos". Esse é o primeiro dos cinco principais avisos em Hebreus, todos os quais lidam com o perigo de afastar-se da fé em Cristo, portanto da salvação. A Carta aos Hebreus é um sermão sobre o tema "não se afaste". Esses cristãos hebreus estavam sofrendo perseguição por parte da comunidade judaica à sua volta, e o autor apostólico alerta-os quanto à urgente necessidade de, mesmo sob pressão, não renunciar à fé em Jesus Cristo.

O autor enfatiza o perigo de "ficar à deriva" a mensagem que ouviram. A palavra grega aqui é um termo náutico, *pararreō*, que descreve um barco no porto cujas amarras se romperam. Em

outro contexto é utilizada para descrever algo que escapou da nossa mente, ou ainda de um anel que escorregou de um dedo. Uma das principais ideias aqui é que esse desvio é algo que acontece despercebidamente. Embora as mudanças estejam acontecendo, isso ocorre imperceptivelmente. Só depois suas consequências ficam claras. Esse é um grave perigo, contra o qual precisamos reagir com atenção redobrada.

Alguns anos atrás, quando minha família foi passar as férias no Havaí, meu irmão e eu fomos mergulhar numa baía deslumbrante por sua beleza, com seu recife de corais e peixes multicoloridos. Antes de entrarmos na água, nosso guia nos avisou quanto ao perigo de vaguear além de certo ponto por causa da forte corrente que nos arrastaria para o mar aberto. Ele finalizou contando histórias de pessoas que não prestaram atenção e acabaram arrastadas pela corrente marítima, tendo seus corpos levados para outras ilhas a milhas de distância dali. Foi bastante desencorajador, para dizer o mínimo! É isso o que o autor de Hebreus procurou ensinar. Há uma corrente neste presente século mau, arrastando fortemente do porto seguro da salvação em Cristo. Nós não temos que, efetivamente, trair Jesus ou renunciar à nossa fé. Simplesmente por não prestar atenção, pela preocupação com os olhares e ruídos deste mundo, podemos ser facilmente arrastados até que nos desviemos para sempre.

Você entende isso? Você entende que, se não prestar atenção para sua condição espiritual, ela acaba se deteriorando sozinha? Você percebe, levando-se em consideração a natural corrupção deste mundo e do seu coração, que você naturalmente se torna sem vida e então espiritualmente amortecido, acreditando continuamente nas mentiras deste século mau? Sem considerar as fontes espirituais que Deus fornece, seu coração regredirá à ganância, orgulho, avareza, sensualidade e malícia – todas aquelas características que definem nosso estado natural em pecado e levam à destruição.

A Carta aos Hebreus é significativa porque nos confronta com a realidade da apostasia. Sem dúvida, a Bíblia ensina a segurança eterna de todos os verdadeiros fiéis em Jesus Cristo. Jesus ensinou: “Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão” (Jo 10.28). Entretanto, também é verdadeiro que nem todos que professam essa fé são crentes verdadeiros. Judas Iscariotes é um infame exemplo. Ele andou com Jesus durante três anos. Aparentemente os outros discípulos nunca suspeitaram que ele fosse uma fraude até que traiu nosso Senhor. Outro excelente exemplo é de um companheiro de Paulo, Demas. No final da Carta aos Colossenses e Filemom, Paulo acrescenta seu nome à lista de seus companheiros mais próximos. Contudo, em 2Timóteo lemos estas sérias palavras: “[...] Demas, tendo amado o presente século, me abandonou” (2Tm 4.10). Aqui estão os casos de um discípulo de Jesus e de um colaborador do apóstolo Paulo. Se eles poderiam cair, nós também podemos.

Nós estamos seguros pela fé em Jesus Cristo. Mas, como uma árvore boa, a fé verdadeira é revelada por seus frutos (Mt 7.17-19). Por isso Pedro nos diz: “[...] procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição” (2Pe 1.10). “Examinai-vos”, acrescenta Paulo,

"se realmente estais na fé" (2Co 13.5). Portanto, devemos perseverar e usar os recursos que Deus nos concede para produzir frutos e não ficar à deriva.

Uma ordem: preste atenção!

Consciente do perigo da apostasia, o autor de Hebreus dá uma ordem correspondente: "Por isso é preciso que prestemos mais atenção ao que temos ouvido" (Hb 2.1 – NVI). "O que nós temos ouvido" é a mensagem de salvação no Filho de Deus, como declarado no capítulo anterior.

A palavra grega para "prestar atenção", *prosechō*, é outro termo com implicações náuticas, utilizado para denotar "manter-se no curso" ou "prender-se à âncora". Há um perigo, o autor argumenta, mas também há um recurso. Para evitar sair do curso você mantém o leme do barco na linha; para evitar ser arrastado pela corrente você se apega rapidamente à âncora.

Ser arrastado pela água é algo que acontece espontaneamente, sem muito esforço da nossa parte, porém, permanecer no curso é diametralmente oposto. Requer diligência constante! C. S. Lewis, como sempre com muita perspicácia, escreveu:

> Temos de nos recordar continuamente das coisas em que acreditamos. Nem essa crença nem nenhuma outra podem permanecer vivas automaticamente em nossa mente. Têm de ser alimentadas. Aliás, se examinarmos um grupo de 100 pessoas que perderam a fé no cristianismo, me pergunto quantas delas o terão abandonado depois de convencidas por uma argumentação honesta. Não é verdade que a maior parte das pessoas simplesmente se afasta, como que levadas pela correnteza?[2]

No que diz respeito à fé, como em todas as outras questões, o cristianismo exige trabalho árduo. O Novo Testamento descreve a vida de fé como uma luta, uma corrida e um campo no qual o lavrador labora. Paulo diz em várias partes: "Prossigo para... eu sigo... eu me esforço... eu luto".

Quando se trata do tempo passado da nossa salvação – para o que já está finalizado e garantido, isto é, nossa justificação pela fé em Cristo –, não há espaço para nossas obras. Nós recebemos o perdão dos nossos pecados não por qualquer obra nossa, mas pela obra exclusiva de Cristo. Primeiramente, a fé é essencialmente passiva; não agimos, mas recebemos, descansamos no ato salvífico de Cristo em benefício nosso. Mas, quando se trata do tempo presente da nossa salvação – essa que é realizada progressivamente, a saber, nossa santificação –, esta é profundamente ativa. Martyn Lloyd-Jones explica isso muito bem:

> No tocante à nossa justiça e justificação, jamais podemos dizer amiúde que nada fazemos, nós nada podemos fazer, é totalmente obra de Cristo. Todavia, uma vez salvos e presenteados com esta nova vida, então o trabalho progressivo de santificação não é um convite à passividade, pelo contrário, somos exortados à ação.[3]

J. C. Ryle, em sua obra-prima sobre a fé cristã, obra cujo título é simplesmente *Holiness* [Santidade], acrescenta:

> Eu jamais me esquivarei em declarar minha convicção de que não há "ganhos sem dores". Esperar que um crente possa adquirir uma boa medida de santidade, quando não se mostra diligente na leitura da Bíblia, na oração e no uso apropriado do domingo, seria o mesmo que esperar que algum agricultor possa prosperar, contentando-se em semear o seu campo, sem nunca se importar com ele até ao tempo da colheita.[4]

Santificado pela verdade

O significado particular de segurança e santificação que o autor de Hebreus quer que nos concentremos é a mensagem do evangelho, ou, colocando de outra forma, a revelação salvadora de Deus culminando em Cristo. Para fazer uso da metáfora do versículo 1, a Palavra de Deus é a âncora que assegura a nossa salvação, e é o leme pelo qual nós conduzimos em segurança o barco da nossa alma.

Esse é um princípio vital tão necessário em nossos dias. As pessoas estão procurando pelo poder de Deus para mudar suas vidas e assegurar-lhes a salvação. Todavia, muitos cristãos parecem empenhados em usar todos os métodos possíveis, exceto aquele salientado para nós em toda a Bíblia, incluindo esta passagem: estudo diligente e entendimento da Palavra de Deus. Muitas pessoas pretendem uma intimidade com Deus através de alguma experiência intensamente emocional. Outros seguem disciplinas, rituais ou fórmulas especiais que garantem torná-los mais piedosos ou protegidos. Contudo, observe a ênfase do autor de Hebreus: "[...] importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas", isto é, à Palavra de Deus.

Precisamos ter em mente e organizar nossos pensamentos a respeito da mensagem da Bíblia todos os dias da nossa vida. Precisamos relembrar a queda da humanidade em pecado e a corrupção que permanece conosco. Precisamos retornar ao que a Bíblia ensina sobre o caráter de Deus – sua fidelidade e poder, sua sabedoria e amor. Precisamos nos informar melhor quanto à sua santidade e quanto o nosso pecado a ofende. Assim, devemos olhar para a cruz e perceber a misericórdia de Deus demonstrada de forma tão maravilhosa, lembrando que fomos comprados como um povo novo e santo, para nunca mais habitar com o pecado. Precisamos fundamentar diariamente a nossa identidade em (1) que Deus nos adotou como seus filhos amados, (2) que o sangue de Cristo derramado nos resgata do pecado e (3) nosso destino como co-herdeiros com ele e como santos chamados para a glória, mas também como peregrinos residentes num mundo estranho e agonizante. Em suma, precisamos "prestar mais atenção" à mensagem da Palavra de Deus. Ela é uma âncora firme que nos mantém a salvo, como uma bússola a nos guiar em segurança.

Este é um princípio enfatizado pelo próprio Jesus: "Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos", disse ele, "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" (Jo 8.31-32). Orando ao Pai na noite de sua prisão, Jesus proferiu um de seus principais apelos, que a Palavra de Deus conduziria seu povo rumo à santidade: "Santifica-os na verdade", orou, "a tua palavra é a verdade" (Jo 17.17).

O apóstolo Paulo apresentou esse mesmo princípio com ênfase semelhante. Sua extraordinária exposição da doutrina cristã na Carta aos Romanos inicia sua aplicação no capítulo 12. Ele

começa exortando os cristãos a oferecer suas vidas a Deus como gratidão por sua misericórdia. Mas, como podemos viver para Deus? Paulo, então, fala do efeito transformador da Palavra de Deus na vida daqueles que "prestaram cuidadosa atenção" a ela: "E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus" (Rm 12.2).

Donald Grey Barnhouse resume essa mensagem em palavras afiadas, porém verdadeiras:

> É a Palavra de Deus que pode definir o cristão e dar-lhe forças para prevalecer sobre as velhas forças e viver a nova vida. Não pode ser feito de outro modo. [...] Você não poderá encontrar um único cristão na Terra que se desenvolveu na força da sabedoria e testemunho no Senhor que o tenha alcançado por qualquer outro modo a não ser pelo estudo e meditação na Palavra de Deus.[5]

Se queremos permanecer em Cristo e progredir na fé, devemos nos tornar o povo do Livro – a Bíblia – prestando atenção especial à sua mensagem todos os dias da nossa vida.

Dois motivos para prestar atenção

Hebreus 2.1 é o versículo-chave nesta passagem, fundamentando tanto a advertência quanto a ordem. Os versículos 2-4 dão suporte, deixando claro por que essa exortação deveria ser levada a sério. Nesses versículos temos recomendações em tom positivo e negativo quanto à mensagem cristã do Novo Testamento.

Primeiro, há um apoio negativo: "Se, pois, se tornou firme a palavra falada por meio de anjos, e toda transgressão ou desobediência recebeu justo castigo, como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação?" (Hb 2.2-3a). Esse é um argumento do menor para o maior. A antiga aliança deveria ser levada mais a sério, ainda que – como vimos em Hebreus 1 – tenha sido apresentada por anjos e esteja subordinada à nova aliança. Era uma Aliança válida e irrevogável, e "toda transgressão ou desobediência recebeu justo castigo".

O Antigo Testamento, como bem sabiam os primeiros leitores de Hebreus, está repleto de exemplos. Coré, Datã e Abirão rebelaram-se contra Moisés e foram engolidos pela terra (Nm 16.32). Os filhos de Arão, Nadabe e Abiú, foram consumidos pelo fogo (Lv 10.2). A totalidade da geração dos israelitas que não confiou no Senhor ficou vagando por 40 anos no deserto e depois morreu. Esses são exemplos do êxodo daqueles que desobedeceram a antiga aliança e foram severamente punidos.

Se tudo isso é verdade quanto à antiga aliança, que é a revelação e salvação menor, o autor, então, pergunta: Como escaparemos, se negligenciarmos tão grande salvação trazida pela nova aliança?

Essas palavras deveriam dispersar o senso comum de que a nova aliança, ou o Novo Testamento, seja uma lei mais fácil do que a antiga aliança. "Deus tentou ser legalista no Antigo Testamento", segue o argumento, "porém, levando-se em consideração que não funcionou, ele mudou seu modo de pensar. Com o Novo Testamento ele decidiu nos amar". Primeiramente,

essa compreensão interpreta mal o Antigo Testamento, que não apresenta apenas um Deus santo, mas também um Deus que ama Israel. Mais importante ainda, nega o enfoque central do nosso texto, que é o que baliza e de fato valoriza a nova aliança. Há uma salvação superior, e a obrigação de recebê-la pela fé é mais rigorosa. Se pensamos que o Novo Testamento representa Deus rejeitando o julgamento e apoiando um amor indiscriminado por todas as pessoas, nós podemos ser corrigidos pela mera lembrança dos "ais" pronunciados por Jesus sobre os fariseus. De Cafarnaum, onde realizou a maioria de seus milagres, Jesus disse: "Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até o inferno; porque, se em Sodoma se tivessem operado os milagres que em ti se fizeram, teria ela permanecido até ao dia de hoje. Digo-vos, porém, que menos rigor haverá, no Dia do Juízo, para com a terra de Sodoma do que para contigo" (Mt 11.23-24).

Todavia, a apresentação que Jesus faz da Lei de Moisés serve para trazer cada uma das suas nuances e exigências espirituais que se pretende. No Sermão do Monte, Jesus ensinou: "Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal" (Mt 5.21-22). Uma após outra, Jesus apresenta as leis do Antigo Testamento nos termos de suas exigências espirituais mais íntimas e elevadas. Assim procedendo, Jesus minimizou as exigências da lei? Disse ele: "Não [...] vim para revogar a Lei ou os Profetas, vim para cumprir" (Mt 5.17).

Na noite em que foi preso, Jesus disse: "Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros" (Jo 13.34). Às vezes as pessoas presumem que isso significa que Deus está nivelando para baixo a nova aliança em face da antiga. Voltando ao Antigo Testamento, dizem elas, as pessoas ficariam enfastiadas em obedecer a todos os tipos de regra e regulamentação. Na nova aliança, mais complacente, tudo o que se deve fazer é amar. Simples assim. Apenas amar.

Contudo, claro, o mandamento do amor é amplamente mais difícil do que aparentemente exige o Antigo Testamento. É fácil lavar as suas mãos. Contudo purificar o coração da ira, da malícia e do interesse próprio é uma questão completamente diferente. Portanto, a condenação da lei – que sempre pretendeu levar os pecadores à graça de Deus no evangelho – apresenta-se mais intensa à luz da vinda de Cristo. "O julgamento é este", declarou Jesus: "que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más" (Jo 3.19). Por isso, é urgente atender, receber e aceitar a revelação que chegou a nós em Jesus Cristo.

Na segunda metade do versículo 3 e, então, no versículo 4, a revelação em Cristo é positivamente recomendada. Concernente a essa salvação diz o autor: "A qual, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram; dando Deus testemunho juntamente com eles, por sinais, prodígios e vários milagres e por distribuições do Espírito Santo, segundo a sua vontade".

O evangelho chegou a nós da parte do próprio Senhor. Não se trata aqui de divagação de cunho filosófico, a diatribe de algum déspota terreno, ou noções sentimentais de algum guru.

Pelo contrário, essa é a mensagem que chegou a nós através do Filho do próprio Deus, que veio do céu à terra para ser nosso Salvador. É isto o que vemos nos versículos iniciais desta carta: "Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho" (Hb 1.1-2).

Essa mensagem exige nossa atenção porque foi proclamada pelo próprio Senhor. Anuncia a salvação que ele concede como uma livre graça para todo o que crê. Que contraste existe entre este Evangelho e todo suposto evangelho oferecido por este mundo! Em toda religião humana, as pessoas devem satisfazer o deus ao qual servem. Entretanto, Jesus Cristo disse: "Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede" (Jo 6.35). Em todas as mensagens humanas de salvação, você carrega o peso nos ombros, e os falsos deuses que você serve pesam sobre suas costas. Porém, em seu evangelho Deus diz: "Eu os fiz e eu os levarei; eu os susterei e eu os salvarei" (Is 46.4 - NVI).

Além disso, o autor acrescenta, nós sabemos que essa mensagem realmente é do Senhor porque foi atestada pelo ministério apostólico pelos "sinais, prodígios e vários milagres e por distribuições do Espírito Santo, segundo a sua vontade" (Hb 2.4b). Uma das maiores maravilhas que certificam a origem divina do evangelho é o testemunho dos apóstolos. Esses homens sabiam com certeza ser ou não verdadeiro o evangelho. Pedro e João, por exemplo, estiveram no túmulo aberto na manhã da ressurreição (cf. Jo 20.4-9). Eles sabiam ser real ou não a ressurreição de Jesus. Isso significa que eles deveriam estar cientes se sua mensagem fosse falsa. O que eles lograram com a pregação do evangelho? A resposta é nada mais do que uma vida de perseguição, pobreza e provações, com a probabilidade de o martírio encará-los o tempo todo. Pedro foi martirizado, como aconteceu a todos os apóstolos, a única exceção foi João. Atos 5 registra os apóstolos sendo ameaçados e então açoitados pelo Sinédrio justamente por ensinar o evangelho de Cristo. Como eles responderam? Atos 5.41 diz: "E eles se retiraram do Sinédrio regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome", retomando em seguida a pregação.

A maravilhosa fé dos apóstolos é prova definitiva da origem divina da mensagem cristã. Outros sinais, maravilhas, milagres e dons espirituais ocupam o livro de Atos, por meio dos quais Deus confirmava o ensino apostólico. É uma mensagem sem igual, dada pelo Senhor Jesus Cristo, e testemunhada pelo Espírito Santo.

Pelo que Deus fez no período apostólico, não temos necessidade de sinais e maravilhas hoje para provar a veracidade do evangelho. O autor de Hebreus fala dessa atestação no tempo passado, não no tempo presente: "Deus *acrescentou* seu testemunho" [tradução do autor] por meio desses sinais e maravilhas. Todas as provas de que precisamos já nos foram dadas para que creiamos no evangelho, a saber, aquela dada pelo próprio Senhor e plenamente atestada no ministério apostólico.

O milagre moderno

"[...] importa que nos apeguemos, com muita firmeza, às verdades ouvidas", exorta o autor de Hebreus, "para que delas jamais nos desviemos". Tais palavras são tão relevantes hoje quanto quando escritas pela primeira vez. Nós deveríamos temer ficar distantes da âncora da Palavra de Deus, ou buscar qualquer outro auxílio no leme da nossa vida, exceto o Capitão da nossa salvação, que fala através da Bíblia. Ficar à deriva é basicamente um convite para o julgamento que Deus infligirá àqueles que negligenciam sua mensagem de salvação em Jesus Cristo.

O autor de Hebreus diz que Deus atestou o evangelho no período apostólico pelos sinais, maravilhas e milagres. Nós não estamos à procura de sinais, maravilhas e milagres, mas há um milagre que acontece hoje na vida daqueles que se apegaram à mensagem da Palavra de Deus. É o milagre de uma vida transformada – mente e coração transformados, atitudes e comportamentos transformados –, transformada à semelhança do Filho de Deus, Jesus Cristo. Este é o milagre pelo qual Deus recomenda sua Palavra ao mundo hoje – pessoas cristãs iluminadas pela verdade, purificadas em santidade, em paz e vigorosas no amor. Essa é a vida eterna que começa hoje na vida daqueles que creem. Enquanto Deus realiza isso em sua vida, através da sua Palavra, ele usará o milagre da sua vida para recomendar sua mensagem em Cristo a outros.

Esse é o "carma" de Deus, que atropela o dogma dessa descrença do mundo, de modo que muitos possam crer e ser salvos, não mais negligenciando tão grande salvação, e assim, escapando da ira que vem sobre todos que não creem.

---

[1] F. F. Bruce, *The Epistle to the Hebrews*, rev. org., New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), 60.
[2] C. S. Lewis, *Mere Christianity* (Nova York: Macmillan, 1952), 119-20.
[3] D. Martyn Lloyd-Jones, *The Life of Peace* (Grand Rapids: Baker, 1992), 89.
[4] J. C. Ryle, *Holiness* (Darlington, U. K.: Evangelical Press, 1979), 21.
[5] Donald Grey Barnhouse, *Exposition of Bible Doctrines Taking the Epistle to the Romans as a Point of Departure*, 10 vols. (Grand Rapids: Baker, 1952), 1:137-38.

6

SUA HISTÓRIA



Hebreus 2.5-9

> *Vemos,* [...] *aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem.* (Hb 2.9)

Há muitos anos, na semana da Páscoa, tive o privilégio de dirigir-me a um grupo de estudantes universitários, muitos dos quais não eram crentes. Expus a eles a morte e ressurreição de Jesus Cristo como a única resposta verdadeira para os problemas do mundo. Passando por várias soluções perseguidas pela humanidade nos últimos séculos, tais como reengenharia educacional e social e redistribuição de renda, mostrei que todas falharam, e deveriam falhar por causa do insolúvel problema do pecado no coração humano. Ao final, um jovem questionou: "Se a morte e ressurreição de Jesus é a solução para os problemas do mundo, se ele já morreu e ressuscitou, por que, então, os problemas ainda persistem?"

Essa é uma excelente pergunta que lida com o relacionamento do mundo presente com a obra salvadora de Jesus Cristo. É para essa questão que o autor de Hebreus se voltou ao continuar exortando seus leitores do século 1º. Ele falou da superioridade de Cristo sobre os anjos. Já demonstrou o reinado de Jesus, ao apresentá-lo sentado à direita de Deus, com toda a autoridade e domínio. Agora antecipa uma objeção à sua linha de raciocínio. Seus leitores, afinal, enfrentavam a perspectiva de violenta perseguição. Como isso poderia acontecer a pessoas com um poder maravilhoso, se Cristo encontra-se agora entronizado em poder? Nosso texto oferece uma notável solução para esse problema, fornecendo uma ampla visão da totalidade da História enquanto centrada na morte, ressurreição e exaltação de Jesus Cristo.

O problema da História: domínio perdido

O capítulo 1 finalizou com Cristo exaltado no céu, com a derrota de todos os seus inimigos. No versículo 13 o autor questiona: "[...] a qual dos anjos jamais disse: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés?" Agora ele retoma esse tema olhando para o tempo quando o reino de Cristo está consumado. Escreve: "Pois não foi a anjos que sujeitou o mundo que há de vir, sobre o qual estamos falando" (Hb 2.5).

"O mundo que há de vir" é o tempo quando o senhorio de Cristo será consumado de uma vez por todas, quando todas as promessas e profecias de bênçãos estiverem cumpridas em seu reino

final. Em algum sentido essa consumação já tem sido assegurada, enquanto Cristo agora reina à direita de Deus. Isso é o que Jesus enfatizou antes da sua ascensão, como a base para a Grande Comissão: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra" (Mt 28.18). Ele está no controle do seu reino espiritual e reina agora sobre o mundo, especialmente, porém, na vida daqueles que o invocam como Senhor.

Então, eis aqui a situação: Cristo está reinando atualmente sobre o seu novo reino e nova humanidade, ainda que ao mesmo tempo os leitores dessa carta, como nós, encontrem-se ainda sujeitos às condições da antiga realidade. Esse é o problema aparente, e, como fez anteriormente, o autor de Hebreus aborda-o por meio de uma citação dos Salmos. O uso que faz do Antigo Testamento demonstra que o que está acontecendo agora faz parte do plano predeterminado e previamente revelado por Deus para a História. Nesse caso, ele cita o salmo 8, vendo o seu cumprimento na vida e obra de Jesus Cristo: "Que é o homem, que dele te lembres? Ou o filho do homem, que o visites? Fizeste-o, por um pouco, menor que os anjos, de glória e de honra o coroaste [e o constituíste sobre as obras das tuas mãos]. Todas as coisas sujeitaste debaixo dos seus pés" (Hb 2.6-8).

O autor apresenta este texto dizendo: "alguém, em certo lugar, deu pleno testemunho". A questão não é que ele esteja inseguro quanto à sua localização, pelo contrário, é suficiente para ele que Deus tenha dito isso na Escritura Sagrada.

O salmo 8 louva a Deus por sua majestade revelada na criação. "Ó SENHOR, Senhor nosso", inicia Davi, "quão magnífico em toda a terra é o teu nome!" (Sl 8.4). J. J. Stewart Perowne descreve o sentimento do salmista:

> Enquanto o poeta olha fixamente para as brilhantes profundezas desse céu estrelado que vem sobre ele com força esmagadora, ele percebe o sentido da sua própria insignificância. Perante essa vastidão sem fim, diante de toda essa evidência do poder criativo, quão insignificante é o homem![1]

Entretanto, a bondade de Deus para com a humanidade é outro motivo de admiração. O salmo 8 continua: "Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus e de glória e de honra o coroaste. Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão e sob seus pés tudo lhe puseste" (Sl 8.5-6). Essa é uma reflexão poética sobre o ato que Deus fez na criação dos homens e mulheres fazendo-os à sua imagem. Sua imagem está manifestada em nós em parte através do domínio que Deus garantiu ao homem sobre o paraíso. Vemos isso em Gênesis 1.26, que diz: "Também disse Deus: façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra".

Em Hebreus 2.8, o autor indica como era o domínio total da humanidade: "Ora, desde que lhe sujeitou todas as coisas, nada deixou fora do seu domínio". Tal era o senhorio dado ao homem sobre toda a criação. Todavia, o autor nos indica, essa não é a situação que nós desfrutamos atualmente: "Agora, porém, ainda não vemos todas as coisas a ele sujeitas". Eis aqui uma

declaração do problema da nossa raça – o problema do domínio perdido. O que Deus pretendia para o homem na criação não é o que vemos atualmente.

Que eufemismo! Conforme olhamos em redor, a Bíblia diz, certamente não parece que o homem tem tudo sob controle! Se Deus colocou todas as coisas sob os pés dos homens, então algo deu errado. Se começarmos a fazer uma lista daquelas coisas neste mundo que claramente não estão sob o controle do homem, tornar-se-á rapidamente extensa. O homem está à mercê das condições meteorológicas; sua oferta de alimentos ainda hoje é grandemente influenciada pelas forças fora do seu controle. A humanidade está morrendo de fome, sangrando, clamando e sofrendo em todo o globo. Furacões, secas, tornados e enchentes arremetendo contra o homem com fúria indômita. O homem pode regozijar-se grandemente pela influência que exerce sobre a natureza e a criação animal, mas ele não as domina. Na verdade, o homem não está apto para controlar a si mesmo – suas próprias paixões ou mesmo seus próprios pensamentos. Uma rápida olhada nos jornais demonstraria isso em termos das crises internacionais, sociais e individuais que são abundantes por todos os lados. "Agora, porém, ainda não vemos todas as coisas a ele sujeitas." Essa é uma declaração do problema que é extraordinariamente reforçada pela evidência.

Os capítulos 2 e 3 de Gênesis falam como as coisas deram errado. Deus deu a Adão, o representante da nossa raça, a ordem para não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. Não era para ele buscar independência de Deus. Ainda que senhor do jardim, era para ele reconhecer sua própria sujeição ao Criador. Deus, então, adicionou uma ameaça de punição: "[...] no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gn 2.17).

Gênesis 3 narra o horrível episódio que aconteceu. A serpente enganou a mulher, dizendo-lhe que Deus dera tal ordem a Adão apenas para mantê-los em seu destino merecido. Sempre será o objetivo final do diabo nos dissuadir da bondade de Deus, a despeito da abundante evidência da sua generosidade. Foi assim no jardim. Falando da ordem de Deus contra comer do fruto proibido, Satanás disse à mulher: "É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comeres se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal" (Gn 3.4-5). Apoiado por Eva, Adão comeu do fruto proibido. Ele passou a conhecer o bem e o mal: conheceu o bem que perdera e o mal que ganhara por sua rebelião contra Deus. Adão não se tornou como Deus, mas como o diabo a quem obedecera. Matthew Henry observa:

> Agora, quando já era tarde, eles viram a loucura de comer o fruto proibido. Eles perceberam a felicidade da qual caíram e a miséria em que caíram. Eles viram o amor de Deus ser provocado, a graça e favor perdidos, a perda da imagem e semelhança, o domínio sobre as criaturas foi-se também. Eles viram suas naturezas corrompidas e depravadas. [...] Eles viram a si mesmos desnudos de todos os seus ornamentos e insígnias de honra, degradados de sua dignidade e desgraça no grau mais elevado, abertos ao desprezo e reprovação dos céus e da terra, e de suas próprias consciências.[2]

Assim, o homem – criado por Deus como portador da sua imagem, coroado com glória, honra e domínio – tornou-se objeto da maldição de Deus a ponto de até morrer. Essa maldição marca a

humanidade até agora, com toda sua frustração e futilidade. Longe de reinar sobre a criação, todos, e cada um de nós, em vez disso, retornaremos ao pó do qual viemos.

Este é o problema da humanidade: o *paraíso perdido*, e com ele o domínio e a bênção oferecidos por Deus. Esse é o problema da história – o problema básico descrito no início da Bíblia –, a resposta ao qual encontra-se a descoberto no restante da Escritura. A criação de Deus da humanidade, descrita em Gênesis 1.26 e poeticamente celebrada no salmo 8, foi arruinada por causa do pecado de Adão, cujo resultado é a maldição da morte: "Agora, porém", diz o autor, "ainda não vemos todas as coisas a ele sujeitas".

A solução da História: Jesus coroado

Quando percebemos que a queda do homem no pecado e a morte são o grande problema da História, fica mais fácil perceber o foco central da obra redentora de Deus nas realizações de Jesus Cristo. Quando definimos um problema sempre determinamos a natureza da sua solução, e assim ocorre com a solução trazida por Jesus Cristo ao problema do mundo.

Então, como as pessoas identificam o problema do mundo e quais as soluções que têm em mente? O problema é a ignorância das pessoas? O problema é que as que são basicamente boas não são simplesmente iluminadas com a filosofia certa e a necessária cultura para formar uma sociedade com sucesso? Caso seja esse o problema, então a educação apresenta-se como solução lógica. Ou o problema é que as pessoas tiveram uma péssima experiência na infância, que ambientes disfuncionais deformaram criaturas saudáveis? Sendo esse o caso, então a reengenharia social apresenta-se como a solução mais apropriada. Ou seria a pobreza o problema? É um fato que, as necessidades básicas das pessoas não sendo atendidas, estas jamais terão a oportunidade de desenvolver habilidades de alta performance que as tornarão cidadãs-modelos? Se assim é, então, certamente, a redistribuição de renda é um excelente remédio.

Mas, e se o problema do homem for mais profundo? E se o problema deste mundo jaz no fato de o homem ser escravo do pecado estando sob a maldição da morte? E se o problema está no fato de que desde a queda de Adão nós somos pecadores por natureza, condenados por Deus e incapazes de andar em justiça e paz? Nesse caso, requer-se uma solução mais radical, muito além do alcance do próprio homem. Deus deveria enviar um Salvador para retirar a maldição do pecado e quebrar para sempre o poder do pecado.

Essa é a avaliação que a Bíblia faz do problema do homem, em Hebreus bem como em Gênesis 3. O homem foi criado em glória, honra e domínio, mas decaiu dessa condição. Os recursos necessários para a restauração do paraíso encontram-se agora além do alcance de suas culpas e mãos amaldiçoadas. De acordo com a Bíblia, existe apenas uma solução para esse problema, o remédio que não vem do homem, mas de Deus, não da terra, mas do céu. O apóstolo Paulo escreve: "[...] quando nós ainda éramos fracos, [Cristo] morreu a seu tempo pelos ímpios. [...] Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós, sendo nós ainda pecadores" (Rm 5.6-8).

Isto também é o que o autor de Hebreus está dizendo: "Agora, porém", diz ele do homem, "ainda não vemos todas as coisas a ele sujeitas. Vemos, todavia, aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor do que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra" (v. 8-9). De um lado está o homem, capturado pelas trevas do seu paraíso perdido, até o estágio que Deus envia seu próprio Filho, o Novo Homem e Segundo Adão. Ele é a resposta tanto para o problema do homem quanto para o problema da História. Ele é a grande, a última, a única esperança de uma raça morta. Nele encontra-se não apenas o cumprimento do destino prometido do homem, mas o plano de Deus como descrito no salmo 8. A História se tornou *sua história*. Jesus é o novo Adão da nova criação; o que Adão perdeu ele reconquistou. Todos os que estão fundamentados nele pela fé participarão da nova glória, honra e domínio recuperados do homem. "Nós vemos Jesus." Esse é o intuito da Carta aos Hebreus do início ao fim, nos mostrar Jesus como a resposta, aquele que resgata o que a humanidade foi criada para ser e realizar.

Sua história: humilhação, glorificação, triunfo

Do ponto de vista da Bíblia, a história é sobre a queda do homem da bênção e o domínio pelo pecado, e sobre Jesus Cristo como a resposta de Deus, o redentor daqueles perdidos em pecado e o precursor da nova criação na qual o propósito original de Deus chega ao seu glorioso cumprimento. No centro da História está a história de Jesus Cristo, e o autor de Hebreus percebe a história delineada nas palavras do salmo 8, como ele as registra no versículo 9: "Vemos, todavia, aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem".

A vida e história de Jesus podem ser organizadas em três fases distintas. As duas primeiras estão descritas aqui: sua humilhação e exaltação à direita de Deus.

Primeiramente, a humilhação de Jesus, aqui presente nas palavras "que, por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos" (Hb 2.9). Nós deveríamos lembrar que Jesus era a segunda pessoa da Trindade antes do seu nascimento em Belém. Ele é eternamente Deus, o Filho. Sua existência antes da encarnação era de perfeita glória, no entanto, ele assumiu a forma de carne mortal em consideração à sua obra redentora, humilhando-se abaixo dos anjos como homem. O ponto mais baixo da sua humilhação veio na cruz, onde nosso Senhor morreu uma morte que era vergonhosa aos olhos dos homens e maldita aos olhos de Deus. Suportando a culpa dos nossos pecados, ele foi afligido com toda a ira de Deus.

Hebreus 2.9 fala de Jesus "ter sofrido a morte, para que, pela graça de Deus, em favor de todos, experimentasse a morte" (NVI). A morte de Jesus não foi como a morte de qualquer outro homem, pois ele não era meramente homem, mas também Deus. Ele não era um pecador, mas o Cordeiro de Deus imaculado. Pela sua morte Jesus suportou sobre si a maldição de Deus contra o pecado – a maldição que arruinara a humanidade. Com a queda o homem morreu; mas Cristo

veio ao mundo como Deus e homem, por isso ele pode levar sobre si essa morte e assim nos libertar da morte para a vida. Como Paulo escreveu em 2Coríntios 5.21: "Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus", e assim estarmos reconciliados com o nosso Criador. Esse é o significado da humilhação de Jesus Cristo.

Em resposta à obediência de Cristo até a morte, Deus o ressuscitou da morte e o exaltou à sua destra. Esta é a segunda fase da história de Cristo. Ele está, diz o versículo 9, "coroado de honra e de glória por ter sofrido a morte" (NVI). Ao ressuscitar Cristo da morte, Deus, o Pai, honrou a perfeita obediência de Jesus, autenticou a sua causa, aceitou o seu sacrifício e estabeleceu seu reino sobre a nova humanidade, da qual ele é tanto Senhor quanto precursor, as primícias da colheita de Deus. A morte não foi vitoriosa sobre Jesus Cristo, pelo contrário, tornou-se vítima. Mesmo agora o Senhor Jesus reina nessa segunda e atual fase de sua história extraordinária e salvadora, concedendo vida eterna pelo evangelho a todos os que se aproximam pela fé. Assim Paulo escreveu em 2Timóteo 1.10, que Jesus "não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho".

Senhor do mundo vindouro

Isso é o que está acontecendo agora no mundo, e suscita a resposta à questão com que iniciei: "Por que este mundo ainda está em desordem?" Se a morte e a ressurreição de Cristo são a salvação para esse problema último do mundo, e se ele morreu e ressuscitou, então por que nós ainda somos confrontados com esses problemas? A resposta é que há uma terceira fase para o ministério salvífico de Jesus que ainda está por vir. Sua história ainda não está completa, e em sua culminação a História deste mundo chega ao seu glorioso clímax.

Jesus foi humilhado por nossa causa e então Deus o exaltou à sua direita. Porém, há um terceiro estágio ainda por vir. O autor de Hebreus tinha isso em mente no início deste texto quando escreveu: "[...] não foi a anjos que sujeitou o mundo que há de vir" (Hb 2.5).

Cristo reina agora? Sim, mas não visivelmente. Nesse sentido, as palavras aplicadas à humanidade também se aplicam a ele: "Agora, porém, ainda não vemos todas as coisas a ele sujeitas" (v. 8). Nem todo joelho está dobrado diante de Jesus; nem toda língua confessa Jesus como Senhor de tudo. Todavia, Cristo reina espiritualmente sobre este mundo. Ele está avançando contra os seus inimigos com a espada do evangelho em sua poderosa mão. Ele mesmo lidera os seus neste presente século mau, um povo separado para si, que herdará a vida eterna mesmo em meio a um reino de morte, que pertence não a este mundo, mas ao mundo que ainda está por vir.

Permita-me colocar de outra maneira. Cristo é a resposta que chegou e a salvação realizada. Porém, o problema deste mundo permanece ainda mais evidente. Aqui, então, está a resposta final, e em breve virá – Cristo está vindo novamente em glória para consumar seu reino, para triunfar sobre todos os seus inimigos – pecado e morte e o mal e este presente mundo maligno –

os quais serão colocados debaixo dos seus pés e destruídos, abrindo caminho para a nova criação em santidade e luz. Esse triunfo vindouro já está atuando na vida do seu povo quando este se afasta do pecado, na vida da igreja enquanto ela recebe mais e mais novos crentes, e mesmo na cultura secular enquanto os cristãos vivem como sal e luz na expansão do reino de Cristo.

Isso suscita uma questão vital: A que mundo você pertence? Em qual século você deposita suas esperanças e sonhos, seu tesouro e sua salvação? Se a sua confiança está neste mundo, neste século, então você sofrerá seu destino quando Cristo vier em glória para separar os que lhe pertencem daqueles perdidos pela culpa de seus pecados.

O velho mundo, no qual vivemos agora, é o único ao alcance de nossos sentidos, percebido por nossos olhos, o qual podemos tocar e viver nossa existência mortal. Porém, quando Jesus Cristo foi coroado nas alturas, este presente século perdeu sua credibilidade sobre todos os que nele confiam, mesmo que ele se esfarele em direção ao seu fim, já antecipado. O mundo vindouro, o tempo da glória de Cristo, está determinado para ocorrer com a passagem deste mundo, e pela fé em Cristo somos feitos cidadãos dessa nova criação.

Aos olhos do mundo, de fato, é verdade: "Ainda não vemos todas as coisas a ele sujeitas". Contudo, com os olhos da fé vemos Jesus coroado em glória e honra, reinando sobre a História que aponta para ele e conduz para seu breve retorno, quando todo olho o verá. Isso é o "já/ainda não" da vida cristã. Todas as coisas *já* nos pertencem em Cristo, embora *ainda não* realizadas em nossa experiência. Mas pela fé nós vemos Jesus e espiritualmente participamos de todas as bênçãos do seu reino vindouro.

Vamos, então, nos assegurar de que não pertencemos a este mundo julgado e passageiro, que estamos libertos da culpa da falha de Adão e do nosso próprio pecado pela fé em Cristo. Não vamos olhar para trás para este mundo mau com saudade, mas olhar apenas para a cruz com gratidão, onde Cristo padeceu a morte por nós e quebrou os dentes deste século mau. Vamos olhar para o dia do triunfo, quando Cristo virá novamente em glória, o Rei vindo ao reino em justiça, paz e alegria eterna. Sua história se tornou nossa esperança. Assim, dizemos, com o autor de Hebreus: "Sim, nós vemos o mundo como ele é, nós vemos e sentimos e lamentamos este reino de pecado e morte. Sim, nós vemos – mas isso não é tudo o que vemos. Nós vemos Jesus, agora coroado, em glória e honra, porque ele sofreu a morte, de modo que pela graça de Deus ele pode experimentar a morte por todos que nele confiam".

Vem, Senhor Jesus, vem.

---

[1] J. J. Stewart Perowne. *The Book of Psalms*. (Grand Rapids: Zondervan, 1966), 150.
[2] Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible*, 6 vols. (Nova York: Fleming H. Revell, n.d.), 1:25-26.

7

PERFEITO MEDIANTE O SOFRIMENTO



Hebreus 2.10-13

> [...] *convinha que aquele, por cuja causa e por quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, aperfeiçoasse, por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles.* (Hb 2.10)

A Carta aos Hebreus fornece algumas das mais poderosas descrições de nosso Senhor Jesus Cristo. Por enquanto nós o vimos como "herdeiro de todas as coisas" e "resplendor da glória [de Deus]" (Hb 1.2-3). Desde o início, ele é identificado como Filho de Deus, e, em todo o capítulo 1, ele é apresentado em sua presente glória e poder. Os cristãos, assim, estão habituados a ver Jesus, a despeito de sua vida terrena, como manso e calmo que raramente pensamos a seu respeito como ele vive presentemente, "coroado de glória e de honra" (Hb 2.9) e reinando com poder no céu por nós.

Nosso irmão mais velho

Hebreus 2.10-13 nos apresenta duas grandes informações sobre Jesus Cristo: ele é o irmão mais velho de todos os redimidos e o precursor da nossa salvação. O versículo 10 fala de Deus "conduzindo muitos filhos à glória", isto é, filhos companheiros com Cristo. O versículo 11 nos diz que "tanto o que santifica quanto os que são santificados, todos vêm de um só", ou como a *New International Version* traduz, "são da mesma família". Segue dizendo que Jesus "não se envergonha de lhes chamar irmãos". No versículo 12 Jesus promete declarar o nome de Deus "a meus irmãos". Finalmente, no versículo 13 ele nos identifica como "os filhos que Deus me deu".

Jesus é o irmão mais velho de cada cristão. Essa não é uma imagem que todos acham atrativa. Eu, por exemplo, sou o mais novo de dois irmãos. Em minha formação familiar, um irmão mais velho era mais um objeto de competição do que um objeto de confiança. O irmão mais velho muitas vezes exerce autoridade do pai sobre o filho mais novo. Lembro-me do dia em que meu pai viajou para um ano de serviço na Guerra do Vietnã. Jamais me esquecerei de ouvir as palavras que já conhecera e que estavam para vir, temendo com todo o meu ser. Meu pai disse: "Jimmy, enquanto eu estiver fora, você é o homem da casa". Como você já percebeu, meu nome não é Jimmy!

Todavia, o Senhor Jesus é o melhor dos irmãos mais velhos. Ele é uma fonte de inspiração para os membros mais jovens da família de Deus, uma fonte de auxílio e salvação para os irmãos espirituais, aos quais ama com cuidado sacrificial. No mundo romano, o irmão mais velho era o

único herdeiro, recebendo a totalidade das propriedades do pai. Jesus adentrou à sua herança como primogênito de Deus, e nós somos co-herdeiros com e nele (Rm 8.17).

A bênção mais importante que nós adquirimos por ter Jesus como nosso irmão mais velho é de entrar na família de Deus. Ele não é apenas o irmão mais velho, mas ele é também o Filho natural de Deus. Pela graça somos adotados na família que Jesus pertence como Filho legítimo. Nós não somos seus irmãos e irmãs porque somos filhos de Deus. Pelo contrário, somos filhos de Deus porque somos seus irmãos e irmãs. Efésios 1.5 diz: "[Deus] nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo". Hugh Martin explica: "Nós encontramos filiação nele: porque ele é o Filho. Os filhos adotados têm esse privilégio no Filho eterno. Colocar homens salvos em uma relação filial com Deus exigia a presença pessoal de um Salvador nesse relacionamento. Por isso, quando a plenitude dos tempos chegou, Deus enviou seu Filho para que obtivéssemos a adoção de filhos".[1] Nós somos adotados em Cristo, ele então recria nosso DNA espiritual ao espargir o Espírito Santo em nossos corações para nos tornar membros verdadeiros da família de Deus.

Às vezes ouvimos dizer que Deus é pai de todas as pessoas. Isso só pode ser verdade no sentido mais geral, visto ser Deus o Criador de todas as coisas. Entretanto, Deus não está numa relação paternal com pecadores não reconciliados. Eles são rebeldes contra ele, e sua ira permanece sobre eles (cf. Rm 1.18). Deus criou uma nova família, uma nova humanidade, um povo novo e redimido através do segundo Adão, que é Jesus Cristo ressurreto. Paulo escreveu a esse respeito em Efésios, referindo-se ao fato de como Deus tomou tanto judeus quanto gentios e criou uma nova raça pela fé em Jesus Cristo. Jesus morreu e ressuscitou e, assim "aboliu, na sua carne, a lei dos mandamentos na forma de ordenanças, para que dos dois criasse, em si mesmo, um novo homem, fazendo a paz, e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade" (Ef 2.15-16).

Você deveria pensar de si mesmo desta forma, se você é realmente um cristão. Você não é primordialmente uma pessoa branca, negra ou parda, mas uma nova criatura na nova humanidade criada pela ressurreição de Jesus Cristo. Essa é a razão pela qual a comunidade cristã está mais bem capacitada para transcender as barreiras da existência humana, pois nós somos um em Cristo e não mais o que éramos anteriormente. Seguramente, cada um de nós terá associações que servem para nos definir nesta vida – raça, classe econômica, ocupação, local de origem. Entretanto, nossa união com Cristo transcende tudo isso. Nele nós encontramos nosso coração mais intimamente entrelaçado com outros cristãos, independentemente das diferenças carnais, do que nós fazemos com os amigos mais velhos de casa, colegas de trabalho, ou pessoas que dirigem o mesmo modelo de carro e vivem no mesmo tipo de casa.

Segue, então, que nossas atitudes, nossas aspirações, nossos motivos e nossas ações não deveriam ser derivados do mundo ao nosso redor – a descrença e rebelião da raça humana na qual nascemos –, mas da nossa nova relação na família ressurreta de Deus, na qual nascemos de novo em Cristo.

Características da família

Tendo Jesus como nosso irmão mais velho, somos filhos de Deus. Hebreus 2 fala de duas características dessa nova família. Primeiramente, é uma comunidade daqueles destinados à glória. Deus, em Cristo, está "conduzindo muitos filhos à glória" (v. 10). Esse é o objetivo da vida cristã, o destino para o qual nós somos conduzidos. Deus criou o homem para participar da sua glória. O problema é que a humanidade, criada na glória da imagem de Deus, teve essa herança estilhaçada pela entrada do pecado. O propósito de Deus de redimir seus filhos é que o que uma vez foi perdido deveria ser recuperado e trazido à perfeição. Romanos 8.29 nos diz que fomos escolhidos para a salvação, de modo que seríamos "conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos".

A segunda descrição da nova família de Deus chega essencialmente ao mesmo ponto. O versículo 11 fala que "tanto o que santifica [ou que torna santo] quanto os que são santificados [tornados santos], todos vêm de um só". Se somos salvos, isso significa que nascemos de novo, como João coloca: "os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus" (Jo 1.13). Jesus é o Filho de Deus, e nós, seus irmãos, nascemos de novo em Deus.

Toda família tem características distintas. Em algumas famílias é a inteligência; em outras é a riqueza; em outras ainda é a preguiça ou desonestidade ou a violência. Assim, qual é o traço que define a família de Deus? Santidade. Isso significa que os cristãos em seus afazeres devem se tornar santos. Efésios 1.4 diz: "assim como nos escolheu [Deus], nele [Cristo], antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele".

Quão poucos cristãos têm essa perspectiva! Francis Schaeffer uma vez definiu a aspiração básica das pessoas hoje, incluindo cristãos evangelicais, como serem materialmente ricos e terem paz pessoal suficiente para desfrutar disso. Mas, o que vemos nesse texto é algo em grau muito maior, um destino e chamado mais elevados e maravilhosos. Nós renascemos em Cristo como seus irmãos e irmãs companheiros para a glória que é sua nos lugares celestiais, e para a santidade que distingue Deus e seus filhos.

Isto é o que é a vida – crescer em santidade. O que envolve a remoção do velho homem, deixando o pecado para trás, na medida em que somos revestidos do novo homem. A esse processo denominamos *santificação*, e é nosso chamado, nosso destino e nosso dever. Paulo disse em Efésios 4.21-24: Se é que, de fato, o tendes ouvido e nele fostes instruídos, segundo é a verdade em Jesus, no sentido de que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano, e vos renoveis no espírito do vosso entendimento, e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade.

A vida não é uma subida na hierarquia corporativa, acumular dinheiro, ou acumular experiências agradáveis. É crescer em santidade; e por isso Deus nos permite passar por provações, visto que elas tendem a continuar nossa dependência dele e a busca da santidade.

Todos nós queremos conhecer a vontade de Deus para nossa vida; Paulo responde em 1Tessalonicenses 4.3: “Pois, esta é a vontade de Deus: a vossa santificação”.

Jesus não se envergonha em nos chamar de irmãos porque nossa salvação é para a santificação. A fim de nos tornar santos, ele assumiu a nossa natureza, de modo que podemos participar da sua natureza e da sua herança. Ele se tornou semelhante a nós para que pudéssemos ser como ele. Ele veio para onde estávamos para nos levar para o lugar de onde ele veio a fim de que possamos nos tornar semelhantes a ele em glória.

Se você é cristão, isso é algo que você não pode evitar, sequer deveria desejar fazê-lo. Você é separado para Deus, e ele trata você diferentemente daqueles que não são seus filhos. Como o autor de Hebreus indicará posteriormente, os pais disciplinam somente seus próprios filhos. Portanto, ser repreendido por Deus em nossa vida assegura-nos que somos seus filhos. Há um processo diferente atuando na vida dos cristãos comparado com os outros, e um destino muito diferente aguardado ao final de tudo. Martyn Lloyd-Jones assim observa:

> Se Deus é seu pai você deve ser especial, você não pode ajudá-lo. Se a natureza divina está em você, e entrou em você através do Espírito Santo, você não pode ser como todo mundo; você deve ser diferente. E isso é o que nós ouvimos sobre o cristão em toda a Bíblia, que Cristo habita ricamente em seu coração através do seu grande poder nas profundezas da sua personalidade, ensinando-o sua vontade. “[Ele] é Deus que trabalha em você tanto em sua vontade como em seu agir.”[2]

Jesus Cristo é o nosso irmão mais velho, que nos orienta como filhos companheiros em sua família. Deus, o Pai, então assume a responsabilidade de nos tornar filhos e filhas dignos. “Aqui estou eu”, diz Jesus, com “os filhos que Deus me deu”. (Hb 2.13)

O pioneiro da nossa salvação

Há uma segunda descrição dada a Jesus nesse texto, que é, se é possível, ainda mais surpreendente do que a primeira. O versículo 10 fala dele como “o fundador da salvação deles” [tradução do autor], ou, na ARA, “O Autor da salvação deles”. A palavra grega aqui é *archēgos*, que talvez seja melhor traduzida como “precursor” ou “pioneiro”. F. F. Bruce explica:

> Ele é o Salvador que proclamou o caminho da salvação ao longo do qual só os “muitos filhos” de Deus poderiam ser trazidos à glória. O homem, criado por Deus para sua glória, foi impedido pelo pecado de alcançar essa glória até que o Filho do Homem viesse e abrisse pela sua morte um novo caminho pelo qual a humanidade pudesse alcançar o objetivo para o qual foi criada. Como seu representante e pioneiro do povo ele agora entrou na presença de Deus para assegurar a entrada deles ali.[3]

A ideia de um pioneiro é familiar para todo estudante de história americana. Nosso progresso enquanto nação foi traçado pelo heroísmo e determinação de homens e mulheres que partiram para o Oeste em carroças cobertas enfrentando grandes dificuldades e perigos. De todos os pioneiros americanos, ninguém foi maior do que Meriwether Lewis e William Clark, que abriram o caminho de costa a costa enquanto procuravam a Northwest Passage.[*]

Lewis e Clark partiram para o Oeste com um pequeno grupo de homens e poucos suprimentos, no entanto, com seus recursos e habilidades, coragem e determinação, vislumbraram o sucesso. A maior façanha da expedição foi atravessar as Rocky Mountains, uma barreira terrificante e traiçoeira que nenhum de seus compatriotas jamais se atreveu enfrentar.

Essa ideia de pioneiro é apropriada para a obra de Jesus Cristo para nossa salvação. Como aqueles corajosos colonizadores que seguiram Lewis e Clark no fértil Oeste, nós seguimos um caminho proclamado apenas por Jesus Cristo, que nos conduz para a terra prometida da salvação e da vida eterna. Ele foi aonde nós não poderíamos ir; com seus próprios recursos de justiça e verdade e uma vida conquistada, ele abriu o caminho rumo ao céu para nós. Isto é o que ele explicou aos seus primeiros discípulos pouco antes de deixá-los para tomar a sua cruz:

> Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também. E vós sabeis o caminho para onde eu vou. (Jo 14.2-4)

Quando eles lhe perguntaram qual era o caminho, Jesus respondeu com as imortais palavras: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida" (Jo 14.6). Igualmente, o autor de Hebreus identificou Jesus como o caminho, o pioneiro e desbravador em quem devemos confiar e seguir.

Aperfeiçoado pelo sofrimento

O primeiro capítulo da Bíblia narra o sentido no qual deveríamos entender isto. Se Jesus é o nosso desbravador, qual foi o deserto ou a barreira aterradora que ele atravessou, abrindo passagem para nós? A resposta que é dada em Gênesis 3 relembra a queda da humanidade no pecado e na maldição da ira de Deus:

> O SENHOR Deus, por isso, o [Adão] lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado. E, expulso o homem, colocou querubins ao oriente do jardim do Éden e o refulgir de uma espada que se revolvia, para guardar o caminho da árvore da vida. (Gn 3.23-24)

O ritual religioso de Israel foi elaborado para lembrar o povo desse problema, enquanto também apontava para sua solução. Com referência ao Tabernáculo – o local onde se encontraria com o homem –, Deus ordenou que suas cortinas fossem adornadas com imagens de querubins. Querubins não são figuras atraentes e carinhosas retratadas hoje com tanta frequência, porém são elevados seres angelicais de temor e poder. Sua presença no Tabernáculo lembrava a barreira que estava entre o Deus santo e o homem pecador.

Os ritos que ocorriam no Tabernáculo lograram seu intento, enquanto também revelavam a solução de Deus para o problema. Cada ano no Yom Kippur, o Dia da Expiação, o sumo sacerdote adentrava ao interior do santuário, o Santo dos Santos, onde Deus habitava em santidade. Ali o sumo sacerdote ficava de frente com a Arca da Aliança, contendo as tábuas dos

Dez Mandamentos. Sobre a Arca havia duas imagens de querubins de ouro, com suas asas acima e seus olhos fixados para baixo, na Lei de Deus.

Essa era a barreira mais alta e mais mortal do que qualquer cadeia de montanhas, pois significava a ira santa de Deus contra o pecado; os olhos de Deus e de seus anjos fixos nas exigências da lei, e então sobre o sumo sacerdote, como representante da nação pecadora. E as cortes de Deus anunciavam: "o salário do pecado é a morte" (Rm 6.23).

Embora nenhum mortal pudesse resolver o problema, Deus poderia. Assim, ele providenciou uma tampa de expiação para a Arca, chamada de assento de misericórdia, onde o sacerdote podia esborrifar o sangue do sacrifício. Isso abria o caminho, porque agora Deus olhava e via o sangue de um sacrifício apropriado em vez de uma lei quebrada. Sua justiça era satisfeita, sua ira era afastada e o caminho era aberto para os pecadores habitarem em paz diante da presença de Deus.

Este é o deserto pelo qual Jesus abriu caminho para nós. Pela sua cruz ele abriu caminho pelo deserto da maldição e ira de Deus. O apóstolo Paulo fez esta relação em Romanos 3.25: "a quem Deus propôs, no seu sangue [de Jesus], como propiciação". A palavra para propiciação é a mesma, *hilastērion*, usada para a tampa da misericórdia da Arca da Aliança no Antigo Testamento.

É isso o que o autor de Hebreus expressa quando diz que Cristo se tornou perfeito "por meio de sofrimentos" (v. 10). As pessoas às vezes perdem a ideia do Filho de Deus ter de se tornar perfeito, visto que ele era sem mancha ou mácula desde o início. Contudo, ele era perfeito não em seu caráter, mas em seu ofício como Cristo. Bruce explica: "O Filho perfeito de Deus tem se tornado seu perfeito Salvador de pessoas, abrindo para elas o caminho para Deus. No entanto, para se tornar isso, ele teve de suportar o sofrimento e a morte".[4] A linguagem da "perfeição" também tem a conotação de "consagração"; os sacerdotes no Templo "aperfeiçoavam-se" ou "consagravam-se" para o serviço diante de Deus em nome do povo, purificando seus corpos e vestindo roupas sacerdotais. Da mesma forma, salienta William Lane, Jesus "estava plenamente preparado para seu ofício. Deus qualificou Jesus para vir perante ele em atitude sacerdotal. Ele o aperfeiçoou como sacerdote de seu povo por meio dos sofrimentos, os quais lhe permitiram cumprir sua missão redentora".[5]

O autor de Hebreus aqui inicia um tema que dominará a maior parte da carta. Jesus, o verdadeiro Sacerdote para o qual todos os outros apontavam, ofereceu sua própria vida e deu seu próprio sangue para abrir o caminho para pecadores aproximarem-se de Deus. Hebreus 9.12 nos diz: "Não por meio de sangue de bodes e de bezerros, mas pelo seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção". "Tendo, pois, irmãos", exorta o autor, "intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne, e tendo grande sacerdote sobre a casa de Deus, aproximemo-nos, com sincero coração" (Hb 10.19-22).

Apropriado para Deus

O início do versículo do nosso texto faz a declaração maravilhosa de que tudo isso "era conveniente". Que maravilhosa declaração é esta – foi conveniente para Deus fazer isso, foi apropriado para seu caráter glorioso. Eis aqui o evangelho, o caminho da salvação, que traz a glória de Deus e atrai os nossos corações a adorá-lo e somente ele.

Ainda há pessoas hoje que dizem coisas completamente opostas. Dizem: "É indigno para Deus matar um homem inocente". Ou dizem: "Esta religião de sangue e sofrimento é inapropriada para um Deus de amor. A ideia de um Deus que mata seu filho é repulsiva". Porém, nós jamais poderíamos dizer isso, quando reconhecemos que isso foi feito por nós, para o perdão dos nossos pecados, para nos reconciliar com Deus através do Filho de Deus crucificado e ressuscitado. Tais críticas falham em reconhecer a altura e profundidade, a largura e o comprimento do amor de Deus que está em Cristo Jesus. Agostinho escreveu: "A cruz foi um púlpito, no qual Cristo pregou seu amor ao mundo".[6] Aqui está revelado o amor de Deus em grau infinito; aqui está a medida para a qual ele estava desejando ir para seus próprios propósitos serem realizados. Por quê? "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16). John Murray disse que essa verdade nos eleva ao "ápice do deslumbramento". Ele escreve:

> Que amor pelos homens que o Pai pode executar em seu próprio Filho todo preço da ira santa, de modo que nós jamais poderemos experimentar! Tal foi a estupefação de João ao escrever: "Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados". (1Jo 4.10)[7]

Não se envergonha

Isto explica por que Jesus não se envergonha em nos chamar de irmãos. Ele não se envergonha porque nossa salvação traz glória a Deus, seu Pai. Ele não se envergonha porque ele assumiu a nossa humanidade para que possamos ver e até mesmo participar da sua glória. Ele não se envergonha porque nós somos tão amados por ele a ponto de morrer por nós, de modo que pelo poder da ressurreição de Deus ele pode viver conosco para sempre. Mesmo agora ele traz muitos filhos para a glória, filhos de Deus por meio da união consigo mesmo.

Como de costume, o autor de Hebreus prova esse ponto com citações do Antigo Testamento. A primeira é a do salmo 22, que tão acuradamente antecipa a morte de Jesus na cruz. Estas palavras vêm após o sofrimento, quando o salmista estava confiante no livramento, exatamente como Jesus louvou a Deus após a sua ressurreição de entre os mortos: "A meus irmãos declarei o teu nome, cantar-te-ei louvores no meio da congregação" (Hb 2.12). Isso nos lembra de que Jesus é o verdadeiro cantor dos Salmos; eles foram escritos primeiro e primordialmente para ele, e é sempre com ele em mente que podemos entoá-los verdadeiramente. Contudo, esse salmo também suscita um importante tema teológico: Cristo morreu e reviveu não simplesmente para nos salvar, mas também para fazer de nós adoradores de seu Pai. Isso é cumprido em nossas

igrejas hoje; literalmente, Hebreus 2.12 conclui: "Cantar-te-ei louvores no meio da congregação".

O versículo 13 apresenta dois versículos do capítulo 8 de Isaías (v. 17-18). O profeta exortara o povo a confiar no Senhor, mas fora rejeitado por sua própria geração maligna. Entretanto, Deus prometera que seus filhos seguiriam na fé, indicando por fim uma virgem que estaria com uma criança. À luz dessas promessas, Isaías gritou: "[...] e a ele aguardarei. [...] Eis-me aqui, e os filhos que o SENHOR me deu". Ao colocar tais palavras na boca de nosso Senhor Jesus Cristo, o Espírito Santo está nos dizendo que como filhos de Isaías nós somos o testemunho da fidelidade de Deus na presente geração. Nós somos filhos de Deus dados a Jesus Cristo, chamados para testificar nesta presente geração a realidade da salvação que vem por meio de Jesus Cristo.

Se era apropriado para Deus enviar seu Filho para morrer na cruz, quão conveniente é para nós testemunhar isso em nossa geração. Quão apropriado é para nós suportar o desprezo do mundo como Jesus fez, pelo poder do Espírito Santo. Quão apropriado é para nós cantar seus louvores na plenitude dos nossos corações, e declarar seu nome não apenas perante os nossos irmãos, mas diante de todo o mundo, enquanto ele traz outros tantos para dentro da sua e nossa família.

Cristo não está envergonhado em nos chamar de irmãos, mas ele nos envia seu evangelho para declarar aberto o caminho para Deus. Nós nos envergonhamos dele? Temos vergonha de contar ao mundo? O apóstolo Paulo escreveu: "Não te envergonhes, portanto, do testemunho de nosso Senhor [...] pelo contrário, participa comigo dos sofrimentos, a favor do evangelho, segundo o poder de Deus, que nos salvou e nos chamou com santa vocação". De si mesmo, ele acrescenta: "não me envergonho, porque sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia" (2Tm 1.8-12).

Nós também devemos nos sentir desembaraçados em nosso testemunho a Cristo e seu evangelho, pois através do nosso testemunho ele trará muitos outros filhos para a glória – tanto homens quanto mulheres –, para o louvor do seu nome.

---

[1] Hugh Martin, *Christ for Us* (Edimburgo: Banner of Truth, 1998), 218.
[2] Martyn Lloyd-Jones, *Expositions on the Sermon on the Mount*, 2 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1959), 1:319.
[3] F. F. Bruce, *The Epistle to the Hebrews*, rev. org. (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), 80.
[4] *Ibid.*, 80.
[5] William L. Lane, *Hebrews 1–8,* Word Biblical Commentary 47a (Dallas: Word, 1991), 57-58.
[6] Citado por Thomas Watson, *A Body of Divinity* (Edimburgo: Banner of Truth, 1958), 175.
[7] John Murray, *Collected Writings*, 4 vols. (Edimburgo: Banner of Truth, 1977), 2:147.

[*] Northwest Passage: a Passagem do Noroeste é uma via marítima composta por uma sequência de estreitos no Norte da América, acima do Círculo Polar Ártico, e que permitem a ligação do estreito de Davis ao estreito de Bering, ou seja, entre o oceano Atlântico e o oceano Pacífico. [N. do T.]

8

PODEROSO PARA SOCORRER



Hebreus 2.14-18

Pois, naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados. (Hb 2.18)

A maioria das heresias da igreja antiga tinha a ver de um modo ou de outro com a pessoa de Jesus Cristo. De um lado, havia aqueles que negavam a plena divindade de Jesus, visão intimamente associada a Ário, um pregador de Alexandria, no Egito. O arianismo sustenta que, por maior que Jesus tenha sido, ele ainda era menor do que o Deus eterno e Todo-Poderoso. De outro lado, estavam os docetistas, assim chamados em razão da palavra grega *dokeō*, que significa "parecer" ou "aparecer". Estes sustentavam que, enquanto o Cristo divino possa ter aparecido como homem, contudo ele não o era. Seria indigno o divino assumir a forma de carne, argumentavam, muito menos morrer em vergonha e fraqueza numa cruz.

O primeiro concílio da igreja, em Niceia (325 d.C.) lidou com tais questões. O concílio condenou especificamente o arianismo como heresia, afirmando a plena divindade de Cristo e sua plena humanidade. O Credo Niceno descreveu nosso Senhor Jesus Cristo como "Deus de Deus, Luz da Luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado não feito, de uma só substância com o Pai [...] e foi feito homem". Mais recentemente, o *Breve Catecismo de Westminster* fala do Filho eterno de Deus tornando-se homem com estas palavras: "Cristo, o Filho de Deus, fez-se homem tomando um verdadeiro corpo, e uma alma racional, sendo concebido pelo poder do Espírito Santo no ventre da virgem Maria, e nascido dela, mas sem pecado" (Pergunta/Resposta 22).*

Ambos os aspectos dessa antiga controvérsia já foram respondidos pela Carta aos Hebreus. A divindade plena de Cristo tem preeminente destaque no capítulo 1, em que o versículo 8 diz de Jesus: "O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre". Essa é a mais clara declaração da divindade de Jesus que se pode encontrar. O capítulo 2 fala de forma deliberada do outro lado da questão. Hebreus 2.10-13 mostrou como Jesus identificou-se a si mesmo com a humanidade, fazendo-se da mesma família com aqueles que ele salva e até mesmo tornando-se capaz para o ofício por meio do sofrimento. Hebreus 2.14-18 segue com a apresentação de textos-prova que são e têm sido devastadores para qualquer um que queira negar a plena humanidade de Jesus Cristo. O versículo 14 nos diz que ele tem "participação comum de carne e sangue", ao passo que o versículo 17 diz que "convinha que, em todas as coisas, [ele] se tornasse semelhante aos irmãos".

Aquele que é plenamente Deus – o verdadeiro Filho do verdadeiro Deus do céu – tanto sofreu quando foi tentado como homem, como vemos no versículo 18.

Este é o grande tema desses versículos diante de nós: a plena humanidade de Jesus Cristo em sua obra como Salvador divino. Partindo desse pressuposto como verdade, o autor de Hebreus suscitará suas implicações, tornando claras as razões por que o Filho de Deus se tornou homem e também detalhando os resultados finais dessa obra iniciada com seu humilde nascimento no estábulo em Belém. O autor realça aqui três grandes aspectos da obra salvadora de Cristo: primeiro, ele quebrou a prisão do diabo e libertou a humanidade cativa; segundo, ele fez propiciação pela ira santa de Deus contra o nosso pecado; e terceiro, ele se tornou ministro misericordioso e compassivo que está apto para nos socorrer naquilo que agora sofremos sob as provas da tentação.

Venceu a morte

O texto inicia dizendo:

> Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida. Pois ele, evidentemente, não socorre anjos, mas socorre a descendência de Abraão. (Hb 2.14-16)

Essa é a razão por que Cristo veio ao mundo como homem. Seu propósito está definido pelos dois verbos-chave. O primeiro é "destruir". Jesus veio destruir o poder de um tirano que manteve prisioneira a humanidade em escravidão, a saber, o diabo. O segundo verbo é "libertar". Como Moisés no êxodo, Jesus veio colocar seu povo em liberdade. Aqui está o propósito da encarnação. Esses versículos também apresentam o sentido pelo qual ele conquistou essa vitória: pela sua morte.

Geralmente, esta é uma declaração maravilhosamente sucinta da missão de Jesus neste mundo. Se alguém questiona: "Por que Jesus veio ao mundo?", aqui está a resposta: ele veio para morrer, porque ele pode derrotar o domínio de Satanás e libertar a humanidade cativa.

Várias declarações extraordinárias estão presentes aqui, começando com uma descrição da condição do homem sob o domínio do pecado. O autor de Hebreus diz que todos os homens "pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida" (v.15). Ele nomeia nosso grande opressor, o diabo, e diz que ele "tem o poder da morte". Quando o diabo seduziu nossos primeiros pais ao pecado, ele os colocou debaixo da maldição da morte. Deus fez disso a punição pela desobediência, como visto em Gênesis 2.17: "[...] da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás". Desde então, o diabo e os seus lacaios têm atormentado o homem pelo medo da morte. Essa é agora a situação da raça humana, de modo que William Lane está absolutamente certo quando comenta:

"Desesperançada sujeição à morte caracteriza a existência terrena longe da intervenção de Deus. Além disso, a presença da morte se faz sentir na experiência da ansiedade".[1]

O pavor da morte é algo que a humanidade enfrenta ainda hoje. Quanto de nossas ocupações ou nosso frenesi por entretenimento é particularmente uma tentativa de desviar nosso olhar que a sombra da morte lança sobre nossas vidas? A morte não é meramente um acontecimento que nos espera, mas um poder que nos domina agora, o fermento da futilidade que permeia todas as nossas realizações e nega às nossas almas a paz e o contentamento.

Essa, então, é uma declaração do problema que nosso Senhor Jesus veio solucionar. É disso que ele veio nos libertar – não meramente de uma vida infeliz, disfuncional ou fracassada. Do que nós precisamos ser salvos é muito maior, o abrangente reino da morte por causa do pecado – um reino que agora nos aprisiona em escravidão pelo pavor, que no fim de nossas vidas nos aflige com a experiência da morte, e que além-túmulo nos vemos condenados diante do julgamento do trono do Deus santo. A morte é o problema do qual nós devemos ser salvos. A morte é o centro do domínio de Satanás e a fonte do seu riso à nossa custa.

Cristo também venceu a morte por sua obra salvadora. Ele quebrou o poder do diabo e nos libertou por meio da sua própria morte na cruz. Levando nossos pecados sobre si, Jesus suportou a ira de Deus que nós merecíamos. Na cruz, Jesus "não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade" (2Tm 1.10). Jesus é o campeão do céu que derrotou nosso inimigo infernal pela sua morte na cruz.

Você está preso pelo espectro da realidade da morte? Posto que você deve enfrentar a morte, você está livre das cadeias do seu pavor, sabendo que sua morte é a porta de entrada para a vida eterna em glória? Se você crê em Cristo, então está liberto do ferrão da morte. Isto é o que Jesus fez na cruz – ele o libertou do medo da morte. Agora, pela fé em Cristo, você pode exultar em sua vitória com as palavras do apóstolo Paulo: "Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo" (1Co 15.54-57). João Calvino assim nos exorta:

> É precisamente desse temor que Cristo nos liberta, ao suportar nossa maldição, e assim eliminou da morte aquele seu aspecto tenebroso. Embora seja inevitável que nos deparemos ainda com a morte, não obstante podemos revestir-nos de calma e serenidade, vivendo ou morrendo, sabendo que temos Cristo que segue adiante de nós.[2]

Fez a propiciação

Sempre que falamos da morte de Cristo na cruz, precisamos entender que há duas partes às quais sua morte foi direcionada – tanto a do pecador quanto a de Deus. É por isso que Paulo escreve: "Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem" (1Tm 2.5).

Já vimos uma razão por que Jesus se tornou homem, a saber, para morrer e assim nos libertar da morte. Nesse sentido, nós somos objetos de sua obra salvadora. Todavia, há também que se

considerar Deus, o Pai, que em sua santidade não pode aceitar pessoas que estejam manchadas pelo pecado, que estão corrompidas enquanto raça e indivíduos. O versículo 17 lida com esse aspecto da morte de Cristo da qual Deus é o objeto: "[...] convinha que, em todas as coisas, [Jesus] se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo".

Mencionei anteriormente que as controvérsias sobre a divindade e a natureza humana de Cristo motivaram algumas batalhas-chave na história da igreja. Esse versículo fornece uma explicação clássica ao por que Cristo teve de se tornar plenamente homem; a saber, a fim de que pudesse desempenhar o serviço sacerdotal diante de Deus em favor do homem, e assim propiciar, isto é, desviar a ira de Deus contra o nosso pecado.

A explicação clássica dessa doutrina foi apresentada por Anselmo de Cantuária cerca de 900 anos atrás em sua elevada obra *Cur Deus Homo*, que significa "Por que Deus se tornou Homem". Falando do pagamento que deveria ser feito por nossos pecados, Anselmo escreveu:

> Isso não poderia ser feito sem que o homem saldasse sua dívida com Deus, por causa do pecado. Todavia, o débito era de tal monta que, embora devido apenas pelo homem, somente Deus poderia pagá-lo, de modo que a mesma pessoa deveria ser tanto homem quanto Deus. Assim foi necessário que Deus assumisse a forma humana na unidade da sua pessoa, de modo que aquele que em sua própria natureza deveria pagar ao mesmo tempo não poderia fazê-lo sem ser alguém com esse poder.[3]

Isso é o que o autor de Hebreus quer dizer no versículo 17: "[...] convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote". Os sacerdotes no Antigo Testamento representavam Deus diante do homem, razão pela qual estavam paramentados com glória e honra (Êx 28.2). A reluzente indumentária sacerdotal retratava a justiça de Deus perante o povo. Mas tão importante quanto, o sacerdote representava o homem diante de Deus. Razão por que o sumo sacerdote usava um peitoral de ouro, no qual encontravam-se engastadas 12 pedras, com o nome das 12 tribos de Israel (Êx 28.9-12).

Cristo se fez homem a fim de poder levar nossos nomes sobre os seus ombros. O verdadeiro Sumo Sacerdote, ele está vestido com sua própria e perfeita justiça, que ele apresenta em nosso benefício. Ele se apresentou como nosso ministro e representante, oferecendo seu precioso sangue – sua vida divina e infinitamente preciosa, a única que poderia expiar os pecados do mundo – para satisfazer a dívida dos nossos pecados. Sua obra foi de propiciação, afastando a ira de Deus dos nossos pecados.

Eis a razão por que Jesus nasceu neste mundo, a fim de que pela sua morte como Deus-Homem pudesse quebrar o domínio da morte e nos libertar, enquanto realizava a propiciação à ira santa de Deus contra os nossos pecados. Como diz um de nossos grandes cânticos de Natal: "Homens cristãos de bem, alegrai-vos com o coração, alma e voz; agora não precisais temer a sepultura: Jesus Cristo nasceu para salvar".[**]

Capaz de socorrer

Eu disse haver três razões por que o Filho se fez homem. A primeira, para nos libertar da escravidão da morte. A segunda, para desviar a ira de Deus. Há, todavia, uma terceira razão apresentada por este texto, descrita no versículo 18: "Pois, naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados".

Quando estava na faculdade da United States Military Academy, passei um verão com o centro de aconselhamento durante o treinamento de novos cadetes, carinhosamente conhecido como Beast Barracks. É um tempo cansativo de desafios físicos e psicológicos, no qual não poucos homens e mulheres jovens começam a ceder, razão por que a Academia providencia conselheiros. Eu era um dos vários oficiais que supervisionavam o centro, mas o aconselhamento era feito principalmente pelos cadetes mais velhos que ali estiveram durante as duras semanas desse primeiro verão em West Point. Os cadetes estiveram recentemente com eles, portanto estavam mais bem equipados para auxiliar os novos cadetes que se sentiam tentados a sair, retornar para casa, ou, caso contrário, entrar em desespero.

Da mesma forma, Jesus é perfeitamente adequado para nos socorrer em nossas lutas contra as tentações para pecar e cair em desespero, porque ele esteve o tempo todo conosco, em tudo. Aqui, mais uma vez, está a grande prova da plena humanidade de Cristo, que "ele mesmo sofreu, tendo sido tentado". Nós, naturalmente, pensamos nas tentações de Jesus no deserto nas mãos do diabo. Ali Jesus foi afligido com grande fome e a tentação de aceitar a coroa sem a cruz. Seguramente aquelas foram grandes tentações, e Jesus a todas venceu. Mas nós não devemos negligenciar a gama de tentações às quais ele estivera exposto durante toda sua existência terrena, tentações que teriam interagido com cada aspecto da sua natureza humana. Por causa delas, Jesus sabe exatamente o que nós agora passamos. Ele sabe o que é ser tentado porque experimentou por ele mesmo. Nosso Sumo Sacerdote tem verdadeira simpatia e compaixão pelo que nós passamos.

Algumas pessoas objetam que Jesus não conhecia plenamente a experiência humana porque não era pecador. Sem a experiência da corrupção do pecado, dizem, ele não pode ter plena compaixão por nós. A resposta a isso é que longe de Jesus saber menos do que nós sobre tentação porque jamais caiu em pecado, o oposto é verdadeiro. Jesus conhece muito mais sobre tentação do que nós porque ele suportou muito além do ponto onde o mais forte de nós consegue experimentar. B. F. Westcott está certamente correto quando observa: "A compaixão pelo pecador em sua provação não depende da experiência do pecado, mas da experiência do poder da tentação que incita ao pecado, que apenas o inocente pode conhecer com toda a intensidade. Ele desaba antes do último esforço".[4]

Jesus tem verdadeira e real compaixão por aqueles que são tentados. Por isso a Escritura diz ser ele capaz de socorrer. Que combinação maravilhosa temos diante de nós. Por um lado, temos aquele que é poderoso para salvar. Nesse sentido, Jesus não é "como nós". Ele é o Redentor e nós somos os pecadores necessitados grandemente de um defensor. E mais, sua obra dificilmente

é impessoal ou mecânica; é profunda e sensível. Ele era como um de nós em sua experiência de dor, sofrimento e tentação. Ele sentiu os pregos quando perfuraram suas mãos e seus pés, de modo a poder nos resgatar do poder da morte. Assim, há uma qualidade de misericórdia à obra de Cristo que é íntima, pessoal e consciente. Ela nos chama a amá-lo como um Salvador íntimo, o Deus que foi tão longe para nos conhecer em nossas provações, para participar do nosso sofrimento, assim como ele nos chama para participar do seu.

O que tudo isso quer dizer é que Jesus é capaz. Ele é capaz de entender o que você está passando. Ele é capaz de ouvir você com simpatia e coração misericordioso quando você clama. Que encorajamento para você em toda sorte de provações e tentações é o voltar-se para o Senhor em oração.

Mais importante, Jesus é poderoso para libertar você. Você pode confiar nele, portanto, saber que a morte não traz dano a você, mas trará você a Jesus. Você também pode confiar nele hoje, em suas lutas e tentações presentes. Ele é poderoso para nos socorrer, porque intercede por nós junto ao trono do Pai no céu e porque envia o Espírito Santo aos nossos corações, concedendo-nos o seu poder. É por isso que Paulo disse: "[...] já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim" (Gl 2.20). A despeito das muitas provações, Paulo estava consciente da poderosa presença de Cristo e pôde declarar: "Tudo posso naquele que me fortalece" (Fp 4.13).

Como você, por você, com você

Jesus Cristo, o próprio Filho de Deus, tornou-se semelhante a nós para ser Salvador completo, com alcance suficiente para todas as nossas necessidades. Assim, como soa vazia a queixa do mundo contra o nosso Deus. As pessoas estão dizendo o tempo todo hoje, lamentando neste mundo de desgraça: "Onde está Deus? Por que ele não faz alguma coisa?" Entretanto, ele tem feito tudo, de fato, mais do que jamais poderíamos interpelar ou imaginar. Deus adentrou em nosso mundo. Ele caminhou no pó desta terra. Aquele que é a Vida chorou diante do túmulo, e aquele que é o Pão da Vida sentiu a dor da fome. Existe algo mais amoroso em toda a Escritura do que as cenas de Jesus ceando com os fracos e os cansados, os pecadores e os publicanos? Ele tomou os espinhos que afligem este mundo marcado pelo pecado e os entreteceu numa coroa para ser colocada sobre sua própria cabeça. E ele estende os seus braços abertos em amor, para que as mãos que entreteceram a criação possam ser cravadas no madeiro. Então, ele ressurgiu dos mortos, conquistando tudo que pudesse nos vencer, libertando-nos para uma vida de paz e alegria perante Deus.

Tudo o que Deus fez, na obra redentora de Jesus Cristo, não foi feito para anjos, mas para você. Foi *como você* que ele se tornou, e foi *por você* que ele morreu. É *com você* que agora se compadece, conhecendo muito bem suas lutas. Ele é poderoso, porém você está receptivo? Esta é a única questão pendente. O hino "Come, Thou Long-Expected Jesus" [Vem, Jesus, há muito

esperado] nos fala da única resposta que faz todo sentido, qual seja, que nós devemos confiar que ele é o tipo perfeito de Salvador para nós:[5]

> Vem, tu, mui esperado Jesus,
> nascido para libertar o povo teu
> dos nossos medos e pecados liberta-nos
> permita-nos encontrar repouso em ti...
> Veio à terra provar da nossa tristeza
> aquele cuja glória fim não conhece;
> por sua vida alegria nos traz,
> nosso Redentor, Pastor, Amigo.

---

[1] William L. Lane, *Hebrews 1–8,* Word Biblical Commentary 47a (Dallas: Word Books, 1991), 61.
[2] João Calvino, *New Testament Commentaries*, 12 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), 12:31.
[3] Anselmo de Cantuária, *Why God Became Man*, em Eugene R. Fairweather, *A Scholastic Miscellany: Anselm to Ockham* (Filadélfia: Westminster, 1961), 176.
[4] B. F. Westcott, *The Epistle to the Hebrews* (Londres: Macmillan, 1903), 59.
[5] Charles Wesley, "Come, Thou Long-Expected Jesus", stanza 1, 1744; terceira estrofe copyright © 1978 por Mark E. Hunt. Usado com permissão. [Em inglês: "*Come, thou long-expected Jesus,/ born to set thy people free;/ from our fears and sins release us;/ let us find our rest in thee. (...)// Come to earth to taste our sadness,/ he whose glories knew no end;/ by his life he brings us gladness,/ our Redeemer, Shepherd, Friend*".]

[*] Joel Beek, Sinclair Ferguson (orgs.). *Harmonia das Confissões Reformadas*. São Paulo: Cultura Cristã; 2006. Cf. *Símbolos de fé*. São Paulo: Cultura Cristã; 2014. [N. do T.]

[**] *"Good Christian men, rejoice with heart and soul and voice; now ye need not fear the grave: Jesus Christ was born to save."* (N. do T.)

9

O GRANDE APÓSTOLO



Hebreus 3.1-6

> *Por isso, santos irmãos, que participais da vocação celestial, considerai atentamente o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão, Jesus.* (Hb 3.1)

A Carta aos Hebreus foi escrita com o objetivo de exortar os cristãos que se encontravam sob o fogo da perseguição a fim de permanecerem firmes na fé em Jesus Cristo. O início do texto do capítulo 3 exemplifica essa temática, tanto no início quanto no final, com uma exortação à perseverança. Inicia nos encorajando a manter fixos nossos pensamentos em Jesus Cristo e conclui concitando-nos a manter nossa coragem e esperança.

O versículo 1 poderia pertencer perfeitamente ao capítulo anterior, que conclui expressando que Jesus, tendo suplantado o pecado e a tentação, é capaz de socorrer aqueles que são tentados. "Portanto", conclui o autor, "consideremos Jesus". Visto que Jesus é aquele que conquistou a morte, o diabo e o pecado, o autor justifica, "tornando-o objeto consciente da vossa fé". Ele chama seus leitores de "santos irmãos" e aqueles que "participais da vocação celestial", identificando-os tanto como recipientes da obra de Cristo quanto aqueles que são assim obrigados a viver para ele.

Cristo, maior que Moisés

Essa exortação, que recebe mais sustentação adiante, inicia descrevendo Jesus no versículo 1 como o "Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão". O apóstolo é alguém enviado para representar Deus diante dos homens, e falar e agir a seu favor. O sumo sacerdote representa os homens diante de Deus e oferece sacrifício pelos pecados deles. Moisés foi o único personagem do Antigo Testamento a cumprir ambas as funções, bem como aquelas que apontavam para Jesus, a quem proclamamos como *o* Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão.

O capítulo 1 definiu a superioridade de Jesus sobre os anjos, agora no capítulo 3 somos informados da sua superioridade sobre Moisés. O autor diz que ele foi "fiel àquele que o constituiu, como também o era Moisés em toda a casa de Deus" (v. 2). Jesus é um personagem que pode ser comparado com Moisés, o maior profeta do Antigo Testamento e o maior personagem sacerdotal do judaísmo. Tanto Jesus quanto Moisés participam do mais elevado elogio que poderia ser conferido, a saber, que eles foram fiéis.

Jesus não é apenas comparado positivamente a Moisés, é realmente superior a ele. Disso fala o versículo 3: "Jesus, todavia, tem sido considerado digno de tanto maior glória do que Moisés, quanto maior honra do que a casa tem aquele que a estabeleceu". A questão aqui é óbvia, que esses cristãos hebreus não deveriam se afastar da nova aliança em Cristo para o judaísmo da antiga aliança. Jesus é superior ao maior herói da antiga aliança, por meio de quem a antiga aliança fora dada, portanto sua nova aliança também é superior.

Esse texto é significativo ao fornecer uma perspectiva do Novo Testamento sobre o ministério de Moisés, e assim do Antigo Testamento como um todo. Moisés foi um servo fiel na casa. Cristo, porém, é o Filho e herdeiro que edifica a casa para Deus. Isso significa que o ministério de Moisés não estava em conflito com o de Cristo, porém Moisés foi um servo cujo labor fez parte da obra final de Cristo. O versículo 5 nos fala que isso era verdadeiro quanto à obra de Moisés como profeta; ele testificou "das coisas que haviam de ser anunciadas", isto é, no tempo de Jesus Cristo.

Somos lembrados dos conflitos de Jesus com os fariseus, que o acusaram de violar a lei de Moisés por curar no sábado. Moisés, porém, o doador da lei, era servo de Jesus, e a lei era lei de Jesus. Jesus é o cumprimento da lei e seu verdadeiro mestre. É isto o que Jesus fez no Sermão do Monte: "Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas", ensinou ele. "Não vim para revogar, vim para cumprir" (Mt 5.17). Jesus realçou que Moisés previu seu ministério e guiou as pessoas à verdade nele. Em João 5, Jesus disse aos fariseus: "Não penseis que eu vos acusarei perante o Pai; quem vos acusa é Moisés, em quem tendes firmado a vossa confiança. Porque, se, de fato, crêsseis em Moisés, também creríeis em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito" (Jo 5.45-46).

A obra e mensagem de Moisés falam de coisas por vir. Moisés foi um servo cuja obra promoveu o projeto de construção da casa do Filho e herdeiro de Deus. De fato, tudo na administração mosaica aponta para Jesus Cristo. O Tabernáculo falava de Deus habitando com o homem, que é o que Cristo fez. O Ano do Jubileu, quando os escravos eram libertados e as terras retornavam aos seus proprietários originais, falava do grande dia da libertação que estava para vir em Cristo. Jesus é chamado Emanuel, "Deus conosco". O apóstolo João explica: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai" (Jo 1.14). Os sacrifícios de cordeiros, touros e bodes falavam da sua extraordinária obra de expiação na cruz. Esse é um tema que o autor de Hebreus enfatizará com frequência nesta carta, que os rituais da lei eram "sombra dos bens vindouros" (10.1).

Paulo relembra o modo como Moisés trouxe o maná do céu e fez brotar água da rocha. Ele lembra de Israel: "[...] bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo" (1Co 10.4). Em João 6 Jesus ensinou: "[...] não foi Moisés quem vos deu o pão do céu; o verdadeiro pão do céu é meu Pai quem vos dá. Porque o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo. [...] Eu sou o pão da vida" (Jo 6.32-35). Posteriormente, quando Jesus foi transfigurado em glória no monte na presença dos discípulos, Moisés estava lá, com Elias, falando sobre o

êxodo de que a libertação de Moisés era apenas um exemplo – a morte de Cristo na cruz para nos libertar do Egito da escravidão aos nossos pecados (Lc 9.30-31).

Moisés apresentou a Israel imagens ou tipos do Messias por vir, sombras que moldavam retrospectivamente o Antigo Testamento à luz de Cristo e foram cumpridas em sua vinda tão esperada. Assim, o que Jesus disse é verdadeiro: Moisés testifica a meu respeito. Era de Jesus que Moisés falava, por exemplo, em Deuteronômio 18.15: "O SENHOR, teu Deus, te suscitará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, semelhante a mim; a ele ouvirás". Este seria o caso, se Moisés pudesse escrever aos judeus cristãos, ele lhes contaria os temas enfatizados pelo autor de Hebreus: que eles deveriam apegar-se a Cristo pela fé. De fato, Moisés escreveu tal carta; ele escreveu os cinco primeiros livros do Antigo Testamento, e o propósito último deles era apontar para Jesus Cristo como o Salvador do seu povo, o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão.

A Casa de Deus

Estas declarações descrevem Moisés como servo fiel na casa de Deus, sobre a qual Jesus é construtor e Senhor. O que podemos entender por "casa de Deus"? Alguns comentaristas dizem tratar-se do Tabernáculo ou Tenda da Congregação que Moisés servia fielmente, ao passo que outros apontam para Israel tanto quanto a totalidade da família de Deus na qual Moisés servia. Ambos estão corretos. Especialmente o versículo 6 enfatiza a última, dizendo: "a qual casa somos nós".

A casa que Jesus está edificando, na qual Moisés serviu, é o povo de Deus. Isso nos diz que há uma continuidade básica entre o Israel do Antigo Testamento e a igreja do Novo Testamento. Há diferenças, visto que a antiga aliança aguarda com ansiedade a Cristo com o Israel nacional, e a nova aliança olha para Cristo com a igreja internacional. Porém, a despeito das diferenças com base em suas opções histórico-redentivas, Israel e igreja são um. Este texto expõe o erro do dispensacionalismo, que vê Israel e a igreja como povos fundamentalmente diferentes na economia de Deus. A casa na qual Moisés serviu é a casa sobre a qual Jesus é Senhor. O Novo Testamento representa o cumprimento do que fora prometido e esperado no passado. Por exemplo, o cumprimento da tipologia do Tabernáculo e do Templo é a igreja, que é a casa de Deus, construída não por homens ou por meio do trabalho puramente humano, mas edificada por Cristo e pelo poder do seu evangelho (cf. Ef 2.19-22; 1Pe 2.9-10). Para mudar as metáforas, o Israel da antiga aliança é o broto do qual a igreja da nova aliança é a flor.

Se é isso o que os cristãos são – casa de Deus –, então deveríamos perguntar por qual motivo alguém constrói uma casa para sua glória. Com certeza este é o caso aqui, e um imóvel majestoso mostra a riqueza, a habilidade e talento artístico daquele que pode se dar ao luxo de construí-lo. Todavia, a principal razão para alguém edificar uma casa é viver nela. Que verdade maravilhosa é esta, que Deus nos redimiu a fim de que sejamos o lugar da sua própria habitação (cf. Ap 21.3).

Isso enfatiza que Deus habita em seu povo. Isso é verdadeiro quanto aos cristãos individualmente. O título do livro clássico de Henry Scougal, *The Life of God in the Soul of Man* [A vida de Deus na alma do homem], fornece uma excelente descrição do que seja a salvação. Se você vem a Deus através de Cristo, então ele habita em você, trabalha para você desejar e agir de acordo com seu bom propósito, por meio do Espírito Santo. Jesus disse do Espírito que ele enviaria aos seus discípulos: "[...] ele habita convosco e estará em vós" (Jo 14.17).

Embora possamos enfatizar essa aplicação individual, a descrição aqui é principalmente comunitária. Juntos somos a casa de Deus; ele habita entre nós bem como em nós. Em 2Coríntios 6.16 Paulo diz: "Porque nós somos santuário do Deus vivente, como ele próprio disse: Habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo". Ele fez uso desse tema para argumentar que a igreja é chamada para ser santa, porque Deus é santo. Em outro versículo muito conhecido, Pedro disse: "[...] vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo" (1Pe 2.5). A igreja é o templo santo onde o Deus santo habita em espírito, é adorado e servido.

Isso nos fornece uma informação vital sobre a igreja. Ao construir uma casa, primeiramente assenta-se a pedra fundamental, que estabelece as linhas e os ângulos para o conjunto da obra. Então vem a fundação, que apoiará a estrutura que será construída sobre ela. Paulo, em Efésios 2.19-22, diz que a igreja é como uma casa. Cristo é a pedra fundamental e os apóstolos são o fundamento. O ensino deles, como está registrado na Bíblia, nos fala como a igreja é estabelecida e como ela cresce. Visto que os apóstolos são o fundamento, o cristão é alguém que recebe e crê no testemunho apostólico no Novo Testamento e edifica sua vida sobre ele, na medida em que este fundamento permanece no próprio Cristo.

As pessoas atualmente tendem não levar a igreja muito a sério. Nós somos obstinadamente individualistas e pensamos poder conseguir tudo sozinhos. Entretanto, a comunidade corporativa dos santos é a família de Deus. Se isso não transforma nossa visão da igreja, então nada o fará. Vemos que a igreja não é uma instituição humana, mas um edifício divino que Deus erige e no qual ele mesmo habita. Ser parte da igreja é ter raízes históricas no povo de Deus e conexões espirituais com os outros agora, em tempos passados e em gerações ainda por vir. Os cristãos conhecem e estudam a história da igreja do mesmo modo que outros pesquisam uma genealogia de família. Amar a Cristo nos motiva a amar e servir sua igreja e as pessoas que a compõem.

O Antigo Testamento revela uma geografia da salvação – se você desejava conhecer a Deus, você não poderia olhar para qualquer lugar. Deus está em toda parte, porém ele se revelou especialmente num local em particular, entre seu povo em Israel, especialmente no Templo em Jerusalém. Se quisesse encontrar Deus, teria de ir lá, onde estava a casa de Deus, o caminho percorrido pela rainha de Sabá até Jerusalém, ao Templo de Salomão. Hoje, se você quer conhecer a Deus, deve se dirigir a uma igreja na qual sua Palavra é ensinada. Conquanto Deus

esteja em toda parte, ainda é em sua casa em que ele se revela especialmente àqueles que vêm pela fé.

Essa é uma das razões por que os cristãos precisam ser membros de uma igreja fiel. O crescimento e o discipulado cristão acontecem na igreja, na família de Deus, e não como um empreendimento solitário. Isso também diz muito sobre o evangelismo. Se você quer trazer outros para Deus, você deveria trazê-los à igreja, na qual Deus fala por meio da sua Palavra com autoridade e poder. A adoração cristã acontece especialmente na igreja; quando seu povo se reúne, Deus promete reunir-se com ele (cf. Mt 18.20). Assim o autor de Hebreus depois exorta seus leitores a não negligenciar a comunidade (Hb 10.25), pois a reunião do povo de Deus é a habitação do próprio Deus.

Portanto, não existe privilégio maior do que ser membro da igreja. Não existe vocação maior do que o chamado cristão para oferecer seus dons e talentos, tempo e dinheiro para a obra da igreja. Um cristão que dedica toda sua energia em seu trabalho usa seus talentos apenas para ganhos pessoais, que gasta todo seu dinheiro consigo mesmo, negligenciando a obra da igreja que durará para sempre, é simplesmente um tolo. Tal pessoa não percebeu que a igreja é o corpo, o templo, a noiva de Jesus Cristo exaltado, que reina nas alturas, que em breve virá reinar na terra para sempre. No fim é o que Cristo está fazendo através da igreja que mais importará, brilhará mais na glória e terá sido mais valioso o oferecimento de nossas vidas. Logo, um cristão que não se envolve no ministério da igreja, que não ora regularmente pelas atividades da igreja, que está deixando-a e nunca se dedica à igreja, deveria se perguntar se realmente entende o que é esta vida e se está realmente vivendo para os valores eternos.

Considere Jesus

A Carta aos Hebreus é uma carta de exortação, entretanto inclui um grande número de mandamentos e declarações condicionais, uma das quais finaliza esta passagem. O autor escreve no versículo 6: “A qual casa somos nós, se guardarmos firme, até ao fim, a ousadia e a exultação da esperança”.

Os cristãos às vezes ficam desencorajados com declarações desse tipo, muitas vezes porque eles têm experiências com uma teologia legalista que nega a segurança do fiel em Cristo. Mas uma vez que tais declarações condicionais encontram-se na Bíblia, são apropriadas, e até necessárias. O centro dessa afirmação é encorajar a fé em face dos problemas. O autor está dizendo: “Visto que vocês são a casa que Deus está construindo, isso exige que vocês permaneçam firmes em sua fé”.

Não existe conflito entre o ensino que todos os verdadeiros crentes estão seguros nas mãos de Deus e o ensino enfatizando que os cristãos devem perseverar na fé. Todos os crentes verdadeiros continuarão firmes na fé até que sejam reunidos a Deus. Mas, também é verdade que a verdadeira fé cristã é provada apenas pela perseverança nas provações. Somos salvos somente pela fé, todavia o teste da nossa fé vem por meio da nossa disposição em perseverar sob

dificuldades e perseguições. Aqueles que não perseveram, como se deu com Demas, companheiro de Paulo (2Tm 4.10), e aqueles que traem Jesus por este mundo, como Judas Iscariotes, revelam por seus atos que jamais possuíram verdadeiramente fé salvadora, assim nunca estiveram verdadeiramente salvos.

Se você é cristão, Deus exigirá que você mostre sua coragem perante o mundo, apegado na esperança em Jesus Cristo. Porém, de onde vem a coragem? A resposta da Bíblia é que ela vem de Deus, do nosso conhecimento dele e da sua salvação, e do Espírito Santo por ele enviado aos seus filhos enquanto confiam nele.

Permita-me colocar de outra forma. Coragem vem do ser. Em inúmeros campos de batalha, os corações dos soldados têm sido animados pela visão da bandeira ainda tremulando. O que eles enxergam lembra-os da casa à qual esperam retornar como heróis, e a causa pela qual eles vieram. Vendo a bandeira tremulando, sabem que a vitória está ao alcance das mãos. Isso é o que o evangelho faz pelos cristãos, enquanto sustentam a promessa de Deus "que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes [...] poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Rm 8.38-39). Saber que a obra salvadora de Deus está segura e que nosso tesouro está garantido no céu nos concede ousadia para esta vida fugaz com suas provações e tentações.

Está bem documentado que os grandes comandantes da História inspiraram bravuras terrificantes por sua simples presença, tão somente ao permitir que seus soldados pousassem neles os olhos. Alexandre, César, Napoleão, Patton – todos tinham essa aura de invencibilidade que produzia coragem destemida nos corações daqueles que os viam no meio da refrega. É isto que os olhos da fé veem quando fixamos os olhos em Jesus Cristo, o capitão da nossa salvação. Napoleão, provavelmente o maior conquistador militar da História, costumava receber seus generais em sua tenda e olhar em seus olhos antes de partirem para liderar as tropas nas batalhas. Igualmente nossa fé é olhar a face de Cristo e sua fronte, outrora coroado com espinhos, mas agora com o laurel celestial. Napoleão, como muitos outros grandes conquistadores deste mundo, foi finalmente derrotado. Até aqueles que nunca perderam uma única batalha na vida, como Alexandre, o Grande, não obstante foram derrotados pela morte. Cristo, porém, é vencedor sobre todos os inimigos. Quando foi para o túmulo, até a morte tornou-se sua cativa. Agora ele vive e reina para sempre, colocando todos os inimigos debaixo dos seus pés. Vamos olhar fixamente para ele, então encontraremos forças para cada luta, esperança para cada provação.

Os destinatários originários de Hebreus enfrentavam grande perseguição por causa da sua fé, talvez até ameaças de morte. Isto é algo que os cristãos experimentam hoje também. O recurso para o medo da perseguição é ver Jesus Cristo entronizado. Hebreus 2.9 nos lembra: "Vemos, todavia, aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte". Foi essa a visão que encheu os olhos de Estêvão, o primeiro mártir. O livro de Atos conta que, enquanto os homens estavam reunidos para apedrejá-lo, ele "cheio do Espírito Santo, fitou os olhos no céu e viu a glória de Deus e Jesus, que estava à sua direita, e

disse: Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, em pé à destra de Deus" (At 7.55-56). Com essa visão ele manteve sua coragem, e com a esperança da salvação encontrou graça para rogar por perdão aos seus assassinos.

A perseguição é fonte de tentação, mas as pessoas também podem se afastar porque são atraídas pela sedução do mundo e seus prazeres. Se conhecermos nossos corações, não subestimaremos essa ameaça do mundanismo à nossa fé. A resposta aqui, também, está em nosso texto: "Considerai Jesus". Vendo Jesus no céu como nosso pioneiro e sabendo que somos co-herdeiros com ele, antecipamos um tesouro glorioso ali, a esperança da glória com ele para sempre. Ele é a nossa glória, não o nosso trabalho, nosso dinheiro ou nosso *pedigree* – não qualquer coisa neste mundo que possa ser tão facilmente tirada de nós. O salmo 16.11 diz: "Tu me farás ver os caminhos da vida; na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente". Um amor pelas coisas de Deus e uma interessada antecipação do céu são os melhores antídotos contra o mundanismo.

Talvez as tentações mais mortíferas venham do nosso próprio sentimento de indignidade, do nosso desencorajamento por causa do pecado e das acusações de Satanás que atormentam nossa frágil consciência. Nós pecamos e o diabo nos diz: "Como você pode se chamar cristão? Não é verdade que você não tem parte com Cristo? Por que você não desiste da fachada?" Você ouve essa voz, sente a ferroada dessa acusação? Então considere Jesus. Sobre ele a Escritura diz: "Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumega" (Is 42.3).

Deixe Jesus ser sua bandeira, a fonte de toda sua confiança. Fixe seus pensamentos em Jesus, contemple a suficiência da sua obra por você e reflita sobre o amor que suportou os seus pecados. E, quando Satanás levantar seu dedo acusador para você, dizendo: "Você é um grande pecador", esteja pronto para dizer: "Sim, eu sou um grande pecador. Mas Jesus Cristo é o Salvador muito maior". Tudo nesta passagem nos leva a considerá-lo. Ele é o grande Apóstolo enviado por Deus para nos trazer salvação; ele não falhará. Ele é o grande Sumo Sacerdote que nos reconcilia com Deus; nada agora nos separará. Ele é o arquiteto e construtor mestre, construindo a casa de Deus para sua própria glória e habitação. Nós somos essa casa. Ele não será impedido; ele não será vencido. A casa que ele constrói sobre a rocha do seu evangelho não será destruída por qualquer tempestade. Assim nós haurimos nossa coragem, nossa confiança e nossa esperança dele. E ali estamos seguros, para o louvor do seu nome.

PARTE 2



Advertências contra a apostasia

10

ADVERTÊNCIA CONTRA A INCREDULIDADE



Hebreus 3.7-12

> *Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo.* (Hb 3.12)

Uma das características de Hebreus é sua elevada concepção das Escrituras. Como o autor exorta sua audiência judaico-cristã a permanecer fiel a Cristo em meio ao sofrimento, essa auspiciosa visão da Escritura cumpre um importante papel. Repetidamente ele apela às citações do Antigo Testamento, na esperança de que seus leitores tomem a Bíblia como autoritativa e válida. Está tão seguro da estima de seus leitores quanto às Escrituras que espera que resistam à perseguição por causa de seu ensino.

O autor fundamenta sua visão da Escritura na reivindicação direta à autoridade divina da Bíblia. No versículo inicial da carta, ele nos fala que "Deus havia falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas" (Hb 1.1). Ele reconhece a instrumentalidade humana, todavia enfatiza a autoria divina. Agora, em Hebreus 3.7, ele escreve: "Assim, pois, como diz o Espírito Santo". Isto é consistente com o testemunho bíblico mais amplo de que a Bíblia é o produto do Espírito Santo que tomou as coisas de Deus e deu-as a nós através de autores humanos. A declaração clássica a esse respeito ocorre em 2Pedro 1.21: "Porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo". O Espírito Santo tem dado a Palavra de Deus através das Escrituras e agora fala a nós pela aplicação dessa Palavra aos nossos corações.

Outrossim, Hebreus 3.7-8 ilustra a persistente relevância e autoridade das Escrituras: "Assim, pois, como diz o Espírito Santo: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração como foi na provocação". Para mostrar que a Palavra de Deus é "viva e eficaz", como dirá em Hebreus 4.12, o autor enfatiza sua relevância.

"Hoje", nas Escrituras, ele diz, o Espírito Santo de Deus "diz" – e nós deveríamos notar o tempo presente do verbo. Os eventos descritos neste texto ocorreram no êxodo. Muitos anos depois o salmista mostrou sua aplicabilidade para a nossa época, provavelmente durante o reino de Davi. "Hoje, se ouvirdes a sua voz", ele diz no salmo 95.7. O autor de Hebreus pega a mesma mensagem, mostrando que Deus fala ainda "hoje" em seus próprios dias, 1.000 anos depois. Era

igualmente válida em sua própria época, igualmente autoritativa e igualmente relevante, porque era de Deus, que jamais muda. Assim, também, essas mesmas palavras aplicam-se a nós 2.000 anos depois de escrita a Carta aos Hebreus: "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração". Tais são a atemporalidade e a autoridade desse livro, que traz para nós a voz de Deus.

A provação de Israel no deserto

Embora esse texto seja atemporal quanto à sua relevância, ele nos aponta de volta para uma série específica de eventos que aconteceram na História, a saber, as rebeliões contra Moisés durante a jornada de Israel no deserto. O autor de Hebreus direciona a atenção dos seus leitores para essa situação como um terrível exemplo do que significa afastar-se da fé em Deus.

A passagem anterior concluiu com uma exortação: "[...] a qual casa [de Deus] somos nós, se guardarmos firme, até ao fim, a ousadia e a exultação da esperança" (v. 6).

Retomando isso nos versículos 7-9, o autor agora nos confronta com um exemplo que parece ser o contrário: "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração como foi na provação, no dia da tentação no deserto, onde os vossos pais me tentaram, pondo-me à prova, e viram as minhas obras [...]".

O cenário lembrado aqui é descrito no livro de Êxodo. O povo de Israel havia sido liberto das mãos de seus exatores no Egito com grande demonstração do poder de Deus. Faraó os perseguira, porém o Senhor abriu-lhes uma passagem através do mar Vermelho, que então engoliu o exército egípcio. Isso está registrado em Êxodo 13 e 14. No capítulo 16, o povo chegou ao deserto através do mar e imediatamente começou a reclamar:

> Toda a congregação dos filhos de Israel murmurou contra Moisés e Arão no deserto; disseram-lhe os filhos de Israel: Quem nos dera tivéssemos morrido pela mão do SENHOR, na terra do Egito, quando estávamos sentados junto às panelas de carne e comíamos pão a fartar! Pois nos trouxestes a este deserto, para matardes de fome toda esta multidão.

Essa é uma expressão de ingratidão e descrença que podemos achar difícil de compreender, até que reconheçamos que nós demonstramos atitude semelhante não menos pretenciosa do que fome e sede no deserto. Em vez de confiar que o Senhor proveria suas necessidades, algo que ele já lhes mostrara estar desejoso e ser capaz de realizar, os israelitas murmuraram contra ele. Mesmo quando o Senhor graciosamente enviou maná do céu, o pão milagroso que chovia sobre a terra, o povo continuou a reclamar, envolvendo-se em mesquinha desobediência, até que confrontou Moisés em franca rebeldia.

Êxodo 17 inicia dizendo: "Tendo partido toda a congregação dos filhos de Israel do deserto de Sim, fazendo suas paradas, segundo o mandamento do SENHOR". O autor de Hebreus nos fala no versículo 8 que esse foi um tempo de provação. Deus libertara seu povo e agora testava sua fidelidade a ele com essas difíceis viagens pelo deserto. Vemos como os israelitas falharam miseravelmente:

> Contendeu, pois, o povo com Moisés e disse: Dá-nos água para beber. Respondeu-lhes Moisés: Por que contendeis comigo? Por que tentais ao SENHOR? Tendo aí o povo sede de água, murmurou contra Moisés e disse: Por que nos fizeste subir do Egito, para nos matares de sede, a nós, a nossos filhos e aos nossos rebanhos? Então, clamou Moisés ao SENHOR: Que farei a este povo? Só lhe resta apedrejar-me. (Êx 17.2-4)

Novamente, Deus foi gracioso e ordenou a Moisés que golpeasse a rocha com seu bordão, e saiu água da rocha para dessedentar o povo. Então, Moisés chamou o lugar de Massá e Meribá, que significa "contenda" e "tentação", as duas palavras usadas em Hebreus 3.8 para significar o descontentamento de Deus para com seu povo incrédulo.

A outra passagem do Antigo Testamento refletida aqui é Números 14, que lembra a maior rebelião de Israel contra o Senhor. No capítulo 13 Deus enviou um espia de cada tribo, 12 ao todo, para observar a Terra Prometida, como preparação para a entrada das nações. Quando retornaram entregaram um sério relatório: "Fomos à terra que nos enviaste; e, verdadeiramente, mana leite e mel. [...] O povo, porém, que habita nessa terra é poderoso, e as cidades, mui grandes e fortificadas; [...] Não poderemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós" (Nm 13.27-31). Apenas dois dos espias, Josué e Calebe, encorajaram o contrário. Josué advogou com o povo: "Não sejais rebeldes contra o SENHOR e não temais o povo dessa terra. [...] o SENHOR é conosco; não os temais" (Nm 14.8-9). Entretanto, Números 14 lembra a revolta geral contra a autoridade do Senhor. O povo gritava que o Deus que os libertara do Egito agora pretendia matá-los em Canaã. Eles se recusaram a obedecer, se recusaram a avançar em direção à Terra Prometida, intentaram apedrejar Josué e Calebe, que se opuseram contra a sua incredulidade.

Foi neste momento que a nuvem da glória do Senhor apareceu no Tabernáculo, resultando em um dos momentos mais impressionantes de toda a Escritura. "Até quando me provocará este povo e até quando não crerá em mim, a despeito de todos os sinais que fiz no meio dele?" (Nm 14.11). Moisés advogou com o Senhor pelas vidas do seu povo, argumentando que, se Deus destruísse os israelitas, agora seu nome seria desonrado entre as nações. Moisés rogou a Deus que glorificasse a si mesmo perdoando o povo: "Perdoa, pois, a iniquidade deste povo, segundo a grandeza da tua misericórdia e como também tens perdoado a este povo desde a terra do Egito até aqui" (Nm 14.19).

Deus os protegeu, porém os puniu, como registrado em Hebreus 3.11. Citando o salmo 95.11, o autor lembra as palavras terrificantes de Deus: "Assim, jurei na minha ira: Não entrarão no meu descanso". A nação de Israel entraria na Terra Prometida, mas nenhum dessa geração seria preservado pelo que ocorrera. Em vez disso, vaguearam 40 anos no deserto. Apenas quando o último dos adultos rebeldes morreu, ficando apenas Josué e Calebe, que confiaram no Senhor, seus filhos foram permitidos adentrar à terra.

Nossa provação no deserto

Qual a relação entre aqueles acontecimentos distantes e as provações enfrentadas pelos primeiros cristãos judeus, ou para nós hoje? O autor de Hebreus demonstra uma compreensão da vida cristã comum ao Novo Testamento, comparando o êxodo à atual vida de fé. Como os israelitas, cada homem ou mulher que alcança a salvação em Cristo é libertado por Deus da casa da servidão – em nosso caso, da escravidão do pecado. Também, como o antigo Israel, nós somos dirigidos à terra da promessa. Nós viajamos para atravessar o rio Jordão, que é corretamente comparado à nossa passagem através da morte, além da qual entraremos em nossa herança celestial. Adicionalmente – e aqui está o ponto que é tão relevante ao nosso texto –, assim como os israelitas suportaram uma passagem de provação no deserto, esta vida presente também se apresenta como um tempo de provações.

Este é o tempo no deserto, o tempo de dificuldade e muitas vezes de tristeza e dor. Nós agora não vivemos na terra prometida, mas no deserto, e quanto mais cedo a conquistarmos, melhor. Isso ajuda a responder questões como: "Por que Deus permite que aconteçam equívocos em minha vida?" ou "Por que as coisas são tão difíceis?" A resposta é que hoje é o dia da provação, e o dia do nosso descanso ainda está por vir.

Todo cristão deveria estar certo das provações nesta vida; provações manifestarão a realidade da nossa fé, ou sua ausência. Como A. W. Pink escreve:

> As provações revelam a condição de nossos corações – uma crise nem produz nem prejudica o homem, mas o *manifesta*. Quando tudo parece um mar de rosas, parece que estamos bem. Mas, somos nós mesmos? Estão nossas mentes firmadas no Senhor, ou, ao contrário, estaremos complacentemente descansando em suas misericórdias temporais? Quando a tempestade se manifesta, não é tanto nossa falha nela, quanto nossa habitual falta de apoio em Deus, de caminhar diariamente na dependência dele, que se torna evidente.[1]

Conhecendo os caminhos de Deus

Vimos a diferença entre o testemunho de Josué e Calebe e dos demais espias incrédulos. Igualmente nossa profissão de fé será aprovada ou reprovada pela resposta que damos diante das provações. Jonathan Edwards escreveu: "Provações [...] tendem a distinguir entre a verdadeira e a falsa religião, e tornar evidente a diferença entre elas".[2] Sabendo ser esta a exortação crucial que resume esses versículos, "não endureçais o vosso coração", isso não é uma tentação? As coisas vão mal, você passa por situações difíceis, fica temeroso, e como é fácil culpar Deus, reclamar, duvidar do seu poder, amor e cuidado. Todavia, não siga o exemplo dos israelitas: lembre-se da obra salvadora de Deus, a qual demonstra seu cuidado por você, e que ele pode livrá-lo. Torne seu objetivo glorificar a Deus pela fé diante de um mundo atento, mesmo e especialmente no contexto de dificuldades e provações.

Um espírito queixoso sempre é indicador de incredulidade, como extraímos claramente desse exemplo do Antigo Testamento. Se nós resmungamos quanto ao tratamento de Deus das nossas questões, seguramente deve ser porque duvidamos da sua sabedoria ou da sua bondade, ou até do

seu poder em nos guiar e proteger – em resumo, seu mérito de ser confiável como nosso Deus. Douglas Wilson explica: "A lamúria é a bandeira da ingratidão, e tremula sobre o centro dos corações incrédulos – 'tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças' (Rm 1.21)."[3] O apóstolo Paulo preveniu os filipenses sobre tal atitude, escrevendo: "Fazei tudo sem murmurações nem contendas" (Fp 2.14), e "Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças" (Fp 4.6).

A reclamação é sintoma de um profundo mal-estar espiritual. Se nós murmuramos e reclamamos, se nós nos rebelamos e nos revoltamos, isso indica um pobre conhecimento de Deus. De fato, foi exatamente esse o diagnóstico do Senhor sobre Israel, como vemos no versículo 10: "Estes sempre erram no coração; eles também não conheceram os meus caminhos". Encerra a mesma denúncia feita diante de Deus pelo profeta Isaías: "O boi conhece o seu possuidor, e o jumento, o dono da sua manjedoura; mas Israel não tem conhecimento, o meu povo não entende" (Is 1.3).

É surpreendente que esses israelitas não conhecessem Deus depois de tudo que eles viram, ouviram e receberam de suas mãos! Como poderiam não ter conhecido seus caminhos? A questão aqui é que, embora eles tenham desfrutado das obras de Deus, não refletiram a respeito delas. Estavam interessados no que Deus fazia por eles, mas não no próprio Deus. Nós somos lembrados da extraordinária oração de Jesus ao Pai em João 17, em que nosso Senhor disse: "E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (Jo 17.3). Salvação não é uma questão de conhecer as bênçãos de Deus – afinal, muitas pessoas que não conhecem Deus conhecem suas bênçãos –, antes, trata-se de conhecê-lo, entender seu caráter e seus caminhos, e mais e mais confiar aos seus cuidados todas as coisas.

Se você não está crescendo na vida em seu conhecimento de Deus, sua compreensão e apreciação de seus caminhos, permita que isto se torne um aviso para você. Devemos estudar o caráter de Deus, aprender o que Deus é através das circunstâncias da nossa vida, especialmente pelo estudo da Bíblia, e crescer em nosso amor por ele. Como Deus manifesta seu poder e graça? Podemos olhar para trás e discernir sua sabedoria outrora oculta, sua bondade, sua paciência, sua santidade e amor? Esse é o modo de adorá-lo, de fato, o modo de preservar nosso coração pecaminoso do endurecimento.

Permita-me colocar de outro modo. O que você deveria buscar quando lê sua Bíblia? Não há nada mais importante para você do que estudar o próprio Deus. "O que esta Escritura me fala sobre Deus, sobre o seu caráter, sobre os seus caminhos?" "Como posso conhecê-lo melhor e confiar mais nele?" O estudo dos atributos de Deus é dentre todos os assuntos o mais vital, pois conhecer Deus é confiar nele e adorá-lo com temor e gratidão. Charles Spurgeon estava certo quando disse a respeito do estudo de Deus:

> É um tema tão vasto, que todos os nossos pensamentos estão perdidos em sua imensidão; tão profundo, que nosso orgulho fica submerso em sua infinitude. [...] Mas, enquanto o sujeito humilha a mente, ele também a expande.

> Nada ampliará tanto o intelecto, nada magnifica tanto a totalidade da alma do homem, quanto uma devota, sincera, contínua investigação do extraordinário tema da Deidade.[4]

Quando Deus está ocupando nossos pensamentos, aprendemos a nos alegrar mesmo em nossas provações. De fato, discernimos que as provações vêm para nos atrair a Deus cada vez mais. Donald Grey Barnhouse observou isto, dizendo: "Como é maravilhoso, quando estamos cegados pelas lágrimas, ver o nosso Deus. De fato, nossas lágrimas tornam-se lentes de cristal através das quais ele é magnificado; e em meio ao sofrimento percebemos a grandiosidade do seu poder e a ternura do seu amor".[5]

Se você quer as dádivas, embora não tenha real interesse pelo Doador, então você não perseverará nas provações desta vida quando circunstâncias se voltarem contra você e as bênçãos de Deus serem vistas apenas com os olhos da fé. Se você se ressente com os desafios enviados por Deus, então, quando o Sol quente bater em suas costas, quando sua garganta secar e se cansar, o que foi dito daqueles antigos israelitas será dito também a você: "Estes sempre erram no coração; eles também não conheceram os meus caminhos. [...] Não entrarão no meu descanso" (Hb 3.10-11).

Israel queixava-se de tudo durante seus 40 anos no deserto, jamais aprendendo os desígnios de Deus, a despeito de misericórdia após misericórdia. Uma e outra vez eles reclamaram e se rebelaram sobre as mesmas e velhas coisas. Durante todo esse tempo, a coluna de fogo de Deus os guiava, o maná caía do céu, a água vertia da rocha, e até suas roupas e sandálias não se desgastaram enquanto o Senhor velava por eles. Ainda, como o autor de Hebreus resume nos versículos 9-11:

> [...] vossos pais me tentaram, pondo-me à prova, e viram as minhas obras por quarenta anos. Por isso, me indignei contra essa geração e disse: Estes sempre erraram no coração; eles também não conheceram os meus caminhos. Assim, jurei na minha ira: Não entrarão no meu descanso.

> Portanto, estamos muito bem advertidos, atenção à exortação com que nosso texto conclui: "Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver entre qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo" (v. 12).

O caminho de Jesus no deserto

O versículo 1 do capítulo 3 nos exortou a fixar nossos pensamentos em Jesus, nosso Apóstolo e Sumo Sacerdote. Os israelitas deveriam ter fixado seus pensamentos em Moisés, que serviu como mediador deles diante de Deus. Eles deveriam manter o foco nele em suas provações, ou melhor, na obra salvadora de Deus revelada através de seu ministério. Depois de todas as grandes e poderosas obras que viram, Moisés era merecedor da confiança deles; ele era a pessoa adequada para ser contemplada em suas provações.

Mas, se os israelitas estavam condenados por esquecer Moisés, quão maior será o preço contra aqueles que abandonarem Jesus Cristo, mediador muito maior e Filho do próprio Deus.

Como o autor de Hebreus coloca: "Como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação" (Hb 2.3), como essa revelada em Jesus Cristo?

Quando lemos a narrativa da vida de Jesus, nós o encontramos, também, enviado ao deserto para um período de provação. Mateus 4.1 nos diz: "[...] foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo". Quão significativo o fato de que ele ficou ali durante *40* dias – o mesmo número de anos que Israel foi provado, porém fracassou (Nm 13.25). Quando estudamos as tentações do diabo contra Jesus, verificamos sua correspondência com os fracassos de Israel. Jesus não reclamou da falta de comida, mas estava satisfeito com a fé em Deus. Israel tentou o Senhor Deus, Jesus (o verdadeiro Israel da fé) respondeu a Satanás: "Está escrito: não tentarás o Senhor, teu Deus" (Mt 4.7). Israel se rebelou, Cristo recusou afastar seu coração de Deus. Ele reprovou o diabo: "Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto" (Mt 4.10). No deserto da sua tentação, Jesus andou nos passos de Israel, obtendo êxito onde esses falharam.

O significado disso é que Jesus vai à nossa frente para clarear o caminho. Ele tem proclamado o caminho da vitória através da perfeita obediência para nossa salvação. Embora falhemos tantas vezes, ele não. Pela fé em Cristo, nossas falhas são ocultadas em sua vitória; nossa infidelidade é revertida em sua obediência. Sua justiça é apresentada em nosso benefício, e agora esse poder nos é disponibilizado pelo Espírito Santo. Por isso Paulo insistiu: "Logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim" (Gl 2.20).

Nós passaremos pelo deserto em segurança, atravessando o Jordão rumo à Terra Prometida? Nós desejamos, se confiamos a nós mesmos aos cuidados de Jesus, confiar na força que ele dá a todos os seus peregrinos. Ele é o pastor das suas ovelhas, e, se nós o seguirmos, olhando para ele pela fé e confiando em sua provisão, encontraremos bondade e misericórdia todos os dias da nossa vida, e habitaremos "na Casa do SENHOR para todo o sempre" (Sl 23.6).

---

[1] A. W. Pink, *An Exposition of Hebrews* (Grand Rapids: Baker, 1954), 169.
[2] Jonathan Edwards, *The Religious Affections* (Edimburgo: Banner of Truth, 1986), 21.
[3] Douglas Jones e Douglas Wilson, *Angels in the Architecture* (Moscou, Idaho: Canon Press, 1999), 80.
[4] Charles Haddon Spurgeon, *The New Park Street Pulpit* vol. 1, 1855 (Passadena, Tex.: Pilgrim Publications, 1975), 1.
[5] Donald Grey Barnhouse, *Expositions of Bible Doctrines Taking the Epistle to the Romans as a Point of Departure*, 10 vols. (Grand Rapids: Baker, 1956), 4:89.

11

A PERDA DA SALVAÇÃO



Hebreus 3.12-19

> *Ora, quais os que, tendo ouvido, se rebelaram? Não foram, de fato, todos os que saíram do Egito por intermédio de Moisés? E contra quem se indignou por quarenta anos? Não foi contra os que pecaram, cujos cadáveres caíram no deserto? E contra quem jurou que não entrariam no seu descanso, senão contra os que foram desobedientes? Vemos, pois, que não puderam entrar por causa da incredulidade.* (Hb 3.16-19)

O autor da Carta aos Hebreus era pastor. Seu interesse ao escrever essa grande exposição era pastoral. Vemos isto com mais clareza em textos como esse que consideramos neste capítulo. Aqui o autor expressa preocupação, como diz no versículo 13: "[...] nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado". Seu propósito não é simplesmente discorrer sobre uma doutrina, embora tenha seu valor, mas aplicar seu ensino e fazer valer sobre seus preciosos leitores, de modo a perseverarem na fé em tempos difíceis. A ideia de perder ainda que seja umas dessas ovelhas pela descrença é suficiente para motivar suas vigorosas exortações.

Esta ênfase é responsável pela repetição do tema principal do autor em Hebreus 3: "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração, como foi na provocação" (Hb 3.15; cf. 3.7-8). A provocação de que fala é aquela registrada em Êxodo 17 e Números 14, quando os israelitas se recusaram a confiar no Senhor durante suas jornadas no deserto, depois que Moisés os tirara da escravidão no Egito.

Após a sua libertação do Egito e da sua passagem pelo mar Vermelho, Deus conduziu os israelitas em difíceis jornadas pelo deserto, pretendidas para testar sua confiança nele. Aquelas provações são análogas a esta vida presente, quando cristãos padecem dificuldades e tentações que igualmente revelam a qualidade da nossa fé. Os israelitas, cansados pela fome, perigo e fadiga, deixaram de confiar na Palavra de Deus enquanto transmitida por Moisés. Desse exemplo, o autor de Hebreus adverte seus leitores a não falhar, especialmente quando nós temos Jesus Cristo ressurreto e exaltado como nosso guia através deste mundo.

Rebelião contra Deus

O autor de Hebreus segue este argumento, ensinando-nos três lições daquela geração de israelitas. A primeira é que *um bom começo não é garantia de um fim glorioso*. Observamos isso no versículo 16: "Quais os que, tendo ouvido, se rebelaram? Não foram, de fato, todos os que saíram do Egito por intermédio de Moisés?" Tais pessoas viram os grandes milagres no Egito,

especialmente a divisão do mar Vermelho. Contudo, quando experimentaram dificuldades, retrocederam!

Até mesmo os inícios mais impactantes não garantem perseverança na fé. Aqui vemos quão pouco podemos confiar em experiências emocionais que tivemos no início da nossa vida cristã. Muitas pessoas confiam em eventos particularmente emocionais do passado – quando certa vez fizeram determinada oração ou renovaram suas convicções indo até o altar. Todavia, nenhum de nós jamais terá uma experiência tão vívida quanto aquela que esta geração de israelitas teve, porém, seu bom começo ainda não poderia dar lugar à confiança diária no Senhor ao longo da caminhada de fé.

Alguns objetarão que isso conflita com o ensino bíblico da segurança eterna. A Bíblia nos fala que todos que confiam genuinamente em Cristo podem estar certos em sua plena suficiência como Salvador. Jesus disse de si mesmo: "Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão" (Jo 10.28). Mas precisamos lembrar que Judas estava em sua companhia naquela época, e porque lhe faltava fé a promessa não foi para ele. Se queremos ter certeza da nossa salvação, então nossa fé deve perseverar nas provações. Se queremos confirmar a nossa vocação e eleição (2Pe 1.10), então é necessário produzir o fruto que a salvação exige.

Os israelitas no êxodo estavam seguros na medida em que caminharam com Deus pela fé. O mesmo será verdadeiro para nós: enquanto confiamos em Jesus podemos estar certos de nossa salvação. Mas isso nos adverte contra qualquer complacência em nossa fé. James Boice resume o ensino bíblico sobre a perseverança:

> Alguns falam como se não fosse necessário um cristão perseverar na esperança, fundamentando que, visto que Deus persevera conosco, nossa perseverança é desnecessária. Nós somos salvos e estaremos salvos, indiferentemente do que fazemos. Este não é o ensino bíblico. É verdade que uma vez iniciada a boa obra em nós ele haverá de completá-la até o Dia de Cristo (Fp 1.6). Mas simplesmente porque ele persevera, nós também perseveraremos.[1]

Quão terrível é ler que *todos* aqueles que Moisés libertou do Egito rebelaram-se contra o Senhor. Conhecemos duas exceções, Josué e Calebe, embora essa esmagadora declaração possa ser feita. Mesmo após um formidável começo, o êxodo, a totalidade do corpo que o experimentou, rebelou-se contra o Senhor. Quão frontalmente esse fato argumenta contra qualquer complacência da nossa parte.

Segundo, aprendemos aqui *quão terrível é ter o coração endurecido para com Deus*. Advertindo-nos de forma sensata sobre a incredulidade, o autor de Hebreus diz: "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração, como foi no dia da provocação" (Hb 3.15).

O significado da terminologia é óbvio. Um coração endurecido é o oposto de um coração sensível, que é facilmente permeado pela Palavra de Deus, é facilmente marcado pelo seu ensino, é movido pelo amor de Deus e é tocado e conquistado pelas extraordinárias obras redentoras de Deus. É uma coisa apavorante estar com o coração endurecido para com Deus, pois sua Palavra é

reprimida no coração sem porosidade, em pouco tempo é arrancada, para jamais ser compreendida, jamais ser amada e acreditada. É assim que Jesus descreve em sua parábola dos quatro terrenos (Mt 13.4,19). Talvez o exemplo mais assustador na Bíblia seja aquele de Faraó. A despeito das mais agressivas demonstrações do poder de Deus e das mais evidentes expressões da vontade de Deus, Faraó não se renderia, mas teimosamente resistiria ao custo de sua própria destruição. Quão terrível que esses israelitas, o povo que viu o exemplo de Faraó e escapou de seu domínio opressor, tenham seguido seu exemplo! Eles também foram duros de coração depois de tudo que Deus fizera; eles queixaram-se contra ele em cada dificuldade e acusaram Deus de pretender prejudicá-los a despeito de suas muitas demonstrações de amor.

Vemos, então, por que tal coração é chamado de perverso ou pecaminoso no versículo 12, pois afasta-se do Deus vivo. No versículo 17, aqueles que não acreditariam são descritos como "os que pecaram", e no versículo 18 nos é dito que desobedeceram. Isso mostra que o pecado é desobediência; é uma falha em ouvir e obedecer a Palavra de Deus. Na descrição desta geração em Êxodo e Números, lemos acerca de um pecado após o outro. Porém, o maior pecado que o autor de Hebreus focaliza é o da incredulidade.

Há uma importante percepção aqui, a saber, que a incredulidade está na raiz de todo pecado. Pecados específicos são como frutos podres pendurados numa árvore má. Mas esse não é o verdadeiro problema. Não é a enfermidade, mas justamente o sintoma. Se somos gananciosos, odiosos, egoístas ou desonestos, isso é evidência de haver algo morto e podre no mais profundo do nosso ser. Frutos maus crescem em árvores más, natureza corrupta. Entretanto, mais profundo ainda, há um sistema de raízes para cada árvore; isso é o que realmente importa. A incredulidade é o sistema de raízes que alimenta cada árvore do pecado.

Em contrapartida, é a crença em Deus que gera em nós a obediência a ele. Noé é um bom exemplo. Ele creu quando Deus predisse o dilúvio, e foi por sua crença que Noé prosseguiu na construção da arca. Por outro lado, porque os israelitas jamais chegaram a conhecer a Deus e não acreditaram em suas promessas, eles se rebelaram contra ele e pecaram no deserto. O problema da fé *versus* incredulidade encontra-se no centro de cada problema espiritual.

Observe que a falta de evidência não é a causa da incredulidade. Esses israelitas tiveram todas as evidências que alguém poderia querer, mas, porque seus corações eram duros, a evidência não resultou em fé. Hoje, igualmente, as pessoas não rejeitam Jesus Cristo em bases filosóficas, mas em bases morais. Elas rejeitam a Palavra de Deus porque têm um amor muito maior pelo pecado, e seu amor pelo pecado exige dureza à Palavra de Deus. A filosofia vem depois; é apenas o fruto da dureza à Palavra de Deus e amor ao pecado. Isto é o que nós encontramos nessa geração israelita: coração duro, que o autor sinceramente deseja que evitemos.

Terceiro, o autor de Hebreus nos compele a encarar *a realidade da ira de Deus contra o pecado*. No versículo 17 aprendemos que Deus foi "provocado" por aqueles que pecaram por incredulidade. No versículo 18 lemos que por causa da atitude deles Deus jurou que jamais entrariam no seu descanso. Em ambos os casos, percebemos a ira de Deus contra o pecado.

Muitas pessoas hoje consideram que a ira seja uma resposta inapropriada de Deus para o pecado. Deus deveria ser mais como nós, pensam: ele não deveria levar o pecado tão a sério. Mas, diferente de nós, Deus é perfeitamente santo, portanto sua ira se inflama contra o pecado.

Quando falamos da ira de Deus, não pretendemos dizer com isso que ele tem um gênio colérico, pelo contrário, a ira de Deus é sua resposta deliberada em juízo para o pecado e pecadores. Como J. I. Packer explica: "Isto é indignação *justa* – a reação *justa* da perfeição moral do Criador diante da perversidade moral na criatura. Assim, longe de a manifestação da ira de Deus em punir o pecado ser moralmente duvidosa, o que seria moralmente duvidoso seria por que ele *não* mostrar sua ira dessa maneira".[2]

Por causa da incredulidade deles e do subsequente pecado toda essa geração de israelitas, o povo redimido por Deus das garras de Faraó, morreu no deserto. "E contra quem se indignou por quarenta anos?" Pergunta o autor de Hebreus. "Não foi contra os que pecaram, cujos cadáveres caíram no deserto?" É a própria natureza de Deus que exige tal resposta ao pecado. Leon Morris salienta: "A Bíblia deixa claro que Deus não está passivo ou indiferente diante do pecado humano. Ele é 'fogo consumidor' (12.29), e sua inevitável reação ao pecado é ira. [...] Deus zela, ele não permite que os israelitas pecadores entrem no descanso".[3]

Com frequência ouvimos que Deus pune o pecado, mas não o pecador, porém, observe a evidência em contrário aqui. Não foi a descrença que morreu e deixou seus ossos nas areias do deserto; foram os próprios incrédulos. Assim, Deus também lança os pecadores descrentes no fogo do inferno – não meramente os seus pecados, mas os próprios pecadores impenitentes.

A ira de Deus foi deliberada, não errática; persistente, não passageira. Um comentarista inicia com o número de homens adultos que partiram do Egito, cerca de 603.550 (Nm 1.46), então adiciona um provável número de mulheres adultas, e calcula que em média 90 israelitas adultos morreram por dia durante 40 anos, até que toda a geração se foi. Diariamente eles eram lembrados do que nós tantas vezes esquecemos, que "o salário do pecado é a morte" (Rm 6.23).[4]

Isso suscita uma questão óbvia: "Significa que todos esses israelitas sofreram a ira eterna de Deus, que eles não só morreram no deserto, mas também foram todos para o inferno?" Por um lado, a morte desses israelitas incrédulos certamente é indício da ira de Deus no maior julgamento que enviou homens e mulheres para o inferno para sempre. Por outro lado, não está registrado na Bíblia que esses israelitas foram condenados à perdição eterna. O problema deles foi a incredulidade, e incredulidade é o que acarreta a perda da salvação – a oportunidade para entrar no descanso de Deus é perdida pela falta de fé. Quaisquer indivíduos que não se arrependeram e não confiaram a si mesmos a Deus durante aqueles 40 anos certamente devem ter morrido sem a salvação. Contudo, podemos esperar que muitos deles se arrependeram, creram, então foram perdoados. Afinal, durante longos anos de permanência da sua punição, os israelitas tinham Deus no meio deles, tinham o ministério de Moisés e Arão, e tinham os sacrifícios do Tabernáculo, através dos quais a graça de Deus lhes era diariamente oferecida. Não

obstante, a perda da oportunidade para adentrar à Terra Prometida provê uma dramática advertência contra os riscos da incredulidade.

Antídoto contra a incredulidade

O exemplo de Israel, seguramente, só serve para nos despertar para o problema da incredulidade. É com isso em mente que, talvez com renovada sinceridade e senso de urgência, nós nos voltamos para o antídoto contra a incredulidade que o texto apresenta. A solução vem na forma de duas exortações: uma que diz respeito a nós mesmos e outra que diz respeito aos outros. Primeiro, o autor exorta: "cuidado, irmãos", uma ordem que é corretamente tirada de "Tende cuidado" (Hb 3.12). Para isso acrescenta: "exortai-vos mutuamente cada dia" (Hb 3.13).

Esse é um excelente ensinamento para nós hoje. Devemos exercitar a vigilância atenciosa sobre nossos próprios corações e vir com outros à igreja para exortá-los a fazer o mesmo. João Calvino explica por que isso é realmente necessário:

> Como por natureza somos inclinados a ceder-nos ao mal, temos necessidade de múltiplos auxílios para conservar-nos no temor de Deus. A menos que nossa fé se reanime reiteradamente, ela se entorpecerá. A menos que ela se aqueça, arrefecerá. A menos que ela se mantenha de pé, se definhará. [O autor de Hebreus], pois, deseja que a estimulem através de mútuo encorajamento, a fim de que Satanás não penetre sorrateiramente seus corações e com suas falsidades os afaste de Deus.[5]

A palavra grega para "exortar" é *parakaleō*. O prefixo *para* significa "ao lado de" e o verbo *kaleō* significa "chamar". O quadro, então, é que devemos nos colocar ao lado uns dos outros diariamente, exortarmo-nos uns aos outros à prática da fé cristã.

O cristianismo não é um esforço individual, antes é uma atividade em equipe. Assim, se nós não conhecemos a natureza das lutas dos nossos irmãos de fé, se não compartilhamos as nossas com eles, então jamais estaremos aptos a prosseguir com essa visão. O resultado, nesse caso, será que as pessoas entre nós cairão vítimas do pecado. Portanto, estamos ordenados a ficar atentos a essas coisas no corpo de Cristo, assegurando, desse modo, que nenhum de nós caia por causa do engano do pecado, visto ser "hoje" – isto é, nesta presente época de provações, com oportunidades e perigos semelhantes àqueles que os israelitas enfrentaram – que devemos ficar atentos e exortarmo-nos uns aos outros diariamente quanto à fé.

Especificamente, devemos ser cuidadosos quanto aos "enganos" do pecado. A Bíblia vincula esse rótulo a inúmeras situações. Ela muitas vezes fala dos falsos mestres que nos levariam à perdição por seus enganos. Paulo adverte contra eles, dizendo: "Porque esses tais não servem a Cristo, nosso Senhor, e sim a seu próprio ventre; e, com suaves palavras e lisonjas, enganam o coração dos incautos" (Rm 16.18). Colossenses 2.8 diz a mesma coisa sobre filosofias mundanas, e Provérbios 12.5 nos diz que "os conselhos do perverso [são] engano". Certamente, então, devemos exercitar cuidadosa atenção contra os atraentes ensinos, porém enganosos, que induzem a mente ao erro.

Mas isso ainda piora, pois a Bíblia continua dizendo que nossos corações são enganosos. Jeremias 17.9 é o versículo mais conhecido sobre o assunto: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?" Em Efésios 4.22, Paulo nos diz que nossa natureza humana, separada da obra salvadora de Deus, "se corrompe segundo as concupiscências do engano". Isso soa bem mais familiar: não posso confiar em meu coração, diz a Bíblia. Meus desejos não são confiáveis. O homem sábio sabe que isto é assim – que as coisas que desejamos muitas vezes são tolas e vazias, se não declaradamente idólatras –, portanto ele procura o escrutínio e a exortação dos irmãos e irmãs no Senhor.

Mais ameaçador ainda é a presença de um farsante pessoal solto no mundo. A Bíblia nos diz que o diabo é um profundo enganador que seduz homens e mulheres à insensatez e incredulidade, como ele seduziu Eva no jardim. Ele mesmo se faz passar por anjo de luz (2Co 11.14). Depois, há o pecado em si, que tem como uma de suas principais qualidades essa de ser enganoso. Não devemos brincar com o pecado, ou seremos atraídos e ludibriados.

Considere o caso de um homem que se encontra tentado a deixar sua esposa e filhos por outra mulher. O pecado parece tão sedutor; ela é muito mais bonita do que a velha e comum esposa da qual sente-se cansado. Ela o admira tanto; ela mexe com seu ego, do que sua esposa apenas reclama. Ela seria melhor para ele a despeito dos tabus quebrados; ele estará em situação melhor e mais feliz com a adúltera. As pessoas entenderão; elas superarão isso; seus filhos no final das contas ficarão felizes por ele.

Isso tudo, no entanto, é um grande engano. Não será mais tão maravilhoso, porque o problema com seu casamento é seu próprio coração, e ele logo se cansará de sua nova amante também. Ela o admira agora, mas pensará menos dele quando perder seu trabalho, sua reputação, seu dinheiro e sua autoestima. Seus filhos não superarão isso, antes carregarão cicatrizes e traumas todos os dias de suas vidas. O pecado diz que será melhor e ele será mais feliz, mas é um engano. Ele caminha a passos largos rumo à miséria e ruína, trazendo desgraça sobre si mesmo e, se for cristão, escândalo para a igreja e mesmo para o nome de Jesus Cristo.

O pecado anuncia prazer, mas entrega dor. O problema é que nossos corações estão desejosos de serem enganados. Combine isso com a realidade de que o pecado é enganoso em sua verdadeira natureza, e você vê por que temos necessidade tão grande de companheiros piedosos, de exortação e de advertências nos primeiros estágios da tentação. Nós precisamos de auxílio para ficarmos atentos às circunstâncias espiritualmente perigosas com que nos deparamos – trabalhos e laços familiares ou relacionamentos ou tentações específicas que por sua natureza são hostis à fé cristã. Portanto, devemos nos exortar mutuamente, para que alguns de nós não cedam às decepções do pecado, até mesmo ao endurecimento dos nossos corações contra Deus.

Devemos entender que o pecado não é simplesmente algo que nós fazemos. O pecado é um poder, um exército inimigo, como um bando de lobos que cerca o rebanho e procura abater alvos vulneráveis. Por isso, como Simon Kistemaker escreve: "Os fiéis têm uma responsabilidade

comunitária e individual para zelar pelo bem-estar de seus membros. Devem considerar essa responsabilidade uma santa obrigação e explicitar fidelidade absoluta".[6]

Da decepção cresce a dureza do coração – tal foi o destino dos israelitas que ficaram debaixo da ira de Deus. A comunhão cristã, que envolve oração, estudo da Bíblia e amizade significativa, é um forte baluarte contra a decepção do pecado; em tal companhia os argumentos do pecado perdem sua eficácia, e somos fortalecidos na fé e obediência. Nosso objetivo é perseverar até ao fim e entrar no descanso de Deus, e nossa estratégia é vigilância mútua. Que causa honrosa é essa! Vale a pena o inconveniente. Vale a pena tirar um tempo do nosso tempo de descanso. Vale a pena o sacrifício real que recompensará os dividendos da vida eterna.

Em sua excelente alegoria da vida cristã, *O Peregrino*, John Bunyan apresenta sua compreensão da importância da companhia dos piedosos. Num ponto da jornada rumo à Cidade Celestial, o herói de Bunyan – um homem chamado Cristão – encontra um sujeito cristão chamado Esperança. Bunyan escreve: "Eles fizeram uma aliança de irmãos e concordaram em ser companheiros". Que declaração maravilhosa! É uma reminiscência da descrição dos homens piedosos da geração do rei Asa, como narrada em 2Crônicas 15.12: "Entraram em aliança de buscar ao SENHOR, Deus de seus pais, de todo o coração e de toda a alma".

Dessa forma, Cristão e Esperança passaram a viajar juntos, e sua comunhão foi de grande proveito. Logo se depararam com outro viajante, um homem chamado Interesse-Próprio, da cidade de Boas-Palavras. Partilhando seu discernimento, Cristão e Esperança perceberam que esse era um homem a ser evitado. A seguir, encontraram um grupo conduzido pelo Sr. Apego-ao-Mundo, que tentou seduzi-los na obtenção de ganhos desonestos, e juntos o reprovaram. Depois chegou Demas, que os chamou para que saíssem do caminho, prometendo um lugar repleto de riquezas do mundo. Desta vez, Esperança ficou iludido e desejou dar uma olhada. Cristão, porém, o advertiu: "Já ouvi falar deste lugar. [...] O tesouro é uma cilada para aqueles que o buscam". Ele exortou Esperança: "Nem mais um passo devemos dar nessa direção. Continuemos nosso caminho", e os dois companheiros seguiram adiante, seguros em sua peregrinação. Mais tarde chegaram ao Castelo da Dúvida, onde foram lançados numa hedionda prisão. Aqui foi Cristão quem fraquejou, caindo na tentação do Gigante Desespero, de cometer suicídio como única forma de escape. Desta vez foi Esperança que manteve sua fé, lembrando-se dos mandamentos de Deus. Com sua ajuda Cristão encontrou a chave, chamada Promessa, que abriu a porta permitindo que ambos escapassem do Castelo da Dúvida.[7]

Este é o tipo de auxílio que devemos dar uns aos outros, cada um de nós em nossa fraqueza e dúvida sendo socorridos pela força e fé dos nossos irmãos, cada qual ajudando o outro, para que suportemos juntos.

Confiança para suportar

Vimos anteriormente que um bom começo não é suficiente, que precisamos perseverar nas dificuldades até ao fim, apegando-nos e confiando em Jesus Cristo para nossa salvação. O autor

repete isso em seu resumo no versículo 14: “Porque nós temos tornado participantes de Cristo, se, de fato, guardarmos firme, até ao fim, a confiança que, desde o princípio, tivemos”. Essa é a perseverança que testa, prova e demonstra o fato de que estamos verdadeiramente unidos a Jesus Cristo.

Observe, todavia, o que estamos guardando até ao fim: “a confiança, que desde o princípio, tivemos” (Hb 3.14). Do que devemos estar confiantes? Não de nossas próprias ações ou força, mas do poder para a salvação que está em Jesus Cristo. Essa é a nossa “confiança primeira”, isto é, a mensagem do evangelho que em primeiro lugar nos salvou. É nisso o que devemos perseverar até o fim. O evangelho não é meramente uma mensagem que se deve ouvir apenas uma única vez, no início da vida cristã. O evangelho que nos torna cristãos – as boas-novas de nosso Senhor crucificado e ressuscitado – também nos guarda na fé. Assim, vamos diligente e obedientemente proclamar o evangelho aos outros, que nenhum de nós fique endurecido pelo engano do pecado.

“Tende cuidado, irmãos”, diz o autor, “jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo”. Quais as implicações disso? Penso que um de nossos belos hinos, “Blest Be the Tie That Binds”, coloca isso muito bem:

> Perante o trono do Pai
> derramamos nossas súplices orações;
> nossos medos, nossas esperanças, nossos objetivos são um,
> nossos confortos e nossas preocupações.
> Juntos compartilhamos nossas angústias,
> suportamos nossos fardos,
> e tantas vezes pelo mútuo derramar
> a compaixão das lágrimas.[8]

Essas não são palavras para serem meramente cantadas, mas palavras para vivermos juntos na igreja. E assim devemos todos permanecer fiéis até ao fim, e que esta grande salvação não possa ser perdida por nós, e que no devido tempo possamos todos entrar no descanso de Deus.

---

[1] James Montgomery Boice, *Genesis*, 3 vols. (Grand Rapids: Baker, 1998), 2:517.
[2] J. I. Packer, *Knowing God* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1979), 166.
[3] Leon Morris, *Hebrews* (Grand Rapids: Zondervan, 1981), 34.
[4] Simon J. Kistemaker, *Thessalonians, the Pastorals and Hebrews* (Grand Rapids: Baker, 1984), 93.
[5] João Calvino, *New Testament Commentaries*, 12 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), 12:41.
[6] Kistemaker, *Hebrews*, 98.
[7] John Bunyan, *The Pilgrim’s Progress* (Nashville: Thomas Nelson, 1999), 85-100.
[8] John Fawcett, “Blest Be the Tie That Binds”, 1782. [Em inglês: “*Before the Father’s throne/ we pour our ardent prayers;/ our fears, our hopes, our aims are one,/ our comforts and our cares.// We share our mutual woes,/ our mutual burdens bear,/ and often for each other flows/ the sympathizing tear*”.] [Edição em português: Hinário Presbiteriano Novo Cântico, nº 183: Benditos laços. São Paulo: Cultura Cristã.]

12

O DESCANSO SABÁTICO



Hebreus 4.1-5

> *Temamos, portanto, que, sendo-nos deixada a promessa de entrar no descanso de Deus, suceda parecer que algum de vós tenha falhado.* (Hb 4.1)

Uma das características marcantes da Carta aos Hebreus é o ponto de vista distintivo da história que ela apresenta. Nós viemos encontrando esse ponto de vista nesta longa exortação que começa no capítulo 3 e se estende até o capítulo 4. Esta exortação gira em torno do uso que o autor faz do salmo 95, com o versículo-chave: "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração".

A palavra-chave é "Hoje", que o autor diz aplicar-se aos seus leitores do século 1º, como fizeram os leitores de Davi 1.000 anos antes, exatamente como se aplicou à geração do êxodo a que ele se refere. "Hoje" é o tempo quando a promessa que todos os fiéis entrarão no descanso do Senhor encontra-se ainda aberta e disponível. "Hoje", nesse sentido, é nosso tempo mais do que foi para eles.

O cenário, como vimos nos estudos anteriores, é o êxodo de Israel em sua jornada no deserto. Essa geração foi reprovada no teste; queixou-se e desobedeceu a Deus, não se voltou a ele em fé. Como resultado, não entrou no descanso de Deus, isto é, na Terra Prometida. O autor de Hebreus enfatiza: "Vocês precisam perceber que estão na mesma situação. Suas provações são como a deles; como você responde a elas determina se você entrará ou não na salvação de Deus".

Essa é a visão da história da salvação na Carta aos Hebreus. Na medida em que a questão é a salvação, estamos essencialmente no mesmo cenário histórico dos israelitas. Isso é verdade especialmente quando chega àqueles primeiros cristãos que receberam em primeira mão essa carta. Como eles, estamos vivendo depois da morte e ressurreição de Jesus Cristo, após a sua ascensão aos céus e ali revestido de autoridade, e antes da sua segunda vinda, quando a oportunidade de salvação terá passado e a colheita finalmente será concluída. Então, como respondemos ao evangelho "hoje" é o elemento mais decisivo em nossas vidas.

Portanto, atenção

É neste contexto que lemos as palavras do versículo 1: "Temamos, portanto, que, sendo-nos deixada a promessa de entrar no descanso de Deus, suceda parecer que algum de vós tenha falhado". O texto grego diz literalmente: "Temamos". A questão é dizer: "Por isso, estejamos

alarmados com a perspectiva, dado o momento decisivo de oportunidade e provação, que qualquer de vocês não persista na salvação".

Percebemos um par de ênfases centrais à mensagem global da carta. A primeira é a exigência de perseverança nas provações, que é a intenção do autor ao dizer "parecer que algum de vocês tenha falhado". A metáfora é de um atleta, e a ideia é o final da corrida. A perseverança é um elemento essencial da vida cristã. De fato, correr até ao fim é a característica da fé genuína, salvadora, enquanto o abandono é a marca da fé falaciosa que não leva à salvação.

A segunda ênfase é a responsabilidade comunitária ou mútua. Vimos isso poucos versículos atrás: "[...] exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado" (3.13). Aqui nós temos o mesmo ponto de vista: "Temamos, para que nenhum de vós pareça ter falhado". Observe que o sujeito da sentença é plural – somos "nós" que devemos ser cuidadosos – enquanto o objeto é singular – alguém abandone. Esta é a atitude que precisamos na igreja hoje, alguém que diga: "Sim, eu *sou* o guardador do meu irmão. Eu faço parte dos problemas espirituais dos outros aqui e sou responsável não apenas pela minha própria salvação, mas pela deles também". Não é um convite para interferir destrutivamente, antes para a edificação mútua, que é a definição de vida na igreja. Isso é tão importante para a vida da igreja que o apóstolo Tiago concluiu sua carta com esta observação: "Sabei que aquele que converte o pecador do seu caminho errado salvará da morte a alma dele e cobrirá multidão de pecados" (Tg 5.20).

Simon Kistemaker está certo quando diz: "Devemos reparar cuidadosamente os membros que possam estar se desviando da verdade na doutrina ou na conduta, e então, orar com eles e por eles. Estamos constantemente em busca dos retardatários espirituais".[1] Ao ler essas palavras, não posso deixar de me lembrar dos meus dias como oficial do Exército dos EUA. Todas as manhãs todas as unidades realizavam treinamento de aptidão física, centenas de pequenas unidades correndo em formação, às vezes por longos períodos, até os homens estarem completamente exaustos. Você poderia dizer todo o necessário para conhecer a moral e a liderança, até mesmo a efetividade combativa de uma unidade, pela maneira como corria em formação. Uma boa unidade era completamente unida, ainda que tivesse de diminuir um pouco o ritmo. Havia encorajamento mútuo no exercício. Caso um homem caísse – essa é a linguagem no versículo 1 – , se um homem estivesse exausto ou desanimado e retardatário, uma boa unidade ficaria ao redor para resgatá-lo, encorajá-lo para que retomasse sua determinação. Não sendo um corredor de longa distância particularmente dotado, posso lembrar dos momentos que pensei que não chegaria mais longe, mas fui praticamente carregado pelo incentivo dos meus colegas soldados até minhas pernas recuperarem a força. Isso é fazer parte de uma equipe de verdade.

O contrário era verdade de unidades menores. Em unidades deficientes, você perceberia soldados dispersos pelo caminho, caídos e mesmo desistindo totalmente, enquanto a coluna principal prosseguia alheia. Os soldados que perseverariam em unidades mais coesas caíam no esquecimento, eram deficientes.

É justamente isso que o autor de Hebreus quer evitar, tendo em vista, especialmente, que os interesses são elevados em matéria de salvação. Uma boa igreja, portanto, não será definida pelo tamanho do edifício, nem pelo número de membros ou quantia de dinheiro arrecadado. Antes, pelo padrão de Deus, uma igreja de qualidade será aquela que não deixa qualquer desgarrado ficar para trás ou perecer por incredulidade. O tipo de igreja que o autor de Hebreus busca é aquela onde o *desencorajado* é impulsionado pelo *encorajamento*, onde o fraco encontra força no cuidado dos outros, e aqueles que estão em perigo de cair no engano do pecado são chamados à fé com espírito de amor.

Salvação como descanso

A questão que o autor de Hebreus tem em mente aqui é nada menos do que a salvação eterna das nossas almas. Ele faz referência a isso com um termo que ainda não discutimos. Consistentemente, e, extraindo sua terminologia do salmo 95, ele descreve salvação como o "descanso" oferecido por Deus.

O que ele pretende com esse tipo de linguagem? A primeira resposta é olhar o contexto, a saber, o êxodo do povo de Deus do Egito para a Terra Prometida. Como explica um comentarista: "O conceito de descanso no contexto da promessa à geração do êxodo tem a conotação de entrar em Canaã (a Terra Prometida), onde Israel experimentaria alívio do tumulto e segurança de seus inimigos".[2]

Em que sentido isso se aplica aos leitores de Hebreus? O autor não quer dizer que eles viverão de riquezas materiais e paz temporal, visto que a carta foi escrita para aqueles que enfrentavam perseguições, com todas as privações e perigos que isso implica. O Novo Testamento não promete aos crentes uma vida sem lutas neste mundo. De fato, Jesus disse: "No mundo, passais por aflições" (Jo 16.33).

Obviamente, o sentido é espiritual. Nossas almas que serão supridas e mantidas a salvo. Certamente isso é o que Jesus tinha em mente em seu excelente discurso sobre o pão da vida em João 6: "Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede. [...] E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu, pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia" (Jo 6.35,39).

Jesus oferece às nossas almas os mesmos benefícios oferecidos a Israel na Terra Prometida: provisão abundante e segurança plena. De fato, a linguagem que Moisés usou para a Terra Prometida pode ser diretamente aplicada às nossas bênçãos espirituais em Jesus Cristo: "[...] terra que mana leite e mel. [...] terra de montes e de vales; da chuva dos céus beberá as águas; terra de que cuida o SENHOR, vosso Deus; os olhos do SENHOR, vosso Deus, estão sobre ela continuamente, desde o princípio até ao fim do ano" (Dt 11.9-12).

Os cristãos experimentam provações de todos os tipos, como a fé de Israel foi desafiada no caminho para a Terra Prometida. Porém, Paulo poderia escrever do descanso da salvação de Deus com palavras que o povo fiel a Deus sempre julga verdadeiras: "E o meu Deus, segundo a

sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades" (Fp 4.19).

O descanso sabático de Deus

Tudo isso está claramente implicado pela referência à jornada do êxodo e o oferecimento do descanso. O autor enfatiza isso pela repetição da citação do salmo 95 nos versos 3 e 5: "Não entrarão no meu descanso". A questão não é reiterar a falha da incredulidade dos israelitas, mas trazer luz à realidade do descanso que foi providenciado e permanece como um oferecimento para esse dia.

Na parte final do versículo 3 e no versículo 4, porém, o autor de Hebreus acrescenta outra referência do Antigo Testamento para desenvolver sua definição de descanso salvífico. Aqui a citação é da criação narrada no início de Gênesis: "[...] descansou [Deus] nesse dia de toda a sua obra que tinha feito" (ver Gn 2.2). A questão que realmente importa aqui é que o descanso que Deus nos oferece na salvação é nada menos do que o descanso que ele mesmo desfrutou no término da sua obra da criação.

Lembramos de Gênesis 1, em que lemos que Deus trabalhou seis dias, cada dia acrescentando mais à sua bela criação. Então, no sétimo dia, Deus descansou. Esse descanso não foi uma situação temporária, mas condição permanente para Deus. O primeiro dia foi concluído com estas palavras: "Houve tarde e manhã, o primeiro dia" (Gn 1.5). Essa frase se repete em cada um dos seis dias trabalhados por Deus. Esse padrão, porém, não continua no sétimo dia. Diferente dos outros dias, esse dia de descanso sabático não termina; não se completa, antes, prossegue para sempre.

Quando falamos que Deus descansou, não temos a intenção de dizer que ele saiu de férias ou suspendeu seus cuidados do nosso mundo. A situação é outra; após ter feito, ordenado e submetido a criação de acordo com seu plano, seu controle era de forma absoluta, sua soberania igualmente inquestionável, Deus sentou-se em seu trono sem qualquer oposição efetiva. Seu reino é de descanso – isto é, de absoluta supremacia e soberania inatacável – tanto que ele exerce todo seu governo em posição de descanso. É o tipo de descanso possível a Deus que pode dizer: "[...] eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a Antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade" (Is 46.9-10). Assim, quando pensamos no descanso sabático de Deus, devemos imediatamente pensar em seu governo soberano absoluto, inatacável.

Entrar no descanso sabático eterno de Deus, portanto, significa entrar no relacionamento salvífico com tal Deus. Quando Deus se torna nosso Salvador, nós nos tornamos parte desse reino sob seu governo total e soberano sobre nós e por nós. Sua obra em nossas vidas está estabelecida, mesmo quando o autor de Hebreus diz da obra de Deus na criação: "Embora, certamente, as obras [de Deus] estivessem concluídas desde a fundação do mundo" (Hb 4.3).

Isso significa que se você tem depositado sua fé nessa salvação de Deus, se você tem confiado em seu evangelho em Jesus Cristo, você agora pode descansar. Você pode parar de se preocupar se tem ou não um lugar no céu. Você pode parar de se inquietar se resistirá como cristão. Você pode lançar fora todo medo quanto ao que o mundo fará com você. Você pode enfrentar a perspectiva da perda nesta vida, de sofrer, e até da morte, pois nosso Deus é o Deus do Sabá, que estabeleceu seus propósitos para sempre desde o início. Pela fé nele você entra em seu descanso. Ele é o Deus que nos diz: "Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o SENHOR; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais" (Jr 29.11). Então, você pode descansar em seu propósito salvador.

Toda pessoa que já foi soldado sabe o que significa estar num campo de operações e então ser enviado para trás das linhas para um período de descanso. Na linha de frente, você está sempre sujo, sua alimentação é inconsistente, e o que você consegue comer é fraco. Mais difícil de tudo é a vigilância constante, a necessidade de estar sempre alerta ao perigo, que raramente está distante. Lembro vividamente como era ser retirado para descansar, tomar meu primeiro banho em dias, comer alimentos quentes e cozidos recentemente. Porém, melhor de tudo era a sensação de paz, a oportunidade para dormir profundamente e por mais tempo, o descanso da segurança e da provisão.

É nisso que nós adentramos espiritualmente e pela fé, e o que nós perdemos pela incredulidade. Jesus clama: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve" (Mt 11.28-30). Ele oferece descanso do fardo dos seus pecados, que ele leva em suas costas e deposita-os na cruz, e descanso dos problemas deste mundo. Sim, você os terá em sua vida, Jesus disse, "mas tende bom ânimo; eu venci o mundo" (Jo 16.33).

Descanso salvífico é viver na presença de Deus, sentindo o calor do seu amor, confiando na força das suas mãos que nos sustentam para sempre. É dizer com o apóstolo Paulo: "Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Rm 8.38-39).

Ouvir e crer: o caminho para o descanso de Deus

Ouvindo o oferecimento de tal descanso, podemos entender a urgência com que o autor de Hebreus fala da fé em Jesus Cristo. A questão é: Como posso entrar nesse maravilhoso descanso? A resposta é, confiar no Senhor Jesus Cristo para a salvação. O versículo 3 nos diz: "Nós, porém, que cremos, entramos no descanso". Quem são as pessoas salvas, o povo de Deus que entra no seu descanso e desfruta de um relacionamento salvífico com ele? São aqueles que creem na mensagem do evangelho que ouviram.

Devemos acolher pessoalmente a oferta da salvação de Deus pela fé. Esse é o tema do autor no versículo 2: "Porque também a nós foram anunciadas as boas-novas, como se deu com eles; mas a palavra que ouviram não lhes aproveitou, visto não ter sido acompanhada pela fé naqueles que a ouviram". Não é o bastante simplesmente vir à igreja, mais do que era suficiente ter sido membro de Israel durante o êxodo. Não é o suficiente ouvir o evangelho ou mesmo entendê-lo para explicá-lo a outros ou mesmo apreciar sua maravilha e beleza. A menos que você receba o evangelho pela fé, você não entrará no descanso de Deus; você não será salvo. De fato, se você ouvir o evangelho e não associar o ouvir ao crer, se você não responder a ele pela confissão de si mesmo como pecador e lançando-se a Cristo para salvação, esse evangelho que o versículo 12 descreve como "mais cortante do que qualquer espada de dois gumes" se tornará fonte de perdição em vez de salvação. Para todos que ouvem, mas não creem, independentemente de qualquer outra coisa que eles façam, Deus diz: "Como jurei na minha ira: Não entrarão no meu descanso" (Hb 4.3).

Se você está presente na igreja, ouve a pregação do evangelho, talvez desfrutando da música e do ambiente de amor, mas não tem pessoalmente confiado em Cristo, você está em grande perigo. Não se iluda achando encontrar-se em situação neutra ou até promissora, pois não está. Até você receber Cristo como seu Salvador, você está em rebelião contra o evangelho por você ouvido, está excluído do descanso de Deus e encontra-se debaixo da ira de Deus. Você precisa crer no evangelho e descansar na obra salvadora de Cristo por você.

Uma ilustração do descanso que a fé traz vem de John G. Paton, um missionário pioneiro nas Ilhas Hébridas. Paton se empenhou no trabalho de traduzir a Bíblia para o idioma nativo, o qual até então não possuía forma escrita. Logo no início encontrou o problema de que o idioma não possuía uma palavra para fé, a qual, dada a mensagem bíblica, apresentava um problema real. Um dia, porém, Paton observava uma expedição de caça. Quando os caçadores retornaram de seus esforços, ele os observava enquanto deixavam-se cair nas cadeiras, e exclamavam: "Poxa! Como é bom deitar aqui e descansar". Paton se levantou e escreveu as palavras; eles mesmos forneceram a tradução para a palavra "fé" para a Bíblia nativa.[3] Pela fé o pecador fatigado deita-se e descansa em Jesus Cristo, sustentado pelo evangelho. Podemos substituir a tradução de Paton em vários versículos da Bíblia: "Deite-se no Senhor Jesus e serás salvo" (At 16.31). "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele se deita não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16).

O significado disso é que você deve confiar para sua salvação não naquilo que você faz ou possa fazer – que pode conduzir somente à condenação por causa do pecado e dos insucessos –, mas confiar no que Jesus fez. Hebreus 4.10 coloca deste modo: "Porque aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das suas". Você não confia mais em suas próprias obras, mas descansa em Deus, e sua obra concluída da salvação.

Que diferença faz descansar no Senhor Jesus e com isso entrar no descanso de Deus. Isso traz paz com Deus e produz alegria interior. Esse é o maior motivo para confiar no Senhor nos dias

atuais de oportunidade, quando a promessa de entrar no descanso de Deus ainda permanece de pé. Pois de nada nos aproveitará ouvir sem crer, sem lançar-se nele que veio para salvar, chamando-nos para o descanso sabático eterno de Deus.

---

[1] Simon J. Kistemaker, *Thessalonians, the Pastorals and Hebrews* (Grand Rapids: Baker, 1984), 104.
[2] William L. Lane. *Hebrews* 1-8 (Dallas: Word Books, 1991), 98.
[3] Ver James Montgomery Boice, *The Gospel of John* (Grand Rapids: Zondervan, 1967), 195.

13

ENTRAR NO DESCANSO DE DEUS



Hebreus 4.6-11

> [...] *resta um repouso para o povo de Deus. Porque aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das suas.* (Hb 4.9-10)

O céu é como a primeira base no jogo de beisebol na Little League. Costuma-se dizer que o desafio mais difícil nos esportes é rebater uma bola de beisebol e, depois de rebater a bola, há nove demônios tentando impedi-lo de alcançar a primeira base a salvo. Para muitos meninos e meninas, alcançar a primeira base é um objetivo distante, um grande chamado não diferente dos pensamentos de Israel quanto à Terra Prometida.

Uso essa comparação sem deixar de levar a sério o caminho do descanso celestial aguardado por todos os que creem em Cristo. Reconheço que a vida cristã é consideravelmente mais difícil do que a Little League, e que os desafios são muito superiores. Porém, o que me atrai nessa comparação é a presença de duas figuras presentes na Little League: um pai e seu filho.

Não é apenas o filho que se esforça para alcançar a primeira base. Havia um pai que sonhava com essa visão e incentivava, talvez quando aqueles primeiros passos foram dados ou até mesmo antes. Havia um pai que transmitia seu próprio amor ao jogo, que contou histórias e foi o primeiro a despertar a paixão pelas unidades de linha e bases roubadas. Ele chegava em casa mais cedo do trabalho quando podia; ficava no calor escaldante ou na chuva fina, fazendo arremessos suaves um após outro. Há um pai que fica em arquibancadas enferrujadas agonizando com seu filho em cada campo. Finalmente, após uma longa disputa, quando esse menino ou menina rebate a bola, corre para a primeira base, planta os pés ali enquanto o árbitro grita: "salvo", é para o pai que o rosto radiante da criança se volta, e juntos se deliciam em pura alegria pelo que foi alcançado. "Você viu meu filho?", ele grita com prazer. "Você viu minha menina?"

Esta é a razão por que a primeira base é como um céu – não meramente por causa da labuta que a precede, mas também por causa da satisfação que compartilharemos com nosso Pai celestial, quando finalmente chegarmos lá.

Resta ainda um descanso

Em última análise, é o céu que está na mente do autor de Hebreus enquanto compele seus leitores a entrar no descanso de Deus pela fé em Cristo. O termo "descanso" ocorre cinco vezes neste texto (Hb 4.6-11). Primeiramente ocorre em 3.11, em que ele cita o salmo 95 referindo-se à

geração infiel de Israel no êxodo: "Jurei na minha ira: não entrarão no meu descanso". Ali "descanso" refere-se à entrada na Terra Prometida de Canaã, a terra da prosperidade e segurança. Por diversos parágrafos, o autor de Hebreus nos exorta a não seguir o exemplo daquela geração do êxodo que se queixava contra Deus, acusando-o de falhar em prover, e recusou depositar confiança nele. Como resultado, eles não entraram na Terra Prometida, antes, morreram no deserto entre o Egito e Canaã.

Enquanto desenvolve esse argumento, o autor de Hebreus antecipa uma objeção. Seus leitores podem naturalmente se perguntar: "Sim, essa geração infiel não entrou no descanso em Canaã, seus filhos, porém, entraram sob o comando de Josué. Por que, então, você busca falar de um 'descanso' que ainda permanece?" O autor responde:

> Visto, portanto, que resta entrarem alguns nele e que, por causa da desobediência, não entraram aqueles aos quais anteriormente foram anunciadas as boas-novas, de novo, determina certo dia, Hoje, falando por Davi, muito tempo depois, segundo antes fora declarado: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração. Ora, se Josué lhes houvesse dado descanso, não falaria, posteriormente, a respeito de outro dia. Portanto, resta um repouso para o povo de Deus. (Hb 4.6-9)

O último versículo dessa passagem (v. 9) deixa claro que nosso descanso na salvação é algo que em última instância é futuro; é algo que ainda permanece para o povo de Deus entrar. Mesmo o descanso de Israel sendo grandioso como foi em Canaã, não foi o último descanso que Deus planejava para seu povo. Este era exterior. Era físico e simbólico; mais do que realização do descanso de Deus, simbolizava o descanso que estava para vir. João Calvino explica:

> Este não é o descanso final que os fiéis aspiram, o qual é nossa possessão comum com fiéis daquele tempo. É certo que eles olhavam para além daquela possessão terrena. Aliás, a terra de Canaã só era considerada de muito valor pelo fato de ser ela o tipo e o símbolo de nossa herança espiritual.[1]

Escatologia realizada

Para entender o que Hebreus quer dizer com um descanso que resta, o conceito teológico conhecido como *escatologia realizada* é de grande auxílio. *Eschatos* é a palavra grega para "último", e escatologia significa "últimas coisas", ou "com referência ao fim". Ao dizer que Hebreus contém uma escatologia "realizada", denota-se que o autor enfatiza nossa posse atual das coisas que Deus prometeu. Embora essas bênçãos só possam ser recebidas em plenitude ao fim da História, nós já começamos a desfrutar desses benefícios agora, pela fé.

Por exemplo, já vimos como Cristo "destruiu" Satanás pela morte na cruz (Hb 2.14). Alguns podem argumentar que Satanás ainda não saiu de cena; ele ainda ruge como leão para nos atormentar. Não obstante, seu destino está selado e mesmo agora experimentamos libertação da sua escravidão. Essa realidade – que será consumada no fim – nos é transmitida agora pela fé.

Outro exemplo de escatologia realizada é o descanso oferecido ao povo de Deus. Por um lado, nós agora entramos nesse descanso pela fé: "Nós, porém, que cremos, entramos no descanso"

(Hb 4.3). Observe o tempo presente. Pela fé conhecemos a certeza da salvação e entramos em comunhão com o Deus vivo, que é a vida eterna. Em vez de laborar em futilidade para merecer o perdão dos pecados e aprovação de Deus, nós *descansamos* na obra finalizada de Jesus Cristo. Mesmo nesta vida atual de fadiga, nossa fé descansa nele e em seu poder salvador. Isto é o que significa "escatologia realizada": as coisas do céu, as coisas do futuro que são prometidas a nós por Deus, tornam-se reais para nós agora pela fé, de modo que vivemos amparados por um poder que não vem de nós mesmos, mas de Deus. Um dos principais objetivos dessa carta como um todo é encorajar seus primeiros leitores, em todas as suas fadigas e fraquezas, que pela fé podem estar certos do que esperam, e certos com respeito às coisas que não veem (Hb 11.1).

Com uma ênfase tão forte, porém, é importante não superestimar o caso. Israel em Canaã teve uma amostra do descanso, que é o que significava a Terra Prometida. Mas o povo estava, de fato, rodeado por inimigos reais. As necessidades de Israel de labutar e pelejar estavam presentes. O livro de Josué conta de seus sucessos e fracassos; é um livro de guerra e não de paz. O descanso de Canaã indicava uma salvação superior, da qual era uma amostra, mas não o cumprimento.

Este mesmo entendimento aplica-se à vida cristã. Como é maravilhoso descansar em nosso Senhor Jesus Cristo. Depositamos nosso fardo nele, trazemos a ele nossas lágrimas e temores, e encontramos descanso verdadeiro. Todavia, o que anelamos é o dia quando não haverá mais lágrimas, quando não haverá mais medo, e quando a promessa do descanso de Deus será cumprida com a consumação na glória. Isaías diz sobre esse dia: "Os resgatados do SENHOR voltarão e virão a Sião com cânticos de júbilo; alegria eterna coroará a sua cabeça; gozo e alegria alcançarão, e deles fugirá a tristeza e o gemido" (Is 35.10).

No entanto, esta não é a nossa experiência atual. Esta presente vida compara-se à jornada no deserto, ao tempo de sofrimento e provação, e não à Terra Prometida em si. "Ainda resta", nos lembra o autor de Hebreus, "um descanso sabático para o povo de Deus". Embora tenhamos verdadeiras bênçãos nesta presente vida, o que nós experimentamos não é tudo que existe por acreditar, e nós corretamente ansiamos a vinda de um descanso superior.

Do Sabbath ao Dia do Senhor

Isto nos coloca diante de outra questão de real importância para o cristianismo, a saber, a relação do *sabbath* do Antigo Testamento com a igreja cristã. Há duas visões sobre o *sabbath*, as quais tiram suas conclusões dessa passagem em Hebreus. O que torna Hebreus de especial interesse é uma mudança na terminologia que ocorre nesses versículos. Ao longo dessa exortação, o autor usa a palavra grega *katapausis* para a ideia de descanso, que na tradução grega do Antigo Testamento representa o descanso em Canaã. No versículo 4, ele amplia sua ideia de descanso ao referir-se ao descanso de Deus na criação, de modo que seus leitores começam a associar esse descanso geográfico com o descanso semanal do *sabbath* israelita. Agora, no versículo 9, o autor muda diretamente a palavra que usa para descanso. Aqui usa *apoleipetai*, combinando com a palavra *sabbatismos*, uma construção que designava o descanso do dia do

Sabá. É por causa dessa mudança de terminologia que muitas versões em inglês usam a tradução "um descanso sabático".

Os leitores do Novo Testamento são claramente orientados para o dia do Sabá, contudo a questão é como isso se encaixa na dispensação da nova aliança. Há duas visões. A primeira é que, com a vinda de Jesus Cristo e o fim da antiga aliança, o *sabbath* ordinário não mais existe e o quarto mandamento não está mais em vigor. Essa é uma visão amplamente recepcionada entre os evangélicos atualmente, e chama a atenção de escritores tais como Ray Stedman, D. A. Carson e Andrew Lincoln.

Esse argumento sustenta que desde que o *sabbath* do Antigo Testamento, como a entrada de Josué em Canaã, é um símbolo que aponta para o *sabbath* superior que veio em Jesus Cristo, ele não possui mais força. A realidade chega; o símbolo foi cumprido. O quarto mandamento lê: "Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus" (Êx 20.8-10). De acordo com Ray Stedman, na nova aliança isso se refere "àquela interrupção do trabalho que Deus desfruta, a qual convida os crentes a compartilhar [...] é sujeição a Deus que trabalha por nós".[2] Esse é o caso, a guarda do *sabbath* não consiste mais em observar um dia especial, mas a guarda do *sabbath* "é alcançada quando o coração descansa na grande promessa de Deus trabalhar para o crente nos acontecimentos da vida".[3] Aqueles que desenvolvem esse argumento também indicam a admoestação de Paulo em Colossenses 2.16-17: "Ninguém, pois, vos julgue por causa de comida e bebida, ou dia de festa, ou lua nova, ou sábados, porque tudo isso tem sido sombra das coisas que haviam de vir; porém o corpo é de Cristo". Com base nesses argumentos, a visão que talvez seja dominante hoje sustenta que o mandamento do *sabbath* se esvaziou com a vinda de Cristo, portanto não possui mais qualquer vínculo com a prática cristã.

Embora seja muito convincente, essa posição guarda alguns problemas significativos. Estes são apontados por aqueles que discordam dela, entre os quais estão John Owen, A. W. Pink e Richard Gaffin. Primeiro, observam que o *sabbath* é instituído como um dos Dez Mandamentos. Observam então que todos os outros nove mandamentos permanecem em vigor no Novo Testamento. Por exemplo, os filhos são exortados a obedecer seus pais, e ao fazer tal admoestação Paulo explicita o quinto mandamento (Ef 6.1-3). Exemplos mais óbvios têm a ver com assassinato, adultério e blasfêmia; ninguém nega que estes são proibidos tanto no Novo Testamento quanto no Antigo Testamento. Não é estranho, assim, que apenas um dos mandamentos seja ab-rogado, especialmente quando tal ab-rogação não está declarada no Novo Testamento?

Outro problema é mais revelador. Aqueles que argumentam contra um *sabbath* cristão observam que o *sabbath* era um ritual que apontava para algo que agora se realizou. Quando a realidade chega o sinal desaparece? Esse é um argumento que Hebreus utilizará quanto ao sistema sacrificial do Antigo Testamento. Visto que o verdadeiro Cordeiro de Deus veio e derramou seu sangue pelos pecados de uma vez por todas, não há mais qualquer necessidade de

sacrificar bois, cabritos, cordeiros. De fato, fazer isso é negar a realidade e suficiência da obra de Cristo.

Porém, quando chega o Sabá, o foco do versículo 9 é que a realidade para a qual ele aponta *ainda não veio*: "[...] resta um repouso para o povo de Deus". Em outras palavras, há ainda uma necessidade válida para e em benefício do sinal do descanso sabático. Sim, Hebreus ensina a escatologia realizada onde, agora, nos apossamos de grande parte dela, enquanto confiamos no Senhor Jesus e descansamos nele. Contudo, essa escatologia realizada ainda não está plenamente realizada. Existe ainda alguma coisa por vir, e o *sabbath* aponta não para o que já veio em Cristo, mas para o que ainda está por vir como parte do cumprimento de sua obra futura.

Como acontece muitas vezes, vale a pena ouvir ambos os lados. As pessoas que se opõem à ideia de um *sabbath* cristão estão preocupadas que não caiamos numa abordagem legalista ou mecânica de nossa adoração. Certamente é verdadeiro que com a vinda de Cristo nós passamos da administração da lei para essa da graça. No entanto, isso não elimina os Dez Mandamentos. Nós ainda precisamos considerar as realidades das obrigações morais de Deus, uma das quais lida com a observação de um dia inteiro de confiança em Deus. Qual, então, era a questão da admoestação de Paulo aos colossenses (Cl 2.16-17)? No contexto com a totalidade do Novo Testamento, parece que Paulo corrigia aqueles cuja fé consistia em pouco mais do que observar um calendário de dias especiais.

É uma expressão concreta de fé no descanso soberano de Deus que a ideia de um descanso semanal tem particular valor. Mesmo Ray Stedman, que se opõe ao Sabá, pode ainda escrever:

> Isto não significa que não possamos aprender muitas lições úteis sobre o descanso estudando as regulamentações para guardar o *sabbath* presentes no Antigo Testamento. Nem que não precisamos mais de um tempo para meditação tranquila e interrupção do trabalho físico. Nossos corpos não foram ainda redimidos e precisam descansar e restaurar em intervalos frequentes. No entanto, não estamos mais obrigados por severas limitações para guardar um dia específico da semana.[4]

Citações como essa mostram que entre crentes na Bíblia, mesmo adversários do *Sabbath* (It.) defendem a importância de se guardá-lo. A razão para isso é óbvia. Todos concordam que guardar o *sabbath* significa dependência de Deus. Mas como, possivelmente, você pode dizer que realmente depende do Senhor, que você em última instância está recorrendo a ele para sua provisão, e não para seu superior ou para seus afazeres, se, de fato, você trabalha sem cessar todos os dias da semana, se não observa qualquer padrão regular de descanso? Nós temos liberdade de seguir o padrão do próprio Deus de trabalhar e descansar precisamente porque não somos deixados à nossa própria sorte. Se eu fosse examinar sua programação semanal, estaria claro que você é uma pessoa que depende do Deus vivo? Se você acha impossível separar um dia inteiro por semana (e com certeza esse é o padrão que encontramos nas Escrituras, para não mencionar o exemplo de Jesus, que regularmente reservava longas porções do seu tempo para oração e comunhão com o Pai) para adorar e aproximar-se de Deus, então suas reivindicações para dependência dele certamente estão em xeque.

Recentemente um comercial de televisão para serviços de encomenda noturnos começava com uma grande fanfarra e o retumbar de tambores para introduzir um grande anúncio: "Agora oferecemos serviço completo aos domingos. Agora você pode trabalhar sem interrupções sete dias por semana". Não pude deixar de pensar nos buracos de lama do Egito, onde a população escrava de Israel trabalhava dia após dia, sem um descanso sabático. Achei depressivo que nós ainda hoje celebramos nossos desejos retornando ao tipo de escravidão da qual o povo de Israel fora libertado no êxodo. Seguramente os cristãos evitarão tal perspectiva de vida. No mínimo, os cristãos precisam reservar um tempo apenas para adorar a Deus, mas também para desfrutar dele e de sua generosidade, para descansar nele e experimentar ainda que parcialmente desse descanso sabático que está por vir. Embora sejamos admoestados pelo apóstolo Paulo a não definir dias em particular ou calendários, certamente nos encontraremos para adoração em comunhão com o povo de Deus num programa regular, de modo que nossa prática normal será separar o domingo como o Dia do Senhor, tanto para sua adoração quanto para nosso desfrute do descanso que ele tem prometido e agora nos dá, ao menos em parte. Poucas coisas são mais proveitosas para os cristãos do que separar o Dia do Senhor para um verdadeiro descanso e deleitar-se na provisão de Deus, bem como para a adoração que lhe é seguramente devida.

Alguns objetarão que isso parece legalismo. Uma aplicação da lei é revelar o caráter de Deus; o quarto mandamento faz isso como todos os outros. O segundo uso da lei é condenar o pecado e conduzir-nos à cruz para a salvação. Todos nós temos pecado nesse quarto mandamento que, como os outros, pode ser perdoado em Cristo. Terceiro – e esta é minha ênfase aqui –, a lei é um guia adequado para viver nossas vidas. A esse respeito, o quarto mandamento é um exemplo apropriado do que Tiago pretendia quando falou em sua carta sobre a "lei da liberdade" (Tg 1.25). Tendo sido perdoados por Cristo e agora vivendo pelo poder da graça de Deus, para nós, viver de acordo com seus mandamentos é o caminho da bênção e da verdadeira liberdade. No caso do quarto mandamento, a liberdade é do trabalho sem cessar para uma vida de adoração e descanso.

Entrar no descanso de Deus

Todo esse trabalho interpretativo nos coloca em uma boa posição para trazer o sentido dos dois últimos versículos do nosso texto: "Porque aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das suas. Esforcemo-nos, pois, por entrar naquele descanso, a fim de que ninguém caia, seguindo o mesmo exemplo de desobediência" (Hb 4.10-11). À primeira vista, parece contraditório. O versículo 10 nos fala que entrar no descanso de Deus significa descansar de nosso trabalho como ele o fez. O versículo seguinte fala para nos esforçarmos para esse descanso; temos de fazer todo o esforço para entrar e não cair, como aconteceu com os israelitas no deserto.

De fato, não há problema aqui. O modelo que abrange essa exortação são as jornadas dos israelitas no êxodo. Eles deixaram a escravidão do Egito, todavia ainda não entraram na terra do

descanso. Nós, também, somos compelidos a atravessar nossas dificuldades, não nos queixar contra Deus ou endurecer nossos corações contra ele, mas confiar nele neste presente momento de provação. Estamos lutando com os recursos de seu descanso. Em contraste com a infidelidade dos israelitas, que falharam em confiar na provisão da graça de Deus, nós seguimos e nos esforçamos porque nossa fé recebe os benefícios da obra salvífica de Deus em Jesus Cristo. Avaliando a realidade de nossos desafios atuais – aqui está a diferença entre a escatologia realizada e a super-realizada, a última esquece de considerar nossa condição de peregrinos –, nós usufruímos ansiosamente de cada recurso da graça que Deus provê.

Agora é o dia do nosso labor, o dia do nosso trabalho. Depositamos nossos fardos em Jesus Cristo, e ele envia seu Espírito Santo para nos auxiliar a ombreá-los. Mas o mesmo Senhor que nos oferece descanso é também o Senhor que ordena: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me" (Lc 9.23). Nosso dia de descanso final ainda está por vir, nos aguarda no céu. Deus trabalhou seis dias, então descansou; agora nós trabalhamos, depois do que descansaremos. Isto é o que o versículo 10 enfatiza, apontando para o descanso que ainda está por vir.

Então, entenda que seu trabalho não é em vão. Seu combate, nascimento na fé, cheio do Espírito Santo de Deus, enquanto ele trabalha em você, não é por nada. Nós estamos armazenando tesouro no céu. Como o anjo proclamou ao profeta Daniel: "Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas, sempre e eternamente" (Dn 12.3).

Tudo isso me faz voltar ao tema dos meninos e meninas da Little League. Sim, são eles que brandem o bastão. No entanto, foram as mãos do pai que os ensinaram como segurá-lo, suas fortes mãos gentilmente envolveram suas pequenas mãos até que conseguissem fazê-lo corretamente. Sua voz passava instruções pacientemente, treinando-os, encorajando-os, inspirando-os. E, quando alcançam a primeira base, é sua voz que se alegra com eles, dizendo-lhes como nosso Pai Celestial nos dirá naquele grande dia: "Muito bom, meu filho. Muito bom".

Agora é o dia das nossas angustiantes lutas e labutas. Agora é o tempo das lágrimas, da luta contra o pecado, do testemunho aos que estão à nossa volta, muitos dos quais escarnecem e nos insultam. Mas, se fizermos tudo com os olhos voltados para o céu, contemplando nosso lar, confiando em nosso Pai Celestial, rogando-lhe que encontre prazer em nossas obras precárias, então poderemos estar certos de que ele o fará. E, no dia do nosso descanso, nos regozijaremos nele para sempre.

---

[1] João Calvino, *New Testament Commentaries*, 12 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), 12:48.
[2] Ray Stedman, *Hebrews* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1992), 58.
[3] *Ibid.*
[4] *Ibid.*, 59.

14

A Palavra viva de Deus



Hebreus 4.12-13

> [...] *a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração.* (Hb 4.12)

Uma das maiores reformas do Antigo Testamento começou acidentalmente. Josias, o jovem rei de Judá, ordenara a Hilquias, o sumo sacerdote, que reparasse o Templo arruinado de Jerusalém. Josias parece ter sido motivado por sincera devoção religiosa, e certamente ele estava incomodado com o estado de degradação do edifício, simbolizando a enfermidade espiritual da nação. Decorar o edifício, todavia, poderia oferecer apenas melhorias superficiais, mas no interior do Templo trabalhadores encontraram algo que prometia fazer muito mais. Hilquias informou o secretário de Josias das notícias do momento no canteiro de obras: "Achei o Livro da Lei na Casa do Senhor" (2Rs 22.8).

Embora parecesse um acontecimento acidental, obviamente houve uma grande providência na obra. Josias buscava a bênção de Deus ao reparar o Templo, e Deus o abençoou colocando em suas mãos a força mais poderosa do mundo para reformar e reavivar, para esperança e regozijo, para paz e salvação. O Senhor fizera retornar a Jerusalém aquela que estivera perdida, a verdadeira Palavra de Deus, que Hebreus nos diz que "é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas" (Hb 4.12).

Josias começou a ler a Bíblia que os trabalhadores encontraram, e logo rasgou suas vestes para lamentar o que estivera ausente da vida de Israel por tanto tempo. Ele reuniu as pessoas mais piedosas em torno da Palavra de Deus a fim de estudá-la. Então, colocaram em prática as coisas que liam nas Escrituras, e o resultado foi a renovação da aliança com Deus e com a restauração das bênçãos que vêm pela fé nele. O que Josias e Jerusalém aprenderam muitos anos atrás é algo que a piedade tem aprendido desde então. É o que Pedro escreveu em sua Primeira Carta:

> [...] fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente. Pois toda carne é como a erva, e toda a sua glória, como a flor da erva; seca-se a erva, e cai a sua flor; a palavra do Senhor, porém, permanece eternamente. (1Pe 1.23-25)

A Palavra viva de Deus

Esta perspectiva das Escrituras é preeminentemente característica em Hebreus. Ao longo da exortação que transcorre nos capítulos 3 e 4, o autor roga aos seus leitores que fiquem firmes na fé durante as provações. Ele ousadamente insiste que a falha em crer na mensagem de Jesus Cristo é perder o descanso da grande salvação que Deus oferece. Consistentemente, ele apoia tais afirmações com a autoridade da Palavra de Deus. Durante toda essa exortação, ele fundamenta seus argumentos nas citações do Antigo Testamento, especificamente no salmo 95.

Esse salmo foi escrito pelo rei Davi cerca de 1.000 anos antes de Hebreus ser escrito. Davi também estava interessado em exortar seus leitores, e o fez refletindo sobre a incredulidade da geração do êxodo, que levara à sua destruição cerca de 400 anos antes. Baseado nesse exemplo, Davi escreveu: "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o coração, como em Meribá, como no dia de Massá, no deserto, quando vossos pais me tentaram" (Sl 95.7-9). São essas palavras que o autor de Hebreus aplica à sua própria geração. Ao fazê-lo assume – de fato, ele corajosamente assevera – que as palavras escritas por Davi não são apenas relevantes, mas também têm autoridade sobre quem as lê em sua própria época.

Esses leitores experimentavam o início da perseguição; talvez estivessem perdendo seus empregos ou mesmo suas propriedades por causa da sua fé em Cristo. Seu argumento para eles é este: "Por que vocês devem sacrificar seu trabalho, seus bens terrenos, e mesmo suas vidas por causa de Jesus? Porque aquelas palavras ditas por Davi não são notícias velhas, meditações espirituais irrelevantes. Elas são a verdadeira Palavra de Deus, viva e eficaz até hoje, e nelas seu próprio destino está ligado quer pela fidelidade quer pela incredulidade". Essa é a questão resumida nas palavras de abertura de Hebreus 4.12: "Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz".

Como pode ser isso? Como as palavras de Davi, que, afinal, são palavras de um homem, podem ser vivas e eficazes? A razão se faz presente em todo o livro: *porque elas são as palavras de Deus*. Já vimos essa ênfase no primeiro versículo dessa carta, em que o autor descreveu o processo total da revelação com estas palavras: "Havendo Deus, outrora, falado [...] pelos profetas". Isso é o que torna a Bíblia a Palavra de Deus. Em toda a Carta aos Hebreus, o autor apresenta citações do Antigo Testamento com "como disse Deus", ou "como diz o Espírito Santo". No versículo 7 do capítulo 4 escreve: "De novo [Deus], determina certo dia, Hoje, falando por Davi, muito tempo depois". As palavras proferidas pelo homem Davi e escritas em papel com algum tipo de instrumento de escrita não são, a princípio, consideradas palavras do próprio Davi, as palavras do homem, mas como a Palavra de Deus.

Aqui devemos ser cuidadosos para não reduzir ou mesmo negar a autoria humana da Bíblia. A Bíblia foi composta por cerca de 40 autores humanos diferentes. Eram realmente homens; esses eram seus verdadeiros pensamentos; esses livros falaram de circunstâncias reais e estão coloridos por suas próprias experiências e interesses. Perder de vista isso seria perder muito do seu valor.

Como, então, a Bíblia é a Palavra de Deus? Essa era uma questão importante para os apóstolos, pois consideravam os escritores do Antigo Testamento como autoritativos para seus

próprios leitores. Talvez a declaração mais conhecida seja aquela feita por Paulo em sua Segunda Carta a Timóteo: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (2Tm 3.16-17). As palavras da Bíblia não são as palavras *inspiradas* dos homens, decorrentes de suas próprias percepções espirituais, mas são *expiradas*, *palavras sopradas* pela boca de Deus entregues a eles.

É isso que faz a Bíblia ser tão útil para nós, como enfatiza Paulo. Através da sua Palavra o próprio Deus nos ensina, repreende e nos corrige, exercita-nos na justiça e nos habilita para toda boa obra. Quando você vem à Palavra de Deus pela fé – quando você abre o coração e mente aos ensinos da Bíblia, seja na pregação, seja pela leitura pessoal –, essa Palavra chega viva em você porque é enviada pelo próprio Deus para esse propósito. Ele vive e age em você através da sua Palavra viva e eficaz. Portanto, como disse Martinho Lutero: "Permita ao homem que deseja ouvir Deus falar ler a Sagrada Escritura".[1] O puritano Thomas Watson acrescenta: "Pela leitura de outros livros o coração pode ser aquecido, porém pela leitura deste livro ele é transformado".[2]

Paulo nos dá uma descrição mais clara; ele nos diz *que* a Escritura é a Palavra inspirada de Deus, mas ele não nos diz *como* isso acontece. Felizmente, Pedro nos fornece mais uma perspectiva: "[...] nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo" (2Pe 1.20-21).

Por profecia Pedro não pretende significar meramente predição do futuro, mas toda a revelação profética do ensino de Deus. A primeira coisa que ele diz é que a profecia não reflete a ideia do próprio profeta. Não é sua própria interpretação que está escrita, nem pensamentos originados por ele, mas é proveniente de Deus. A declaração-chave está no versículo 21: "homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo". Sim, foram homens que falaram e escreveram, todavia, o que disseram veio da parte de Deus enquanto o Espírito Santo os movia em sua obra.

Por isso podemos dizer que a Palavra de Deus é "viva e eficaz". Embora haja diferenças em nossos ambientes cultural, social e histórico, comparados àqueles dos leitores originais, e nossa compreensão de uma passagem particular possa e deva refletir essas diferenças, contudo, devemos ler a Bíblia como Palavra de Deus para *nós*. Ela não é simplesmente relevante, mas autoritativa para nós como era para eles. Ela é atemporal e viva precisamente por ser a Palavra do Deus eterno e vivo. Portanto, sobre a Bíblia, escreve Pedro: "[...] fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso" (2Pe 1.19).

A Palavra de Deus transmite vida

Outra grande evidência que a Bíblia é viva e eficaz tem a ver com seu conteúdo e propósito. Ela não relata meramente fatos e crenças interessantes da nossa tradição religiosa. Não, a Bíblia possui um tema dominante: a ação de Deus na História para salvação do povo pecador. É isto

que a Bíblia registra – o que Deus faz para esquecer nossos pecados, a fim de que nós, que estamos mortos em delitos, sejamos trazidos à vida em Cristo. Como Paulo escreveu ao jovem Timóteo, o propósito da Bíblia é "tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus" (2Tm 3.15). A mensagem da Bíblia é a obra salvadora de Deus em Jesus Cristo, e seu propósito é, de fato, trazer essa salvação para indivíduos que recebem essa mensagem e creem.

A Palavra de Deus é viva e eficaz da mesma forma que as palavras de Jesus eram vivas e realizadoras quando estava diante do túmulo do amigo morto e gritou: "Lázaro, vem para fora!" (Jo 11.43). Com as palavras de Jesus o homem morto voltou à vida e tirou suas ataduras e lenços que lhe cobriam. Assim, se dá o mesmo com a Palavra de Deus como a temos na Bíblia; ela não apenas é viva, mas é eficaz em nos transmitir vida. Ela traz à vida aqueles que se encontram espiritualmente mortos.

O apologista cristão Ravi Zacharias conta a história de um passeio que fez com um evangelista no Líbano. Naquela época o Líbano estava ocupado pelo exército da Síria, e o controle era totalmente repressivo. Ele e o pastor estavam numa van carregada com caixas de Bíblias que transportavam para outra cidade, onde havia um árduo trabalho para alcançar pecadores perdidos. Zacharias fala de sua grande ansiedade quando pararam num posto de controle militar e um soldado sírio apontou-lhes o rifle. "O que tem nesta van?", perguntou o soldado. Zacharias ficou aterrorizado quando o evangelista respondeu: "Oh!, nada, senão caixas de dinamite!" Então, entregou ao soldado chocado uma das Bíblias e o ousado pastor explicou: "Aqui está o que estou falando. Leia isto e terá sua vida quebrada com o poder do próprio Deus". E assim ele fez! A Palavra de Deus é viva e eficaz – dinamite espiritual enviada por Deus para um mundo de trevas com poder para sobrepujar toda fortaleza do pecado e oposição humana.

A penetrante Palavra de Deus

O autor de Hebreus tem mais a nos contar sobre a Palavra de Deus, continuando sua explicação de como ela realiza sua obra. A Palavra de Deus é "mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração" (Hb 4.12).

A imagem da Bíblia como espada é encontrada com frequência na Escritura. Em sua descrição da armadura de Deus, Paulo fala da "espada do Espírito, que é a palavra de Deus" (Ef 6.17). Em sua visão do Senhor Jesus Cristo exaltado, João nos diz: "[...] da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes" (Ap 1.16). Como as subsequentes cartas às sete igrejas ilustram, essa espada é obviamente sua Palavra. Ademais, é uma espada de dois gumes, igualmente apropriada para salvar e julgar.

O que essa imagem descreve é o poder penetrante ou contundente da Palavra de Deus: "penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas" (Hb 4.12). A questão não é que ocorre uma separação entre as naturezas física e espiritual do homem. Como Philip Hughes explica: "Nosso autor não está interessado em fornecer aqui uma análise psicológica ou

anatômica da constituição humana, mas, pelo contrário, descrever em termos gráficos a penetração da Palavra de Deus no mais profundo recôndito da personalidade humana".[3] A Palavra penetra contra toda oposição de modo a alcançar o homem como todo, e não apenas qualquer aspecto da sua pessoa.

Além disso, estamos falando o que a Palavra faz uma vez que consegue penetrar: "discerne os pensamentos e as intenções do coração" (Hb 4.12). Com frequência as pessoas acham que estão examinando a Bíblia, quando o oposto é verdadeiro! A Palavra de Deus penetra o interior, e sua presença deixa claro nossos verdadeiros pensamentos e atitudes. Muitas pessoas se apresentam como boas e até religiosas, contudo, quando a Palavra de Deus vem a elas, respondem com hostilidade e repulsa. Suas atitudes para com a Bíblia mostram sua real atitude para com Deus.

A Palavra de Deus junta-se a nós e discerne, examina nossa atitude diante daquele que a enviou. Porém, quando acompanhada pela ação regeneradora do Espírito Santo, ela realiza mais: nos convence da nossa rebelião contra Deus e subjuga-nos; ela nos conduz como ovelhas ao Bom Pastor. É assim que nascemos de novo. Ouvimos Deus falar, lemos na Escritura das perfeitas exigências da lei, bem como do firme juízo de Deus, reconhecemos o perigo em que nos encontramos, rendemo-nos a nós mesmos e quedamos perante o Senhor em convicção de pecado. Então, na Bíblia aprendemos de um Salvador que afasta de nós os nossos pecados, ao morrer na cruz por nós, e nos regozijamos e corremos para abraçá-lo, então o adoramos e o seguimos.

John Newton era um homem penetrado e capturado pela Palavra de Deus. Criado num lar cristão na metade do século 18, saiu de casa e ingressou na marinha britânica. Ali adentrou profundamente nos caminhos do pecado, por fim desertou para viver na África. Escolheu esse lugar porque lá sua luxúria teria mais oportunidades de satisfazer-se. Nos anos seguintes, ele se tornou mercador de escravos, no entanto, também sofreu abusos da parte daqueles que obtiveram poder sobre ele e chegou mesmo a ser preso. Fisicamente arruinado, escapou para o mar e encontrou seu caminho a bordo de um navio mercante britânico. Graças a seu conhecimento de navegação, ele se tornou marinheiro de um navio. Entretanto, quando o capitão mostrou confiança nele, ele arrombou o compartimento de suprimento de rum do navio e se embebedou – ele estava tão bêbado que, quando o capitão retornou, deu-lhe um golpe na cabeça e Newton caiu ao mar. Se um dos tripulantes não o tivesse resgatado, teria se afogado.

Enquanto o navio estava se aproximando da Escócia a caminho de casa, foi pego por uma tempestade e foi tirado de seu curso. Por dias a tempestade soprou, e a água entrou no navio que adernava. Newton passou horas sem fim no porão trabalhando no bombeamento, temendo desesperadamente por sua vida. Ali mesmo sua mente lembrou dos versículos da Bíblia que sua mãe lhe ensinara antes da sua morte quando ele tinha 6 anos de idade. A Palavra de Deus tornou-se viva dentro dele, condenando-o por seus pensamentos e atitudes, ao mesmo tempo em que lhe trouxe um profundo arrependimento; assim, ele se lançou aos cuidados de Jesus Cristo pelo perdão e salvação.

O navio, finalmente, alcançou o porto em segurança, e Newton iniciou o estudo de teologia tornando-se preeminente ministro puritano. Nós o conhecemos melhor por seus hinos, especialmente "Amazing grace" [Maravilhosa graça].

> Maravilhosa graça! Quão doce é o som
> que salvou um miserável como eu!
> estive perdido, mas agora fui encontrado,
> era cego, mas agora eu vejo.[4]

Isso é o que Deus faz através da sua Palavra – ele salva miseráveis, ele encontra perdidos, ele toma aqueles que estão cegos e os faz ver. A Palavra de Deus é viva e eficaz, ela trespassa, discerne e julga, tudo pela obra grandiosa de salvação que é sua mensagem e seu propósito.

John Newton é um ótimo exemplo, mas temos outros tantos em nossa época. Nas formas mais improváveis, pecadores endurecidos que ouvem a Palavra de Deus acabam sendo trazidos à vida espiritual pela fé em Cristo. Anos recentes têm trazido toda sorte de histórias surpreendentes de vida nova para aqueles que se encontravam perdidos: oficiais da KGB outrora mergulhados nos caminhos do terror; muçulmanos encerrados profundamente nas terras do islã; estrelas ricas do cinema ou personalidades da mídia ludibriados pelo humanismo ateu. Alto e baixo, educados e obtusos, oriente e ocidente, são alcançados pela Palavra de Deus viva e eficaz.

Alguém pode objetar, dizendo: "Deparei-me com a Palavra de Deus, mas não me afetou em nada. Não confio em Jesus Cristo, não sou comprometido com Deus". Essas coisas são clara e precisamente o que o rebelde quer evitar. Ele erige todo tipo de barreira imaginável, se afasta da Palavra e a afasta de si mesmo. Ele evita o ensino cristão quanto puder; se a rádio local de sua região estiver sintonizada numa estação com a pregação do evangelho, ele é suficientemente rápido para girar o sintonizador.

Mas, o que esses versículos dizem ainda é verdadeiro. A Palavra viva de Deus encontra você, penetra, discerne seus pensamentos e atitudes, e você é por ela julgado. É uma espada de dois gumes, permanece sobre você não com a lâmina que dá vida, mas com a lâmina que traz condenação e morte. Ela diz para você se arrepender agora, confessar e submeter-se ao Deus que livremente perdoa. Jesus veio não para condenar o mundo, mas para salvá-lo. No entanto, ele disse: "Quem me rejeita e não recebe as minhas palavras tem quem o julgue; a própria palavra que tenho proferido, essa o julgará no último dia" (Jo 12.48).

A suficiência da Palavra

Temos visto como a Palavra de Deus é viva e eficaz, bem como seu poder penetrante para julgar nossos pensamentos e atitudes assim que nos rendemos a ela. O tema final que aprendemos aqui é a suficiência da Palavra de Deus para cada necessidade nossa no que concerne à fé e piedade.

É o que observamos no versículo 12, em que se faz uma comparação entre a Palavra de Deus e as armas mundanas. Ela é "mais cortante do que qualquer espada de dois gumes". A Palavra de Deus não é apenas uma espada, mas, quando comparada com outras armas, ela é a mais cortante. Philip Hughes observa: "Como instrumento dos atos poderosos de Deus, ela é mais poderosa e penetrante do que o instrumento mais agudo concebido pelo homem".[5] Visto que a Palavra de Deus é "viva e eficaz", ela é efetiva de um modo que nenhuma outra arma pode ser.

Outra evidência de que a Palavra de Deus é suficiente para as nossas necessidades é encontrada no versículo 13: "E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas". A Palavra de Deus é viva e eficaz, ela penetra e sonda, além disso, *nada pode escapar a ela*. Curiosamente, o autor de Hebreus aqui compara a Palavra de Deus com os olhos de Deus. Ela revela cada coração, cada ato, cada intenção, cada pensamento e desejos trazendo-os diante do olhar penetrante do Deus vivo.

Nós ainda estamos vivendo numa época em que muitos cristãos, mesmo evangélicos, que uma vez foram peculiarmente conhecidos e mesmo ridicularizados por sua devoção à Palavra, estão perdendo a confiança na eficácia da Bíblia. Sim, é inspirada; sim, é útil; mas deve ser acrescida por meios, sabedoria e métodos humanos. Nosso evangelismo agora confia em manobras psicológicas, nosso crescimento espiritual depende de técnicas, programas e truques comprados em lojas, nossa adoração reflete o brilho do entretenimento de Hollywood. Muito diferente é a mensagem do autor de Hebreus, que diz que nada é capaz de escapar da revelada, vigorosa Palavra de Deus. Portanto, só ela é suficiente para cada uma das nossas necessidades.

Este também era o ensino do apóstolo Paulo. Nós precisamos de métodos e estratégias para realizar a tarefa da igreja? Paulo escreveu:

> [...] embora andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnais, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo. (2Co 10.3-5)

Considere que poder é disponibilizado para nós pela Palavra de Deus, e que incentivo é esse para usar em nosso testemunho e em nossas próprias vidas. Ela é suficiente para nossas necessidades diárias. O que de melhor poderíamos nós possivelmente fazer para a salvação das almas do que proclamar e explicar a Palavra de Deus? Somente ela transmite o poder do próprio Deus para condenar e salvar, para cortar fora o coração de pedra e trazer à vida um novo coração de carne.

Considere a questão da nossa santificação, isto é, nosso próprio crescimento em santidade. O que seria mais efetivo do que irradiar a luz da Palavra de Deus em nossas vidas, em nossas mentes e corações? Esta é a ênfase de Paulo, dizendo em Romanos 12.2: "E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente". Foi como Jesus orou por nossa santificação, em João 17.17: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade". Nosso

texto diz que a Palavra de Deus "discerne os pensamentos e as intenções do coração". Que bênção é isso acontecer agora: ser orientado por ela, repreendido e inspirado por ela, ser moldado em obediência a Deus durante esta vida, sabendo que na vida por vir ele é o único, como conclui o versículo 13, "a quem temos de prestar contas".

Considere a questão do conforto cristão. Você está triste ou sofrendo? É tentado ou provado? Você quer a certeza da salvação e a paz que ela traz? Então, volte-se para a Bíblia, que fala de um Deus que é totalmente suficiente para sua salvação, que é capaz e deseja salvá-lo e cuidar de você. "Aquele que não poupou o seu próprio Filho", ela nos diz, "antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?" (Rm 8.32).

Finalmente, permita-me perguntar-lhe: você quer fazer diferença nesta vida? Então comprometa-se com a Palavra de Deus, entre em sua luz de mudança de vida e compartilhe-a com o mundo por todos os meios que puder. Isso é o que homens e mulheres piedosos têm feito em toda a História, pessoas como o rei Josias, que descobriu a Palavra de Deus e restaurou toda a nação através dela. Porque para a sua Palavra Deus destinou grandes promessas:

> [...] como descem a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra, e a fecundem, e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come, assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei. (Is 55.10-11)

Portanto, qualquer trabalho que se baseia na Palavra de Deus pode estar certo de contar com sua bênção para alcançar seu propósito, e levará a glória que lhe é própria, ao mesmo tempo que traz o seu poder para a salvação.

---

[1] Martinho Lutero, *What Luther Says*, comp. Ewald M. Plass (St. Louis: Concordia, 1959), 61.
[2] Thomas Watson, *A Body of Divinity* (Edimburgo: Banner of Truth, 1958), 29.
[3] Philip E. Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), 165.
[4] John Newton, "Amazing grace!", 1779. [Em inglês: "*Amazing grace!—how sweet the sound—/ that saved a wretch like me!/ I once was lost, but now am found,/ was blind, but now I see*".]
[5] Hughes, *Hebrews*, 164.

15

O TRONO DA GRAÇA



Hebreus 4.14-16

> *Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.* (Hb 4.16)

A vida cristã é como um barco à vela. Essa ilustração relaciona solicitamente as exigências do seguimento de Jesus Cristo com os recursos que ele concede para realizá-lo. As ordens de Deus são como o leme que determina a direção do barco. Por mais importante que seja, no entanto, o barco não tem poder para se mover até que um vento forte venha enfunar as velas. Na vida cristã, esse vento forte são os recursos disponibilizados pelo evangelho.[1]

O autor de Hebreus está interessado em relacionar exigências e recursos porque ele escreve não como teólogo, mas como pastor. Mais tarde descreve sua carta como "palavra de exortação" (Hb 13.22). Ele exorta seus leitores, às vezes severa e insistentemente, mas também é cuidadoso em explicar as razões para suas ordens, bem como em oferecer os recursos para realizá-las.

O final de Hebreus 4 conclui a longa exortação que começou no capítulo 3, em que o autor recomenda que seus leitores permaneçam na fé, não endureçam seus corações em face das dificuldades. Para atender essa exigência, ele articulou dois recursos-chave. Primeiro, mencionou o companheirismo e o encorajamento cristão. Isso é necessário, diz ele, "a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado" (Hb 3.13). Outro recurso importante é a Palavra de Deus, que transmite vida a nós e nos desperta para a fé (Hb 4.12-13). O pastor agora nos fornece um terceiro recurso: a oração, pela qual nós chegamos ao trono de Deus para receber misericórdia e graça que precisamos para perseverar.

Se a vida cristã é como um barco à vela, então as exigências na Carta aos Hebreus são como o leme que aponta a direção e dirige nossas vidas. As ordens são essenciais; sem elas soçobraríamos e naufragaríamos. Contudo, mesmo sendo vitais, elas realmente não movem o navio. Elas não fornecem qualquer poder para ir adiante. Por isso precisamos dos preciosos recursos que são nossos em Cristo – recursos como companheirismo, Palavra de Deus e oração. Esses são os ventos que enfunam nossas velas e nos dão poder para nos mover ao longo da rota traçada por Deus. Em Hebreus 4.14-16 o autor nos lembra de que podemos nos aproximar de Deus com confiança por causa do ministério redentor do Senhor Jesus Cristo ressuscitado e exaltado, nosso grande Sumo Sacerdote. A mensagem aqui tem três pontos, sendo *uma exigência*, *uma razão* e *um recurso*.

Uma exigência: conservar firmemente a fé

O autor inicia este texto reafirmando a exigência que essa carta continuamente salienta, a saber, a ordem para perseverar na fé cristã. Escreve ele: "Conservemos firmes a nossa confissão" (v. 14). Essa não é apenas uma exigência necessária, mas também algo extremamente difícil de se fazer.

Uma jovem cristã contou-me certa vez como um colega de trabalho desprezara o cristianismo como uma fuga das dificuldades da vida real, um caminho fácil escolhido pelos fracos. "Uma fuga!", repetiu ela. "Uma fuga! Você tenta viver como cristão, você tenta travar uma guerra contra os desejos da carne, você tenta viver como um estranho numa terra estranha, e então vem e me fala que o cristianismo é o caminho fácil!" Ela estava certa! Se o que você procura são atalhos, se procura evitar sérios desafios e seguir as sendas bem marcadas, então o cristianismo não é para você. Este foi o ensino de Jesus: "[...] (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta, e apertado o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela" (Mt 7.13-14).

Esta é a realidade crua da fé cristã. Seguir a Cristo é procurar tesouros não aqui nesta terra, não aqui nesta vida, mas tesouros nos céus. Os cristãos, é claro, reconhecem as bênçãos terrenas e regozijam-se nelas em boa medida. Todavia, somos pessoas que colocamos nossos corações no descanso celestial. Nós pisamos num campo de batalha espiritual, com inimigos como a carne, o mundo e o diabo. Aceitamos ser este o tempo do nosso labor, o tempo do sacrifício e abnegação dos desejos por amor ao discipulado de Cristo; o dia da recompensa aguardará até a vida que está por vir.

No versículo 14, o autor diz que devemos conservar a "nossa confissão". A igreja primitiva empregava fórmulas teológicas para expressar a confissão dos fiéis, como o Credo Apostólico. Isso nos lembra de que existe um conteúdo de verdade em nossa confissão de fé e que este é de vital importância. Algumas pessoas dizem ser contrárias aos credos, mas os credos são simplesmente resumos do ensino bíblico. A palavra latina para *credo* significa "eu creio". Importa em quê nós acreditamos; existe um conteúdo que não podemos deixar de seguir sem abandonar a salvação em Cristo: tais como quem é Jesus e o que ele fez para nos salvar dos nossos pecados. J. C. Ryle explicou:

> Uma religião sem doutrina ou dogma é algo que muitos gostam de falar atualmente. Isso soa muito bem à primeira vista. Parece muito bonito olhando de longe. Mas, quando se assenta para examinar e considerar, descobre-se ser simplesmente impossível. Você pode muito bem falar de um corpo sem ossos e nervos. Ninguém jamais será ou fará alguma coisa na religião a menos que creia em algo. [...] Ninguém jamais luta seriamente contra o mundo, a carne e o diabo, a menos que tenha gravado em seu coração certos princípios grandiosos nos quais acredita.[2]

Por isso, somos ordenados a perseverar em nossa confissão, como se nossas vidas dependessem dela – e dependem.

Uma razão: o ministério de Cristo como Sumo Sacerdote

O autor de Hebreus segue e nos fornece uma razão para nossa perseverança, que é uma questão doutrinária. O que é que motiva o povo cristão aceitar uma vida de luta e rivalidade, apegando-se à confissão? A razão é descrita no versículo 14: "Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão".

A razão por trás da nossa perseverança é a pessoa e obra de Jesus Cristo, que como Filho de Deus e como nosso grande Sumo Sacerdote assegura nossa salvação diante de nós. Jesus e sua obra salvífica são descritos aqui como os principais antídotos para o medo: medo do fracasso, medo de apostatar, até mesmo o medo de aproximar-se de Deus que paralisa muitos cristãos.

Muitos cristãos lutam em seu relacionamento com Deus, especialmente quanto à oração. A razão para isso é examinada pelo autor de Hebreus, e expressada no versículo anterior: "E não há criatura que não seja manifesta na sua presença, pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas" (Hb 4.13).

Toda pessoa com alguma percepção espiritual sente-se desconfortável com a ideia do olhar inquiridor de Deus. Basta lembrar da cena no jardim do Éden após Adão e Eva terem pecado. Em seu estado original, antes de cair em pecado, eles estavam "nus e não se envergonhavam" (Gn 2.25). Sem qualquer pecado para condená-los, deliciavam-se com o olhar de seu amoroso Criador. Contudo, após a queda, eles ocultaram sua vergonha até mesmo um do outro, cosendo roupas pateticamente com folhas de figueira. E mais, temeram a presença de Deus, fugindo e escondendo-se dele enquanto sentiam sua aproximação.

É assim que muitos cristãos se sentem em sua relação com Deus. O pensamento de seu olhar congela seus ossos. Estão dispostos a fazer qualquer coisa, menos lidar com o próprio Deus, esgueirando-se nos limites da sua luz mais do que se aproximando dele. Lutam para orar e raramente o fazem, a menos que sejam forçados pelas circunstâncias. Esse é o medo paralisante que o autor de Hebreus aborda agora. Como Philip Hughes explica: "Os pecadores não são mais obrigados a manter distância com medo e tremor, pelo contrário, são agora convidados a *aproximarem-se*, e fazê-lo *com confiança"*.[3]

A razão para essa mudança é a obra salvífica de Jesus Cristo para reconciliar os pecadores com Deus. Em particular, dois aspectos dessa obra se unem aqui: ele fez a propiciação por nós no tabernáculo celeste, e ele agora ministra do alto com compaixão por nossas fraquezas.

Quando Deus descobriu o pecado de Adão e Eva, ele os puniu expulsando-os do jardim e amaldiçoando-os. Porém, Deus tomou a iniciativa de restaurá-los à comunhão consigo mesmo. Gênesis 3.21 nos diz: "Fez o SENHOR Deus vestimenta de peles para Adão e sua mulher e os vestiu". Deus sacrificou um animal no lugar deles, vestindo-os com vestes do substituto inocente que ele providenciara. Essa é uma imagem excelsa do que Deus fez por nós em Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus que afasta o nosso pecado e cuja justiça perfeita nos é imputada.

Quando o autor de Hebreus fala de Jesus como nosso sumo sacerdote – e com esse texto seu sacerdócio torna-se o tema dominante nessa carta –, o que ele enfatiza é a obra expiatória de Cristo ao morrer na cruz. Ele faz uma comparação entre, por um lado, o que Jesus fez ao morrer e ressuscitar da morte e, então, ascender aos céus e, por outro lado, o ofício cerimonial realizado pelo sumo sacerdote de Israel.

Uma vez por ano, o sumo sacerdote entrava no santuário do Tabernáculo para fazer expiação pelos pecados do povo. Primeiramente oferecendo um sacrifício pelos seus próprios pecados e então purificando-se com água, o sumo sacerdote – e somente ele – um dia no ano e nesse dia somente – entrava na presença de Deus. Ali, no Santo dos Santos, ele contemplava a arca da aliança, com os anjos de ouro em cima com suas asas alinhadas, olhando fixamente as duas tábuas dos Dez Mandamentos, a lei de Deus, que o povo quebrara com os seus pecados. Para evitar a punição, o sumo sacerdote trazia sangue sacrificial do animal, o qual era aspergido sobre o assento da misericórdia, a tampa para o sangue que se interpunha entre o olhar penetrante de Deus e as tábuas da lei. Quando o sangue era oferecido, a ira de Deus era propiciada, isto é, era afastada do pecado do povo.

Os sacerdotes de Israel apontavam para Jesus, o grande Sumo Sacerdote. Ele é grande por causa da sua natureza divina. Ele é o Filho de Deus, e seu sangue derramado é suficiente para satisfazer a ira de Deus para sempre. Ele é grande porque seu sacrifício obteve uma expiação final, diferente daqueles oferecidos por Arão, que deveriam ser repetidos diariamente. Ele é grande porque ele não é homem pecador entrando no Santo dos Santos uma vez por ano, precisando retornar no ano seguinte. Pelo contrário, ele adentrou os céus, o verdadeiro tabernáculo, na sala do trono celestial de Deus, e ofereceu seu sangue vertido de uma vez por todas. Esse é o contraste implícito no versículo 14. Diferente de Arão, que não entrou na Terra Prometida por causa do seu pecado, e diferente dos sumos sacerdotes que seguiram Arão, que eram pecadores e não poderiam oferecer o verdadeiro sacrifício, Jesus entrou na terra do descanso, o próprio céu, e finalizou a nossa redenção.

Porque Jesus é o nosso Sumo Sacerdote, somos reconciliados com Deus. Isso significa que podemos nos aproximar dele desimpedidamente. Não precisamos nos esconder dele; não precisamos fugir como Adão no jardim; o véu que nos separava da presença de Deus está rasgado pelo sacrifício de Cristo na cruz. Agora podemos, como o autor de Hebreus, de forma extraordinária, quer que vejamos, nos aproximar ousadamente da presença de Deus que estivera impedida outrora pelos nossos pecados.

O assento de misericórdia é o lugar onde pecadores podem se aproximar do Deus santo com segurança e confiança. Isto é o que Deus disse a Moisés no deserto: "Ali, virei a ti e, de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins que estão sobre a arca do Testemunho, falarei contigo" (Êx 25.22). Isto é onde nós nos encontramos seguros e pacificados com o Senhor nosso Deus, no lugar seguro pelo sangue oferecido por nosso Sumo Sacerdote, Jesus Cristo.

O segundo aspecto do ministério sacerdotal de Cristo é a compaixão que ele nos traz no céu. Hebreus 4.15 nos diz: "Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado". Este é um assunto que o autor considerou anteriormente, então deve ser um tema importante. O Senhor que você serve, o Salvador a quem você busca, não está indiferente às suas provações, mas sente com conhecimento íntimo. Ele não está desinteressado ou frio para o que você está passando, ele veio à terra e assumiu nossa natureza humana precisamente para que possa, agora, estar em sensibilidade companheira conosco. Portanto, ele está eminentemente apto para representar você perante o trono de seu Pai celestial, advogando sua causa, assegurando seu lugar e providenciando os recursos espirituais de que você necessita.

Eis a razão pela qual você não deve desistir; Cristo está no céu socorrendo a carne humana, tendo suportado o que você está passando agora – e mais –, porém, sem se deixar derrotar pelo pecado. Sua justiça representa você diante do trono de Deus e confere a você acesso ao Pai; suas orações pleiteiam por seu sustento e intercedem em favor de suas necessidades. "Eis aqui estou eu e os filhos que Deus me deu" (Hb 2.13). Ele abriu o caminho para você, estabeleceu seu lugar onde ele está e agora ele roga ao Pai por sua provisão e proteção espiritual certo de ser atendido em todas as suas petições.

Jesus explicou tudo isso aos seus primeiros discípulos no Cenáculo, na noite de sua prisão. Eles não entenderam plenamente enquanto ele falava do que estava por vir, mas captaram o suficiente para saber que ele estava de partida. Jesus os confortou, dizendo: "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também" (Jo 14.1-3).

Sim, haveria dificuldades e problemas. O autor de Hebreus nos assegura disso ao comparar nossa peregrinação na terra com a jornada de Israel pelo deserto rumo à Terra Prometida. Porém, Jesus garantiu aos seus discípulos: "Não vos deixarei órfãos [...] porque eu vivo, vós também vivereis" (Jo 14.18-19). Que ótima razão é isso para a esperança, e que força proporciona para perseverar!

Um recurso: o trono da graça

Nossa *exigência* é permanecer firmes na fé que professamos. Nossa *razão* para lutar é o ministério sumo sacerdotal de nosso Senhor Jesus Cristo. Seu ministério nos reconcilia com Deus e abre o baú do tesouro da graça de Deus. Isso torna possível o grande *recurso* da oração, ao qual o escritor agora se volta: "Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna" (Hb 4.16).

O que significa aproximar-se do trono da graça? Significa vir a Deus em oração apoiados no ministério sumo sacerdotal de Cristo; isto é, seu sacrifício propiciatório e constante intercessão. A linguagem aqui é notável e clara. Ao falar para chegar à presença do trono de Deus, o autor nos lembra de que esse é o lugar onde o sangue era oferecido por nós, o assento da misericórdia onde Deus convoca os pecadores para encontrarem-se com ele. Contudo, também somos lembrados que é a um rei que nos dirigimos; nós vamos ao trono real do Rei dos reis.

Num belíssimo sermão neste texto, Charles Spurgeon desenvolveu algumas implicações para nossa própria aproximação a Deus em oração. A primeira é que devemos chegar em *humilde reverência*. Se nós demonstramos maior respeito nas cortes reais terrenas – na Casa Branca, por exemplo, ou no Palácio de Buckingham –, então, certamente, iremos com a mesma elevada reverência perante o trono de Deus. Não há lugar para orgulho ou vaidade aqui, e se nossos olhos pudessem ver o que realmente está espiritualmente diante de nós, temeríamos por sua aterradora majestade. Spurgeon escreve: "Seu trono é o grande Trono Branco, imaculado e claro como cristal. [...] Familiaridade pode haver, mas não deixe que seja ímpia; ousadia pode haver, mas não deixe que seja impertinente".[4]

Segundo, devemos vir com *imensa alegria*. Por quê? Por causa do favor que nos foi estendido a tão elevado privilégio. O que merecíamos senão rejeição da presença de Deus e encarceramento em sua prisão? Em vez disso, somos recebidos como filhos favorecidos, convidados a trazer todas as nossas súplicas ao Rei dos céus.

Em seguida, nossas orações devem incluir *amplas expectativas*, enquanto condizentes com o poder e bondade do Rei a quem iremos. Associado a isso deve estar *submissão à sua sabedoria e vontade*. Como lembra o apóstolo Paulo, ele "é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós" (Ef 3.20). Nós o honramos quando nos aproximamos com grandes e amplas súplicas, mas também com contentamento em sua soberana vontade. Pela fé, nós alegremente aceitamos o que ele se compraz em conceder, pela maneira como escolhe fazê-lo, sabendo que ele é sábio muito acima de nós, que ele realiza todas as coisas para o nosso bem (Rm 8.28).

Finalmente, e este é o ponto especial apresentado pelo autor de Hebreus, devemos nos aproximar de Deus *com confiança*. Nós o fazemos sabendo que seremos recebidos favoravelmente, sabendo que podemos falar livremente, sabendo que esse é um trono de graça para nós. Por quê? Por causa do Sumo Sacerdote que veio adiante de nós, assegurando acesso para nós pelo seu sangue e orações intercessoras.

Não podemos superestimar a importância de tal confiança. Muitos cristãos lutam com a oração. Nós tememos com pavor como se estivéssemos em um palco, como se a luz do trono de Deus nos expusesse em vergonhosa nudez, quando na verdade ela revela as vestes radiantes que ornamentam o ambiente ao nosso redor, a justiça de Cristo oferecida a todos que nele confiam. Esta é a chave para a oração – orar frequentemente, orar abertamente, orar ousada e livremente e com contentamento de coração – saber que vamos ser vestidos com a justiça de Jesus Cristo,

convidados por seu próprio ministério salvador, comprados por seu precioso sangue e antecedidos por sua intercessão compassiva. Esse é o segredo para orar vívida e alegremente.

Sim, é o trono para o qual você vai, no entanto, esse trono é o trono da graça. Isso significa que, quando você for, seus pecados estarão cobertos pelo sangue de Cristo e suas faltas serão consideradas com compaixão. Suas orações gaguejantes não são criticadas, mas são recebidas com ternura. Além disso, o ministério sacerdotal de Jesus garante o socorro do Espírito Santo. O apóstolo Paulo escreve em Romanos 8.26: "[...] o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis". O Espírito de Deus nos socorre na oração, e graciosamente interpreta nossas orações aos ouvidos do Pai celeste.

Além disso, porque nos achegamos ao trono da graça, Deus está pronto para atender nossas súplicas. Ele está feliz por prover nossas necessidades, para nos dar forças para perseverar em meio às provações: "A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza" (2Co 12.9). Então não temos medo de suplicar a Deus, nós que somos tão necessitados nesta vida. Por que nós vamos ao trono? Um comentarista explica: "O homem necessita de misericórdia para as falhas passadas, e de graça para o trabalho presente e futuro. [...] Misericórdia é ser 'levado' enquanto ela é estendida ao homem em sua fraqueza; graça deve ser 'vista' pelo homem de acordo com suas necessidades".[5] E assim, como exorta Hebreus: "Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna" (Hb 4.16).

Um lugar para você

Deus exige nossa perseverança na fé durante as provações desta vida cristã. Ele nos dá uma ótima razão para isso – a obra salvífica de nosso Sumo Sacerdote, que é poderoso para nos salvar até o fim. Ele tem seguido à nossa frente para abrir as portas e revelar os tesouros da misericórdia e graça de Deus. A oração é um excelente recurso que Deus nos concede, algo que não podemos negligenciar se queremos nos fortalecer na fé e perseverar nas tribulações. A oração nos leva ao trono do poder e autoridade, mas também ao trono da graça para todos que estão em Cristo. Portanto, aproximemo-nos de Deus com reverência, com alegria, com altas expectativas, especialmente com aquela confiança própria dos filhos e filhas do Rei dos céus e da terra. Spurgeon nos dá uma conclusão apropriada sobre a diferença que a graça de Deus realiza em nós:

> Ah!, eu não poderia dizer-lhes: "ore", nem mesmo para vocês santos, a menos que fosse um trono de graça! Muito menos eu poderia falar de oração para vocês pecadores, mas agora eu vou dizer isso para todo pecador aqui, embora ele pense de si mesmo como o pior pecador que já viveu, clame ao Senhor e busque-o enquanto ele pode ser encontrado! Um trono da graça é um lugar seguro para você; vá de joelhos! Por simples fé vá para o seu Salvador, pois ele é quem é o trono da graça![6]

[1] Estou em dívida com Michael S. Horton por esta ilustração.
[2] J. C. Ryle, *Holiness* (Darlington, U. K.: Evangelical Press, 1979), 56.
[3] Philip E. Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), 173-174.
[4] Charles Haddon Spurgeon, "The Throne of Grace", em *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, 63 vols. (Pasadena, Tex.: Pilgrim Publications, 1975), 17:855.
[5] B. F. Westcott, *The Epistle to the Hebrews* (Londres: Macmillan, 1903), 109.
[6] Spurgeon, "The Throne of Grace", 860.

16

DESIGNADO COMO SUMO SACERDOTE



Hebreus 5.1-6

> [...] *Cristo a si mesmo não se glorificou para se tornar sumo sacerdote, mas o glorificou aquele que lhe disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei.* (Hb 5.5)

A Carta aos Hebreus se destaca entre as demais cartas do Novo Testamento em sua atenção determinada e firme da pessoa e obra de Cristo. As cartas paulinas fazem uma abordagem um pouco diferente. Em Romanos, Paulo inicia falando da condição do homem em pecado. Em outras cartas, ele inicia apontando os problemas que surgiram ou aqueles que estão em sua mente. Ambas as cartas de Pedro começam com uma oração a Deus, o Pai, e a primeira carta de João começa com uma declaração da sua própria missão e mensagem apostólica.

Desde seu primeiro versículo, portanto, Hebreus está determinado em focalizar Jesus Cristo. O capítulo 1 começa com uma extraordinária declaração de quem ele é e o que tem feito. O restante da carta lida com sua supremacia e absoluta suficiência como nosso Salvador. Ele é maior do que os anjos, maior do que Moisés, maior do que Josué e maior do que Arão, o sumo sacerdote. A unidade da abordagem do autor parece ser esta: "Se você unicamente compreender o que Cristo é e o que ele fez, isso fará com que você persevere na fé contra todas as dificuldades". Se levarmos Cristo a sério, argumenta, tudo o mais irá adquirir uma nova ênfase e permaneceremos até ao fim.

Hebreus não se destaca somente por seu singular interesse com a pessoa e obra de nosso Senhor, mas também por sua apresentação detalhada de Cristo em seu ofício como Sumo Sacerdote. João Calvino observa corretamente:

> De fato, não há nenhum livro da santa Escritura que tão claramente fale do sacerdócio de Cristo, que tão sublimemente exalte a virtude e a dignidade daquele único e genuíno sacrifício por ele oferecido através da sua morte [...] e, numa palavra, tão plenamente explique que Cristo é o cumprimento da lei.[1]

Seria superestimar o caso dizer que o ministério sacerdotal de Cristo aparece somente nesse livro do Novo Testamento, pois esse ofício está mais do que implícito em outras cartas, particularmente quando se tem em vista sua morte sacrificial. Mas, nesse livro, que aborda diretamente a questão da perseverança cristã, é o ministério sacerdotal de Jesus Cristo que aparece como nossa principal fonte de motivação e conforto. De fato, apenas em Hebreus o título de sumo sacerdote é especificamente atribuído a Jesus. Já nos deparamos com Cristo como sumo

sacerdote em nosso estudo de Hebreus, mas no capítulo 5 esse se torna o principal foco de nosso interesse.

Hebreus 5.1-10 forma uma unidade de pensamento, focalizada na similaridade entre o sacerdócio de Arão na antiga aliança e o sacerdócio de Jesus Cristo na nova aliança. O ensino apresentado aqui estabelece uma base para o que está por vir. Capítulos adiante focalizam mais detidamente as diferenças entre Cristo e Arão, especialmente a supremacia do sacerdócio de Cristo. Mas, primeiro devemos compreender a continuidade básica entre Cristo e Arão. Para esse fim, Hebreus 5.1-10 apresenta primeiramente as qualificações de um sumo sacerdote, então o requisito que o sacerdote seja designado por Deus, e finalmente quanto tudo isso está cumprido em Cristo. Neste estudo consideraremos os seis primeiros versículos, e especialmente a designação de Cristo como Sumo Sacerdote para nossa salvação.

Qualificações para o sacerdócio

O autor de Hebreus inicia apresentando as qualificações de um sumo sacerdote. Podemos ver isso como um trabalho de descrição, estabelecendo as condições necessárias para esse serviço, a natureza do trabalho, e por último, o propósito de um sumo sacerdote.

Lemos no versículo 1: "Porque todo sumo sacerdote, sendo tomado dentre os homens, é constituído nas coisas concernentes a Deus, a favor dos homens, para oferecer tanto dons como sacrifícios pelos pecados". A palavra "homens" é usada duas vezes em estreita proximidade com ênfases óbvias. O sumo sacerdote é tomado da humanidade para agir em nome da humanidade nas coisas concernentes a Deus. A condição para ser sumo sacerdote, então, é ser humano, porque a natureza do trabalho é representar outros seres humanos através do oferecimento de "dons e sacrifícios". O propósito desse chamado e trabalho é bem claro, a saber, lidar com o problema do pecado. O sumo sacerdote é designado por Deus para representar pecadores diante de Deus por meio de dons e sacrifícios expiatórios. Particularmente o que se tem em vista é a oferta anual pelo pecado no dia da expiação, que resume todo empreendimento sacerdotal.

A ideia-chave aqui é aquela da representação: o sacerdote deve ser humano a fim de representar outros humanos, porque é humano quem está condenado perante Deus pelo pecado. Philip Hughes escreve: "O sumo sacerdote era algo muito mais do que um especialista cúltico e litúrgico. Seu ofício dizia respeito, sobretudo, ao problema radical da pecaminosidade humana e à necessidade do povo de reconciliação com Deus".[2] O sacerdote era um mediador, não somente representando o povo pecador diante de Deus, mas na verdade trazendo-os de volta à comunhão com Deus através de seu trabalho em benefício deles.

Um sacerdote tinha de ser humano para representar outros humanos, e mais, tinha de ser humano a fim de identificar-se com eles: "E é capaz de condoer-se dos ignorantes e dos que erram, pois também ele mesmo está rodeado de fraqueza. E, por essa razão, deve oferecer sacrifícios pelos pecados, tanto do povo como de si mesmo" (Hb 5.2-3).

O sacerdote humano de Israel estava apto para lidar bondosamente com o povo pecador porque estava no mesmo barco. Eram pecadores, como ficava demonstrado pelos oferecimentos que faziam por seus próprios pecados. O autor de Hebreus tem se esforçado para nos lembrar de que Jesus não teve quaisquer pecados ou falhas (ver Hb 4.15), mas também que ele está apto para compadecer-se conosco, todavia, por causa de sua familiaridade pessoal com a tentação e fraqueza humanas. Hebreus 5.2 diz que o sumo sacerdote deve estar "rodeado de fraquezas". O texto grego diz literalmente: "visto que ele está *deitado em volta com fraquezas*". Embora Jesus não tenha pecados, ele adquiriu a fragilidade humana, e assim é capaz de lidar com pecadores com entendimento e sem brusquidão.

Outrossim, o sacerdote lida bondosamente com "os ignorantes e com os que erram" (Hb 5.2). Certamente isso inclui cada crente. É em nossa ignorância e rebeldia que pecamos contra Deus. Isso também parece lembrar a distinção no Antigo Testamento entre, por um lado, aqueles que pecam em ignorância e fraqueza e, por outro, aqueles que cometem pecados arrogantemente ou abertamente por rebeldia (ver Nm 15.22-31; Lv 22.14-16; Sl 95.7-11). A diferença hoje seria entre crentes que, a despeito de sua fé em Cristo como Salvador, ainda lutam contra o pecado, e aqueles que rejeitam o evangelho e pecam sem arrependimento. Crentes pecadores são perdoados por meio da obra salvífica de Jesus. Entretanto, pecadores não arrependidos, incrédulos, não têm ninguém para carregar seus pecados a não ser a si próprios. Como é maravilhoso que "o ignorante e os que erram" encontrem um Sumo Sacerdote compassivo que bondosamente os leva à graça de Deus.

As qualificações de Jesus como Sumo Sacerdote

A questão óbvia de tudo isso é que Jesus se qualifica para tal ministério sacerdotal. O que particularmente o qualifica é sua humanidade plena, tanto em sua natureza como em sua experiência.

O Novo Testamento frequentemente enfatiza a natureza divina de Jesus Cristo. Ele é o Filho de Deus – não um mero homem como todos nós, mas Deus em carne. O autor de Hebreus deixou essa questão muito clara no capítulo 1. A ênfase aqui, porém, é sobre a natureza humana de Jesus. De fato, a principal razão pela qual o divino Salvador, o Messias, deveria se tornar homem era para cumprir essa regra sacerdotal. Deveria ser um de nós a fim de nos representar, e deveria compartilhar nossa experiência para identificar-se conosco em nossas provações.

Como o Filho de Deus pode nos representar e se identificar conosco? A primeira resposta é a encarnação, quando a segunda pessoa da Trindade assumiria a carne humana para assumir a nossa causa. Hebreus 2.14 diz: "Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo". Como vimos quando estudamos esse texto, a morte de Jesus na cruz foi imputada aos homens porque eram homens que estavam em débito com Deus, e em Cristo foi um homem quem o pagou. Foi sua natureza divina que tornou o seu sangue

infinitamente precioso e apto para propiciar a ira de Deus, mas foi em sua natureza humana que ele se ofereceu por nós. Se tivesse sido anjos que ele viesse salvar, então ele viria como um anjo; visto que ele veio para ser o Salvador de homens, foi como homem que ele veio. Hebreus 2.17 resume isso tudo: "Por isso mesmo, convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo". A encarnação está por trás da expiação. Foi porque Jesus se fez homem que ele representou os homens enquanto morria na cruz.

E quanto a identificar-se conosco em nossa fraqueza? Essa tem sido a principal ênfase do autor de Hebreus, um aspecto-chave do ministério sacerdotal de Cristo. Hebreus 2.10 nos diz: "Porque convinha que aquele, por cuja causa e por quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, aperfeiçoasse, por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles". Jesus tinha de se tornar perfeito para esse ofício não porque houvesse alguma deficiência primeiramente, mas porque um sumo sacerdote deve se identificar com o que as pessoas estão passando. "Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado" (Hb 4.15).

Quando lemos os Evangelhos, percebemos que Jesus estava, de fato, familiarizado com os problemas deste mundo, com as dificuldades de viver entre uma raça pecadora, a fraqueza da natureza humana, e até o horror da mortalidade humana. Ele chorou diante do túmulo de seu amigo Lázaro, do mesmo modo que você chora a morte de alguém amado; ele derramou gotas de sangue em seu suor enquanto vislumbrava sua própria morte, assim como você fica com o coração apertado diante dos problemas e da dor; ele foi maltratado e torturado; ele morreu e foi sepultado num túmulo. De fato, o cálice da morte, da necessidade e da dor da solidão, do qual nós bebemos em parte, ele bebeu até o fim. Ele passou pela experiência humana, e se identifica com o que nós estamos passando.

Leia os Evangelhos – o nascimento de Jesus da virgem Maria, sua vida entre os homens e sua morte maldita diante de Deus – e você verá que ele é suficientemente adequado tanto para representar como para identificar-se conosco. Tudo isso está sumariado em Hebreus 2.11, que nos diz: "Pois, tanto o que santifica como os que são santificados, todos vêm de um só. Por isso, é que ele não se envergonha de lhes chamar irmãos". Jesus se tornou nosso irmão, em termos de partilhar tanto da natureza humana quanto da experiência humana, e assim ele está plenamente qualificado para ser nosso grande Sumo Sacerdote.

Pense nas implicações disso. Desde cedo o autor se esforçou muito para nos mostrar que Cristo está agora entronizado à direita de Deus com poder e autoridade. Agora vemos que é nosso Sumo Sacerdote que se assenta no trono. Ele está ali primeiramente para nos representar, de modo que sua justiça perfeita possa conquistar para pecadores como nós a entrada no reino e na família de Deus. Segundo, o Senhor entronizado identifica-se com nossas lutas; ele lida bondosamente conosco em nossa ignorância e fraquezas. Nosso Sumo Sacerdote não tem

simplesmente boas intenções; ele tem poder e autoridade para garantir nosso lugar no céu e nos socorre agora através do Espírito que ele mesmo envia.

O próprio Jesus antecipou a importância de tudo isso. João 17 lembra sua oração antes de ele submeter-se para ser preso e então crucificado. É conhecida como Oração Sacerdotal de Cristo. Nela ele falou da sua exaltação como Profeta, Sacerdote e Rei, e sobre as implicações para aqueles que confiam nele. Primeiramente, falou de sua entronização como rei: "Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti [...]. Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer; e, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo" (Jo 17.1,4-5).

Em seguida, falou do sucesso de seu ministério profético, que conduziu à fé os que creram nele: "Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo. [...] porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste, e eles as receberam" (Jo 17.6,8).

Então, ele orou como Sumo Sacerdote, garantindo o favor e o poder de Deus para todos que confiam nele: "É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus; [...] Já não estou no mundo, mas eles continuam no mundo, ao passo que eu vou para junto de ti. Pai santo, guarda-os em teu nome" (Jo 17.9,11).

Essa foi a oração de Jesus antes de entrar no céu em glória. Agora que ele está entronizado ali por nós, esse mesmo ministério sacerdotal assegura o favor e o poder de Deus para nossa salvação, mesmo a vida eterna que está disponibilizada para nós agora pela fé nele.

Designado como Sacerdote

Jesus Cristo atende as qualificações para ser nosso mediador e Sumo Sacerdote. Todavia, alguém pode estar qualificado para uma posição sem ter verdadeiramente autoridade para exercê-la. Qualificação é um pré-requisito, mas deve haver uma nomeação para o ofício se o trabalho pretende ser válido e irrevogável. Nos versículos 4-6 vemos que Jesus não é apenas qualificado para ser nosso Sumo Sacerdote, mas que Deus também o designou para esse ofício.

Esta questão da designação é importante por duas razões. A primeira é que ela determina o modo como o ofício é realizado. Os versículos 4 e 5 fazem esta observação: "Ninguém, pois, toma esta honra para si mesmo, senão quando chamado por Deus, como aconteceu com Arão. Assim, também Cristo a si mesmo não se glorificou para se tornar sumo sacerdote". Um verdadeiro sacerdote não é alguém que age para elevar-se aos olhos dos homens ou de Deus. Um verdadeiro sacerdote é motivado unicamente pelo desejo de honrar a Deus e servir aos homens, sem se preocupar com promoção pessoal.

Isso deve ser verdadeiro para os ministros do evangelho. Poucas coisas são piores do que ministros que colocam a si mesmos em cargos de prestígio, buscando louvor e até mesmo riquezas terrenas. Simon Kistemaker corretamente observa: "Toda pessoa instalada no ofício sagrado deve ter o chamado de Deus. Se esse não for o caso, ela torna-se uma afronta a Deus e uma provocação a seu povo".[3]

O ofício sacerdotal foi grandiosamente honrado em Israel, como deveria ter sido. Igualmente, o Novo Testamento recomenda que os ministros do evangelho sejam merecedores de respeito (1Ts 5.12-13; 1Tm 5.17). Mas, louvor e honra são sempre um perigo para homens pecadores, pelo que Pedro admoesta aos mais velhos:

> Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho. (1Pe 5.2-3)

O que é válido para o ofício humano de sacerdote ou ministro é especialmente válido para o ofício messiânico de sacerdote que Cristo assumiu. Se uma coisa está clara da sua vida e morte, é que ele não veio buscar glória para si mesmo, mas fazer a vontade de seu Pai no céu: "Se eu me glorifico a mim mesmo", disse ele, "a minha glória nada é; quem me glorifica é meu Pai" (Jo 8.54). Philip Hughes observa: "Ao assumir o ofício de salvador e Sumo Sacerdote, o Filho estava tão longe de exaltar e glorificar-se a si mesmo que aceitou sabendo muito bem o que significava para ele a experiência das profundezas mais obscuras da humilhação, rejeição, agonia e morte".[4]

Essa é uma importante razão por que esse ofício vem somente pelo chamado, mas a segunda razão é, de algum modo, mais importante. O sumo sacerdote deve ser designado por Deus não apenas para que ele sirva desinteressadamente, mas também para que saibamos que o próprio Deus autoriza seu ministério com essa capacitação. Com base em quê acreditamos que a morte de Cristo expiou os nossos pecados? Porque Deus o designou para essa tarefa, e assim aceitou a obra de Cristo nesse ofício santo. Quando Jesus adentrou os céus, levando seu próprio sangue como o sacrifício por nossos pecados, por que isso tem alguma importância para nós? Certamente, ele é qualificado, mas isso não é suficiente. Ele nos representa porque Deus o escolheu para ser nosso Sumo Sacerdote. Ademais, por que Deus ouviria as orações de Cristo por nós? Certamente ele ama seu Filho, e Cristo é compassivo. Porém, Deus aceita a intercessão de Cristo porque ele o escolheu para esta obra; como nosso Sumo Sacerdote, Cristo cumpre a vontade e designação do próprio Deus para nossa salvação.

Portanto, é importante para o autor de Hebreus provar que Jesus foi de fato designado para esse ofício, o que ele faz citando dois versículos do Antigo Testamento. O primeiro é o salmo 2.7, que diz: "Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei". O segundo é o salmo 110.4: "Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque".

A primeira citação já apareceu em Hebreus 1.5. A função desse versículo não é o estabelecimento da natureza de Cristo como Filho de Deus, mas sua declaração e confirmação pública como Filho e herdeiro. Como Paulo explica em Romanos 1.4, Jesus "foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos". A ressurreição e ascensão foram o cumprimento dessa citação do Antigo Testamento e a ocasião de sua escolha para adentrar os céus como Filho, herdeiro e Sumo Sacerdote.

A segunda citação é mais enigmática, pois nela encontramos a primeira das nove referências em Hebreus a Melquisedeque, que inicialmente apareceu na história de Abraão (Gn 14). Ali, Melquisedeque foi descrito como rei de Salém (provavelmente Jerusalém) e "sacerdote do Deus Altíssimo". Após sua vitória sobre os reis do oriente, Abraão veio e ofereceu sacrifício a esse sacerdote-rei, que prefigurava Jesus Cristo. Mil anos depois de Abraão, o nome de Melquisedeque surge novamente no salmo 110, sem qualquer explicação real. Trata-se de um salmo messiânico; começa com o Cristo sendo entronizado. O versículo 4 simplesmente nos informa que o Messias também será um sacerdote da ordem de Melquisedeque.

Depois do salmo 110, Melquisedeque não aparecerá novamente na Escritura até a Carta aos Hebreus, em que serve como tipo de Cristo como sacerdote-rei, e como um eterno sacerdote que serve de base de sua própria vida indestrutível. Trataremos disso com mais detalhes posteriormente. De fato, o próprio autor de Hebreus conclui que não é tempo ainda de discutir a questão integralmente. Hebreus 5.11 diz: "A esse respeito temos muitas coisas que dizer e difíceis de explicar, porquanto vos tendes tornado tardios em ouvir".

Haverá mais sobre Melquisedeque, mas aqui a questão está clara. Essas duas passagens do Antigo Testamento mostram que Cristo "a si mesmo não se glorificou para se tornar sumo sacerdote" (Hb 5.5), mas foi designado pelo juramento do próprio Deus. A citação completa do salmo 110.4 deixa o caso mais claro. Davi escreveu: "O SENHOR jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque". A designação de Cristo por Deus como Sumo Sacerdote é um juramento que jamais poderá ser mudado ou cancelado.

Isso tudo tem um impacto tremendo quanto à segurança da nossa salvação. O autor de Hebreus discute longamente esse assunto da nossa perseverança. Ele compara a situação de seus leitores com a de Israel no deserto, quando muitos abandonaram pela desobediência, incredulidade e rebelião. Certamente, isso nos leva a perguntar: "Como me sairei nos próximos anos? Vou perseverar em minhas próprias lutas e tentações?" É uma excelente questão. Quem pode dizer que os crentes perseverarão até o fim – e devemos fazê-lo se queremos ser salvos.

A resposta para essa questão, e para nossa necessidade de segurança, é a designação de Jesus Cristo como nosso Sumo Sacerdote. Ele já completou a obra de morrer por nossos pecados. Ele penetrou os céus para oferecer seu sangue sacrificial por nossa causa. Lá, ele agora assenta entronizado como um sacerdote que ministra em nosso benefício, rogando por nós, intercedendo junto ao Pai e enviando o maná celestial de que necessitamos para alimentar e cultivar nossa fé. Que boa-nova é isso para nós! James Boice sumariza a questão:

> A razão da perseverança dos santos é que Jesus fez todo o necessário para que sejam salvos. Visto que ele fez uma expiação perfeita pelos pecados deles e desde que Deus jurou aceitar a obra de Jesus, os crentes podem estar bem certos que ele ou ela estarão no céu uma vez que o próprio Jesus ali estará.[5]

Isso deixa somente uma questão para ser respondida. Ele é o nosso Sumo Sacerdote? Ele morreu por nós? Você confessa seu pecado e confia nele como seu Salvador? Ele está agora no

céu pleiteando sua causa com seu próprio sangue? Se a resposta é não, então você não se reconciliou com Deus, você não está livre da condenação, você não está revestido com a justiça de Cristo, mas em seus pecados perante o Deus santo.

No entanto, se você confia em Jesus Cristo, então você tem a paz que descansa em sua obra e na Palavra de Deus, ainda mais com o juramento sagrado de Deus: "O SENHOR jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre" (Sl 110.4). Nessas palavras encontra-se nossa plena segurança da salvação, pois Cristo levou nossos nomes para os céus consigo, para que no devido tempo possamos segui-lo no reino da glória.

Quando você vem a Cristo pela fé, você vem também, como o autor de Hebreus diz em seu capítulo 12: "[...] a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembleia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus" (Hb 12.22-23). E você pode estar certo de que um daqueles nomes é o seu.

---

[1] João Calvino, *New Testament Commentaries*, 12 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), 12:1.
[2] Philip E. Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), 176.
[3] Simon J. Kistemaker, *Thessalonians, the Pastoral and Hebrews* (Grand Rapids: Baker, 1984), 134.
[4] Hughes, *Hebrews*, 180.
[5] James Montgomery Boice, *Psalms*, 3 vols. (Grand Rapids: Baker, 1998), 3:902.

17

A FONTE DA NOSSA SALVAÇÃO



Hebreus 5.7-10

Embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu e, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem. (Hb 5.8-9)

No décimo primeiro cânon da sexta sessão do Concílio de Trento, escrito em janeiro de 1547, a Igreja Católica Romana condenou oficialmente a doutrina Protestante da justificação pela fé somente. "Se alguém disser", diz o Concílio, "que os homens são justificados, quer pela simples remissão dos pecados", com a exclusão da graça e caridade, que estão trabalhando nelas, "seja anátema".[1] Essa linguagem, que fundamenta nossa justificação em uma justiça presente em nós, fez com que os reformadores protestantes concluíssem que Roma abandonara e mesmo condenara o evangelho. O que o Concílio de Trento amaldiçoou foi precisamente o que os reformadores ensinavam como central para a religião cristã como um todo, o ensino que, como coloca João Calvino: "é inteiramente pela intervenção da justiça de Cristo que obtemos a justificação diante de Deus. Isso equivale a dizer que o homem não é justo em si mesmo, mas que a justiça de Cristo lhe é comunicada pela imputação, embora ele mereça precisamente punição".[2]

O que incomodava os católicos romanos, bem como outros oponentes da Reforma, era a ideia de que a pessoa que ainda é pecadora pode ser declarada justa por um Deus que é justo. Dizer que somos justificados pela fé em Cristo somente, embora sejamos ainda, de fato, pecadores, protestavam, significa uma ficção jurídica. É indigno de Deus, argumentavam, e despropositado esperar que Deus possa ou deseja nos declarar justos e até mesmo que somos realmente inocentes e puros. É por essa razão que a justificação somente pela fé, como ensinada pelos reformadores, foi declarada maldita por Roma – um anátema que vigora até hoje.[3]

Isto tudo traz uma questão que é vital para nossa compreensão do evangelho. Com que fundamento Deus declara alguém justo e aceita-o como merecedor da comunhão consigo? Ou, para colocar de outra forma, qual é o fundamento da minha posição com Deus; qual é a fonte da minha salvação? Essa é uma questão vital, porque para alguém que se sabe pecador, cuja culpa o tem colocado debaixo da ira santa de Deus, essa é a questão das questões.

A Bíblia aborda exaustiva e claramente esse assunto. Nosso presente texto encara esse assunto diretamente nos olhos e nos dá uma resposta direta. Falando de Jesus Cristo, diz: "[...] tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem" (Hb 5.9). Para entender esse

versículo, precisamos responder três perguntas: primeira, *o que* a salvação exige? Segunda, *como* Jesus se torna a fonte do que a salvação exige? E, finalmente, para *quem* Jesus é a fonte da salvação eterna?

O que a salvação exige?

Outro modo de perguntar é dizendo: "O que é necessário para alguém desfrutar da comunhão eterna com Deus?" A resposta bíblica é que para ter comunhão com Deus é preciso possuir retidão perfeita, alcançar o padrão perfeito estabelecido na lei de Deus. Podemos considerar isso em sentido tanto positivo quanto negativo. Positivamente, alguém deve manifestar perfeitamente a santidade estabelecida na lei de Deus. Negativamente, alguém não deve estar manchado com qualquer culpa ou corrupção, qualquer transgressão da lei.

Jesus abordou esse assunto muitas vezes durante seu ministério terreno. Quando o jovem rico se aproximou de Jesus e perguntou: "Mestre, que farei eu de bom, para alcançar a vida eterna?", Jesus respondeu: "Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos" (Mt 19.16-17). Um intérprete da lei dirigiu a Jesus a mesma pergunta: "Mestre, que farei para herdar a vida eterna?" "Que está escrito na Lei?", replicou-lhe Jesus. O homem respondeu: "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e: Amarás o teu próximo como a ti mesmo". "Respondeste corretamente", disse-lhe Jesus. "Faze isto e viverás" (Lc 10.25-28).

A base da salvação, então, é justiça. E ser justo diante de Deus é observar perfeitamente sua lei, manter seu padrão, tanto no pensamento como na ação, com mãos e coração. Tanto o jovem rico como o mestre da lei entenderam corretamente essa parte. Onde eles se equivocaram foi na reivindicação de que eles a teriam alcançado. Por essa razão Jesus rejeitou firmemente a ambos. Portanto, o padrão claro é esse dado na lei e repetido no Novo Testamento: "Sede santos, porque eu sou santo" (1Pe 1.16).

A parábola das bodas proferida por Jesus esclarece muito bem essa questão. Um homem que tentou se infiltrar na festa do rei foi descoberto e retirado. "Entrando, porém, o rei para ver os que estavam à mesa, notou ali um homem que não trazia veste nupcial e perguntou-lhe: Amigo, como entraste aqui sem veste nupcial? E ele emudeceu. Então, ordenou o rei aos serventes: Amarrai-o de pés e mãos e lançai-o para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes" (Mt 22.11-13).

Deus exige que estejamos vestidos em justiça perfeita. Esse é um grande problema para nós, de fato, pior do que tendemos a reconhecer. Nosso problema não é simplesmente que nós somos falhos moralmente, mas que somos moralmente completamente corruptos; não que nossas vestes estejam ligeiramente menos brancas do que a pérola, mas que estão horrivelmente sujas. As pessoas acham isso difícil de aceitar hoje, mas é o que a Escritura claramente ensina. Paulo afirma isso claramente: "Não há justo, nem um sequer" (Rm 3.10).

As pessoas não gostam de ouvir isso, porém quando estão diante de Deus não podem negar. Essa é exatamente a descrição que temos na Bíblia. Adão e Eva se esconderam de Deus e tentaram se cobrir após pecarem. Jó falou ousadamente a Deus até que as nuvens se abriram e Deus apareceu. Então, só pôde dizer: "Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza" (Jó 42.5-6). O extraordinário profeta Isaías clamou: "Ai de mim! Estou perdido!" (Is 6.5). O mesmo se deu com o apóstolo João: quando viu Jesus Cristo ressurreto e exaltado em Apocalipse 1.17, caiu como se estivesse morto.

O homem é injusto, no entanto a justiça é requerida para a salvação. Podemos perceber, então, o que significa o protesto contra a doutrina da justificação somente pela fé. É correto dizer que não podemos sustentar qualquer ficção jurídica; sem uma sólida justiça diante de Deus, não apenas palavras, mas a realidade, devemos seguramente ser condenados.

O ensino romano da justiça infundida

Se a justiça é a exigência para a salvação, o fundamento para a comunhão com Deus, então de onde procede a nossa justiça? Esta é a próxima e óbvia questão. Que justiça nos recomenda perante o grande trono branco da justiça perfeita de Deus? A resposta católica romana, e aquela de tantas outras que negam a justificação somente pela fé, é que deve ser uma justiça *dentro de você*. Se questionados: "Por que devo permitir que você entre no céu santo de Deus?", eles responderiam: "Porque eu tenho me tornado justo".

Chamo a atenção para o ensino católico romano não para me envolver em um debate intramuros, porém para lançar luz sobre esse grave problema por meio de um claro contraste. Afirma-se às vezes, equivocadamente, que o catolicismo ensina a autojustificação, mas isso também é anatematizado por Roma. Os católicos romanos prontamente admitem que ninguém se torna justo sem o auxílio de Deus por meio de Jesus Cristo. Contudo, esse modo de colocar mostra a diferença entre seu ensino e a justificação somente pela fé. Deus *ajuda* você a se tornar justo, sem Cristo você jamais *poderá* ser justo, e mais, eles, no entanto, insistem que o fundamento da nossa entrada no céu é *sua própria justificação*.[4] Pela combinação dos sacramentos do batismo, penitência e eucaristia, nossos pecados são removidos e a graça de Deus é preservada e fortalecida até você passar desta vida e pela morte.

Naturalmente, quando você morre não pode ir diretamente para o céu. A razão disso é que você não é justo o bastante para comprazer Deus, como você e especialmente aqueles próximos a você sabem muito bem. Assim, deve existir o purgatório, um ensino que não encontra apoio na Escritura, mas se torna necessário para este sistema de doutrina. Visto que devo me tornar perfeitamente justo e puro, e tendo em vista que sei que não alcançarei isso em vida, então é ao fogo do purgatório que eu confio consumir minha iniquidade restante, talvez por vários séculos ou milênios.[5]

São estas as boas-novas de acordo com a Igreja Católica Romana. Jesus é a fonte da salvação somente em que sua morte torna esse programa possível. Se não fosse por ele, não existiria esperança em absoluto para pecadores. Porém, agora, por sua graça, após a vida toda na igreja e muitas vidas no mini-inferno do purgatório, você pode esperar encontrar-se diante de Deus não com base em alguma ficção jurídica, mas fundamentado em sua própria justificação pessoal. O termo técnico teológico para esse processo é *justificação infundida*. Os pecadores alcançarão o céu depois que tiverem alcançado santidade perfeita no purgatório, com base na justiça infundida neles por Cristo, através da igreja, e seu todo importante sacerdócio e sacramentos, e com o auxílio de Maria e dos santos.

De acordo com Roma, a justificação que você precisa pode ser encontrada em você após o processo de justificação tê-lo, finalmente, lançado para as margens do céu. Isso pode ser boas-novas, mas não são tão boas-novas. Ademais, é algo totalmente diferente do que o autor de Hebreus pretendeu quando disse que Jesus Cristo, por sua obediência, "tornou-se o Autor da salvação eterna" (Hb 5.9).

A justiça de Cristo

Hebreus diz que Jesus se tornou a fonte da nossa salvação. Inicialmente devemos observar o uso do verbo "tornar-se". Até que algo acontecesse, até que alguma coisa fosse alcançada, Cristo não era a fonte da nossa salvação, o fundamento para nossa entrada no céu. Então, o que Jesus fez para habilitar-se e tornar-se a fonte da salvação eterna? O autor nos diz:

> Ele, Jesus, nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem podia livrar da morte e tendo sido ouvido por causa da sua piedade, embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu e, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o Autor da salvação eterna para todo os que lhe obedecem. (Hb 5.7-9)

Esses versículos descrevem a real conquista da justiça de Cristo, sua realização plena da santidade expressada na lei de Deus, durante seus dias na carne nesta terra. A esse respeito, precisamos entender o *contexto* no qual Cristo cumpriu a lei, a *obediência* pela qual ele cumpriu a lei e o *resultado* de seu cumprimento da lei em perfeita justiça.

Qual foi o contexto para a obtenção da justiça de Jesus? Jesus obteve justiça "nos dias da sua carne" (Hb 5.7). Um comentarista observa: "Estas palavras que se deslocam expressam quão intensamente Jesus absorveu a condição humana, que em meio a tantas angústias fez suas orações arrancando-lhe também súplicas, gritos e lágrimas".[6]

"Carne" é um termo claramente compreensivo, representando fraqueza humana, sujeição ao perigo e vontade e tentação, bem como obrigação para a lei de Deus. João nos diz: "O Verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1.14). Em outras palavras, o contexto no qual Cristo cumpriu toda a justiça não foi diferente daquele no qual você e eu somos compelidos a viver, exceto que Jesus era sem pecado e sua peregrinação por este mundo foi muito mais árdua do que a nossa.

Essa é a questão que compõe as cenas de abertura do ministério público de Jesus, começando com seu batismo e então sua tentação no deserto. João Batista estivera chamando pecadores ao batismo pelo arrependimento. No entanto, quando Jesus apareceu, João ficou perplexo com a ideia de batizá-lo, pois ali estava aquele sem pecado, de fato, aquele que anunciara que seria muito maior do que ele mesmo. O evangelho de Mateus nos diz: "Por esse tempo, dirigiu-se Jesus da Galileia para o Jordão, a fim de que João o batizasse. Ele, porém, o dissuadia, dizendo: Eu é que preciso ser batizado por ti, e tu vens a mim? Mas Jesus lhe respondeu: Deixa por enquanto, porque, assim, nos convém cumprir toda a justiça" (Mt 3.13-15).

Como isso foi importante para nossa salvação! Jesus colocou-se a si mesmo no caminho onde pecadores caminham. Como profetizou Isaías, ele "foi contado com os transgressores" (Is 53.12), para que pudesse cumprir toda a justiça precisamente onde falhamos tão miseravelmente.

Imediatamente após Jesus ser batizado, então publicamente aclamado pela voz vinda do céu e o Espírito Santo descendo como pomba, foi ele conduzido para o deserto a fim de ser tentado. Temos falado do deserto no transcorrer dos nossos estudos em Hebreus. O deserto é onde vivemos, o local de provações antes da Terra Prometida. Foi isto que significou para Jesus estar na carne, que ele estava no deserto onde Israel falhara tão gravemente, e onde você e eu igualmente lutamos contra o pecado. Contudo, no deserto, com dor, fome e tentação, Jesus cumpriu toda a justiça a fim de que pudesse ser a fonte da nossa salvação. Esse foi o contexto de sua obediência.

O que podemos dizer sobre a *obediência* pela qual Cristo cumpriu a lei? Nosso texto diz que Jesus nada comeu por 40 dias – o mesmo número de anos que Israel foi testado e falhou, murmurando e se rebelando sobre o maná que Deus enviara do céu. Mas, quando o diabo tentou Jesus nessa mesma questão, nosso Senhor replicou-lhe: "Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus" (Mt 4.4). Jesus suportou todas as tentações de Satanás, sem dúvida, orando e clamando a Deus por socorro. Ele não pecou em pensamento, palavra ou ação, sob as tentações mais severas que qualquer um de nós jamais conhecerá. Deus o ouviu não meramente por tratar-se de seu único Filho, mas também "por causa da sua piedade" (Hb 5.7).

De volta ao versículo 3 desse capítulo, falávamos que os sumos sacerdotes de Israel ofereciam sacrifícios por seus próprios pecados. Somente, então, Deus ouvia suas orações e recebia seus sacrifícios. Todavia, Jesus não clamou ao Pai baseado em sangue de bois e bodes; toda a sua vida, especialmente sua obediência nos acontecimentos em torno de sua terrível morte, foi o oferecimento sacrificial que o consagrou como o nosso Sumo Sacerdote. William Lane escreve: "Jesus aprendeu por experiência o que a obediência transmite através da sua paixão a fim de obter salvação e se tornar plenamente qualificado para o seu ofício como eterno sumo sacerdote".[7] Suas orações e ministério são recebidos por Deus por causa de sua constante reverência e perfeita obediência.

Se há uma coisa que o Novo Testamento enfatiza sobre a vida de Jesus Cristo é isto: ele obedeceu perfeitamente a Deus em todas as coisas, jamais caiu em pecado, jamais falhou com o Pai e jamais caiu na condenação da lei. Isto é o que foi profetizado antes da sua vinda. Isaías disse: "A justiça será o cinto dos seus lombos, e a fidelidade, o cinto dos seus rins" (Is 11.5). Jesus reivindicou isto abertamente, exigindo de seus acusadores: "Quem dentre vós me convence de pecado?" (Jo 8.46). Eles não poderiam fazê-lo. Mesmo quando o trouxeram à presença de Pilatos, o déspota empedernido foi forçado a admitir sua inocência: "Eu não acho nele crime algum" (Jo 18.38). Mesmo na hora de sua morte, aqueles que observavam ficaram chocados com o que viram: "Vendo o centurião o que tinha acontecido, deu glória a Deus, dizendo: Verdadeiramente, este homem era justo" (Lc 23.47). Por isso, Pedro poderia dizer: "O qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca" (1Pe 2.22). O apóstolo Paulo resumiu sua morte expiatória escrevendo: "Aquele que não conheceu pecado ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus" (2Co 5.21).

Nosso texto enfatiza que foi em meio a dor e luta, na sombra da morte, que Jesus aprendeu a obediência. Dois episódios vêm especialmente à mente: primeiro, sua angústia no Jardim do Getsêmani, onde ele antecipou a ira de Deus na cruz, e segundo, sua morte pela crucificação. No jardim Jesus orou com lágrimas e grande angústia. "A minha alma está profundamente triste até a morte" (Mt 26.38), disse ele aos discípulos. Grande foi a sua luta naquela terrível noite: "prostrou-se sobre o seu rosto, orando". No contexto do maior terror imaginável, Jesus orou: "Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres" (v. 39). Essa foi uma submissão reverente como nenhuma outra, e por ela Deus recebeu Jesus como nosso Sumo Sacerdote.

Na cruz, Jesus clamou àquele que poderia salvá-lo: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27.46). "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!" (Lc 23.46). Jesus cumpriu toda a justiça até o fim, clamou ao Pai, confiando nele, e cumprindo a lei de uma vez por todas. Sua obediência revelou o caminho para os pecadores a fim de que participem da salvação, e isso foi vividamente representado quando o véu, separando o santo dos santos, rasgou-se de cima a baixo. "E a favor deles eu me santifico" (Jo 17.19). Assim cumpriu ele toda a justiça e tornou-se a fonte da nossa salvação eterna.

Este é o *resultado* da obediência de Cristo: "e tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem, tendo sido nomeado por Deus sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque" (Hb 5.9-10). Vimos anteriormente que a justiça é a fonte da salvação, e por sua vida perfeita e morte sacrificial as palavras do apóstolo Paulo são profundamente verdadeiras: Jesus Cristo é nossa "sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção" (1Co 1.30). Agora o caminho para Deus, que estivera outrora fechado pelo pecado, encontra-se aberto pela justiça de Cristo. João Calvino escreve: "Tornou-se o Autor de nossa salvação, já que se fez justo aos olhos de Deus, quando remediou a desobediência de Adão, através de um ato contrário de obediência".[8]

Com isso em mente, permitam-me retornar à questão por mim apresentada anteriormente. Fundamentado em quê você espera permanecer diante do trono de Deus? Como você responderia a pergunta de Deus: "Por que você deve entrar no meu santo céu?" Seguramente a resposta não seria por nossa justiça própria – seja agora seja no futuro. Seguramente, a única resposta que podemos dar é aquela colocada tão bem nas palavras do hino "Rock of Ages":[9]

> Nada trago em minhas mãos,
> simplesmente à vossa cruz apego-me;
> Nu, venho a vós para vestir-me;
> desamparado, procuro-vos por graça;
> Imundo vou à Fonte;
> lava-me, Salvador, ou eu morro.

Isso é o que pretendemos por justificação pela fé somente. Nossa fé não nos torna justos; em vez disso, a fé se apodera da justiça de outro, nosso Senhor Jesus Cristo, que se tornou perfeito como nosso Salvador e Sumo Sacerdote, a fonte da nossa vida eterna. Novamente, o hino coloca muito bem:

> Nem os labores de minhas mãos
> podem cumprir as exigências de vossa lei;
> Poderia sem descanso, meu zelo não saber,
> poderia minhas lágrimas para sempre fluir;
> Tudo pelo pecado não poderia expiar;
> vós deveis salvar e somente vós.

Essa é uma ficção legal? É desonroso para a justiça santa de Deus por nós dizer: "Meu único conforto na vida e na morte é somente a justiça de Cristo"? Seria uma ficção legal, admito, se eu afirmar que a própria fé nos justifica. Mas o que garante perdão e vida eterna a pecadores como nós é a perfeita justiça de Cristo, recebida somente pela fé. E isso não é violação da justiça, pelo contrário, é o dom da justiça do Deus de toda a graça, e para ele seja toda a glória. Essa é a justiça de Cristo, não infundida em nós após um processo tortuoso, porém imputada a nós pelo eterno decreto de Deus pela fé somente, do que o apóstolo Paulo fala em Filipenses 3. Longe de qualquer mérito próprio, disse Paulo: " [...] as considero como refugo, para ganhar a Cristo e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé" (Fp 3.8-9).

De fato, haverá um tempo quando os crentes não serão considerados meramente, mas, finalmente, perfeitamente santos. Esta é uma obra que está em andamento agora, pelo processo da santificação, pelo qual aqueles que têm sido justificados por Deus estão se tornando santos na prática cotidiana. O próprio Deus deseja aperfeiçoar esse trabalho através da ressurreição e não através de quaisquer chamas do purgatório. Eu, de minha parte, aguardo ansiosamente esse dia, entretanto, por agora, posso permanecer diante de Deus, embora seja eu mesmo um grande

pecador, vestido com as vestes da justiça de Jesus Cristo. Isso não é fraude legal, mas a real justiça alcançada por nós pelo nosso precioso Salvador, que assim tem se tornado a fonte da nossa salvação eterna.

Justiça recebida pela fé

Resta ainda outra questão: "Para quem Cristo é a fonte da salvação?" A resposta é clara: "tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem" (Hb 5.9). O que significa obedecer a Jesus Cristo para salvação? Ele mesmo respondeu em João 6: "Dirigiram-se, pois, a ele, perguntando: Que faremos para realizar as obras de Deus? Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado" (Jo 6.28-29).

Se você não confia em Jesus Cristo, as boas-novas são más notícias para você. Como o próprio Jesus ensinou: "Por isso, quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus" (Jo 3.36). Se você confia em sua obra salvadora, Cristo se torna seu Salvador. Seu sacrifício quita o débito de seus pecados, e sua vontade é a justiça com a qual você está vestido perante o trono de Deus.

Não pense, porém, que tudo isso seja fácil. Se você obedecer a Jesus Cristo, então você deve confessar algumas coisas e repudiar outras. Deverá confessar que você não é e não pode ser justo em e por si mesmo, por causa do pecado que está dentro de você. Então, você deve se aproximar de Jesus Cristo pela fé, apropriando-se livremente da sua salvação, confessando sua vida justa e morte sacrificial para sua salvação.

Você não deve confessar apenas sua necessidade do sangue e da justiça de Cristo, mas deve também repudiar suas obras manchadas pelo pecado como são e totalmente incapazes de salvar. Você deverá repudiar suas realizações religiosas, sua fé em seguir uma igreja, sua formação própria, ou sua condição no mundo – sua confiança em qualquer coisa que não seja a obra salvífica de Jesus Cristo. De fato, você deverá repudiar o mundo e todos os seus prazeres pecaminosos, que o apóstolo João descreve como "a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida" (1Jo 2.16). Abandonar o pecado não é o meio para sua salvação, mas o seu resultado último, pois não há comunhão entre luz e trevas.

No entanto, quando abandonar tudo isso, você ganhará tudo se suas mãos estiverem firmemente seguras à cruz de Jesus Cristo, onde o justo Filho de Deus morreu pelos pecadores, e se tornou a fonte segura da salvação eterna para todos que nele confiam.

---

[1] Ver Philip Schaff, *The Creeds of Christendom*, vol. 2, *The Greek and Latin Creeds* (Grand Rapids: Baker, 1993), 113.
[2] João Calvino, citado em R. C. Sproul, *Faith Alone* (Grand Rapids: Baker, 1995), 93.
[3] Ver o *Catechism of the Catholic Church* (Nova York: Doubleday, 1995), parágrafo 1995, que insiste que "justificação envolve a *santificação* do [de um] ser como um todo".
[4] Ver *The Canons and Decrees of the Council of Trent*, sexta sessão, capítulo VII: "Justificação não é somente a remissão dos pecados, mas ao mesmo tempo a santificação e renovação do homem interior pela voluntária recepção da graça e dos dons. Por esse meio, o homem de injusto se torna justo e de inimigo, amigo, de modo a ser *herdeiro da vida eterna*. [...] A causa única formal é 'a justiça de Deus, não enquanto ele mesmo é justo, mas enquanto nos torna justos', quer dizer, enquanto por ele enriquecidos, fica a nossa alma espiritualmente renovada, e não só passamos por justos, mas verdadeiramente nós nos

denominamos e somos justos. Pois recebemos em nós a justiça, cada qual a sua, conforme a medida. Assim, ninguém pode ser justo, senão aquele a quem se comunicam os merecimentos da Paixão de nosso Senhor Jesus Cristo. Mas isso assim sucede nessa justificação do pecador, precisamente pelo fato de *o amor de Deus se difundir pelo Espírito Santo,* por força dos merecimentos dessa sagrada Paixão, *nos corações* dos que são justificados, aderindo-lhes intimamente. Por isso, na justificação é infundido no homem por Jesus Cristo, a quem está unido, ao mesmo tempo, tudo isto: fé, esperança e caridade". (Schaff, *The Creeds of Christendom*, 2:94–96.)

[5] Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, parágrafo 1030, em que o purgatório é necessário "a fim de obter a santidade necessária para entrar na alegria do céu" (cf. também *Catecismo*, parágrafo 1054). O Catecismo justifica a doutrina do purgatório referindo-se à tradição católica romana e ao livro apócrifo de 2Macabeus 12.45 (cf. *Catecismo*, parágrafos 1031-1032).

[6] William L. Lane, *Hebrews 1–8* (Dallas: Word, 1991), 119.

[7] *Ibid.*, 121.

[8] João Calvino, *New Testament Commentaries*, 12 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), 12:66.

[9] Augustus M. Toplady, "Rock of Ages, Cleft for Me", 1776. [Em inglês: "*Nothing in my hand I bring,/ simply to thy cross I cling;/ Naked, come to thee for dress;/ helpless, look to thee for grace;/ Foul, I to the Fountain fly;/ wash me, Savior, or I die*".]

18

DO LEITE AO ALIMENTO SÓLIDO



Hebreus 5.11–6.3

> [...] com efeito, quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido, tendes, novamente, necessidade de alguém que vos ensine, de novo, quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus; assim, vos tornastes como necessitados de leite e não de alimento sólido. (Hb 5.12)

Há um antigo adágio que expressa como as pessoas se sentem quando um pregador se torna um pouco mais próximo do que elas gostariam. Quando ele está falando em termos gerais, então ele está pregando, o que as pessoas aprovam calorosamente. Porém, quando ele se torna um pouco pessoal, quando realmente fala sobre áreas do pecado e do mundanismo próprios da vida real das pessoas – dizem não ser pregação, mas intromissão.

Assim seguimos para o fim de Hebreus 5 e entramos no capítulo 6, em que o autor definitivamente começou a intrometer-se. A passagem de Hebreus 5.11–6.3 vem como um parêntese, isto é, quebra o fluxo do argumento. Esse parêntese é claramente longo e serve como a terceira maior exortação dessa carta de exortações. A primeira encontra-se no capítulo 2, em que aprendemos sobre o perigo de afastar-se: "Por esta razão, importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos" (Hb 2.1).

A segunda maior exortação ocorre a partir de Hebreus 3.6 até o fim do capítulo 4. A ênfase encontra-se na citação do salmo 95: "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração". Devemos guardar diligentemente nossos corações e o daqueles outros ao nosso redor, a fim de que não nos endureçamos contra a Palavra de Deus pela desonestidade do pecado (Hb 3.12).

Com essa longa exortação, o autor de Hebreus iniciou sua extensa instrução sobre o sumo sacerdócio de Jesus Cristo, iniciando no capítulo 5. Tão logo começa a explicar isso, porém, ele percebe haver um problema pedagógico em suas mãos. Isto é o que ele escreve no versículo 11: "A esse respeito temos muitas coisas que dizer" – a saber, sobre o sacerdócio de Jesus Cristo de acordo com a ordem de Melquisedeque – "e difíceis de explicar, porquanto vos tendes tornado tardios em ouvir". Sendo esse o caso, nosso autor desvia-se para lidar com o problema da imaturidade e falta de compromisso espiritual de seus leitores. Até ele corrigir isso, não há sinal de prosseguir com questões mais profundas da fé.

A exortação que ele inicia aqui é curta, porém intensa. De fato, talvez seja a advertência mais severa que aparece em qualquer outra parte do Novo Testamento. O autor de Hebreus a princípio lida com a imaturidade e então com o perigo da flagrante apostasia, ou abandono da fé por completo, antes de concluir com o encorajamento que é baseado na garantia da promessa de Deus. Neste estudo, consideraremos o início dessa exortação, a partir de Hebreus 5.11–6.3.

Fé imatura

O autor de Hebreus começa com uma reprovação que explica por que ele não pode prosseguir com sua exposição:

> A esse respeito temos muitas coisas que dizer e difíceis de explicar, porquanto vos tendes tornado tardios em ouvir. Pois, com efeito, quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido, tendes, novamente, necessidade de alguém que vos ensine, de novo, quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus; assim, vos tornastes como necessitados de leite e não de alimento sólido. (Hb 5.11-12)

Essa é uma das passagens que indicam que os leitores dessa carta não eram recém-convertidos, nem crentes novos. "Pois, com efeito, quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido", diz ele. Ele não pretende com isso dizer que todos eles deveriam ser ordenados ministros, mas que deveriam estar aptos a instruir outros na fé, considerando que de fato eles ainda não compreenderam as verdades mais elementares da Palavra de Deus.

Os destinatários dessa carta eram como muitos cristãos hoje que acham que teologia é uma perda de tempo. Que diferença faz, questionam, se Deus é uma Trindade ou não, se a justiça de Cristo vem pela imputação ou por infusão e se a regeneração vem antes ou depois da fé? O importante, dizem, é que estejamos bem uns com os outros. Então, citam passagens que recomendam a fé infantil, como se isso fosse o mesmo que fé imatura, isto é, uma fé que é indiferente ou ignorante para com a Palavra de Deus.

Essa atitude é tão predominante hoje que talvez a maioria dos crentes professos tente se alimentar com uma dieta fraca à base de leite apenas. Não há nada de errado com o leite. O fato é que somente aqueles que não são bebês requerem uma dieta mais consubstanciada se almejam crescer. Vivemos ainda num tempo quando muitos membros de igreja são imensamente ignorantes na Bíblia e de suas doutrinas. Os evangélicos concordam plenamente que ela seja verdadeira, contudo simplesmente não têm tempo para aprender o que ela ensina. Pesquisas recentes mostram que a maioria dos cristãos professos não pode, por exemplo, citar metade dos Dez Mandamentos, citar o nome dos quatro evangelhos ou articular o que significa o termo "justificação". Eles não conhecem quem foi Abraão ou o que Paulo escreveu na Carta aos Romanos. Questionados se a Bíblia diz: "Deus ajuda aqueles que se ajudam", 80% dos autodesignados "cristãos evangélicos" concordam (na verdade quem disse foi Benjamin Franklin). O especialista em pesquisas George Gallup resume a situação atual, citando "a gritante falta de conhecimento da Bíblia, doutrinas básicas, e da tradição da igreja [...] [e] a

superficialidade da fé, com muitas pessoas sem conhecer o que creem, ou por que creem".[1] Não é de admirar, então, que a cultura secular não se impressiona com os ensinamentos que nós mesmos estamos tão desinteressados.

O autor de Hebreus não mede palavras sobre a importância de entender o que a Bíblia ensina. Usando a comparação que o apóstolo Paulo também usa em 1Coríntios 3.1-2, escreve:

> [...] vos tornastes como necessitados de leite e não de alimento sólido. Ora, todo aquele que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança. Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal. (Hb 5.12-14)

A marca característica das crianças espirituais, diz ele, é que são "inexperientes na palavra da justiça", ou como a New International Version coloca: "não estão familiarizados com o ensino da justiça". Isso pode se referir à retidão moral, ou necessariamente à conduta justa, porém é mais provável referir-se à justiça que vem de Deus no evangelho através da obra de Jesus Cristo recebida pela fé. Isto é o que ele escrevia antes de iniciar essa advertência. Em Hebreus 5.8-10, ele escreveu sobre a obediência de Cristo que o aperfeiçoou para a função de Salvador. Por meio de sua justiça, Cristo se tornou "o Autor da salvação eterna" e foi consagrado como nosso Sumo Sacerdote.

A questão é que essas perpétuas crianças não eram capazes de articular o fundamento da sua salvação. Formavam uma comunidade identificada com Jesus Cristo, porém não compreendiam como a fé cristã opera. Talvez isso não importa, como as pessoas dizem, conquanto que você esteja salvo. Todavia, o autor mostra exatamente qual é o problema: "Mas o alimento é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal" (Hb 5.14).

Faz alguma diferença se você deve ou não amadurecer na fé? Sim! Crentes imaturos são facilmente desviados, o que tem sido a preocupação do autor em toda essa carta. Em Efésios 4.14 o apóstolo Paulo expressa uma preocupação semelhante pela igreja, onde meninos espirituais são "agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro". Aqueles que não progridem nas verdades da fé são agitados para frente e para trás, particularmente quando confrontados com enganadores e seus falsos esquemas, como sempre será.

Muitos observadores da igreja hoje apontam para uma falsa antítese entre o coração e a mente que levam ao anti-intelectualismo entre os evangélicos: se você se preocupa com a teologia, então você deve ser frio espiritualmente e sem amor. O resultado, lamenta Os Guinnes, é que "somos pessoas com uma verdade, às vezes uma profunda experiência de Deus. Mas não somos mais um povo de verdade".[2] Em outra avaliação, *The Scandal of the Evangelical Mind*, o historiador da igreja Mark Noll inicia dizendo: "O escândalo da mente evangélica é que não há muito de uma mente evangélica. [...] Diferentemente de seus ancestrais espirituais, os

evangélicos modernos não buscam um pensamento compreensivo sobre Deus ou procuram uma mente estruturada para um alcance mais amplo da perspectiva cristã".[3]

Em outras palavras, a teologia é um tédio para os cristãos modernos, que é outro modo de dizer que estamos entediados com o próprio Deus, exceto na medida em que ele alimenta nossas necessidades de consumo. O autor de Hebreus chama a atenção para o preço que pagamos por isso. Cristãos constantemente imaturos são incapazes de discernir entre expressões de fé genuínas e não autênticas, entre o saudável e o perigoso, entre o Espírito de Deus e o espírito do mundo. Em anos recentes, isso ficou demonstrado pela vasta horda de cristãos superficiais, que segue um após o outro dos movimentos bizarros enfatizando experiências estranhas ou enriquecimento rápido, mas que não têm qualquer ligação discernível com o "ensino da justiça" que está em Jesus Cristo.

As marcas da imaturidade

Quais as características de um cristão imaturo? Hebreus 5.11-14 nos apresenta três dessas características que definem cristãos que tomam leite, que não podem manusear alimento sólido. Primeiramente, são superficiais em seu entendimento. Isso descreve você? Um modo de responder é perguntar como você alimenta a sua mente e quais são os seus interesses. Em meu trabalho pastoral frequentemente acho ser uma boa questão diagnóstica perguntar o título de um livro que alguém leu nos últimos seis meses. A questão não é fazer minha própria lista de leituras aprovadas, mas ver se a pessoa está fixada em si mesma, suas próprias vontades ou em busca de experiências, ou se está interessada no caráter de Deus, nos tesouros do evangelho, ou nos desafios de viver Jesus Cristo no mundo.

Se você diz: "contanto que eu ame Jesus, não importa em que mais acredito", então você jamais crescerá em sua fé, em seu caráter, ou em sua santidade diante de Deus. Ademais, não há objeto mais precioso, nem estudo mais benéfico para nós, do que estudar sobre Deus e suas obras salvíficas. Crentes infantis conhecem pouco ou nada sobre isso, em vez disso ficam fixados em seus pequenos problemas pessoais, em seus insignificantes reinos pessoais, pouco imaginando os grandes e nobres temas da eternidade.

O primeiro sinal de uma fé imatura é a superficialidade. O segundo, é que tais cristãos são de pouca utilidade para os outros no que diz respeito às questões da fé. "Quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido", escreve o autor de Hebreus. No capítulo 3, ele falou da grande necessidade da exortação espiritual, a fim de que alguns não sejam endurecidos pelo engano do pecado. Isso exige cristãos conscientes da realidade espiritual, em sintonia com o perigo, e prontos a empregar os recursos da fé.

Muitas pessoas assumem que podem deixar toda a instrução espiritual para os ministros ordenados. Contudo, não importa sua situação na vida, suas responsabilidades exigem de você crescimento no entendimento do ensino cristão. Um esposo, por exemplo, provavelmente não pode providenciar o encorajamento redentor que sua esposa necessita e a Bíblia exige, muito

menos criar seus filhos no temor e na admoestação do Senhor, sem um entendimento maduro do ensino bíblico. Se você é pai – ou pretende ser algum dia –, o que você fará quando seus adolescentes, então na idade colegial, vêm para casa com questões que aprenderam de professores e amigos incrédulos? Você precisa começar a crescer agora, antes que seja tarde.

E quanto às mulheres? O apóstolo Paulo escreve com desdém sobre "mulherzinhas" fracas, que são incapazes de permanecer na verdade (2Tm 3.6-7); ele espera que as mulheres mais velhas sejam uma fonte de sabedoria e instrução para as mais jovens, como descreve em Tito 2. De fato, todo cristão deve estar apto a "responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós", como diz Pedro em sua Primeira Carta (3.15), e a necessidade é maior agora do que nunca.

A terceira marca dos desdentados, cristãos infantis, é a incapacidade de discernir o saudável do pestífero. Em contrapartida, o maduro treina a si mesmo "para distinguir o bem do mal", uma expressão que parece incluir tanto o ensino quanto as escolhas morais.

Em cada um desses casos, aquele do superficial, do infrutífero e sem discernimento, há um remédio simples. Aplicar-se à verdade, treinar sua mente, alcançar o ABC da fé correta, e assim avançar para uma complexa e profunda compreensão da verdade bíblica.

Os fundamentos da fé

O autor de Hebreus prossegue oferecendo um conjunto interessante de temas que compõem, como ele mesmo diz, os "princípios elementares da doutrina de Cristo", e também "o fundamento" para todas as demais questões da fé (Hb 6.1).

A igreja primitiva empregava formulações de credos como forma de preparar os convertidos ao batismo. Esses resumos básicos eram fundamentais para qualquer profissão de fé. É provável que a lista dos itens em 6.1-2 servisse a essa função. Devemos admitir, portanto, olhando esses itens, que sua intenção não seja claramente óbvia para nós: "Por isso, ponde de parte os princípios elementares da doutrina de Cristo, deixemo-nos levar para o que é perfeito, não lançando, de novo, a base do arrependimento de obras mortas e da fé em Deus, o ensino de batismos e da imposição de mãos, da ressurreição dos mortos e do juízo eterno".

A questão não é abandonar essas verdades, porém estabelecê-las como um fundamento seguro para edificação posterior. Ali parece haver três grupos com dois elementos cada, todos os quais incluem as verdades elementares ou fundamentais. O primeiro é esta dupla: "arrependimento de obras mortas e [...] fé em Deus". Isso é evidente. O ato da descrença para o cristianismo começa com a consciência de, convicção sobre, e então o arrependimento dos atos que levaram à morte. As obras mortas são atos pecaminosos que se encontram sob a condenação de Deus (cf. Rm 6.19-21), bem como exercícios religiosos vãos.

Associada ao arrependimento encontra-se a fé em Deus para perdão e salvação. Trata-se do grandioso tema de toda essa carta: apegar-se ao caminho da salvação oferecido por Deus pela fé em Cristo. O verdadeiro arrependimento sempre conduz à fé salvadora. Nos convertemos da

obediência ao pecado para Deus que oferece perdão e nova vida. Juntos formam esta camada elementar do fundamento correspondente à doutrina da justificação.

Como é importante entender esta doutrina corretamente, fora da qual toda nossa compreensão encontra-se fatalmente equivocada. Jesus Cristo veio cumprir a lei e morrer em nosso lugar para a expiação dos nossos pecados; os crentes são declarados justos pela sua justiça recebida exclusivamente pela fé. Essa é a primeira camada de todo arcabouço do ensino cristão. Thomas Watson estava certo quando escreveu: "Justificação é o pivô principal e o pilar do cristianismo. Um erro sobre a justificação é perigoso, assim como um defeito na fundação de um edifício. A justificação em Cristo é uma fonte de água da vida. Ter o veneno da corrupção doutrinária atirado neste manancial é simplesmente condenável".[4]

A próxima dupla é um tanto quanto difícil de entender: "ensino de batismos e da imposição de mãos". Esperávamos que uma lista de fundamentos incluísse instruções sobre o batismo, particularmente, visto que a maioria desses catecismos surgira no contexto desse sacramento. Também fica evidente que na igreja apostólica primitiva, o batismo e a imposição de mãos encontravam-se intimamente relacionados. Impor as mãos significava a vinda do Espírito Santo, associado com o início da vida cristã simbolizada pelo batismo.[5] Essa parece ser a razão para sua união aqui.

Há, porém, algumas dificuldades, a começar com o fato de o autor de Hebreus não usar a palavra ordinária para batismo, e também o fato de grafá-la no plural. Em vez da costumeira palavra para o batismo cristão, *baptisma*, ele utiliza *baptismōn*, que descreve genericamente lavagens e abluções. Um estudo dos vários movimentos religiosos no judaísmo do século 1º encontra uma variedade de ensinos sobre a questão das lavagens cerimoniais. Havia aquelas do Antigo Testamento pertinentes à consagração sacerdotal; os rolos do mar Morto revelaram grande interesse em lavagens entre os essênios de Qumran. Havia também os batismos de arrependimento como os realizados por João Batista, sobre o qual houve confusão suficiente entre os cristãos por ele ser mencionado em Atos 18.25.

Entretanto, a imposição de mãos à época do Novo Testamento associava-se à bênção, cura, especialmente à ordenação para os ofícios. Em geral, impor as mãos significava a vinda do Espírito Santo. Tomadas em conjunto, lavagens e imposição de mãos têm a ver com nosso fortalecimento na vida cristã; isto é, apontam para a santificação. Vemos algo semelhante em Romanos 6.2-4, em que Paulo ensina o batismo como um encorajamento a uma vida piedosa.

A última dupla que finaliza essa lista dos fundamentos cristãos é "ressurreição dos mortos e juízo eterno". Se a primeira dupla se preocupa com a justificação, e a segunda com a santificação, faz sentido que a coleção encerre com uma dupla que lida com o problema da glorificação – isto é, o destino dos crentes após a morte. Essencial à esperança cristã é a ressurreição que nos aguarda após o túmulo, a esperança da glória. De fato, todos os mortos serão ressuscitados no grande dia do juízo. Aqueles que estão em Cristo serão recebidos com alegria, ao passo que todos quantos o rejeitam serão condenados para sempre em seus pecados.

Este sumário da fé cristã constitui o credo mínimo, o fundamento que deve ser assentado se alguém pretende construir segura e proveitosamente: justificação, o ato da graça de Deus pelo qual pecadores são declarados justos através do sangue de Cristo. Santificação, processo pelo qual os crentes crescem em santidade. Finalmente, a glorificação, a maravilhosa esperança de todos que buscam a Jesus Cristo e o dia quando seremos transformados em glória e recebidos na cidade celestial para a eternidade com Deus.

Santificado pela verdade

O propósito único do autor de Hebreus em toda essa carta é que pela fé em Jesus Cristo devemos perseverar até ao fim. "Por isso, pondo de parte os princípios elementares da doutrina de Cristo, deixemo-nos levar para o que é perfeito", inicia ele o capítulo 6, e empenha no versículo 3: "Isso faremos, se Deus permitir". Esse é seu grande desejo, levar seus leitores a uma compreensão madura de Jesus Cristo e sua obra salvífica, a fim de que sua fé possa perseverar até ao fim.

O autor de Hebreus entendia perfeitamente o que Jesus pretendia em sua extraordinária oração sacerdotal: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade" (Jo 17.17). Quero saber, contudo, se você entende isso. Você pode responder: "Mas o que realmente importa é que eu amo Jesus; o que importa é meu coração!" Talvez, mas se o coração é santuário da alma, a mente é o vestíbulo do coração. A verdade deve entrar através da mente. A questão é: o que formará o que você pensa e acredita, o que controlará o que ocorre em seu coração? O que Paulo escreveu à igreja primitiva é um problema igualmente urgente para nós: "E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus" (Rm 12.2).

Esse é um imperativo absoluto para todo cristão que deseja crescer, que quer honrar a Deus com sua vida, quer ser útil para os demais crentes e para a obra do evangelho neste mundo. John MacArthur escreve: "Ter o conhecimento da Palavra de Deus que controla nossa mente é a chave para uma vida justa. O que controla seus pensamentos controlará seu comportamento. [...] O conhecimento da Palavra de Deus conduzirá 'em toda a sabedoria e entendimento espiritual'" (Cl 1.9).[6]

A chave da perseverança e resistência não é uma experiência emocional passageira, nem essa fórmula ou aquele programa – essas são as marcas da imaturidade, lançando de um lado ao outro com o passar das ondas. Sábio, ou maduro, é aquele que não edifica sobre a areia movediça, mas sobre a rocha que é a Palavra de Deus. Que é o que o próprio Jesus ensinava: "Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha" (Mt 7.24-25).

Aqui é o lugar onde você deve permanecer, firme e seguro sobre a rocha que é a Palavra de nosso Senhor. Sim, os ventos rugirão e as chuvas baterão contra você. Todavia, permanecendo e

edificando sobre essa rocha, não vivendo como imaturos apenas com leite, mas como homem e mulher de fé nutrida por todo o conselho de Deus que é realmente alimento, você prevalecerá até o fim.

---

[1] George Gallup Jr. e D. Michael Lindsay, *Surveying the Religions Landscape: Trends in U. S. Beliefs* (Harrisburg, Pa.: Morehouse, 1999), 4.
[2] Os Guinnes, *Fit Bodies, Fat Minds* (Grand Rapids: Baker, 1994), 38.
[3] Mark A. Noll, *The Scandal of the Evangelical Mind* (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), 3-4.
[4] Thomas Watson, *A Body of Divinity* (Edimburgo: Banner of Truth, 1958), 226.
[5] F. F. Bruce, *The Epistle to the Hebrews*, ed. rev., New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), 142 n. 27.
[6] John MacArthur, *Colossians and Philemon* (Chicago: Moody, 1992), 29-30. [Edição em português: *Colossenses e Filemom*. São Paulo: Cultura Cristã; 2012.]

19

UMA VEZ ILUMINADOS



Hebreus 6.4-8

> *É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, e caíram.* (Hb 6.4-6a)

Um dos maiores comandantes da América na Segunda Guerra Mundial, General George S. Patton, era muito conhecido por cultivar o espírito de ataque em seus soldados. Particularmente nos últimos meses de 1944, o rápido avanço de suas tropas surpreendeu os defensores alemães, desempenhando extraordinária função no colapso das forças de Adolf Hitler. A principal diretriz de Patton era fazer todo o possível para atacar, pois na batalha a maior garantia está no avanço contra o inimigo.

O autor da Carta aos Hebreus apreciaria o espírito de Patton porque era a verdadeira atitude que desejava instigar em seus leitores. Tudo nessa carta advoga um avanço na vida cristã. Patton expressou certa vez como sendo sua razão para sempre primar pelo ataque: "Não gosto de pagar pelo mesmo imóvel duas vezes". O autor de Hebreus quer que avancemos porque é o único modo seguro de salvação e de perseverar até o fim.

Esse é o tema da terceira maior exortação do autor, começando no versículo 11 do capítulo 5. O autor censura seus leitores por sua falta de diligência e progresso. "[...] devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido" (Hb 5.12), disse ele, contudo mal tinham progredido além da infância espiritual. Agora, iniciando em Hebreus 6.4, ele dará a mais urgente razão para seu crescimento na fé, a saber, o verdadeiro e terrível perigo da apostasia: "Desejamos, porém, continue cada um de vós mostrando, até ao fim, a mesma diligência para a plena certeza da esperança" (Hb 6.11). Andrew Murray percebe claramente sua linha de raciocínio quando escreve:

> O argumento é de indizível solenidade. [...] No comércio, no estudo, na guerra, é comum dizer: não existe segurança, mas antecipe. Permanecer ainda é retroceder. Interromper o esforço é perder terreno. Reduzir o ritmo, antes do objetivo alcançado, é perder a corrida. [...] O ponto central do argumento do caso daqueles que se desviam é: *prossigamos até à perfeição*.[1]

Essa passagem é uma das mais contundentes em toda a Escritura, bem como uma das mais violentamente contestadas, e precisamos fazer um balanço cuidadoso do que diz. Há duas

questões importantes: primeira, quem ou que tipo de pessoa é descrita como desviando-se; e segunda, por que a condição de apostasia é realmente terrível. Concluiremos por observar algumas implicações óbvias deste ensino.

Uma vez iluminado

Esta passagem apresenta uma afirmação fundamental: "É impossível, pois, aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, e caíram" (Hb 6.4-6a).

Um dos problemas em lidar com esse texto é decidir quem ou o que está sendo descrito. Há três respostas importantes, cada qual depende da interpretação do que essas descrições retratam. Porém, antes de abordá-las, podemos fazer duas observações importantes. A primeira é que o autor de Hebreus não está descrevendo seus leitores propriamente ditos. Digo isso porque ele substitui aqui seu uso constante da primeira e segunda pessoas para a terceira pessoa. Em ambas as passagens, antes e depois desses versículos, o autor fala de "nós" e "vós". No entanto, aqui ele muda para a terceira pessoa: agora é "aqueles que uma vez foram iluminados". Isto nos diz que ele não fala diretamente da situação de seus leitores, uma observação que é confirmada pelo versículo 9: "Quanto a vós outros, todavia, ó amados, estamos persuadidos das coisas que são melhores".

Segundo, deveríamos, contudo, evitar descrever isso como uma situação hipotética. Um número de traduções passa essa impressão ao usar o termo "se". Este não aparece no texto grego, que é melhor traduzido não pela frase "se eles caírem", mas "aqueles que caíram". Essa situação de apostasia é real, uma terrível possibilidade que deve ser veementemente evitada. É algo que acontece e acontecerá com pessoas reais. De fato, pode ser que sejam pessoas particulares aqui descritas que caíram e não podem ser mais restauradas.

Agora estamos em posição de enfrentar as três principais visões considerando a identidade das pessoas que caíram. A primeira diz retratar a salvação real, isto é, indivíduos que se converteram, portanto possuíam fé verdadeira e salvadora em Cristo. A razão para esse ponto de vista fica evidente quando vemos como são fortes as declarações. Aquelas pessoas "que uma vez foram iluminadas". Dá a entender conversão, assim como o restante dos termos parece construir uma imagem profunda de pessoas regeneradas e crentes. Elas são pessoas que "provaram o dom celestial [...] se tornaram participantes do Espírito Santo [...] provaram a boa Palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro". John Wesley, o grande líder metodista, deu grande importância a esses versículos, escrevendo: "Não podemos, sem prejuízo a cada pessoa, ver que as expressões aqui usadas são tão fortes e claras que elas não podem, sem luta brutal e manifesta, ser entendidas como quaisquer outras senão de crentes verdadeiros?"[2] As pessoas que aceitam essa interpretação citam esses versículos como prova-chave contra a certeza da salvação ou segurança eterna. Wesley era como muitos outros, e escreveu: "Com esta autoridade, creio que

um santo possa apostatar; que alguém que seja santo ou justo no juízo do próprio Deus, não obstante, possa tanto afastar-se de Deus quanto perecer para sempre".[3]

Apresenta-se como um argumento convincente, mas que apresenta sérios problemas. O primeiro é que tal interpretação contradiz diretamente tantas passagens que ensinam a segurança eterna daqueles que nasceram de novo e possuem a genuína fé salvadora. Um princípio-chave da interpretação bíblica é que visto que Deus é o autor final de toda a Bíblia, e visto seja ele infalível e verdadeiro, não pode haver inconsistência básica nas Escrituras. O que significa que, quando confrontados com passagens difíceis, devemos interpretá-las à luz de outras mais claras. Isso é importante aqui porque o ponto de vista de Wesley nega categoricamente as declarações de Jesus como aquela em João 10.28-29: "Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão. Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatar". Há muitas outras afirmações para este efeito, como João 6.36-40, Romanos 8.38-39 e Filipenses 1.6, que falam que "aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus".

A segunda razão por que o ponto de vista de Wesley não pode estar correto vem exatamente deste capítulo de Hebreus. Precisamos interpretar qualquer passagem dada não apenas à luz de todo o ensino da Escritura, mas também no contexto com que o autor está particularmente falando. Neste caso, o autor conclui este capítulo com uma corajosa afirmação de segurança para aqueles que verdadeiramente têm recebido o evangelho. Talvez consciente da falsa conclusão que alguém poderia haurir, no versículo 17 ele escreve sobre a "imutabilidade do seu [de Deus] propósito" com respeito aos "herdeiros da promessa". A questão é que o que está por trás de toda atividade humana é a soberana ordenação e promessa de Deus. O autor conclui escrevendo sobre a promessa da aliança de Deus a Abraão: "[...] Deus, quando quis mostrar [...] forte alento tenhamos nós que já corremos para o refúgio, a fim de lançar mão da esperança proposta; a qual temos por âncora da alma, segura e firme e que penetra além do véu" (Hb 6.17-19). Dificilmente essas palavras são de alguém que tem a intenção de transmitir insegurança fundamental àqueles que têm confiado em Cristo! Os leitores originais de Hebreus, baseados nesta conclusão do capítulo 6, poderiam muito bem recitar a grande declaração de Paulo quanto à sua própria segurança: "[...] porque eu sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia" (2Tm 1.12).

O segundo principal e importante ponto de vista apresentado em nosso texto é que sua linguagem descreve participação na vida sacramental da igreja. De acordo com essa perspectiva, "uma vez iluminado" refere-se ao batismo. Há evidência de que essa terminologia era utilizada já no século 2º d.C. "Provaram o dom celestial" diz respeito à ceia do Senhor, enquanto "se tornaram participantes do Espírito Santo" corresponderia à pregação na igreja, enquanto "os poderes do mundo vindouro" é indicativo dos sinais e maravilhas que acompanhariam a pregação original do evangelho, já mencionados pelo autor de Hebreus no capítulo 2. Esse é um

quadro convincente, e poderia aplicar-se àqueles que jamais chegaram, verdadeiramente, à fé salvadora em Cristo, mas desfrutaram desses extraordinários privilégios por sua filiação à igreja.

Não sou hostil a essa interpretação e penso que a linguagem sugere seguramente contato com o significado da graça encontrado na igreja. Porém, penso ser mais provável que tais figuras de linguagem se refiram diretamente não aos sacramentos, mas à experiência do povo de Deus no êxodo. Essa é a melhor perspectiva, além de abordar adequadamente o texto.

O texto de Hebreus contém cinco importantes exortações, das quais esta faz parte da terceira. Cada uma das outras quatro fazem explícita referência a uma situação do Antigo Testamento. A longa exortação nos capítulos 3 e 4 extrai do êxodo como que um modelo oposto fundamental para a vida cristã, e é muito provável que isso permaneça na mente do autor no capítulo 6.

Este argumento foi lucidamente exposto em um artigo no *Westminster Theological Journal* por Dave Mathewson.[4] Mathewson nos lembra de que essa carta foi escrita para mostrar que a antiga aliança apontava tanto para quanto foi plenamente cumprida com a vinda de Jesus Cristo. Isso, junto com a familiaridade dos leitores com o Antigo Testamento, é a causa de o autor continuamente extrair textos e situações do Antigo Testamento para frisar o cristianismo. Esse é seu método uniforme e não há razão para achar que ele se afastou dele nesta passagem que, como as outras, deriva sua imagética da vida de Israel e relembra o êxodo como o pano de fundo geral.

Com isso em mente, percebemos que o autor oferece uma terminologia que seus leitores originais hebreus-cristãos associariam com o simbolismo do êxodo. A partir dessa perspectiva, "uma vez iluminado" provavelmente se refere à coluna de luz que guiava as 12 tribos através do deserto. O autor de Hebreus não pretendia que esses cristãos literalmente vissem a nuvem de fogo, mas que experimentassem o seu significado. Ele passa a mesma ideia na carta ao escrever que eles receberam "o pleno conhecimento da verdade" (10.26) para guiá-los à vida. O mesmo tipo de associação pode facilmente ser feita com cada item da lista, tal como o maná que Israel comeu no deserto, a Palavra de Deus que veio por intermédio de Moisés e as obras expiatórias de poder que libertaram Israel do Egito. De acordo com Geerhardus Vos, isso é consistente com a tendência geral do autor quanto ao "aspecto *fenomenal* da religião", um tema que Vos considera vital para a própria compreensão de Hebreus 6.4-6. Vos explica que a perspectiva da religião na Carta aos Hebreus "encontra-se totalmente na esfera da consciência. Isso pode ser contrastado com a concepção de Paulo, que representa muito da religião como situada abaixo da consciência".[5]

Qual o sentido disso tudo? Como vimos nos capítulos 3 e 4, a maioria daqueles que deixaram o Egito com Moisés não entrou na Terra Prometida, mas rebelou-se contra o Senhor, fornecendo um grande e terrível relato da apostasia como aparece em toda a Escritura. A advertência, portanto, é que, como aqueles que deixaram o Egito como parte de Israel, podemos ter experiências reais do fenômeno do poder salvador de Deus pela nossa participação na igreja. Em virtude da nossa filiação com o povo de Deus, por estar em seu convívio, podemos ter os grandes privilégios descritos em nosso texto e, ainda assim, não participar, efetivamente, da salvação.

Somos iluminados pelo conhecimento, encontramos e talvez nos beneficiamos do verdadeiro poder espiritual, e podemos ser influenciados e abençoados de várias maneiras. Era essa a real situação daqueles que deixaram o Egito no êxodo, mas que abandonaram quando das provações na rebelião, sendo julgados por Deus, e morreram no deserto. Como vimos anteriormente em nossos estudos, esse é um doloroso retrato da aflição como descrito em toda a Escritura. Como isso pôde acontecer? Pode acontecer conosco se nossos corações estiverem endurecidos para Deus, a despeito de nossos grandes privilégios.

Caso tomemos essa descrição como a indicar os sacramentos e os meios de graça na igreja ou para Israel no deserto (e os dois estão tão imbricados que ambos podem ser vistos), a questão continua a mesma. Esta passagem descreve pessoas que professaram a fé e que se encontram dentro da igreja – membros de igreja, como dizemos hoje –, que experimentam os benefícios da bênção de Deus na igreja sem qualquer compromisso pessoal em si quanto à fé em Cristo. São como aquelas pessoas que Jesus falou no Sermão do Monte:

> Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade. (Mt 7.21-23)

A terrível realidade da apostasia

É isso o que essas pessoas são, aquelas que têm uma experiência pessoal, todavia, uma experiência secundária ou indireta com o cristianismo. Podem servir, podem pregar, podem se preocupar com os poderes do mundo vindouro, mas não são propriamente de Cristo. Sobre tais pessoas temos a seguinte afirmação: "É impossível [...] e caíram [...] renová-los" (Hb 6.4,6).

Essas são, de fato, palavras sérias. A declaração "é impossível" é inevitável. De fato, como sendo a primeira palavra nessa passagem como um todo é grandemente enfatizada. Isso significa que as pessoas na igreja podem "abandonar" a Cristo pela negação, e que "é impossível outra vez renová-los para arrependimento" (Hb 6.6). Aqueles que chegaram a um verdadeiro conhecimento do evangelho, que experimentaram o fenômeno da salvação por meio da sua participação na igreja, mas que, em última análise, viraram as costas para Jesus Cristo, não podem mais tarde ser restaurados para arrependimento. Essa é a declaração inevitável desse texto.

Como as pessoas "abandonaram"? Abandonaram fazendo o que os israelitas fizeram no deserto: suprimindo sua confiança no Senhor, repudiando sua autoridade e a salvação que ele oferece, e negando-se a adorá-lo. O verbo aqui está no tempo aoristo, que no grego normalmente significa uma ação completa no passado. Assim, temos um rompimento decisivo que aconteceu e está consumado. No caso desses cristãos hebreus, é possível que a apostasia significasse um retorno ao judaísmo, portanto uma negação da importância salvífica da vida e morte de Cristo, um ato que era nefasto em sua terrível finalidade.

Percebemos por que é impossível restaurar tal pessoa: “de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia” (Hb 6.6). Rejeitar Cristo depois de conhecer o evangelho é dizer como os fariseus, que ele deveria ser morto, que ele é culpado enquanto acusado, uma ameaça e inimigo digno de morte. Repudiar a Cristo é, de fato, tornar comum a causa com aqueles que o crucificaram, escarnecer dele como os soldados que riram e zombaram: “salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se” (Mc 15.31).

Curiosamente, o autor aqui muda para o tempo presente (“estão crucificando”); isso representa um estado presente e persistente da questão. O que aconteceu no passado resultou na condição de coração atual análoga à atitude daqueles que crucificaram Jesus em primeiro lugar, e essa presente condição torna um futuro retorno impossível.

É tentador concluir que o que se diz aqui é que pessoas que rejeitam Cristo não podem ser salvas porque não se arrependem. Contudo, essa é uma questão tão óbvia que dificilmente produz efeito. De fato, a questão é que as pessoas descritas aqui não estão aptas ao arrependimento e retornar à fé em Jesus como salvador por causa do efeito endurecedor da apostasia.

Sempre queremos deixar espaço para o poder soberano de Deus, lembrando as palavras de Jesus aos seus discípulos: “Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível” (Mt 19.26). De fato, essa é uma distinção vital para entender este texto. Novamente, a questão da tradução torna um pouco mais claro as coisas. O texto grego não diz: “É impossível àqueles que [...] caíram, sejam reconduzidos ao arrependimento”, como a New International Version lê.* Antes, como a English Standard Version (ESV) mais acuradamente coloca: “É impossível restaurar novamente [...] [aqueles que] caíram”. *Nós* não somos capazes de restaurá-los, o que não significa que *Deus* não possa. De fato, enquanto o evangelho é anunciado, jamais devemos nos desesperar de seu poder para salvar alguém. A questão não é negar a apostasia como uma terrível realidade, ou amenizar a declaração do autor de que os verdadeiros apóstatas se encontram numa terrível situação espiritual. Pelo contrário, a questão é que nós jamais devemos parar de estender aos outros o evangelho, mesmo que sejam decaídos do modo descrito por essa passagem.

Realmente, é catastrófico pensar num cristão professo repudiando o Senhor. Todavia, temos o exemplo de Pedro como alguém que negou Jesus, no entanto, retornou à fé e se tornou o líder dos apóstolos. O exemplo oposto é Judas Iscariotes, que, após longos anos na companhia de Jesus – tendo presumivelmente evangelizado outros e realizado milagres em nome de Jesus (cf. Lc 10, por exemplo) –, chegou ao momento decisivo da apostasia que resultou em sua traição. Nesse ponto Judas estava perdido; a despeito de seu evidente pesar sobre o que fizera, nada mais havia a não ser a morte e a condenação eterna.

Qual a diferença entre Pedro e Judas? Um falhou em sua fidelidade a Cristo, como o cristão falhará muitas vezes, enquanto o outro decisivamente o rejeitou. Um não viveu à altura da cruz, enquanto o outro a desprezou. Esta parece ser a distinção que Paulo tinha em mente em

2Timóteo 2, quando escreveu: “Se o negamos, ele, por sua vez, nos negará; se somos infiéis, ele permanece fiel, pois de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo” (v. 12-13). Pode ser difícil discernir entre esses dois, mas a diferença certamente é grande.

Há uma maneira de identificar positivamente aqueles que pertencem a Cristo, porém isso requer um tempo. Vemos isso em Hebreus 6.7-8, que fornece uma ilustração que torna o problema muito mais claro: “Porque a terra que absorve a chuva que frequentemente cai sobre ela e produz erva útil para aqueles por quem é também cultivada recebe bênção da parte de Deus; mas, se produz espinhos e abrolhos, é rejeitada e perto está a maldição; e o seu fim é ser queimada”.

O problema não é se a chuva cai ou não sobre a terra, pois Deus envia a chuva aos bons e aos maus (Mt 5.45), exatamente como ele faz com sua Palavra salvadora. É a presença do fruto que em última instância é o que conta. Igualmente, Jesus disse: “Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons. Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo. Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis” (Mt 7.18-20).

Verdadeiramente regenerados, crentes genuínos podem fazer coisas terríveis, como Pedro mostrou ao trair nosso Senhor três vezes. O registro da igreja revela isso várias vezes. Todavia, uma árvore boa – isto é, aquela que se encontra realmente conectada a Cristo e possui o Espírito Santo atuando nela – necessariamente produzirá bons frutos. Não pode ser diferente. A árvore má simplesmente não tem o poder de dar frutos duradouros para Deus, por mais regada que seja, por mais real que seja sua experiência de segunda mão da salvação em virtude da filiação à igreja. Particularmente sob a provação ou privações, ela produz apenas espinhos e cardos, e assim é, como lemos aqui: “é rejeitada e perto está da maldição; e o seu fim é ser queimada” (Hb 6.8).

Implicações deste ensino

Implicações vitais fluem desse texto. A primeira tem a ver com a natureza da verdade e da fé salvadora em Jesus Cristo. O simples conhecimento do evangelho nunca é suficiente. Entender e mesmo afirmar intelectualmente o ensino cristão não é suficiente para a salvação. Tão importante quanto a doutrina, tão importante quanto o conhecimento da Escritura, é o conhecimento pessoal de e a confiança em Cristo que unicamente constituem a fé salvadora.

O que isso diz sobre sua fé? Permita-me alertar você que a igreja não é lugar para brincadeiras, muito menos para indecisão e vadiagem. Quando você ouve o evangelho e entende o que é ensinado, isso incorre numa obrigação perante Deus de compelir à fé salvadora. Hebreus mostra que é perigoso brincar com tal conhecimento; atrasando você corre o risco de um destino terrível. Ademais, se você não está desejoso de voltar-se para Cristo para salvação hoje, o que faz você achar que será diferente amanhã? Será mais difícil aceitar a Cristo depois se você procrastina hoje. Portanto, como escreveu Paulo: “eis agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação” (2Co 6.2).

Uma segunda implicação é que o teste de nossa fé é o fruto que exibimos. Seguramente, isso é como essa passagem se adapta ao contexto geral da carta. O autor exorta seus leitores a prosseguir rumo à maturidade, e agora os adverte que falhar nisso chama a questão da realidade da sua conversão. Como sabemos que alguém é verdadeiramente convertido? Sabemos não simplesmente porque ele professou a fé, mas porque o poder do evangelho exibe o fruto em meio à provação.

Devemos ser sempre cuidadosos aqui, e admitir nossa própria inaptidão para ler os corações de homens e mulheres. Entretanto, essa é uma implicação que temos de levar a sério. Se você está contente em meramente ser um cristão de fachada, mas não se preocupa em honrar a Deus em sua vida, se você é incapaz ou está pouco disposto a firmar-se em Deus e louvar seu nome em tempos de problemas, então esse é um sinal de alarme que deve provocar reflexão fundamental em considerar a condição de sua alma.

Uma classe de pessoas descrita pelas declarações dos versículos 4-5, pessoas que têm conhecimento e experiência da realidade espiritual, são crianças que cresceram na igreja. Como é fácil para elas repetir versículos e *slogans* que ouviram em toda sua vida, tanto para deixar seus pais felizes ou para merecer louvores. Todavia, devemos procurar pelo fruto em suas vidas, fruto exibido a partir da sua profissão de fé. Devemos desafiá-los a evidenciar um coração comprometido, crescer e progredir na fé, que é sua única segurança. Tenho observado que, se um adulto é verdadeiramente abominável e odioso blasfemo de Cristo e do cristianismo, muitas vezes é alguém que foi levantado na igreja, cujo coração empedernido é descrito por essa passagem. Vamos, então, orar diligentemente por nossas crianças e passar um exemplo não de hipocrisia espiritual, mas de fé real e atrativa.

Nosso texto deve, ademais, nos fazer refletir sobre o que passa pelo evangelismo em nossos dias, especialmente sobre o reavivamento. O objetivo, muitas vezes, ao que parece, é simplesmente colocar o nome de pessoas numa lista, aumentar o tamanho da congregação em nome da segurança eterna, para nos dar tapinhas nas costas e seguir em frente para o próximo "convertido". Quando tais pessoas mais tarde renegam a Cristo, a quem, de fato, jamais conheceram, ficam piores do que antes. Seguramente, essa passagem nos fala que evangelismo e discipulado jamais podem estar separados, como a conversão é manifestada e provada apenas pela exibição do fruto espiritual.

Posso estar seguro?

Isso nos leva a uma última consideração: o que esse texto diz sobre a ideia da segurança eterna e certeza da salvação? A primeira resposta é que ele deve tornar nossas afirmações mais cuidadosas e sérias. O quadro aqui é sóbrio: retratar crentes professos, provavelmente membros de igreja, que não são realmente salvos, mas se afastaram para uma condição de desesperança. Portanto, como coloca Andrew Murray: "Minha certeza da salvação não é algo que eu posso levar comigo como um bilhete da linha ferroviária ou uma nota do banco, para ser usada quando

surgir a ocasião. [...] Minha certeza da salvação só pode ser encontrada na comunhão viva com o Jesus vivo em amor e obediência".[6]

É por essa razão que a teologia reformada tradicional sabiamente evita o uso do termo "segurança eterna", todavia, enfatiza a "perseverança dos santos", que é a ênfase do autor de Hebreus. Iain Murray observa a distinção falando de um calvinista que ficou surpreso ao final de uma pregação de Wesley em concordar com esse ensino. O calvinista declarou que ele não acha que eles ensinam a perseverança dos santos. O wesleyano replicou: "Ó senhor, você está mal informado; é da perseverança dos *pecadores* que nós duvidamos".[7] Ele estava certo – são os santos que perseveram, aqueles que confiam e andam com Deus estão salvos e seguros.

Onde, então, você busca segurança? Você pode e deve buscar o caráter imutável de Deus e a certeza de suas promessas. Você pode e deve recorrer de uma vez por todas à obra de Jesus Cristo que é suficiente para todas as suas necessidades. Não recorrer a si mesmo, à força da sua fé, à proteção de várias disciplinas espirituais ou metodologias, por mais úteis que possam ser. Não está em você ou em qualquer regime que depende da força humana a garantia da sua salvação, mas em Deus, que disse: "De maneira alguma, te deixarei, nunca jamais te abandonarei. Assim, afirmemos confiadamente: O Senhor é o meu auxílio, não temerei". Essa é a conclusão do próprio autor (Hb 13.5-6). Como garantia, como em tudo o mais: "Ao SENHOR pertence a salvação" (Jn 2.9).

Confiança é algo que vem do conhecimento de Deus e de suas promessas, e é, assim, o resultado do exercício da fé. O mesmo é verdade quanto à segurança; é pela fé apenas que estamos seguros. A segurança vem da confiança em Jesus Cristo, de perseverar até o fim no poder do Senhor. Talvez a melhor declaração disso se encontre em Filipenses 3.12, em que Paulo escreve: "prossigo para tomar posse daquilo por que Cristo Jesus tomou posse de mim" (NIV).

Portanto, como os soldados do General Patton, não ficamos parados, mas tomamos a ofensiva. Prosseguir para frente na fé, que é o caminho da perseverança e a rota para esperar e alegrar-se no Senhor. Se você tropeçar ou cair, clame ao Senhor que é rico em misericórdia; ele o levantará. Essa é a melhor maneira de agradecer a Deus por seu grande dom da salvação, o modo de honrá-lo diante dos olhos deste mundo e tornar sua vida valiosa enquanto você frutifica – fruto verdadeiro que durará para sempre e será uma bênção para muitos.

---

[1] Andrew Murray, *The Holiest of All: An Exposition of the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Revell, 1993), 207.
[2] John Wesley, "Predestination Calmly Considered", de *The Complete Works of John Wesley*, 14 vols. (Peabody, Mass.: Hendrickson, 1984), 10:248.
[3] John Wesley, "The Perseverance of Saints", de *The Complete Works of John Wesley*, 10:340.
[4] Dave Mathewson, "Reading Hebrews 6.4-6 in Light of the Old Testament", *Westminster Theological Journal* 61, 2 (edição de 1999): 209-226.
[5] Geerhardus Vos, *The Teaching of the Epistle to the Hebrews* (Phillipsburg, N.J.: P&R, 1956), 28.
[6] Murray, *Holiest of All*, 209.
[7] Iain Murray, *Wesley and Men Who Followed* (Carlisle, Pa.: Banner of Truth, 2003), 66.

[*] A NVI lê: "e caíram, é impossível que sejam reconduzidos ao arrependimento" (N. do T.).

20

DILIGENTES ATÉ O FIM



Hebreus 6.9-12

> *Desejamos, porém, continue cada um de vós mostrando, até ao fim, a mesma diligência para a plena certeza da esperança; para que não vos torneis indolentes, mas imitadores daqueles que, pela fé e pela longanimidade, herdam as promessas.* (Hb 6.11-12)

Normalmente não é difícil encontrar cristãos que temam por sua salvação. Se um pregador diz, como faz o Novo Testamento, que o ímpio não herdará o reino dos céus, pode estar certo que muitos de seus ouvintes perderão noites de sono. Se ele sugere que alguns na igreja podem ser falsos crentes, como Jesus e o autor de Hebreus insistiram haver, então pode estar totalmente certo de causar um distúrbio nos bancos da igreja.

Há uma razão para isso. Conquanto crentes verdadeiros possam estar seguros de sua salvação, estão, não obstante, em real e grande perigo. Vivemos num mundo que é arriscado para a fé em Cristo. O autor de Hebreus o descreveu como um refúgio onde a corrente puxa forte para o mar e, caso não estejamos firmemente ancorados, podemos ser arrastados (2.1). Os crentes também têm de lutar com a oposição dos fortes e astuciosos poderes espirituais. O apóstolo Pedro escreve: "sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar" (1Pe 5.8). Em adição aos perigos ao nosso redor, os crentes olham para seu interior e invariavelmente encontram muita oposição a Deus. Nossa fé parece fraca e nosso amor pelo mundo é forte. Portanto, embora saibamos que crentes verdadeiros são mantidos a salvo pelo poder de Deus (1Pe 1.5), a vida cristã se passa no contexto de grave perigo. Conquanto o Novo Testamento fale de segurança, ele jamais permite indolência ou complacência.

A certeza da salvação é algo que podemos ter e devemos buscar, mas ela vem apenas com o exercício ativo da fé em Cristo. J. C. Ryle estava certo quando disse: "Bendigo a Deus que nossa salvação em nada depende de nossas próprias obras. [...] Todavia, nunca queria que qualquer crente por um momento esquecesse que nosso *senso de salvação* depende muito da nossa maneira de viver".[1] Sendo esse o caso, é axiomático que o único modo de os cristãos poderem ter alegria em sua salvação e plena certeza da esperança é pela piedade prática que flui de seu relacionamento com Cristo.

Este tema da confiança na salvação está na mente do autor de Hebreus. Ele já emitiu severas advertências, e agora conforta seus leitores com fundamentos para sua confiança: "Quanto a vós

outros, todavia, ó amados, estamos persuadidos das coisas que são melhores e pertencentes à salvação, ainda que falemos desta maneira", e aqui se refere às suas palavras anteriores considerando o perigo da apostasia (Hb 6.9). Esta é a confiança do autor com respeito à salvação deles, que é seguida por seu ardente desejo para que prossigam em plena certeza de fé.

Confiante em coisas melhores

É dever de todo pastor conhecer a condição espiritual de sua congregação. O autor de Hebreus demonstra repetidamente íntimo conhecimento do seu rebanho. Sabe que são "tardios para ouvir", que, embora estejam há tempos na fé, não foi o suficiente para serem mestres, são ainda imaturos espirituais, portanto, como resultado, apresentam dificuldade em discernir entre o bem e o mal (Hb 5.11-12). O pastor está tão preocupado com o estado do rebanho que os adverte quanto ao perigo real de se afastarem, caso continuem preguiçosos quanto à sua fé em Cristo (Hb 6.4-6).

Esse pastor também sabe que suas palavras sacudirão sua congregação, talvez até de mais. Assim, agora procura acalmar seus temores, bem como assegurar-lhes de sua afeição. Dirige-se a eles como "amados", demonstrando a ternura de seu zelo pastoral para com eles. Ademais, a despeito dos avisos, lhes diz que não está desencorajado quanto à sua condição espiritual; está pelo menos persuadido que sua fé é genuína e não falaciosa. Nos versículos 9 e 10, ele apresenta duas razões para sua convicção: primeira, o que acredita sobre eles, e segunda, o que conhece de Deus.

Seu primeiro sinal de confiança é que ele observa em sua congregação os elementos que acompanham a salvação. Descreve as qualidades que não são a causa da salvação, mas que a acompanham. Onde há salvação, essas características invariavelmente estarão presentes. "Porque Deus não é injusto para ficar esquecido do vosso trabalho e do amor que evidenciastes para com o seu nome, pois servistes e ainda servis aos santos" (Hb 6.10).

Primeiro, menciona o trabalho deles. Esse ponto retoma o contraste que extraiu entre o campo que produz frutos bons e aquele que produz frutos bons e úteis (Hb 6.7-8). É capaz de dizer que vê fruto espiritual verdadeiro na vida dos seus leitores. Isso é algo que acompanha a salvação, e assim encoraja-os quanto à sua fé.

Esta questão de produzir fruto é séria! Sua fé em Jesus Cristo e seu relacionamento com Deus influenciam seu caráter, de modo que se vê pensando e respondendo de um modo menos mundano e mais piedoso? Se não, então você deve se preocupar e voltar-se para Deus pela graça.

Paulo escreve: "[...] o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio" (Gl 5.22-23). Então, você percebe que o ódio dá lugar ao amor e paz? A inveja é conquistada pela alegria, desejo insaciável de mansidão e domínio próprio? Essas coisas devem ser discernidas em nossas próprias vidas, pois avaliam nossa condição espiritual. Certamente, o fruto do Espírito inclui coisas pelas quais devemos orar sinceramente e buscar cultivar como obras de Deus em nós pelo seu Espírito Santo.

O fruto espiritual é importante, mas parece que o autor de Hebreus tinha especialmente em mente obras particulares que seus leitores demonstraram no passado, as quais devem demonstrar novamente no futuro. Ele faz um relato dessas obras no capítulo 10:

> Lembrai-vos, porém, dos dias anteriores, em que, depois de iluminados, sustentastes grande luta e sofrimentos; ora expostos como em espetáculo, tanto de opróbrio quanto de tribulações, ora tornando-vos coparticipantes com aqueles que desse modo foram tratados. Porque não somente vos compadecestes dos encarcerados, como também aceitastes com alegria o espólio dos vossos bens, tendo ciência de possuirdes vós mesmos patrimônio superior e durável. (Hb 10.32-34)

Esta boa safra de obras indica uma fé autêntica e salvadora; tais obras não são a causa da salvação, porém certamente a acompanham. Em particular, o autor de Hebreus enfatiza o ministério que seus leitores têm mostrado uns para com os outros na igreja como um bom sinal da vida espiritual autêntica. Escreve "do amor que evidenciastes para com o seu nome, pois servistes e ainda servis aos santos" (Hb 6.10).

Como você demonstra seu amor a Deus? Você o faz vindo à igreja e cultuando a Deus. Você o mostra ao reservar um tempo no dia para ler a Escritura e orar, e posicionando-se por ele nas circunstâncias da vida. Porém, de forma mais tangível, os cristãos mostram seu amor a Deus pelo seu ministério de amor aos outros cristãos. O apóstolo João coloca assim: "Nós amamos porque ele nos amou primeiro. Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. Ora, temos, da parte dele, este mandamento: que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão" (1Jo 4.19-21).

Eis a razão por que o autor de Hebreus está ansioso para ver que seu povo está ocupado em socorrer um ao outro. A palavra grega aqui é *diakoneō*, da qual derivamos a palavra "diácono". Ministérios diaconais são aqueles que se ocupam com as necessidades físicas ou temporais da congregação e da comunidade, tais como hospitalidade, assistência social e visitação aos enfermos. Essa é uma parte importante da vida na igreja e um modo vital pelo qual demostramos nosso amor a Cristo. Nós lembramos que Jesus predisse que no dia do juízo ele dirá aos que são seus:

> Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me. Então, perguntarão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? E quando te vimos forasteiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos? E quando te vimos enfermo ou preso e te fomos visitar? O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes. (Mt 25.34-40)

É por essa razão que o amor prático demonstrado numa congregação é um bom sinal de sua espiritualidade. Se conhecemos Deus e seu amor por nós, se respondemos com gratidão e amor

para com ele, esse amor encontrará expressão quando sacrificialmente oferecermos algo de nós mesmos para a causa de nossos companheiros cristãos.

Tudo isso junto forma a primeira razão por que o autor de Hebreus tem confiança quanto à salvação de seus leitores. Ele vê neles elementos que acompanham a salvação e conclui que deve ser vida espiritual autêntica. Onde há fumaça, dizemos, há fogo; assim também, onde há fruto deve haver salvação.

Deus não é injusto

A segunda base da confiança do autor tem a ver com o próprio Deus: "Deus não é injusto para ficar esquecido do vosso trabalho e do amor que evidenciastes para com o seu nome, pois servistes e ainda servis aos santos" (Hb 6.10).

Algumas pessoas leem isso e concluem equivocadamente que ele ensina algum tipo de obras de justiça. Apologistas católico-romanos citam essas palavras em apoio à doutrina do caráter meritório das boas obras para a justificação. Sabemos de muitas outras passagens, porém, que tal perspectiva é estranha à Bíblia. Paulo diz enfaticamente em Efésios 2: "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie" (v. 8-9). João Calvino resume como devemos abordar Hebreus 6.10, observando:

> O apóstolo está se referindo expressamente à *causa* de nossa salvação, e, portanto, não se deve extrair desta passagem nenhuma conclusão referente ao mérito das obras. [...] Em toda a Escritura se faz evidente que não existe outra fonte de salvação além da graciosa misericórdia divina.[2]

A questão aqui, então, parece ser semelhante àquela do apóstolo Paulo, ao escrever: "Aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus" (Fp 1.6). Visto que essa obra em você é obra de Deus, ele seguramente há de completá-la.

Provavelmente há algo mais na obra aqui também. Os cristãos são muitas vezes tentados a pensar que Deus ignora sua condição, e não toma conhecimento de sua perseverança e obras de fé. Como os israelitas, muitas vezes murmuramos em nossos corações: "O meu caminho está encoberto ao SENHOR, e o meu direito passa despercebido ao meu Deus" (Is 40.27).

A questão de Hebreus 6.10 é que Deus considera nossa condição e valoriza cada petição da oração, cada gesto de amor e cada ato de fidelidade. Com respeito à ideia de recompensa, a Escritura ensina que Deus nos recompensará pelo que fazemos nesta vida. Uma vez salvos somente pela graça, à parte das obras, agora somos chamados às obras. Deus, como todo pai amoroso, recompensará as obras que fazemos por ele. A. W. Pink resume a questão:

> O que Deus recompensa é apenas o que ele mesmo realizou em nós: é o reconhecimento do Pai do fruto do Espírito. [...] Pode-se observar agora como Deus, não obstante, dá pouco valor à sincera obediência a ele daquele que neste mundo vive para ganhos pessoais, ao contrário daquele que vive para Cristo; no entanto, num dia breve, isso aparecerá de outra forma.[3]

Que contraste maravilhoso isso apresenta. Por um lado, a Escritura nos assegura que, em Cristo, Deus esquece cada pecado nosso. O salmo 103 nos diz: "Quanto dista o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões" (v. 12). No capítulo 8, o autor de Hebreus nos lembra da grande promessa de Deus em formar a nova aliança em Cristo: "[...] usarei de misericórdia e dos seus pecados jamais me lembrarei" (v. 12). É suficientemente maravilhoso, porém, considerar o que nos é dito aqui em Hebreus 6, que Deus, não obstante, esquece cada pecado nosso, ele lembra de cada ato de amor que sempre expressamos a ele. Que graça maravilhosa é essa, e que grande amor o Deus do céu nos revela. Não há maior incentivo para nós do que voltar nossos corações do mundo e seus prazeres e oferecê-los àquele que assim nos ama.

O desejo de um pastor

Essa é a confiança que este pastor tem pela salvação de seu rebanho, tanto as evidências desses elementos que acompanham a salvação como a fidelidade de Deus a todos que lhe pertencem. Isso leva o autor a abrir seu próprio coração para expressar seu ardente desejo e vontade: "Desejamos, porém, continue cada um de vós mostrando, até ao fim, a mesma diligência para a plena certeza da esperança; para que não vos torneis indolentes, mas imitadores daqueles que, pela fé e pela longanimidade, herdam as promessas" (Hb 6.11-12).

Primeiro, o autor quer que seus leitores progridam na vida cristã, que é o dever do cristão e o único modo de salvação. Como observamos em nosso último estudo, segurança na salvação vem apenas através da perseverança na fé, que é em si o resultado da graça preservadora de Deus.

Todavia, há algo mais que o autor de Hebreus tem em mente. Sim, ele se preocupa com a salvação de seus leitores e incita-os a tornar firme sua profissão de fé; contudo, ele também os encomenda aos cuidados de Deus. Sendo esse o caso, ele volta seus pensamentos à situação atual deles. Deseja que cada um deles mostre diligência na fé a fim de que, literalmente, sua "esperança possa ser cumprida" (Hb 6.11). A New International Version diz: "tornar certa sua esperança", e a English Standard Version traz: "ter a plena garantia da esperança". Porém, o verbo aqui é "completar", então, o sentido é que ele deseja que eles tenham e conheçam a plenitude da esperança que deve ser deles pela fé.

Este é o desejo ardente de todo verdadeiro pastor por seu rebanho, que seu povo não progrida com relutância, mas deve conhecer a plena garantia da sua salvação, portanto, a alegria e a paz que são providenciadas para eles em Cristo. Lembro-me da oração pastoral de Paulo pelos efésios, na qual suplicou para que eles "[saibam] qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos e qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder" (Ef 1.18-19). Isto é o que a diligência na fé providencia: crescente consciência e posse das riquezas que nos pertencem em Jesus Cristo, com alegria cada vez maior no Senhor.

Um caminho trilhado para a glória

Qual é, então, o plano para essa diligência? Podemos vê-lo no versículo 12, que argumenta que não devemos nos tornar indolentes ou desmaiar em nossa fé apática ou tímida. Em vez disso: "[Sejamos] imitadores daqueles que, pela fé e pela longanimidade, herdam as promessas".

Por imitação, o autor seguramente não pretende que simplesmente realizemos os movimentos como robôs, mas que olhemos para os exemplos na fé daqueles que caminharam antes de nós. Sua questão é que devemos aprender o que a fé e a paciência são, sobretudo através da vida de outros cristãos. O autor de Hebreus semeia aqui uma ideia que desabrochará em plena vida no capítulo 11, em que temos o rol de heróis da fé. Todavia, começando em Hebreus 6.13, ele nos dá uma amostra por meio do exemplo de Abraão.

Abraão é alguém que aguardou o cumprimento da promessa de Deus, em seu caso a promessa de um filho. Quando Abraão se tornou impaciente e deixou de confiar em Deus, agiu tolamente. O maior exemplo é o filho gerado através da serva de sua esposa, Hagar, que se coloca como um lembrete vivo da loucura da impaciência e da descrença. Por fim, Abraão confiou na promessa de Deus, e sua esposa, embora avançada em idade e estéril, deu à luz não um filho qualquer, mas o filho que levaria a bênção de Deus para o futuro. Devemos refletir e tirar proveito de tais exemplos da Escritura, imitando o que procede de fé e rejeitando o caminho da incredulidade. Abraão nos mostra que por mais tolo que possa parecer para a carne, nunca nos equivocamos em depositar nossa paciente confiança nas promessas de Deus.

É por essa razão que precisamos refletir sobre o que lemos nas histórias da Bíblia. O que dizem sobre a nossa própria situação, sobre as bênçãos que vêm através de um longo sofrimento e da confiante paciência no Senhor? Permitam-me acrescentar que este é o porquê de a leitura das biografias de cristãos ser sempre proveitosa. No capítulo 13 o autor de Hebreus comenta que "Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre" (v. 8). Essa não é simplesmente uma declaração sobre o ser ontológico de Cristo, mas também uma afirmação de que a fé nele é a mesma de uma geração a outra. Portanto, quando lemos sobre a suficiência de Cristo na vida de um cristão antigo, ou quando ouvimos como Cristo deu a alguém poder para sobrepujar a tentação ou para perseverar através de grande provação, podemos saber que ele será o mesmo para conosco. Sim, as circunstâncias variam, e as necessidades são relativamente diferentes, porém o Salvador vivo jamais muda. Se ele tem libertado outros, ele nos libertará, e pela mesma razão – por causa do seu transbordante amor e para a honra do seu santo nome. Ele é o mesmo ontem e hoje e para sempre. Podemos aprender a segui-lo, confiar nele, e encontrar sua graça nos exemplos de outros que caminharam antes de nós.

Por causa disso, que maravilhosa comunhão temos com todos os santos em Jesus Cristo! Cada um de nós é como um alpinista que escala um alto pico, olha fixamente o glorioso panorama, e se maravilha na glória diante dele e encara as dificuldades necessárias para chegar ao local. Contudo, ele olha para a rocha diante dele e descobre o nome de um alpinista anterior entalhado

na rocha. Ainda mais, reconhece o nome de seu pai ou de um amado mentor, e percebe que se encontra no mesmo local onde aquele que o inspirou recebeu sua própria inspiração.

Que coisa gloriosa é perceber que não somos os primeiros a assumir o desafio da vida piedosa. Que comunhão maravilhosa temos com outros santos ao perceber que compartilhamos com eles nossos mais profundos anseios espirituais, bem como nossas provações e satisfações.

Se você sempre estudou a Bíblia, conhece essa comunhão que tem com seus heróis. Você está em lutas para deixar para trás os prazeres e tesouros deste mundo pecador e, então, como resultado encontra a censura do povo de Deus. Então você percebe que isso é exatamente o que Moisés suportou, e você entra em comunhão com ele. Você se engaja num serviço solitário, despercebido por aqueles ao seu redor, e se lembra da experiência do jovem Davi cuidando dos rebanhos de seu pai, Jessé, nos campos. Você se acha rodeado por uma cultura pagã, lutando para ser útil no mundo enquanto não se torna dele, e você pensa em Daniel. Você lê sua narrativa na Bíblia, e seu coração se aproxima dele com gratidão pelo exemplo que ele deixou. Você passa por algum tipo de provação, talvez seja um espinho na carne. Clama a Deus continuamente, e ele diz a você: "A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza". Então você percebe que está partilhando da mesma experiência do apóstolo Paulo em 2Coríntios 12. Ou quem sabe enquanto esteja sendo perseguido por uma autoridade injusta, você encontra graça para se apoiar, e sua mente se volta para o capítulo 4 de Atos, em que Pedro e João se regozijam por terem sido "considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome" (At 5.41). Algum dia nós os veremos, e teremos muito que conversar, todos os santos no Senhor que têm lutado este bom combate da fé! No entanto, mesmo agora, nos picos e nos vales de nossas vidas como crentes, vemos evidências de sua passagem anterior, e somos encorajados a lembrar que a fé deles e a paciência lhes valeram uma parte em tudo que Deus promete.

Se isso for verdade das figuras meramente humanas da Bíblia, quanto mais verdadeiro será de nosso Senhor Jesus Cristo que, embora Deus, entrou em nossa própria luta a fim de nos guiar através deste mundo estéril para um paraíso com ele no céu. Hebreus 4.15 nos diz que Jesus veio a este mundo em parte porque ele quis conquistar compaixão por nós em nossa fraqueza. Ele desejou nos conhecer intimamente, para experimentar por si mesmo as dores e provações da vida humana. Portanto, em todas as nossas provações e sofrimentos, nossa principal aspiração é ter comunhão com ele, chegar perto de seu coração, conhecê-lo através da obediência, seguindo seu exemplo. Foi isso que o apóstolo Paulo assentou como sua própria e principal ambição: "para o conhecer, e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte; para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos" (Fp 3.10-11).

O que Paulo compreendeu – e isso mudou sua vida – é que em cada vale e em cada pico por ele percorrido viu as marcas da passagem anterior de Jesus. Foi um caminho trilhado por Jesus, de modo que ele pôde deixar uma trilha para nós, pôde abrir o caminho outrora obstruído para o céu, e de tal modo que nos encoraja com poder ao longo desse caminho. "Jesus esteve aqui" está

gravado na rocha de cada provação, tribulação e sofrimento que jamais podemos conhecer. Logo, Paulo raciocinou, se Jesus quis me amar e me conhecer assim, então quero amá-lo e conhecê-lo em seus sofrimentos também, porque vi que o caminho que leva à cruz leva-me para a luz de um túmulo aberto, ao alvorecer de uma nova criação na glória de Cristo.

"[Sejam] imitadores daqueles que, pela fé e pela longanimidade, herdaram as promessas" (Hb 6.12). Esse é um ótimo conselho no que diz respeito a todos aqueles que caminharam antes de nós pela fé. Quanto mais é verdade no que diz respeito ao nosso Salvador. Pela fé nele, com persistente paciência na trilha que ele indicou antes de nós, herdaremos tudo que Deus prometeu nele. E chegaremos a conhecê-lo, ser seus discípulos e conhecer para sempre a realidade do seu amor, que é, dentre todos, o maior dom.

[1] J. C. Ryle, *Holiness* (Darlington, U. K.: Evangelical Press, 1979), 115-16.
[2] João Calvino, *New Testament Commentaries*, 12 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), 12:79.
[3] A. W. Pink, *An Exposition of Hebrews* (Grand Rapids: Baker, 1954), 327.

21

ÂNCORA DA ALMA



Hebreus 6.13-20

A qual temos por âncora da alma, segura e firme e que penetra além do véu. (Hb 6.19)

O encorajamento é um dos maiores tesouros da amizade. A maioria de nós pode se lembrar de momentos de inflexão significativos que vieram por meio de um estímulo em um momento crucial. Talvez tenha sido um técnico que passou um tempo extra desenvolvendo seu potencial, ou um professor dizendo de seu dom para escrever, ou seus pais que entenderam que você estava prestes a desistir e vieram com palavras que precisava ouvir.

O encorajamento vem de muitas maneiras. Hebreus 6.13-20 traz dois tipos de encorajamento. O primeiro é um exemplo animador que mostra como a perseverança conduz à esperança e bênção. Observar alguém que caminhou antes de nós e foi bem-sucedido sempre nos encoraja a seguir aqueles mesmos passos. A segunda forma de encorajamento talvez seja a melhor: a garantia do sucesso final. No mundo dos negócios, a confiança no sucesso leva as pessoas a empenhar seus talentos e suas fortunas. Na guerra, a confiança na vitória comunica o espírito de ataque audacioso. Nos esportes, ouvimos de times que simplesmente não desistiram porque sabiam que no final prevaleceriam. O mesmo acontece no caminho da fé. O autor de Hebreus estimula seus leitores com ambas as fontes de encorajamento: um exemplo para seguir e a garantia que a fé em Cristo é a certeza do sucesso.

O exemplo de Abraão

O exemplo é do patriarca Abraão, que viveu aproximadamente há 4.000 anos. Abraão é uma figura central do Antigo Testamento, sua história ocupa 14 capítulos do livro de Gênesis, do capítulo 12 ao 25. Foi com Abraão que Deus estabeleceu sua aliança, e foi para Abraão que fez a promessa, na qual nós, cristãos, encontramos nossa esperança. Essa é a razão pela qual Abraão é chamado de nosso pai na fé (Rm 4.11); tanto em Romanos como em Gálatas, o apóstolo Paulo faz a mais forte das associações entre a experiência de Abraão e a nossa salvação. Gálatas 3.29 nos diz: "[...] se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa". Então, esse é um exemplo e um precedente significativo para nós.

Não é surpresa, então, que o autor de Hebreus remonte à história de Abraão para encorajar os seus leitores. Encontramos aqui um grande exemplo da graça de Deus como se percebe em toda

a Escritura. Abraão era filho de um idólatra, vivendo numa terra ímpia, todavia, Deus veio a ele com o chamado da graça divina:

> Ora, disse o SENHOR a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra. (Gn 12.1-3)

Foram essas as grandes promessas feitas a Abraão, promessas que ele não merecia e não poderia alcançá-las por si mesmo, porém recebeu-as pela fé. Deus prometeu-lhe uma pátria e uma vasta descendência – bênção para todas as nações da terra. No entanto, se alguma vez houve um homem que precisava de fé, este foi Abrão, como era chamado então. Seu nome significava pai de um povo, porém tinha 65 anos quando partiu para a terra da promessa, sem filhos e peregrino. Sua idosa esposa, Sarai, era estéril e além de qualquer esperança de lhe dar um filho. Não é de se admirar que Abrão queixou-se a Deus: "SENHOR Deus, que me haverás de dar, se continuo sem filhos e o herdeiro da minha casa é o damasceno Eliézer? Disse mais Abrão: A mim não me concedeste descendência, e um servo nascido na minha casa será o meu herdeiro" (Gn 15.2-3).

Abrão precisava de incentivo para crer, como nós, e assim o Senhor renovou a promessa da terra e da descendência, como belamente narrado em Gênesis:

> A isto respondeu logo o SENHOR, dizendo: Não será esse o teu herdeiro; mas aquele que será gerado de ti será o teu herdeiro. Então, conduziu-o até fora e disse: Olha para os céus e conta as estrelas, se é que o podes. E lhe disse: Será assim a tua posteridade. Ele creu no SENHOR, e isso lhe foi imputado para justiça. Disse-lhe mais: Eu sou o SENHOR que te tirei de Ur dos caldeus, para dar-te por herança esta terra. (Gn 15.4-7)

Com tão grande encorajamento, Abrão vislumbrou o futuro pela fé; confiou na palavra do Senhor e em sua promessa de salvação, e pela fé foi reconhecido como justo, porque creu em Deus.

A história da vida de Abrão é de perseverança que conduz à fé cada vez maior. No início ele mal conseguia seguir, às vezes com dúvidas e às vezes com raiva. Abrão duvidou da promessa de Deus, assim teve um filho ilegítimo através da serva de sua esposa, Hagar. Novamente, Deus veio a ele, em Gênesis 17, para reafirmar a promessa de um filho, não nascido do estratagema da incredulidade, mas da graça divina e como cumprimento da promessa. Deus mudou seu nome de Abrão para Abraão, de "pai de uma nação" para "pai de muitas nações". Também mudou o nome de Sarai para Sara, que significa "princesa", e deu o sinal visível da circuncisão como sinal da aliança.

Durante toda a vida de Abraão, apesar da fraqueza de sua fé, Deus o encorajou para que sua fé perseverasse e progredisse. Abraão aprendeu a confiar em Deus, e, finalmente, recebeu o filho da promessa, Isaque. Seu exemplo deve nos estimular, pois, como Abraão, nossa perseverante

paciência verá o fruto da salvação. É isso que o autor de Hebreus indica no versículo 15: "E assim, depois de esperar com paciência, obteve Abraão a promessa".

Os versículos 13-15 recordam um episódio específico no final da vida de Abraão. Deus lhe prometera um filho através do ventre estéril de Sara. Em Gênesis 21 aprendemos que Deus dera vida ao útero dela, depois de contar com mais de 90 anos, e nasceu Isaque. Deus deu o filho da promessa através de um útero estéril para mostrar que a salvação é somente pela graça, pelo poder salvífico de Deus, e não pela vontade ou habilidade do homem. Todavia, este cumprimento conduziu à maior provação da fé de Abraão. Em Gênesis 22 Deus lhe ordenou que oferecesse o filho Isaque em sacrifício. Abraão deveria oferecer a vida desse precioso filho, o filho da promessa, como expressão de confiança absoluta em Deus. Sem saber como Deus o libertaria, porém confiando completamente em sua Palavra e demonstrando o tipo de fé que o transcorrer dos anos de perseverança produz, Abraão se preparou para oferecer a vida de Isaque. Eis aqui o que aconteceu:

> [...] do céu lhe bradou o Anjo do SENHOR: Abraão! Abraão! Ele respondeu: Eis-me aqui! Então, lhe disse: Não estendas a mão sobre o rapaz e nada lhe faças; pois agora sei que temes a Deus, porquanto não me negaste o filho, o teu único filho. Tendo Abraão erguido os olhos, viu atrás de si um carneiro preso pelos chifres entre os arbustos; tomou Abraão o carneiro e o ofereceu em holocausto, em lugar de seu filho. E pôs Abraão por nome àquele lugar – O SENHOR Proverá. Daí dizer-se até ao dia de hoje: No monte do SENHOR se proverá. (Gn 22.11-14)

Depois disso, Deus renovou a promessa concedida muitas vezes outrora. Em resposta à extraordinária fé de Abraão, o anjo trouxe esta mensagem do céu:

> Jurei, por mim mesmo, diz o SENHOR, porquanto fizeste isso e não me negaste o teu único filho, que deveras te abençoarei e certamente multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus e como a areia na praia do mar; a tua descendência possuirá a cidade dos seus inimigos. (Gn 22.16-17)

Hebreus 6.14 é uma citação direta desta passagem: "Certamente, te abençoarei e te multiplicarei". A ênfase aqui se encontra na garantia da promessa, particularmente como aparece na língua original: "deveras te abençoarei e certamente multiplicarei a tua descendência". O autor de Hebreus acresce: "E assim, depois de esperar com paciência, obteve Abraão a promessa" (Hb 6.15).

A questão é que, por perseverar na fé, a despeito de grandes obstáculos, e a despeito de muitos motivos para dúvida e descrença, Abraão recebeu a promessa de Deus. Esse é o estímulo que o autor de Hebreus quer que ouçamos, utilizando o exemplo de Abraão. Temos muitas razões para duvidar, estamos cansados de esperar em Deus pelas coisas que não temos, e estamos fartos de olhar para o futuro. No entanto, o autor diz, com efeito: "Olhamos para este exemplo como encorajamento para prosseguir na fé em Deus".

É significativo que no capítulo 11 o autor de Hebreus observa que Abraão nunca recebeu tudo que fora prometido nesta vida. Pelo contrário, ele contemplou o reino que se encontra além-túmulo: "Pela fé, peregrinou pela terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas

com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa; [...] Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas; vendo-as, porém, de longe, e saudando-as" (Hb 11.9-13).

Abraão recebeu o filho prometido, Isaque, através de quem todas as promessas, posteriormente, tornariam-se realidade, a saber, através do descendente de Isaque. É em Cristo que a semente de Abraão abençoa todas as nações, reunindo os filhos da fé tão numerosos quanto as estrelas do céu. Por isso, o apóstolo Paulo pôde escrever: "Porque quantas são as promessas de Deus, tantas têm nele o sim", isto é, em Cristo (2Co 1.20). Por meio de Isaque, Abraão olhava para Cristo, em quem todas as coisas prometidas seriam obtidas. Como disse Jesus em João 8.56: "Abraão, vosso pai, alegrou-se por ver o meu dia, viu-o e regozijou-se". Abraão não recebeu todas as bênçãos que almejara durante sua vida terrena. Por exemplo, não obteve a possessão de toda a Terra Prometida. Entretanto, recebeu a promessa de cada bênção que Deus tinha para ele, e com a promessa recebeu a garantia e certeza de tudo que um dia lhe pertenceria.

O juramento e a promessa de Deus

Toda a vida de fé de Abraão estava orientada para receber a promessa de Deus. Gênesis 12 inicia sua história com uma promessa de Deus: "de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra" (Gn 12.2-3). Em Gênesis 15, após Abraão ter perseverado por algum tempo na fé, Deus reiterou aquela promessa e deu a garantia adicional de uma aliança. Novamente, após um período de perseverança, Deus retornou com a promessa e acrescentou o sinal da circuncisão, e mudou o nome de Abrão para Abraão (Gn 17). Depois de toda uma vida de perseverança na fé, Abraão recebeu a versão final dessa primeira promessa, em Gênesis 22, em que Deus afiançou um juramento por si mesmo, garantindo a promessa tão firmemente quanto possível. É isto que o autor de Hebreus enfatiza:

> [...] os homens juram pelo que lhes é superior, e o juramento, servindo de garantia, para eles, é o fim de toda contenda. Por isso, Deus, quando quis mostrar mais firmemente aos herdeiros da promessa a imutabilidade do seu propósito, se interpôs com juramento, para que, mediante duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, forte alento tenhamos nós que já corremos para o refúgio, a fim de lançar mão da esperança proposta. (Hb 6.16-18)

Isso nos diz três coisas; a primeira delas é que jurando por si mesmo Deus imprimiu em sua promessa um caráter especialmente solene. Para mostrar isso, o autor de Hebreus nos lembra de como os homens juram. Eles juram pelo que lhes é superior, tipicamente por Deus, assim invocando a ira desse poder superior no caso de violação do juramento. Isto, diz o autor, "é o fim de toda contenda", ou como diz a New International Version (NIV): "coloca um fim a toda argumentação", assegurando a intenção daquele que assim jura. Deus, todavia, não se encontra abaixo de ninguém e de coisa alguma; nada há maior do que ele, nem um nome superior ao seu, de modo que, se Deus faz um juramento, deve fazê-lo em seu próprio nome. Ao fazê-lo, Deus elevou sua própria dignidade e caráter quando do cumprimento dessa promessa a Abraão. Essa é

a garantia última de uma promessa. Deus selou sua intenção "mediante duas coisas imutáveis", quais sejam, sua promessa e seu juramento. A promessa, portanto, é especialmente solene, certa e inviolável.

A segunda coisa que essa passagem nos diz é por que Deus o fez: porque "Deus [...] quis mostrar mais firmemente aos herdeiros da promessa a imutabilidade do seu propósito" (Hb 6.17). Deus não fez um juramento a Abraão para tornar o seu propósito imutável, pelo contrário, para deixar Abraão saber com absoluta certeza que assim seria. Essa é uma surpreendente condescendência de Deus. Ele não precisa jurar; nos Evangelhos, por exemplo, Jesus castigou os judeus de sua época que usavam juramentos porque sua palavra não era confiável (Mt 5.33-37). Deus não tem necessidade de jurar porque ele é infalivelmente confiável, todavia, aqui ele profere um juramento para se ajustar à debilidade da nossa fé. Ele jurou por si mesmo a fim de que Abraão não caísse novamente vítima da dúvida ou da descrença.

Isso é como o texto se adapta ao fluxo do pensamento do autor. Seu propósito é exortar os cristãos hebreus a perseverar na fé apesar da adversidade. Nos versículos precedentes, castigara-os por sua falta de maturidade e progresso na fé (5.11–6.3), advertindo-os quanto ao perigo da apostasia (6.4-8), encorajando-os com os bons sinais que vira entre eles (6.9-12). Agora, fazendo uso do exemplo da perseverança de Abraão, informa-os de um princípio elementar, que o crescimento na segurança vem pela perseverança, e o mesmo é verdade para nós.

A vida de fé de Abraão foi longa e exaustiva, ocorrendo em face de grandes dúvidas e obstáculos. Abraão às vezes apresentava fé heroica, outras vezes, porém, era covarde. No entanto, perseverou – esse é o ponto principal. Ele progrediu. Não abandonou sua fé em Deus, ainda que às vezes falhasse em aplicá-la ou em honrar a Deus como deveria. Não obstante, prosseguiu, e perseverando adquiriu segurança cada vez mais firme na promessa de Deus. Várias vezes recebeu uma crescente certeza da bênção e da salvação, uma posse crescente que Deus lhe prometera.

O que isso significa para nós, senão que a certeza da salvação, a confiança na promessa de Deus e um crescente apego de que as bênçãos espirituais vêm enquanto crescemos na fé? Para todas as nossas dúvidas, fraquezas e falhas, temos um exemplo a seguir, Abraão: "E assim, depois de esperar com paciência, obteve Abraão a promessa" (Hb 6.15).

É significativo que o verbo usado aqui, *epitynchanō*, não seja o verbo usual para "receber" ou "obter"; ele tem a particular conotação de "chegar a" ou "alcançar". O sentido é que a promessa se encontrava ali o tempo todo, mas pela perseverança paciente em meio a toda sorte de dúvidas e obstáculos, com grande encorajamento de Deus, Abraão finalmente "alcançou". Isso acontecerá conosco se prosseguirmos na fé, enquanto Deus atua de modo visível e invisível, esperado e inesperado, para nos trazer a confiante segurança e a firme recepção da sua infalível promessa.

Esperança para nós

Nosso texto diz três coisas sobre o juramento de Deus. A primeira, que o juramento de Deus fez a promessa solene e inviolável. A segunda é que Deus o fez para encorajar a fé de Abraão tornando-a uma certeza. Porém, há algo mais, de vital importância para todos nós. Os versículos 17-19 dizem:

> [...] Deus, quando quis mostrar mais firmemente aos herdeiros da promessa a imutabilidade do seu propósito, se interpôs com juramento, para que, mediante duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, forte alento tenhamos nós que já corremos para o refúgio, a fim de lançar mão da esperança proposta; a qual temos por âncora da alma.

Deus fez essa promessa, então, não só por causa de Abraão, mas também por nós. "Deus [...] quis [...] [que tivéssemos] forte alento" (Hb 6.17-18). Essa promessa inviolável, garantida por um juramento: "duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta", fundamenta nossa própria segurança e esperança.

Como pode ser isso, quando a promessa e o juramento não foram dados a nós, mas a Abraão há tanto tempo? A resposta é que enquanto Abraão foi o receptáculo dessa maravilhosa promessa, somos seus objetos. Refere-se a nós. Quando Deus levou Abraão para, sob a escuridão da abóbada celeste, contar as estrelas, apontava para nós. Deus prometera a Abraão descendentes tão numerosos quanto as estrelas no céu, e em Cristo Jesus somos tais descendentes, somos aquelas nações abençoadas através dele. Paulo explica isso muito bem:

> [...] as promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente. Não diz: E aos descendentes, como se falando de muitos, porém como de um só: E ao teu descendente, que é Cristo. [...] Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus; [...] E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa. (Gl 3.16,26,29)

Pela fé em Cristo – que é o descendente da graça prometida, no qual todas as promessas são recebidas, obtidas e cumpridas –, nós com Abraão nos tornamos filhos de Deus e herdeiros com ele de todas as bênçãos da salvação. Isso significa que, quando você deposita sua fé em Jesus Cristo para salvação – pelo perdão do pecado e adoção na família de Deus –, pode estar certo dessa salvação. Você pode estar seguro porque Deus prometeu uma vasta hoste estrelada de descendentes espirituais a Abraão através de seu único e especial descendente, Jesus Cristo. Ao receber você pela fé, Deus está honrando sua promessa não apenas para você, mas também para seu próprio Filho, Jesus, e cumprindo a promessa inviolável afiançada por um juramento sobre si mesmo, dada a Abraão séculos atrás.

O resultado disso é esperança para nós. Quantas pessoas precisam, hoje, de esperança, contudo, quão poucas realmente a possuem! Isso é algo que as próprias autoridades seculares estão indicando atualmente. Armand Nicholi Jr., professor de psiquiatria na Harvard Medical School e editor de *The Harvard Guide to Psychiatry*, observa o explosivo crescimento da

depressão em nossos dias. Em 1996, diz ele, cerca de 11 milhões de americanos recebiam tratamento para depressão e nesse ano 250.000 pessoas tentaram tirar a própria vida. O que pode explicar cifras tão significativas numa sociedade com poucas ameaças externas e abundância material sem precedentes? Nicholi argumenta tratar-se de uma crise de esperança:

> Nossa cultura abandonou suas raízes espirituais, vivemos numa sociedade manifestamente secular, sem sequer os pretensos valores espirituais. Muitas pessoas jovens hoje sentem que suas culturas falham em fornecer respostas a questões de propósito, sentido e destino. Nós falhamos, sentem eles, em fornecer alguma razão para esperança. A consequência é que vivemos agora numa crise cultural e vivendo o que se convencionou chamar de "era do desespero".[1]

Todavia, as pessoas sempre precisam de esperança para perseverar. Eis o porquê de o autor de Hebreus enfatizar tanto a esperança. A vontade de Deus é que "forte alento tenhamos nós que já corremos para o refúgio, a fim de lançar mão da esperança proposta; a qual temos por âncora da alma" (Hb 6.18-19). A vontade de Deus é que tenhamos uma firme esperança, então ele jurou em sua promessa de uma grande salvação. Como uma âncora mantém um navio seguro apesar de grandes tormentas e mares agitados, assim essa esperança, presa a nós pela imutabilidade de Deus, promessa juramentada, segura nossos corações em Jesus Cristo e na salvação que é nossa nele. O puritano Samuel Rutheford assim observa:

> Nossa esperança não é um fio de novelo pendurado ao alto de um mastro, do tipo "eu acho que é assim" ou "é mais ou menos assim". Antes, é o cabo de aço, a forte corrente de nossa âncora; é o juramento e promessa daquele que é eternamente veraz. A nossa salvação está segura na própria mão de Deus e no poder de Cristo, e firmada no forte alicerce que é a imutável natureza de Deus.[2]

O autor de Hebreus descreve os crentes como aqueles que "já corremos para o refúgio" (v. 18) para Deus. Não está muito claro o que ele tem em mente. Pode trazer à memória as cidades de refúgio do Antigo Testamento, onde os que fugiam da ira da lei de Deus podiam encontrar segurança (Dt 4.42; 19.5; Js 20.9). Nós, igualmente, buscamos escapar do juízo de Deus contra os nossos pecados. Todavia, o autor também pode fazer menção à perseguição que seus leitores experimentaram anteriormente, que incluía a perda de suas casas (Hb 10.34). Todos os cristãos fogem para Deus por refúgio diante das provações da vida num mundo caído – da morte, do sofrimento e da futilidade. São situações que os não cristãos enfrentam, só que sem esperança real. Na ausência de refúgio, o mundo incrédulo cai presa do desespero. Os crentes fogem não só do desespero, mas também em rumo à esperança. Lembramos que o cristão em *O Peregrino* não foge apenas da Cidade da Destruição, foge também para a Cidade Celestial. Philip Hughes escreve: "Para todo cristão [...] fugir para o refúgio é voltar-se para Cristo e nele encontrar salvação e segurança".[3]

Âncora para a alma

Âncoras são imagens claras e familiares de segurança, no entanto há algo especial sobre esta âncora em Hebreus 6.19. Todas as outras âncoras afundam no mar, esta, porém, vai para o céu. A âncora de um navio afunda sob as ondas para um lugar invisível, para nos manter seguros, todavia, essa âncora da nossa esperança vai para um lugar onde pela fé podemos ver "que penetra além do véu" (Hb 6.19).

Que descrição poderosa da esperança cristã, que é como nenhuma outra neste mundo. Para outros, esperança é simples desejo; é desejar, mas não ter. E o fracasso da mera expressão do desejo leva tantas pessoas ao desespero e à depressão. Os cristãos, também, desejam muitas coisas. Queremos bênçãos, queremos paz, queremos segurança e ansiamos pelos céus. Contudo, diferentemente da esperança do mundo, que vai para lugar nenhum e não tem âncora, nossa esperança em Cristo encontra-se, entretanto, no céu, onde está ancorada no caráter imutável de Deus e no juramento por ele afiançado. Nossa esperança vai aonde não podemos ir por nós mesmos. Adentra os céus, onde Cristo está, e ali ele fixa a âncora de nossa esperança com sua própria mão trespassada, de modo que nossa esperança da salvação se encontra unida à obra finalizada de Cristo no seguro fundamento do caráter imutável de Deus.

Nossa âncora da esperança está segura porque "Jesus, como precursor, entrou por nós" nos céus, "tendo-se tornado sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque" (Hb 6.20). Jesus veio ao mundo para ser nosso Salvador, para indicar o caminho através da barreira do pecado por sua vida perfeita e morte expiatória. Ele, então, foi para os céus para reinar como nosso Sumo Sacerdote – não um sacerdócio temporário como os levitas em Israel, mas "como sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque". Examinaremos Melquisedeque mais detidamente em nosso próximo estudo, porém, por agora, a questão é que Cristo jamais será substituído em sua missão celestial por nós. Ele jamais falhará, e jamais morrerá.

Jesus veio à terra para viver e morrer por nós, e, quando ele voltou para os céus, também foi por nossa causa, para fixar a âncora da nossa esperança "segura e firme" no interior do santuário celeste. Nas grandes promessas de Deus, firmadas em Cristo, portanto, temos um cabo de salvação que jamais pode quebrar ou ser destruído, de modo que podemos estar certos de chegar seguros no porto dos céus.

"Precursor" é ainda outro termo náutico utilizado por Hebreus. A palavra particular aqui, *prodromos*, não aparece em nenhum outro texto da Escritura, todavia, tem a ver com uma cena familiar no mundo antigo. Louis Talbot explica:

> Os portos gregos eram frequentemente separados do mar por bancos de areia, sobre os quais os navios maiores não se arriscavam passar até que a maré cheia chegasse. Portanto, uma embarcação mais leve, um "precursor", tomava a âncora e soltava no porto. A partir daquele momento o navio estava a salvo da tempestade, embora tivesse de esperar pela maré, antes de poder entrar no porto. [...] A entrada da pequena navegação no porto, o precursor levando a âncora do navio, era o penhor de que o navio entraria em segurança no porto na maré cheia. Por isso, porque Cristo, nosso "precursor", adentrou o próprio céu, tendo quebrado tudo que separa o pecador redimido da

> presença de Deus, ele mesmo é o penhor de que nós também um dia entraremos no porto de nossas almas e na própria presença de Deus, na Nova Jerusalém.[4]

Circunstâncias imprevistas podem romper o cabo dessa maravilhosa âncora? A ação dos homens, as tentações do diabo ou a hostilidade do mundo podem cortar um cabo forjado e posto pelo próprio Deus? Nossos pecados podem quebrar o cabo dessa grande âncora? A resposta para todas essas questões é "não". Deus é maior do que tudo isso, e seu juramento anulará cada oposição. Os crentes são salvos e estamos a salvo por causa da promessa juramentada de Deus, assegurada e prontamente finalizada pela obra de Jesus Cristo.

Que encorajamento temos quando seguimos a Cristo como peregrinos neste mundo estéril! Essa é a sua esperança? Você confia em Jesus Cristo para sua salvação? Se não, então qual é a sua esperança? Como suportará no dia solene do juízo de Deus? Se você tem confiado em Cristo, então nada pode quebrar sua esperança, uma esperança que o encoraja de fato, uma âncora para sua alma nas tempestades da vida. Como diz o hino:

> Quem confia em Deus, uma forte morada
> no céu e na terra possui;
> Quem olha para o amor de Cristo exaltado,
> nem o medo seu coração oprime.
> Só em ti, amado Senhor, possuímos
> doce esperança e consolação:
> nosso escudo contra os inimigos, nosso bálsamo para os males,
> nossa grande e segura salvação.[5]

---

[1] Armand Nicholi Jr., "Hope in a Secular Age", em *Finding God at Harvard: Spiritual Journeys of Thinking Christians*, org. Kelly Monroe (Grand Rapids: Zondervan, 1996), 112-13.
[2] Samuel Rutherford, *Letters*, citado em J. C. Ryle, *Holiness* (Darlington, U.K.: Evangelical Press, 1979), 120.
[3] Philip E. Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), 234.
[4] Louis Talbot, *Studies in the Epistle to the Hebrews*, 23.
[5] Joachim Magdeburg, "Who Trusts in God, a Strong Abode", 1572; trad. Benjamin H. Kennedy, 1863. [Em inglês: "*Who trusts in God, a strong abode/ in heaven and earth possesses;/ who looks in love to Christ above,/ no fear his heart oppresses.// In you alone, dear Lord, we own/ sweet hope and consolation:/ our shield from foes, our balm for woes,/ our great and sure salvation*".]

PARTE 3



Nosso grande Sumo Sacerdote

22

MELQUISEDEQUE



Hebreus 7.1-10

> [...] *(primeiramente se interpreta rei de justiça, depois também é rei de Salém, ou seja, rei de paz; sem pai, sem mãe, sem genealogia; que não teve princípio de dias, nem fim de existência, entretanto, feito semelhante ao Filho de Deus), permanece sacerdote perpetuamente.* (Hb 7.2-3)

A comparação é uma poderosa forma de descrição. Se vamos comparar uma figura pública com George Washington, devemos enfatizar sua integridade e patriotismo. Uma comparação com Abraham Lincoln deve evocar pensamentos de liderança visionária, enquanto Martin Luther King Jr. lembra coragem moral e compromisso com reconciliação. Por um lado, o nome de Benedict Arnold há muito ficou marcado como traidor com interesse próprio, e o nome de Richard Nixon está associado ao abuso de poder e escândalo público. Por meio de uma comparação podemos dizer muito com poucas palavras.

A Carta aos Hebreus descreve o ofício sumo sacerdotal de nosso Senhor Jesus Cristo comparando-o com uma figura histórica. Ao contrário das pessoas que nomeei – pessoas que são bem conhecidas, contando com milhares de materiais escritos sobre elas –, o autor de Hebreus usa uma das figuras mais misteriosas e obscuras em todo o Antigo Testamento. Ele escreve em Hebreus 6.20 que Cristo se tornou "sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque". Esta comparação já foi feita três vezes na Carta. Persiste, aguardando explicação, visto ter ocorrido pela primeira vez em 5.6. O autor extrai essa comparação do salmo 110.4, em que Davi fez uso dela para descrição da vinda do Messias: "O SENHOR jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque".

Quem é Melquisedeque?

Melquisedeque aparece brevemente apenas no livro de Gênesis (Gn 14.18-20). O patriarca Abraão encontrou-se com ele após sua vitória militar contra a coalizão dos reis do oriente. Melquisedeque o abençoou, e em contrapartida Abraão deu a ele dízimo dos espólios.

> Após voltar Abrão de ferir a Quedorlaomer e aos reis que estavam com ele, saiu-lhe ao encontro o rei de Sodoma no vale de Savé, que é o vale do Rei. Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; era sacerdote do Deus Altíssimo; abençoou ele a Abrão e disse: Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, que possui os céus e a terra; e bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus adversários nas tuas mãos. E de tudo lhe deu Abrão o dízimo (Gn 14.17-20).

O problema que tem intrigado os intérpretes por séculos e ainda hoje confunde é: "Quem foi Melquisedeque?" Dada a depravação ímpia dos cananeus nos tempos de Abraão, como surgiu essa extraordinária figura espiritual? E por que não se fala mais nada a seu respeito?

Então, para a identidade de Melquisedeque há vários pontos de vista. Alguns dizem que era Sem, filho de Noé e ancestral de Abraão, outros dizem tratar-se de um ser celestial. O problema com tais perspectivas é que nada há no texto que lhes dê suporte para tanto.

Outros argumentam ainda que Melquisedeque era o Cristo pré-encarnado. Todavia, a descrição em Hebreus 7 descarta isso. Se essa extraordinária figura fosse o próprio Cristo aparecendo pré-encarnado (e isso aconteceu várias vezes no Antigo Testamento), então fica difícil perceber como ele pode ser descrito como "*semelhante* ao Filho de Deus", como está no versículo 3. Nem faria sentido para o sacerdócio de Jesus ser descrito como da "ordem de Melquisedeque". Melquisedeque é apresentado como um tipo de Cristo, e um tipo é *outra* pessoa que simboliza e antecipa aquela que está para vir.

Devemos concluir, portanto, que sabemos muito pouco a respeito da pessoa de Melquisedeque, exceto que, à parte da linha de Abraão, ele manteve a religião pura como a recebera dos tempos do dilúvio. Ele foi um homem extraordinário, contudo, apesar disso, um homem, alguém de quem a Bíblia intencionalmente nos fala só o que quer que saibamos. João Calvino disse dele: "Entre as corrupções do mundo, ele só, nessa terra, era íntegro e sincero cultivador e guardião da religião".[1]

Melquisedeque nos lembra de que é possível seguir e honrar a Deus num mundo ímpio. O autor de Hebreus destaca quatro coisas para observarmos sobre Melquisedeque.

A primeira é que Melquisedeque era tanto rei como sacerdote (Hb 7.1). No Israel do Antigo Testamento, os ofícios real e sacerdotal mantinham-se estritamente separados. Havia uma separação do poder não diferente do que se verifica da Constituição dos Estados Unidos e o equilíbrio entre as esferas do executivo, legislativo e judiciário. Por causa dessa separação, homem algum poderia dominar completamente a vida cívica de Israel. Contudo, Melquisedeque não só combina esses ofícios vitais, como é manifestamente digno deles.

Segunda, Melquisedeque encontrou-se com Abraão quando este retornava de sua vitória, e o abençoou. Lembramos que Deus há muito tempo prometera abençoar Abraão, que aos olhos do mundo não tinha qualquer valor. No entanto, aqui vemos essa figura sacerdotal confirmando sua bem-aventurança de maneira notadamente pública, após a grande vitória sobre os reis do oriente, uma época quando Abraão encontrava-se provavelmente no auge, mais do que qualquer outra durante toda sua vida. Martinho Lutero viu deste modo: "Melquisedeque apresenta Abrão ao mundo inteiro e declara que só com ele, em sua casa e família, estão a igreja, o reino do céu, salvação, perdão de pecados e a bênção divina".[2]

Algo que se destaca na narrativa de Gênesis, mas não aparece explicitamente em Hebreus, é que Melquisedeque trouxe pão e vinho para Abraão. Há muito tempo os mestres católicos romanos viram isso como uma vindicação do sacerdócio e da missa eucarística, uma visão que os

reformadores protestantes condenaram severamente. Muitos comentaristas protestantes concluem que pão e vinho sejam mera coincidência, nada tendo a ver com a comparação entre Melquisedeque e Cristo, particularmente pelo fato de ser visto muito por alto em Hebreus. Entretanto, o Espírito Santo, inspirando Moisés enquanto escrevia o livro de Gênesis, seguramente sabia que à luz das Escrituras como um todo uma conexão sacramental seria feita por esse aparecimento do pão e vinho. Acredito, portanto, que seja parte do que o autor de Hebreus pretendeu quando observou que Melquisedeque abençoou Abraão. Ele não apenas proferiu a bênção, como também ministrou espiritualmente às necessidades de Abraão. Jonathan Edwards colocou muito bem: "O pão e o vinho significavam as mesmas bênçãos da aliança da graça que pão e vinho significam no sacramento da Ceia do Senhor. [...] A vinda de Melquisedeque para encontrar-se com ele com tal selo da aliança da graça, por ocasião daquela vitória, evidencia que foi uma garantia do cumprimento da mesma aliança de Deus".[3]

Até onde interessa ao sacerdócio católico romano, essa passagem não oferece, em absoluto, qualquer apoio. Em vez de algum sacerdócio meramente humano exercendo poderes sacramentais, Melquisedeque representa o sacerdócio messiânico do Filho de Deus, fundamentado no poder de sua morte sacrificial e vida pela ressurreição.

Terceira, o autor de Hebreus considera o nome e título de Melquisedeque: "Primeiramente se interpreta rei de justiça, depois também é rei de Salém, ou seja, rei de paz" (Hb 7.2). O nome Melquisedeque consiste da palavra hebraica *melek*, que significa "rei", combinada com *tsedeq*, que significa "justo". Tal nome diz muito sobre o homem. Em meio à extrema depravação dos canaanitas, em contraste com o culto desprezível e flagrante imoralidade dos homens como o rei de Sodoma, esse homem exercitava seu governo real como a extensão da justiça. Isso indica uma vida reta e santa, agudamente em contraste com todos os reis injustos à sua volta.

O título de Melquisedeque era "rei de Salém". Tradicionalmente, Salém é identificada com Jerusalém, com boas razões. Jerusalém significa "cidade de Salém", assim seria natural esse título significar seu rei. Conhecemos, também, do salmo 76.2, que Salém e Sião estão associadas no Antigo Testamento. O que é particularmente notável é que Salém vem da palavra hebraica *shalom*, que significa paz, de fato, paz divina e completa. Em uma região ímpia, de guerras, aqui estava um rei de justiça que governava a cidade da paz.

Quarta, o aparecimento de Melquisedeque possui uma característica especialmente digna de nota. O autor de Hebreus observa: "sem pai, sem mãe, sem genealogia; que não teve princípio de dias, nem fim de existência, entretanto, feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote perpetuamente" (v. 3). Essa declaração leva muitos suporem que Melquisedeque seja um tipo de ser celestial, ou mesmo o Cristo pré-encarnado. No entanto, o que se tem em vista aqui não é Melquisedeque em si como sendo o início ou o fim, mas Melquisedeque como apresentado na Escritura. Em contraste absoluto com quase todos os demais na sequência do livro de Gênesis, Melquisedeque não está acompanhado de genealogia, mas aparece sem qualquer introdução ou conclusão. Não tem pai nem mãe. O autor de Hebreus, seguindo uma longa tradição rabínica de

interpretar passagens como essa, vê como significativo tanto o que o texto omite como o que diz. A. W. Pink explica: "O silêncio das Escrituras do Antigo Testamento com respeito aos seus parentes tem uma importante designação. A completa omissão foi ordenada pelo Espírito Santo [...] a fim de apresentar um tipo perfeito do Senhor Jesus".[4] F. F. Bruce observa a respeito dessa narrativa bíblica:

> No único registro que a Escritura fornece de Melquisedeque [...] ele aparece vivendo como homem, rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo; e como tal desaparece. Em tudo isto – no silêncio bem como nas declarações –, ele é um digno tipo de Cristo. [...] Melquisedeque permanece continuamente um sacerdote pela duração do seu aparecimento na narrativa bíblica.[5]

Melquisedeque como tipo de Cristo

Ao considerar toda essa descrição, vemos como Melquisedeque serve adequadamente como tipo para o ministério sumo sacerdotal do Senhor Jesus Cristo. Se observarmos as quatro ênfases de nosso texto sobre ele, veremos quão maravilhosamente retratam Cristo como Sumo Sacerdote na igreja.

Primeiro, observamos que Melquisedeque era tanto rei quanto sacerdote. Visto que reis terremos eram justos apenas em parte, na maioria das vezes não eram, em absoluto, justos, não tinham a incumbência do ofício sacerdotal. Porém, Jesus Cristo, que como Melquisedeque é rei de justiça e paz, está plenamente qualificado para tal responsabilidade. Exaltado no céu, é tanto Rei quanto Sacerdote para nós, e, portanto, o único mediador para nossa plena salvação. Oferecendo o sacrifício de seu sangue, vertido na cruz para expiação dos nossos pecados, e conquistando o socorro de Deus por suas orações intercessoras, também possui poder real para subjugar nossos corações, governar seu rebanho e reino, e defender seu próprio povo contra todo inimigo. Como o autor de Hebreus deseja observar, esse Rei e Sacerdote da ordem de Melquisedeque "pode [nos] salvar totalmente" (Hb 7.25).

Segundo, com a vinda de Melquisedeque para abençoar Abraão na presença dos canaanitas, vemos um maravilhoso tipo do ministério de Cristo para nós. Quando vencemos nossas batalhas, Jesus Cristo ressurreto nos abençoa aos olhos deste mundo. De fato, no sacramento da Ceia do Senhor, ele nos declara abençoados mesmo agora do seu trono celestial. Como Abraão, somos desprezados pelo mundo. Nossa bênção está oculta à vista, e ninguém compreende que nos apegamos às promessas de Deus. Contudo, Cristo nos conhece como o próprio Deus, e o dia virá quando todo olho o verá.

Sua bênção nos socorre interior e externamente. O pão e o vinho de Melquisedeque falavam do corpo e sangue de Cristo, sacrificado na cruz por nós, como a fonte de bênção espiritual para todos os que creem, trazendo refrigério físico e espiritual a Abraão. Igualmente Cristo agora nos ministra dessa mesma fonte, por meio de seu Espírito Santo. Paulo resume isso dizendo:

> Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro), para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido. (Gl 3.13-14)

Terceiro, vimos o significado do nome e título de Melquisedeque, "rei de justiça" e "rei de paz". Como se adequam ao nosso Senhor Jesus Cristo, e como é importante observarmos a ordem em que aparecem. Somente quando Jesus obteve a justiça pela sua vida, garantindo-nos essa justiça pela sua morte na cruz, que a paz com Deus se tornou acessível aos pecadores. Ele nos oferece paz porque primeiro ele alcançou a justiça que nos falta e necessitamos. Charles Spurgeon salientou corretamente: "Note bem a ordem desses dois, e a dependência de um sobre o outro; pois não haveria paz verdadeira que não estivesse fundamentada na justiça; e pela justiça certamente brota a paz".[6]

Jesus veio para erigir um reino de justiça, assim ele desapontou aqueles que buscavam poder militar ou orgulho nacional, porém, não a justiça. Subestimando seus pecados e esquecendo-se da perfeita santidade de Deus, pensam que suas necessidades são políticas ou militares, não espirituais. Essa é a razão dos brados das multidões serem proferidos a favor de Barrabás, o violento insurgente, e então bradaram: "crucifica-o", quando chegou Jesus. Porque veio trazer primeiramente a justiça e a paz, Cristo não ascendeu a um trono terreno, não montou num cavalo de batalha, mas na cruz. Ali pregaram uma placa: "Rei dos Judeus". Todavia, poderiam muito bem ter escrito "Melquisedeque": Rei de Justiça para reinar sobre a cidade da paz. Spurgeon comenta: "Ele sabia que não poderia ser rei de paz para nós até que, antes de tudo, tivesse tecido uma justiça perfeita no tear da sua vida e tingido com o sangue do seu próprio coração em sua morte".[7]

Finalmente, Melquisedeque nos mostra que, quando Cristo ressuscitou dos mortos e ascendeu às alturas, assumiu um sacerdócio eterno, tornando-se Sacerdote para nossa salvação eterna. Porque ele vive para sempre, nunca existirá um tempo quando esse grande Sacerdote não possa apresentar publicamente seu sangue que foi vertido por você, quando as orações dele não fluirão para bênção eficaz sobre sua vida. Quando você morrer e se apresentar perante o trono de Deus, ali ele estará, apontando para as feridas que adquiriu na cruz, carregando sua dívida paga por ele. Seu sacerdócio é eterno, jamais terá fim, assegurando vida eterna para dar a você.

Sacerdócio superior

O autor de Hebreus tem um interesse premente em apresentar a supremacia do sacerdócio de Cristo sobre o de Arão e dos levitas da antiga aliança. Em Hebreus 7.4-10 ele prossegue para o sacerdócio de Melquisedeque, que é um tipo de Cristo, para destacar esse ponto.

O autor apresenta três argumentos associados a Melquisedeque para mostrar a supremacia do sacerdócio de Cristo. O primeiro é que Abraão pagou o dízimo a Melquisedeque: "Considerai, pois, como era grande esse a quem Abraão, o patriarca, pagou o dízimo tirado dos melhores despojos" (Hb 7.4). Poucos versículos depois, o autor emprega a lógica costumeira do Antigo

Testamento para observar que “por assim dizer, também Levi, que recebe dízimos, pagou-os na pessoa de Abraão. Porque aquele ainda não tinha sido gerado por seu pai, quando Melquisedeque saiu ao encontro deste” (Hb 7.9-10). Se os levitas, através de Abraão, pagaram o dízimo a Melquisedeque, então o seu sacerdócio deve ser superior.

Segundo, o sacerdócio de Melquisedeque deve ser superior porque ele abençoou Abraão, e “evidentemente, é fora de qualquer dúvida que o inferior é abençoado pelo superior” (Hb 7.7). Sobre esse fundamento, o sacerdócio representado por Melquisedeque deve ser superior àquele proveniente de Abraão.

Terceiro, como simbolizava vida imortal, Melquisedeque representava um sacerdócio superior àquele dos levitas. O versículo 8 argumenta: “Aliás, aqui são homens mortais os que recebem dízimos, porém, ali, aquele de quem se testifica que vive”. Para ser sacerdote em Israel era preciso comprovar a própria linhagem; nos livros de Crônicas e Esdras vemos como tais registros eram cuidadosamente conservados. Era um sacerdócio de homens que morrem, os quais não podiam garantir a salvação, assim uma sucessão apropriada era essencial. Melquisedeque, porém, representa um sacerdócio superior – aquele do Sacerdote vivo Jesus Cristo que, de acordo com Hebreus 7.16: “constituído não conforme a lei de mandamento carnal, mas segundo o poder de vida indissolúvel”.

Uma das maiores preocupações dessa carta é que os cristãos hebreus perseguidos não renunciassem ao cristianismo para retornar ao judaísmo. A questão, portanto, é que Cristo é superior ao judaísmo. Realmente, a lei de Moisés com seu sacerdócio segue o mesmo superior fundamento do evangelho de Cristo, representado por Melquisedeque que abençoou Abraão. Renunciar a Cristo, então, é renunciar a todo o fundamento da antiga aliança, a fonte da qual mesmo Abraão foi abençoado.

Isso nos ajuda a entender a relação entre a antiga aliança em Moisés e a nova aliança em Cristo. Através de Melquisedeque, a salvação em Cristo tornou-se conhecida antes da vinda da lei e da antiga aliança. Logo, a aliança em Cristo, não é uma inovação. Não é uma reação de Deus a uma suposta falha da sua primeira tentativa através de Moisés. Não é diferente em caráter do modo da salvação descrita em todo o período da Bíblia depois da queda.

A nova aliança é chamada de “nova” não porque seja diferente, mas porque realiza o cumprimento de tudo que fora representado e antecipado há muito tempo. De fato, foi em Cristo que Abraão contemplou sua esperança. Como disse Jesus aos fariseus: “Abraão, vosso pai, alegrou-se por ver o meu dia, viu-o e regozijou-se” (Jo 8.56). Pode ser que Jesus tivesse particularmente em mente Melquisedeque. Quanta alegria deve ter sentido Abraão ao ver aquele que representava a fonte de toda bênção espiritual oferecendo pão e vinho que falavam da obra salvífica de Cristo ainda por vir!

Tão grande Salvador

Era essencial que os cristãos hebreus que receberam essa carta não retrocedessem de Cristo para Moisés, do evangelho para a lei, pois tanto Moisés quanto a lei em si mesmos recorrem a Cristo. É por isso que os leitores originais não devem se desviar, apesar das grandes dificuldades, antes, apegarem-se somente em Cristo.

Essa passagem também proclama excelentes razões para nós hoje, razões por que devemos honrar Jesus Cristo, voltar para ele e confiar nele para nossa salvação. A primeira delas é a excelência de Cristo.

Observei anteriormente que a comparação é um modo econômico de descrever uma pessoa, e no esboço de Melquisedeque vimos os contornos do Messias. Quem mais a não ser Jesus Cristo cumpre o que ele prefigura? Quem mais se adapta à bela descrição esboçada por esse homem santo? Quem mais pode ser tanto Sacerdote quanto Rei, governando nos corações como ele sustenta os céus pela sua Palavra? Quem, exceto Jesus Cristo, combina poder tão elevado com mansidão de espírito? Quem mais vive para sempre pelo poder de sua própria vida divina e eterna? Em quem mais podemos encontrar tal justiça e paz perfeitas?

Se você quer ver a personificação da justiça, então leia a história da vida de Jesus. Se você quer ver paz, então observe os efeitos da sua presença. Olhe aqueles que receberam sua graça. Olhe a tempestade que ele acalmou e os demônios expulsos por ele e as enfermidades por ele curadas. Jesus é a nossa justiça e a nossa paz.

A segunda razão para voltarmo-nos para Jesus é seu ministério como retratado nesses versículos. Ele é aquele que oferece a bênção de Deus, aquele que distribui alimento espiritual, como fez Melquisedeque ao abençoar e alimentar Abraão. Verdadeira bênção, tanto agora quanto eternamente, vem apenas pelo reconhecimento de Jesus Cristo como Salvador e Senhor. Jesus ensinou: “Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede” (Jo 6.35).

Finalmente, você deve ir a Jesus Cristo porque fora de sua justiça jamais haverá paz para você. Paz é o que você busca, a paz integral que vem somente de Deus. Através do entretenimento, ambição, materialismo, romance e sensualidade, as pessoas procuram desesperadamente aquietar a voz interior irrequieta. Porém, sem justiça nunca haverá paz: nem em nossos lares, nem em nossos locais de trabalho, nem em nossos corações. Onde o pecado reina jamais haverá e poderá haver paz.

No entanto, Jesus é o nosso Melquisedeque. Ele é nosso Rei de Justiça, purificando-nos de nossos pecados pelo seu sangue e vestindo-nos com vestes reais de sua obediência perfeita. Eis por que sua cidade é de paz onde aqueles que encontram justiça nele habitarão para sempre em paz com ele. Diz ele: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; [...] Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (Jo 14.27). Ele é a nossa justiça, e ele nos concede a paz. Para sempre e sempre ele reinará como o rei justo sobre a sua cidade da paz eterna. A Bíblia nos diz:

> Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram. (Ap 21.3-4)

---

[1] João Calvino, *Genesis* (Carlisle, Pa.: Banner of Truth Trust, 1965), 388.
[2] Martinho Lutero, *Luther's Works*, vol. 2, *Lectures on Genesis Chapters 6–14*, org. Jaroslav Pelikan e Daniel E. Poellot (St. Louis: Concordia, 1960), 389.
[3] Jonathan Edwards, "A History of the Work of Redemption", em *Works* (Peabody, Mass.: Hendrickson, 1998), 1:544.
[4] Arthur W. Pink, *Gleanings in Genesis* (Chicago: Moody, 1981), 160.
[5] F. F. Bruce, *The Epistle to the Hebrews*, rev. org., New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), 160.
[6] Charles Haddon Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, 63 vols. (Pasadena, Tex.: Pilgrim Publications, 1975), 30:162.
[7] *Ibid.*, 164.

23

ESPERANÇA SUPERIOR



Hebreus 7.11-19

> [...] *Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque. Portanto, por um lado, se revoga a anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade (pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma), e, por outro lado, se introduz esperança superior, pela qual nos chegamos a Deus.* (Hb 7.17-19)

Um dos propósitos mais importantes da Carta aos Hebreus é trazer a antiga aliança em Moisés e a nova aliança em Cristo num relacionamento apropriado. A razão para isso era o perigo de que os leitores originais pudessem se esgueirar para sua antiga religião, seja para escapar da perseguição, seja por causa de uma compreensão equivocada. Em toda a carta, o autor enfatiza a superioridade de Cristo e da nova aliança por ele estabelecida.

Uma aliança estabelece os termos para um relacionamento; alianças bíblicas são estabelecidas e administradas por Deus para trazer a humanidade para um relacionamento específico com ele. Quando Cristo veio, trouxe uma nova aliança – uma nova administração pela qual nos relacionamos com Deus. Falando a esse respeito, o apóstolo Paulo enfatizou: "As coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas" (2Co 5.17). Retroceder de Cristo para o judaísmo, portanto, não era apenas regressar aos caminhos antigos, mas recair numa administração da salvação sem qualquer validade, tendo sido cumprida e substituída com a vinda de Cristo.

Na discussão sobre o sacerdócio superior de Cristo, essa nova aliança envolve substituição do sacerdócio da antiga aliança – ou seja, o sacerdócio de Arão e da tribo de Levi – pelo novo sacerdócio de Cristo. Comparando esses dois não só vemos como essa mudança de sacerdócio efetivou uma nova administração da salvação, como também entramos numa compreensão mais profunda do que Cristo fez e está fazendo, e assim o que significa ser cristão vivendo sob a nova aliança.

Veremos três coisas neste estudo: primeira, observaremos que, com a vinda de Cristo, há um novo sacerdócio e uma nova lei; segunda, observaremos como e por que a nova aliança oferece uma esperança melhor do que a oferecida pela antiga; e terceira, da diferença entre a antiga aliança e a nova, extrairemos algumas conclusões sobre o que significa para nós viver debaixo desta nova aliança trazida na História pela obra salvífica de Jesus Cristo.

Novo sacerdócio, nova lei

Por que há uma nova administração ou um novo caminho de salvação? Hebreus 7.11-19 argumenta que, visto ser Cristo um novo tipo de sacerdote, representa uma nova lei ou administração da aliança: "Se, portanto, a perfeição houvera sido mediante o sacerdócio levítico (pois nele baseado o povo recebeu a lei), que necessidade haveria ainda de que se levantasse outro sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque, e que não fosse contado segundo a ordem de Arão?" (Hb 7.11).

A palavra traduzida como "perfeição" (do grego *teleiōsis*) poderia ser diferentemente traduzida como "realização". É usada aqui como referência à salvação, pois perfeição ou realização é a condição pela qual as pessoas se tornam aceitáveis a Deus. O problema é que a necessidade de um novo sacerdócio indica que o sacerdócio antigo em si mesmo não pode alcançar a salvação por ele indicada. O fato de haver outro sacerdócio testifica que o sacerdócio antigo era imperfeito e transitório.

Esse argumento presume que o sacerdócio levítico e a lei do Antigo Testamento como administração da salvação encontravam-se inseparavelmente vinculados. Essa articulação torna-se clara no versículo 11, que diz do sacerdócio levítico: "nele baseado o povo recebeu a lei". O sacerdócio, com seus sacrifícios, era o modo sob a antiga aliança pelo qual o povo pecador era reconciliado com Deus; a lei servia como agente do ministério sacerdotal. Como explica um comentarista:

> O sacerdócio e o tabernáculo com seus sacrifícios eram os meios empregados por Deus para tornar o povo pecador aceitável diante dele. Eram sombra de Jesus no Antigo Testamento. Então, a lei fora dada em forma de exigências para conscientizar as pessoas quanto à sua verdadeira condição a fim de que pudessem se beneficiar dos sacrifícios. [...] A lei era um mestre que conduzia a Cristo (representado em Israel pelo tabernáculo e seu sacerdócio).[1]

Os sacerdotes do Antigo Testamento apontavam para a morte de Cristo na cruz para a salvação dos pecadores; sua morte encerrou a função deles e também da lei como caminho para a salvação.

O autor coloca três pontos para confirmar tal ensino. O primeiro é que, visto Jesus não ser membro da tribo de Levi (a única tribo autorizada para o ofício sacerdotal na antiga aliança), pelo contrário, era membro da tribo de Judá, a chegada de seu sacerdócio constitui uma nova ordem no conjunto de sacerdotes: "Porque aquele de quem são ditas estas coisas pertence a outra tribo, da qual ninguém prestou serviço ao altar; pois é evidente que nosso Senhor procedeu de Judá, tribo à qual Moisés nunca atribuiu sacerdotes" (Hb 7.13-14). O sacerdócio revelado e estabelecido com a vinda de Cristo é, portanto, diferente daquele estabelecido com Moisés. Em Cristo houve uma mudança de sacerdócio.

O segundo ponto é que tudo isso não aconteceu sem aviso prévio. Foi precisamente essa mudança de sacerdócio que Davi antecipou ao escrever sobre o Messias: "Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque" (Sl 110.4). Davi vivia debaixo da antiga aliança,

debaixo da lei e do sacerdócio levítico, porém, mesmo assim, por inspiração do Espírito Santo, anunciou uma nova ordem sacerdotal que viria no futuro. Foi no Messias, escreveu, que Deus prometeu esse novo tipo de sacerdote. Por isso, muito antes da vinda de Cristo, a antiga ordem fora reconhecida como transitória, temporária e insuficiente.

Terceiro, a vinda de um novo sacerdócio assinala a chegada de um novo modo de salvação. O autor escreve no versículo 12: "Pois, quando se muda o sacerdócio, necessariamente há também mudança de lei". Pelo termo "lei" ele não pretende dizer os Dez Mandamentos, ou seja, a lei moral de Deus. A lei moral de Deus jamais muda porque Deus não muda, e a lei moral reflete o seu caráter. Esta é a razão por que Jesus disse: "Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir" (Mt 5.17). No Sermão da Montanha, Jesus não só afirma os Dez Mandamentos, mas também insiste quanto à sua incisiva aplicação, sua mais elevada e mais sincera expressão. Assim, quando falamos da lei como exigências morais de Deus, devemos dizer que não foram deixadas de lado com a vinda de Cristo, mas, pelo contrário, estabelecidas e confirmadas. Todo cristão deve estar pronto para dizer como o salmista: "Quanto amo a tua lei!" (Sl 119.97).

O autor de Hebreus pretende outro significado aqui, a saber, a Lei mosaica como administração da aliança da graça, isto é, como sistema salvífico. É isso que tem em mente quando escreve: "Pois, quando se muda o sacerdócio, necessariamente há também mudança de lei" (Hb 7.12). Uma nova ordem sacerdotal e um novo tipo de sacerdote levam a uma nova administração da salvação, uma nova lei.

Sacerdócio superior, esperança superior

Por que a nova lei do novo sacerdote, isto é, a nova administração da salvação com a vinda de Cristo, é superior à anterior? A diferença tem a ver com o sacerdote em si e com a autoridade com a qual exerce seu ofício sacerdotal, e, assim, com a natureza de seu ministério. O autor descreve Jesus Cristo como aquele que é "constituído não conforme a lei de mandamento carnal, mas segundo o poder de vida indissolúvel. Porquanto se testifica: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque" (Hb 7.16-17).

O sacerdócio era o ofício de maior honra e privilégio da antiga aliança. Apenas os sacerdotes trabalhavam no templo de Deus e não nos campos, ou no exército ou no mercado. Eles tocavam e manuseavam os mistérios de Deus, servindo como mediadores que interagiam com o Senhor. O que, então, tornava um levita sacerdote em vez de um benjamita ou um filho de Rúben ou de Naftali? O que garantia tão grande privilégio a essa tribo? A regulamentação da lei e nada mais. O sacerdote não tinha de ter um caráter meritório, ou devoção espiritual. Obtinha o trabalho porque a lei assim previa. Era a lei que o tornava sacerdote, e como tal era na lei que confiava para exercer seu ministério.

A natureza da autoridade levítica determinava o tipo de ministério a ele oferecido. Mantinha seu sacerdócio baseado num código externo, e o código externo é o que seu ministério oferecia.

A lei operava por meio do sacerdócio. Caso você fosse ao sacerdote do Antigo Testamento e perguntasse como ele pretendia aproximá-lo de Deus, ele falaria dos mandamentos e dos rituais da lei cerimonial. Quão superior, então, é o sacerdócio de Cristo. Jesus baseia seu sacerdócio em base diferente: sua própria vida incorruptível, que é o poder, portanto, que ele tem para seu ministério como Sumo Sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque.

Quando você pergunta para Jesus o que ele oferece para aproximá-lo de Deus, ele responde com seu sangue vertido que cumpriu a lei e com sua oferta de renascimento espiritual para a vida eterna. Tal o contraste proclamado pelo próprio Jesus em seu ministério terreno. No templo, na presença dos sacerdotes levitas, ele clamou: "Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva" (Jo 7.37-38). Com isso Jesus sugere o Espírito Santo, que ele enviaria do seu trono sacerdotal no céu. Essa é a diferença entre a antiga aliança e a nova aliança em Cristo. A antiga aliança ministrava salvação através de ordenança exterior; a nova ministra salvação através do poder transformador da vida. "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10.10).

O Messias, apresentado antes da lei pela figura de Melquisedeque, e identificado sob a lei por Davi no salmo 110, estabeleceria um novo e eterno sacerdócio. Seu sacerdócio é eterno, não meramente ou essencialmente em termos de sua duração ilimitada, mas no caráter da sua vida. Esse sacerdócio repousa e antecipa não simplesmente o poder da ordenança exterior e ritualística, mas o íntimo poder da vida eterna – vida inextinguível do céu que é do próprio Deus e continua para sempre. Andrew Murray escreve: "Quando Deus fala a seu Filho: 'Tu és sacerdote para sempre', significa que o sacerdócio não só jamais cessará, mas indica qual é a raiz e a causa disso; enraíza-se na vida e na força de Deus".[2]

Jesus manifestou o poder de uma vida inextinguível e indestrutível quando morreu por nossos pecados e ressurgiu novamente do túmulo. É por causa dele que Paulo escreve: "Tragada foi a morte pela vitória" (1Co 15.54). Philip Hughes, portanto, escreve do sacerdócio eterno de Cristo: "Aquele que morreu de uma vez por todas agora vive, para nunca mais morrer. A coroa seguiu a cruz e é este poder de uma vida indestrutível que assegura que ele é, de fato, nosso eterno Sacerdote".[3]

Quando Jesus morreu na cruz, cumpriu o propósito do antigo sacerdócio, realizando a completa expiação prevista, e, por isso, sua ordem foi deixada de lado. Então, ressurgindo dos mortos e ascendendo à direita de Deus Pai no céu, estabeleceu um novo e eterno sacerdócio que é capaz de cumprir tudo que o antigo sacerdócio não poderia. Seu ministério celeste, no poder da vida eterna, gera aquela vida pelo Espírito Santo, para nos transformar e nos aproximar de Deus.

As duas alianças

O autor de Hebreus está muito preocupado em relacionar a antiga aliança com a nova, principalmente em face do perigo de os cristãos retrocederem aos seus antigos caminhos e da perda da salvação. Desde o início, o autor avança nesse tema, salientando a supremacia de

Cristo. Nos capítulos 1 e 2 apresentou a supremacia de Cristo quanto aos anjos, por meio de quem a antiga aliança fora dada; no capítulo 3 mudou para a superioridade de Cristo quanto a Moisés, e no capítulo 4 a sua supremacia sobre Josué. Agora, no capítulo 7, prossegue seu principal argumento: a supremacia sacerdotal de Cristo sobre o antigo sacerdócio de Arão e dos levitas.

A peça central desse argumento é a citação do salmo 110.4: "O SENHOR jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque". Melquisedeque fora o sacerdote e rei que encontrara Abraão, abençoando-o e dele recebendo o dízimo. Esse foi o tema de Hebreus 7.1-10, que visto que os sacerdotes do Antigo Testamento procedem de Abraão, a homenagem de Abraão a Melquisedeque mostra a superioridade deste. Melquisedeque representava Cristo, tanto pela ministração a Abraão do pão e vinho que fala de sua obra salvífica, quanto pela representação de um sacerdócio eterno baseado não em sua linhagem, mas em sua vida e justiça. De Melquisedeque, representante de Jesus Cristo cerca de 4.000 anos atrás, mesmo os sacerdotes do Antigo Testamento receberam sua bênção em Abraão. Essa é uma maneira de apresentar a supremacia da nova aliança sobre a antiga.

Nossa presente passagem dá um passo a mais nesse argumento, enquanto o autor de Hebreus continua a explicar a diferença entre as duas ministrações: "Portanto, por um lado, se revoga a anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade (pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma), e, por outro lado, se introduz esperança superior, pela qual nos chegamos a Deus" (Hb 7.18-19). Esses versículos dizem algo negativo sobre a antiga ministração e algo positivo sobre a nova. O que não quer dizer que a antiga aliança estivesse errada. No fluxo da história redentora de Deus, foi necessária e boa. O ponto negativo que o autor de Hebreus apresenta é simplesmente que como ministração da salvação, a lei não poderia proporcionar o que buscava. O objetivo de todo sacerdócio é aproximar as pessoas de Deus, porém a antiga aliança não pôde fazê-lo. Eis a sua fraqueza, e o porquê exigia outra aliança.

O mesmo é verdadeiro hoje. Um código externo, um sistema de regras, pode nos indicar a direção correta (e a lei moral de Deus certamente faz isso). No entanto, ela não oferece poder, nem mudança do coração, que nos motiva ao longo dessa mudança em curso, e nenhum ímpeto que nos mova ao longo do novo azimute. Para isso precisamos de poder, de uma nova disposição ou atitude, que a lei não pode comunicar, mas que vem apenas pelo Espírito Santo na medida em que é derramado em nós pelo nosso Sumo Sacerdote celestial.

Donald Grey Barnhouse explicou isso usando o exemplo de um leão no zoológico:

> Pegue o capítulo 11 de Isaías, que diz que o leão se deitará com o cordeiro, e leia-o aos leões no jardim zoológico. Conte ao leão que a Palavra de Deus diz que é para ele se deitar com o cordeiro. Ele rugirá e dirá que está cansado da carne de cavalo e gostaria de um cordeiro. Entretanto, ele o quer para devorá-lo, não como companhia. A fim de converter o leão de seu natural apetite por carne, será preciso mudar sua natureza. Só então o capítulo 11 de Isaías se cumprirá. E a fim de fazer a humanidade (corrupta em todos os pensamentos, caminhos e obras) viver à altura das exigências da [lei], o milagre da regeneração faz-se necessário a fim de instalar nela a nova natureza, a vida de Cristo.[4]

O profeta Jeremias escreveu sobre isso muito antes, nas ruínas de Jerusalém do Antigo Testamento. O problema com a antiga aliança, disse ele, não era a lei. Como Paulo insistiria mais tarde: "[...] a lei é santa; e o mandamento, santo, e justo, e bom" (Rm 7.12). O problema era que as pessoas não estavam prontas para observar a lei; elas quebraram a aliança por causa da fraqueza de sua natureza pecaminosa. Portanto, Deus prometeu uma nova aliança:

> Eis aí vêm dias, diz o SENHOR, em que firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porquanto eles anularam a minha aliança, não obstante eu os haver desposado, diz o SENHOR. (Jr 31.31-32)

Como a nova aliança diferirá da antiga? A diferença não é a graça de Deus, pois a antiga aliança também foi uma aliança da graça; ocorreu no contexto da libertação do êxodo. Deus diz que ele mesmo tomou Israel por sua noiva, uma declaração magnificente de graça. Jeremias explica a diferença quando diz da nova aliança: "Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei" (Jr 31.33). Graças à obra interior do Espírito Santo, o ministério de Cristo oferece uma "esperança superior pela qual nos chegamos a Deus" (Hb 7.19).

Qual a diferença entre a antiga aliança e a nova? A antiga aliança atuava externamente pela lei, e, portanto, era incapaz de habilitar as pessoas a preservar até ao fim o seu relacionamento; sob a ministração da nova aliança vem o milagre da regeneração – novos corações para criar outro povo ávido por realizar a vontade de Deus. Isso nunca foi oferecido sob a antiga aliança, o que explica sua fraqueza, sua inutilidade em realmente operar a salvação.

Essa é a comparação que o apóstolo Paulo usou em 2Coríntios 3, em que contrastou a lei *versus* o Espírito, falando do poder transformador do ministério espiritual do Jesus Cristo exaltado. Paulo destaca que debaixo da antiga aliança apenas Moisés adentrava, realmente, à presença de Deus. Apenas Moisés entrava no tabernáculo, habitação de Deus. Ao sair da presença de Deus, sua face resplandecia a glória de Deus. Havia um brilho externo na face do sacerdote protótipo do Antigo Testamento. O povo via apenas lampejos fugazes da glória de Deus, pois Moisés cobria a face com um véu ocultando que o brilho era evanescente. Em maravilhoso e extraordinário contraste encontra-se a vida sob a nova aliança. Em Cristo, não é meramente Moisés, mas todo o povo entra num relacionamento pessoal com Deus; a glória que recebemos de Deus não é externa, mas interna, de ser transformado à própria semelhança de Deus. Paulo conclui: "[...] o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade. E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" (2Co 3.17-18).

Essa é a superior esperança da nova aliança em Cristo, que Paulo descreve como "liberdade", e o autor de Hebreus fala de como "nos chegamos a Deus". Essa é a nossa liberdade como cristãos – não com a presunção de que debaixo da graça de Deus podemos ter uma vida libertina ou flertar com o pecado, mas uma liberdade de aproximarmo-nos de Deus por seu Espírito. É a

liberdade de comunhão com o próprio Deus, que sempre foi o objetivo do sacerdócio, porém só é alcançado pelo ministério celeste de nosso grande Sumo Sacerdote, Jesus Cristo, por meio do Espírito Santo. Esse é um caminho melhor, uma esperança melhor, que nenhum santo do Antigo Testamento jamais conheceu.

Aproximar-se de Deus

Tendemos a subvalorizar o atual ministério sumo sacerdotal de nosso Senhor Jesus Cristo e sua importância para nossas vidas. Quão pobre é para nossa vitalidade espiritual pensar em seu ministério apenas no tempo passado, reconhecendo muito pouco os extraordinários recursos disponíveis para nós agora por nossa perpétua união com ele pela fé.

Quando pensamos em Jesus como Sumo Sacerdote, muitos de nós apenas o veem cumprindo o ministério de Arão e dos levitas. Pensamos em Cristo oferecendo sua justiça perfeita e seu precioso sangue em expiação pelos nossos pecados. Essa é uma obra gloriosa que foi realizada de uma vez para sempre; nós, corretamente, fixamos nele os olhos para o perdão dos pecados e reconciliação com Deus.

Todavia, este não é o sacerdócio definitivo; o sacerdócio tipificado por Arão conduzia àquele de Melquisedeque. Cristo agora é o Sumo Sacerdote vivo, oferecendo-nos vida e poder que precisamos para receber a salvação, e, então, nos socorrendo para perseverarmos na fé. Ele envia a vida de Deus para renovar-nos interiormente, e assim Paulo pôde dizer: "Mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia" (2Co 4.16). Enquanto confiamos em Cristo, o Espírito de Deus realiza mudanças em nossas afeições pelas coisas do mundo para aquelas do céu, da injustiça para a justiça que Deus se compraz.

Uma ênfase sobre o atual ministério do Espírito sempre foi uma marca da fé protestante. Isso se dá porque, por exemplo, rejeitamos a missa católica romana, que tragicamente apresenta Cristo ainda como crucificado, e em contínuo sacrifício, sempre o sacerdócio de Arão e nunca o de Melquisedeque. Essa é a razão por que as cruzes católicas romanas retratam o corpo de Cristo ali, ao passo que os protestantes sempre insistem no fato de que ele não se encontra mais na cruz. Jesus agora está no céu, vitorioso, não mais trabalhando pelo que Arão buscava, mas agora ministrando como Melquisedeque. As cruzes que mostramos estão vazias, e, quando recebemos o sacramento da comunhão, olhamos para o Cristo ressurreto que não está morto. É de um Sumo Sacerdote exaltado e glorificado que nós recebemos uma superior esperança: o Espírito vivo de Deus para nos renovar, restaurar, guiar e fortalecer em novidade de vida.

Visto que nosso Sacerdote se encontra exaltado no céu com poder para nos transformar, a vida cristã não é uma questão de performance exterior, mas um aproximar-se de Deus pelo Espírito Santo. Jesus abre o caminho para nós, de modo que não mais nos relacionamos com Deus por meio de um código externo, mas num relacionamento vivo pela fé em Jesus Cristo. Pelo Espírito também somos capazes de cumprir a justiça representada na lei, visto que pelo Espírito temos tanto o poder quanto o desejo de buscá-la (cf. Rm 8.2-4). Foi para isso que Cristo

veio. Enquanto a lei "nunca aperfeiçoou coisa alguma", pela fé Cristo concede "esperança superior, pela qual nos chegamos a Deus" (Hb 7.19).

Este é o objetivo e o desejo de Cristo, o fim de seu trabalho – não só para nos ver justificados e perdoados de nossos pecados, mas, de fato, conduzidos para um relacionamento com Deus por meio do Espírito Santo, que nos concede poder para deixarmos de ser descumpridores da lei e, em vez disso, sermos cumpridores da lei pela fé em Cristo.

O que leva a questões realmente práticas: Você vive em comunhão com Deus? Através do Espírito de Deus você o conhece e se relaciona com ele? Você conversa com Deus em oração? Sua voz fala à sua mente e coração enquanto você recebe sua Palavra nas Escrituras? Você vive em nova obediência por seu poder, com evidência de seu fruto crescendo em sua vida? Esta é a verdadeira vida cristã, e tudo abaixo disso é falsificação. A vida cristã é vida no Espírito de Deus, obediência e aproximação de Deus em espírito e em verdade. Isso não é misticismo. Não é irracional, nem depende de emoções. Pelo contrário, é vida de comunhão espiritual com o próprio Deus, enquanto ele toma a Palavra que nos deu escrevendo-a em nossos corações e mentes, nas tábuas de nossas almas, pelo Espírito Santo, enquanto confiamos em Cristo como nosso Salvador e Senhor.

Muitos cristãos parecem mais confortáveis com uma espiritualidade do Antigo Testamento do que com a vida da nova aliança. Preferimos contemplar a obra de Deus em alguma outra pessoa, como os israelitas fixando os olhos em Moisés. Ficamos fascinados com nossos pregadores ou músicos favoritos, exaltando-os como celebridades espirituais. Todavia, não adoramos a Deus e não encontramos nossa porção completa nele, a quem Cristo nos traz pelo seu presente ministério do Espírito. Contudo, este é o objetivo da esperança superior, o fim para o qual Cristo morreu e ressuscitou, que nos "cheguemos a Deus" por seu intermédio.

Como, então, você recebe o Espírito? Você recebe o Espírito não quando o busca em supostas experiências espirituais, mas fixando seus olhos em Jesus Cristo e voltando-se para ele pela fé, que morreu para o perdão dos seus pecados, cumprindo o sacerdócio de Arão, e que agora vive para sempre como Sacerdote eterno segundo a ordem de Melquisedeque, garantindo sua vida eterna. O que mais precisamos é de algo que o código externo jamais pôde ministrar e nós mesmos não podemos produzir por qualquer meio carnal, porém Jesus o concede a todos que vêm a Deus pela fé nele: um novo coração, uma nova atitude, um novo poder para a piedade e novidade de vida para a glória de Deus, tudo quanto vem pela fé em Cristo como é oferecido no evangelho, uma vez que Cristo responde à nossa fé com o ministério do Espírito Santo.

Charles Wesley escreveu um hino para que fixemos os olhos da fé no Salvador vivo, Jesus Cristo, cujo ministério redentor é sempre o que realmente necessitamos. Ele nos fornece a melhor notícia que poderíamos receber:

> Sei que meu Redentor vive,
> por mim sempre a interceder;
> um sinal do seu amor ele dá,

um penhor de liberdade.

Encontrei-o levantando minha cabeça;
ele torna próxima a salvação;
sua presença torna-me, de fato, livre
e em breve ele se levantará.[5]

---

[1] Ray Stedman, *Hebrews* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1992), 82.
[2] Andrew Murray, *The Holiest of All: An Exposition of the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Revell, 1993), 260.
[3] Philip E. Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), 264.
[4] Donald Grey Barnhouse, *Exposition of Bible Doctrines Taking the Epistle to the Romans as a Point of Departure*, 10 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1953), 2:282.
[5] Charles Wesley: "I Know That My Redeemer Lives", 1742. [Em inglês: "*I know that my Redeemer lives,/ and ever prays for me;/ a token of his love he gives,/ a pledge of liberty.// I find him lifting up my head;/ he brings salvation near;/ his presence makes me free indeed/ and he will soon appear*".]

24

PORQUE ELE VIVE



Hebreus 7.20-25

> [...] *Jesus se tem tornado fiador de superior aliança.* [...] *Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.* (Hb 7.22,25)

Há duas grandes questões na vida, a primeira delas é: "O que fazemos com o pecado?" Como lidamos com as coisas que os outros fazem conosco? Ainda mais importante, como lidamos com as coisas que fazemos aos outros, coisas feitas a nós e pecados cometidos contra os outros?

Atualmente muitas pessoas oferecem uma solução terapêutica. Primeiro, pecado é reclassificado como disfunção. Nossa sociedade faz isso com infratores que vão desde molestadores de crianças a assassinos, de mexeriqueiros a adúlteros. Em vez de transgressores da lei moral divina, são vistos como infelizes, não obstante, muitas vezes frutos de escolhas inteligíveis.

Segundo, culpamos as forças externas por nossos comportamentos. Foi por nossa imaturidade, ou o meio em que vivemos ou trabalhamos. A solução para o mau comportamento, por essa perspectiva, é a reabilitação. O que precisamos, dizem, não é de perdão e redenção, isso equivaleria assumir a culpa. Precisamos de terapia ou mudar de ambiente. Mais e mais, porém, nossa geração sente a futilidade dessa abordagem, sua falha em lidar com a realidade do mal, e falha da mera negação e terapia para limpar a culpa do nosso pecado. A despeito de suas publicidades, o modelo terapêutico não traz e não pode trazer paz à terra, nem em termos individuais nem em âmbito nacional.

A primeira grande questão na vida – o problema dos pecados que cometemos – preocupa-se com o passado. A segunda grande questão da vida lida com o presente e com o futuro. É o problema de nossa fraqueza e corrupção interior. Essa não é apenas a realidade externa do pecado, mas o problema interno que é a sua fonte. Na superfície estamos aptos a efetuar algumas mudanças – mudança em nossa silhueta, nosso currículo, nosso estilo de vida. Contudo, quando chegamos em nossos corações, o que realmente somos, nossas atitudes, afeições e caráter, achamos que mudar apresenta-se muito mais difícil. De fato, está além de nossa compreensão. Compramos roupas novas e galgamos altas posições, envelhecemos e aprendemos umas poucas lições de vida, no entanto, de ano em ano somos basicamente a mesma pessoa. Quando se trata

de uma mudança de coração real, substancial e duradoura, dentro de nós mesmos, simplesmente não dispomos do poder e dos recursos.

Esse é o cenário com o qual devemos ler esses versículos da Carta aos Hebreus. Em contraste com cada salvação que este mundo tem a oferecer, Jesus Cristo "pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus" (Hb 7.25). A razão para o sucesso de sua salvação – sua capacidade para lidar tanto com nossos pecados exteriores quanto com nossa condição interior – é que ele vive, ele tem um sacerdócio permanente, sempre intercedendo pelos que são seus, e assim ele é totalmente capaz de salvar aqueles que nele confiam.

A garantia de nossa salvação

O autor de Hebreus declara a suficiência total da salvação em Cristo ao observar que a performance do ministério sacerdotal de Jesus garante nosso relacionamento com Deus. O autor de Hebreus chega a isso por meio da sua exposição continuada do salmo 110.4, que é a base de todo seu ensino nesse capítulo: "O SENHOR jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre". Ele já espremeu este difícil versículo o suficiente para extrair dele todo o suco, que até o momento apresenta-se, realmente, muito nutritivo. Este salmo davídico fala do Rei messiânico que viria salvar seu povo. Em sua exposição anterior a esse versículo, o autor de Hebreus focalizou o elo entre Jesus Cristo e Melquisedeque. Melquisedeque foi o sacerdote e rei que ministrou a Abraão e recebeu seu dízimo, aparecendo no livro de Gênesis sem qualquer registro de nascimento ou morte, pais ou genealogia. Melquisedeque era um tipo do Messias. Como escreveu Davi: "Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque" (Sl 110.4). Em contraste com os sacerdotes segundo a ordem de Arão – isto é, os sacerdotes de Israel no Antigo Testamento –, Melquisedeque representava o sacerdócio de Jesus como "constituído não conforme a lei de mandamento carnal, mas segundo o poder de vida indissolúvel" (Hb 7.16).

Nossa presente passagem segue elaborando outra diferença entre os sacerdotes do Antigo Testamento e o ofício sacerdotal de Jesus Cristo. Aqui a diferença diz respeito à natureza de sua ordenação ao ministério:

> [...] visto que não é sem prestar juramento (porque aqueles, sem juramento, são feitos sacerdotes, mas este, com juramento, por aquele que lhe disse: O Senhor jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre); por isso mesmo, Jesus se tem tornado fiador de superior aliança. (Hb 7.20-22)

De que maneira, então, o juramento de Deus torna o sacerdócio de Jesus a garantia de uma superior aliança? Para responder, devemos observar que esta não é a primeira vez que ouvimos o autor de Hebreus referir-se a um juramento de Deus. Em 6.13-14 ele destacou que a promessa da bênção de Abraão estava assegurada por um juramento divino: "[...] Jurei por mim mesmo, diz o SENHOR, [...] deveras te abençoarei e certamente multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus e como a areia na praia do mar" (Gn 22.16-17). Deus não jurou porque *ele* precisava disso, mas a fim de *nos* conceder toda garantia de que ele cumpriria o que prometera. Disse ele:

“Jurei por mim mesmo”. Falando dessa promessa sob juramento, que pertence a todos que compartilham da fé de Abraão, o autor de Hebreus observou: “temos por âncora da alma, segura e firme” (Hb 6.19).

No capítulo 7, Hebreus refere-se a outro juramento de Deus, um juramento a respeito do Messias: “O Senhor jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre” (Hb 7.21; Sl 110.4). Ambos os juramentos se referem ao relacionamento de Deus com Abraão. Em um caso Deus prometeu abençoar Abraão, e em outro ele prometeu o Messias que seria um sacerdote da ordem do sacerdote-rei Melquisedeque. É lógico que estes dois juramentos, tão intimamente relacionados em termos da aliança de Deus com Abraão, servem para funções semelhantes – a saber, oferecer garantia àqueles que olham para Deus com a fé de Abraão.

Esses juramentos servem como selos da promessa de Deus quanto à salvação. O juramento a Abraão selou a intenção de Deus de abençoá-lo; Deus jurou por si mesmo que o faria. De igual forma, o juramento ao Messias prometido selou o meio pelo qual Deus realizaria essa intenção, o envio de um Salvador para realizar o que prometera. Essa é precisamente a questão colocada no versículo 22: “Jesus se tem tornado fiador de superior aliança”. É por meio de seu sacerdócio que as promessas de Deus se cumprem.

O juramento de Deus ao Messias, isto é, a Jesus Cristo, dado através do rei Davi no salmo 110, quase 1.000 anos antes de sua vinda, garante a aliança com Abraão, pela qual nós também estamos salvos. Uma aliança é um acordo obrigatório, com condições estipuladas e benefícios prometidos com seu cumprimento. A aliança de Deus com Abraão foi sua promessa de abençoá-lo com salvação, juntamente com todos que olham para Deus pela fé, como fez Abraão. O juramento do salmo 110 sela essa aliança porque garante aquele que a realizaria: o Salvador que levaria os pecados de Abraão e os nossos na cruz, e que, então, ressurgiria novamente, ascenderia aos céus para garantir as bênçãos prometidas por Deus. Como explica um comentarista: “O juramento divino ratifica a absoluta confiabilidade do sacerdócio de Cristo, sobre o qual a esperança da comunidade cristã encontra-se ancorada. A realização do seu propósito está garantida”.[1]

A palavra grega para “fiador” ou “garantidor” aparece no Novo Testamento apenas em Hebreus 7.22. A palavra é *engyos*, utilizada nos documentos legais antigos para “alguém que garante o cumprimento”. O *engyos* oferecia seus bens e até a si mesmo como garantia de modo a assegurar o que fora prometido. Isto nos ajuda a compreender a questão do autor, a saber, que, na medida em que Jesus vive, a aliança da nossa salvação é por ele garantida.

Essa não foi a única vez que Deus ofereceu uma garantia para sua aliança. Após o dilúvio, Deus selou sua promessa a Noé com a garantia do arco-íris: “Porei nas nuvens o meu arco; será por sinal da aliança entre mim e a terra” (Gn 9.13). Enquanto houver arco-íris no céu, podemos estar certos que jamais haverá um juízo tal como o dilúvio. Igualmente, em Jeremias 31.35-36, Deus selou sua promessa a Israel dizendo que só se o Sol de dia e a Lua à noite e as estrelas no céu desaparecerem, só então seus descendentes deixariam de ser uma nação diante dele.

É difícil imaginar o fim do arco-íris, ou do Sol, da Lua, das estrelas. Entretanto, é concebível. Por comparação, vemos quão superior é o juramento estabelecendo Jesus como o fiador da aliança da promessa de Deus. Enquanto Jesus viver, a aliança permanecerá – e ele viverá para sempre. Ele é o Filho do Deus vivo, aquele que morreu, contudo, a morte não o pôde segurar. Como disse Jesus em Apocalipse: "[...] eu sou o primeiro e o último e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos" (Ap 1.17-18).

Jesus é aquele a quem Deus, o Pai, exaltou nos céus de acordo com a promessa: "Tu és sacerdote para sempre". Portanto, Deus vê Jesus Cristo no céu, a segunda pessoa da Trindade e o Filho eterno, na humanidade que adquiriu ao nascer de uma virgem, e Deus é visualmente lembrado do juramento feito. Ele vê seu próprio fiador indicado, a garantia que ele mesmo estabeleceu para selar a aliança da nossa salvação. Portanto, porque Jesus vive, também viveremos.

O poder do juramento de Deus explica como é que temos uma "superior Aliança" (Hb 7.22). O contraste é entre a nova aliança em Cristo e a antiga aliança em Moisés. Na era antiga, os sacerdotes não viviam para sempre; eram meramente homens, e seu ministério não tinha um juramento divino que garantisse permanência. Eis por que houve um procedimento para transmitir o ofício por descendência sanguínea.

Os sacerdotes eram os únicos que mediavam com Deus, oferecendo orações e sacrifícios. Alguns foram melhores que outros. Existiram sacerdotes piedosos, como Zadoque, que serviu no tempo de Davi. O problema era que mesmo os melhores sacerdotes sempre morriam, e então eram seguidos por algum outro. Se você vivesse nos tempos do profeta Malaquias, que escreveu sobre sacerdotes impuros que ofereciam sacrifícios contaminados, então as coisas não seriam tão boas.

Tudo isso mudou com a nova aliança em Jesus Cristo, o Sacerdote que não apenas agrada a Deus em todas as coisas, mas que também vive para sempre e sempre garantirá nossa comunhão com Deus. Essa é a segurança da nossa salvação nele. Não há condicionamento para transmissão de seu sacerdócio, porque não há necessidade. Como enfatiza Hebreus: "Ora, aqueles são feitos sacerdotes em maior número, porque são impedidos pela morte de continuar; este, no entanto, porque continua para sempre, tem o seu sacerdócio imutável" (Hb 7.23-24).

Isso significa que, quando você vem a Jesus Cristo para salvação, então você vem a um sacerdote vivo que oferece seu sangue por seus pecados e agora reina nos céus para garantir o seu futuro. Esta é a sua segurança da salvação eterna. Deus o estabeleceu como a garantia da aliança, de sua promessa de vida eterna, e ele vive para sempre. Como disse Jesus a seus discípulos: "Porque eu vivo, vós também vivereis" (Jo 14.19).

Apto para salvar

O juramento dado a Jesus Cristo através do Rei Davi sela e garante total e completamente a salvação que se encontra nele. Porém, como seu ministério sacerdotal realmente nos salva?

Hebreus responde: “[...] porque continua para sempre, tem o seu sacerdócio imutável. Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Hb 7.24-25).

A palavra “por isso” no início do versículo 25 une o sacerdócio permanente de Cristo e sua intercessão. Nós fazemos muito com a presença permanente de Jesus nos céus como nosso fiador, no entanto, ele não está inativo ali. Está atuante em sua intercessão por nós.

Interceder é aproximar-se em benefício de outros, e isso é o que Jesus faz por nós junto ao trono do Pai celestial. Ele nos representa e advoga a nossa causa. De fato, no versículo 25, “salvar” está associado a “interceder”. Intercessão é o meio pelo qual Jesus nos salva completamente, obtendo para nós o favor divino completo e cada recurso que necessitamos para nossa salvação. Andrew Murray escreve: “Sem cessar ali flui dele ao Pai a oração de seu amor por todos e cada necessidade daqueles que lhe pertencem; sua pessoa e presença são essa oração, tão íntima e inseparavelmente está ele identificado com aqueles que ele chama de irmãos”.[2]

Quando pensamos na intercessão no céu, há dois graves erros a evitar. O primeiro e maior equívoco é achar que Jesus é um intercessor insuficiente, que ele está de algum modo desinteressado ou é incompetente. Este é o grave equívoco daqueles que se voltam para outros (tais como parentes falecidos, ou santos, ou à virgem Maria) para sua intercessão. Philip Hughes acertadamente diz: “Confiar em anjos ou santos ou quaisquer outros seres finitos por suas intercessões não é apenas futilidade; também induz à falta de confiança na adequação de Cristo como nosso intercessor; é honrar a criatura mais do que aquele que é nosso Criador e Redentor”.[3] Jesus é “apto para salvar totalmente” por sua intercessão; voltar-se para qualquer outro é negar isso e refutar a Palavra de Deus.

Outro erro é inferir da intercessão de Jesus que o Pai é hostil para conosco, e com relutância é apaziguado pelas obras de seu Filho. É verdade que merecemos a mais completa reprovação de Deus. Contudo, jamais nos esqueçamos que aqui Jesus cumpre o ofício para o qual o Pai o indicou. Somos salvos porque o Filho faz a vontade de seu Pai por nós, abrindo o caminho para nossa plena reconciliação como filhos amados de Deus. É o próprio Deus que “amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito” (Jo 3.16).

Vivendo para interceder

Observamos anteriormente que há dois grandes problemas para os quais o mundo não tem solução eficaz. O primeiro é o problema do pecado. A despeito de todos os nossos esforços, somos totalmente incapazes de fazer coisas certas uns aos outros. Nós podemos gritar: “paz, paz”, porém não há paz. Isso é verdade em termos humanos, mas, quando colocamos Deus no quadro – quando consideramos que nossos pecados ofenderam a justiça imutável e perfeita do céu –, as coisas não se tornam apenas piores, mas completamente desesperançadas, na medida em que nossos próprios recursos são afetados.

O mesmo é verdade quando vêm as nossas fraquezas. Não só somos incapazes de fazer o certo, somos incapazes de ser e fazer o que é justo. Nossos corações são corruptos, como diz a Escritura a nosso respeito: "Nos seus caminhos, há destruição e miséria; desconheceram o caminho da paz" (Rm 3.16-17). A despeito de toda terapia, a despeito de todas as nossas tentativas de negar ou esquecer a realidade do nosso pecado, somos simplesmente ineptos para encontrar salvação.

Destaco estas categorias – culpa e fraqueza – porque são precisamente as dimensões da nossa necessidade pelas quais a intercessão de Jesus traz provisão. Embora sejamos totalmente incapazes de salvar a nós mesmos, ele "pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus" (Hb 7.25).

Precisamos remover nossas culpas, e isso é permanentemente realizado pela intercessão de Jesus. O apóstolo João nos diz: "Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo; ele é a propiciação pelos nossos pecados" (1Jo 2.1-2). Jesus fala ao Pai em nossa defesa, diz João, baseado em sua morte na cruz. Temos visto que, quando Deus, o Pai, vê nosso Senhor Jesus Cristo no céu, ele vê seu próprio fiador, indicado por ele, que garante a aliança da graça. Mas João nos lembra do que Deus vê em Jesus. Ele vê as marcas em suas mãos e pés, e a ferida em seu lado onde o soldado cravou a lança, e ele vê que o débito do nosso pecado foi pago. Deus vê que o Bom Pastor amou suas ovelhas dando sua vida por elas. Como, então, Deus nos condenará agora? Assim Paulo respondeu em Romanos 8.34: "Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós". Portanto, como Paulo explicou anteriormente, agora "nenhuma condenação há para aqueles que estão em Cristo Jesus" (Rm 8.1).

Você pode perguntar: como Cristo pode falar por mim na imundícia dos meus pecados, com meu histórico de falhas e infidelidade? A resposta é que Jesus não precisa falar absolutamente nada. Ele precisa apenas identificar você como um dos seus. Ele só precisa direcionar suas mãos trespassadas para você e, como sempre faz, dizer: "Pai, este é um dos meus, que vem a ti pelo meu sangue vertido para salvação". Os seus pecados são completamente confrontados, até o fim, porque Jesus intercede por você com a solução da cruz.

O valor espiritual desse ensino é inigualável. Tentamos lidar com a culpa fazendo coisas ao nosso nível, pela confissão, jejum, oração ou boas obras. É claro que devemos confessar nossos pecados. Lemos em 1João 1.9: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça". Estamos numa relação com Cristo, e ele quer que nos aproximemos dele com nossos pecados, rancores e tristezas por nossa iniquidade. Porém, nossa confissão não pode, de fato, remover nosso pecado. O que remove nosso pecado não é algo que fazemos, mas o que ele fez de uma vez por todas na cruz, uma redenção autossuficiente que agora se encontra à disposição no céu e estará para sempre. Caso você seja filho de Deus pela fé em Cristo, suas feridas intercedem eficazmente por seus pecados dia e noite, todos os dias do ano, sem fim, para sempre. A resposta à culpa do nosso pecado é Jesus

Cristo, que morreu levando sobre si a punição que era nossa, e agora vive para interceder por nós.

Quando nos voltamos para o outro grande problema que enfrentamos, nossa terrível fraqueza, a intercessão de Jesus Cristo é igualmente eficaz. Foi a intercessão de Cristo que preservou a fé de Simão Pedro, quando negou nosso Senhor três vezes. "Simão, Simão", Jesus o advertiu, "eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça" (Lc 22.31-32). Como Jesus orou pelos discípulos no jardim do Getsêmani, seguramente ora agora por nós à direita de Deus: "Pai Santo, guarda-os em teu nome" (Jo 17.11).

Qual é a nossa dificuldade em orar? Muitos de nós lutam com a oração porque são espiritualmente fracos. Aqui, também, Jesus intercede em nosso benefício, enviando o Espírito Santo para nosso auxílio. Paulo escreve: "[...] o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis" (Rm 8.26). Portanto, podemos confiar quando oramos, a despeito de nossas fraquezas.

Porque ele vive

O cristianismo é radicalmente diferente de todas as outras religiões e de todas as demais soluções para a vida neste mundo. Todas as demais filosofias ou religiões têm algo em comum: confiam na performance, obra, ou poder do homem. Quer a esperança esteja na educação, no misticismo da Nova Era ou em alguma outra solução, a salvação depende do que você faz e quão bem o faz. A resposta encontra-se na técnica ou no desejo correto. O que coloca o cristianismo à parte é um Salvador vivo, que não só afasta nossos pecados para sempre, como também nos envia poder do céu. O que mais importa para os cristãos, portanto, não é o que fazemos, nem o poder espiritual que estamos supostamente operando, mas a eficácia plena e poderosa do ministério de Jesus Cristo, que vive e ministra para sempre como nosso grande Sumo Sacerdote.

Se você acreditar que porque Jesus vive você tem tudo que necessita, não só para permanecer na fé, mas para produzir frutos em abundância, isso transformará toda a sua vida. Você será liberto da escravidão da religião da performance. Terá a paz que advém de lançar seu fardo sobre ele, confiando-lhe, por sua vez, em dar a você poder para novidade de vida. Crer nisso lhe conferirá um novo fervor à oração, porque você deseja conhecer como ora para um Senhor vivo, que ministra agora por você no céu. "Porque continua para sempre [...] pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles." Portanto, fale com sua alma, como adverte o hino de Charles Wesley, e proclame a ela um Salvador autossuficiente em Jesus Cristo crucificado, ressurreto e exaltado:

Levante-se, minh'alma, levante-se,
liberte-se dos medos da culpa;
o Sacrifício cruento
em meu benefício se manifesta:
diante do trono meu Fiador está,
diante do trono meu Fiador está,

Meu nome em suas mãos escrito está.

Ele exaltado vive continuamente,
    por mim a interceder,
seu todo redentor amor,
    seu precioso sangue a verter;
Seu sangue expiador para toda raça,
    Seu sangue expiador para toda raça,
esparge agora o trono da graça.

Cinco feridas sangrando suporta ele,
    recebidas no Calvário;
extravasam eficazes orações,
    vigorosamente pleiteiam por mim.
"Perdoe-o, Ó perdoe-o", clamam,
    "perdoe-o, ó perdoe-o", clamam,
"não permitas que esse redimido pecador pereça!"[4]

---

[1] William L. Lane, *Hebrews 1–8,* Word Biblical Commentary 48a (Dallas: Word, 1991), 187.
[2] Andrew Murray, *The Holiest of All: An Exposition of the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Revell, 1993), 272.
[3] Philip E. Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), 270.
[4] Charles Wesley: "Arise, My Soul, Arise", 1742. [Em inglês: "*Arise, my soul, arise,/ shake off your guilty fears;/ the bleeding Sacrifice/ in my behalf appears:/ before the throne my Surety stands,/ before the throne my Surety stands,/ my name is written on his hands.// He ever lives above,/ for me to intercede,/ his all-redeeming love,/ his precious blood to plead;/ his blood atoned for every race,/ his blood atoned for every race,/ and sprinkles now the throne of grace.// Five bleeding wounds he bears,/ received on Calvary;/ they pour effectual prayers,/ they strongly plead for me."/ "Forgive him, O forgive," they cry,/ "forgive him, O forgive," they cry,/ "nor let that ransomed sinner die!*"]

25

PERFEITAMENTE ADEQUADO



Hebreus 7.26-28

> *Com efeito, nos convinha um sumo sacerdote como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e feito mais alto do que os céus.* (Hb 7.26)

Assim, enquanto concluímos o capítulo 7 de Hebreus, chegamos a um dos vários *crescendos* nesta majestosa carta. "Crescendo" é uma notação musical que exige um aumento gradual na potência até alcançar o clímax. Neste capítulo, o autor de Hebreus construiu seu argumento até o ponto de compactação e integração que encontramos nos três últimos versículos.

Quando as pessoas falam de grandes capítulos da Bíblia, às vezes não fazem referência a Hebreus 7. Toda a Escritura é inspirada por Deus e proveitosa, contudo há certos capítulos que se erguem a alturas especiais, pastoral, doutrinária ou doxologicamente. O salmo 23 expressa maravilhosamente nosso relacionamento como ovelhas com o Pastor das nossas almas: "O SENHOR é o meu pastor; nada me faltará" (Sl 23.1). Outro texto extraordinário é Romanos 8, que serve como um ponto de exclamação sobre a doutrina da graça que o apóstolo Paulo tão conscientemente expõe nessa carta. Quando chega à doxologia, isto é, louvor a Deus, ele se compara com o salmo 19: "Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos"!

Apresento algumas razões para a inclusão de Hebreus 7 na lista dos extraordinários capítulos. O tema central aqui é a Cristologia, nosso entendimento de Cristo e de sua obra, e o capítulo é como uma escada doutrinária subindo cada vez mais alto até a grande declaração sumária nos versículos 26-28.

Hebreus 7 inicia com Melquisedeque como um tipo de Jesus Cristo. Melquisedeque nos mostra a excelência de Jesus – ele é tanto rei quanto sacerdote, um mestre de justiça e paz, e alguém que reina e serve para sempre. Vemos ali o ministério de Cristo, pois como Melquisedeque encontrou Abraão depois de suas batalhas, ao saudá-lo e convidá-lo para receber pão e vinho, assim também Cristo nos diz: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei" (Mt 11.28).

A exposição prossegue nos versículos 11-19, mostrando que Jesus é uma esperança melhor do que a oferecida pela antiga aliança. Quando ele surge como novo sacerdote, ele também traz uma

nova e superior administração da salvação. Possuidor de vida indestrutível, está apto para conceder vida, de modo que podemos ter uma melhor e superior esperança.

Então, nos versículos 20-25 o autor de Hebreus nos informa das implicações do sacerdócio eterno e permanente de Jesus. Porque ele vive para sempre, ele é a garantia da aliança de Deus. Reinando para sempre no céu, ele assegura nossa salvação, sempre intercedendo por nós junto ao Pai, de modo que ele "pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus" (Hb 7.25).

Tudo isso é Cristologia maravilhosamente profunda, mas agora chegamos ao seu clímax, a plenitude desta exposição, que é um dos pontos altos de toda a carta. Unindo tudo o que já foi dito sobre a pessoa e obra de Jesus Cristo como nosso Sumo Sacerdote celeste, o autor de Hebreus conclui: "com efeito, nos convinha um sumo sacerdote como este" (Hb 7.26). Esse é o ponto, não é? Não apenas que seja admirável, não que seja meramente merecedor de uma forma abstrata, mas, como a New International Version traduz este versículo: "Tal sumo sacerdote satisfaz nossas necessidades". Ele é perfeitamente apropriado para nós, tanto em termos de pessoa quanto de sua obra, perfeitamente adequado para nossa situação e perfeitamente capaz de nos salvar até o fim.

Apropriado em sua pessoa

Hebreus 7.26 inicia com estas palavras: "Com efeito, nos convinha um sumo sacerdote como este". Uma tradução melhor seria: "Tal sacerdote era apropriado para nós". A questão é que Jesus como Sumo Sacerdote está perfeitamente adequado à situação em que nos encontramos; ele é apropriado seja como for para ser o Salvador da humanidade pecaminosa.

Talvez um modo ideal de entrar nessa discussão seja aquele fornecido pelo erudito medieval Herveus. Ele salientou que, quando você discute um sacrifício, há quatro elementos que devem ser considerados: "A saber, o que é oferecido, a quem é oferecido, a favor de quem é oferecido, e por quem é oferecido".[1] Nosso texto inicia com dois destes já entendidos, quais sejam, aquele *a favor de quem* o sacrifício é oferecido – homens pecadores sob a condenação da lei – bem como àquele *a quem* é oferecido – ao Deus santo que deve fazer justiça como juiz do universo. Esses dois pontos claramente descrevem nossa condição, nossa indignidade e condenação na presença de Deus. O que resta é *o que* é oferecido e *por quem*. É nesse aspecto que Jesus Cristo é perfeitamente apropriado para ser nosso Sumo Sacerdote em termos do sacrifício que oferece e do Sumo Sacerdote que ele é em oferecê-lo. John Owen explica:

> Pecadores impuros encontram-se necessitados de um sacerdote santo e de um sacrifício santo. O que não temos em nós mesmos devemos ter nele, ou não seremos aceitos pelo Deus santo, que tem olhos tão puros que não podem contemplar pecado. Tal Sumo Sacerdote é o Senhor Jesus.[2]

Hebreus 7.26 descreve Jesus como sumo sacerdote apropriado às nossas necessidades em que ele oferece a si mesmo. Há cinco coisas a respeito de Jesus presentes nesse versículo, começando com um terceto de adjetivo: santo, inculpável e sem mácula. São conceitos que se relacionam

apontando para a perfeição da pessoa de Cristo. Philip Hughes organiza esses termos como, primeiro, característico do próprio Deus (santo); segundo, característico de outra pessoa (inculpável); e terceiro, pertinente a si mesmo (sem mácula).[3] William Lane observa-os como primeiro pertinentes à qualificação religiosa de um sacerdote – a palavra "santo" pode ser traduzida por "piedoso". Isso se ocupa não como Jesus aparece diante do homem, mas como comparece perante Deus. A seguir vem a qualificação moral de um sacerdote: ele é inocente, nunca tendo cometido o mal para com seu próximo, impecável tanto na ação quanto na motivação. Finalmente, vem a qualificação cúltica, podemos dizer profissional, qualificação sacerdotal: ele é puro, e assim imaculado para o serviço sacerdotal. Jesus, nosso Sumo Sacerdote, não simplesmente puro externamente, ao modo como os fariseus pensavam da pureza pelo mero lavar exterior, porém ele era totalmente puro, externa e internamente. Santo, inculpável, puro – é assim que Jesus se qualifica em sua pessoa. "Juntos", Lane conclui, "esses três adjetivos descrevem a inculpabilidade do sumo sacerdote".[4] Jesus é tudo que nós não somos, assim ele pode permanecer diante de Deus em nosso benefício.

Estes versículos providenciam duas frases participiais como um dístico: "separado dos pecadores e exaltado acima dos céus". Em que sentido foi Jesus separado dos pecadores? Owen responde:

> Ele não estava separado deles em sua natureza, pois Deus enviou seu próprio Filho "em semelhança de carne pecaminosa" (Rm 8.3). Ele não estava separado dos homens durante seu ministério na terra. Ele não viveu separado de todos num deserto. Ele conversou com coletores de impostos e prostitutas, e os fariseus hipócritas reprovaram-no por isso. Estando separado dos pecadores declara o que Cristo é, seu estado e condição. Ele é santo e inculpável. [...] Ele estava separado do pecado, em sua natureza, causas e efeitos. Ele deveria ser assim para o nosso benefício. Ele se tornou a pessoa intermediária entre Deus e os pecadores e deveria estar separado daqueles pecadores nas coisas que eram de sua responsabilidade.[5]

Jesus suportou todo tipo de tentação, contudo, ele encontrava-se separado do pecado. Ele se situa numa categoria diferente do homem pecador, porque venceu a tentação, dela emergiu sem pecado. Perceba a importância disso para nós. Se nós necessitamos de Jesus para nos representar porque somos pecadores, então é vital que ele seja sem pecado, "separado dos pecadores".

Finalmente, lemos que Jesus foi "feito mais alto do que os céus". A questão não é que Jesus foi elevado para algum lugar mais alto do que o céu, mas, antes, que se encontra agora mais elevado do que todos os seres celestiais, sentado à destra de Deus com autoridade e poder para sempre. Tendo percebido sua perfeição religiosa, moral e cerimonial, nós agora somos lembrados que sua pessoa se encontra no céu, onde ele deve estar para nosso benefício.

Em todos esses aspectos, Jesus era apropriado em face das nossas necessidades. Ele é tudo que nós não somos, mas devemos ser, e assim oferece a si mesmo por nós. O versículo 27 diz: "a si mesmo se ofereceu" e foi com referência ao nosso pecado que ele foi apropriado para ser nosso sacrifício pelo pecado e santo Sumo Sacerdote. Porque Jesus é intocável pelo pecado,

estava apto para oferecer sua vida no lugar dos pecadores, de modo que seremos perdoados por Deus.

Onde está o cordeiro?

O falecido James Montgomery Boice tinha um sermão favorito, cujo título corresponde à segunda questão apresentada neste texto. O título do sermão era "Onde está o cordeiro?" A citação é de Gênesis 22.7, dito por Isaque, filho de Abraão, a quem Deus orientou Abraão sacrificá-lo no monte Moriá. "Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas", ordenou-lhe Deus, "e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que eu te mostrarei" (Gn 22.2). Isaque ainda não sabia que ele era o único a ser sacrificado. À medida que eles se aproximavam do local, ele observou os materiais, os gravetos, a faca e o fogo, mas observou a ausência de um cordeiro sacrificial. "Meu pai!", perguntou ele, "Eis o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?" (Gn 22.7). Onde está o cordeiro? Abraão, confiando em Deus a despeito de sua grande ansiedade, respondeu: "Deus proverá para si, meu filho, o cordeiro para o holocausto".

Foi isso o que aconteceu. Enquanto Abraão levantava a faca para arremetê-la sobre o jovem Isaque, um anjo apareceu dizendo: "Abraão, Abraão! [...] Não estendas a mão sobre o rapaz e nada lhe faças; pois agora sei que temes a Deus, porquanto não me negaste o filho, o teu único filho" (Gn 22.11-12). Erguendo os olhos, Abraão viu um carneiro que Deus providenciara. Ofereceu-o como seu sacrifício no lugar de Isaque e chamou aquele lugar de "O SENHOR Proverá" (Gn 22.13-14).

Como destacava Boice em seu sermão, a pergunta de Isaque pode muito bem ser o versículo-chave de todo o Antigo Testamento, junto com a resposta de Abraão: "Onde está o cordeiro?", "O SENHOR proverá". Essa é a história do Antigo Testamento, a história do povo de Deus até o dia da vinda de Jesus Cristo.

No início da Bíblia aprendemos que o homem é pecador diante de Deus e deve ser julgado ou estabelecer um sacrifício expiatório por ele. Vemos isso logo em Gênesis 3, em que Adão e Eva, tendo caído em pecado contra Deus, foram vestidos pelo próprio Deus com a pele de animais inocentes (v. 21). Eles devem ter ficado aterrorizados vendo a morte ocorrendo pela primeira vez, exatamente diante de seus olhos, uma terrível indicação do salário do pecado que é a morte (Rm 6.23).

Aparentemente Adão e Eva aprenderam pelo exemplo, porque ensinaram seu filho Abel a aproximar-se de Deus baseado apenas no sangue sacrificial. Abel foi recebido por Deus quando sacrificou o cordeiro; seu irmão Caim, porém, foi rejeitado porque procurou adorar a Deus pelas obras de suas mãos, manchadas pelo pecado.

Mas, certamente, Adão e Eva devem ter sabido que animais jamais poderiam expiar o pecado humano. Os animais são inferiores, abaixo do homem na ordem da criação divina, assim, seu sangue não é suficiente para tomar o lugar dos seres humanos. Ademais, Deus prometeu que o

Único capaz de os libertar verdadeiramente seria a semente do próprio corpo de Eva (Gn 3.15). Assim, ele portaria a própria humanidade. Isso deve tê-los confundido, no entanto, eles claramente amavam a Deus e foram perdoados. A questão que restou foi: "Onde está o cordeiro?"

Na época de Moisés, as coisas ficaram mais claras. Para libertar Israel do Egito, Deus vergou a vontade de Faraó matando todos os primogênitos da terra. Só os israelitas escaparam desse juízo, marcando as vergas de suas portas com sangue de cordeiro. Deus lhes disse: "Imolai o cordeiro pascal... Porque o SENHOR passará para ferir os egípcios; quando vir, porém, o sangue na verga da porta e em ambas as ombreiras, passará o SENHOR aquela porta e não permitirá ao Destruidor que entre em vossas casas, para vos ferir" (Êx 12.21,23). Os israelitas devem ter compreendido que não foi o valor do sangue do cordeiro que os protegeu e devem ter pensado: "Onde está o cordeiro?"

Mais tarde, porém, quando Deus estava irado com seu povo pelos seus pecados, Moisés tentou oferecer-se a si mesmo como sacrifício no lugar deles, para aplacar a ira de Deus contra o povo. Deus, todavia, recusou aceitar a oferta de Moisés. Por quê? Porque Moisés não estava apto para expiar os pecados de ninguém. Ele era em si mesmo pecador e assim necessitava de expiação para seus próprios pecados diante de Deus. Porém, se nem mesmo Moisés poderia realizar a expiação, quem faria melhor? "Onde está o cordeiro?"

Quando o sacerdócio foi estabelecido em Israel, a morte de animais foi institucionalizada, com cordeiros, bodes e cabritos oferecidos e sacrificados quase que continuamente. Hebreus 7.27 menciona que os sacerdotes tinham de oferecer sacrifícios repetidamente por seus próprios pecados, para não mencionar aqueles do povo. Como lemos no capítulo 9, o sangue de animais só poderia tornar o exterior limpo cerimonialmente, porém, nada poderia fazer para limpar o interior do homem; não poderia realmente remover a mancha da culpa. "Onde, então, está o cordeiro?" Eis a questão latente.

Essa questão e tema interligam todo o Antigo Testamento. Abraão ofereceu seu filho Isaque como sacrifício no Monte Moriá. 2Crônicas 3.1 nos diz que foi ali que Salomão posteriormente construiu o templo. Sobre a mesma rocha onde Abraão erigiu o altar e ergueu o cutelo sobre o peito de seu filho, Israel ofereceu suas ofertas durante séculos, apontando para o verdadeiro sacrifício que seria feito nas adjacências, no monte do Calvário. Foi, então, o Filho de Deus. Diferentemente quando Abraão procurava oferecer seu único filho, seu amado filho Isaque, não houve anjo para segurar a mão de Deus quando os martelos cravaram os pregos nas mãos e pés de Jesus. Se Abraão estivesse ali assistindo enquanto o Filho de Deus era crucificado por nossos pecados, e se tivesse se voltado para ver o que o Senhor providenciara em sua própria época sobre o monte, certamente teria ecoado as palavras do anjo: "Agora sei que você me ama", ele teria orado com gratidão a Deus: "vejo que não me negaste seu filho, seu único filho".

A resposta para esta pergunta: "Onde está o cordeiro?" e a toda antecipação angustiante do Antigo Testamento é: Jesus Cristo. Ele é, como anunciou João Batista, "o Cordeiro de Deus, que

tira o pecado do mundo!" (Jo 1.29). Jesus entrou em Jerusalém no que chamamos de Domingo de Palmas, mas era também o dia em que o cordeiro pascal era imolado, uma cena vívida associando Jesus a esses cordeiros sacrificiais. Então, no meio da festa da Páscoa, como os milhares de cordeiros que eram abatidos, os martelos dos soldados pregavam nosso Senhor Jesus ali na cruz, para morrer por nós. O simbolismo é óbvio, como Paulo escreve em 1Coríntios 5.7: "Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado". Ele é o verdadeiro Cordeiro.

Hebreus 7 nos fala o porquê de só Jesus estar qualificado para ocupar tal mister. Em sua pessoa ele é perfeitamente conveniente à nossa realidade, adequado para nossa situação, porque ele é "santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores", e agora "feito mais alto do que os céus". Por causa de quem e do que ele é, Jesus Cristo está apto para ser o Cordeiro cujo sangue foi sacrificado pelos pecados de seu povo.

Apropriado em sua obra

Como aprendemos com Herveus, há quatro coisas a serem consideradas em qualquer sacrifício. Aqueles a favor de quem ele é oferecido, a saber, pecadores, bem como aquele para quem é oferecido, isto é, nosso Deus santo, justo e juiz. Como vimos, Jesus atende nossa necessidade no que concerne à próxima parte, o sacrifício que é oferecido. Tudo o que resta agora é aquele que oferece o sacrifício, e nisto, também, só Jesus é apropriado às nossas necessidades. Hebreus 7.27-28 preocupa-se com a obra de Jesus como o sacerdote que oferece o sacrifício a Deus. Em sua obra sacerdotal, apenas ele atende as nossas necessidades.

O versículo 27 contrasta a obra sacerdotal de Jesus com aquela do sacerdote israelita do Antigo Testamento: "[Jesus] não tem necessidade, como os sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro, por seus próprios pecados, depois, pelos do povo". Os sumos sacerdotes do Antigo Testamento realmente não estavam aptos para atender nossas necessidades. Eles erram como alguém contratado para um trabalho, a quem é dado as ferramentas adequadas, e que trabalha duro, contudo, falta-lhe simplesmente a habilidade ou competência. Escultores precisam ter habilidade artística; cientistas precisam de destreza matemática; atletas precisam de rapidez, força e graça. Sacerdotes necessitam de santidade. O motivo é a natureza de sua obra, qual seja, trazer ofertas puras diante de um Deus santo.

Os sacerdotes do Antigo Testamento mostravam sua inaptidão aqui, tanto no fato de que deveriam oferecer sacrifícios por seus próprios pecados, quanto também em que suas obras jamais tinham fim. A insuficiência de qualquer um sacrificar foi ilustrada pela necessidade de mais sacrifícios posteriormente. No maior contraste possível, Hebreus 7.27 fala do sacrifício plenamente suficiente de Jesus: "porque fez isto de uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu". Enquanto os sacerdotes do Antigo Testamento eram pecadores, ele é santo; enquanto seus sacrifícios eram insuficientes, ele é suficiente; enquanto os antigos sacerdotes não estavam aptos para satisfazer a necessidade dos pecadores, ele é capaz de uma vez por todas de nos reconciliar com Deus. Assim como Jesus era perfeitamente apropriado em sua pessoa, assim é

ele também em sua obra. Ele satisfaz totalmente nossa necessidade, tendo sido conveniente por sua perfeição para nossa fraqueza e pecado.

Onde está o sacerdote?

Tudo isso sugere outra questão rogada pelo Antigo Testamento. O povo deve perguntar não só "Onde está o cordeiro?", como também "Onde está o sacerdote?" Assim como o povo de Deus antes do tempo de Cristo deve ter percebido a incapacidade de ovelhas e bodes em expiar o pecado humano, assim também deve ter percebido que sacerdotes mortais, pecadores como eles mesmos, não estavam qualificados para o mister de oferecer o verdadeiro sacrifício perante Deus.

Êxodo 28 fala das vestes especiais feitas para o sumo sacerdote. Havia um peitoral e uma túnica, uma veste com uma túnica, uma mitra e uma faixa. Eram feitos de ouro e de linho finíssimo, correspondendo às decorações do tabernáculo, e assim mostravam que o sacerdote era propriedade de Deus. As vestes sacerdotais representavam o resplendor da santidade. Vindo à presença de Deus, o sacerdote precisava parecer justo e santo, e suas vestimentas serviam a esse propósito.

A necessidade desse vestuário exterior, porém, representava vividamente que faltava àqueles sumos sacerdotes a necessária santidade. Por isso precisavam vestir as indumentárias. Sabemos como isso acontece hoje: se você precisa vestir as roupas corretas para sentir-se seguro, então você realmente não está confiante. Os sacerdotes necessitavam de santidade para sentirem-se confiantes diante de Deus, e essas vestes mostravam que eles não tinham fundamento para tal segurança em si mesmos.

Realmente, as narrativas dos sumos sacerdotes do Antigo Testamento lembram-me de uma apresentação infantil. Uma criança aparece como um girassol, acenando para seus pais por trás da roupa de papelão. Outra surge como o Sol, outras ainda como nuvens, e então pequenos pingos de chuva de papelão. De igual forma, o Êxodo nos fala das vestes sagradas, usadas pelo sumo sacerdote. Havia até uma lâmina de ouro fixada na mitra do sumo sacerdote, na qual se lia: "Santidade ao SENHOR" (Êx 28.36). Ele representava algo que evidentemente não era em si mesmo; por isso a necessidade dos trajes. João Calvino observa: "O que se requeria para o adequado desempenho do ofício estava ausente nos sacerdotes sob a lei. [...] O adorno externo do sumo sacerdote revelava tal defeito. [...] Uma vez que a *realidade* se achava ausente".[6] Olhando atentamente tudo isso, a pessoa espiritualmente perceptiva deve ter perguntado: "Onde, ó, onde está o verdadeiro sacerdote que precisamos?"

Se estivéssemos lá no dia da expiação, que o autor de Hebreus, especialmente, tem em mente, veríamos muitas razões para não confiar no sacerdócio da antiga aliança. Tudo isso está exposto em Levítico 16. Primeiro, o sumo sacerdote deveria purificar-se com água – não é um início muito promissor, se se deseja obter o favor de Deus. Então, ele colocava as vestes que já descrevemos, que testificam a sua própria inadequação. A seguir o sumo sacerdote tomava dois

bodes, colocando suas mãos sobre a cabeça de um que seria o bode expiatório, transferindo assim os pecados do povo para ele, e depois sacrificava o outro como oferta pelo pecado do povo. Supunha-se que isso removia seus pecados e afastava a ira de Deus. Então o sumo sacerdote deveria sacrificar um animal para si mesmo – um mau sinal. Isso devia ser desconcertante para aqueles que confiavam em seu ministério. Como Calvino questiona: "Como poderia ele aplacar a Deus em favor de outrem, quando este estava, com razão, irado contra o próprio sacerdote?"[7]

Só então o sumo sacerdote aproximava-se da presença de Deus com o sangue sacrificial, trêmulo de pensar encontrar-se realmente diante de tal santidade. Enquanto seguia, os sinos colocados nas bordas das vestes tilintavam, e, enquanto avançava para além do véu, cada ouvido estava voltado para escutá-los ainda, como prova de que o sumo sacerdote não fora ferido de morte diante do trono santo de Deus.[8] Todo esse procedimento nada faria, todavia inspirava confiança em tal sacerdote. O povo contemplava espantado, perguntando: "Onde está o verdadeiro sumo sacerdote?"

O autor de Hebreus menciona que o sumo sacerdote oferecia sacrifício por seu próprio pecado todos os dias, e então oferecia sacrifícios pelos outros. Parece que o autor inclui aqui a prática contemporânea de seu próprio tempo, quando os sumos sacerdotes ofereciam sacrifícios diariamente simplesmente por causa da sua importante posição e angústia por seus pecados e falhas. Obviamente, estes não eram sacerdotes que podiam realmente aproximar as pessoas de Deus. Então, "Onde está o sacerdote?"

Hebreus responde contrastando o antigo sacerdócio da lei com esse de Jesus Cristo: "Porque a lei constitui sumos sacerdotes a homens sujeitos à fraqueza, mas a palavra do juramento, que foi posterior à lei, constitui o Filho, perfeito para sempre" (Hb 7.28). A lei instituía homens que eram fracos. O juramento, posterior à lei e consequentemente indicando a condição temporária desse sacerdócio, instituía o Filho de Deus, que é como Sumo Sacerdote perfeito para sempre. William Barclay resume a questão:

> O sumo sacerdote levita era homem pecador oferecendo sacrifícios de animais por um povo pecador; Jesus era o inocente Filho de Deus oferecendo-se a si mesmo pelo pecado de todos os homens. [...] Porque ele era o que era, o inocente Filho de Deus, preparado para seu ofício como nenhum outro sumo sacerdote humano jamais poderia estar.[9]

"Onde está o verdadeiro sacerdote?" Jesus é aquele para o qual todos os sacerdotes anteriores apontavam. Aquele que é santo, inculpável e puro; aquele que está qualificado para sacrificar "de uma vez por todas", com o oferecimento do seu próprio sangue; aquele que é capaz de nos redimir do pecado e de nos reconciliar com Deus.

Apropriado para adorar

Jesus é perfeitamente apropriado para nos libertar de nossa condição de pecado e fraqueza. Ele é adequado em sua pessoa e adequado em sua obra. E mais, Jesus Cristo também é adequado para nossa adoração.

Os ensinamentos exarados neste texto também se apresentam essenciais para a verdadeira adoração. Onde começa a verdadeira adoração? Começa com a conscientização de nossas necessidades. Esta passagem diz que Jesus satisfaz nossa necessidade e devemos admitir que necessitamos – necessidade de perdão, de reconciliação com Deus e de vida eterna. Sem confessar tais necessidades você pode vir à igreja, mas jamais adorará realmente a Deus. Até você se humilhar perante ele, reconhecer sua necessidade de misericórdia e graça – admitindo que a menos que Deus deseje salvá-lo você não pode ser salvo – até então, você somente adorará a si mesmo e as suas nobres realizações religiosas.

Outra condição que precisamos para a verdadeira adoração é a consciência de que, em Jesus Cristo, Deus supre nossas necessidades. A palavra em inglês para adoração é "worship", que vem da antiga expressão "worth-ship".* Adorar alguém ou algo é proclamar seu valor. E, quando você compreende que Jesus Cristo não é um qualquer professor de moral nobre, nem qualquer guru entre uma miríade de figuras religiosas, antes, o verdadeiro Salvador de que você necessita, a única solução para sua situação, o único Cordeiro capaz de suportar seu pecado diante de Deus, e o único Sacerdote habilitado para oferecer tal sacrifício a Deus – quando você compreende isso, então o adorará verdadeiramente. De fato, se você não adora Jesus Cristo, então não entende que sua necessidade seja a suficiência de sua obra salvífica. Caso você não adore a Jesus Cristo, você não está salvo, porque somente ele satisfaz nossa necessidade, é apropriado para nossa condição, como pecadores confrontados por um Deus santo.

É isso o que os redimidos fazem no céu: adoram o verdadeiro Cordeiro, o Cordeiro que foi morto. O apóstolo João abre as janelas para isso no livro de Apocalipse, em que viu um Cordeiro que foi morto no trono do céu. Então, ouve este cântico de regozijo celestial: "Digno és [...] porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua e nação e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra" (Ap 5.9-10).

Essa é a canção que todos os redimidos cantarão no céu. E mais, o cântico nos fala que mesmo aqueles que uma vez foram pecadores agora se tornaram sacerdotes para servir perante Deus, porque foram lavados para sempre no sangue do Cordeiro.

Não importa quem você é, não importa o que você faz, o Sumo Sacerdote e Cordeiro de Deus, Jesus Cristo, é perfeitamente apropriado para sua necessidade. Caso deseja admitir que precisa – não de um pequeno auxílio, mas de um sacrifício expiatório para afastar-se de seu pecado –, e, se você deseja apresentar essa necessidade a ele, então ele afastará seu pecado e abrirá para você a porta do céu. E você servirá com ele, na beleza da santidade, tanto agora como para sempre.

[1] Citado em Philip E. Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), 278.
[2] John Owen, *Hebrews* (Wheaton, Ill.: Crossway, 1988), 178.
[3] Hughes, *Hebrews*, 271.
[4] William L. Lane, *Hebrews 1–8,* (Dallas: Word Books, 1991), 192.
[5] Owen, *Hebrews*, 179.
[6] João Calvino, *New Testament Commentaries*, (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), 12:102.
[7] *Ibid.*, 103.
[8] Veja Eclesiastes 45.9.
[9] William Barclay, *The Letter to the Hebrews* (Louisville: Westminster/John Knox, 1976), 85.

[*] A expressão, tomando suas palavras em separado, quer dizer: *worth* = valor; *ship* = (no caso aqui, creio que seja sua forma verbal) enviar, despachar. Assim, a expressão antiga deveria querer dizer: "despachar algo de valor, expedir algo valoroso". (N. do R.)

26

MINISTÉRIO MAIS EXCELENTE



Hebreus 8.1-6

Agora, com efeito, obteve Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também Mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas. (Hb 8.6)

Em 1517 fez-se uma grande descoberta na cidade de Wittenberg na Saxônia, Alemanha. Quem fez a descoberta foi um monge agostiniano chamado Martinho Lutero. Lutero possuía uma alma perturbada, buscando sinceramente ser correto diante de Deus. Sua busca resultou no que a Carta aos Hebreus descreve como uma mudança de aliança. O que ele encontrou foi nada menos do que o evangelho de Jesus Cristo, uma superior aliança e superior ministério que varreria a Alemanha e por fim o mundo inteiro.

Uma aliança é um acordo ou contrato estabelecido em relação a alguém; são os termos de um relacionamento. O casamento é uma aliança, estabelecendo como marido e esposa se relacionarão um com o outro no matrimônio. Todo sistema religioso busca fazer o mesmo, descrever como o homem deve se relacionar com Deus. Lutero buscara a Deus de acordo com diversos meios do sistema religioso católico romano. Havia tentado a confissão, as relíquias dos santos, as obras de penitência. Lutero laborava para ser aceito por Deus através de cada mecanismo de um sistema religioso fundamentado em obras e na graça sacramental. Todavia, nada disso funcionou realmente, observou ele. Elas não poderiam superar a realidade de seu pecado e do juízo de Deus; elas não poderiam conduzi-lo verdadeiramente a Deus.

O que Lutero descobriu foi uma aliança diferente, um modo diferente de salvação e comunhão com Deus. Ele o encontrou nas páginas da Bíblia, nas quais os apóstolos de Jesus registraram os ensinos da nova aliança proclamados por ele. O que Lutero encontrou foi uma forma de justificação – isto é, de misericórdia, perdão e aprovação junto a Deus – que não se alcança pelas obras, mas somente pela graça de Deus, somente pela fé, somente em Cristo. Um de seus biógrafos diz que Lutero "era como um homem escalando nas trevas uma escada em espiral no campanário de uma antiga catedral. Na escuridão esticou-se buscando manter o equilíbrio, e sua mão se prendeu numa corda. Ele ficou surpreso ao ouvir o som metálico de um sino".[1]

O sino tocou ruidosamente na Wittenberg de Lutero, assim como tocara no século 1º, quando essa mesma aliança, esse mesmo modo de salvação, foi proclamado pela primeira vez em nome de Jesus Cristo. A analogia entre o catolicismo romano e o judaísmo contra o qual o autor de Hebreus escrevia é imperfeita. Contudo, na questão de como um pecador vem a Deus, a

comparação é válida e profunda. Em ambos os casos, a forma de salvação ensinada na Bíblia fora corrompida pelo raciocínio prolixo e humano. Ambos exigiam obras para a justificação com Deus. Era isso o que perturbava tanto Lutero; ele compreendia que todas as suas obras estavam desesperadamente maculadas pelo pecado. Porém, o maior problema tanto para o catolicismo quanto para o judaísmo não eram as obras requisitadas, mas a graça que ofereciam. Tanto em Roma como em Jerusalém, a graça contava com um sacerdócio terreno de homens imperfeitos, cujo ministério pouco tocava nas verdadeiras necessidades de um pecador. Lutero achou que uma graça que depende de homens não é, absolutamente, graça. Em extraordinário contraste com um sacerdócio de homens imperfeitos na terra – seja em Jerusalém seja em Roma –, o autor de Hebreus aponta para o sacerdócio perfeito do Filho de Deus no céu – um superior ministério que é capaz de fazer o que nenhum outro pode: salvar, de fato, pecadores de uma vez por todas e para sempre.

Esta é a verdade que transformou Wittenberg e precipitou a Reforma Protestante. É a verdade que eleva nossos olhos da terra para os céus, de nossas obras frágeis para o poder da obra de Deus, da religião que escraviza o homem para a salvação libertadora de Cristo. É a verdade que tornou livres as línguas de Wittenberg prorrompendo numa canção. Um hino assim expressou esse superior ministério:

> Tua obra somente, ó Cristo,
> pode aliviar o peso do pecado;
> teu sangue somente, ó Cordeiro de Deus,
> pode conceder-me paz interior. [...]
>
> [...] É ele quem me salva,
> e livremente concede perdão;
> Amo porque ele me ama
> Vivo porque vive ele.[2]

Tal Sumo Sacerdote

Como o autor do hino, o escritor de Hebreus quer que nos concentremos não em qualquer ministério terreno – nem em nós mesmos, nem em um sacerdote terreno –, mas em Jesus Cristo exaltado nos céus. É sua pessoa e obra que devemos exaltar, visto que nosso autor inicia expondo o ofício sacerdotal de Cristo no início do capítulo 7. Foi Cristo quem trouxe alegria para Wittenberg, como aos primeiros destinatários dessa Carta. E é para Cristo que o autor chama nossa atenção no versículo 1: "Ora, o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote".

O final da seção de Hebreus 7 serviu como um clímax de um crescendo construído através de todo o capítulo. Hebreus 7 eleva nossa compreensão do ministério de Cristo como Sumo Sacerdote celestial. Agora, no início do capítulo 8, estamos num platô, reagrupando e nos organizando para escalar o próximo nível ainda mais elevado. A questão mais importante que o

autor quer que retenhamos antes de prosseguir é a superioridade do ministério sacerdotal de Cristo no céu. Há cinco características do ministério sumo sacerdotal de Cristo que demonstram sua superioridade, começando com sua perfeição como Sumo Sacerdote.

O capítulo 7 conclui dizendo que Cristo é "perfeito para sempre" (v. 28). Agora Hebreus 8 começa dizendo: "Possuímos tal sumo sacerdote", isto é, perfeito. Ao passo que os sacerdotes terrenos de Israel eram imperfeitos, Cristo é perfeito. Isso diz respeito tanto à sua pessoa sem pecado quanto à sua obra na terra que cumpriu tudo que era necessário para ele ser Sumo Sacerdote para sempre. Jesus era perfeito em sua pessoa do início ao fim de sua vida terrena, porém em sua obra ele *se tornou* perfeito. O versículo 3 nos lembra de que um sacerdote deve oferecer um sacrifício para entrar no santuário; visto que Jesus encontra-se no verdadeiro santuário do céu, seu perfeito sacrifício foi recebido e aceito a fim de instituir perfeitamente seu ministério sacerdotal.

O autor de Hebreus enfatiza o fato de Jesus tornar-se perfeito ou tornar-se pleno várias vezes, o que faz disso um tema obviamente importante para ele (cf. 2.10; 5.9; 7.28). Ao assumir a carne humana, ao viver debaixo da lei e cumpri-la perfeitamente, ao compartilhar dos nossos sofrimentos e dores, por experiência "aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu" (Hb 5.8), e então, ao oferecer-se a si mesmo em nosso lugar como Cordeiro de Deus sem mancha, Cristo completou ou aperfeiçoou a obra necessária para qualificá-lo como nosso Sumo Sacerdote. Nisso ele é superior a qualquer sacerdote terreno. Sacerdotes terrenos podem compartilhar dos nossos sofrimentos, contudo não podem transcendê-los; embora sejam aptos para compadecerem-se das nossas fraquezas, eles estão igualmente debaixo do poder cruel do pecado. Só Jesus partilhou da nossa humanidade, conquanto acrescentando o poder da sua própria natureza divina, de modo que sua obra é superior. Numa palavra, é perfeita.

Eis por que nosso Senhor deixou os céus em primeiro lugar para tornar-se perfeito com seu retorno aos céus como nosso grande Sumo Sacerdote. Philip Hughes articula isso muito bem, falando da descida de Jesus dos céus na encarnação e de seu retorno aos céus na ascensão:

> Ele partiu como Filho de Deus. Retornou tanto como Filho de Deus quanto também, em virtude da encarnação, como Filho do Homem. Ele partiu como Senhor. Retornou tanto como Senhor quanto também como Ministro em nosso benefício na presença do Pai. Ele partiu como Rei. Retornou tanto como Rei quanto também como Sumo Sacerdote e Intercessor para aqueles de quem não se envergonhou de chamar de irmãos (Hb 2.11). Ele partiu como Soberano. Ele retornou também como Salvador.[3]

Ao vir à terra e por sua obra como Servo de Deus e nosso substituto, Cristo instituiu um ministério que é mais excelente por todos os aspectos a qualquer outro sistema para chegar-se a Deus. Somente ele é capaz de satisfazer nossas necessidades como pecadores diante do trono santo de Deus.

Sacerdote e Rei

A segunda característica demonstrativa de que o ministério de Jesus é superior é que ele é tanto sacerdote quanto rei. Temos tal Sumo Sacerdote, lemos: "que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus" (Hb 8.1). Em outras palavras, Jesus tomou seu lugar real no trono dos céus. Isso nunca fora verdadeiro em Israel; os homens que governavam como reis não eram homens que serviam diante do Senhor como sacerdotes.

É difícil apreciarmos o significado disso até compreender o papel central dos reis na história de Israel. Um dos principais livros históricos do Antigo Testamento se chama "O Livro dos Reis". Ele é essencialmente a memória de que tipo de rei governou de uma geração a outra; como o rei ia, assim o reino ia.

Nós sabemos a real importância de um líder em nosso próprio tempo: o exemplo moral do diretor da escola, de um prefeito, ou até mesmo de um presidente. Isso é particularmente verdadeiro quando vem de um rei do Antigo Testamento, que não apenas dá o tom para a nação, mas também lidera o povo em seu serviço a Deus.

Imagine a ansiedade, portanto, quando um rei morria e era substituído por outro. Asa foi um bom rei que trouxe bênção, mas também se tornou orgulhoso mais tarde em sua vida. Quando ele morreu, todos os olhos se voltaram para Josafá, seu filho. Quão aliviadas ficaram as pessoas ao saber que esse novo rei era ele mesmo um homem muito piedoso, um homem que andava diante de Deus e traria bênçãos à nação. O reinado de Josafá contemplou vitória e prosperidade. Contudo, após um longo reinado, chegou a hora da morte de Josafá. Infelizmente, o maior equívoco de sua carreira foi aliar-se a Acabe, rei de Israel e um dos mais notórios vilões da Bíblia, e casar seu filho e sucessor com uma das filhas de Acabe. A Bíblia diz do filho de Josafá: "Andou nos caminhos dos reis de Israel, como também fizeram os da casa de Acabe, porque a filha deste era sua mulher; e fez o que era mau perante o SENHOR" (2Rs 8.18). Que desastre absoluto foi isso! Tudo que fora conquistado por Josafá agora estava perdido.

O caráter de um rei tem consequências para o seu reino. Que bênção é, então, encontrar aquele que sobe ao trono acima de nós, aquele que vem desempenhar uma função tão fundamental em nosso benefício. O Rei que, sozinho, determina a atitude de Deus para com todo o seu reino, e esse não é ninguém menos do que o nosso grande Sumo Sacerdote, Jesus Cristo. Seu reino é eterno, e ele reinará para todo o sempre. Isso são boas-novas para nós, porque não precisamos temer uma mudança de regime. Com ele, como nosso Rei eterno, seremos abençoados.

Ele está assentado

O terceiro item que chama atenção para a superioridade do ministério sacerdotal de Cristo vem das palavras: "possuímos tal sumo sacerdote, que *se assentou*" (Hb 8.1 – ênfase acrescentada). Essa é a segunda vez que tal declaração foi feita nesta carta, a primeira vez

ocorrendo em 1.3, que diz: “depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas”.

Há um contraste aqui com os sacerdotes levitas do Antigo Testamento, que nunca se sentaram no tabernáculo. Não havia assentos ali, assim eles não estavam convidados para tal. Ademais, o simbolismo aqui tem a ver com a obra finalizada de Cristo *versus* o sacrifício constante, portanto, em curso daqueles terrenos. A obra deles não era finalizada, o sacrifício que apresentavam não era suficiente, a expiação deles não era real, mas apenas apontava para o melhor que estava por vir. Eis o porquê de eles não se sentarem. A obra de Cristo, porém, está finalizada. Seu sacrifício de si mesmo é suficiente para nos reconciliar com Deus, e sua expiação realmente afasta nossos pecados para sempre. Isso porque ele entrou no santuário celeste, cumpriu seu sacrifício de uma vez por todas, e, então, sentou-se à direita de Deus, o que significa que tudo está consumado.

Foi essa realidade que revigorou a adoração, bem como a doutrina, na Wittenberg de Lutero. Entre suas principais reformas encontrava-se a rejeição à missa católica romana, que ensinava um oferecimento sacrificial contínuo. Como os levitas, os sacerdotes católicos laboram semana após semana, apresentando a missa como o oferecimento contínuo do sangue de Cristo. Eles, por assim dizer, não se sentam. Toda semana os pobres pecadores se apresentam nas catedrais católicas, como fazem ainda hoje, ansiosos em ter seus pecados perdoados por um momento, mas sabendo que sempre haverá necessidade de mais e mais sacrifício. É exatamente isso que os sacerdotes judeus ofereciam – sacrifícios perpétuos de bodes, bois e cordeiros, buscando sempre e nunca encontrando descanso e paz com Deus. Que alegria foi para a geração de Lutero aprender que Cristo nos céus conquistou essa paz, ofereceu o sacrifício definitivo e não participa do enigma da missa. Ele ofereceu seu sangue de uma vez por todas e então se sentou. Seu evangelho, proclamado pelos reformadores como pelo escritor de Hebreus, nos liberta da escravidão espiritual, do correr sem fim atrás do favor de Deus. Isaac Watts expressa muito bem em seu hino:

> Nem todo o sangue de animais
> mortos nos altares judeus
> daria ao culpado paz de consciência,
> ou limparia a nódoa:
>
> Cristo, porém, o Cordeiro celestial,
> levou todos os nossos pecados,
> um sacrifício de nobilíssimo renome
> e sangue mais precioso do que o deles.[4]

Ele está sentado, e seu trabalho realizado de uma vez por todas, um ministério superior que oferece paz final e eterna aos pecadores cansados, agora perdoados e aceitos por Deus no céu.

Não há mais nada que possamos fazer a ele para alcançarmos a salvação, nada mais a fazer, mas descansar com alegria nele. Está finalizado.

Reinando com poder

A quarta evidência da superioridade do ministério sacerdotal de Cristo é o poder com que ele atualmente reina. Hebreus 8.1 diz que ele está assentado à direita da Majestade nos céus, isto é, do próprio Deus, o Pai. É uma posição de poder e autoridade, que ele exerce para o nosso benefício. Matthew Henry explica:

> Esta autoridade por ele exercida para a glória de seu Pai, para sua própria honra, e para a felicidade de todos quantos lhe pertencem; e ele por seu poderoso poder trará cada um deles por sua própria ordem à destra de Deus nos céus, como membros de seu corpo místico, para que onde ele está possam eles estarem também.[5]

Eis o fundamento da nossa segurança – que Cristo está sentado nos céus por nós. Ele assegura o nosso lugar. É isso que Paulo diz em Efésios 2, em que fala das bênçãos que são nossas pela fé em Jesus: "[Deus] nos ressuscitou [com Cristo], e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus" (Ef 2.6). Paulo poderia dizer no tempo passado – que já ressuscitamos e sentamos com Cristo – porque Jesus está ali por nós; nele estaremos ali também e estamos representados ali agora. Assim, encontramos plena garantia da salvação em Cristo que está assentado nos céus. Por causa da sua autoridade nos céus, Jesus está seguro da nossa salvação, dizendo no Evangelho de João: "Que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia" (Jo 6.39).

Nós também podemos estar seguros quanto à nossa salvação, porque estamos em Cristo, que está assentado nos céus, e também porque Cristo está em nós, agindo com poder. O Cristo que atua em nós é aquele que foi crucificado; morreu pela influência do pecado, que é vitorioso sobre o pecado. Está vivo pelo poder da ressurreição e reina com autoridade e poder. O *Breve Catecismo de Westminster* explica que Jesus cumpriu seu ofício como rei "sujeitando-nos a si mesmo, governando-nos e protegendo-nos, contendo e subjugando todos os seus e os nossos inimigos" (Pergunta e Resposta 26). Ele é poderoso para vencer nossos corações, para nos subjugar, para nos governar, moldar e transformar, e para nos proteger em nossa jornada como peregrinos neste mundo de trevas e perigos. Portanto, não tememos, visto que o ministério mais excelente de Cristo conquistou nossa salvação, garantindo-a do trono à direita de Deus.

Ministro do verdadeiro tabernáculo

A quinta e última característica da superioridade de Cristo está explícita no versículo 2, que diz que nosso Sumo Sacerdote é "ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem". Esse tema é retomado nos versículos 4-5, os quais ampliam a ideia:

> [...] se ele estivesse na terra, nem mesmo sacerdote seria, visto existirem aqueles que oferecem os dons segundo a lei, os quais ministram em figura e sombra das coisas celestes, assim como foi Moisés divinamente instruído, quando estava para construir o tabernáculo; pois diz ele: Vê que faças todas as coisas de acordo com o modelo que te foi mostrado no monte.

Essa declaração combate uma crítica que foi detonada contra os cristãos pela comunidade judaica, a saber, que os cristãos não tinham sacerdote. Isso pode parecer sinal de inferioridade, em comparação com o sacerdócio terreno do judaísmo. Todavia, o autor de Hebreus insiste que isso não é sinal de fraqueza, mas, pelo contrário, da superioridade do cristianismo. Nós temos um sacerdote – mas não na terra. De fato, o sacerdócio terrestre nada mais é do que "figura e sombra" do verdadeiro ministério sacerdotal de Jesus Cristo.

Dizer que Cristo ministra no verdadeiro tabernáculo não significa dizer que o serviço no templo israelita era falso. O contraste está entre o verdadeiro – isto é, o final, o real, o definitivo – e a "figura e sombra" que estava na terra. Não é verdadeiro *versus* falso, mas verdadeiro *versus* temporário e figurativo.

Dizer que Moisés foi obrigado a fazer tudo de acordo com o modelo apresentado a ele não significa que o tabernáculo terrestre descrito em Êxodo descreve fisicamente os céus, mas que seus elementos simbolizam a realidade da vinda do ministério de Cristo nos céus. O ministério de Cristo não é inferior, mas superior, por ser o ministério real, final, retratado pelo antigo. Agora que o novo chegou, o antigo deve ceder espaço.

Muitos dos leitores originais de Hebreus devem ter sido expulsos e excluídos da vida religiosa da sua cultura nativa. O versículo 5 nos fornece uma pista de que essa carta foi escrita antes da destruição de Jerusalém em 70 d.C., e, assim, numa época quando o serviço sacerdotal no templo estava ainda em atividade, pois o texto diz que eles "ministram" num santuário. Está no tempo presente. Deve ter sido um fardo ter negado acesso ao grande templo de Jerusalém, onde o próprio Jesus estivera e ensinara. Em resposta a esse fardo, o autor garante a seus leitores que eles têm a realidade e a essência daquilo que na terra era apenas figurativo e temporário, que o verdadeiro santuário não se encontra na terra, mas nos céus, onde o verdadeiro e real Sumo Sacerdote, Jesus Cristo, ministra em benefício deles.

Há uma questão aqui que nos diz respeito também. Jesus não é mais um peregrino no caminho. A cruz não mais está diante dele. Ele não tem mais provações, nem adversários, nem qualquer outra obra a realizar. Ele já chegou ao seu destino, onde ministra por nós até que volte novamente para finalizar a História. Jesus encontra-se no céu, o verdadeiro tabernáculo onde o próprio Deus habita e é o objetivo de seu ministério superior trazer-nos para onde ele se encontra, junto a Deus nos céus. É seu mister fazer todas essas coisas por aqueles que ele salvou, e ele o fará. Ele mesmo, como lemos em João 14.6, é "o caminho, e a verdade e a vida". Quando vamos a Jesus, ele nos conduz a Deus, aos céus e à vida eterna. Ele nos leva para casa porque conhece o caminho que abriu para nós.

Superior salvação

Tudo isso são evidências de que Jesus Cristo possuía ministério superior – superior ao ministério terreno e ineficaz dos sacerdotes de Israel, superior à religião das obras que tanto atormentava Martinho Lutero e superior a todos os meios terrenos pelos quais os homens tentam se apresentar perante Deus hoje.

Hebreus 8.6 açambarca isso dizendo que o ministério de Jesus é superior porque sua aliança é superior, tendo mais excelentes promessas. Consideraremos tais promessas em nosso próximo estudo. Porém, estamos prontos para falar que isso é uma aliança melhor – um caminho melhor de salvação –, melhor do que qualquer coisa que já conhecemos. É superior porque Jesus é superior, porque sua obra realmente nos salva. Ele não nos dá a chance de sermos salvos, salvar-nos a nós mesmos ou sermos salvos por outros, caso tenhamos sorte. Ele nos salva. Ele conquista nossa salvação por sua obra perfeita e final, uma obra tão finalizada que ele se sentou. Ele nos ministra essa salvação com seu poder e autoridade, governando sobre nós e por nós de modo que seu reino será estabelecido. E ele nos aguarda no céu, não passivamente, olhando o que faremos. Não, ele nos atrai para si mesmo com seu poder divino. "Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros", disse ele (Jo 14.18). Tal é nossa completa e segura salvação se confiamos em Jesus Cristo. Seu ministério é superior em todos os sentidos, porque ele nos salva até o fim.

A retomada deste evangelho – que fala do nosso suficiente Salvador em Jesus Cristo – sempre traz alegria à igreja. Jamais teremos a alegria da salvação se confiamos em nossas próprias obras. No entanto, quando confiamos integralmente em Cristo – tanto em sua oferta perfeita por nós quanto em seu presente ministério em nosso benefício –, temos uma alegria que nada pode afastá-la. E isso foi o que Martinho Lutero descobriu e transmitiu às multidões. Ele encontrou um ministério superior aos exercícios, jejuns, confissões de sua vida anterior, às missas e abusos de si mesmo, instantaneamente laborando e buscando ascender aos céus que se encontram numa distância infinita. Existe um ministério superior a tudo isso, o ministério perfeito de Jesus Cristo. Ele o desafia apenas a olhar para ele, confiar em sua Palavra, e ser salvo.

E quanto ao medo? Muitos cristãos têm medo por causa da fraqueza, da consciência culpada, da incerteza do amanhã. Você se sente receoso dessas coisas? Então olhe para Jesus, que está assentado por você no céu. Ele está encarregado da sua causa, e ele estende seu poder para assegurar que você chegará aonde ele está. Nesse sentido, nossa passagem antecipa o que o autor de Hebreus dirá no capítulo 13: "[Deus] tem dito: De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei. Assim, afirmemos confiadamente: O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem?" (Hb 13.5-6).

---

[1] Roland H. Bainton, *Here I Stand: A Life of Martin Luther* (Nova York: Penguin, 1955), 64.
[2] Horatius Bonar: "Not What My Hands Have Done", 1861. [Em inglês: "*Thy work alone, O Christ,/ can ease this weight of sin;/ thy blood alone, O Lamb of God,/ can give me peace within. (...)// (...) Tis he who saveth me,/ and freely pardon gives;/ I love because he loveth me,/ I live because he lives*".]
[3] Philip E. Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), 283.

[4] Isaac Watts: "Not All the Blood of Beasts", 1709. [Em inglês: "*Not all the blood of beasts/ on Jewish altars slain,/ could give the guilty conscience peace,/ or wash away the stain:// But Christ, the heavenly Lamb,/ takes all our sins away,/ a sacrifice of nobler name/ and richer blood than they*".]
[5] Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible*, 6 vols. (Nova York: Fleming H. Revell, n.d.), 6:742.

27

A NOVA ALIANÇA



Hebreus 8.6-13

> [...] *esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: na sua mente imprimirei as minhas leis, também sobre o seu coração as inscreverei; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.* (Hb 8.10)

Das inovações atuais, uma das mais infelizes é o divórcio sem culpa. Um casal se encontra, começa a namorar, se casa, e vão morar juntos (não necessariamente nessa ordem). E como o ser humano tem considerado desde tempos imemoriais, é então que a vida realmente começa. Um relacionamento verdadeiro deve ser construído; é então que as falhas são reconhecidas e ampliadas, e permanecer junto se torna menos do que fácil. Em muitos casos hoje, as falhas levam à frustração e à miséria. Por isso, o divórcio sem culpa. A questão não é que ninguém seja culpado, mas que todos são culpados. Em vez de tentar desatar o nó complicado e assim prolongar a agonia, o nó é simplesmente cortado. Não há culpa, nem falha, nem problema. É apenas uma forma de continuar, uma aparente inevitabilidade em um mundo onde quebrar promessas é muito mais fácil do que quebrar hábitos. Há poucas tragédias, penso, que tão lamentavelmente testificam o desespero que marca nossa época como o divórcio sem culpa.

Divórcios ocorreram na Bíblia também. A Bíblia reconhece a base para o divórcio, a saber, a infidelidade e o abandono do lar (cf. Mt 19.9; 1Co 7.15). Contudo, o divórcio nunca é "sem culpa", tampouco é "não tem problema". Sempre é um sério problema, e o resultado será sempre lamentável. "Eu odeio o divórcio", diz Deus em Malaquias 2.16 (NVI), exatamente como ele odeia a falta de fé.

É uma tragédia especialmente quando a separação é indesejada. Usualmente isso acontece porque um dos cônjuges foi infiel e rejeitou sua ou seu companheiro (a). Talvez você se surpreenda ao saber como isso aconteceu com Deus. A antiga aliança foi quebrada por causa da infidelidade de Israel, sua adoração a outros deuses, e rejeição ao Senhor. A antiga aliança foi um casamento em comum acordo entre Deus e seu povo, semelhante àquele entre um homem e uma mulher atualmente. Jeremias 3.8 explica o que aconteceu: "Por ter cometido adultério, eu despedi a pérfida Israel e lhe dei carta de divórcio". Deus sabe como é ser um amante rejeitado, ser forçado a um divórcio indesejado.

O casamento começa com a troca de votos: “Tomo você para ser minha esposa, na riqueza ou na pobreza, na alegria e na tristeza, na doença e na saúde, até que a morte nos separe”. No entanto, quando alguém é confrontado com a infidelidade de um cônjuge, ele ou ela não está apto a manter seus próprios votos de casamento. Essa é uma das muitas tragédias no divórcio. Quando confrontados com a rejeição, às vezes ficamos incapazes de mudar o coração de nosso esposo ou apagar a devastação do que aconteceu. Se nosso esposo está relutante em honrar o voto matrimonial, tudo o que podemos fazer é caminhar para longe de nossa própria promessa, com um voto quebrado, com um coração quebrado.

Todavia, há uma diferença entre Deus e nós: ele é capaz de refazer o que foi quebrado. Ele é apto para cumprir a promessa que fez, custe o que custar. Ele prometeu à sua noiva Israel: “Tomar-vos-ei por meu povo e serei vosso Deus” (Êx 6.7). E, embora eles tenham quebrado a aliança do casamento, Deus preparou uma nova aliança em que sua promessa se cumpriria. E é disso que esse estudo de Hebreus 8.6-13 trata: a nova aliança que garante o voto de casamento de Deus com seu povo e superiores promessas que realmente asseguram um povo para Deus para todo o sempre.

Uma nova aliança

O propósito geral de Hebreus é alertar os cristãos judeus contra o retorno ao judaísmo. Recusando aceitar Jesus como Messias prometido, o judaísmo rejeitou-o como caminho válido em direção a Deus e à salvação. Nosso texto debate isso salientando a respeito da nova aliança que veio em Cristo e fora prometida ainda nos dias da antiga aliança. Os versículos 8-12 são uma citação de Jeremias 31, no tempo da queda de Jerusalém, quando a antiga aliança foi definitivamente rompida. Esse importante capítulo não promete que a antiga aliança seria consertada e firmada, mas que sua intenção seria realizada através de uma nova e diferente aliança.

“Eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo”, sempre foi a expressão do propósito da aliança. Jeremias 31 mostra que uma nova aliança viria para realizar isso; o autor de Hebreus destaca que isso prova a deficiência da antiga aliança. Agora que a nova aliança prometida chegou, seria extrema tolice retornar à antiga já suplantada: “[...] obteve Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também Mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas. Porque, se aquela primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma se buscaria lugar para uma segunda” (Hb 8.6-7).

A questão é reforçada em Hebreus 8.13, que sublinha que o sistema religioso da antiga aliança seria em breve completamente posto de lado. É possível que isso reflita uma consciência dos acontecimentos do ano 70 d.C., que estavam próximos de acontecer, quando os romanos conquistaram Jerusalém e destruíram o templo de uma vez por todas. O argumento em Hebreus, porém, é simplesmente que a nova aliança necessita do abandono da antiga: “Quando ele diz

Nova, torna antiquada a primeira. Ora, aquilo que a torna antiquada e envelhecida está prestes a desaparecer" (Hb 8.13).

Os versículos do meio, Hebreus 8.8-12, apresentam a nova Aliança como prevista em Jeremias 31, e particularmente a promessa de que ela é superior. Um estudo dessas promessas nos auxilia a entender o cristianismo por meio do contraste com a antiga aliança.

No entanto, primeiramente precisamos entender o que estava errado com a antiga aliança. Isso não foi um divórcio sem culpa, e a responsabilidade é claramente consignada em nossa passagem. Às vezes se diz que o problema com a antiga aliança era que ela não era uma aliança da graça. Todavia, a antiga aliança foi dada no meio da maior manifestação da graça em todo o Antigo Testamento, a saber, o êxodo. Foi dado "no dia em que os tomei pela mão para os conduzir até fora da terra do Egito" (Hb 8.9). Deus salvou Israel pela graça. Ele guiou seu povo para fora do Egito e só então trouxe-o ao Monte Sinai para receber sua lei. O problema não era a ausência da graça na antiga aliança.

Qual, então, era o problema? O versículo 9 nos diz claramente: "[...] eles não continuaram na minha aliança, e eu não atentei para eles". O problema com a antiga aliança foi a infidelidade do povo. Leia o Antigo Testamento e você encontrará uma história contínua de idolatria e infidelidade. Usando a ilustração de uma esposa adúltera, Jeremias resume tudo ao escrever: "Levanta os olhos aos altos desnudos e vê; onde não te prostituíste? Nos caminhos te assentavas à espera deles [amantes] [...] poluíste a terra com as tuas devassidões e com a tua malícia" (Jr 3.2).

Hebreus 8.9 apresenta a impressionante relação de causa e efeito tão bem apresentada no Antigo Testamento: "[...] eles não continuaram na minha aliança, e eu não atentei para eles, diz o Senhor". É isso o que acontece quando o povo rejeita Deus – ele se afasta dele. O resultado para Israel do Antigo Testamento foi derrota militar, a vasta destruição da sua sociedade e escravidão nacional. Se salvação denota libertação da escravidão do Egito, rejeição a Deus significou o retorno à escravidão na forma do cativeiro babilônio.

O mesmo princípio se aplica hoje. As pessoas acham que rejeitando Deus tornam-se livres. Elas podem fazer o que querem sem grilhões ou restrições. Mas não é o caso, porque elas não estão livres das consequências de seus pecados. A cultura ocidental é uma imensa ilustração deste princípio: "[...] eles não continuaram na minha aliança, e eu não atentei para eles, diz o Senhor" (Hb 8.9). Essa é a pior coisa que pode acontecer a toda pessoa, implicando tanto a retirada do cuidado especial de Deus quanto a terrível visita do salário do pecado.

A culpa pela quebra da aliança encontra-se diretamente na infidelidade do povo. Contudo, a questão dessa passagem é mostrar a inadequação da antiga aliança. Seu principal problema não era a ausência da graça, mas ser uma administração externa da salvação. Isto é, não comunicava ao povo o poder interior necessário para cumprir suas exigências. É nesse sentido que a nova aliança é superior, e está apta a obter sucesso onde a antiga não obteve. A nova aliança trabalha internamente; ela transforma aqueles que se chegam a Deus por ela.

A primeira promessa: a obra transformadora do Espírito Santo

A primeira grande promessa da nova aliança é apresentada no versículo 10: "Na sua mente imprimirei as minhas leis, também sobre o seu coração as inscreverei". Na antiga aliança, Deus deu ao povo sua lei, mas essa aliança não lhes deu a habilidade para recebê-la, amá-la, ou observar suas exigências. Em Romanos 8.3, Paulo diz que a lei da antiga aliança estava ameaçada pela fraqueza da natureza humana; isso porque a relação entre Deus e seu povo se quebrou.

No entanto, na nova aliança, Deus faz provisão para a fraqueza humana, prometendo não só dar a lei, mas colocá-la, de fato, dentro de nós. Isso aponta para a ação do Espírito Santo quando Jesus o enviaria aos seus.

2Coríntios 3 fornece um paralelo para essa promessa em Hebreus 8. Ali Paulo também contrasta a obra externa da antiga aliança com a ação interna da nova, usando a mesma metáfora das tábuas de pedra em oposição às tábuas do coração, nas quais Deus escreve. Esse capítulo conclui com uma explicação de como isso ocorre, a saber, que os crentes em Cristo "somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" (2Co 3.18).

Todo verdadeiro cristão tem familiaridade pessoal com isso. Se você possui vida eterna pela fé em Cristo, você já experimentou pelo menos algo disso. Você começa desejando fazer coisas que jamais desejou, embora antigos prazeres pareçam incomodar. Você se vê ansiosamente participante da igreja, orando, lendo a Bíblia, servindo a outros, enquanto se afasta do mal cada vez mais, à medida que Cristo o orienta e Deus escreve sua lei em seu coração.

Hebreus 8.10 também nos diz algo importante sobre a salvação pela fé: "na sua mente imprimirei as minhas leis, também sobre o seu coração as inscreverei". Há uma progressão aqui, começando com a mente e movendo-se ao coração. "Colocarei ou darei minha lei na mente deles", diz o Senhor. A questão é que ele nos dará entendimento da sua Palavra. Mas isso não é o suficiente: "Escreverei minha lei no coração deles". Em contraste com a administração da antiga aliança, que foi dada externamente em tábuas de pedra, a nova aliança é aplicada por Deus no coração dos homens e mulheres.

Isso nos diz que a fé acontece tanto na mente – nossa faculdade de pensar – quanto no coração, que inclui nossas vontades e afeições. Primeiro temos de entender a verdade, e então devemos abraçá-la, praticá-la e amá-la de coração. Isso é como a fé salvadora opera. Tanto a mente quanto o coração são necessários. Às vezes se diz que o coração é o santuário da alma, é verdade. No entanto, a mente é o vestíbulo do coração. A luz brilha através da mente e aquece o coração.

As pessoas dizem: "Quero uma religião do coração, não uma religião da mente", porém isso é impossível. Certamente é possível ter entendimento na mente que não impressiona o coração. Mas, tal conhecimento vazio ou mesmo aquiescente com a verdade não constitui fé salvadora. Até que o conhecimento penetre o coração, nos conquiste para Jesus Cristo e comece a restaurar

nossas vidas e nossos amores, então nós ainda não conhecemos a fé salvadora. É igualmente um equívoco possuir entusiasmo emocional sem entendimento. Se você diz que ama a Deus, deve ser em resposta ao que Deus revelou de si mesmo, em resposta à salvação que ele tem revelado em sua Palavra, a qual certamente tem conteúdo doutrinário ou proposicional. Muitas pessoas têm emocionalismo religioso, contudo, não estão salvas porque não conheceram o Deus da Bíblia.

A promessa da obra interior de Deus faz da nova aliança uma aliança superior. Deus promete atuar em fidelidade conosco. O que a antiga aliança não pôde fazer – nos dar um coração para obedecer e glorificar a Deus – a nova aliança pode fazê-lo. Isso significa que, se você tem fé em Cristo, se você está salvo debaixo dessa nova aliança, Deus está realizando isto em você. "Porque Deus é quem efetua em vós", diz Paulo, "tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2.13). A fé genuína, salvadora em Cristo, sempre afetará nossa vontade e nossas afeições, do contrário não é a fé que nos salva por meio desta nova aliança.

Longe de ser uma fonte de preocupação, trata-se de um extraordinário encorajamento. Você pode se aproximar de Deus e dizer: "Senhor, creio em Jesus, mas não sou fiel. Não sou digno de confiança". Porém, ele diz aqui: que se você confiar nele, se você caminhar com ele pelo sangue de Jesus, ele fará de você uma pessoa confiável. Ele atuará fielmente em você; ele gravará a sua palavra no seu coração. Nós lamentamos: "Senhor, eu amo as coisas que são más e acho pouco atrativas as coisas santas e boas". Contudo, que grande promessa temos aqui na nova aliança em Cristo! Ele revelará sua lei na sua mente, ele lhe dará entendimento e então a escreverá no seu coração. Ele realizará mudança em você de modo que você refletirá cada vez mais o seu caráter. Deixa que isso motive cada cristão que luta quanto aos benefícios que virão através do estudo sincero e persistente da Palavra de Deus.

Nosso texto promete que Deus fará isso, sem nos dizer como isso acontece. O apóstolo Paulo, porém, explica claramente: "E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus" (Rm 12.2). Deus nos transforma pela sua Palavra, aplicando-a a nós, iluminando-nos o coração e restaurando nossa vontade pela atuação do Espírito Santo. É pela Palavra de Deus que somos salvos e transformados.

Portanto, confiando nessa grande promessa, o que devemos fazer é nos tornar poço da sua Palavra. Você diz: "Eu não posso mudar meu coração", o que é verdade. No entanto, você pode entregar sua mente à Palavra de Deus, você pode buscar a luz que brilha na Escritura – e enquanto sua mente é transformada, Deus fará brilhar essa luz em seu coração, aquecendo-o com as coisas dele.

A segunda promessa: perdão dos pecados

A segunda promessa na verdade vem em terceiro lugar no texto, mas pela lógica vem a seguir: "[...] para com as suas iniquidades, usarei de misericórdia e dos seus pecados jamais me

lembrarei" (Hb 8.12). A razão dessa promessa vir por último é que ela é a grande e culminante promessa e a base para a superioridade da nova aliança. Como John Owen escreve: "Esta é a grande e fundamental promessa e graça da nova aliança. [...] A primeira coisa necessária é o perdão gratuito do pecado".[1]

Essa promessa divide-se em duas partes, e ambas são maravilhosas boas-novas. A primeira é que Deus perdoará nossa perversidade. Isso foi predito por Jeremias quando ele olhou para o futuro quando Jesus Cristo viria e morreria na cruz.

"[...] para com suas iniquidades, usarei de misericórdia", diz Deus. A palavra "misericórdia" (grego *hileōs*) é a raiz da palavra que é usada na descrição do assento de misericórdia que se encontrava sobre a arca da aliança. Em grego, era chamado de *hilastērion*. Era esse o lugar onde o sangue do sacrifício era trazido pelo sumo sacerdote no Dia da Expiação. O sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos, o interior do santuário, onde os querubins de ouro encontravam-se no topo da arca da aliança. Era esse o trono de Deus, a partir do qual ele fixava os olhos nos Dez Mandamentos quebrados, que eram mantidos na arca. Diante dele aproximava-se o sumo sacerdote, representando toda a pecaminosidade e maldade do povo. De acordo com a lei de Deus, ele deveria ser abatido imediatamente, a não ser que trouxesse perante ele o sangue do sacrifício, vertido pelos pecados do povo. O sangue era aspergido sobre o assento de misericórdia, de modo que Deus olhasse e não mais enxergasse a lei transgredida, mas o sangue que pagava o débito do pecado. Podemos ler muito bem a promessa do versículo 12, no entanto, como dizendo: "Estarei sentado em misericórdia para com os seus pecados".

Esse é o modo como Deus perdoa nossos pecados, pelo sangue de um sacrifício sem mácula. Escrevendo isso, Jeremias olhava para a vinda do Messias, Jesus Cristo, que foi identificado por João Batista com estas palavras: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!" (Jo 1.29).

Deus é misericordioso para com nossa maldade quando reconhecemos nosso pecado e depositamos nossa fé no sangue de Cristo derramado por nós. Isso foi simbolizado na Última Ceia. Jesus tomou o cálice de vinho, deu graças, e usou-o como símbolo da sua morte sacrificial. Ele disse aos discípulos: "Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós" (Lc 22.20). É por causa da morte de Jesus, recebida pela fé, que Deus promete: "perdoarei as suas iniquidades".

A segunda parte desta promessa é que Deus não se lembrará mais dos nossos pecados. Como, podemos questionar, é possível Deus esquecer? Como pode Deus, por um lado, conhecer todas as coisas, ser perfeito em conhecimento, contudo, por outro lado, esquecer as iniquidades por nós cometidas? A resposta encontra-se na declaração anterior. O esquecimento de Deus tem como fundamento o seu perdão.

A Escritura utiliza-se da linguagem do mercado para descrever como Deus perdoa e esquece. Você tem um débito com alguém e não tem como saldá-lo. A única coisa com a qual pode contar é que o credor jamais se esquecerá. A pessoa a quem você deve o lembrará, provavelmente,

todas as vezes que o encontrar. Mas, se alguém vem e quita esse débito por você, ele, por sua vez, não o incomodará mais quanto a essa dívida. Ele se esqueceu de sua dívida porque recebeu o pagamento integral. É isso o que acontece com Deus em sua perfeita justiça para com o débito do nosso pecado. Foi plenamente satisfeito, integralmente quitado, e Deus pode declarar que ele não se lembra mais do nosso pecado.

Que diferença isso tem em nosso relacionamento com Deus. Muitos casamentos estão amargurados com a lembrança do pecado, apesar das declarações de perdão. Às vezes é algo que aconteceu há anos e anos. Não obstante, o marido ou a esposa ainda o carrega, ainda o mantém diante do outro. "Eu jamais vou me esquecer do que você disse em tal e tal ocasião!" "Eu quero que você saiba que ainda me lembro do que você fez aquela vez!" "Não pense que esqueci as vezes que você me deixou!" Está sempre ali, como veneno no manancial do relacionamento, tornando-o completamente amargo e seco.

Isso é algo que jamais ouviremos de Deus. Ele afasta nosso pecado. Ele esquece todas as coisas horríveis que fizemos. É isso que o salmo 103.12 celebra: "Quanto dista o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões". Quão distante é o Oriente do Ocidente? Infinitamente distante! Esta é a grande promessa da nova aliança em Jesus Cristo. Deus nos perdoou e assim nossos pecados não mais existem.

Este é o tipo de graça que permite que os cristãos vençam o pecado e a culpa em nossos próprios relacionamentos, esquecendo verdadeiramente e afastando o pecado por causa da graça que recebemos através de Jesus Cristo. Muitos casamentos cristãos são salvos, e devem ser salvos, pelo poder do perdão através do sangue de Jesus Cristo.

O auge da promessa: "Eu serei o seu Deus"

A última promessa culmina e resulta das duas anteriores: "[...] eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. E não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior" (Hb 8.10-11).

Esta promessa também possui duas partes. A primeira delas é a promessa de Deus ser nosso Deus. Andrew Murray escreve: "Comunhão pessoal e direta com Deus: esta é a suprema bênção da nova aliança".[2] A condição para tal comunhão é santidade, pois Deus é santo – e ele agora promete escrever sua lei em nossos corações. A ameaça para tal comunhão é nosso pecado – e ele promete perdoá-lo e esquecê-lo completamente por meio de Jesus Cristo. Portanto, esta bênção suprema pode ser dada e recebida: "E eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo".

Esse é o selo de um casamento – que foi rompido pelo homem, mas permanece a inquebrantável promessa de Deus. Por isso, ele substitui a antiga aliança por uma nova, uma aliança que se preocupa tanto com o nosso problema interno – uma natureza pecaminosa – quanto com nosso problema externo – a culpa do pecado –, de modo que ele pode manter sua antiga promessa: "[...] e serei vosso Deus" (Êx 6.7). Em vez de um divórcio sem culpa, ou

mesmo uma aliança rompida pelo reconhecimento da culpa de uma esposa adúltera, Deus subjuga nosso pecado com o poder da sua graça. O que temos aqui é nada menos do que a reafirmação de seu voto de casamento: "Eu serei o seu Deus".

A segunda parte desta promessa constitui nosso voto responsivo a Deus, que ele também promete: "[...] eles serão o meu povo. [...] todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior" (Hb 8.10-11). Esta afirmação promete comprar e desposar o povo de Deus, cada um deles e todos, e o reconhecimento de que ele é seu Senhor e Deus.

Este é o desejo de Deus: uma expressão de fidelidade, de compromisso e intimidade marital, o grito de amor da esposa fiel: "Eu o conheço – ele é meu Senhor". O que Deus deseja de nós, o que ele requer de nós, ele nos concede pela graça nesta nova e superior aliança. Ele não só proferirá e cumprirá seu voto, mas proferirá e cumprirá fielmente seus próprios votos. Infelizmente, conhecemos muito pouco disso em nossa experiência atual, embora Deus continue atuando em nós para este fim. Porém, esta é a cena com que a Bíblia toda chega à sua culminação, o dia futuro quando tudo isto há de se cumprir: "Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles" (Ap 21.2-3).

Até que a morte nos separe

Uma das minhas maiores alegrias como ministro do evangelho é realizar cerimônias de casamento, estabelecendo uma aliança matrimonial entre um homem e uma mulher. Gosto sempre de destacar que a noiva, em sua alegria, em toda sua glória branca e reluzente, é uma maravilhosa imagem do que significa ser um cristão. Essa não é uma ideia minha, mas um ensino da Escritura: "Regozijar-me-ei muito no SENHOR, a minha alma se alegra no meu Deus; porque me cobriu de vestes de salvação e me envolveu com o manto de justiça" (Is 61.10). Isaías prossegue dizendo que essas vestes são como aquelas de um noivo e de uma noiva no dia do casamento.

Uma noiva adquire seu vestido para colocá-lo apenas por um dia. Depois, passará a usar roupas normais, e seu vestido de noiva branco é deixado de lado. Mas, aqui está a questão: o modo como vemos a noiva apenas um dia e a forma que Deus nos vê todos os dias da nossa vida em Jesus Cristo. Isso tem tudo a ver com esta nova aliança – um relacionamento de amor selado e consumado para sempre pelo sangue de Jesus e pelo ministério do Espírito Santo. Uma vez que Jesus teceu sua veste de justiça e afastou nosso pecado, o que Isaías diz é verdadeiro: "Como o noivo se alegra da noiva, assim de ti se alegrará o teu Deus" (Is 62.5).

Ele nos dá uma veste de salvação, uma roupa de justiça, a justiça de Cristo. E ele trabalha em nós o amor e a afeição apropriados para uma noiva para tal marido. Não haverá divórcio, pois esta aliança se torna eficaz pelo próprio Deus. Ele diz: "Até que a morte nos separe, eu serei o seu Deus". E pelo seu agir em nós, todo o povo de Deus responde em amor: "Até que a morte

nos separe, seremos seu povo". Nós o conheceremos e o reconheceremos como Senhor e Deus; nós o seguiremos com mente renovada em verdade, com o coração renovado em santidade – nossa afeição será atraída para ele – e seremos para ele uma noiva de branco reluzente. Ele assim prometeu. Ele cumpriu em Cristo. E pela fé em sua Palavra isso será verdade em nossas vidas.

---

[1] John Owen, *Hebrews* (Wheaton, Ill.: Crossway, 1988), 189.
[2] Andrew Murray, *The Holiest of All: An Exposition of the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Revell, 1993), 295.

28

O SANTUÁRIO TERRESTRE



Hebreus 9.1-10

> *Querendo com isto dar a entender o Espírito Santo que ainda o caminho do Santo Lugar não se manifestou, enquanto o primeiro tabernáculo continua erguido. É isto uma parábola para a época presente; e, segundo esta, se oferecem tanto dons como sacrifícios, embora estes, no tocante à consciência, sejam ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto, os quais não passam de ordenanças da carne, baseadas somente em comidas, e bebidas, e diversas abluções, impostas até ao tempo oportuno de reforma.* (Hb 9.8-10)

Na clássica ficção de C. S. Lewis, *As crônicas de Nárnia*, quatro crianças descobrem um guarda-roupa antigo que por fora parecia convincentemente normal o bastante. No entanto, ao esconderem-se dentro dele, descobrem todo um mundo que estivera oculto aos seus olhos, o reino de Nárnia, com a Feiticeira Branca e o rei leão Aslan. O que parecia banal por fora revelou-se completamente misterioso.

O antigo povo de Israel também possuía uma estrutura aparentemente normal, contendo elementos de grande importância. Era o tabernáculo que Deus ordenou que construíssem no tempo de Moisés. A estrutura da tenda tinha muita aparência exterior. Porém, uma vez lá dentro, o indivíduo era confrontado com objetos santos – de fato, com o próprio Deus santo.

Hebreus foi escrito para alertar os cristãos judeus contra o retorno à, agora obsoleta, religião do judaísmo. A fim de expor seu caso, o autor compara os modos da antiga aliança com o cristianismo da nova aliança. Ao longo do caminho, entretanto, obtemos ricas instruções sobre a pessoa e obra de Jesus Cristo e sobre nossa vida de fé através das lentes das formas e padrões do Antigo Testamento. Hebreus 9 oferece particularmente um vívido exemplo, enquanto o autor chama nossa atenção para o tabernáculo de Israel, o qual diz tratar-se de uma parábola das coisas por vir.

O Santo Lugar

As crônicas de Nárnia de C. S. Lewis apresentam ideias básicas da religião cristã através de personagens e acontecimentos em seu enredo. Igualmente, o tabernáculo do Antigo Testamento contém itens que simbolizavam as grandes verdades redentoras. Ele mostrava o que fazer para que os pecadores se aproximassem de Deus, e tipificava as bênçãos do nosso relacionamento com Deus. Hebreus 9 menciona dois temas, a saber, a organização do tabernáculo e o serviço sacerdotal que ocorria em seu interior.

Começando com o tabernáculo propriamente dito, o versículo 1 chama-o de santuário terrestre para a antiga aliança, em contraste com o santuário celeste da nova aliança. E o versículo 8 nos diz que, enquanto esse santuário permanecesse (ou por implicação seu equivalente, o templo judaico), simbolizava que o acesso a Deus estava proibido. Isso contrasta fortemente com o caminho aberto proporcionado pelo sacrifício e oferecimento de Jesus Cristo.

Com respeito à organização do tabernáculo, os versículos 1-5 nos lembram de que consistia de duas tendas ou compartimentos. De fato, havia três áreas do tabernáculo, considerando também o pátio exterior. No pátio encontrava-se o altar onde os sacrifícios eram realizados e a bacia de bronze onde os sacerdotes se purificavam. A seguir, imediatamente dentro do tabernáculo, estava a câmara exterior, que o autor de Hebreus identifica como Santo Lugar. Era em forma retangular, dez metros de extensão, cinco metros de largura e cinco metros de altura.[1] Ele lembra seus leitores das mobílias muito bem conhecidas dessa sala, e que são escritas em detalhes nos livros de Êxodo e Levítico. No interior do primeiro salão estava o candelabro, a mesa com os pães da proposição e, por fim, o altar do incenso.

O candelabro, também conhecido como menorah, era de sete hastes, três de cada lado da haste principal (Êx 25.31-36). Os sacerdotes mantinham essas lâmpadas supridas com óleo para que queimassem continuamente.

O próximo item era a mesa com os pães da proposição, assim chamada por ordem de Deus em Êxodo 25.30: “Porás sobre a mesa os pães da proposição diante de mim perpetuamente”. Doze pães eram colocados sobre a mesa em cada Sabá, para serem comidos apenas pelos sacerdotes de serviço no tabernáculo.

Finalmente, o altar de ouro do incenso ficava imediatamente de frente para o véu que separava a sala externa do Santo Lugar, mais interno (cf. Êx 30.1-6). Todas as manhãs, tardes e noites, quando os sacerdotes entravam no Santo Lugar, mantinham o candelabro aceso e também reanimavam o incenso do altar. O Antigo Testamento deixa claro que esse item se localizava no Santo Lugar e não no Santo dos Santos, como o autor de Hebreus deveria ter conhecimento. No versículo 4, porém, ele o associa com o interior do Santo dos Santos por causa da função vital da nuvem de incenso colocada para cobrir a aproximação do sumo sacerdote enquanto passava através da cortina no Dia da Expiação.

O autor de Hebreus nos conta que não eram os detalhes desses objetos que o preocupavam: “Dessas coisas, todavia, não falaremos, agora, pormenorizadamente” (Hb 9.5). Ainda assim, podemos fazer algumas observações gerais. O Santo Lugar era o local onde os sacerdotes tinham comunhão com Deus em favor das pessoas, simbolizadas pelo pão – 12 pães para as 12 tribos – que os sacerdotes comiam na mesa do Senhor. A luz representava a autorrevelação de Deus, sua presença iluminadora, e o altar do incenso simbolizava as orações do povo de Deus.

Podemos também observar como cada símbolo do tabernáculo apontava para Cristo. O prólogo do Evangelho de João nos diz: “A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. [...] a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem” (Jo 1.4,9). Em João 6, Jesus,

primeiramente, alimenta as multidões com um pouco de pão e então declara: "Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede" (Jo 6.35). Semelhantemente, são as orações intercessoras de Jesus que nos sustentam na presença de Deus, um tema fortemente estabelecido pelo autor de Hebreus. Todo o quadro é resumido por João 1.14, em que o apóstolo escreve: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós [literalmente: '*tabernaculou*' entre nós], cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai". É em Cristo que temos comunhão com Deus, como os sacerdotes de Israel tinham comunhão com Deus em e por meio do tabernáculo.

No Santo dos Santos

Havia, contudo, uma importante diferença entre comunhão com Deus no tabernáculo e nossa comunhão com Deus em Cristo. Essa questão é sugerida no versículo 3, em que lemos: "por trás do segundo véu, se encontrava o tabernáculo que se chama o Santo dos Santos". Os sacerdotes serviam na presença de Deus de uma forma limitada, através dos artigos simbólicos do Santo Lugar. Contudo, o próprio Deus habitava no recinto imediato, que estava separado por uma espessa cortina ou véu. Essa sala mais interna do tabernáculo era o Lugar Mais Santo, também conhecido como Santo dos Santos. Era uma forma de cubo, cinco metros de cada lado.

O autor de Hebreus nos conta muito bem a respeito dessa câmara. Nesse santuário mais interno encontrava-se a arca da aliança, o supedâneo revestido de ouro que também servia como escabelo do trono de Deus. Sobre a arca estavam dois querubins de ouro, entre os quais, particularmente, a glória de Deus habitava. Dentro da arca estavam as duas tábuas da lei com os Dez Mandamentos dados por Deus a Moisés. Essas placas prescreviam os termos da aliança, e delas a arca deriva seu nome. Continha também uma urna com maná e a vara de Arão, que Deus fizera florescer quando designou Arão como sacerdote especialmente escolhido.

O foco principal do autor não está nesses mobiliários, mas no que acontecia no interior dessas salas. Regularmente, diz ele no versículo 6, os sacerdotes entravam no primeiro santuário para servir a Deus, "mas, no segundo, o sumo sacerdote, ele sozinho, uma vez por ano, não sem sangue, que oferece por si e pelos pecados de ignorância do povo" (Hb 9.7). Todos os dias os sacerdotes entravam no santuário exterior para servir a Deus, adorá-lo, ter um tipo de comunhão com ele diante do candelabro e do altar do incenso. Todavia, acesso direto ao próprio Deus era negado. O item-chave dessa descrição como um todo encontra-se na segunda cortina, pois esta ficava entre os sacerdotes e a presença de Deus. Durante todo o tempo que permaneciam no Santo Lugar, eles tinham consciência de duas coisas: da presença real de Deus além do véu e da barreira que os guardava de olhar ou entrar naquele lugar mais santo. Andrew Murray escreve:

> O véu era símbolo da separação entre o Deus santo e o homem pecador: não podiam coabitar. O tabernáculo desse modo expressava a união de duas verdades aparentemente conflitantes. Deus chama o homem para vir e adorá-lo e servi-lo, contudo ele não podia se aproximar muito: o véu mantinha-o a distância. [...] O amor aproxima o pecador;

a justiça o retém. Aquele que é Santo ordena que Israel edifique para ele uma casa na qual habitará, porém proíbe-os de adentrar à sua presença ali.[2]

Essa frustrante tensão era dificilmente amenizada por um dia do ano, o Dia da Expiação, quando o sumo sacerdote realmente adentrava à presença de Deus. O versículo 7 nos diz que só ele entrava, somente naquele dia, e somente com sangue do sacrifício para cobrir seus pecados e aqueles do povo. Longe de minimizar a separação entre o Deus santo e seu povo impuro, esse dia enfatizava todos os outros. O Dia da Expiação proclamava que o caminho se encontrava, de fato, regularmente impedido.

Todavia, o Dia da Expiação também apontava para o dia quando o caminho estaria completamente aberto: "Querendo com isto dar a entender o Espírito Santo que ainda o caminho do Santo Lugar não se manifestou, enquanto o primeiro tabernáculo continua erigido" (Hb 9.8). Todo o sistema de culto do tabernáculo por um lado mostrava a intenção de Deus em manter comunhão com seu povo, e por outro mostrava que o caminho ainda não estava aberto. A frase-chave é "ainda não". Nisso se resume a religião de todo o Antigo Testamento. Não, o caminho para Deus não estava aberto; estava proibido. Porém, não estava simplesmente fechado, mas ainda não estava aberto – ainda não, isto é, até o tempo de Cristo.

O autor de Hebreus concebe dessas duas salas uma afirmação concernente ao culto e vida nas duas alianças. A vida na antiga aliança era vida no Santo Lugar. Os sacerdotes eram chamados para servir a Deus. Eles tinham um relacionamento indireto, mediado com Deus, então, não o conheciam diretamente. Eles não podiam conhecê-lo dessa forma por causa dos seus pecados que, embora cobertos temporariamente, ainda não estavam removidos. Ano após ano, o sumo sacerdote levava o sangue sacrificial perante Deus, e assim o povo não se encontrava completamente rejeitado. Contudo, não podiam e não habitavam diretamente em sua presença.

Em grande contraste a isso tudo está a vida na nova aliança, simbolizada pelo Santo Lugar. Por seu próprio sangue, o sangue da nova aliança, Jesus Cristo fez o que ainda não tinha sido feito no Antigo Testamento. Nele, o caminho para o Santo Lugar está aberto, e pela fé nós realmente entramos em comunhão direta com Deus.

O Novo Testamento nos diz que no dia em que Jesus morreu, a cortina que separava o caminho foi rasgada em duas partes. Como os sacerdotes devem ter ficado espantados! Eles serviam no templo enquanto o Filho de Deus morria, pagando, de fato, o preço do nosso pecado, vertendo o sangue que apresentaria a Deus pelo nosso perdão. Mateus nos diz que no exato momento da morte de Jesus "o véu do santuário se rasgou em duas partes de alto a baixo" (Mt 27.51). Por ação divina, o mais interior do santuário encontrava-se agora completamente aberto, mostrando que pela fé em Cristo os crentes podem ter comunhão direta com Deus. Não mais estamos relegados a formas exteriores sem a realidade interior. Em Cristo Jesus nós agora temos acesso direto ao Pai. Podemos nos aproximar dele sem medo, pois nossa culpa foi removida, nosso débito foi integralmente pago. A vontade de Deus em nos chamar para comunhão consigo e não simplesmente para serviço, como o antigo Israel, fruiu pelo precioso sangue de Cristo.

Comunhão com Deus

O versículo 8 diz: "com isto dar a entender o Espírito Santo". Numa primeira leitura podemos pensar que isso se refere simplesmente à função do Espírito na inspiração da Escritura. O autor de Hebreus fala assim em outras duas ocasiões (3.7; 10.15). Porém, não é o que quer dizer neste caso. É preciso observar que não há citação do Antigo Testamento aqui. Outra observação, o verbo não está no tempo passado. Vemos, assim, um contraste deliberado. Por um lado, o antigo tabernáculo *mostrava* que o caminho estava proibido, porque a cortina mantinha os sacerdotes afastados do Santo dos Santos. Agora o Espírito Santo *mostra* o oposto, que o caminho até Deus se encontra, finalmente, aberto.

A associação entre o Espírito Santo e o Santo dos Santos nessa passagem também é deliberada. O caráter do Espírito de Deus é apropriado para seu santuário mais interno: o Espírito é "Santo". Ademais, lembramos que o tabernáculo que Jesus penetrou com seu próprio sangue não estava na terra, mas no céu. O versículo 11 contém essa afirmação, chamando-o "o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, quer dizer, não desta criação". Ele morreu, ele ressuscitou da morte e ascendeu aos céus, que é onde Jesus apresentou seu sangue para Deus, assim como o sumo sacerdote de Israel apresentava o sangue do sacrifício no assento da misericórdia no Santo dos Santos.

Portanto, nos perguntamos, o que aconteceu após Jesus ascender aos céus, e a resposta é o Pentecoste. Jesus entrou nos céus como nosso sumo sacerdote, ofereceu seu sangue de uma vez por todas e enviou seu Espírito Santo ao mundo, cumprindo assim a antiga promessa. Gálatas 3.13-14 resume isso tudo quando diz: "Cristo nos resgatou da maldição da lei [...] para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido". Na antiga aliança, Deus escreveu sua lei em tábuas de pedra; na nova aliança, ele escreve pelo seu Espírito Santo em nossos corações. O ponto do versículo 8 é que a obra do Espírito Santo prova que temos acesso a Deus na nova aliança. Jesus Cristo rasgou o véu e conquistou para nós acesso a Deus por seu sangue. Agora, ele envia seu Espírito para iluminar nossos olhos e renovar nossos corações de modo que podemos ter comunhão com Deus. Foi por causa do Espírito que o apóstolo João pôde escrever: "[...] nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo" (1Jo 1.3).

Isso significa que temos acesso irrestrito a Deus, o Pai, pela fé em Cristo. Por causa da obra finalizada de Jesus Cristo, nossos pecados não nos separam do Deus santo. É verdade que os pecados ainda nos afetam. Eles, por exemplo, nos impedirão de desfrutar da nossa comunhão com Deus. Mas nosso acesso a Deus está garantido para sempre através de Jesus Cristo por causa da sua obra suficiente e finalizada. A ação do Espírito em nosso interior nos lembra de que agora estamos em comunhão com Deus, transmitindo-nos o conhecimento da sua graça. Como Paulo explica em Romanos 8.14-16:

> Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.

Uma vida cristã superior?

É neste ponto que alguns cristãos cometem um erro significativo, que veem no tabernáculo dois estágios da vida cristã. Há cristãos seletos, de acordo com este ensino, que levam uma vida mais elevada. Estes também são conhecidos como "cristãos espirituais" e habitam no Santo dos Santos. Há também aqueles que levam uma vida inferior, chamados "cristãos carnais"; conhecem apenas a sala externa, mal iluminada e distante de Deus. Andrew Murray, um escritor do final do século 19, citado aqui algumas vezes, é defensor desse equívoco:

> Os dois compartimentos do tabernáculo representam dois graus de intimidade com Deus, duas dispensações da graça de Deus, ou dois estágios na vida cristã, um inferior e outro mais elevado. [...] Muitos crentes nunca entram, por experiência, nesta vida do santuário interior, da intimidade mais completa e permanente com Deus. Eles têm, na sala externa, visto o altar e recebido o perdão dos pecados; abraçam o serviço de Deus, procuram fazer sua vontade, mas a alegria da sua presença como porção permanente não conhecem.[3]

É um argumento plausível, em parte porque sabemos que há crescimento e progresso na vida cristã. Ademais, a experiência mostra que muitos cristãos falham em manter a alegria do Senhor como deveriam. Todavia, esse não é o caso de Hebreus, nem a tal teoria dos dois estágios é ensinada na Bíblia. O contraste em nossa passagem não é entre dois tipos de cristão, superiores e inferiores, mas entre a antiga aliança e a nova aliança. Embora o primeiro tabernáculo e o sistema religioso da antiga aliança ainda estivessem de pé – isto é, antes que fossem substituídos pela entrada de Cristo no novo e celestial tabernáculo –, o acesso a Deus ainda não estava desobstruído. Agora em Cristo esse caminho se tornou conhecido. O tema de Hebreus é que o fracasso de mudar da antiga aliança para a nova não é o perigo de uma condição inferior de salvação, antes a perda da salvação por completo: "como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação?" (Hb 2.3).

O que os mestres como Murray descrevem como cristão carnal, na verdade não é, absolutamente, um cristão. Viver fora da esfera do Espírito de Deus, não sustentar qualquer evidência da presença da santificação e obra do Espírito, não demonstrar confiança ou prazer em seu relacionamento com Deus por meio de Jesus Cristo, não é ser uma pessoa fraca salva, mas uma pessoa completamente carente de salvação. Se você realmente não tem descansado em Jesus para sua salvação, não tem conhecido a presença de seu Espírito transformando seu coração e moldando suas afeições, iluminando-o com o evangelho e inflamando você com compromisso com Cristo – então você não está salvo.

Por outro lado, toda pessoa que chega à presença de Deus pela fé em Cristo, e tem conhecido em seu interior a ação do Espírito, mas que se acha morosa, fraca e entediada em sua luta contra o pecado, não é um cristão de nível inferior, mas um cristão normal. Não existe algo como um

cristão que não esteja lutando com algum aspecto do pecado (veja 1Jo 1.8) e que não esteja diariamente dependendo da graça de Deus. Paulo disse sobre si mesmo: "Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o qual fui conquistado por Cristo Jesus" (Fp 3.12). Há mais para ser apreendido e apreciado, mais poder, vida e fé em Cristo, do que qualquer um de nós atualmente conhece.

Portanto, vemos que os mestres da vida superior laboram em erro em ambas as partes da equação. Não existe cristão "carnal" que ainda não prosseguiu através do véu para um relacionamento pessoal com Deus; tais pessoas não são, em absoluto, cristãs. Da mesma forma, não existe cristão "espiritual" para quem toda luta está eliminada nesta vida, que entrou num estágio de santificação perfeita. Certamente, a expectativa do último estágio é injuriosa à vida espiritual do cristão, pois a luta contra o pecado e fraqueza não é um sinal de que ainda não alcançamos êxito como cristãos. Pelo contrário, é a mera realidade da vida deste lado do céu, que é vivida pela fé enquanto o poder de Deus se torna perfeito em nossas fraquezas (2Co 12.9). Sem dúvida, somos todos cristãos carnais; a palavra "carnal" significa "de carne". É assim que Paulo descreve a si mesmo: "e esse viver que, agora, tenho *na carne*, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim" (Gl 2.20 – ênfase acrescentada). Em vez de buscar algum patamar espiritual elevado, nosso chamado é simplesmente para crescer na graça enquanto aprendemos mais e mais a confiar no Senhor nosso Deus e a amá-lo.

Consciência limpa

Os versículos 9 e 10 completam nosso estudo sobre o santuário terrestre e de todo o sistema religioso associado a ele. O versículo 9 nos diz: "[...] segundo esta, se oferecem tanto dons como sacrifícios, embora estes, no tocante à consciência, sejam ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto".

Como pecadores temos uma consciência interior de culpa que impede que nos aproximemos de Deus. O pecado teve esse efeito no jardim, quando Adão e Eva fugiram da voz de Deus, e tem esse mesmo efeito sobre nós. Esse era um grande problema na antiga aliança. A cortina no tabernáculo era um obstáculo erigido por Deus. Contudo, há outra barreira interna. Conhecendo nossa culpa, naturalmente erguemos nossa própria barreira contra Deus – tememos achegarmo-nos à sua presença, tememos olhá-lo em sua santidade ou ser por ele visto em nosso pecado.

Os sacrifícios do Antigo Testamento "no tocante à consciência, [eram] ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto" (Hb 9.9). Eles eram como todos os outros ritos, regras externas quanto à comida e bebida e outras cerimônias e regulamentos exteriores. Essa é a questão no versículo 10, que fala das "ordenanças da carne, baseadas somente em comidas, e bebidas, e diversas abluções, impostas até ao tempo oportuno de reforma". Até o tempo da nova ordem – o tempo profetizado por Jeremias em sua declaração da nova aliança (cf. Hb 8) –, isso tudo era uma representação exterior de uma realidade interior que ainda não havia chegado. Os israelitas podiam sacrificar animais dia após dia – e o faziam – sem ter sua consciência

verdadeiramente purificada, sem ter paz quanto a chegar-se a Deus em sua santidade. Até que se realizasse, ali jamais haveria a comunhão entre Deus e seu povo que o Senhor desejava. F. F. Bruce escreve: "A barreira verdadeiramente eficaz de homem ou mulher para ter acesso a Deus é interna e não material; existe na consciência. Somente quando a consciência é purificada é que alguém está livre para se aproximar de Deus sem reserva e oferecer a ele serviço e adoração aceitável".[4]

À medida que os sacerdotes do Antigo Testamento se aproximavam da presença de Deus no tabernáculo, o seu medo e pavor aumentavam, porque Deus olha o coração. Sem um coração novo, sem uma consciência purificada, o homem não pode se aproximar de Deus.

A prova mais impressionante disso é o que ocorreu em Jerusalém após a morte de Jesus Cristo. Já observamos que, imediatamente após sua morte, o véu do templo se rasgou ao meio, revelando que o caminho para Deus fora aberto. Todavia, o que fizeram os sacerdotes? Caminharam corajosamente pelo caminho à presença de Deus que agora encontrava-se aberto? Olharam para Jesus como o verdadeiro Cordeiro de Deus, que agora é capaz de cumprir seus desejos mais ardentes de aproximarem-se do Senhor? Longe disso! Na maior das tragédias, eles costuraram novamente o véu. Com suas próprias mãos restabeleceram o obstáculo removido pelo próprio Deus. Que maior símbolo poderia haver da antiga aliança e sua incapacidade de aproximar pecadores de Deus!

Porém, Jesus fez o que os sacrifícios da antiga aliança não poderiam fazer. Ele não cobriu meramente nossos pecados, mas levou-os sobre si, removendo-os por sua própria morte na cruz. Pense na coisa mais terrível que você jamais fez – o segredo tenebroso que assombra suas noites, a grande verdade que, se o povo realmente conhecesse, o condenaria antecipadamente. Deus, que conhece esse segredo e que não olha esse pecado, colocou-o sobre seu próprio Filho a fim de que você não seja condenado. Essa é a questão da grandiosa declaração de Paulo em Colossenses 2.13-14: "E a vós outros, que estáveis mortos pelas vossas transgressões e pela incircuncisão da vossa carne, vos deu vida juntamente com ele, perdoando todos os nossos delitos; tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz". "Ninguém, pois", conclui Paulo, "vos julgue" (v. 16). Não, nem Satanás, nem mesmo você. Você se tornou puro pelo sangue do Cordeiro.

Isso tem o profundo efeito de remover nossa própria barreira interior contra a ideia de chegar-se a Deus. Hebreus 9 diz que o que as antigas ordenanças não podiam fazer, Jesus fez pela sua própria morte: "aperfeiçoar a consciência". Uma vez que éramos culpados diante de Deus e hostis para com ele em nossos pensamentos, vontades e afeições, estávamos totalmente preconceituosos contra Deus, mas agora somos atraídos a ele pelo Espírito Santo, que aplica o sangue purificador de Cristo em nossas almas. O puritano John Owen explica:

> O Espírito Santo assim nos persuade que Deus nos ama e que nossas almas são preenchidas com alegria e conforto. Esta é sua obra e ele a realiza com eficácia. Convencer uma pobre alma pecadora que Deus em Jesus Cristo a ama,

alegra-se nela, satisfaz-se com ela e tem apenas pensamentos de bondade a seu respeito é uma inefável misericórdia.[5]

Este é o modo de Deus nos trazer através do véu que rasgou e nos colocar em comunhão com ele em Cristo. Confiando em seu amor por nós, limpos interiormente pela obra salvífica de Cristo, nós nos aproximamos para adorar a Deus e para ter comunhão com ele e com seu povo.

Jesus é o Caminho

João 14 fala da conversa que Jesus teve com os seus discípulos na noite em que fora preso. Ele falou-lhes da sua partida para estar com Deus, ir para o céu. Tomé respondeu: "Senhor, não sabemos para onde vais; como saber o caminho?" (Jo 14.5). Se Tomé entendesse melhor, compreenderia a magnitude do que Jesus estivera falando. Jesus ia para Deus, fazer o que o sumo sacerdote só muito vagamente prefigura um dia no ano, e ele estava construindo um caminho para os seus discípulos. "Como saber o caminho?", perguntou Tomé. Jesus respondeu: "Eu sou o caminho" (Jo 14.6).

Era para isto que a adoração da antiga aliança apontava – o verdadeiro sacrifício, o verdadeiro sacerdote que abriria o caminho através do véu rumo à morada do próprio Deus. Esta era a intenção de Deus desde o início: "Eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo". Foi com amor que Deus chamou o povo para si no tabernáculo, porém o pecado impedia o caminho. Jesus abriu o caminho removendo a barreira da nossa culpa e da ira santa de Deus para com o pecado, morrendo na cruz em nosso lugar. Ele, então, envia o amor de Deus a nós, removendo a barreira de dentro do nosso coração, capacitando-nos chegar até Deus.

Assim, permita-me questioná-lo: o que afasta você de Deus? É seu sentimento de culpa, seu medo de estar sujo, isso torna você incapaz na presença de Deus? Então, Jesus Cristo é o caminho de Deus para você e seu caminho para Deus. "Eis que tenho feito que passe de ti a tua iniquidade" (Zc 3.4), ele diz, dando seu próprio sangue para sua salvação. Agora, pelo seu Espírito Santo, ele o chama para entrar numa verdadeira comunhão com Deus, para uma novidade de vida.

O tempo da nova ordem chegou ao ministério de Jesus Cristo. Antes você era um pecador barrado da presença de Deus e relutante para vir até ele. Todavia, pela fé em Jesus Cristo, o que Paulo escreve será verdadeiro: "Mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus" (1Co 6.11). E, pela fé em Cristo, você agora está livre para adorar e viver como filho de Deus para sempre. "Meu Deus está reconciliado", diz o hino.

Sua voz de perdão ouço;
   me tem como filho seu,
não preciso mais temer;
   com confiança agora me aproximo,
com confiança agora me aproximo,

e “Pai, Abba, Pai!” clamo.[6]

---

[1] Veja Êxodo 26. Um côvado equivale a aproximadamente 0,45m.
[2] Andrew Murray, *The Holiest of All: An Exposition of the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Revell, 1993), 305.
[3] *Ibid.*, 308-309.
[4] F. F. Bruce, *The Epistle to the Hebrews*, rev. org., New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), 209.
[5] John Owen, *Communion with God* (Edimburgo: Banner of Truth, 1991), 181-182. [Edição em português: *Comunhão com o Deus Trino*. São Paulo: Cultura Cristã; 2010.]
[6] Charles Wesley: “Arise, My Soul, Arise”, 1742. [Em inglês: “*his pardoning voice I hear;/ he owns me for his child,/ I can no longer fear;/ with confidence I now draw nigh,/ with confidence I now draw nigh,/ and ‘Father, Abba, Father!’ cry*”.]

29

O SANGUE DE CRISTO



Hebreus 9.11-14

> [...] *se o sangue de bodes e de touros e a cinza de uma novilha, aspergidos sobre os contaminados, os santificam, quanto à purificação da carne, muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!* (Hb 9.13-14)

A imagem do sangue de Jesus Cristo é central na mensagem do cristianismo. Se você examinar um hinário verá que é assim. Cantamos estar sendo "lavados no sangue", ou "salvos pelo sangue de Jesus", até mesmo nos exultamos numa "fonte cheia de sangue". Aos críticos do cristianismo isso parece bizarro. O bispo John Shelby Spong, por exemplo, queixa-se que essa imagem de Jesus como crucificado e vertendo seu sangue por nossos pecados é tão disseminada "que dificilmente alguém possa ver o cristianismo à parte dela".[1] Ele está correto, mas propõe que precisamos de um novo tipo de reforma – não aquela que cobre as verdades da Bíblia, mas uma que descarta o sangue de Cristo. "Escolheria odiar", escreve, "em vez de adorar uma divindade que exige o sacrifício de seu filho".[2]

As pessoas que comungam com a visão de Spong não pensarão muito de nosso presente texto, porque se há uma passagem na Bíblia que exulta no sangue de Jesus Cristo é essa. Ela mostra por que a crucificação de Jesus Cristo não é só necessária, mas também uma fonte de grande alegria e poder; mostra não um cruel e distorcido tirano celestial, mas um Deus de amor que fez a mais cara provisão para que fosse possível nos aproximarmos dele.

Por algum tempo, o autor de Hebreus discute o ministério sumo sacerdotal de Jesus Cristo ressurreto e exaltado. No capítulo 7 ele enfatizou o reino atual de Jesus nos céus, onde agora ele ministra com seu próprio poder. O capítulo 8 mostrou como esse ministério sacerdotal nos céus traz à tona a nova aliança que foi prometida antigamente, um relacionamento de comunhão com Deus marcado pela habitação do Espírito Santo e o perdão do pecado. Agora, no capítulo 9, ele chega ao tema no qual deu a entender ao longo do tempo, qual seja, o sangue expiatório de Cristo. Anteriormente ele escreveu que esse Sumo Sacerdote fez um sacrifício pelo pecado uma vez por todas "quando a si mesmo se ofereceu" (Hb 7.27). Ele também observou que esse Sumo Sacerdote se tornou homem a fim de "fazer propiciação pelos pecados do povo" (Hb 2.17). Estes versículos anteciparam o tema ao qual nos voltamos agora, um tema que tem inspirado as mais sublimes orações cristãs:

> Oh! Precioso é o fluxo

que me torna branco como a neve;
nenhuma outra fonte conheço,
nada, a não ser o sangue de Jesus.[3]

Como tem sido o caso em toda essa carta, o autor de Hebreus está interessado numa comparação entre o cristianismo e o Israel da antiga aliança. Ele tem contrastado Jesus com Moisés, o sacerdócio de Cristo àquele de Arão, a nova aliança com a antiga aliança, e o tabernáculo celestial com o tabernáculo terrestre. Todas essas comparações resumem-se na frase "dos bens já realizados" (Hb 9.11), enquanto comparadas com a ordem provisória e parabólica do tempo antigo.

Jesus Cristo trouxe uma ordem completamente nova. Antes foi o tempo das sombras e dos tipos. Agora, porém, que Cristo chegou, "mediante o maior e mais perfeito tabernáculo" (Hb 9.11) – isto é, no tabernáculo no céu como nosso Sumo Sacerdote –, todas as coisas boas da nova ordem prometida foram inauguradas. Os versículos 1-10 simbolizavam essa nova condição comparando-a ao tabernáculo, com a cortina removida, a fim de que o Santo dos Santos fosse descoberto à vista dos sacerdotes no recinto exterior. Nosso acesso a Deus e o Espírito Santo enviado encontram-se no centro dessa nova ordem. Entretanto, qual é o poder que está por trás dessas mudanças surpreendentes? O versículo 12 responde: "[...] entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção". O autor tem três coisas a nos dizer sobre o sangue de Cristo: primeira, a superioridade do sangue de Cristo; segunda, o poder do sangue de Cristo; e, finalmente, o propósito do sangue de Cristo, vertido por nós.

A superioridade do sangue de Cristo

A superioridade do sangue derramado de Cristo está evidente na comparação com o sangue derramado debaixo da lei da antiga aliança: "Portanto, se o sangue de bodes e de touros e a cinza de uma novilha, aspergidos sobre os contaminados, os santificam, quanto à purificação da carne" (Hb 9.13). A questão não é mostrar a falha do sangue animal que era derramado e aplicado sob a antiga aliança, mas quão eficaz era. "O sangue de bodes e de touros e a cinza de uma novilha" têm a ver com os sacrifícios prescritos para a purificação de qualquer pessoa declarada impura debaixo da lei do Antigo Testamento. "O sangue de bode e de touros" é uma expressão genérica indicando o conjunto do sistema sacrificial para lidar com o pecado. A última frase, "as cinzas de uma novilha", refere-se ao ritual descrito em Números 19, em que as cinzas de uma novilha vermelha eram misturadas com água para purificação daqueles que se tornaram imundos pelo contato com um corpo morto. Pecado e morte eram as coisas que contaminavam; assim, esses sacrifícios lidavam com os dois grandes problemas que separavam o homem do Deus santo e vivo.

Esses sacrifícios forneciam um tipo de solução para o problema. Eles "santificavam" aqueles que estavam imundos para que fossem restaurados à comunhão com Deus e com a sociedade de Israel. Porém, havia também alguma coisa que eram incapazes de realizar: "se oferecem tanto

dons como sacrifícios, embora estes, no tocante à consciência, sejam ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto" (Hb 9.9). O sangue de touros e de bodes se sucedia na restauração do impuro para a purificação cerimonial e, portanto, para a vida religiosa da nação. Mas, havia um sangue melhor para o qual apontavam, um sangue que ao ser vertido purificaria verdadeiramente o homem interior, por isso restauraria as pessoas para uma comunhão real com o Deus santo.

O que percebemos aqui é chamado de argumento "muito mais". O autor de Hebreus está mostrando a superioridade do sangue de Cristo naquilo que está apto a fazer muito mais do que os antigos sacrifícios podiam. Há três razões por que o sangue de Cristo é superior e purifica verdadeiramente – capaz, como diz o versículo 12, de "obter eterna redenção" uma vez e para sempre.

A primeira razão é que o sangue de Cristo representa um sacrifício melhor. A antiga aliança exigia que os animais para o sacrifício deveriam ser sem mancha ou mácula, e observamos no versículo 14 que Jesus a si mesmo se ofereceu "sem mácula a Deus". A antiga aliança requeria obediência à lei, e Cristo cumpriu tais exigências. No Monte Sinai, Deus falara aos israelitas: "Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos" (Êx 19.5). O povo respondeu: "Tudo o que o SENHOR falou faremos" (v. 8), concordando assim com esses termos. Mas eles não os guardaram, e nem nós. Portanto, Jesus veio cumprir a lei com sua própria e perfeita obediência. Ele permaneceu imaculado diante de Deus, capaz e desejoso de suportar nossos pecados, pois ele era em si mesmo aceitável a Deus.

Jesus não só prestou a obediência a Deus de nós exigida, como também levou sobre si mesmo o castigo devido pelos nossos pecados. Como poderia um homem, perguntamos, levar o castigo de muitas pessoas? A resposta é que ele era mais do que um homem; era o Filho de Deus, com sangue de valor infinito. Ele nos redimiu ao preço de seu próprio sangue precioso, o sangue do unigênito Filho de Deus. Bodes, touros e novilhas não possuem tal mérito, mas apontam para aquele de quem se poderia dizer: "[...] pelas suas pisaduras fomos sarados. [...] mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos" (Is 53.5-6). Andrew Murray escreve:

> Era a vida de Deus que habitava nele. Essa vida deu seu sangue, cada gota dele, um valor infinito. O sangue de um homem é de maior valor do que o de uma ovelha. O sangue de um rei ou de um grande general é considerado de maior valor do que de centenas de soldados ordinários. O sangue do Filho de Deus! – é inútil a mente buscar por alguma expressão de seu valor; tudo que podemos dizer é: é seu próprio sangue, o precioso sangue do Filho de Deus![4]

A segunda razão para o sangue de Cristo ser superior é que foi o meio designado por Deus para nossa salvação. Vemos isso na referência ao "sangue de Cristo" (v. 14). O Cristo era o Ungido, o Prometido, o Servo do Deus Altíssimo. Ele veio a este mundo com uma incumbência, um compromisso. O anjo disse a José antes do seu nascimento: "[...] e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles" (Mt 1.21). No jardim do Getsêmani, Jesus pôde orar: "Pai [...] Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer" (Jo

17.1,4). E, então, na cruz ele pôde bradar com satisfação: "Está consumado!" (Jo 19.30), antes de render o espírito. O sangue de touros e bodes foi determinado por Deus para purificação cerimonial, mas o sangue superior de Cristo foi indicado para a redenção real e eterna do pecado. Aqui está o único caminho determinado por Deus, fora do qual não há salvação (At 4.12).

Terceiro, Jesus ofereceu seu sacrifício "pelo Espírito eterno" (Hb 9.14). Em outras palavras, seu sacrifício foi oferecido não meramente corporalmente, mas em espírito. Devemos sempre lembrar que os sofrimentos físicos de Cristo eram nada comparados à agonia espiritual de seu afastamento do Pai enquanto a ira de Deus caía sobre ele em espírito. Foi o espírito de Cristo, não seu corpo, que absorveu a punição pelo pecado; seu espírito infinito e divino absorveu toda a ira de um Deus infinitamente santo. Visto que seu espírito é divino e é, como 7.16 diz, "indissolúvel", ele sobreviveu e emergiu para adentrar os céus como nosso perfeito Sumo Sacerdote.

Porque foi um sacrifício espiritual, esse sangue é aplicado em nós espiritualmente, enquanto o sangue de animais podia ser aplicado apenas na carne. O tema de toda esta passagem é que o sangue de Cristo se aplica ao coração, um sacrifício que é espiritualmente aplicado, restaurando-nos verdadeiramente para a comunhão com Deus, que é espírito (Jo 4.24). O sangue de Cristo foi oferecido para purificar "a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!" (Hb 9.14).

O poder do sangue de Cristo

Isso leva ao segundo ponto principal dessa passagem, que o sangue de Cristo, sendo superior àquele de touros e bodes, tem o poder de purificar a consciência dos pecadores.

Não estamos acostumados a pensar sobre nossa consciência como um problema sério quando se trata de Deus. O problema é o que ele pensa de nós, não o que nós pensamos de nós mesmos. Porém, mesmo depois de Deus nos aceitar em Cristo, nossa consciência impura nos mantém distantes dele. A intenção de Cristo como Sumo Sacerdote é a de nos levar a Deus. Portanto, ele não só nos reconcilia com Deus como também purifica nossas consciências de modo que estejamos a seu serviço.

A consciência serve para nos falar de nós mesmos. Ela nos comunica o que somos. Charles Haddon Spurgeon, em seu sermão sobre esse texto, apontou três problemas revelados por nossa consciência: um conhecimento dos atos passados pecaminosos; um conhecimento de nossa natureza pecaminosa, com seus pensamentos e desejos; e nosso contínuo contato com o mal neste mundo. Tudo isso conspira, a não ser que haja purificação, para nos afastar de servir ao Senhor. Sobre o primeiro desses problemas, Spurgeon escreveu:

> Sobre nossas consciências repousam, antes de tudo, um senso do pecado passado. Mesmo se um homem deseja servir a Deus, porém até que sua consciência seja purgada, ele sente um temor e terror de Deus que o impede de fazê-lo. Ele peca, e Deus é justo, portanto ele se sente pouco à vontade. [...] "Deus está irado com o perverso todos os dias, se ele não se arrepender, Deus afiará sua espada; ele armou seu arco e está pronto"; e o pecador, sabendo

> disso, pergunta: “Como posso servir a este Deus terrível?” Ele fica alarmado quando pensa no Juiz de toda a terra; pois é diante desse Juiz que ele em breve será julgado.[5]

O sangue de Cristo, porém, possui poder para purificar tal receio de nossos corações, esta grande condenação de nossas consciências. Sua morte proclama para nós que o débito foi pago para todos os nossos pecados; uma expiação infinita se realizou para nos aliviar do peso de tão grande culpa. Isso é o que motiva os cristãos a cantar sobre o sangue inocente de Cristo derramado, pois nele vemos nossa própria culpa lavada. De fato, este é o tema da canção celestial: “Digno é o Cordeiro que foi morto” (Ap 5.12).

Não há fardo maior neste mundo do que a culpa do nosso pecado. Outros fardos cansam os pés ou as costas; este fardo cansa a alma. As pessoas que abominam a ideia de um Deus que derrama sangue podem escrever chavões sobre a bondade do homem. Podem dizer que encontramos nosso destino numa sopa darwiniana. Talvez não sejamos ainda o que podemos ser, mas certamente não somos culpados, insistem. Todavia, num universo moral governado por um Deus santo, tais palavras não purificarão a realidade das coisas que fazemos.

Se você reconhece como suas palavras dilaceram os corações dos outros como uma faca lacera a carne; se você pensar por um momento como sua negligência do dever e busca egoísta por ganho têm significado tristeza e aflição para pessoas reais; se você simplesmente questionar como muitos homens e mulheres neste mundo têm se ressentido com você, desejando nunca ter cruzado seu caminho; se você fizer um balanço da lei santa e firme de Deus e sua constante violação dela, então sua consciência falará contra você sobre o que você realmente é e merece. Você ansiará por uma purificação tal que só Cristo pode dar.

Como, então, vestes podem ser lavadas em sangue e tornarem-se brancas? A resposta é que o sangue de Cristo vertido, representando o sacrifício de sua vida perfeita na cruz, é o agente purificador providenciado por Deus para a nódoa da culpa do nosso pecado. Por essa razão, o sangue de Cristo proclama perdão do pecado: “Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata”, diz, “se tornarão brancos como a neve” (Is 1.18).

E quanto ao segundo problema de consciência, a conscientização dos desejos e pensamentos pecaminosos, não meramente o conhecimento de nossas ações, mas também de nossa natureza pecaminosa? Isso também é purificado pelo sangue do Cordeiro. Nos sentimos impuros e isso nos afasta de Deus. Como Isaías, vemos os serafins louvando a Deus em seu templo, dizendo: “Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos”. Diante de tal visão clamamos: “Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros” (Is 6.3,5). Mas Jesus, como o anjo na visão de Isaías, voa para pegar uma brasa do altar sobre o qual seu próprio sangue foi derramado e toca nossos lábios, dizendo: “a tua iniquidade foi tirada, e perdoado, o teu pecado” (v. 7). Nossa consciência nos fala o que devemos pensar de nós mesmos, mas o sangue de Cristo nos diz o que Deus pensa a nosso respeito em Cristo. Jesus encontra-se ali com a bacia e a toalha na mão e diz: “[Você] está todo limpo” (Jo 13.10). Então, como nosso Sumo Sacerdote celestial, ele envia seu Espírito Santo para agir dentro de nós, seu sangue tendo adquirido os recursos do céu,

de modo que "somos transformados, de glória em glória, na sua [de Cristo] própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" (2Co 3.18).

Finalmente, nossa consciência recua enquanto caminhamos neste mundo, movendo-se contra todo tipo de pecado e maldade, que contaminam como o contato com a morte fazia aos antigos israelitas. Como os sacerdotes de Israel aspergiam o sangue de touros e bodes sobre a pele, temos em Cristo uma purificação preparada: "Se confessarmos os nossos pecados", diz 1João 1.9, "ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça". Temos purificação pelo sangue de Jesus. Seu sangue superior tem poder para fazer o que nenhum touro ou bode jamais poderia oferecer. Como Isaac Watts escreve:

> Jesus, meu grande Sumo Sacerdote,
> ofereceu seu sangue e morreu;
> minha consciência culpada busca
> sacrifício algum além deste.
> Seu poderoso sangue uma vez expiou
> e agora advoga diante do trono. [...]
> Contemplo minha alma em liberdade;
> meu Fiador pagou a terrível dívida.[6]

O propósito do sangue de Cristo

Qual é o propósito desta graça oferecida no sangue de Jesus Cristo? Há muitos motivos, é claro: o amor de Deus e a glória de Cristo lideram a lista. Contudo, um propósito encontra-se diretamente vinculado ao ofício sumo sacerdotal de nosso Senhor e ao cenário do tabernáculo no qual esta passagem se enquadra: "Muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!" (Hb 9.14).

Somos chamados ao serviço sacerdotal de Deus. Como João escreveu em sua maravilhosa doxologia: "Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados, e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai" (Ap 1.5-6). E como Pedro escreveu: "Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (1Pe 2.9). Uma vez mais, é o que vemos descrito nas cenas de adoração nos céus, como Apocalipse diz daqueles que lavaram suas vestes no sangue: "[...] se acham diante do trono de Deus e o servem de dia e de noite no seu santuário" (Ap 7.15). Esse serviço eterno começa na vida presente, que é nossa preparação para o céu e o início daquilo para o qual fomos destinados na glória.

Quando consideramos a obra maravilhosa da graça que nos trouxe salvação, o precioso sangue de Cristo vertido, precisamos perguntar: "Para quê serve isto?" O propósito não é simplesmente para nosso benefício. Não é que nós meramente devemos escapar de um julgamento merecido, muito menos que devemos ter uma existência cristã boa, tranquila,

próspera. O propósito é que o Deus vivo possa ter um sacerdócio apropriado, para o serviço e adoração do seu glorioso nome. Essa purificação no sangue de Cristo não é o fim, mas só o início para o cristão.

A palavra grega para "servir" (*latreuein*) possui conotação especificamente sacerdotal. É o serviço dos sacerdotes no tabernáculo que somos chamados a realizar, não exteriormente, mas espiritualmente. Os sacerdotes entravam no Santo Lugar para acender o candelabro, e nós também estamos aqui para servir como luzeiros a todo o mundo. Eles vinham e levantavam incenso perante o trono de Deus, e assim também nós somos ministros de oração intercessora com acesso real ao trono de Deus. Ao contrário dos sacerdotes do Antigo Testamento, nosso serviço ocorre com o véu da separação rasgado, com o acesso à presença de Deus desimpedido e nosso serviço prontamente aceito em Cristo.

Fomos feitos e redimidos para servir a Deus, e é no serviço a ele prestado que descobrimos nossa verdadeira liberdade. Spurgeon diz:

> Servir ao Deus vivo é necessário para a felicidade de um homem vivo: para este fim fomos criados, e nós perderemos o projeto da nossa estrutura se não honrarmos nosso Criador. "O fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre." Se perdermos esse propósito estaremos terrivelmente perdidos. O serviço de Deus é o único elemento pelo qual podemos ter vida plena.[7]

Hebreus 9.14 fala da nossa purificação das "obras mortas". É com isto que o mundo se ocupa, obras que se não são pecaminosas, certamente são inúteis e mortas da perspectiva da eternidade. Construir impérios que ruirão, comprar coisas que não satisfazem ou que não permanecem, servir a ambições destinadas ao túmulo. Quão arrasadora tal vida é para aqueles criados à imagem de Deus! A humanidade foi formada para Deus, para seu prazer. Negligenciar a Deus, recusar seu serviço, negar sua presença e governo é reduzir-se ao tamanho do pó. É ser governado pela carne, como animais mais do que como homens e mulheres criados por Deus à sua imagem. Não é exatamente isso que nossa sociedade secular e descrente está desvendando?

Mas, o cristão não é assim. Somos sacerdotes com um chamado santo, um serviço de alegria que nasce da gratidão, para um Deus que nos ama o suficiente para ter derramado o precioso sangue de Cristo. O que fazemos para ele irá para além da sepultura, permanecendo para sempre no céu, onde Cristo agora reina como Sacerdote no trono à destra do Deus vivo.

Purificado pelo sangue

Uma vez "purificados" devemos "servir ao Deus vivo". Servir a Deus é ser seu vaso, onde ele derrama a si mesmo em nós para o brilho da sua glória no mundo, agora e para sempre. É crescer em direção a ele, em vida, paz e alegria.

No entanto, nada disso, é claro, é possível até sermos primeiramente purificados pelo sangue de Jesus Cristo – o precioso sangue do Filho de Deus que é superior àquele de touros e bodes, que tem poder para purificar a consciência e que tem o propósito de nos santificar para o próprio

serviço sacerdotal de Deus. Até então não podemos servir ao Senhor, pois ele é um Deus santo e devemos nos manter como leprosos fora do acampamento de Israel, como aqueles contaminados pela morte e impuros perante seu trono. O que Josué disse a Israel também é verdadeiro para nós, até nos tornarmos para o sangue purificador de Cristo: "Não podereis servir ao SENHOR, porquanto é Deus santo, Deus zeloso" (Js 24.19). Portanto, convertamo-nos a Jesus, cujo sangue tem todo o poder para nos purificar de nossos pecados.

---

[1] John Shelby Spong, *Why Christianity Must Change or Die* (São Francisco: HarperCollins, 1999), 84.
[2] *Ibid.*, 95.
[3] Robert Lowry: "Nothing but the Blood", 1876. [Em inglês: "*Oh! precious is the flow/ that makes me white as snow;/ no other fount I know,/ nothing but the blood of Jesus*".]
[4] Andrew Murray, *The Holiest of All: An Exposition of the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Revell, 1993), 320.
[5] Charles Haddon Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, 63 vols. (Pasadena, Tex.: Pilgrim Publications, 1975), 31:438-39.
[6] Isaac Watts: "Jesus, My Great High Priest", 1709. [Em inglês: "*Jesus, my great High Priest,/ offered his blood and died;/ my guilty conscience seeks/ no sacrifice beside./ His powerful blood did once atone/ and now it pleads before the throne. (...)/ Behold my soul at freedom set;/ my Surety paid the dreadful debt*".]
[7] Spurgeon, *Metropolitan Tabernacle Pulpit*, 31:436-37.

30

ÚLTIMO TESTAMENTO



Hebreus 9.15-22

> [...] *onde há testamento, é necessário que intervenha a morte do testador; pois um testamento só é confirmado no caso de mortos; visto que de maneira nenhuma tem força de lei enquanto vive o testador.* (Hb 9.16-17)

Um dos mais importantes discursos já feitos foi proferido por Marco Antônio, cônsul de Roma em 44 d.C. Foi por ocasião do funeral de Júlio César, que governou Roma até seu assassinato naquele ano. Os membros do senado que haviam matado César, liderados por Marcus Brutus, proibiram Antônio de agitar as multidões, mas eles lhe permitiram fazer a tradicional elegia funeral em público. Não temos o registro do discurso de Marco Antônio, mas temos a imortalização de William Shakespeare em sua peça *Julius Caesar*. "Amigos, romanos, compatriotas", começou Marco Antônio, "escutai-me! Venho para sepultar César, não para louvá-lo".

Mas louvar César foi o que ele fez. No discurso, Antônio ocupa-se com a principal acusação contra César e a justificativa para seu homicídio, a saber, que era ambicioso, portanto, um perigo à nação. Ele narrou os triunfos em nome de Roma, sua compaixão para com os pobres e sua recusa em aceitar a coroa real quando lhe foi oferecida três vezes. "Era isso ambição?", perguntou. "Mas Brutus diz que era ambicioso, e Brutus é um homem honrado." Neste ponto a multidão começou a seguir o raciocínio de Marco Antônio, e os conspiradores ficaram cada vez mais alarmados. Então, Antônio acendeu a chama que inflamou o povo: "Tenho aqui um pergaminho com o selo de César", continuou ele. "Encontrei-o em seu quarto: é o seu testamento." Se ao menos as pessoas soubessem qual era sua vontade, disse ele, correriam para beijar a cabeça de César morto. "Queremos ouvir o testamento", gritaram eles. "Leia-o, Antônio".

Conforme a magistral obra de Shakespeare, Antônio reuniu a multidão ao redor do corpo de César para ouvir sua última vontade, seu testamento. Ele desceu da tribuna para se colocar no meio deles. "Se tendes lágrimas", avisou, "disponde-vos agora a vertê-las". Então, apontando para as várias feridas no corpo, recitou os nomes dos conspiradores, atribuindo uma ferida a cada um, levando a multidão ao auge do fervor. Então, só então, Antônio abriu o testamento sob o selo de César: "Para cada romano em separado 75 dracmas. [...] Além disso, os seus locais de passeio, as quintas e os jardins, nesta margem do Tibre, deixa-vos, e aos vossos filhos, em perpetuidade como parques públicos, para que neles passeeis e deles desfruteis". Com a notícia

de tal magnânima vontade e testamento, a sua própria herança da parte de César, a multidão irrompeu em motim, pondo em fuga o senado e seus conspiradores para fora dos portões de Roma.[1]

Poucas coisas provocam gratidão como uma generosa herança. A história registra que César deixou para cada cidadão romano dois meses e meio de ordenados, e que utilizou apenas um quarto do total do seu patrimônio, o restante do qual enviou para seu filho adotivo e herdeiro, Otávio. A Escritura registra outra herança, também deixada para uma vasta gama de beneficiários. Trata-se da libertação da condenação do pecado e vida eterna. Aquele que deixou tal testamento é Jesus Cristo, o próprio Filho e herdeiro de Deus, que morreu para que possamos viver. Marco Antônio apontou os ferimentos de César, dos quais tantas moedas de ouro emanaram para o povo; nós podemos apontar as feridas de Cristo, pelas quais nossas almas eternas são redimidas, e pelas quais fluiu o sangue que lava nossos pecados.

Mediador da aliança

Hebreus 9 celebra a superioridade do sangue de Jesus Cristo. É superior por causa da sua natureza divina e sua obra completa da salvação. Ele é apto para realizar o que o sacrifício de touros e bodes jamais poderia, isto é, remover nossa culpa e nos reconciliar com Deus. Hebreus 9.15 capta esse raciocínio dizendo: "Por isso mesmo, ele é o Mediador da nova aliança, a fim de que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança, recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados". Um mediador é alguém que representa duas partes diferentes. A fim de mediar entre o Deus santo e os seres humanos pecadores, primeiro Cristo teve de morrer.

Esse raciocínio começa com o entendimento de que a primeira aliança – a antiga aliança com Moisés – exigia a obediência do povo. Eles deveriam cumprir suas ordenanças ou seriam condenados. Suas palavras-chave foram expressas na doação da lei, à qual o povo respondeu: "Tudo o que o SENHOR falou faremos" (Êx 19.8). Se falhassem em cumpri-la, se transgredissem a lei, a aliança exigia a punição de Deus sobre o pecado deles.

Uma das melhores maneiras de entender os termos da antiga aliança é através de uma cerimônia que aconteceu em duas montanhas em Samaria, Monte Ebal e Monte Gerizim, como descrito em Deuteronômio 27 e Josué 8. Ali todo o povo de Israel encontrava-se reunido de acordo com a ordem de Deus. No Monte Ebal, metade do povo permaneceu para ler as maldições para a desobediência a Deus. A maldição foi lida para todos aqueles que cometem idolatria, e todo o povo disse: "amém". Então, veio a maldição para o adultério, e o povo disse: "amém". Seguiram-se as maldições para os seguintes pecados: homicídio, falso testemunho, mudar marco de fronteira, e em cada caso todo o povo dizia: "amém". Finalmente, as maldições terminaram: "Maldito aquele que não confirmar as palavras desta lei, não as cumprindo" (Dt 27.26). Então todo o povo disse: "amém".

Na outra montanha, Monte Gerizim, bênçãos foram lidas para a obediência. Uma após outra as bênçãos seriam derramadas em resposta à obediência à lei: vitória nas batalhas, fartura nas colheitas, abundância de descendentes. Entretanto, esta era a condição: "O SENHOR te constituirá para si um povo santo, como te tem jurado, quando guardares os mandamentos do SENHOR, teu Deus, e andares nos seus caminhos" (Dt 28.9). Eis as condições da antiga aliança para Israel como nação. O restante do Antigo Testamento é o registro de quão bem Israel a cumpriu, e infelizmente o seu desempenho ficou muito aquém da obediência necessária para receber as bênçãos de Deus.

Deus tinha direito sobre todas as pessoas que se associaram a ele por meio da antiga aliança. O que não é tão fácil de ver é por que, então, precisava de um mediador. Um mediador serve para resolver situações entre as duas partes; aqui nada havia para resolver, apenas uma maldição a ser aplicada em punição e ira. Deus entrara numa aliança condicional com Israel. O povo quebrou essas condições e a punição agora seria executada.

É assim que as coisas parecem na superfície. Porém, abaixo da superfície havia um problema, uma tensão, mesmo um dilema para o Deus Todo-Poderoso. Esse problema era uma aliança anterior, sua aliança com Abraão, a qual não dependia da obediência do povo de Deus. Hebreus chama a aliança mosaica de "primeira" aliança, mas isso é só em relação à nova aliança em Cristo. Havia uma aliança anterior, estabelecida com base numa promessa unilateral, na qual Deus jurou por si mesmo: "Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e da tua descendência" (Gn 17.7).

Seria inexato dizer que a aliança de Deus com Abraão era incondicional, uma vez que impôs a Abraão o dever da circuncisão de todos os homens em sua família, e isso implicava o compromisso da fé. Porém, uma importante característica dessa aliança é que somente Deus garantia seu cumprimento e bênçãos. Não há "se você fizer isto", nem Abraão faz qualquer promessa como sua parte dessa aliança. De acordo com as convenções do mundo antigo, Deus ratificou sua aliança com Abraão quando passou sozinho entre os pedaços de animais cortados ao meio. Normalmente, ambas as partes caminhariam entre as partes cortadas – a questão é: "o que aconteceu com esses animais aconteça comigo, caso eu não cumpra a minha parte desta aliança". Deus atravessou sozinho, significando sua vontade de assumir sozinho a responsabilidade pelo cumprimento das promessas que fizera a Abraão. Se Deus não cumprisse sua promessa, ele mesmo estaria debaixo da maldição (Gn 15.8-21). Porém, os descendentes de Abraão, a quem Deus prometera abençoar, eram os mesmos que Deus estaria posteriormente obrigado a amaldiçoar e punir debaixo da antiga aliança, isto é, a aliança da lei dada por meio de Moisés. Essa é a razão da necessidade de um mediador. Por causa do seu pecado, o homem precisava de um mediador. Mas, por causa da sua promessa, Deus também precisava de um mediador. Porque se Deus amaldiçoou seu povo, de modo que a descendência de Abraão foi cortada da salvação –

como a sua incapacidade debaixo da aliança mosaica obrigou-o a fazer –, sua própria maldição cairia sobre si mesmo.

Podemos, portanto, perguntar por que Deus trouxe a lei através de Moisés. Certamente, ele sabia que os homens são pecadores, logo, incapazes de obedecer a sua santa lei. Porém, ele impôs a aliança que exigia essa obediência como condição da bênção que prometera. Então, por que Deus fez isso? A resposta é que a lei estabelece a necessidade que o homem tem da graça. Philip Hughes explica:

> A incapacidade do homem em guardar as exigências [da lei] deixou inequivocamente claro sua condição de culpa diante de Deus. A grande e radical necessidade do homem é a justificação; mas a lei nunca pode justificar o transgressor da lei. Desesperado em seus esforços para alcançar justiça por suas obras, a única esperança do homem é afastar-se de si mesmo e buscar o refúgio da fé na graça perdoadora que lhe fora prometida. Assim, lemos: "Mas, antes que viesse a fé, estávamos sob a tutela da lei e nela encarcerados, para essa fé que, de futuro, haveria de revelar-se. (Gl 3.23)[2]

Em outras palavras, Deus deu a lei com Cristo em mente, a fim de que a salvação venha somente pela graça. Como diz Paulo em Romanos 11.32: "Porque Deus a todos encerrou na desobediência, a fim de usar de misericórdia para com todos". Essa misericórdia vem como herança nossa pela morte de Cristo.

Apenas a morte de Cristo poderia libertar pecadores da maldição da lei, e oferecer essa graça perdoadora que ele trouxe. Cristo ofereceu sua vida inocente, uma vida de valor infinito, porquanto divina, para pagar o débito do nosso pecado. Paulo escreve: "Cristo nos resgata da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro)" (Gl 3.13). Portanto, a ira de Deus está satisfeita; agora ele pode nos contemplar com bênção e paz sem comprometer sua própria natureza. Cristo possibilitou que Deus cumprisse sua própria promessa de abençoar, como Paulo segue dizendo: "Para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido" (Gl 3.14).

Hebreus 9.15 mostra o resultado da morte de Cristo na cruz: "Por isso mesmo, ele é o Mediador da nova aliança, a fim de que [...] recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados". A nova aliança tem a mais íntima relação com a aliança de Deus com Abraão. De fato, ela assegura a herança eterna que Deus prometeu a Abraão: "Serei o seu Deus e o Deus dos seus descendentes". Os descendentes de Abraão são espirituais. Como Paulo salienta em Gálatas, são aqueles que, como Abraão, confiam em Deus: "[...] se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa" (Gl 3.29).

O testamento de Cristo

É neste momento que a ideia de testamento é introduzida na discussão. A palavra grega para testamento (*diathēkē*) é a mesma palavra para aliança. Esta é a palavra padrão do Novo Testamento para traduzir o termo hebraico para aliança, *berith*. Uma aliança é um contrato

solene, os termos estipulados para um relacionamento entre duas partes. Mas *diathēkē* também era a palavra grega para um último desejo, para um testamento, e o autor de Hebreus tira proveito desse jogo de palavras. Essa é a única vez que a palavra é usada nesse sentido no Novo Testamento, contudo é por causa dessa passagem que as duas partes da Bíblia são conhecidas como Antigo e Novo Testamentos.

A questão do autor é que a nova aliança pode ser vista como um testamento, cujos benefícios são pagos apenas no caso da morte daquele que o fez: "pois um testamento só é confirmado no caso de mortos; visto que de maneira nenhuma tem força de lei enquanto vive o testador" (Hb 9.17).

Todos nós sabemos como funciona o testamento. Alguém vive seus últimos anos e acumula certo montante de riquezas. Uma parte pode ser em dinheiro, em ações ou títulos, ou outras partes podem ser em forma de propriedades ou em bens. O propósito do testamento é fazer uma fórmula para a distribuição desta riqueza após a morte. Portanto, foi pela morte que Jesus tornou todas as riquezas que são encontradas nele disponíveis para nós, especificamente as bênçãos da sua obediência à aliança. Quando nos unimos a ele pela fé, logo, nos tornamos herdeiros dessa grande herança.

Isso se associa a uma das grandes mensagens da Carta aos Hebreus, que em Cristo temos privilégios de membros da família de Deus. A ideia do autor sobre salvação é a de Jesus revelando a redenção de Deus aos pecadores e então declarando perante a corte celeste: "Eis aqui estou eu e os filhos que Deus me deu" (Hb 2.13). Em Hebreus 9 observamos que isso inclui uma herança. Como pondera Paulo em Romanos 8.16-17: "[...] somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados".

Veja quão maravilhosa é esta promessa. Como herdeiros de Cristo herdamos todas as bênçãos que ele possui em Deus. O que significa isso nesta vida? Significa que Deus vela por nós com cuidado amoroso, como velava por Jesus. Significa que ele envia seu Espírito Santo para nos dar poder em piedade, como enviou o Espírito a Cristo. Significa que temos vida eterna, a vida dos céus, agindo em nós a fim de que estejamos motivados por um novo e santo poder. Significa que Deus se torna nosso Pai, e somos seus próprios filhos neste mundo. Ele tem um interesse paternal por nós. Ele está nos moldando, nos desafiando, nos ensinando, e, sim, nos disciplinando para colher o fruto da justiça que ele deseja (Hb 12.11).

Tão grande quanto é nossa herança nesta vida, é muito na morte. Então, herdamos a ressurreição da vida de Cristo, um lugar no céu e um lar com Deus para todo o sempre. De fato, herdaremos sua santidade perfeita. O apóstolo João fica maravilhado:

> Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos [...]. Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é. (1Jo 3.1-2)

Meu sangue da aliança

O autor de Hebreus a seguir retoma o exemplo da antiga aliança: "Pelo que nem a primeira aliança foi sancionada sem sangue" (Hb 9.18). "Pelo que" refere-se ao versículo 15, com Cristo morrendo para remissão daqueles que pecaram sob a primeira aliança. Deus deu a antiga aliança com Cristo em mente, e isso fica provado por estes versículos: sob a lei todos nós estávamos condenados, porém Deus deu a lei com Jesus Cristo em mente, para que ele pudesse ser nosso Salvador para a glória da maravilhosa graça de Deus.

Os versículos 19 a 21 amplificam a relação entre a obra de Cristo e a antiga aliança:

> [...] havendo Moisés proclamado todos os mandamentos segundo a lei a todo o povo, tomou o sangue dos bezerros e dos bodes, com água, e lã tinta de escarlate, e hissopo e aspergiu não só o próprio livro, como também sobre todo o povo, dizendo: Este é o sangue da aliança, a qual Deus prescreveu para vós outros. Igualmente também aspergiu com sangue o tabernáculo e todos os utensílios do serviço sagrado.

Esses versículos narram a ratificação da antiga aliança quando foi dada primeiro por intermédio de Moisés. Êxodo 24 nos diz que Moisés começou recitando toda a lei, depois que o povo respondeu: "Tudo o que falou o SENHOR faremos" (Êx 24.3). Já observamos quão fatídicas foram aquelas palavras, dado o fato que elas não seriam cumpridas. Na manhã seguinte, porém, Moisés levantou-se e ofereceu sacrifícios ao Senhor:

> Moisés tomou metade do sangue e o pôs em bacias; e a outra metade aspergiu sobre o altar. E tomou o livro da aliança e o leu ao povo; e eles disseram: Tudo o que falou o SENHOR faremos e obedeceremos. Então, tomou Moisés aquele sangue, e o aspergiu sobre o povo, e disse: Eis aqui o sangue da aliança que o SENHOR fez convosco a respeito de todas estas palavras. (Êx 24.6-8)

Como Hebreus 9.21-22 continua observando, praticamente tudo era aspergido com sangue. A morte era a pena para a quebra da aliança. Ray Stedman escreve desse sangue: "Destinava-se a fazê-los ver que o pecado não pode ser posto de lado, mesmo por um Deus amoroso, sem que houvesse morte. Sua sentença judicial: 'a alma que pecar, essa morrerá' (Ez 18.4), deve ser levada a cabo".[3] A questão era que a marca da morte fazia parte dessa aliança com todas as suas ordenanças e disposições.

O sangue da aliança apresentava a penalidade para a quebra da aliança, mas também apontava para Cristo e para a nova aliança nele. "[...] sem derramamento de sangue, não há remissão", observa o autor (Hb 9.22). Mas, é verdade que *com* derramamento de sangue – isto é, com a morte de um sacrifício adequado – pode-se receber perdão. Stedman continua: "Pela aspersão do sangue de um animal sobre o povo, Moisés diz que Deus aceitaria essa substituição como um adiamento temporário até a vinda do verdadeiro Substituto".[4]

A nova aliança traz o perdão em Cristo: "[...] ele é o Mediador da nova aliança, [...] intervindo a morte para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança" (Hb 9.15). Jesus Cristo é o verdadeiro substituto que veio trazer o verdadeiro perdão de pecados. Quando instituiu

o sacramento da Ceia do Senhor na noite da sua prisão, Jesus fez uma explícita associação entre sua própria morte e o sangue que Moisés aspergia sobre o povo no período da primeira aliança. Tomando o cálice, disse: "Isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos" (Mc 14.24). O sangue que Moisés aspergia representava o precioso sangue de Cristo. "Isto é o *meu* sangue [...] da [nova] aliança", disse Jesus, e é esse sangue que ele aplica para purificar aqueles que vêm a ele pela fé.

Sem derramamento de sangue não há perdão. Esse é o testemunho uniforme da Escritura. Isso foi o que tornou o sacrifício de Abel mais excelente do que o de Caim. Caim trouxe do trabalho das suas mãos, ao passo que Abel, do sangue de um sacrifício, e apenas ele foi recebido (Gn 4.3-4). Sem o derramamento de sangue não há perdão. Mantenhamos isso em mente, que uma vez tendo pecado contra Deus não há como deixar o pecado de lado, a não ser pelo derramamento de sangue. Contudo, o preço para nossa redenção é aquele que nós mesmos não podíamos pagar e ainda sobreviver. O que precisamos é de alguém para pagá-lo por nós, um substituto, em quem está o poder da vida eterna. Andrew Murray escreve:

> Deus deseja receber o homem de volta novamente à sua comunhão, admiti-lo em seu coração e seu amor, fazer uma aliança com ele, dar plena garantia de tudo isso; mas não sem sangue. Mesmo seu próprio Filho, o Todo-Poderoso e Todo-Perfeito, o dom de seu amor eterno, mesmo ele só deveria nos redimir, e entrar na presença do Pai, em submissão à palavra, não sem sangue. Mas, louvado seja Deus, o sangue do Filho de Deus, no qual havia a vida do Espírito Eterno, foi dado, e realizou redenção eterna! Ele, de fato, suportou nossos pecados e os removeu. Ele afastou o pecado pelo sacrifício de si mesmo. [...] Não pode haver comunhão com Deus, a não ser no sangue, na morte, de seu Filho bendito.[5]

Isso significa que todos aqueles que foram salvos sob a antiga aliança foram salvos pela nova aliança, mesmo quando viviam debaixo da antiga administração. Pela fé, confiaram no sangue dos sacrifícios, e por eles confiaram no sangue de Cristo. Talvez o melhor exemplo disso seja o salmo 51.7, em que o Rei Davi clama: "Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo; lava-me, e ficarei mais alvo que a neve". Hissopo era a planta que Moisés e os sacerdotes usavam para fazer uma trincha para a aspersão do sangue sacrificial. Davi estava dizendo, com efeito, esparja sobre os meus pecados o sangue de Jesus Cristo e ficarei limpo, mais alvo do que a neve. Esse é também o motivo por que não é mórbido cantar as palavras do maravilhoso hino de William Cowper:

> Há uma fonte cheia de sangue
> extraído das veias do Emanuel;
> E pecadores ao mergulhar nessa torrente
> Perdem todas as manchas da culpa.[6]

Isto é simplesmente a verdade bíblica, que sem derramamento de sangue não há perdão; sem a aplicação desse sangue em nossas almas pela fé não há purificação de nossos pecados ou de nossa consciência culpada. A menos que você tenha obedecido a Deus sem pecar – o que não é o

nosso caso –, então, você necessita desse sangue se deseja ser perdoado e amado por Deus. O que você deve fazer é confessar os seus pecados, confiar na obra salvadora de Cristo, e assim estará puro diante de Deus, mais alvo do que a neve.

Herdeiros de Deus

Três observações a partir dessa passagem requerem nossa atenção. Primeiramente, poderia ficar mais claro que a salvação seja dom de Deus? Nós não somos homens e mulheres que receberam nossas bênçãos de Deus de acordo com o uso antigo, conquistando-as. De fato, recebemo-las de uma forma antiga. Recebemos a salvação como um dom, como uma herança que é dada livremente. Uma herança não é conquistada; é a livre dádiva de um amoroso benfeitor. Realmente, isso é fé salvadora: simplesmente receber o dom de Deus em Cristo, como os cidadãos de Roma que se alegraram com a leitura do testamento de César. A fé tem suas mãos abertas para receber, não estendidas para agarrar ou cerradas para conquistar. Recebemos a salvação como um dom, como herdeiros que ganham o privilégio aceitando uma dádiva de nosso Deus e Salvador gracioso.

Em segundo lugar, que dom recebemos pela nova aliança em Jesus Cristo: a comunhão com Deus! Quão emocionante é entender que como herdeiros de Cristo recebemos tudo que ele recebeu do Pai. Todavia, o maior de todos os dons é sempre o próprio Pai. Nosso Deus não é um Pai por demais ocupado que envia os dons, mas não partilha a si mesmo. Não, seu maior dom é ele mesmo: "Serei o seu Deus, e eles serão o meu povo".

Se você confia em Jesus, seus pecados serão perdoados, você escapará da pena por seus pecados cometidos contra a lei e entrará nos céus com riquezas incontáveis. Mas tudo isso é realmente muito pouco comparado a isto: você ganhará o próprio Deus. Você pode dizer com o salmista Davi: "Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre" (Sl 73.26). Você conhecerá a comunhão com o Deus infinito, santo, transcendente que é fogo consumidor. Sua vida terá paixão, sentido, propósito, alegria, paz e encanto ilimitado – pois tudo isso é encontrado na adoração, no conhecimento e na comunhão com o Senhor Deus Todo-Poderoso, o Deus que é luz e amor.

> [...] esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: na sua mente imprimirei as minhas leis, também sobre o seu coração as inscreverei; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. E não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior. (Hb 8.10-11)

Finalmente, pode haver apenas uma reação a tão maravilhoso dom, que é a gratidão arrebatadora. Se o povo de Roma pôde celebrar o salário de dois meses e meio, e se puderam gritar: "Nobilíssimo César! Ó majestoso César!" por causa do testamento de um simples mortal, o que diremos do dom de Cristo? Se eles estiveram cheios de zelo para levantar e levar para fora dos portões de suas cidades os traiçoeiros vilões que causaram a morte de César, qual deve ser o

resultado de recebermos o livre dom da eternidade do próprio Deus? Seguramente essa herança, comprada com a morte livremente oferecida de Jesus Cristo, único Filho de Deus e Cordeiro sem manchas, deve levantar nossas vozes com os corações incandescentes em louvor. E devemos nos levantar contra os inimigos que o colocaram para morrer – a saber, nossos pecados – e conduzi-los com zelo santo para além dos portões de nossos corações, para fora dos limites de nossas vidas.

Se herdamos de Jesus Cristo, o Rei dos reis, começaremos a agir como príncipes e princesas, filhos reais do Deus de luz. Nós adoraremos aquele que garantiu tais bênçãos, e o Deus que é delas o autor, com tudo o que temos – ainda que com nossas próprias vidas. Como Isaac Watts dispôs em seu belíssimo hino: "Amor tão maravilhoso, tão divino, requer minha alma, minha vida, meu tudo".[7]

---

[1] William Shakespeare, *Julius Caesar*, Ato III, Cena II, 80-273.
[2] Philip E. Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), 366.
[3] Ray Stedman, *Hebrews* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1992), 100.
[4] *Ibid.*
[5] Andrew Murray, *The Holiest of All: An Exposition of the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Revell, 1993), 336–37.
[6] William Cowper, "*There Is a Fountain Filled with Blood", 1771.* [Em inglês: "*There is a fountain filled with blood,/ drawn from Immanuel's veins;/ And sinners plunged beneath that flood/ lose all their guilty stains*".] [Edição em português: Hinário Presbiteriano Novo Cântico, nº 106: *Fonte Carmesim*. São Paulo: Cultura Cristã.]
[7] Isaac Watts, "When I Survey the Wondrous Cross", 1707. [Em inglês: "*Love so amazing, so divine,/ demands my soul, my life, my all*".]

31

UMA VEZ POR TODAS



Hebreus 9.23-28

E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo, assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação. (Hb 9.27-28)

Qual foi o momento central na História humana? O modo como a pessoa responde essa questão me diz muito. Se responder dizendo ser a invenção da imprensa por Gutenberg, ou o início do Iluminismo, isso provavelmente significa que pensa que a História seja definida pelo progresso das ideias. Se responder que o momento-chave foi a publicação de *A origem das espécies*, de Darwin, indica que apoia o abandono do sobrenatural pelo puro naturalismo. Se disser que foi o desenvolvimento da democracia ateniense, ou a assinatura da Carta Magna, ou mais recentemente a Revolução francesa ou a Declaração de Independência dos Estados Unidos da América, revela sua crença na primazia da política.

Os gregos antigos recusariam responder tal questão, considerando-a ilegítima. Não acreditavam que poderia haver um momento crucial na História, uma vez que ela é circular. Para eles a alma do indivíduo não era imortal. Após a morte o indivíduo deixava de existir. O que permanecia eternamente era a marcha do tempo, o processo circular da História. Esse modo de pensar vem experimentando uma recente ressurgência na cultura ocidental, especialmente na literatura e filmes que celebram o "ciclo da vida".

Um dos livros mais influentes já escritos atacava esta filosofia da História frontalmente. O livro é *A cidade de Deus*, e seu autor foi o teólogo cristão Agostinho de Hipona. Agostinho escreveu seu livro para refutar o ônus de que o surgimento do cristianismo causara a queda de Roma. Ele alcançou seu propósito admiravelmente, e ao longo do caminho articulou a visão cristã e bíblica da História. Agostinho começou observando que há um evento na História que é único por sua natureza, a saber, a morte do Filho de Deus para o perdão dos nossos pecados. Por sua natureza esse evento poderia acontecer apenas uma vez. A partir dessa percepção, ele continuou desenvolvendo uma visão cristã da História que é linear; disse que a História tem um início, um momento crucial central e uma conclusão definida. De acordo com a apresentação da Bíblia feita por Agostinho, a História encontra sua consumação no dia do juízo, quando a cidade do homem e a cidade de Deus serão finalmente separadas. O momento decisivo da História foi a morte de Cristo, em torno do qual tudo o mais gravita.

A entrada de Cristo no céu

Hebreus 9 também apresenta a filosofia da História, que está bem de acordo com *A cidade de Deus* de Agostinho. Hebreus 9.23-28 fornece uma porta de entrada narrando o retorno de Cristo aos céus após sua morte e ressurreição. Devemos sempre lembrar que a ascensão de Jesus está associada à cruz. É tudo parte de uma obra integrada em sua primeira vinda. Jesus nasceu de uma mulher a fim de ser um representante adequado para o homem. Ele se tornou perfeito nos termos da lei, de modo a ter uma justiça perfeita para oferecer a Deus. Ambas as verdades são frequentemente enfatizadas na Carta aos Hebreus (por exemplo: 2.10-18; 5.9; 7.28). Jesus morreu na cruz para levar nossos pecados, ressuscitou de entre os mortos pelo Pai em aceitação desse sacrifício, por fim ascendeu aos céus para reinar para sempre como sacerdote e rei, e enviar o Espírito Santo para a salvação do seu povo. Tudo isso forma uma obra integrada, centrada na cruz.

Hebreus 9.23-28 enfatiza o evento culminante de todas essas realizações, a saber, a entrada de Cristo no céu, tendo oferecido seu próprio sangue por nosso pecado. "Era necessário", inicia o autor, "que as figuras das coisas que se acham nos céus se purificassem com tais sacrifícios" (Hb 9.23). Ele faz referência aos procedimentos no tabernáculo terrestre no período da antiga aliança, como descritos em Hebreus 9.18-22, que estudamos aqui que são "figuras das coisas que se acham nos céus". "Mas as próprias coisas celestiais, com sacrifícios a eles superiores. Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus" (Hb 9.23-24).

O autor de Hebreus quer que consideremos as implicações do retorno de Cristo ao céu como Redentor e Sumo Sacerdote, tendo derramado seu sangue na cruz. Considerando esse evento central, ele faz duas observações: a necessidade de um sacrifício melhor do que de touros e de bodes, e a aplicação desse melhor sangue de Cristo "figura do verdadeiro [...] no mesmo céu [...] diante de Deus" (Hb 9.24).

Em todo esse capítulo observamos a necessidade de um sangue que seja melhor do que aquele de touros e de bodes. Hebreus 9.9 coloca que os sacrifícios de animais, "no tocante à consciência, sejam ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto". O versículo 14 acrescenta que, em contrapartida, o sangue de Cristo é capaz de purificar "a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!" O sangue de sacrifícios animais, dos quais dependia a antiga aliança, era figura do verdadeiro sacrifício ainda por vir. É lógico, portanto, que no verdadeiro santuário do céu, onde o próprio Deus habita, seria necessário o verdadeiro sangue. A antiga aliança era provisória e figura de uma realidade verdadeira que agora já chegou. Por isso, a obra real de redenção feita por Cristo é efetuada com seu próprio sangue que alcança com sucesso a nossa salvação.

Essa observação é prontamente entendida, mas a próxima não é tão fácil. O que significa que Cristo purificou as coisas celestes em si com seu mais excelente sacrifício? Os comentaristas oferecem um número de perspectivas com respeito a "as próprias coisas celestiais" (Hb 9.23).

Uma proposta convincente vem de F. F. Bruce, que associa a purificação do santuário celeste com a purificação da nossa consciência, um tema predominante neste capítulo. Ele argumenta que o céu não precisa ser purificado, visto não estar contaminado. Também salienta que o Novo Testamento frequentemente descreve os fiéis reunidos como casa espiritual de Deus (veja 1Pe 2.5; Ef 2.22). Logo, é a purificação interior dos fiéis que tem em mente aqui, diz ele, pela contínua ação do Espírito Santo. Com respeito aos fiéis, Bruce diz: "São eles que precisam de purificação interior, não apenas sua aproximação a Deus deve estar livre de corrupção, mas devem ser uma habitação adequada para ele".[1]

Essas coisas são verdadeiras, mas não explicam adequadamente o que o autor de Hebreus diz a respeito aqui. O versículo 24 trata claramente da entrada de Cristo no céu. Ademais, o autor de Hebreus declara que o tabernáculo israelita era uma versão terrena da realidade celeste. Isso não significa que há um candelabro real, uma mesa de pão da proposição e um altar de incenso no céu, mas antes, que essas coisas simbolizavam características do relacionamento de Deus com o homem. O mesmo é verdade sobre a arca da aliança. A arca representava a condição do homem diante de Deus. Quando o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos, deparava-se com a arca com seus dois anjos de ouro, entre os quais Deus simbolicamente habitava. Sob o olhar de Deus estavam as tábuas dos Dez Mandamentos. Isso representa o grande problema do homem. Nosso primeiro problema não é nosso relacionamento com as outras pessoas, nem nosso trabalho, nem nossas finanças. Nosso problema é que somos transgressores da santa lei de Deus e que estamos em julgamento perante o seu trono santo. Estamos em risco da danação eterna. Essa é a realidade celestial simbolizada pela "figura terrestre" que era a arca da aliança.

Então, qual a importância da aplicação do sangue, que era aspergido sobre todas as coisas no tabernáculo? O mobiliário no tabernáculo terrestre fala dos grandes privilégios decorrentes de nossa comunhão com Deus. Porém, visto que caímos em pecado, não somos dignos desses privilégios. O candelabro fala da luz reveladora de Deus, apesar de pecadores não serem dignos de qualquer revelação, exceto aquela da ira de Deus. A mesa com o pão da proposição fala da íntima comunhão com o Deus vivo. Entretanto, a ideia de sentar-se à mesa com pecadores é repugnante ao caráter santo de Deus. O altar de incenso fala do privilégio do acesso a Deus em oração, todavia o homem em pecado não merece tal acesso.

Sem o sangue, à parte de um sacrifício, tudo no tabernáculo fala dos privilégios negados aos pecadores. Poderia haver apenas o penetrante olhar de Deus, as tábuas da lei abertas diante dele enquanto pecadores são condenados.

Portanto, você percebe o que o sangue conquistou. Pois, quando você aplica o sangue do sacrifício – o sacrifício que levou sobre si o pecado no lugar dos pecadores, o sacrifício que satisfez a justiça de Deus, desviando sua ira –, toda a situação é transformada. Agora, quando Deus se volta para o candelabro e vê o sangue aspergido, alegremente resplandece a luz aos pecadores. Por quê? Porque o sangue fala do caminho que ele providenciou em Jesus Cristo, o perdão dos pecados pelo sangue. O mesmo é verdade quanto à mesa do pão; Deus nos recebe e

nos alimenta porque o sangue do Cordeiro é aplicado. O mesmo ocorre com respeito ao acesso a Deus plenamente aberto pela oração, simbolizado pelo altar de incenso. Por causa do sangue, para nós o trono de Deus é o trono da graça, e nossas orações são recebidas como as de um filho amado. "Sem derramamento de sangue, não há remissão" (Hb 9.22). Mas, com o sangue aplicado a cada aspecto do nosso relacionamento com o Deus que vive no céu, há perdão, aceitação, bênção, luz e vida.

O sangue purificador nos fornece um relacionamento com Deus nesta vida e nos garante um lugar no céu. Sem o sangue, mesmo os anjos dificilmente tolerariam nossa presença ali, tão deplorável é a ideia de pecado a corações santos. Porém, o sangue de Cristo tornou o céu um lar para nós, e como Pedro indica em sua Primeira Carta, nos tornamos uma fonte de maravilha e alegria aos olhos dos anjos (1Pe 1.12). Não mais condenados, somos agora redimidos – filhos companheiros do Primogênito da nova criação.

Essa purificação do céu para nós pelo sangue de Cristo é o retorno ao centro da História. Este é o significado do versículo 26, ao dizer que Cristo, "ao se cumprirem os tempos, se manifestou uma vez por todas". Essa expressão marca isto como o centro decisivo da História, quando o plano redentor de Deus em sua plenitude enfatiza o clímax de toda a História. Antes de Cristo ir para os céus, tendo morrido na cruz e ressuscitado de entre os mortos, não havia qualquer maneira de os pecadores terem comunhão com o Deus santo. É verdade que isso fora prometido e simbolizado. É disso que trata o Israel do Antigo Testamento. Contudo, quando nosso grande Sumo Sacerdote entrou no céu com seu próprio sangue salvador, tudo mudou para sempre para aqueles que se aproximam de Deus por meio dele. Seu aparecimento lá para nós é o ato definitivo da História na medida em que diz respeito à salvação dos pecadores.

A finalidade da morte e do juízo

A visão correta da História é importante para nosso autor, e, para tornar as coisas perfeitamente claras, ele narra a história da obra redentora de Deus para a história pessoal de cada ser humano: "E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disso, o juízo, assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos [...]" (Hb 9.27-28). Há uma relação entre a história pessoal de cada indivíduo e a história redentora de Deus que está centrada na morte de Cristo. De fato, esta se adapta às necessidades daquela, portanto estão igualmente ordenadas.

A observação que o versículo 27 faz é importante. As pessoas querem saber – ou pelo menos deveriam – o que acontece após a morte. São desintegradas no nada, ou absorvidas num imenso mar cósmico impessoal? Essa era a visão geral dos gregos antigos. A melhor de suas esperanças era um vago "se". Como o historiador romano Tácito escreveu num tributo a um homem que admirava: "Se há qualquer habitação para os espíritos dos homens justos, se grandes almas não perecem com o corpo, podes descansar em paz". "Se" era tudo que poderia desejar. Marco Aurélio, o imperador filósofo de Roma, só conseguia pensar numa centelha da alma do homem

voltando a perder-se para sempre em Deus.[2] As pessoas que recorrem à tradição oriental da reencarnação têm uma esperança dificilmente melhor a oferecer. Elas pensam que as almas retornam à terra para uma labuta quase infinita vida após vida, até finalmente merecerem a recompensa do adormecimento.

Como o cristão responde a essa questão não poderia ser mais diferente. O que acontece após a morte? A resposta encontra-se em Hebreus 9.27: "E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo". Portanto, não há multiplicação da vida de um indivíduo. Há esta vida e a morte, e apenas estas, depois vem o juízo perante o trono santo de Deus. Há uma ressurreição tanto para o justo quanto para o injusto. Todos morrerão, e após a morte comparecerão perante Deus para serem julgados de acordo com o padrão perfeito da santa lei de Deus.

Isso descarta as muitas teorias da "segunda chance" que eventualmente são populares em círculos cristãos. As pessoas gostam de pensar que, se negamos Cristo nesta vida e então morremos em nossos pecados, podemos ter outra chance quando o encontrarmos após a morte. Não é assim, diz essa passagem. Após a morte é o juízo. Como advertiu Jesus: "[...] se não crerdes que EU SOU, morrereis nos vossos pecados" (Jo 8.24). De fato, os grandiloquentes versículos do evangelho de João 3 deixam claro que aqueles que recusarem Jesus Cristo perecerão: "Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus" (Jo 3.18).

Caso não tenha considerado esta realidade, se você ainda não fez qualquer provisão para o seu julgamento vindouro, que está tão próximo de você como sua morte, cuja data você ignora, permita que essa advertência se aplique a você. À frente de você está a morte, mas isso não é o fim. Ela conduz ao julgamento, um julgamento que pecadores não podem suportar. Jesus ensinou sobre o julgamento dos pecadores impiedosos, dizendo: "E irão estes para o castigo eterno" (Mt 25.46). Mas Jesus providenciou o perdão de que necessitamos. Ele morreu em nosso lugar na cruz, levando nossos pecados, e então compareceu perante Deus no céu com as marcas ainda em suas mãos e pés, seu sangue testemunhando sua obra redentora para todos quantos o contemplam pela fé. Se você confia em Jesus Cristo, não tem por que temer o juízo vindouro, pois Cristo exauriu a fúria que seus pecados mereciam. Para você, o julgamento será uma porta aberta para a vida eterna, um portal para a eternidade como filho amado de Deus.

Uma vez para sempre

A questão particular que nosso autor tem em mente, portanto, é mostrar que a morte de Cristo – seu sangue vertido e sua presença no céu como Redentor daquilo que lhe pertence – é um acontecimento de uma vez para sempre que muda tudo. Visto que Cristo morreu para remover nosso pecado, isso só precisa acontecer uma vez. Seu sangue é suficiente para a obra, assim, não há necessidade de repetição. Não apenas isso precisa acontecer apenas uma vez, mas só pode acontecer uma vez. Esta foi a observação feita por Agostinho. Cristo morreu para satisfazer a

justiça de Deus, e agora essa justiça está satisfeita. Ele morreu para pagar o débito, e, esse débito uma vez pago, a justiça perfeita de Deus jamais pode voltar atrás. As contas estão acertadas. Está consumado. A dívida foi paga. O sumo sacerdote de Israel vinha ao santuário com sangue sacrificial uma vez por ano, como sinal de inadequação do sangue animal. Contudo, é absurdo esperar o mesmo quando o sangue é do precioso Filho de Deus, o verdadeiro Cordeiro que esgota e encerra os sacrifícios uma vez para sempre.

Isso tem profundas implicações para nossa vida espiritual. Infelizmente, é uma experiência comum hoje em dia para os cristãos experimentar supostamente a experiência da conversão repetidamente. Alguns cristãos até são batizados várias vezes. A razão é que sentem uma crescente necessidade de lidar com a culpa do seu pecado. Vêm a Cristo, talvez numa reunião de avivamento que enfatizava a importância de uma decisão pessoal, respondendo a um chamado para vir até o altar. Ali entregaram seus corações a Jesus, prometendo fé a ele e inimizade ao pecado. A ênfase estava em sua ação, em sua decisão. À noite, enquanto se deitavam para dormir, havia uma alegria e uma paz que jamais conheceram; a alegria dos redimidos e a paz dos perdoados. De manhã, porém, acordaram no mundo e não no céu. Como seria mais fácil se assim o fosse! Eles acordaram ainda como pecadores, talvez para seu grande alarme. Embora verdadeiramente salvos, e embora Deus lhes tenha dado o novo nascimento, perceberam que ainda pecavam. Sim, muitas vezes o Senhor dá graça para uma libertação imediata de pecados particulares, e isso é um forte encorajamento para o novo crente. Porém, libertação total do poder do pecado, escape total da nossa natureza pecaminosa, advém somente com a morte, e não com a conversão. Isso é porque Hebreus tão fortemente previne os crentes a evitar as armadilhas do pecado (cf. 3.13; 12.1); se o pecado não fosse mais problema, tais advertências não fariam o menor sentido.

Mas, o crente fraco descobre continuamente a realidade do pecado, para seu assombro. Com medo dilacerante, ele contempla um juízo do qual agora está mais agudamente consciente do que antes. Repetidamente busca o perdão a partir dos recursos da sua própria capacidade para acreditar e se arrepender, uma capacidade que é limitada e insuficiente para tamanha tarefa. Vidas inteiras são consumidas assim, buscando uma conversão que finalmente se fixa, buscando uma experiência que fará o trabalho, buscando uma paixão que os purificará de uma vez por todas.

Se somos salvos por nossa fé, não seria "uma vez para sempre", porque nossa fé em si não é confiável ou permanente. Nós avançamos e regredimos, às vezes fracos, às vezes fortes. "Uma vez para sempre" não é uma expressão usada por nós – para nossa fé ou para nosso arrependimento. Você não pecou pela última vez, lamento dizer isso! Você ainda não experimentou sua última dúvida, ou derramou sua última lágrima pelo pecado e fracasso.

No entanto, as boas-novas do evangelho é que você não é salvo pela sua fé, mas por Cristo. O que não se pode dizer sobre você, pode-se dizer dele. A morte dele salva você, e essa aconteceu uma vez para sempre. A entrada dele no céu para ministrar a você ali o salva, sustenta sua fé

fraca e hesitante, e isso é uma vez por todas. O que não é uma vez para sempre para você é para ele. Onde, então, a paz deve ser encontrada, uma paz que dura, uma paz que seja de uma vez para sempre? Não está em nós, mas em Cristo. Sim, devemos recebê-la pela fé, mas não é em nossa fé que a salvação está fundamentada, mas nele, de quem se pode dizer: "uma vez para sempre".

Das nossas próprias ações jamais originaremos paz, esperança ou júbilo. A Escritura diz que em Deus "não pode existir variação ou sombra de mudança" (Tg 1.17), mas não podemos dizer o mesmo de nós. Mas uma vez para sempre nosso Senhor Jesus Cristo compareceu perante Deus, e ali permanece, sustentando as marcas do seu sacrifício de uma vez por todas. Porque ele ali está, nosso perdão é de uma vez para sempre, e o amor de Deus por nós está garantido para sempre. Cristo não tem de morrer várias vezes. Não tem de apresentar seu sangue para Deus novamente, porque ele "se manifestou uma vez por todas, para aniquilar, pelo sacrifício de si mesmo, o pecado" (Hb 9.26). Portanto, não precisamos buscar perdão uma e outra vez, mas devemos descansar nossos corações em Cristo e então nos ocupar servindo à sua causa no mundo.

Esperança para os que aguardam

Permitam-me concluir fazendo duas observações que, seguramente, são centrais às intenções do autor para este texto. Primeiramente, na morte de Cristo e em sua ascensão aos céus, algo definitivo aconteceu. É uma obra definitiva com um resultado definitivo: "tirar os pecados de muitos" (Hb 9.28).

Esse texto contém uma declaração do significado e finalidade da História como um todo. O significado é o aparecimento de Jesus Cristo como a intervenção decisiva que modifica todas as coisas. Foi esta a importância da sua primeira vinda: Cristo foi sacrificado... para comparecer por nós na presença de Deus. Essa dupla ação – a morte de Cristo para nosso perdão e a vida de Cristo para nossa salvação – é o foco de toda a história da redenção. Paulo escreve em Romanos 6.10: "[...] quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; quanto a viver, vive para Deus". Cristo morreu definitivamente e ele vive definitivamente, assegurando nossa salvação por seu testemunho eterno de sua obra de uma vez para sempre da redenção. Juntas, sua morte e sua vida eterna no céu são os meios para nossa salvação: "Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus" (Hb 9.24).

O versículo 26 expressa então o fim para o qual tudo isso está direcionado: "para aniquilar [...] o pecado". O versículo 28 diz novamente: "para tirar os pecados de muitos". Cristo removeu nosso pecado. Sua obra foi direcionada para esse propósito, realizada de uma vez por todas e para sempre. Essa foi a intenção concebida pela obra salvífica de Cristo, tudo quanto está agora declarado no tempo passado. Ele foi sacrificado... ele entrou no céu para comparecer por nós. É uma obra definitiva, realizada, garantida e finalizada. Sim, ainda lutamos contra o pecado; ele está derrotado, mas não removido. Portanto, ansiosamente aguardamos o retorno de Cristo para

nos salvar dessa batalha. No entanto, enquanto aguardamos, estamos para sempre seguros nele. Eis o motivo por que podemos cantar a respeito desta luta com tal confiança e esperança:

> Quando as trevas encobrem sua linda face amorosa,
> descanso em sua imutável graça;
> em cada elevado e tempestuoso vendaval,
> minha âncora firma-se no interior do véu.
> Em Cristo, a sólida rocha, estou;
> quaisquer outros fundamentos são areia movediça.[3]

Isso leva à minha segunda observação, a saber, que embora a morte de Cristo e seu comparecimento no céu por nós sejam o ponto central da História, não é o fim da História: "Cristo [...] aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação" (Hb 9.28).

O que falta, então, além da prorrogação deste evangelho, para o ajuntamento dos redimidos pela fé em Cristo? A História teve um início com a criação de todas as coisas. A História tem um problema, qual seja, a queda do homem no pecado e sua condenação. A História tem um momento de redenção que responde às nossas necessidades: a primeira vinda de Cristo, com sua morte, ressurreição e ascensão aos céus como nosso Salvador. A história também tem sua culminação: o retorno de Cristo não em fraqueza, mas em glória, "não para tirar o pecado, mas para trazer salvação aos que o aguardam" (Hb 9.28 – NVI). Quão grande esperança isso concede a todos os que creem e lutam neste mundo. O grande puritano John Owen escreve:

> A fé na segunda vinda de Cristo é suficiente para sustentar as almas dos crentes, e conceder-lhes consolação satisfatória em todas as dificuldades, provações e sofrimentos. Todo verdadeiro crente vive em espera, paciente expectativa da vinda de Cristo. É uma das características mais distintivas de um crente sincero. [...] Na segunda vinda de Cristo haverá um fim para os cuidados com o pecado, tanto de sua parte quanto da nossa.[4]

O julgamento é inevitável, mas o pecado não. Não teremos de suportar o pecado para sempre. Não é simplesmente o modo como as coisas são ou sempre serão. O pecado faz parte de nossas preocupações, e, mesmo quando ainda lutamos contra ele, sabemos que a coroa do vencedor não está tão distante.

O que importa, então, é, na verdade, apenas uma coisa. Você está em Cristo? Ele morreu por você? Quando ele penetrou os céus comparecendo perante Deus como a garantia da salvação e como intercessor do seu povo, seu nome estava junto desse número? O modo de saber ao certo é depositar sua confiança nele. Se temos confiança nele, então temos aquela paz e aquela alegria que devem frutificar em nossas vidas. Aguardamos por ele e, enquanto aguardamos, nós o servimos e o adoramos com todo o nosso ser, testemunhando ao mundo perdido e culpado. Essa é a adoração daqueles que têm alegria e esperança, que aguardam o grande dia quando a salvação virá quando do retorno de Cristo.

[1] F. F. Bruce, *The Epistle to the Hebrews,* rev. org., New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), 229.
[2] Citado em William Barclay, *The Letter to the Hebrews* (Filadélfia: Westminster, 1976), 111.
[3] Edward Mote, "My Hope Is Built on Nothing Less", 1834. [Em inglês: "*When darkness veils his lovely face,/ I rest on his unchanging grace;/ in every high and stormy gale,/ my anchor holds within the veil./ On Christ, the solid rock, I stand;/ all other ground is sinking sand*".] [Edição em português: Hinário Presbiteriano Novo Cântico, nº 93: Firmeza na fé. São Paulo: Cultura Cristã.]
[4] John Owen, *An Exposition of the Epistle to the Hebrews*, 7 vols. (Edimburgo: Banner of Truth, 1991), 6:417.

32

O CORPO DE CRISTO



Hebreus 10.1-10

> [...] *ao entrar no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste; antes, um corpo me formaste; não te deleitaste com holocaustos e ofertas pelo pecado. Então, eu disse: Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade.* (Hb 10.5-7)

Eu compreendo o namoro, agora que sou casado. Quando entrei na faculdade, compreendi o ensino médio perfeitamente. Eu também sei como é começar no seu primeiro emprego, acabar de sair da faculdade, sonhar em ser bem-sucedido. Conheço as alegrias e as armadilhas. Contudo, é uma pena que eu não os entendia enquanto estava passando por eles. Acho que daqui a alguns anos vou compreender a criação de filhos; mas agora, com uma casa cheia de crianças, estou me sentindo um pouco incapacitado em alguns aspectos. Parece que nós nunca entendemos algo de fato até que não seja mais preciso entender, até que possamos olhar para trás com uma visão mais abrangente, mas tardia.

Um fenômeno parecido é apresentado no início de Hebreus 10. O escritor de Hebreus está olhando para trás, para a vida sob a lei na antiga aliança de Israel, com percepções que realmente não eram possíveis para aqueles que viveram no período. A preocupação dele, como tem sido em toda essa carta, é que sua comunidade cristã recém-formada tenha uma perspectiva adequada sobre o judaísmo – uma perspectiva a partir da nova aliança – e assim resista à tentação e à perseguição que buscavam levá-la de volta para as antigas formas.

Como muitas vezes descobrimos, as observações do escritor acerca da antiga aliança oferecem reflexões úteis sobre nossa atual vida na nova aliança. Da mesma forma, as minhas reflexões sobre namoro me ajudam em meu casamento. Minhas experiências no primeiro emprego têm algo a acrescentar no meu emprego atual. Minhas memórias de infância podem lançar alguma luz nas regiões inexploradas da criação de filhos. Da mesma maneira, as reflexões sobre a vida na antiga aliança podem nos dar algumas ideias em nossa vida como cristãos.

Compreendendo o Antigo Testamento

Em nosso último estudo, recebemos uma aula de história a respeito do sacrifício definitivo de Cristo. Hebreus 10 inicia com outra aula de história redentiva: "[...] a lei tem sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas" (Hb 10.1). Um relacionamento é estabelecido aqui, uma sequência entre a antiga aliança, a nova aliança e as boas coisas que ainda estão por vir no

final da história redentiva. O escritor de Hebreus diz que a lei não passava de uma sombra das realidades celestiais. Por sombra ele quer dizer um esboço incompleto. Podemos imaginar uma pessoa que fica em frente a um objeto e bloqueia os raios do sol. A sombra é o contorno projetado atrás da pessoa. De forma semelhante, a realidade em Cristo projeta sua sombra sobre a antiga dispensação, mas só um simples esboço.

A ênfase principal aqui tem a ver com a rigidez da imagem disponível aos santos do Antigo Testamento. João Calvino explica que as coisas da lei "eram como esboços grosseiros que são a prefiguração da imagem viva. Antes de colocar as verdadeiras cores, os artistas geralmente traçam a lápis a imagem que eles pretendem pintar".[1] A lei foi uma sombra assim na antiga aliança.

Essa afirmação estabelece algumas observações para a interpretação do Antigo Testamento à luz do Novo. Primeiro, essa passagem afirma uma continuidade básica entre o Antigo e o Novo Testamento. Alguns cristãos negam isso. Eles sustentam que somente o Novo Testamento é válido para nós. Essa visão é encontrada particularmente nas antigas formas de teologia dispensacional, embora esse excesso seja geralmente corrigido pelos dispensacionalistas hoje. Por causa dessa lógica, algumas pessoas rejeitam porções vitais da Escritura como os Dez Mandamentos e até mesmo a oração do Pai nosso – já que ela foi ensinada aos judeus sob a lei. Essa interpretação levou à proliferação das edições da Bíblia que traziam apenas o Novo Testamento, junto com os Salmos e Provérbios.

A nossa passagem, contudo, enfatiza uma unidade básica. O Antigo Testamento é a realidade em Cristo projetada para trás, redentivamente falando. Os santos do Antigo Testamento foram salvos pelo sangue de Cristo, para o qual os sacrifícios de animais só apontavam.

Na maioria das traduções em português, a sombra da lei é contrastada com "a imagem exata" dessas realidades, como na Almeida Revista e Corrigida, ou com "a realidade dos mesmos" benefícios, conforme a tradução da Nova Versão Internacional. No texto grego a palavra é *eikona,* que é uma forma da palavra *eikōn*. Os léxicos gregos traduzem isso como "imagem" ou "semelhança". Essa é a mesma palavra que Paulo usou com relação a Cristo em Colossenses 1.15: "Esta é a *imagem* do Deus invisível". A Almeida Revista e Atualizada faz um trabalho muito melhor na versão de Hebreus 10.1, traduzindo o termo como "a imagem real" em vez de "a realidade".

Isso revela o que Calvino estava tentado dizer com seu exemplo de pintura. Há uma realidade que espera por nós nos últimos dias. Há a verdadeira imagem, o retrato detalhado da realidade representada em Cristo. Ele é "o caminho, e a verdade" (Jo 14.6); nele nós agora temos a verdadeira semelhança das coisas celestiais. Mas nós ainda não estamos no céu. A sombra de Cristo está projetada sobre a lei. É um esboço incompleto, mas com real continuidade com as coisas por vir. Essa imagem depende de uma unidade real entre os testamentos, embora explique também a diferença entre os dois.

Outra coisa que queremos observar acerca do Antigo Testamento é que o assunto de que ele trata é Cristo. Para ser exato, é Cristo em forma de sombra por meio de vários tipos e representantes no Antigo Testamento. Mas ainda assim o assunto é Cristo. Toda vez que interpretamos o Antigo Testamento com resultados que se opõem ao evangelho, ou que não tenham relevância para Cristo e sua obra salvadora, nós nos esquecemos desse princípio vital e compreendemos equivocadamente o Antigo Testamento. O próprio Jesus enfatizou isso após sua ressurreição, quando ele ensinou aos discípulos no caminho de Emaús: "E, começando por Moisés, e discorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras" (Lc 24.27). Cristo não é encontrado somente em passagens selecionadas do Antigo Testamento, mas "em todas as Escrituras". Deve ter sido um sermão maravilhoso, mas não precisamos pensar que haja algo que Cristo revelou aos discípulos em Emaús que não esteja da mesma forma disponível para nós no Antigo Testamento. Além do mais, por 40 dias antes de sua ascensão aos céus, Jesus ensinou aos apóstolos com base no Antigo Testamento, e a abordagem histórico-redentiva que eles aprenderam com ele aparece por todo o Novo Testamento.

A nossa passagem de Hebreus nos informa, porém, que as imagens de Cristo no Antigo Testamento serão incompletas. Não deveria ser surpresa para nós que cada tipo de Cristo, cada antecipação profética e cada promessa feitos na antiga aliança forneçam apenas esboços incompletos e não uma correspondência ponto a ponto. A antiga aliança era uma sombra, e por sua própria natureza uma sombra é melhor compreendida quando a realidade está lá para ser vista. Aqueles que podem consultar a versão final podem finalizar um rascunho com maior facilidade. Por esse motivo é que o cristão com o Novo Testamento é capaz de dar a interpretação adequada ao Antigo Testamento. De fato, assim como um marido que olha para a época de namoro, os cristãos possuem uma melhor compreensão do Antigo Testamento do que aqueles que viveram naquela época, e certamente uma melhor compreensão do que os intérpretes de hoje que não acreditam no Antigo Testamento. Porque temos Cristo, a quem o Antigo Testamento prefigurava, temos "mais confirmada a palavra profética" (2Pe 1.19).

Tudo o que dizemos acerca de interpretar o Antigo Testamento tem relação com o sistema religioso do Antigo Testamento. Se a lei era uma sombra, um rascunho incompleto, então não era de se esperar que os sacrifícios dela funcionassem adequadamente. Qualquer um que dependesse dos mecanismos de sacrifício de animais do Antigo Testamento ficaria horrivelmente desapontado com os resultados reais. Como Hebreus 10.1 coloca, eles não podiam "tornar perfeitos os ofertantes".

Tudo isso ficou claro pelo simples fato de que os sacrifícios eram "ano após ano, perpetuamente" oferecidos (Hb 10.1). O fato de que nada tinha sido feito para remover a culpa das pessoas deixou perfeitamente clara a necessidade de um sistema mais real de expiação. Afinal, eram animais sem vontade própria e capacidade de fala que estavam sendo sacrificados pelos pecados intencionais e volitivos de seres humanos com espírito.

De fato, Hebreus 10.3 faz o comentário revelador que longe de remover o pecado, o sistema do Antigo Testamento fazia "recordação de pecados todos os anos". Os sacrifícios apontavam não para si mesmos como uma solução, mas apontavam para outra direção. O principal ensino deles não era o que eles podiam fazer, mas o que eles não podiam. William Barclay explica isso com uma simples analogia:

> Um homem está doente. Um frasco de remédio é prescrito para ele. Se aquele remédio promove uma cura, toda vez que ele olha para o frasco depois disso, ele dirá: "Foi aquilo que me devolveu a saúde". Por outro lado, se o remédio é ineficaz, toda vez que ele olha para o frasco ele se lembrará que ele está doente e que a cura recomendada foi inútil.[2]

Exatamente nesse sentido temos de ver o Antigo Testamento como uma questão que exige uma resposta, um choro que espera por consolo, como alguém faminto que espera pelo pão da vida. "Até quanto Senhor?", foi o clamor nos lábios de muitos profetas; foi o anseio coletivo daquela aliança que era a sombra de coisas superiores por vir.

Na verdade, a ilustração de Barclay de fato não é suficientemente abrangente. Os sacrifícios em vigor não somente mostravam sua própria futilidade, mas dramatizavam um perigo maior. Eles proclamavam diariamente, à medida que cada cordeiro e bode era sacrificado: "Isso é o que vai acontecer com você a menos que uma expiação melhor seja encontrada". Eles eram uma lembrança não somente de pecado e falha, mas do julgamento que tem de vir como consequência.

Um contraste eloquente

Hebreus 10.5-7 também destaca a insuficiência dos sacrifícios do Antigo Testamento para atingir a vontade de Deus. Novamente, o escritor faz uma citação dos Salmos, dessa vez do salmo 40: "Por isso, ao entrar no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste; antes, um corpo me formaste; não te deleitaste com holocaustos e ofertas pelo pecado. Então, eu disse: Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade" (Hb 10.5-7; cf. o Sl 40.6-8).

Há várias formas de olharmos para a afirmação de que esse salmo veio da boca de Jesus. Uma delas é que podemos observar que o salmo 40 foi dito pelo rei Davi, que foi um importante tipo de Cristo no Antigo Testamento. O Antigo Testamento contém muitos tipos de Cristo como parte de sua sombra naquela aliança. Alguns tipos eram instituições, como o templo. Outros eram rituais específicos como aqueles do sistema sacrificial. Outros tipos eram pessoas, e entre elas se destacava Davi, de cuja linhagem de fato nasceria Jesus. O ponto aqui é que as afirmações de Davi no salmo 40 na verdade não podiam se referir ao próprio Davi: "Sacrifício e oferta não quiseste; antes, um corpo me formaste". É difícil entender como isso se aplica a Davi, um homem sob a antiga aliança. Portanto, essa afirmação tem de ser uma antecipação da missão de Cristo, cuja sombra é encontrada nesses versos. Essa é a visão de João Calvino, que vê o salmo

40 como uma predição da vinda de Cristo para cumprir a lei. Outra razão pela qual o salmo 40 pode ser atribuído aos lábios de Jesus é que o seu conteúdo corresponde à encarnação. O escritor de Hebreus diz: "Ao entrar no mundo, [Cristo] diz [...] um corpo me formaste".

Hebreus 10.5-7 emprega um contraste entre aquilo que Deus não deseja e aquilo que ele deseja. Deus não deseja sacrifícios e ofertas, mas sim a obediência. Nesse sentido, contudo, podemos dizer que Deus não desejava sacrifícios e ofertas, quando ele era aquele que estabeleceu essas mesmas ordenanças como forma de se achegar a ele na antiga aliança? Uma forma de resolver essa dificuldade é relembrar as muitas passagens proféticas que expressam o desprazer de Deus com o ritual sacrificial. Essas advertências não condenam os sacrifícios em si, mas a hipocrisia daqueles que os ofereciam de forma automática sem qualquer envolvimento do coração. Um bom exemplo disso vem do salmo 51, em que Davi clama: "Pois não te comprazes em sacrifícios; do contrário, eu tos daria; e não te agradas de holocaustos. Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus" (Sl 51.16-17). O mesmo se pode dizer hoje acerca das pessoas que adoram de forma automática. Como Jesus ensinou à mulher samaritana: "[...] os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores" (Jo 4.23).

Mas há uma questão mais fundamental a ser tratada. Talvez o melhor exemplo do Antigo Testamento venha do ministério de Samuel em seu confronto com o perverso rei Saul. Saul desobedeceu uma ordem explícita de Deus de não levar cativo gado algum dos inimigos dele. Quando Samuel o desafiou por causa disso, Saul se ofereceu para sacrificar a Deus alguns de seus animais contrabandeados, de certo modo pagando a Deus, seguindo rigorosamente o sistema levítico. A dura repreensão por parte de Samuel é famosa: "Tem, porventura, o SENHOR tanto prazer em holocaustos e sacrifícios quanto em que se obedeça à sua palavra? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros" (1Sm 15.22).

Com essas palavras, Samuel removeu o reinado de Saul, dando-o a Davi, o jovem desconhecido, que era "um homem que [...] agrada [a Deus]" (1Sm 13.14). O que tanto Samuel quanto a passagem querem dizer é que, embora Deus tenha estabelecido os sacrifícios de animais, esse não era o verdadeiro desejo dele. Os sacrifícios não eram uma afirmação da solução, mas do problema. O que Deus deseja de nós é obediência, não sacrifícios para cobrir nossa desobediência. Os sacrifícios mostravam a presença constante e a natureza repugnante do pecado. Isso ficava claro toda vez que o peito de um cordeiro era aberto e o sangue descia pelo altar. Não era isso que Deus desejava; essa não era uma expressão daquilo que agrada o coração santo dele. Não, o que agrada a Deus é a obediência de coração das pessoas que ele comprou com seu amor.

Outra expressão clássica disso vem de Miqueias 6, em que o profeta pergunta se sacrifícios é o que Deus realmente quer. Ele responde: "Agradar-se-á o SENHOR de milhares de carneiros, de dez mil ribeiros de azeite? [...] Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o SENHOR pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus"

(Mq 6.7-8). Aqui está o eloquente contraste entre Cristo e o sistema do Antigo Testamento, conforme traduz o escritor de Hebreus: "Sacrifício e oferta não quiseste; antes, um corpo me formaste; não te deleitaste com holocaustos e ofertas pelo pecado. Então, eu disse: Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade" (Hb 10.5-7).

Obediência agrada a Deus. Ele fica satisfeito com um coração ansioso por fazer a vontade dele, por ter uma vida que expressa o seu caráter apresentado nos Dez Mandamentos, ou como Jesus os resumiu: "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mt 22.37-39). É isso que Deus quer, somente isso o satisfaz.

O corpo de Cristo

Além do contraste entre o que agrada e o que não agrada a Deus, Hebreus 10.1-10 contrasta os sacrifícios animais e o autossacrifício de Cristo. O sacrifício de um animal era válido quando o sangue era derramado e a vida retirada; dessa forma ele representava o terrível salário do pecado humano. Mas eles não tinham valor suficiente para satisfazer a Deus. Com respeito a isso,

F. F. Bruce com certeza penetra o pensamento do autor quando observa: "O contraste feito por nosso autor é [...] entre o sacrifício involuntário de animais indefesos e 'sacrifício que envolve obediência, o sacrifício de um ser racional e espiritual, que não é passível de morte, mas que ao morrer executa em si mesmo a vontade de Deus'".[3]

Essa reflexão vem somar ao que já refletimos acerca de Jesus Cristo e de sua morte sacrificial superior e de valor absolutamente suficiente. Em um estudo anterior, nós destacamos o valor desse sacrifício por causa da vida divina de Jesus; o valor desse sangue se devia à condição dele de Filho de Deus. Além do mais, nós percebemos o valor desse sacrifício no fato de Cristo ser um cordeiro imaculado, sem culpa ou defeito proveniente do pecado. A isso, porém, acrescenta-se ainda maior valor, a saber, que o sacrifício de Cristo representa aquilo que Deus valoriza acima de qualquer outra coisa – a obediência à vontade dele.

"Um corpo me formaste [...]. Eis aqui estou [...] para fazer, ó Deus, a tua vontade", nossa passagem é atribuída a Cristo (Hb 10.5-7), e esse é o sacrifício que agrada a Deus. Com respeito a isso, pode ter havido em todo o curso da História um momento mais precioso para o coração de Deus do que quando o seu único Filho ofereceu a ele sua vontade, morrendo na cruz? O Evangelho segundo Mateus nos conta os terríveis eventos na noite da prisão, quando Jesus foi orar sozinho no jardim do Getsêmani, preparando-se para a terrível provação física adiante dele, e a provação espiritual – ainda mais terrível – da ira de Deus derramada contra o pecado. Mateus registra a cena: "Adiantando-se um pouco, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres" (Mt 26.39).

“Obedecer é melhor do que sacrificar”, Samuel tinha dito. Mas quem sempre obedeceu assim? Quem cumpriu perfeitamente a vontade do Pai, tanto em termos da lei moral como em termos de cumprimento da tarefa a ele designada? “Aqui estou”, Jesus poderia dizer a Deus todos os seus dias, mas especialmente nos dias de sua paixão, “para fazer, ó Deus, a tua vontade”. Tudo o que foi escrito sobre ele no livro, conforme mostra o versículo 7 – ou seja, toda a lei de Deus que expressava o caráter de Cristo – ele fez. Mas isso diz respeito especialmente às muitas sombras de Cristo, às profecias que expunham o terrível caminho de obediência que levou à cruz. Isaías 42.1 disse: “Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz; pus sobre ele o meu Espírito, e ele promulgará o direito para os gentios”. É isso que encontramos na vida de Jesus. Mais importante ainda são palavras como aquelas registradas no salmo 22, que falou em termos terríveis sobre a cruz que ele iria suportar por causa de nossos pecados, em perfeita obediência à vontade de Deus: “Derramei-me como água, e todos os meus ossos se desconjuntaram; meu coração fez-se como cera, derreteu-se dentro de mim. [...] Posso contar todos os meus ossos; eles me estão olhando e encarando em mim. Repartem entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica deitam sortes” (Sl 22.14-18).

As pessoas reclamam da doutrina da predestinação alegando que ela nos torna meras marionetes, sem obediência de coração. Mas isso não é verdade. Nunca houve um homem cuja vida fosse tão roteirizada quanto Jesus; a vida dele não somente foi predestinada, mas também pré-registrada em pormenores. Mesmo assim a obediência a esse roteiro de forma alguma foi mecânica. Aqui estava o divino Filho de Deus em carne, o mais livre do todos os homens já nascidos. Ainda assim, essa liberdade deu frutos em máxima conformidade com a vontade de Deus para ele, como é apresentado nas Escrituras, predestinado e pré-registrado. “Aqui estou”, ele diz para a maior de todas as alegrias de Deus, vim “para fazer [...] a tua vontade”. Ovelhas e bodes, mesmo aos milhares, nem de longe poderiam proporcionar tamanha felicidade a Deus. F. F. Bruce coloca isto muito bem:

> A obediência de todo o coração é o sacrifício que Deus realmente deseja, o sacrifício que ele recebeu com perfeição da parte de seu Filho-Servo quando ele veio ao mundo. [...] As palavras do salmista, “agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus”, resumem o tom geral da vida e ministério de nosso Senhor e expressam a essência do verdadeiro sacrifício que Deus deseja.[4]

O melhor sacrifício que o Antigo Testamento exigia – a não ser que a faca desça sobre nós e não em ovelhas, bodes e touros –, o sacrifício que agrada a Deus e é aceito por ele, é o sacrifício de Cristo. “Sacrifícios e ofertas não quiseste” – essa foi uma afirmação do problema. Mas Jesus respondeu: “um corpo me formaste [...] aqui estou [...] para fazer, ó Deus, a tua vontade”. Jesus ofereceu a Deus em favor de nós um sacrifício que envolvia obediência real e de alto custo no cumprimento das perfeitas exigências da lei de Deus.

É significativo que o escritor de Hebreus ligue a encarnação de Cristo com a sua morte sacrificial: “um corpo me formaste” (Hb 10.5). Porque Deus deseja obediência, ele preparou um

corpo para o seu Filho, o Verbo eterno – um corpo no qual ele pudesse viver no mundo, honrar a Deus e morrer em obediência ao mandamento dele. Atanásio, o grande pai da igreja, disse: "Como o Verbo que é imortal e Filho de Deus não lhe era possível morrer, e essa é a razão por que ele assumiu um corpo capaz de morrer [...] quando ele ofereceu seu próprio templo e instrumento corporal como um substituto pela vida de todos, ele cumpriu na morte tudo o que foi exigido".[5]

Em outras palavras, aquele bebezinho sobre o qual cantamos no Natal nasceu por causa da cruz. A manjedoura foi o início, e a cruz era o destino. É por isso que o anjo disse a José: "lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles" (Mt 1.21). Deus preparou um corpo para o Filho eterno, para que ele pudesse obedecer ao Pai com alegria todos os seus dias. Jesus disse aos seus discípulos: "A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra" (Jo 4.34). Quando aquele corpo, preparado para ele por Deus, foi crucificado pelos pecados de seu povo é que ele finalmente pôde descansar daquela obra de amor. Somente após a cruz é que Jesus disse: "Está consumado" (Jo 19.30), entregando, feliz, seu espírito nas mãos de Deus.

Um novo e vivo caminho

Por tudo isso é que Jesus não precisou de qualquer sacrifício animal quando apareceu no verdadeiro santuário que é o céu. Ele tinha feito a vontade de Deus e entrou por seus próprios méritos. Sem dúvida, isso é algo que não podemos dizer de nós mesmos. Nós não entramos por nossos próprios méritos; mas pelos méritos dele, tendo o sangue dele lavado os nossos pecados. É assim que nossa passagem termina, com a observação de que ele "remove o primeiro", ou seja, o antigo sistema da antiga aliança, "para estabelecer o segundo" (Hb 10.9), ou seja, o novo e vivo caminho aberto por sua própria obediência perfeita à vontade de Deus. Foi isso que rasgou o véu no templo, abrindo o caminho para Deus: um homem perfeito que rendeu obediência que agrada a Deus, para que todos que vêm por intermédio dele entrem livremente. Ele pôs de lado a lei, com todas as suas ordenanças, como caminho até Deus. Ele é "a porta das ovelhas" (Jo 10.7) por meio da oferta de sua própria vida obediente.

Hebreus 10.10 conclui nossa passagem com esta mesma ênfase: "Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas". Deus é santo, o céu dele é santo, os padrões e exigências dele são santos também. Hebreus 12.14, portanto, afirma corretamente: sem santidade "ninguém verá o Senhor". Por meio da fé em Cristo somos santificados, porque o corpo dele foi oferecido por nós de uma vez por todas. Já não somos como o resto do mundo aos olhos de Deus. Já não somos o que anteriormente éramos para ele. Nós somos santos, porque Cristo conquistou a aprovação de Deus com a perfeita obediência de sua própria vida.

Como, então, iremos viver, tendo sido santificados por Deus por meio da obra salvífica de Cristo? O apóstolo Paulo respondeu muito claramente no fim de sua grande exposição da

misericórdia salvífica de Deus: “Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Rm 12.1).

Com certeza é assim que devemos adorar nosso Deus, que nos salvou com tal evangelho. A Bíblia sempre define a verdadeira adoração nos termos estabelecidos por Jesus no salmo 40, recordados em Hebreus 10.5-7: “Sacrifício e oferta não quiseste; antes, um corpo me formaste; não te deleitaste com holocaustos e ofertas pelo pecado. Então, eu disse: Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade”. Para isso agora serve o nosso corpo e a nossa vida, para serem sacrifícios vivos, oferecidos livremente por portadores da imagem de Deus redimidos que anseiam por agradar a seu Senhor e Salvador.

O que você dá a Deus que possui todas as coisas? O que daremos além de nossa gratidão por tão grande salvação? Ele já possui tudo em toda a criação. Se você quer agradar a Deus (e o que poderia valer mais a pena em toda a vida?), se você quer dar satisfação a ele (e quem é mais digno de nossa adoração?), então você fará a vontade dele, como está escrito no Livro dele, em nome de Jesus Cristo, que amou você e se entregou por seus pecados.

---

[1] João Calvino, *New Testament Commentaries*, 12 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), 12:132.
[2] William Barclay, *The Letter to the Hebrews* (Louisville: Westminster/John Knox, 1976), 113.
[3] F. F. Bruce, *The Epistle to the Hebrews,* rev. org. (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), 241, citando J. Denney, *The Death of Christ* (Londres, 1951), 131.
[4] *Ibid.*, 240, 242.
[5] Atanásio, *De Incarnatione,* 9, 44, 17.

33

UMA GRANDE CONCLUSÃO



Hebreus 10.11-18

> *E disto nos dá testemunho também o Espírito Santo; porquanto, após ter dito: Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei no seu coração as minhas leis e sobre a sua mente as inscreverei, acrescenta: Também de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre. Ora, onde há remissão destes, já não há oferta pelo pecado.* (Hb 10.15-18)

Algumas das passagens mais memoráveis de toda a Bíblia são aquelas que servem como conclusão para grandes porções doutrinárias da Escritura. Provavelmente duas das mais famosas venham da carta de Paulo aos Romanos. No capítulo 8 Paulo resume sua exposição sistemática da doutrina da salvação com uma afirmação grandiosa e muito estimada da doutrina da segurança cristã:

> [...] eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor. (Rm 8.38-39)

Partindo dessa base elevada, Paulo sobe ainda mais, adentrando na doutrina de Deus e de sua soberania nos capítulos 9-11 e atingindo o clímax com sua grande conclusão: "Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! [...] Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!" (Rm 11.33-36).

Talvez falte a Hebreus 10 a grande eloquência daquelas grandes conclusões. Na verdade, a ausência desse tipo de esplendor retórico é um dos muitos indicadores de que o apóstolo Paulo não escreveu Hebreus. Ainda assim temos nessa passagem outra grande conclusão. Se não é tão grande em sua prosa, então ela é grande em suas ideias, grande em termos da magnitude e importância do argumento que ela traz para um fechamento.

Uma grande afirmação

A seção doutrinária central de Hebreus começa no capítulo 7. Nessa extensa exposição o escritor compara Cristo e sua obra sacerdotal com todo o sistema sacrificial da antiga aliança. Ele mostrou que Cristo, como sacerdote, é superior a Arão e seus sucessores e melhor quando comparado a Melquisedeque, que veio antes. Ele mostrou no capítulo 8 que a aliança de Cristo é

melhor do que a antiga aliança em Moisés, e no capítulo 9 que o sangue de Cristo é melhor do que o sangue de sacrifícios de animais do Antigo Testamento. João Calvino corretamente observa:

> De fato, não há nenhum livro na Sagrada Escritura que fale tão claramente do sacerdócio de Cristo, que exalte tanto a virtude e dignidade daquele sacrifício único e verdadeiro que ele ofereceu por meio de sua morte, que trate tão abundantemente do uso das cerimônias bem como da anulação delas, e, em uma palavra, explique tão completamente que Cristo é o fim da Lei.[1]

Ao concluir esse grande argumento, nossos presentes versos chamam a atenção para a lição que o escritor está tentando ensinar – embora a antiga aliança não tenha oferecido nenhuma solução real para o pecado, a obra sacerdotal de Cristo na nova aliança resolve com sucesso e satisfatoriamente esse grande problema de toda a humanidade:

> [...] todo sacerdote se apresenta, dia após dia, a exercer o serviço sagrado e a oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca jamais podem remover pecados; Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus, aguardando, daí em diante, até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés. Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados. (Hb 10.11-14)

Esses versículos podem não ter toda a eloquência de Romanos 8, ou a prosa elevada da doxologia de Paulo em Romanos 11, mas eles transmitem as boas-novas mais maravilhosas já ouvidas por ouvidos humanos. De fato, toda a história redentiva – desde o tempo em que Deus cobriu os culpados Adão e Eva com as peles dos animais sacrificados no portão do Éden; passando por Abraão recebendo um bode para sacrificar em lugar de seu filho Isaque no Monte Moriá; os israelitas no tempo de Moisés, espalhando o sangue do cordeiro nos umbrais das portas para impedir que o anjo da morte entrasse; geração após geração de Israel, com os sacerdotes matando milhares e milhares de cordeiros, bodes e touros; sacrifícios que o escritor de Hebreus insiste em afirmar que nunca poderiam expiar nem mesmo um pecado humano – tinha buscado ouvir palavras como essas, as havia desejado ansiosamente, por elas tinha chorado lágrimas amargas, "Até quando, Senhor, até quando", para ouvir palavras como essas. Onde está o cordeiro? Onde está o verdadeiro sacrifício? Onde está a verdadeira expiação que não somente daria fim ao pecado, mas de fato aplacaria a ira e a justiça de Deus contra ele? Onde está, como João Batista disse ao ver o Senhor Jesus Cristo, "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29)? Hebreus 10.11-14 proclama o único sacrifício verdadeiro que tira nossos pecados e nos torna santos.

O propósito primário que motivou essa carta foi advertir os cristãos hebreus a não voltar aos caminhos da antiga aliança. Eles estavam sofrendo perseguição – fosse da comunidade judaica ou das autoridades romanas, ou de ambos –, e a pressão tornou uma negação de Cristo em favor do judaísmo uma opção tentadora. Mas esses versos resumem toda a repugnância do autor a tal ideia. "O quê?" Ele poderia dizer, voltar a uma religião, um sacerdócio, uma aliança que apesar

de todo o esforço, toda a atividade, todo o sangue, suor e lágrimas "jamais podem remover pecados" (Hb 10.11)? É uma tolice inimaginável – apesar da dor causada pelo mundo e da perseguição por causa de Cristo – abandonar o perdão, a paz e o acesso real a Deus, e voltar para a velha situação de pecado e sua terrível alienação. Por meio de seu único e consumado sacrifício, Cristo acabou com o pecado e santificou todos os que se apegam firmemente a ele. Nenhum prêmio terreno é tão valioso; nenhum sacrifício mundano se compara a um ganho assim.

Esse era um argumento irresistível para o cristão hebreu do 1º século, que se perguntava, cheio de angústia, se a fidelidade a Cristo valia mesmo a pena. Mas ele também fala poderosamente às pessoas hoje, que angustiadamente refletem sobre as declarações de Cristo e o custo do discipulado. Estejamos nós na porta de entrada da fé ou na rampa de saída da descrença, o que encontramos nesses versos é igualmente importante. O que os versos 11-14 nos dizem é que em Cristo nós não temos mera religião, mas salvação. Nós não temos ritual e tradição, mas realidade espiritual e poder. Nós não temos sentimentos amigáveis, nem autoajuda moral, mas o perdão de nossos pecados pela obra do Salvador e poder para santidade proveniente de um Senhor celestial.

Aqui está a grande afirmação que torna essa uma grande conclusão: Jesus Cristo fez na cruz o que nenhum sacerdote de Israel jamais poderia ter feito, e o que nenhuma religião do mundo jamais poderá um dia realizar. Para os cristãos hebreus em risco de abandonar a Cristo e para a pessoa em cima do muro hoje em risco de ignorar a única e verdadeira salvação, esses versos funcionam como o ressoar do sino do evangelho: há um verdadeiro sacrifício para nosso perdão e um sacerdote reinando no céu para fazer de nós o que fomos criados para ser. Se ouvirmos e crermos, ganharemos o direito de cantar com alegria o hino do evangelho.

> Reconciliado está meu Deus;
> ouço a sua voz de perdão;
> ele me possui por filho seu;
> temor não trago mais no coração;
> confiantemente agora é me aproximar,
> confiantemente agora é me aproximar,
> e "Pai, Abba, Pai" clamar.[2]

Uma grande transição

Hebreus 10.11-18 não somente é uma conclusão, mas também uma passagem de transição, preparando caminho para as extraordinárias aplicações que se seguem no restante da carta. O texto assim o faz por meio do uso de uma expressão que já encontramos várias vezes, a expressão "aperfeiçoar". Das nove ocorrências no livro de Hebreus, essa é a sétima vez que ela aparece – agora no versículo 14: "Porque, com uma única oferta, *aperfeiçoou* para sempre quantos estão sendo santificados". Nos capítulos anteriores, ela se referiu principalmente a Jesus Cristo. Em Hebreus 2.10 lemos que: "Porque convinha que aquele [...] conduzindo muitos filhos

à glória, aperfeiçoasse, por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles". Como observamos na ocasião, o que se defende não é que Jesus em algum momento fosse menos do que perfeito em sua pessoa, mas sim que a experiência de vida e morte o aperfeiçoou – o preparou ou o qualificou – para seu ofício e obra como Redentor. Hebreus 5.8-9 elabora a mesma tese, ao afirmar: "embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu e, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem".

Essas afirmações com respeito à perfeição de Jesus Cristo apresentam o ponto doutrinário principal de Hebreus, a saber, a singular e perfeita capacidade de Jesus de acabar com nossos pecados, como perfeito sacrifício e como perfeito sacerdote. Uma vez que isso ficou claro, o escritor de Hebreus usa então a mesma expressão: "aperfeiçoar" em referência à intenção de Deus para com os crentes. De fato, as últimas quatro utilizações dessa expressão, começando no capítulo 10, referem-se todas aos crentes. Hebreus 10.1 acusa a antiga aliança de "nunca jamais pode tornar perfeitos os ofertantes, com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, perpetuamente, eles oferecem". O versículo 14 diz que Cristo, por meio de seu sacrifício único, "aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados". Mais tarde vamos refletir sobre a grande afirmação de adoração cristã que é encontrada em Hebreus 12.18-24, na qual os crentes no céu são descritos como os "espíritos dos justos aperfeiçoados" (Hb 12.23).

É isso que se revela no fluir de Hebreus. Cristo foi aperfeiçoado em seu papel como Salvador e Sumo Sacerdote para a igreja a fim de se sentar à destra de Deus – essa é a primeira metade – para que fôssemos aperfeiçoados nele para nosso papel como sacerdotes adoradores no céu diante do próprio trono de Deus – essa é a segunda metade. Essa é a macroestrutura da redenção conforme ensinada no livro de Hebreus.

Uma grande realidade

É importante compreendermos os conceitos e termos nessa passagem. A palavra grega traduzida como "aperfeiçoar" (*teteleiōken*) também pode ser traduzida como "completar", "terminar" ou "capacitar". É assim que ela foi usada em referência a Jesus. Quando aplicada a nós, ela é usada como sinônimo da ideia de santificação. Nós vemos essa conjunção de ideias em Hebreus 10.14, em que os crentes são "aperfeiçoados" e "santificados".

O significado básico de santidade é "separar". Coisas que são santificadas são retiradas de uma categoria profana e colocadas em uma categoria sagrada ou santa. Sem dúvida era isso que o autor tinha em mente por causa do contexto sacerdotal. Assim como as vasilhas do templo eram santas, separadas para o serviço sagrado, assim também os crentes são separados para o serviço de Deus.

Nesse sentido, santidade enfatiza *status* ou posição. Não é o nosso caráter, nossa santidade intrínseca que nos separa para Deus e por Deus. Longe disso! O versículo 10 enfatiza que "temos sido santificados" ou "feitos santos" pela cruz. Nós recebemos esse *status* e posição santa pela obra de Cristo.

Mas santidade carrega também a ideia de conformidade com o caráter de Deus. Coisas santas são mantidas puras; a pureza delas é adequada ao seu *status* santo. Se nós, portanto, fomos santificados por Cristo, o propósito de Deus é que agora nos conformemos ao caráter santo dele. Paulo fala muito claramente disso em Romanos 8.29, em que ele afirma que fomos salvos, até mesmo predestinados, para sermos "conformes à imagem de seu Filho".

Outra forma de descobrir isso é seguir os tempos dos verbos em Hebreus 10. Aqui temos o passado, o presente e o futuro. Primeiro, ocorreu uma ação passada completa: "Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus" (Hb 10.12). Os verbos "oferecido" e "assentou" estão no passado. Eles estão no tempo grego aoristo, que aqui significa uma ação passada completa.

O versículo 14 nos diz o efeito da obra de Cristo e usa um tempo diferente, o tempo perfeito: "Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou" a nós. O tempo perfeito significa uma ação passada completa que tem um efeito em progresso no presente e no futuro. Algo de vital importância ocorreu e seus efeitos continuam agora e para sempre. O efeito aqui é que fomos aperfeiçoados. Finalmente, temos um particípio presente: "quantos estão sendo santificados". Isso quer dizer uma atividade presente que continua rumo ao futuro.

Ajuntando esses verbos, temos um evento que ocorreu no passado, que está finalizado e completo – a morte sacrificial de Cristo, junto com sua ressurreição subsequente e entronização como Sumo Sacerdote celestial. Isso tem implicações e resultados que chegam até nós – nós fomos tornados perfeitos na perfeição dele. Finalmente, há um processo presente – nós estamos, portanto, sendo santificados. Ou seja, estamos sendo transformados naquilo que fomos tornados.

A chave para tudo isso é o tempo perfeito e a afirmação: nos "aperfeiçoou". O tempo perfeito é vital para o cristianismo como para nenhuma outra religião. Nem uma outra fé depende do poder presente de eventos passados, a saber, a morte, ressurreição e ascensão do Senhor Jesus Cristo. Por isso é que somente o cristianismo é boas-novas. Ele é um evangelho porque apresenta notícias de grandes eventos que mudaram tudo de uma vez por todas. O que aconteceu com Cristo torna nossa salvação possível e real. Se a morte de Cristo não aconteceu, estamos condenados em nossos pecados; mas, se ela aconteceu – e de fato ocorreu –, nós que cremos estamos salvos com grande alegria, seguros nele para sempre.

Isso tem implicações importantes para nossa visão da vida cristã. Nossa santificação tem um sentido tanto definitivo como de processo em andamento. Ela é "já" e "ainda não". Uma famosa frase cristã de para-choque diz: "Eu não sou perfeito, apenas perdoado", mas num sentido muito importante isso não é verdade. Aos olhos de Deus você foi tornado perfeito porque você está em Cristo; você é um beneficiário da perfeição dele. Há um processo que ainda não está completo, é claro, mas é tão certo que será atingida uma santificação cristã que ela agora é vista como realizada: vocês "estão sendo santificados".

O tempo presente do cristianismo está sempre ligado ao tempo passado da obra finalizada de Cristo – e desse tempo depende. O cristianismo diz aos crentes: "Porque ele morreu, vocês

morreram nele. Porque ele ressuscitou, vocês estão vivos nele. Porque ele é feito perfeito, vocês são feitos perfeitos nele". Como Paulo escreveu aos efésios: "[Deus] nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus" (Ef 2.6).

Essas realidades, contudo, não são abstraídas de nossa vida atual. Aquilo que fomos tornados nos céus não está desconectado daquilo que devemos nos tornar na terra. A regra cristã é esta: devemos ser o que somos em Cristo. Uma vez que fomos feitos perfeitos em Cristo, estamos agora nos tornando santos de maneira prática. A santidade é nosso destino estabelecido, por isso ela está se tornando nossa realidade presente. Caso não se possa dizer isso a nosso respeito como indivíduos, deve-se então duvidar de nossa afirmação de estar em Cristo.

Retornando ao mundo do pensamento de Hebreus, consideremos o uso de uma placa de ouro pelo sumo sacerdote na qual estava escrito "santidade ao SENHOR". Essa mesma designação foi aplicada a nós por Jesus Cristo. Nós somos perfeitos, adequados, completos. Essa é a nossa identidade, nosso destino, nossa realidade. Essa é a gravidade espiritual da vida de cada cristão para a qual estamos sendo puxados, moldados e às vezes empurrados pelo Espírito de Deus que vive em nós. Não podemos escapar dela, e, se pudéssemos, isso só confirmaria que de fato não estamos em Cristo. Aqueles que têm fé em Cristo simplesmente não podem continuar a viver como viviam antes. Nós somos diferentes por causa daquilo que aconteceu – não por um poder que procede de nós, mas por um poder que procede do céu, onde Cristo reina por nós e em nós.

Hebreus 10.15-17 volta o olhar novamente para a nova aliança, já examinada no capítulo 8, para destacar os aspectos externos e internos, objetivos e subjetivos de nossa salvação:

> E disto nos dá testemunho também o Espírito Santo; porquanto, após ter dito: Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei no seu coração as minhas leis e sobre a sua mente as inscreverei, acrescenta: Também de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre. (Hb 10.15-17)

Deus perdoou os nossos pecados (v. 17) – isso está relacionado à justificação. É algo externo e objetivo. Ele colocou sua lei em nossos corações e a escreveu em nossas mentes (v. 16) – isso é santificação, e ela é interna e subjetiva. A salvação é um ato definitivo de Deus por meio do qual ele perdoa nossos pecados para sempre e nos aceita em Cristo. Contudo ela também é um processo, de toda a vida, de libertação do poder do pecado e da vinda de uma nova vida que é "segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade" (Ef 4.24).

Não consigo pensar em nada mais excitante do que isso, que me tornarei perfeito, "como Deus em verdadeira santidade". Eu me tornarei perfeito como a criatura que Deus queria que eu fosse. Eu me tornarei perfeito em trazer a imagem dele em conformidade com Cristo. Eu serei perfeito em fruto, perfeito em adoração, perfeito em pensamento, palavras e atos. É surpreendente para minha mente, de tão estranho que isso é para minha presente experiência. Ainda assim, por causa do que Cristo fez por mim, é minha realidade, e não aquilo que agora é visto em mim. Isso é o que é verdadeiro e real para todos os crentes em Cristo. Seremos perfeitos

na glória – a glória que vem dele e é refletida de volta para o louvor do nome dele. O próprio pensamento a esse respeito deveria criar em nós um grande apetite pela santidade prática, com aversão ao pecado e medo dele. Se tivermos compreendido apenas uma porção dessa verdade, se tivermos nos apoderado de um fragmento de nossa verdadeira identidade em Cristo, não viveremos mais como vivemos.

Uma grande comparação

Essas grandes verdades são todas focadas na grande comparação que fica muito clara no livro de Hebreus. Por enquanto estamos familiarizados com isso: uma comparação entre os sacerdotes de Israel e o Sumo Sacerdote perfeito, Jesus Cristo. Ali estava, em toda a sua futilidade, o sacerdote da antiga aliança, dia após dia oferecendo os mesmos sacrifícios, nos lembrando do terrível problema do pecado – mas incapaz de solucioná-lo. Hebreus 10.11 anuncia o conhecido refrão: os antigos sacerdotes e seus sacrifícios "nunca jamais podem remover pecados". A imagem toda é de futilidade, fadiga e frustração. O maior contraste possível é apresentado quando nós então refletimos sobre a obra efetiva do verdadeiro Sumo Sacerdote, Jesus Cristo: "Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus, aguardando, daí em diante, até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés. Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados" (Hb 10.12-14).

Um comentarista coloca o contraste nestes termos interessantes:

> O sacerdote do Antigo Testamento permanece tímido e pouco à vontade no Santo Lugar enquanto realiza sua terrível tarefa ali, cheio de preocupação, apressando-se para sair quando o serviço está feito. Em um lugar onde ele não tem livre acesso, não há como ele se sentir em casa. Cristo, por outro lado, se assenta em descanso e bem-aventurança eterna à destra da Majestade no Santo dos Santos, sua obra realizada, e ele espera sua recompensa.[3]

O sacrifício de Cristo não foi oferecido repetidamente, mas de uma vez por todas, e nisso vemos a suficiência de seu sangue para o perdão de nossos pecados. A situação resultante não poderia contrastar mais com a dos sacerdotes da antiga aliança. William Barclay escreve: "Os sacerdotes de pé oferecem sacrifício; Cristo se assenta à destra de Deus. A posição deles é a de um servo; a dele é a posição de um monarca. Jesus é o rei de volta a casa, sua tarefa está realizada e sua vitória ganha".[4] Andrew Murray corretamente exclama: "O caráter definitivo da obra de Cristo é o segredo da eternidade dela: quanto mais clara a aceitação desse caráter definitivo, mais certa é a experiência dessa eternidade divina. [...] É uma eternidade de vitória dele e a abençoada expectativa da manifestação plena dela".[5]

Cristo está assentado nos céus. A obra dele está realizada, está estabelecida e é inevitável. O nosso autor está encerrando as suas grandes ideias, e aqui ele volta ao tema do capítulo 1, que Cristo está exaltado com onipotência já que ele reina sobre a história para a igreja.

Cristo está assentado e entronizado, numa posição de descanso como a de Deus no sétimo dia da criação. Trata-se de um descanso de soberania, de governo onipotente, de controle e confiança. Isso traz as implicações mais horríveis para os inimigos de Cristo: para o diabo e os demônios, e também para todo pecador que rejeita as reivindicações dele. Ele está "aguardando, daí em diante, até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés" (Hb 10.13). Os não crentes podem negá-lo, rir dele e exultar em sua aparente independência do senhorio dele. No entanto, o tempo todo ele está sentado, entronizado, enquanto a História corre em direção ao julgamento que ele presidirá soberanamente.

Entretanto, isso tem implicações maravilhosas e transformadoras de vidas para todos os que confiam nele. O versículo 12 nos diz que ele está assentado, o versículo 13 acrescenta que ele está esperando que a presente era siga o seu curso; o versículo 14 nos diz por que ele pode esperar: "Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados". O versículo 18 conclui nossa passagem, de fato, a grande porção doutrinal do livro de Hebreus, com a mesma grande ideia. Onde os pecados foram perdoados, "já não há oferta pelo pecado". Já não há qualquer trabalho do Salvador, e não há mais qualquer ameaça à salvação daqueles que olham para ele em fé. Jesus pode repousar entronizado, esperando pelo dia de seu triunfo final; nós, também, podemos descansar pela fé nele, enquanto esperamos pelo seu retorno em glória.

Uma grande conclusão

Essa é a grande conclusão para a instrução doutrinária principal do livro de Hebreus. A partir daqui vamos passar a tratar da riqueza de aplicações nos capítulos finais, incluindo os exemplos de fé no capítulo 11. Estamos longe de terminar o livro de Hebreus. Ainda assim, aqui estamos na conclusão desse grande ensino doutrinário. Como então devemos concluir nossas reflexões sobre esses assuntos?

Só pode haver uma resposta, e ela deve elevar nossos pensamentos e corações, toda a nossa orientação espiritual, para onde Jesus Cristo agora se assenta entronizado, reinando com poder para nossa salvação, tendo realizado tudo o que era necessário para que fôssemos salvos. Ele está no centro de tudo, acima de tudo; ele é o significado de tudo o que já refletimos no livro de Hebreus. O tabernáculo e o templo eram a respeito dele e de sua obra. Os sacerdotes e os rituais do Antigo Testamento serviram para apontar para ele. O sangue que foi derramado anos após anos e dia após dia só falou do sangue dele, derramado de uma vez por todas. O véu que foi rasgado nos convida a olhar para dentro dos céus, onde nosso Salvador está assentado, descansando, reinando para si mesmo, assegurando que sejamos para sempre dele e reinando em nossos corações pelo Espírito que ele envia. Tudo aponta para ele; tudo é encontrado nele e com ele; tudo para nós vem dele e nos traz para ele como seu povo, sua própria recompensa pela obediência à vontade do Pai.

Essa é a grande conclusão que devemos tirar do ensino de Hebreus. Ela deve ser a profissão de nossa fé. Cristo deve ser a maior afeição de nosso coração. Conhecê-lo e servi-lo, crescer na semelhança dele, tem de se tornar a maior ambição de nossa vida.

---

[1] João Calvino, *New Testament Commentaries*, 12 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), 12:1.
[2] Charles Wesley, "Arise, My Soul, Arise", 1742. [Em inglês: "*My God is reconciled,/ his pardoning voice I hear;/ he owns me for his child,/ I can no longer fear;/ with confidence I now draw nigh,/ with confidence I now draw nigh,/ and 'Father, Abba, Father!' cry*".]
[3] Franz Delitzsch, *Commentary on the Epistle to the Hebrews*, 2 vols. (Edimburgo: Clark, 1877), 2:161.
[4] William Barclay, *The Letter to the Hebrews* (Filadélfia: Westminster, 1976), 118.
[5] Andrew Murray, *The Holiest of All: An Exposition of the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Revell, 1993), 360–61.

PARTE 4



Exortações e exemplos de fé

34

COMO ENTÃO DEVEMOS VIVER?



Hebreus 10.19-25

> *E tendo grande sacerdote sobre a casa de Deus, aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura.* (Hb 10.21-22)

Em 1976 Francis Schaeffer escreveu um importante livro intitulado *How Should We Then Live?*[*] O propósito dele era mostrar como ideias, quando são acolhidas ou descartadas, moldam a ascensão e o declínio da cultura ocidental. Em seu capítulo inicial, ele escreve: "O que [as pessoas] são em seu mundo interior determina como elas agem. [...] Os resultados do mundo interior delas fluem através de seus dedos ou de sua língua em direção ao mundo externo. Isso se aplica à escultura de Michelangelo e se aplica à espada de um ditador".[1]

É exatamente assim que o Novo Testamento apresenta a matéria. A razão por que uma parte tão grande da Bíblia é dedicada à doutrina – afirmações com respeito ao que devemos saber e acreditar – é que as consequências dessas verdades são absolutamente definitivas. Vivemos em um tempo em que não importa muito em quê acreditamos, e sim como acreditamos, ou seja, com sinceridade e tolerância pelas outras visões que são diametricamente opostas. Os apóstolos, muito pelo contrário, exigiam fidelidade para com as verdades que Deus revelou por meio deles e por meio dos profetas antes deles. Por isso, o apóstolo Paulo inicia sua Carta aos Gálatas escrevendo: "Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema" (Gl 1.8). A verdade é de importância central e é definitiva para a salvação. Negar a verdade, ainda que aparentemente com as melhores intenções, é rejeitar a Deus com rebeldia e sofrer eterna condenação.

"Como viveremos?", Schaeffer perguntou em seu livro, e ele respondeu dizendo que nossa maneira de viver deve ser consistente com a fé que professamos. Essa é uma visão fortemente adotada pelo escritor de Hebreus. Ele devotou nove capítulos e meio para a proclamação da verdade com respeito à pessoa e obra de Jesus Cristo. Agora, na transição da doutrina para a aplicação, ele diz: "Tendo, pois, irmãos". Nós devemos sempre prestar atenção ao "pois" na Bíblia, porque ele fornece uma ligação entre a causa e o efeito. "Pois", afirma o escritor de Hebreus a fim de fazer uma transição, o que acreditamos precisa ser transferido para nossa vida e ações.

Duas possessões definitivas

Os versos 19-21 resumem tudo o que foi ensinado em grandes seções doutrinárias de Hebreus ao identificar duas possessões definitivas. Há duas coisas que temos, o escritor diz, por causa da pessoa e obra de Cristo.

A primeira dessas possessões tem a ver com o acesso a Deus por meio de Jesus Cristo: "Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne" (v. 19-20). O conceito-chave aqui é "intrepidez para entrar pelo sangue de Jesus". Essa intrepidez é algo que os crentes possuem e têm de saber que possuem a fim de levar vidas piedosas e produtivas. As pessoas que confiam em Jesus Cristo estão diante de uma porta aberta, com acesso livre e aberto a Deus. Os pecados delas foram expiados pelo sangue de Jesus. Pelo sangue dele é que nos achegamos ou, como o versículo 20 coloca, pelo corpo dele – referindo-se a toda a conquista terrena dele em vida e na morte na cruz. Certamente o acesso a Deus causa o mais importante impacto em como devemos pensar e viver.

Francis Schaeffer escreve: "A mensagem central do cristianismo bíblico é a possibilidade de homens e mulheres se aproximarem de Deus por meio da obra de Cristo".[2] Essa é a nossa possessão e ela é, nos diz o versículo 20, algo novo. É um novo caminho que Jesus abriu. Nós possuímos o que os santos do Antigo Testamento não tinham, a saber, o direito de entrar no Santo Lugar e na presença de Deus. Jesus nos deu acesso por meio de sua vida e morte, para que tenhamos livre acesso a Deus por intermédio dele.

Além do mais, é um vivo caminho já que Jesus vive para sempre para assegurar esse acesso. Nesse sentido, o véu que somos convidados a atravessar a fim de nos aproximar de Deus é Jesus em sua vida e morte. A obra de Cristo como Sacerdote e como sacrifício produziu uma nova situação que não existia antes, mas vai existir para sempre já que ele reina eternamente no céu.

A nossa segunda grande possessão está diretamente ligada à primeira: temos "grande sacerdote sobre a casa de Deus" (Hb 10.21). Nós temos duas coisas: confiança para entrar e um grande Sumo Sacerdote. O ponto é que aquele que abre e assegura o caminho para nós até a presença de Deus está ele mesmo presente lá. Ele está lá como nosso Sacerdote, nos representando e suplicando efetivamente por nossa aceitação, ele está assegurando e enviando a nós o Espírito Santo para que sejamos capacitados e habilitados a sermos adoradores e sacerdotes diante do trono dele. Porque o nosso Sumo Sacerdote está lá, sabemos que lá é nosso lugar também; consequentemente, podemos nos aproximar com confiança.

Uma vida de adoração

Graças a suas grandes possessões em Cristo é que os cristãos têm uma obrigação de viver de certa maneira. Foi esse o argumento de Francis Schaeffer e essa é agora a questão proposta pelo escritor de Hebreus. Em uma fascinante simetria, ele apresenta uma maneira de vida tripla como nossa resposta razoável ao ministério salvador de Cristo por nós. Em Hebreus 10.22-25, o

escritor diz: “aproximemo-nos”, “guardemos” e “consideremo-nos”. Juntas essas exortações apresentam um padrão de vida que todo crente deve adotar.

A primeira exortação está em Hebreus 10.22, que nos chama a uma vida de adoração: “aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura”. Porque temos confiança para nos aproximar do trono de Deus, e porque temos um grande Sacerdote sobre a casa de Deus, aproximemo-nos de fato de Deus.

Isso, é claro, nos exorta a orar. Se devemos levar vidas frutíferas, temos de nos aproximar de Deus em nossa mente e coração. Esse texto está conectado a uma exortação prévia que nosso escritor/pastor fez a fim de encorajar seus leitores: “Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna” (Hb 4.16).

De maneira mais ampla, o escritor nos exorta a uma vida de adoração. A adoração é nosso maior privilégio e nossa obrigação mais fundamental. Nós fomos feitos para adorar a Deus, e ele exige a nossa adoração (veja Êx 20.3-4). A adoração é mais benéfica para nós. Na adoração nós encontramos a liberdade para sermos o que devemos ser. Os músicos se sentem assim com relação à música, os corredores se sentem assim com relação à corrida e os cristãos se sentem assim com relação à adoração: é a atividade em que eles encontram a si mesmos. A adoração, portanto, é essencial para nossa saúde espiritual e bem-estar. Martyn Lloyd-Jones explica:

> Somente quando estou próximo a Deus em Cristo é que eu sei que meus pecados são perdoados. Eu sinto o amor dele, eu sei que sou filho dele e eu desfruto das bênçãos incontáveis de paz com Deus, paz interior e paz com os outros. Eu fico consciente do amor dele e me é dada uma alegria que o mundo não pode dar nem tomar.[3]

Quando digo adoração, certamente quero dizer vir à igreja, reunir-se com o povo de Deus para o culto público como um corpo. Com certeza é isso que o escritor tem em mente, já que ele diz nos versículos 24-25: “Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de congregar-nos”. Contudo, é claro que adoração também é mais do que nossos ajuntamentos públicos; adoração é toda a nossa resposta à misericórdia de Deus. É isso que Paulo quis dizer em Romanos 12.1: “Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional”.

Hebreus 10.22 apresenta um guia compacto para se aproximar de Deus em adoração. Nesse único versículo, o autor apresenta quatro orientações para a adoração, começando com a sinceridade: “aproximemo-nos, com sincero coração”. Um coração sincero funciona como deveria ser. Ele se relaciona com Deus com veneração, com sentimentos e prioridades corretos. Segundo, ele nos diz para adorar “em plena certeza de fé”. Podemos dizer que plena certeza é o que há dentro de um coração sincero. O coração crente e sincero é pleno de certeza em Deus, por meio de uma confiança inabalável nele e em suas promessas.

Em seguida, o escritor de Hebreus nos diz para nos aproximarmos de Deus "tendo o coração purificado de má consciência". Essa é uma questão de grande importância para ele, que frequentemente reclamou que os sacrifícios da antiga aliança falharam nesse ponto – sendo incapazes de purificar a consciência. Ao dizer purificação, ele se refere ao sangue de Cristo, que sozinho liberta a consciência culpada do pecador. Por meio do sangue dele nós sabemos que nossos pecados são removidos e nossos corações são libertos do fardo da culpa.

Quarto, devemos orar tendo "lavado o corpo com água pura". A maioria dos comentaristas vê isso como uma referência ao batismo, e é difícil negar a ligação. Contudo, com certeza João Calvino está correto ao ver a questão não no batismo em si, mas naquilo que o batismo simboliza: a renovação espiritual que é a obra do Espírito Santo. Calvino nos lembra das palavras de Ezequiel 36.25-26, que são necessárias para que adoremos a Deus como devemos: "Então, aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne".[4]

Essas diretrizes se aplicam a todos os sete dias da semana, mas fazemos bem em refletir sobre como elas influenciam nossa reunião no domingo para adorar a Deus na igreja. Sim, toda a nossa vida é adoração, mas como adoramos quando nos reunimos em nome de Deus é especialmente importante. O versículo 22 nos diz que devemos ir ao culto com coração sincero; ou seja, com sentimento íntegro e intenção de adorar a Deus. O Senhor é digno, e nós temos de ir com certeza e confiança de aceitação que vem da genuína fé na obra salvadora dele. Temos de ser capazes de lidar com nossa pecaminosidade, nossa culpa das coisas que fizemos e da pecaminosidade que trazemos para dentro do santuário. É por isso que devemos ler a lei e confessar nossos pecados, afirmar nossa fé e ouvir a palavra de perdão da parte de Deus em nossos cultos de adoração. Tais elementos de adoração não produzem uma liturgia sem sentido, mas proporcionam uma forma bíblica pela qual os pecadores vêm a Deus. Finalmente, temos de vir acreditando e confiando na obra do Espírito Santo, confiando nele para purificar e renovar nosso coração assim como vamos ao Pai no nome de Cristo. Se você não está se beneficiando do culto – como deve para crescer em Cristo – e se você duvida que Deus é magnificado por sua adoração, você pode refletir nas palavras de Hebreus 10.22 e sua instrução sobre a adoração.

Uma vida de verdade

Os cristãos são chamados a uma vida de adoração, mas também são chamados a uma vida de verdade. "Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel" (Hb 10.23). Essa é a segunda das três exortações: devemos permanecer firmes na esperança do evangelho em um mundo incrédulo. A palavra grega para "confissão" (*homologia*) aqui significa uma confissão doutrinária e pública, e é dessa maneira que temos de sustentar a verdade.

O cristianismo evangélico na afluente cultura ocidental de hoje é digno de nota por seu tratamento arbitrário da verdade. Nós prontamente negociamos nossas doutrinas a fim de ficar bem com os outros, para criar um sentimento de unidade mais expressivo. Mas estamos literalmente cercados por um cristianismo global que sofre alegremente pela verdade. Em todo o mundo, hoje, nossos irmãos e irmãs em Cristo estão corajosamente se posicionando com relação à esperança que nós professamos.

Ao escrever sobre "a confissão da esperança", o autor fala da essência de nossa fé. Em todo o globo, os cristãos estão professando publicamente o conteúdo de sua fé, e muitas vezes sofrendo real perseguição por causa disso. Em lugares como o Sudão, o Laos e a China, não haveria cristianismo sem grande coragem em defesa da verdade, e a confissão inabalável de verdadeiros crentes tem levado a uma enorme expansão da igreja.

Os cristãos ocidentais estão cercados não somente geograficamente, mas também historicamente, por aqueles que têm sido inabaláveis em sua devoção ao conteúdo de nossa esperança. Na igreja primitiva, os cristãos eram torturados até a morte por se recusarem a transigir com o culto a César. Eles não iriam se curvar e dizer: "César é Senhor". Eles não iriam racionalizar qualquer traição, mas alegremente morrer por sua fé. Na Reforma inglesa, os mártires protestantes morreram queimados pelo que muitos hoje iriam considerar como diferenças teológicas insignificantes, mas que de fato eram doutrinas necessárias para a esperança que eles professavam. Apocalipse 12.11 mostra tais crentes fiéis no céu, onde o anjo diz a eles: "Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida".

Devoção inabalável a Cristo e seu evangelho é obviamente uma questão de especial importância para o escritor de Hebreus, e ele está determinado a se opor a qualquer ideia de transigência entre os seus leitores. Eles não deviam transigir com aqueles que os chamavam a voltar às velhas formas de judaísmo, mas se posicionar firmemente por Cristo. Naquela época isso era impopular e custoso, e ainda é para nós hoje. Mas é essencial para a nossa salvação.

Essa questão é tratada repetidamente nessa carta. Em 3.6 o autor escreveu que somos a casa de Cristo "se guardarmos firme, até ao fim, a ousadia e a exultação da esperança". Em 3.14 ele disse: "Porque nos temos tornado participantes de Cristo, se, de fato, guardarmos firme, até ao fim, a confiança que, desde o princípio, tivemos". Em 4.14 ele acrescenta: "Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão". A nossa confissão não deve hesitar. Nós temos todos os motivos para ficar firmes, pois, como o versículo 23 conclui: "quem fez a promessa é fiel".

A importância do livro de Francis Schaeffer *How Should We Then Live?*[**] é exatamente a respeito dessa questão. Nós somos tentados a separar nossas convicções teológicas da forma que vivemos. Aquilo pelo qual as outras gerações de cristãos prontamente morreram, nós consideramos pontos doutrinários desnecessários. Todo o tempo hoje ouvimos que a teologia não importa desde que vivamos vidas boas. Mas essa é uma posição falsa e perigosa, e ela nos

conduz para longe de Deus e de volta ao mundo. Schaeffer escreveu seu livro para nos lembrar de que "assim como um homem pensa, assim ele é. [...] O mundo interior determina a ação externa".[5]

Nada é mais importante do que ideias em que acreditamos; nada molda tanto a forma que vivemos, e nada é mais importante para a vida cristã do que o conteúdo da fé que professamos. Portanto, não podemos ficar em silêncio e nem abrir mão da verdade que recebemos, mas devemos nos apegar inabalavelmente às verdades e promessas do evangelho que recebemos e que nos dão nossa esperança. "Quem fez a promessa é fiel", diz o nosso escritor, e nós, consequentemente, podemos ser fiéis a ele.

Uma vida de amor comunitário

A terceira e última exortação é encontrada em Hebreus 10.24-25: "Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima".

Aqui está uma intimação para uma vida de amor comunitário. William Lane descreve isso como "cuidado contínuo uns para com os outros que encontra uma expressão no amor, nas boas obras e no mútuo encorajamento que é proporcionado pela participação ativa nas reuniões da comunidade".[6] Não se trata de um convite para sermos pessoas intrometidas e julgadoras, tornando a vida dos outros um fardo. Mas somos sim ordenados a ter um grande interesse nos problemas de outros crentes. Como o escritor diz: "Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras". Devemos estudar e implementar esquemas que motivem a nós e aos outros a viver piedosamente.

Isso quer dizer que nenhum cristão pode ser individualista. Nós somos responsáveis por nossos irmãos. Temos de refletir sobre como podemos ajudar os outros crentes. Temos de considerar o impacto de nossas ações na fé dos outros, muitas vezes abrindo mão de liberdades para não ofender o fraco (veja Rm 14.13-16). A possibilidade de sermos úteis aos outros, os encorajando e cuidando para que eles estejam firmes à medida que se aproxima o dia do Senhor, já é um excelente motivo para irmos à igreja e a outras reuniões cristãs. Trata-se também de uma ordem para os tipos de ministério prático que ajudam nossas igrejas a ter um poderoso impacto na vida das pessoas: grupos de homens, grupos de mulheres, ministérios de jovens, seminários, ministérios para solteiros adultos, retiros para casais e muito mais.

Um estudo dos verbos nesses dois versículos nos fornece uma cartilha sobre como ser um bom membro, útil para a igreja, ocupado – como sempre acontece com as pessoas que estão na luta de uma forma ou de outra. Primeiro vem o verbo "considerar", que tem a ver com nosso pensamento. Nós estamos acostumados a pensar somente em nós mesmos, mas nossos pensamentos devem ser voltados para os outros. Alguém está em dúvida? Ele está desencorajado? Ela está sendo tentada? Sem interferência desnecessária, deveríamos nos

preocupar com a condição das pessoas ao nosso redor. Se não estamos fazendo isso, então não somos mais do que compradores, consumidores de religião que têm pouca utilidade para o destino eterno das outras pessoas.

O próximo termo, "estimular", significa incitar ou provocar. A maneira como vivemos, conversamos e agimos deveria ser provocativa para os outros cristãos, no melhor sentido da palavra. Eles deveriam ser lembrados da verdade espiritual por causa do que estamos dizendo e como estamos vivendo. A nossa conversa e o nosso exemplo devem resultar em amor e boas obras na vida de outros crentes. Deixe-me perguntar a você, então, se a maneira como você lida consigo mesmo estimula os outros a levar a sério o que a Bíblia ensina. O seu conselho contraria a lógica mundana e enfatiza as exigências e promessas de Deus? O seu comportamento estabelece um modelo útil para os crentes novos e fracos? Se não, você não está causando o impacto que deveria para a obra de Cristo na igreja.

Finalmente, devemos "encorajar" uns aos outros. Isso requer que estejamos junto a outras pessoas com palavras e ações que vão fortalecê-las em Cristo. O encorajamento pode significar carregar um fardo por elas, pode significar oração, companhia ou compartilhar sua própria convicção de que Deus é fiel com base em sua experiência do cuidado amoroso dele.

O escritor de Hebreus fez essa mesma afirmação no capítulo 3: "[...] exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado" (3.13). Nós pouco refletimos sobre quanto cada um de nós é ameaçado pelo pecado, que por natureza é enganoso. Como escaladores presos uns aos outros numa montanha íngreme, como soldados agrupados num campo de batalha, temos de cuidar uns dos outros. Temos de trabalhar juntos se quisermos atingir nosso objetivo de forma segura.

Um dos principais meios utilizados por Cristo para guiar e proteger o seu povo é a participação ativa de outros crentes na vida deles. O dia da volta de Cristo está se aproximando rapidamente e será um dia de julgamento para todos os que se desviaram. Tendo isso em mente, vamos refletir sensatamente não apenas sobre os nossos problemas, mas sobre as preocupações espirituais de outros irmãos em Cristo.

Estes três permanecem

"Como viveremos?" Nós estamos respondendo a essa questão à luz de nossas grandes possessões em Cristo, que nos abriu o caminho ao céu e ministra como o Sumo Sacerdote celestial para todo o sempre. Esse é o tipo de passagem que deveríamos usar para avaliar a nós mesmos de vez em quando, como indivíduos e também como uma igreja. Nesses versículos, nós encontramos três exortações que correspondem à grande tríade da vida cristã apresentada pelo apóstolo Paulo: "Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três" (1Co 13.13).

Essas três graças permanentes coincidem com as três exortações de Hebreus 10.22-25. Primeiro vem a fé, que é o tema principal de Hebreus 10.22, já que a fé nos assegura um relacionamento com Deus: "aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé". As

pessoas perguntam como é ter um relacionamento íntimo com Deus. A resposta é – pela fé. Deus abriu o caminho; ele aceitou você em seu amor por causa de Jesus Cristo. Tudo o que falta é você crer nessas boas-novas, confiar nele e nas promessas da Palavra dele. Você deve, portanto, entregar-se à Palavra dele. Você deve buscar na Escritura o ensino dele, suas exigências e promessas; então, você deve confiar naquilo que Deus disse. É essa fé que deve encher o nosso coração. A fé começa na mente, mas o que a mente recebe deve ser abraçado pelo coração; somente então você terá um crescente relacionamento com Deus e uma habilidade de adorá-lo "em espírito e em verdade" (Jo 4.24).

Como viveremos? Em primeiro lugar vem a fé, mas, em segundo, há a esperança. O cristão vive pela esperança, tirando força e estabilidade dessa âncora nos mares agitados da vida. É disso que fala Hebreus 10.23: "Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel". Geerhardus Vos explica por que a esperança é tão vital para a experiência cristã:

> O cristão é um homem [...] que vive à luz de seu destino celestial eterno. A visão dele não está atada à vida atual e ao mundo atual. Ele vê o que é e o que virá em sua correta proporção e na perspectiva adequada. O centro de gravidade de sua consciência não se baseia no presente, mas no futuro. Esperança, não possessão, é o que dá o tom e a cor de sua vida. O estado de espírito dele é o do herdeiro que sabe que recebeu uma grande herança da qual gozará em determinado momento.[7]

Em nosso estudo de Hebreus 6.19-20, aprendemos que nossa esperança evangélica é certificada pela promessa juramentada de nosso Deus santo, cujo selo está afixado no céu pela mão perfurada do Senhor Jesus Cristo. Se nos mantivermos firmes a essas verdades, possuiremos então uma esperança que é uma âncora para nossas almas.

A fé nos traz a um relacionamento com Deus para uma vida de adoração, enquanto a esperança nos ancora inabalavelmente a um futuro de bênçãos inimagináveis. Por último vem o amor, que Paulo afirma ser o maior dos três. É isso que encontramos nos versículos 24-25, em sua exortação para "nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de congregar-nos, [...] façamos admoestações".

Embora o amor seja o maior, ele não é a primeira das graças. Há uma progressão ocorrendo aqui. Primeiro é a fé, que nos une a Cristo e nos traz até Deus. O resultado dessa fé é a esperança, que firma nosso coração nas tormentas desta vida. Com esperança já não tememos por nós, mas somos capazes de dar encorajamento amoroso aos outros. A esperança, portanto, cresce em amor, o amor de Deus que enche o coração de todos os que esperam nele. João corretamente nos diz: "Nós amamos porque ele nos amou primeiro". Contudo, ele acrescenta: "[...] aquele que ama a Deus ame também a seu irmão" (1Jo 4.19,21).

Por quanto tempo devemos amar? Hebreus 10.25 diz que devemos encorajar uns aos outros "tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima". O dia de Cristo está se aproximando rápido. Ele corre em nossa direção seja por meio do fim da História ou de nossa própria morte, ambos nos levam à presença de Cristo. Então, como viveremos? Se queremos agradar a Deus, crescer

em graça e ajudar os outros crentes, que essa agenda de fé, esperança e amor defina o padrão de nossa vida pelo tempo que tivermos para viver nesta terra.

---

[*] Publicado no Brasil pela Cultura Cristã, *Como viveremos?* (N. do R.).
[1] Francis A. Schaeffer, *How Should We Then Live?* (Old Tappan, N.J.: Fleming Revell, 1976), 19.
[2] *Ibid.*, 245.
[3] D. Martyn Lloyd-Jones, *Tried and Triumphant* (Grand Rapids: Baker, 1994), 212–13.
[4] João Calvino, *New Testament Commentaries*, 12 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), 12:142.
[**] Publicado no Brasil pela Cultura Cristã, *Como viveremos?* (N. do R.).
[5] Schaeffer, *How Should We Then Live?* 19–20.
[6] William L. Lane, *Hebrews 9–13*, Word Biblical Commentary (Dallas: Word Books, 1991), 289.
[7] Geerhardus Vos, *Grace and Glory* (Carlisle, Pa.: Banner of Truth, 1994), 142.

35

UMA HORRÍVEL PUNIÇÃO



Hebreus 10.26-31

> *[...] se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectação horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários.* (Hb 10.26-27)

Há quatro grandes advertências no livro de Hebreus. A primeira apareceu no capítulo 2, uma advertência contra o desvio em função do fracasso em se apegar ao evangelho. A segunda veio no capítulo 3 em que o escritor exortou seus leitores a não se afastarem de Deus movidos por um coração incrédulo. Uma advertência parecida aparece no capítulo 6, em que lemos sobre as terríveis consequências da apostasia. Agora, no capítulo 10, nós encontramos uma quarta exortação. Todas essas exortações correspondem à mesma coisa. Nelas vemos a preocupação que dirigiu toda essa carta: que esses cristãos hebreus, tendo ouvido e aceitado o evangelho de Jesus Cristo, possam se desviar em direção à incredulidade. Aqueles que deliberadamente rejeitam a Cristo, o escritor diz, têm "certa expectação horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários" (v. 27).

A realidade do inferno

Essa passagem deixa claro um ensino que é amplamente negado hoje, mesmo por muitos que se consideram evangélicos. Esse ensino tem a ver com a realidade e a natureza do inferno. Não é que nossa geração simplesmente não goste da ideia do inferno, mas que ela simplesmente não a aceita. Nossa época é humanista; nós pensamos no bem principalmente em termos humanos. De acordo com essa maneira de pensar, aquilo que é o melhor para o maior número de seres humanos é o supremo bem. As pessoas que pensam assim, por sua própria autoridade, baniriam o lago de fogo do qual a Escritura fala claramente.

Talvez a melhor discussão desse tópico que apareceu nos últimos anos esteja no extraordinário livro de D. A. Carson *The Gagging of God.* Carson reúne e analisa várias tentativas de acabar com o inferno, ou pelo menos de diminuir a temperatura da punição eterna.

Primeiro, há aqueles que negam qualquer ideia de julgamento, como sendo indigna de um Deus de amor. Clark Pinnock expressa com veemência essa visão:

> Eu considero o conceito de inferno como tormento sem fim em corpo e mente, uma doutrina ultrajante, uma monstruosidade moral e teológica, uma má doutrina da tradição que precisa ser mudada. [...] O tormento sem fim é

> intolerável do ponto de vista moral porque ele transforma Deus num monstro sedento por sangue que mantém um Auschwitz eterno para vítimas que ele nem mesmo permite morrer.[1]

Outros, que não são capazes de ignorar as informações bíblicas da maneira que Pinnock faz, são atraídos pela ideia de total destruição em vez de tormento eterno. Essas pessoas são chamadas "aniquilacionistas". Elas concordam que Deus vai punir o perverso, não eternamente, não com tormento sem fim, mas com a aniquilação. O perverso não vai sofrer perpetuamente no inferno, mas vai simplesmente deixar de existir. Os aniquilacionistas apontam para a imagem do fogo e observam que o fogo não somente atormenta, mas consome, de maneira que o que é queimado é destruído. Essa ideia de destruição, destacam eles, é um tema forte na Bíblia (veja Fp 3.19; 1Ts 5.3; 2Ts 1.9; 2Pe 3.7).

Talvez o mais conhecido representante dessa visão seja John Stott, que escreveu: "Eu acho o conceito [de punição consciente eterna no inferno] intolerável e não compreendo como as pessoas podem viver com ela sem também cauterizar seus sentimentos ou ter um colapso nervoso". No entanto, reconhecendo a tolice de deixar que nossas emoções determinem o nosso credo, ele acrescenta: "como um evangélico comprometido, minha questão deve ser – e é – não o que o meu coração me diz, mas sim o que a Palavra de Deus diz?"[2]

O que, então, a Bíblia diz acerca do inferno? Hebreus 10.26-31 é de grande ajuda ao lidar com esse assunto. Em primeiro lugar, nós temos uma inescapável afirmação do julgamento de Deus. Nós podemos não gostar da ideia de um Deus que julga. Podemos preferir um Deus que apenas ama, por mais tolo que seja tal desejo. Contudo, a Bíblia claramente declara aquilo que encontramos no versículo 30: "[...] nós conhecemos aquele que disse: A mim pertence a vingança; eu retribuirei. E outra vez: O Senhor julgará o seu povo". O versículo 27 nos diz que aqueles que deliberadamente rejeitam a Deus têm "certa expectação horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários".

Como conciliamos a ideia de ira divina com a de um Deus amoroso? A resposta é que a ira de Deus não se opõe ao amor de Deus; na verdade, os dois são inseparáveis. Deus tem a mesma atitude para com o pecado que uma mãe tem para com uma doença fatal que ameaça a casa dela. J. I. Packer dá uma explicação muito útil:

> A ira de Deus na Bíblia nunca é uma coisa caprichosa, autoindulgente, irritadiça, moralmente baixa como a ira humana tão frequentemente o é. Em vez disso, ela é uma reação necessária e correta ao mal moral. Deus só está irado onde a ira é necessária. [...] Um deus que não reagisse adversamente ao mal em seu mundo seria moralmente perfeito? Com certeza não. No entanto, é justamente essa reação contrária ao mal que é uma parte da perfeição moral, que a Bíblia tem em vista quando fala da ira de Deus. [...] Ela é ira *justa* – a reação *justa* da perfeição moral no Criador para com a perversidade moral na criatura. Por isso, longe da manifestação da ira de Deus na punição do pecado ser moralmente questionável, o que seria moralmente questionável seria ele *não* mostrar sua ira dessa forma.[3]

O que as pessoas que rejeitam a ideia de julgamento e ira na verdade se opõem é à própria ideia de Deus. Não é como ele exerce sua soberania, mas a soberania dele em si que homens

humanistas rechaçam. Se Deus é soberano, se ele é responsável pela disposição de todas as coisas, então ele não pode ser um Deus de amor sem ser um Deus de ira; ele não pode ser bom como Deus sem ser justo em sua punição ao pecado.

Isso explica por que muitos evangélicos são atraídos pela ideia de aniquilação. Eles não conseguem manter uma visão bíblica de Deus sem aceitar a ideia da ira divina, e não conseguem digerir a ideia de punição eterna. Eles defendem sua posição com as afirmações bíblicas que empregam os termos "consumir" e "destruir". Em Mateus 10.28 Jesus diz: "Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo". John Stott comenta: "se matar é tirar a vida do corpo, o inferno parece ser a privação da vida física e espiritual, uma extinção do ser". Ele acrescenta: "será estranho se não forem destruídas as pessoas das quais se diz que sofrerão destruição".[4]

Esse seria um argumento convincente e atrativo, se ele não fosse descartado por outras afirmações diretas em outras partes na Escritura. Em Mateus 18.8, por exemplo, Jesus fala do perigo de ser lançado no "fogo eterno". O fogo do inferno não se apaga, ele é "eterno". Em Marcos 9.48, Jesus fala do inferno como um lugar "onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga".

Em Apocalipse 20, a cena do grande dia do julgamento, temos um maior esclarecimento. No versículo 9 descobrimos que o fogo descerá do céu para "consumir" os inimigos do povo de Deus. Isso parece apoiar o aniquilacionismo. No entanto, o versículo 10 prossegue dizendo: "O diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago de fogo e enxofre, onde já se encontram não só a besta como também o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite, pelos séculos dos séculos". Podemos nos consolar dizendo que isso se refere ao demônio e não aos humanos. Todavia, o demônio também foi uma das criaturas de Deus, e se um Deus amoroso é capaz de enviar o diabo para o sofrimento eterno, então ele é capaz de fazer o mesmo com seres humanos pecadores.

A cena em Apocalipse 20, contudo, não para no diabo. Os versículos 11-15 introduzem toda a humanidade com estas palavras:

> Vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles. Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então, se abriram livros. Ainda outro livro, o Livro da Vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros. Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras. Então, a morte e o inferno foram lançados para dentro do lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo. E, se alguém não foi achado inscrito no Livro da Vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo.

Esse é exatamente o mesmo lago de fogo ardente onde o diabo será atormentado "de dia e de noite, pelos séculos dos séculos".

> A Bíblia retrata o julgamento e o inferno não somente como destruição, mas como punição e tormento eternos para os inimigos de Deus. Tendo esse cenário de fundo, vemos a urgência com a qual o escritor de Hebreus fala com

essa comunidade cristã. Contrastado com a realidade do inferno, podemos ver por que ele escreve no versículo 31: "Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo".

Maltratando o evangelho

A nossa passagem não faz uma afirmação geral com respeito ao pecado e sua punição, mas uma advertência particular para esses judeus que tinham professado a fé em Jesus Cristo. A preocupação do escritor é a mesma que ele expressa em outras exortações, a saber, que eles não se desviassem de Deus rejeitando o evangelho. Havia pressão para que eles fizessem isso. Eles estavam experimentando perseguição e tentação, assim como somos tentados a repudiar Cristo por causa da oposição do mundo, da carne e do diabo. Portanto, ele os adverte: "[...] se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados" (Hb 10.26).

É importante compreender sobre o que o escritor está falando e o que ele não está falando. Ele fala aqui daqueles que "vivem deliberadamente em pecado". Isso se refere a uma distinção feita no Antigo Testamento entre os pecados intencionais e os não intencionais. Moisés muitas vezes falou disso, tal como em Números 15.30: "Mas a pessoa que fizer alguma coisa atrevidamente, quer seja dos naturais quer dos estrangeiros, injuria ao SENHOR; tal pessoa será eliminada do meio do seu povo".

Em Hebreus 10.26, a palavra grega chave é *hekousiōs,* que ocorre somente duas vezes no Novo Testamento: aqui e em 1Pedro 5.2, em que ela significa "não por constrangimento". Em outros escritos gregos, a forma nominal é usada para aqueles que servem como voluntários. O que esse verbo descreve não são crentes que estão lutando contra o pecado, ou mesmo aqueles que têm pecados de estimação que contaminam a vida espiritual deles e desagradam ao Senhor. Em vez disso, ele se refere àqueles que rejeitam a autoridade que Deus tem de dizer-lhes o que fazer, e que notoriamente continuam pecando. É esse tipo de pessoa que o livro de Provérbios tem em mente quando descreve aqueles "que deixam as veredas da retidão, para andarem pelos caminhos das trevas; que se alegram de fazer o mal, folgam com as perversidades dos maus, seguem veredas tortuosas e se desviam nos seus caminhos" (Pv 2.13-15). Com respeito à nossa passagem em Hebreus, Leon Morris comenta:

> Fica claro que o escritor tem a apostasia em mente. Ele está se referindo às pessoas que receberam "o pleno conhecimento da verdade". [...] As pessoas em questão, então, sabem o que Deus fez em Cristo. O conhecimento delas sobre o ensino cristão é mais do que superficial. Se, sabendo disso, elas retrocederem a uma atitude de rejeição, de pecado contínuo, então já não há sacrifício pelos pecados. Tais pessoas rejeitaram o sacrifício de Cristo, e o argumento anterior mostra que não existe outro sacrifício.[5]

Há algum tempo, eu passei por uma situação pastoral que é instrutiva aqui. Ela envolveu uma jovem que tinha amizade comigo e com minha esposa enquanto ela estudava na faculdade onde eu ensinei. Após se formar, nós mantivemos algum contato e, após muitos anos, ficou claro que essa mulher tinha caído profundamente em pecado. Certa vez, ela visitou nossa casa e lamentou

o fato com lágrimas. Ela frequentou a igreja conosco e voltou para onde morava determinada a melhorar. Contudo, ela logo se envolveu com um grupo de pessoas incrédulas. Quando falei com ela novamente, ela me disse que veio a perceber a falsidade do cristianismo. Incapaz de responder a seus amigos ateus, ela começou a ler Nietzsche e outros filósofos ateus e rejeitou a fé. Não é preciso dizer que eu fiquei arrasado com a notícia. No que diz respeito a isso, é muito duro para mim encarar a possibilidade apresentada em Hebreus 10, já que a opção deliberada daquela mulher pelo pecado sugeria "certa expectação horrível de juízo" (Hb 10.27).

O tempo passou, até que me pediram para realizar um casamento para um jovem que eu também tinha conhecido naquele tempo. O casamento foi na cidade natal dessa mulher, e ela foi convidada. Como era de se esperar, ela estava lá na festa de casamento, destacando-se em meio a uma multidão de cristãos pela forma como agia e se vestia. Relutantemente, ela se aproximou de mim e, após uma breve conversa, concordou em me levar até o aeroporto naquela noite.

No caminho ela me contou sobre os vários filósofos que a tinham desviado de Cristo, muitos deles defendendo ideias que o escritor de Hebreus queria que seu próprio rebanho evitasse. Eu estava cansado após o casamento e não achava que pudesse me lembrar dos detalhes das várias respostas cristãs para cada um daqueles questionamentos. Em vez disso, eu simplesmente perguntei a ela: "Diga-me, o que veio primeiro: a sua queda em pecado ou essas convicções filosóficas? Foi a filosofia que induziu você ao pecado ou o pecado que induziu você à filosofia?" Para minha surpresa, ela desabou em lágrimas, admitindo que só havia se interessado pelo ateísmo após ter caído terrivelmente em pecado. Contudo, ela insistiu que já não era uma cristã, mas uma apóstata. Ela havia traído o Senhor. Mesmo se quisesse voltar, disse ela, citando passagens como essa que estudamos, os pecados a tinham condenado para sempre.

Conforme nossa conversa prosseguia, agora já no aeroporto, eu a confrontei com uma pergunta tirada do cerne do significado de nossa passagem. Eu perguntei a ela: "Você renunciou a Jesus Cristo? Você pode fazer isso agora? Você pode dizer que ele não é o Filho de Deus, que ele não morreu na cruz pelos pecadores? Você repudia Jesus Cristo agora? Se você puder fazer isso, eu vou admitir que você está condenada".

Eu não sei qual de nós estava mais nervoso. No entanto, ela não foi capaz de repudiar Jesus, e naquela noite eu tive o privilégio de evangelizá-la novamente, começando com a cruz onde Jesus tomou sobre si a ira de Deus em lugar dela. Ela havia se desviado – bastante –, mas não apostatado. No momento em que escrevo este texto, ela repudiou sua vida de pecado, é um membro ativo em uma igreja que crê na Bíblia, e está crescendo firmemente no Senhor.

O horror da apostasia

Infelizmente, nem sempre é assim que acontece. Há apóstatas – não cristãos reais que abandonam a fé, e sim cristãos professos que na verdade nunca foram salvos e mostram isso com seu repúdio subsequente. Como Hebreus 10.29 deixa claro, há um tipo de pessoa que mentalmente entende o ensino do evangelho, que sabe e compreende algo sobre Jesus, mas

“calcou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça”. Um apóstata assim está merecendo a punição eterna no inferno e, de fato, está reservado para tal destino por causa de sua rejeição ao único sacrifício expiatório. As pessoas que rejeitam a lei de Moisés morrem sem misericórdia, diz o versículo 28. O que será então daqueles que rejeitam a graça de Deus? Apenas juízo e fogo intenso.

A redação de Hebreus 10.29 deixa claro que não estamos falando de crentes que lutam contra o pecado. Essa afirmação de apostasia envolve a rejeição evidente de três coisas: primeira, a pessoa de Cristo como o Filho de Deus (“aquele que calcou aos pés o Filho de Deus”); segunda, a obra salvadora de Cristo na cruz (“e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado”); terceira, o Espírito Santo que trouxe o evangelho (“e ultrajou o Espírito da graça”). Esse último item relaciona essa afirmação às palavras de Jesus em Mateus 12.32, em que ele fala acerca do pecado imperdoável contra o Espírito Santo: “Se alguém proferir alguma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á isso perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será isso perdoado, nem neste mundo nem no porvir”. O episódio que ocasionou essa observação foi a acusação pelos fariseus de que Jesus era do diabo porque ele expulsava demônios. Hebreus 10.29 deixa claro que o pecado envolvido – o pecado imperdoável – é o repúdio proposital do evangelho por aqueles, como os fariseus, que o viam e compreendiam o significado dele.

Lembre-se das palavras de Clark Pinnock, que classificou qualquer ideia de julgamento eterno como uma afronta à moralidade. No entanto, a condenação dos apóstatas não é uma afronta. A afronta tem a ver com Deus enviando seu precioso Filho ao mundo. Ele não veio para nos julgar, embora certamente já sejamos culpados. Ele veio para nos salvar. É desse Deus que estamos falando aqui – o Deus que “amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. Essa grande afirmação de João 3.16 fala do amor abundante de Deus. Que ele julgue os pecadores não é uma afronta; afronta é o homem, tendo recebido esse presente de Deus, tratar com menosprezo o nome de Jesus como Filho de Deus, tratar profanamente o precioso sangue dele e insultar o Espírito de Deus quando ele dá testemunho do evangelho neste mundo.

Essa é a real afronta, uma que a Bíblia reconhece pelo fato de João 3.16 nos levar a João 3.18: “Quem nele crê não é julgado o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus”. Com certeza A. W. Tozer estava correto quando disse: “Só haverá um texto no inferno. Talvez ele esteja entalhado nos grandes muros daquele terrível lugar – ‘Justo és, SENHOR, e retos, os teus juízos’”.[6]

O dom do amor de Deus

Hebreus 10.30-31 coloca o ponto de exclamação na advertência do escritor sobre o julgamento: “Ora, nós conhecemos aquele que disse: A mim pertence a vingança; eu retribuirei. E outra vez: O Senhor julgará o seu povo. Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo”. Se há algo que prova a realidade de Hebreus 10.31 é a experiência de Jesus Cristo quando ele

contemplou o julgamento de Deus. Na noite em que seria aprisionado, Jesus foi para o jardim do Getsêmani para orar, e foi a terrível ira de Deus que afligiu a mente dele. Lucas nos conta como ele orou: "Pai, se queres, passa de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua. [...] E, estando em agonia, orava mais intensamente. E aconteceu que o seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra" (Lc 22.42-44). James Montgomery Boice comenta:

> Não era um homem apavorado com a simples morte física. [...] Era o terror do santo e eterno Filho de Deus no momento em que ele encara a experiência de ser feito pecado por nós e de suportar a ira da separação do amor de Deus em nosso lugar. Ele foi entregue para que nós pudéssemos ser poupados. Ele suportou a ira de Deus para que nunca tenhamos de suportá-la.[7]

Deus disse que vai retribuir o pecado, visitando os pecadores com sua vingança. Hebreus 10.30 cita duas passagens de Deuteronômio 32 que estabelecem esse julgamento contra o pecado. No entanto, foi na morte de seu Filho que Deus realmente provou isso ao mundo, pois foi a ira de Deus contra o nosso pecado que Jesus suportou sobre aquela cruz. O que ele experimentou lá foi verdadeiramente horrível. J. I. Packer descreve o sofrimento:

> A dor física, embora grande (pois a crucificação ainda é a forma mais cruel de execução judicial que o mundo já conheceu), ainda era somente uma pequena parte da história; os principais sofrimentos de Jesus foram mentais e espirituais, e o que estava incluso em menos de 400 minutos foi uma eternidade de agonia – agonia tal que cada minuto foi uma eternidade em si.[8]

Foi terrível? Sim foi. A ideia aqui não é que Deus é cruel, pois foi o próprio Deus na segunda pessoa, o Filho, que suportou a ira. A ideia não é que Deus é moralmente questionável, mas que o pecado é moralmente repulsivo. É isso que achamos difícil de aceitar. Isso se perde naqueles que reclamam da ira de Deus. O pecado é terrível, e a cruz de Cristo declara isso ao mundo, ao mesmo tempo em que declara a santidade de Deus em letras de sangue. Pois, mesmo quando foi o próprio Jesus, o amado Filho do céu, que suportou nosso pecado sobre a cruz, Deus, o Pai, ainda derramou sua ira. Isso levou J. C. Ryle a observar: "Aquela culpa deve ter sido terrivelmente imunda já que nada além do sangue do Filho de Deus pôde fazer expiação. Deve ter sido pesado o pecado humano que fez Jesus gemer e suar gotas de sangue em agonia no Getsêmani e chorar no Gólgota: 'Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27.46)[9]

A cruz revela a realidade do pecado, bem como a realidade do julgamento santo sobre ele. Mas a cruz também revela algo mais: a resposta da questão acerca do amor de Deus. Como podemos chamar de Deus de amor o Deus da cruz? Porque a cruz revela a largura, a extensão e a profundidade do amor de Deus. O preço da satisfação da justiça santa de Deus foi o total pagamento da dívida do pecado. Se esse era o preço que Deus tinha de pagar por seu amor pelo mundo – a oferta de seu único Filho, o único que atingiu os padrões de santidade de Deus –, então Deus estava disposto a pagá-lo. Se a morte de Cristo foi exigida por Deus para se reconciliar com suas criaturas, então naquela morte vemos a plenitude do amor dele. "Deus amou o mundo de tal maneira", e a morte de Jesus foi a provisão do amor de Deus por nós.

Portanto, não calquemos aos pés Jesus Cristo, Filho de Deus, pela incredulidade. Não tomemos por impuro aquele sangue, precioso em seu valor e salvador em sua virtude, que foi derramado por nós. Não insultemos o Espírito de graça que dá, ao nosso coração, testemunho de tal amor. Se o fizermos, se qualquer um de nós repudiar esse evangelho de justiça e amor, então, certamente Deus vai se vingar, ele vai retribuir. E é isso que ele deveria fazer. Ainda que o pensamento de cair nas mãos dele para receber justiça, sem a cobertura do sangue de Cristo recebida pela fé, seja terrível. Quão terrível será para aqueles que hoje o desafiam, mas que naquele dia cairão nas mãos dele para a condenação.

---

[1] Clark Pinnock, citado em D. A. Carson, *The Gagging of God* (Grand Rapids: Zondervan, 1996), 519.
[2] John Stott, citado em Carson, *The Gagging of God,* 520.
[3] J. I. Packer, *Knowing God* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1973), 136, 166.
[4] Citado em Carson, *The Gagging of God*, 520.
[5] Leon Morris, "Hebrews", em *Expositor's Bible Commentary*, 12 vols. (Grand Rapids: Zondervan, 1981), 12:106.
[6] A. W. Tozer, *The Tozer Pulpit*, vol. 1, *Selections from His Pulpit Ministry* (Camp Hill, Pa.: Christian Publications, 1994), 89.
[7] James Montgomery Boice, *Romans*, 4 vols. (Grand Rapids: Baker, 1992), 2:964.
[8] Packer, *Knowing God,* 176.
[9] J. C. Ryle, *Holiness* (Darlington, U.K.: Evangelical Press, 1979), 6.

36

DENTRO DE POUCO TEMPO



Hebreus 10.32-39

> *Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa. Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará; todavia, o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma. Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma.* (Hb 10.36-39)

Uma das coisas úteis acerca de estudar um livro da Bíblia cuidadosamente é que você passa a compreender o autor bíblico. À medida que avança pelos capítulos, você adquire uma percepção da maneira que ele pensa, do relacionamento dele com seus leitores originais, e até mesmo da personalidade dele. Isso é particularmente agradável no caso do livro de Hebreus, porque não sabemos quem é o autor. Há um sentimento de descoberta maior do que nas cartas de Paulo, Pedro ou João, já que todos eles são bastante conhecidos no Novo Testamento. O escritor de Hebreus é o homem misterioso do Novo Testamento. Quando estudamos a questão da autoria, eu argumentei que não há como identificar o escritor, exceto quanto a dizer que ele provavelmente não é nem uma das outras figuras apostólicas mais conhecidas.

Aqui está o que aprendemos acerca do autor de Hebreus até agora: primeiro, ele era um pastor. A atenção dele estava voltada para os problemas de seu rebanho. Além do mais, como nossa atual passagem deixa especialmente claro, ele tinha conhecimento íntimo de seus leitores. Ele também conhecia os pontos fracos e fortes deles. Ele conhecia as ameaças à fé deles. Também conhecia os eventos que compunham a história particular daquela congregação. Segundo, ele era sincero e persistente em sua preocupação que eles retrocedessem e fossem destruídos. Ele compreendia que o quer que pudesse acontecer, a fé importava mais do que todo o resto. Finalmente, ele era versátil em sua abordagem. Percebeu que algumas pessoas precisavam ser desafiadas, outras encorajadas, outras advertidas, e ainda outras inspiradas. Se o nosso escritor era um associado de Paulo, como há uma boa razão para se acreditar, então ele exemplificou a sabedoria pastoral de Paulo em 1Tessalonicenses 5.14: "[...] admoesteis os insubmissos, consoleis os desanimados, ampareis os fracos e sejais longânimos para com todos".

Uma poderosa memória

O escritor de Hebreus investe bastante no uso de exemplos históricos. No capítulo 11, ele faz uma apresentação excepcional de história bíblica, mas aqui, nos últimos versículos do capítulo 10, ele se volta para a história dessa congregação específica.

A nossa geração tolamente pensa que a História é irrelevante. Isso em parte se deve ao fato de sermos egoístas. Por isso, de fato, nos importamos apenas com nós mesmos. O pensamento de muitos cristãos é moldado por ideias seculares de progresso ou síntese e, por isso, acham que qualquer coisa que aconteceu antes de nosso tempo é necessariamente inferior. C. S. Lewis rotulou esse fenômeno de "esnobismo cronológico". No entanto, o escritor de Hebreus achava que o passado era um recurso importante para o presente. Ele começa com uma palavra que é um dos três verbos que moldam essa passagem. A palavra é "lembrar" ou "recordar": "Lembrai-vos, porém, dos dias anteriores, em que, depois de iluminados, sustentastes grande luta e sofrimentos" (Hb 10.32).

A primeira coisa que deveríamos perceber é que o autor não "lembra" seus leitores a respeito dos "dias anteriores" em que a fé parecia fácil. Não é nos dias quando as coisas vão bem que verdadeiramente nossa vida cristã é definida. Os tempos realmente importantes, os períodos que produzem os pontos altos de nossa própria história cristã, são aqueles de provação, dificuldade e perigo.

Isso nos diz algo acerca de como devemos lidar com as provações quando elas vêm. Coisas acontecem, as circunstâncias de repente mudam, um grande problema surge, e achamos que algo terrível aconteceu. Por um lado, somos levados a pensar dessa forma em face da doença, ou da perda de emprego, ou da morte de um ente querido, ou da súbita perda de um líder importante. É claro que não almejamos essas coisas. Mas essa passagem nos lembra de que há ocasiões que nos forçam a crescer em nossa fé e nosso caráter. Quando são retirados os suportes é que descobrimos do que é feita a nossa fé. Nesse sentido devemos ver as provações como oportunidades para glorificar o Senhor, como desafios positivos para revelar e demonstrar a nossa fé em Deus.

Os tempos de que vamos nos lembrar são os tempos de dificuldade quando Deus deu provas de si mesmo em resposta à nossa fé. São essas as coisas de que nossos filhos vão se lembrar de seu período de infância na igreja. Toda vez que encaramos tribulação de verdade, devemos nos esforçar por extrair tesouros para o futuro – que é exatamente o que o autor faz. Ele quer que seus leitores se lembrem do que os cristãos podem fazer por meio da fé, o que eles foram capazes de fazer nas provações anteriores e quanto a graça de Deus é suficiente para aqueles que o buscam na tribulação:

> [...] sustentastes grande luta e sofrimentos; ora expostos como em espetáculo, tanto de opróbrio quanto de tribulações, ora tornando-vos coparticipantes com aqueles que desse modo foram tratados. Porque não somente vos compadecestes dos encarcerados, como também aceitastes com alegria o espólio dos vossos bens, tendo ciência de possuirdes vós mesmos patrimônio superior e durável. (Hb 10.32-34)

Perceba os tipos de coisa que Deus ajudou os cristãos a enfrentar pelo poder que eles receberam por meio da simples fé nele. Havia uma "grande luta" caracterizada pelo sofrimento. Por que é que os cristãos temem o sofrimento? Mais do que tudo temos medo de ceder e de nossa fé falhar. Mas esses cristãos aprenderam sobre a graça sustentadora de Deus. Após enfrentar uma grande luta, Hebreus 10.32 diz: "sustentastes".

Na provação anterior, os destinatários da carta haviam sido submetidos a "opróbrio [e] [...] tribulações". Esse é o tipo de coisa que os cristãos ocidentais talvez logo experimentem. Nós tememos que em resposta ao insulto e à perseguição possamos negar nossa fé, ou que possamos ter medo de deixar que as pessoas saibam que somos cristãos. Contudo, Deus capacitou aqueles crentes a fazer o oposto, tornando-se "coparticipantes com aqueles que desse modo foram tratados" (Hb 10.33). A isso o escritor acrescenta que alguns foram colocados na prisão e muitos tiveram sua propriedade confiscada. Pela fé, os leitores dele ministraram aos que foram afligidos e até aceitaram suas próprias perdas com alegria. De fato, essa era a marca registrada da igreja primitiva: eles não somente suportavam a aflição, mas demonstravam alegria em meio a tudo. É isso que requer a fé; se não estamos dispostos a suportar a aflição, então simplesmente não podemos ser cristãos. Jesus ensinou: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará" (Lc 9.23-24).

Nos lembramos aqui de Pedro e João durante os primeiros dias após a ressurreição. O Sinédrio os intimou a comparecer e exigiu que eles parassem de pregar o evangelho na cidade de Jerusalém. Para deixar a mensagem muito clara, eles mandaram açoitar barbaramente os apóstolos. A descrição de Lucas em Atos é ainda mais poderosa por sua concisão objetiva: "E eles se retiraram do Sinédrio regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome" (At 5.41).

É isso que a fé pode fazer, e a lição do passado dos hebreus de fato é uma lição de fé. Falando da propriedade confiscada deles, ele diz: "[...] tendo ciência de possuirdes vós mesmos patrimônio superior e durável" (Hb 10.34). Ele poderia ter escrito de forma semelhante acerca da ameaça de morte: "tendo ciência de possuirdes vós mesmos vida superior e durável". Ele poderia ter dito isso acerca do sofrimento, apontando para um "conforto superior e durável", e da mesma forma com relação à desgraça, já que todos que se apegam a Cristo em fé têm nada menos do que glória eterna entesourada para si. Era essa a perspectiva de Paulo quando escreveu: "Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós" (Rm 8.18).

No começo de nossa vida de casados, minha esposa tinha uma amiga cuja fé poderosa durante as provações deixou uma marca permanente em nossa vida. Uma das frases favoritas dela casava muito bem com o pensamento do escritor de Hebreus. "Só há três tipos de coisa que podem acontecer com um cristão", ela costumava dizer, "e todas as três são boas. Primeira, você pode ser abençoado, e é claro que isso é bom. Segunda, você pode morrer, e isso o leva à presença de

Jesus. O que é muito bom. Terceira, você pode sofrer, e o Senhor usa isso para tornar você mais parecido com Jesus, e isso também é algo muito bom". É exatamente assim que a fé em Cristo funciona, e foi essa atitude que tinha capacitado a congregação de Hebreus em seu sucesso anterior.

Hebreus 10.32-34 nos mostra que o alvo dos cristãos nas provações é permanecer firmes. "Sustentastes", o autor diz, com referência ao passado. "Não abandoneis, portanto, a vossa confiança", ele diz quando volta ao presente. É isso que devemos fazer. Os cristãos não têm de vencer a guerra da cultura, nem devemos esperar triunfos mundanos. O nosso primeiro alvo é sempre sermos fiéis à fé neste mundo hostil, permanecendo de pé sobre a rocha sólida de Cristo.

O escritor desafia os leitores a recordar o que seus antepassados tinham feito por meio da fé. Sem dúvida foi por lembrar disso que seus predecessores resistiram às suas provações. As forças anticristãs empregaram insulto e perseguição contra eles. Entretanto, eles devem ter pensado em Jesus e a ridicularização que ele sofreu sobre a cruz. Eles venceram seus medos de sofrimento com um temor maior – o temor de que pudessem falhar em ter participação nos sofrimentos de Cristo. Essa é a lógica que o mundo não consegue compreender – a lógica que levou Jesus a carregar a cruz e que leva os cristãos a se encontrarem com ele ali.

Essa prontidão em compartilhar dos sofrimentos sempre confundiu os tiranos que tentaram eliminar a fé cristã. Eles colocavam os cristãos na prisão para isolá-los, mas outros cristãos vinham para a prisão apenas para fazer companhia a estes. Eles confiscavam as casas e as posses dos cristãos, buscando quebrar-lhes o espírito. Entretanto, era o espírito dos perseguidores da igreja que se abatia quando os cristãos respondiam partilhando o que tinham para prover para os irmãos que tinham sido despojados. Esse foi o testemunho da maravilhosa congregação cristã que sofria e para quem o escritor de Hebreus estava escrevendo. Essa foi a demonstração de fé por intermédio da qual os cristãos viraram o mundo antigo de cabeça para baixo. Nas palavras do puritano Jeremiah Burroughs, um homem que também estava acostumado a perseguição: "Quando um cristão consegue andar em meio às ardentes provações, sem que suas roupas sejam chamuscadas, e possui conforto e alegria em meio a tudo [...] isso vai convencer os homens, quando eles virem o poder da graça em meio às aflições".[1]

"Você pode receber"

Essas eram coisas boas para os cristãos hebreus lembrarem, especialmente quando eles apoiavam uns aos outros para mais uma provação, como o escritor esperava que ocorresse. Esses versículos nos mostram o poder do passado; mas se há outro tempo que o nosso escritor acha que é extremamente importante é o futuro.

Há três verbos-chave que estruturam essa passagem, o primeiro dos quais está relacionado ao passado: "Lembrai". O segundo ocorre em Hebreus 10.36, e está relacionado ao futuro. A palavra grega é traduzida no português como "alcanceis". É isso que o futuro reserva para o cristão. Se o presente envolve sofrimento, podemos saber que o futuro envolve premiação. Nós

olhamos para frente para receber tudo o que Deus prometeu àqueles que confiam nele. Aqui ainda há outra maneira pela qual os cristãos fazem parte da verdadeira contracultura hoje. Em que o mundo diz: "Compre agora, pague mais tarde", os cristãos dizem: "Sacrifique-se agora, receba mais tarde".

A perspectiva futura da fé cristã é uma das grandes ênfases do livro de Hebreus, e aqui vemos o porquê disso. O conhecimento do que está entesourado para nós capacita-nos nas provações presentes. Essa é a ideia presente na definição da fé em Hebreus 11.1: "Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem". Nós vemos essa lição reforçada repetidamente nesse grandioso capítulo 11.

Pode ser que essa perspectiva futura seja enfatizada no livro de Hebreus, mas ela é comum em toda a Bíblia e no povo de Deus. É ela que dá ousadia aos cristãos. O equilibrista do circo, no alto de sua corda, é encorajado pela rede abaixo dele. Da mesma forma, os cristãos são corajosos graças ao conhecimento certo de um futuro glorioso. Como Paulo coloca em 2Coríntios 5.1: "Sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus". Semelhantemente, Pedro inicia sua primeira carta para outros cristãos sob provação escrevendo sobre "uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros que sois guardados pelo poder de Deus" (1Pe 1.4-5).

Em virtude de, agora mesmo, já sermos cidadãos do céu, somos capazes de entender coisas que ainda não são reais para nossa experiência – mas são prometidas àqueles que confiam em Cristo. Nós trazemos bênçãos futuras em nossa atual tribulação como poder para perseverar. Nós confiamos num futuro quando, conforme Apocalipse 7.16-17 coloca: "Jamais terão fome, nunca mais terão sede, não cairá sobre eles o sol, nem ardor algum, pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima".

O escritor de Hebreus identifica nossa esperança especialmente com o retorno de nosso Senhor Jesus Cristo. O versículo 37 diz: "Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará". Mas Jesus está presente conosco espiritualmente mesmo agora. Essa ideia tem estado muito presente no ensino dessa carta, que, quando foi para o céu, Cristo não se tornou inacessível para nós, mas ainda mais acessível. Ele está corporalmente ausente, mas espiritualmente presente. Portanto, nós esperamos que o nosso rei retorne de um país distante para reestabelecer seu reino. Nós sabemos com certeza que ele está vindo. Nós o servimos enquanto esperamos, olhando em direção ao futuro com esperança e expectativa cheia de alegria.

Donald Grey Barnhouse enfatizou que essa é a razão por que os cristãos nunca se limitam a tolerar suas circunstâncias. Nós não caímos na resignação estoica, mas em vez disso somos animados por uma poderosa esperança:

> Não há uma atitude de: "Eu aguento". O pagão, em sombria falta de esperança, curva-se ao inevitável. O cristão aceita o sofrimento, sabendo que Deus o está conduzindo para a glória. Partindo da esperança do passado em

> direção à esperança do futuro, ele vê a conexão que passa pelo sofrimento dele como uma linha que amarra tudo. A vida dele é como as corredeiras turbulentas de um rio, mas ele sabe que o rio vem de uma fonte tranquila e está fluindo para um oceano calmo. Sabendo disso, o cristão tem tranquilidade.[2]

Sendo tudo isso verdade, o único perigo real para um cristão é o abandono da fé. "Onde está, ó morte, o teu aguilhão?", dizemos em Cristo, mas, longe da ressurreição de Cristo, a morte é fatalmente catastrófica. Isso explica a urgência do escritor acerca da questão da perseverança na fé. "Com efeito, tendes necessidade de perseverança", ele diz no versículo 36, "para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa".[3] A perseverança é o tempo presente da vida cristã, e ela tipicamente implica luta feroz.

A perseverança dos santos

Dado o passado marcado pelo triunfo e um futuro cheio de esperança, o escritor de Hebreus constrói um presente mandato para os seus leitores cristãos. O que devemos fazer agora então? Devemos partir numa ofensiva contra o mundo, tentar de alguma forma acelerar o retorno de Cristo? Devemos nos esconder, esperando desesperadamente resistir nos tornando invisíveis? A resposta é encontrada no terceiro verbo que define essa passagem: "Perseverar", "Tendes necessidade de perseverança", escreve o autor, "para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa" (v. 36).

"A perseverança dos santos" é uma das doutrinas definidoras da teologia reformada. Essa doutrina ensina que ainda que sejam salvos somente pela graça, por causa da predestinação soberana de Deus, os cristãos ainda têm de perseverar até o fim de sua vida, ou até Cristo retornar. Provavelmente a afirmação mais clara que liga essas duas ideias de graça soberana e de necessidade de perseverança venha de 2Pedro 1.10-11, em que o apóstolo escreve: "Por isso, irmãos, procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição; porquanto, procedendo assim, não tropeçareis em tempo algum. Pois desta maneira é que vos será amplamente suprida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo".

A ideia defendida por Pedro não é que devemos eleger a nós mesmos – como se pudéssemos –, mas sim garantir que estejamos entre as pessoas eleitas. Como? Perseverando na fé, ou seja, crescendo na graça por meio da fé em Cristo e continuando como cristãos por toda a nossa vida. Quais são as qualidades que marcam um cristão perseverante? Em 2Pedro 1.5-7 o apóstolo tinha definido a perseverança em termos de crescimento positivo: "[...] reunindo toda a vossa diligência, associai com a vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento; com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a piedade; com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor". Esse é o caminho pelo qual os cristãos crescem e pelo qual nós perseveramos na fé por meio de todo tipo de tribulação.

O ensino de que devemos perseverar e crescer na fé não deveria ser alarmante para nenhum cristão. Em vez disso, ele deveria simplesmente nos lembrar do ensino de nosso Senhor. Jesus disse: "Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis meus

discípulos" (Jo 15.8). Pela produção de fruto é que nossa salvação é provada. Arthur Pink explica isso com muita simplicidade: "Nenhuma presunção é pior do que eu convencer a mim mesmo de que estou destinado ao céu enquanto eu vivo como um filho do inferno".[4] Isso de forma alguma contradiz a ênfase na soberania e graça divina, mas a equilibra com o chamado à responsabilidade espiritual. Tendo isso em mente, o puritano Thomas Watson escreve sobre a atividade necessária para a perseverança de um cristão:

> Os cristãos não atingem a perseverança quando eles se sentam quietos e nada fazem. Não é como se fôssemos passageiros em um navio, que são carregados até o fim de sua viagem enquanto se assentam em silêncio no navio; ou, como ocorre com os nobres, cujas rendas lhes são trazidas sem que labutem ou trabalhem. Não, nós chegamos à salvação no uso de seus meios; como um homem no final de uma corrida porque correu, atingimos a vitória por meio da luta.[5]

O mesmo Deus que ordenou a salvação como objetivo para seus eleitos também ordenou os meios pelos quais chegaremos lá, e isso é perseverança na fé. Perseverança significa agir em fé, e agir em fé significa crescer. Não podemos nos assentar em silêncio. Para perseverar, portanto, temos de fazer uso dos meios de graça, especialmente cultuando juntos, nos alimentando da Palavra de Deus, participando dos sacramentos e tendo comunhão com ele em oração. A palavra final para nossa perseverança é apresentada em Hebreus 10.38: "[...] o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma". Temos de nos apegar firmemente a Cristo, venha o que vier, olhando para ele a cada passo para ter forças para resistir e perseverar.

Ainda dentro de pouco tempo

"Não abandoneis, portanto, a vossa confiança; ela tem grande galardão", escreve o autor (Hb 10.35). Ele tira essa confiança do passado, como água tirada de um poço. Ele também a capta do futuro, assim como o encanto que vem das estrelas no céu. Tanto no passado como no futuro, a confiança vem do Senhor "que é, que era e que há de vir" (Ap 1.8). No passado e no futuro, a confiança vem do Senhor que então nos sustentou e certamente vai nos sustentar agora. Nós obtemos confiança do futuro porque o mesmo Salvador está lá na eternidade, esperando com antecedência e vindo por nós no devido tempo.

Esse é o motivo pelo qual os cristãos acreditam no valor da história, porque ela é a história dele. O passado é definido pela vitória de Cristo na cruz e no túmulo vazio; o futuro nos reserva a vitória de Cristo em seu glorioso retorno e reino eterno. Mas o presente, com todas as suas provações, é quando agora somos sustentados pelo poder desse Cristo vitorioso. Vitória não é ausência de provação, nem a remoção de todos os nossos adversários do mundo. O cristianismo vitorioso não é simplesmente algo que ocorre em manifestações políticas, nem é definido pelo aumento das vendas de produtos cristãos na loja. Ele é o que acontece quando um crente enlutado sorri em meio às lágrimas em um enterro, pensando na manhã da ressurreição. A vitória vem quando um seguidor de Cristo mostra amor a um vizinho desagradável por causa do amor de Cristo pelo mundo. A vitória é alcançada hoje quando crentes perseguidos, como essa

comunidade cristã hebreia na Bíblia, permanecem firmes diante da cultura escarnecedora, recusando-se a abandonar o seu credo. Vitória é permanecer ao lado de um irmão crente em meio à perseguição; é cantar hinos de alegria quando se perde o trabalho, a casa ou os amigos.

"[...] esta é a vitória que vence o mundo", escreveu o apóstolo João, "a nossa fé" (1Jo 5.4). Não importa o que mundo possa fazer ao homem ou mulher em Cristo, nós podemos cantar com alegria por causa do que o amanhã reserva para nós. "Em todas estas coisas", Paulo escreveu, "somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou". Por quê?

> [...] eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor. (Rm 8.37-39)

"Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição", escreveu o grande pastor da Carta aos Hebreus, inspirado com a confiança que vem do Senhor Jesus Cristo, "somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma" (Hb 10.39). Com aquilo que é nosso em Cristo, temos todas as razões para esse tipo de confiança, mesmo na pior das provações.

"Tendes necessidade de perseverança", Deus nos diz. Isso é o que mais importa para cada cristão. No entanto, nós assim fazemos sabendo disto: "Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará" (v. 37). O futuro está vindo, e ele nos traz a plenitude de nossa salvação – um dia sem fome, perigo ou lágrimas. Por isso não estamos sentados assistindo, esperando que esse futuro aconteça. Devemos viver o futuro agora, ser cidadãos do céu mesmo no reino deste mundo. É isso que o nosso Senhor Jesus fez; essa é a mensagem da cruz, o poder de Deus para transformar nossas circunstâncias terrenas, para transformar derrota em gloriosa vitória. James Montgomery Boice escreveu palavras que concluem adequadamente o nosso estudo de Hebreus 10:

> Vitórias em tais sofrimentos são eternas da mesma maneira que a vitória de nosso Senhor sobre a cruz é eterna. Os nossos sofrimentos duram um momento, mas eles conquistam uma vitória eterna. Eles apontam para a verdade e a graça de Deus para sempre. Eu estou convencido de que nos confins mais remotos do céu, naquilo que diríamos ser daqui a bilhões de anos, haverá anjos que irão olhar para todos os que foram redimidos por Jesus Cristo e se engajaram na batalha espiritual por ele, e dirão esses anjos: "Olhe, há mais um dos santos de Deus, alguém que triunfou sobre o mal pelo poder do Senhor". Apocalipse 12.11-12 descreve como as nossas grandes vitórias sobre Satanás levarão os anjos a exclamar: "Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida. Por isso, festejai, ó céus, e vós, os que neles habitais". Ao atingir essas vitórias eternas, nós, que amamos o Senhor Jesus Cristo de fato, seremos mais do que vencedores.[6]

---

[1] Jeremiah Burroughs, *The Rare Jewel of Christian Contentment* (Edimburgo: Banner of Truth, 1964), 122.
[2] Donald Grey Barnhouse, *Expositions of Bible Doctrines Taking the Epistle to the Romans as a Point of Departure*, 10 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1959), 4:95.
[3] "Perseverança" não é um verbo, mas um substantivo. Contudo, na construção da frase ela carrega uma ideia verbal. "Tendes necessidade de perseverança" é quase igual a "Vocês precisam perseverar".
[4] A. W. Pink, *An Exposition of Hebrews* (Grand Rapids: Baker, 1954), 33.

[5] Thomas Watson, *A Body of Divinity* (Edimburgo: Banner of Truth, 1958), 280.
[6] James Montgomery Boice, *Romans*, 4 vols. (Grand Rapids: Baker, 1992), 2:996.

37

O QUE É FÉ?



Hebreus 11.1-3

> [...] *a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem. Pois, pela fé, os antigos obtiveram bom testemunho. Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem.* (Hb 11.1-3)

A vida cristã é a vida de fé. A salvação depende da fé; esta é a chave que abre a fechadura da porta para a vida eterna. A fé é o canal pelo qual recebemos os benefícios da obra salvadora de Cristo; ela é o copo que Deus enche com sua graça salvadora.

O capítulo 11 de Hebreus lida mais claramente com a questão da fé, mais cuidadosamente define a natureza dela e mais exaustivamente descreve o funcionamento dela. Esse capítulo é para a fé o que o capítulo 13 de 1Coríntios é para o amor, que é o motivo de ele ser tão valorizado pelo povo de Deus e tão frequentemente estudado. Hebreus 11 é a obra de um mestre e pastor amoroso que está convencido de que o destino de seus leitores está ligado à fé que possuem. Se eles querem entrar na vida eterna, ele sabe, será por meio da possessão e do exercício da fé, e só por meio dela. Nós vemos a preocupação dele nos versículos que imediatamente precedem esse capítulo, e que estão intimamente ligados ao propósito dele.

> [...] tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa. Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará; todavia, o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma. Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma. (Hb 10.36-39)

É por meio da fé – pelo acreditar – que somos salvos, e por falta da fé é que estamos perdidos. John Owen nos diz o porquê em seu comentário em Hebreus:

> É a fé somente que, desde o início do mundo, em todas as épocas, sob todas as dispensações da graça divina [...] tem sido o único princípio de vida dedicada a Deus na igreja, de obtenção das promessas, de herdar a vida eterna; de continuar assim para estar na consumação de todas as coisas. [...] A vida espiritual é pela fé. Também a vitória, a perseverança e a salvação. Assim tem sido desde o princípio.[1]

Neste capítulo, portanto, nos dedicaremos a um estudo minucioso da fé, que a *Confissão de Fé de Westminster* chama de "único instrumento de nossa justificação" (11.2). Hebreus 11 é um capítulo adorável, que apresenta uma série brilhante de exemplos e nos conecta a alguns dos maiores episódios do Antigo Testamento. Contudo, ele também é um capítulo com um propósito.

O objetivo dele é que imitemos a fé desses heróis da Escritura para que a salvação que eles receberam seja nossa também.

O que é fé?

Hebreus 11.1 é uma definição de fé muito citada e memorizada: "Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem". Não se trata de uma definição abrangente de fé – há verdades importantes acerca da fé que não são aqui mencionadas –, mas ela serve como uma introdução bem útil para tudo o que o escritor de Hebreus quer que consideremos nesse capítulo.

O versículo 1 descreve o ambiente em que a fé existe e opera. A fé ocorre quando se espera por algo, mas tal coisa anda não se manifestou e ainda não se tem posse dela. Com respeito a isso, a fé lida com o futuro. Paulo fala da expectativa de fé em Romanos 8: "Porque, na esperança, fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o aguardamos" (Rm 8.24-25). A fé diz respeito a realidades espirituais invisíveis, como as coisas são aos olhos de Deus. A fé, então, está relacionada às coisas que ainda não temos, às coisas pelas quais esperamos e não vemos, às coisas que são prometidas por Deus, mas até agora não se cumpriram em nossa experiência real.

Os estudiosos traduzem Hebreus 11.1 de várias formas. A razão para isso é que a palavra-chave na oração de abertura, *hypostasis*, traz consigo várias nuances de significado. Na Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento comumente usada pelos apóstolos, *hypostasis* ocorre 20 vezes para traduzir 12 palavras hebraicas diferentes. A Almeida Revista e Atualizada, junto com a Nova Versão Internacional, traduz essa palavra como "a certeza". A Almeida Revista e Corrigida e a Almeida Atualizada a traduzem como "firme fundamento", enquanto a Tradução Brasileira a traz como a "substância" das coisas esperadas. J. B. Phillips chama o termo de "plena confiança".

O excelente comentário de Hebreus de Philip Hughes lista quatro maneiras principais que podemos empregar *hypostasis*, todas as quais têm algo a oferecer. A primeira corresponde à maneira que ela é usada em Hebreus 1.3. Lá, a mesma palavra descreve a substância ou o ser de Deus: "Ele [o Filho], que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu *Ser*" (ênfase acrescentada). Essa é a ideia da versão King James para Hebreus 11.1: "Ora, a fé é a *substância* das coisas esperadas" (ênfase acrescentada). O ponto é, como diz Hughes, que a "fé lança mão daquilo que é prometido e então espera por isso, como algo real e sólido, apesar de ainda invisível".[2] Pela fé, portanto, nós possuímos as coisas pelas quais esperamos; fé é a maneira pela qual nós as mantemos, e pela fé elas são reais em nossa experiência.

Essa é a ideia de fé enfatizada na segunda metade do versículo 1, em que lemos que a fé é a "convicção de fatos que se não veem". A palavra grega chave é *elenchos*, que a Nova Versão Internacional traduz como "prova" e que normalmente significa evidência ou testemunho de "coisas que não se veem". Essas coisas não se veem, mas a prova e a nossa convicção delas são

percebidas por meio da fé. Um dos motivos por que muitos preferem a tradução *hypostasis* como "substância" é que eles veem um paralelo entre a primeira e a segunda metade desse versículo: fé é a "substância das coisas esperadas, a prova das coisas não vistas".

Claramente, essa ideia é importante para o pensamento do escritor. Ele vai tirar o máximo do exemplo de Abraão, que viveu como um peregrino na terra da promessa. Embora outros ocupassem e controlassem a terra durante o período de vida dele, ele, no entanto, possuiu pela fé a terra. A fé evidenciou para ele aquilo que fora prometido, mas ainda não era visto. O mesmo se aplica com respeito à promessa de um filho. Deus mudou o seu nome de Abrão – pai de uma nação – para Abraão – pai de muitas nações – em virtude da promessa que ele possuía pela fé, embora ele ainda fosse estéril. É dessa forma, então, que a fé funciona: ela torna real e nos dá possessão de coisas que são esperadas, mas não são parte de nossa experiência.

A segunda maneira de considerarmos *hypostasis* é como um *fundamento*. A construção da palavra se adapta a esse uso, justapondo os termos gregos *hypo* (debaixo) e *thesis* (tese). Uma *hypostasis* é algo que fica debaixo de outra coisa, como a fundação de um edifício. É dessa maneira que Agostinho compreendeu a nossa passagem, que a fé é o ponto de partida que contém a certeza do fim. Pela fé começamos o que por fim concluímos possuir e ver.

Terceiro, *hypostasis* pode ser traduzida como *confiança* ou *certeza*, que é como a maioria das versões a traduz. Essa definição trata do que é a fé, a saber, uma confiança ou certeza nas coisas esperadas, mas ainda não vistas. É assim que a palavra é usada em Hebreus 3.14, a outra ocasião em que ela aparece nessa carta: "Porque nos temos tornado participantes de Cristo, se, de fato, guardarmos firme, até ao fim, a *confiança* que, desde o princípio, tivemos". Fé, então, é nossa atitude para com as nossas circunstâncias, particularmente para com a incerteza e necessidade. Paulo escreveu: "visto que andamos por fé e não pelo que vemos" (2Co 5.7). Por fé vivemos como se as coisas fossem diferentes de como aparecem, por causa do que Deus disse.

Finalmente, essa palavra pode ser traduzida como *garantia* ou *testemunho*. Fé, nesse sentido, é a escritura para as coisas que não possuímos, mas pelas quais esperamos no Senhor. Um comentarista escreve:

> Fé é uma garantia das realidades celestiais pelas quais esperamos; a fé não somente as torna certas para nós, mas ela as considera como legalmente pertencentes a nós; ela é, em si mesma, uma segurança objetiva de nosso gozo definitivo delas. Consequentemente, a fé "toma posse por antecipação" dessas bênçãos celestiais e é um genuíno início da vida divina.[3]

A fé é a garantia que provê um antegozo das bênçãos espirituais que por fim iremos conhecer plenamente.

Eu disse que esta palavra *hypostasis* pode ser considerada pelo menos de quatro maneiras. Logo, pode-se perguntar qual delas é a certa. Parece que o escritor de Hebreus deliberadamente escolheu a palavra que possui um conjunto rico e amplo de significados, podendo todos eles serem usados. A fé é a substância das coisas que se esperam; ela é o fundamento sobre o qual

elas são trazidas à existência; ela é uma atitude confiante para com aquelas coisas que Deus prometeu; ela é a garantia que nos assegura a posse certa agora mesmo.

O que Deus aprova

No que diz respeito à compreensão e definição de fé, há duas abordagens básicas que podemos fazer com segurança, ou duas questões básicas para as quais podemos encontrar uma resposta. A primeira delas tem a ver com o que a fé *faz* e a segunda trata do que a fé *é.* Se a questão é o que a fé faz, a resposta é que ela torna real para nós coisas que de outra forma são irreais para a nossa experiência; ela apresenta para o nosso coração coisas que não podem ser vistas com os nossos olhos. João Calvino escreve eloquentemente sobre esse ponto:

> O Espírito de Deus nos mostra coisas ocultas, coisas inatingíveis por meio de nossos sentidos. [...] Nós somos informados da ressurreição do bendito, mas ao mesmo tempo estamos envolvidos em corrupção; nós somos declarados justos, e o pecado habita em nós; ouvimos que somos abençoados, mas ao mesmo tempo somos subjugados por misérias imensas; boas coisas nos são prometidas em abundância, mas estamos constantemente famintos e sedentos; Deus proclama que ele virá para nós imediatamente, mas ele parece estar surdo para o nosso clamor. O que aconteceria a nós se não confiássemos em nossa esperança, e se nossa mente não se elevasse – acima das trevas que tomam o mundo – por meio da brilhante Palavra de Deus e pelo seu Espírito? A fé é, portanto, corretamente chamada de substância das coisas que ainda são objetos de esperança e a evidência de coisas que não são vistas.[4]

Se isso é o que a fé faz, a resposta para o que a fé é tem de estar intimamente relacionada a isso – fé é confiança naquelas coisas que não estão presentes para nós, mas são prometidas na Palavra de Deus. Se cremos, estamos agindo sobre coisas que ainda não foram manifestas, mas que aceitamos como verdade.

Noé acreditou que haveria um dilúvio tendo como evidência nada mais do que a Palavra de Deus. Isso é fé. Pense em Abraão vivendo como um peregrino por anos a fio, porque ele tinha a cidadania da cidade por vir. Ou pense em Moisés descendo ao Egito em tal fraqueza – da perspectiva do mundo – para exigir que as tribos de Israel fossem libertadas. Esses crentes nos mostram modelos autênticos de fé. Eles mostram uma confiança que se traduz em ação apesar de todo o testemunho contrário do mundo. O evangelista chinês Watchman Nee está correto ao concluir: "A fé está sempre encontrando uma montanha, uma montanha de evidência que parece contradizer a Palavra de Deus, uma montanha de aparente contradição no reino do fato tangível [...] e alguém tem de ir: ou à fé ou à montanha. Ambas não podem permanecer".[5]

Aqueles que põem sua fé em Deus e na Palavra dele, e não neste mundo e na evidência que ele apresenta, são aqueles que Deus recebe. Essa é a ideia enfatizada no versículo 2, que indica aonde o autor de Hebreus está nos levando nesse capítulo: "Pois pela fé, os antigos obtiveram bom testemunho". O que se segue nesse capítulo é o registro daqueles homens e mulheres de quem Deus testifica na Escritura, começando no livro de Gênesis. O que devemos perceber em cada um dos casos é que algo que teve a aprovação de Deus foi a fé que eles possuíam. Não os

seus dons, não as suas realizações, nem sua beleza, força ou popularidade – essas são coisas que trazem às pessoas a aprovação do mundo. Aliás, esse é o motivo pelo qual homens e mulheres que iremos estudar em Hebreus 11 são ignorados e esquecidos nas histórias seculares. O que o mundo admira é poder, riqueza, glória mundana e fama. Consequentemente, você não encontrará nenhum grande monumento para Abraão e os outros, nenhuma tábua celebrando a vida deles nas bibliotecas dos impérios antigos, porque o que eles tinham não era importante para o mundo. Mas a sua fé em Deus, ainda que zombada pelos homens, os tornou grandes aos olhos do Senhor e lhes trouxe a aprovação e o louvor da parte dele. Aqui, nesse capítulo, vemos o registro de Deus, o seu *hall* da fama. O ponto óbvio, portanto, é que, se queremos o favor de Deus, a aprovação de Deus, o louvor da parte de Deus durante estes breves anos de nossa vida, isso só virá então pela posse e exercício da fé.

A fé percebendo o seu Criador

O método que o nosso escritor usa nesse capítulo é seguir o registro do Antigo Testamento da maneira que ele apresenta diferentes homens e mulheres de fé. Tendo esse objetivo, ele começa com o capítulo inicial de Gênesis, encontrando prova de sua doutrina até mesmo na criação do mundo. "Pela fé", ele diz, "entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem" (Hb 11.3). A ideia defendida por ele pode parecer obscura, mas ela é especialmente pertinente para o nosso tempo. A natureza do universo, a criação ou início de todas as coisas, não pode ser explicada pela evidência que está disponível para os nossos olhos. Sem fé não podemos nem mesmo explicar o mundo em que existimos.

A nossa época é comprometida com o ateísmo – ou seja, com uma visão do universo e da história que exclui Deus. Em nenhuma outra parte essa visão da vida fica mais evidente do que na tentativa moderna de explicar a origem do universo. Sem dúvida a resposta mais popular hoje é a teoria do *Big Bang*, que diz que o universo foi causado por uma enorme explosão de uma massa incrivelmente densa. Mas isso pede por uma pergunta: "o que causou o *Big Bang*?" Essa é uma questão que os cientistas deixam sem resposta. Ravi Zacharias comenta:

> Nós temos um universo "ontologicamente assombrado" – uma realidade não causada existente que é diferente de qualquer outra realidade física que conhecemos. O universo tem de ser algo mais do que físico. [...] Uma explicação estritamente física ou natural não é demonstrável pelas leis que governam um universo físico ou natural. [...] Algo além de uma realidade física é necessário a fim de explicar este universo.[6]

Somente a fé provê uma resposta, para o cristão e para o ateu. A fé do não cristão é no *Big Bang*. Como Dallas Willard comenta: "O *bang* assumiu um papel tradicional de Deus, o que concede a ele uma auréola e parece excluir as questões que normalmente faríamos acerca de qualquer evento físico".[7] Para o materialista, o *Big Bang* assumiu qualidades divinas que excluem as perguntas acerca da origem dele. Mas o cristão encontra a resposta não nesse tipo de

misticismo científico, mas na Palavra de Deus. De acordo com Hebreus 11.3: "[...] foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem". O universo foi formado a partir de nada mais do que a Palavra de Deus, que existia sozinho antes da criação.

Aqui o escritor de Hebreus apela para a Palavra de Deus como o objeto de nossa fé. Se a Palavra de Deus foi capaz de criar tudo do nada, então certamente essa Palavra é terreno adequado para nossa esperança. De fato, se a Palavra de Deus foi suficiente para trazer à existência tudo o que há, ela também é suficiente para me dar tudo o que preciso. Eu estou sem paz, mas Deus me promete paz em sua Palavra (Fp 4.7) – a mesma Palavra que tudo fez do nada. Com certeza Deus dará paz a mim, e assim eu creio nessa Palavra. A Palavra de Deus promete vitória (1Jo 5.4), mas eu me sinto derrotado. Essa Palavra que criou galáxias não é suficiente para minha fé? O mesmo se aplica à vida, à alegria e à salvação; embora não as vejamos, vemos a Palavra de Deus, lembramos do poder dela, e nela descansamos o nosso coração.

Assim é que distinguimos a fé bíblica da noção popular de fé como um salto nas trevas. A fé não é confiança cega, esperança ilusória, uma mera manifestação de nossa atitude positiva. Nós cremos na Palavra de Deus porque ela é a Palavra do Deus que fez todas as coisas, e quem, como Hebreus 1.3 nos diz: "sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder".

Nossa fé, portanto, alimenta-se da Palavra, da maneira que Jesus descreveu quando tentado pelo demônio: "Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus" (Mt 4.4). Nossa fé se fortalece na Palavra, descansa segura na Palavra e dá fruto a partir da Palavra, a qual, como disse o escritor de Hebreus: "é viva, e eficaz" (Hb 4.12). A nossa fé não é cega, mas uma fé que vê por meio da luz da revelação segura de Deus. A fé afirma juntamente com o salmista: "Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e, luz para os meus caminhos" (Sl 119.105).

A centralidade da fé

Quais são as implicações práticas daquilo que essa passagem diz acerca da fé e de sua centralidade para a vida cristã?

Primeiro, se aquilo que lemos aqui é verdade, então a fé é como recebemos as bênçãos da salvação. O que não pode ser visto, mas é compreendido por meio de nossa fé? Há a nossa justificação, o perdão de nossos pecados e a imputação da justiça de Cristo a nós. Só há uma maneira de receber, saber e então crescer na total certeza de nossa aceitação por Deus – por meio da fé na Palavra dele. Romanos 8.1 nos diz: "Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus". A aceitação por Deus, prometida por meio de sua Palavra, anula até mesmo a condenação que sentimos por causa de nosso pecado. Nós recebemos essa certeza apenas por meio da fé, confiando na Palavra de Deus que diz: "Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo" (Rm 5.1).

O apóstolo Paulo começa Efésios louvando "o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo" (Ef 1.3). Ele prossegue listando algumas dessas bênçãos, a saber: nossa eleição em Cristo, nossa adoção como filhos de Deus em Cristo, nossa santidade aos olhos de Deus, nossa redenção por meio do sangue de Cristo e o perdão de nossos pecados, tudo por causa da graça de Deus (Ef 1.4-7). Como todas essas coisas se tornam reais para nós? Como elas fazem a diferença em nossa vida? Como elas nos dão alegria, força, esperança e amor? A resposta é: por meio da fé, ou seja, recebendo-as e tendo certeza a respeito delas por causa da Palavra de Deus. Todas essas coisas se tornam nossas através do canal da fé. O que Deus nos pede é que acreditemos no evangelho de seu Filho e assim sejamos salvos. Somente pela fé podemos conhecer os benefícios daquilo que Cristo conquistou para nós.

Segundo, a fé nos sustenta em meio à provação e à dificuldade. Nós encontramos um excelente exemplo na vida do apóstolo Paulo. Ao fim de sua vida, ele disse a Timóteo o que aconteceu a ele em seu julgamento diante de César:

> Na minha primeira defesa, ninguém foi a meu favor; antes, todos me abandonaram. Que isto não lhes seja posto em conta! Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças, para que, por meu intermédio, a pregação fosse plenamente cumprida, e todos os gentios a ouvissem; e fui libertado da boca do leão. O Senhor me livrará também de toda obra maligna e me levará salvo para o seu reino celestial. (2Tm 4.16-18)

A força que sustentou Paulo veio da fé em Cristo e na Palavra de Deus. No início de seu longo aprisionamento por pregar o evangelho, John Bunyan implorou que se ele pudesse ser mais útil a Deus em liberdade, que o Senhor permitisse que ele fosse libertado; mas que, se ele fosse mais útil na prisão, que fosse feita então a vontade de Deus. Claramente, Deus o considerou mais útil na prisão, porque pela fé foi ali que Bunyan escreveu *O Peregrino*, que por séculos tanto tem abençoado a igreja. Somente pela fé o povo de Deus de fato encontra forças e coragem para resistir ao mundo e às provações desta vida. É desse tipo de cristianismo que o nosso mundo precisa, o tipo que este mundo sempre precisa, um cristianismo tornado ousado pela realidade da fé.

Terceiro, a fé nos torna agradáveis a Deus e úteis aos outros nesta vida. É isso que encontraremos em todos os estudos dos exemplos bíblicos colocados diante de nós em Hebreus 11. Como o versículo 2 nos diz, é pela fé que os antigos obtiveram bom testemunho de Deus. Foi a fé que colocou estes homens – Noé, Abraão, Moisés – na Bíblia. Nenhum deles foi perfeito ou sem pecados, mas todos eles serviram ao Senhor pela fé.

Escrevendo sobre Moisés, J. C. Ryle disse: "Ao andar com Deus, um homem só vai até onde ele acredita, e nada além. A vida dele sempre será proporcional à sua fé. A sua paz, sua paciência e coragem, o seu zelo e suas obras – tudo será de acordo com sua fé".[8] Ryle então cataloga um número de grandes cristãos como João Wesley, George Whitefield e Robert Murray M'Cheyne, mostrando que foi pela fé que eles foram grandes. Alguns talvez digam que foi a oração que os

fortaleceu, ao que Ryle responde: “Por que eles oraram tanto? Simplesmente porque tinham muita fé. O que é a oração, senão a fé falando com Deus?” Outros talvez atribuam o sucesso deles à diligência e ao trabalho, ao que ele responde: “O que é a diligência cristã, senão a fé em ação?” Talvez fosse ousadia, mas “o que é a ousadia cristã, senão a fé honestamente fazendo sua obrigação?” Se desejamos, então, agradar a Deus e ser úteis para as pessoas que nos cercam, Ryle nos recomenda ter fé:

> A fé é a raiz de um caráter cristão autêntico. Que a sua raiz seja correta, e os seus frutos logo serão abundantes. A sua prosperidade espiritual sempre estará de acordo com a sua fé. Aquele que crê não apenas será salvo, mas nunca terá sede, irá superar, irá se estabelecer, andará firmemente sobre as águas deste mundo e realizará grandes obras.[9]

Portanto, vamos orar com os discípulos: “Aumenta-nos a fé” (Lc 17.5). Nada é mais valioso para nós, ou mais benéfico para os outros, do que a fé que nos salva por meio da união com Cristo, a fé que nos sustenta no deserto deste mundo, a fé que sozinha nos tornará agradáveis a Deus e úteis para o reino dele. Se crermos no supremo valor da fé, então iremos dar o nosso tempo, o nosso esforço e a nossa consideração àquelas coisas que edificam nossa fé, rejeitando tudo o que se opõe a ela.

Podemos ter certeza de uma coisa, Deus não vai negar fé àqueles que a buscam nele. “Pedi”, Jesus disse, “e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á” (Mt 7.7-8).

---

[1] John Owen, *An Exposition of the Epistle to the Hebrews*, 7 vols. (Edimburgo: Banner of Truth, 1991), 7:5.
[2] Philip E. Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), 439.
[3] Ceslas Spicq, citado em *ibid.*
[4] João Calvino, *New Testament Commentaries*, 12 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), 12:157–58.
[5] Watchman Nee, *The Normal Christian Life* (Wheaton, Ill.: Tyndale, 1977), 78–79.
[6] Ravi Zacharias, *Can Man Live without God?* (Dallas: Word, 1998), 192.
[7] Citado em J. P. Moreland e Kai Nielsen, *Does God Exist?* (Nashville: Thomas Nelson, 1990), 197.
[8] J. C. Ryle, *Holiness* (Durham, U.K.: Evangelical Press, 1979), 144.
[9] *Ibid.*

38

FÉ JUSTIFICADORA



Hebreus 11.4

> *Pela fé, Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício do que Caim; pelo qual obteve testemunho de ser justo, tendo a aprovação de Deus quanto às suas ofertas. Por meio dela, também mesmo depois de morto, ainda fala.* (Hb 11.4)

Conforme estudamos esse grandioso décimo primeiro capítulo de Hebreus, descobrimos a variedade de coisas que a fé faz ou alcança. Muitas vezes achamos que o foco desse capítulo são os heróis da fé, nas pessoas em si, e certamente o escritor de Hebreus faz uso das maravilhosas histórias do Antigo Testamento e, portanto, de suas personalidades. Mas no final das contas o foco não está nesses homens e mulheres, em toda a sua variedade de experiências, mas sim na fé singular que mostra suas várias facetas na vida deles. Por meio dessas figuras históricas e bíblicas, o autor personifica a fé que ele está recomendando, e nós, por meio disso, vemos todas as coisas que a fé realiza e os benefícios que ela comunica.

No capítulo anterior vimos duas coisas que a fé faz. Ela torna reais e presentes coisas que são futuras e invisíveis. Pela fé nós tomamos posse de nossas possessões em Cristo no presente momento. Além do mais, a fé vê o Criador por trás da criação; pela fé chegamos à compreensão de quem fez e sustenta o universo. Conforme avançarmos nesse capítulo, veremos mais das muitas coisas que a fé faz. A fé agrada a Deus; ela pratica boas obras; ela busca uma cidade celestial; ela confia nas promessas de Deus e supera obstáculos. É isso que o apóstolo João tinha em mente no fim de sua primeira carta: "[...] esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé" (1Jo 5.4).

Caim e Abel

O primeiro exemplo de fé que o escritor apresenta é aquele de Abel: "Pela fé, Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício do que Caim". Isso se refere aos episódios registrados em Gênesis 4.1-5:

> Coabitou o homem com Eva, sua mulher. Esta concebeu e deu à luz a Caim; então, disse: Adquiri um varão com o auxílio do SENHOR. Depois, deu à luz a Abel, seu irmão. Abel foi pastor de ovelhas, e Caim, lavrador. Aconteceu que no fim de uns tempos trouxe Caim do fruto da terra uma oferta ao SENHOR. Abel, por sua vez, trouxe das primícias do seu rebanho e da gordura deste. Agradou-se o SENHOR de Abel e de sua oferta; ao passo que de Caim e de sua oferta não se agradou. Irou-se, pois, sobremaneira, Caim, e descaiu-lhe o semblante.

Hebreus diz que o sacrifício de Abel foi melhor do que o de Caim por causa da fé. Há duas maneiras de compreender essa afirmação. A primeira é que como Abel era um homem de fé e Caim não, Deus aceitou o sacrifício de Abel embora tenha rejeitado o de Caim. A questão não foram os sacrifícios, mas os homens em si. João Calvino defendeu essa visão: "O sacrifício de Abel foi mais aceitável do que o de seu irmão apenas porque ele foi santificado pela fé. [...] De onde a aprovação dele veio senão do fato de ele ter um coração purificado pela fé?"[1]

Nós vemos a lógica dessa visão, uma lógica que queremos de coração endossar. Deus recebe o homem de fé e consequentemente recebe sua oferta, rejeitando o homem a quem falta fé. O apóstolo Paulo falou dessa maneira quando escreveu em Romanos 14.23: "Mas aquele que tem dúvidas é condenado se comer, porque o que faz não provém de fé; e tudo o que não provém de fé é pecado". E em Gálatas 5.6 ele escreveu: "Porque, em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor". De acordo com esse padrão vemos que, por causa da falta de fé, qualquer coisa que Caim oferecesse seria rejeitada, enquanto a oferta do fiel Abel foi recebida.

Nós queremos afirmar esse pensamento, mas ele não parece ser uma explicação suficiente para o que encontramos em Gênesis 4. O texto do Antigo Testamento parece enfatizar a diferença entre as duas ofertas, e não somente entre os dois homens. Os dois irmãos não trouxeram a mesma oferta, sendo que uma foi recebida por causa da fé e a outra foi rejeitada por causa da incredulidade. Não, as ofertas eram diferentes, e nessa diferença nós vemos a fé presente em um e a incredulidade no outro.

Podemos começar perguntando se Deus tinha dado mandamentos ou regulamentos naquele tempo com respeito ao tipo de sacrifício que seu povo devia oferecer a ele; "O que", perguntamos, "tinha Deus revelado a esses primeiros filhos ou a seus pais, Adão e Eva?" A resposta nos leva de volta ao capítulo anterior, e especialmente ao texto de Gênesis 3.21.

Gênesis 3 nos conta a trágica história da queda do homem em pecado. Os versículos 1-7 registram como a serpente enganou a mulher para que ela comesse o fruto da árvore proibida; depois, como Adão o comeu com ela e se juntou a ela na transgressão do mandamento de Deus. Os versículos 8-13 relatam Deus confrontando os nossos primeiros pais por causa do pecado original e a tentativa patética deles de se livrarem da culpa mesmo quando confessaram seu delito. Nos versículos 14-19 vêm as maldições de Deus, primeiro sobre a serpente, depois sobre a mulher, e finalmente sobre Adão. Então, no versículo 21, vemos a ação de Deus para lidar com o problema do pecado deles – que devemos considerar central para a mensagem de salvação de Deus porque ela é a resposta mais direta ao pecado: "Fez o SENHOR Deus vestimenta de peles para Adão e sua mulher e os vestiu". Deus lidou com o pecado deles matando um animal inocente, um substituto imaculado. Deus havia dito que o pecado iria produzir morte e aqui vemos que ele o fez – não a morte de Adão e Eva, embora a morte tenha vindo sobre a raça deles –, mas a morte de um substituto que iria derramar seu sangue em lugar deles e oferecer sua

própria inocência para cobrir as máculas de culpa deles. O grande evangelista George Whitefield corretamente ligou isso a Jesus e a morte dele na cruz:

> O que foram as vestimentas que Deus fez para cobrir nossos primeiros pais, senão tipos da aplicação dos méritos da justiça de Jesus Cristo aos corações dos crentes? Somos informados que aquelas vestimentas foram feitas de peles de animais. [...] Aqueles animais foram sacrificados, em comemoração ao grande sacrifício, Jesus Cristo, que ainda seria oferecido. E as peles dos animais assim sacrificados, colocadas sobre Adão e Eva, com isso ensinavam como a nudez deles devia ser coberta com a justiça do Cordeiro de Deus.[2]

Dessa forma, Deus revelou a maneira pela qual o homem pecador devia se aproximar dele. Ali ele ensina aos pecadores que tipo de sacrifício eles deveriam trazer. É assim que devemos avaliar a adequação da oferta de Abel *versus* a de Caim: "[...] trouxe Caim do fruto da terra uma oferta ao SENHOR" (Gn 4.3). Muito deve ter ocorrido para que Caim confiasse em tal oferta. Ali estava uma porção daquilo que cresceu a partir de seu próprio trabalho árduo. Deus tinha dito a Adão em sua maldição: "No suor do rosto comerás o teu pão" (Gn 3.19). Logo, o que Caim trouxe para Deus só veio por intermédio de muito trabalho, assim como a agricultura ainda hoje demanda. Além do mais, deve ter sido bonito, agradável aos olhos e doce ao paladar.

Qual foi, então, o problema com a oferta de Caim? Ela não implicava derramamento de sangue. Esta foi a diferença-chave entre a oferta de Abel e a de Caim: Abel "trouxe das primícias do seu rebanho e da gordura deste" (Gn 4.4). Ao manter o padrão que Deus tinha estabelecido com seus pais, e que indubitavelmente tinha sido ensinado a ele por Adão e Eva, Abel trouxe um sacrifício que apontava para frente, para a morte expiatória de um substituto sem mácula. Pela fé, o sacrifício de Abel foi melhor do que o de Caim, não apenas porque a fé possuída por Abel o tornou melhor, mas porque pela fé ele ofereceu o sacrifício que Deus tinha estabelecido como o meio pelo qual ele iria aceitar a humanidade pecadora.

O único caminho

Nós aprendemos várias lições importantes nessa carta. Primeira, vemos que o homem pecador é justificado, ou aceito por Deus, somente pela fé no sangue do sacrifício que Deus providenciou. Essa é uma doutrina que o livro de Hebreus repetidamente enfatizou. O capítulo 9 falou do sangue de Cristo que abriu o céu para aqueles que confiam nele: "[...] Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos" (Hb 9.28). Semelhantemente, Hebreus 7.27 nos fala do significado da cruz: ele fez o sacrifício por nossos pecados "uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu".

Isso quer dizer que você não pode vir a Deus da maneira que você quiser. Não basta dizer que você acredita em Deus e então decidir por si mesmo como vai se aproximar dele. Esse foi o problema de Caim. Ele decidiu os termos de sua vinda a Deus; ele ofereceu um sacrifício de acordo com sua própria imaginação. Como ele ficou amargo quando Deus rejeitou a ele e a sua adoração baseada em justiça própria.

Na verdade, só há dois tipos de oferta, duas formas de vir a Deus: aquelas que apontam para o nosso próprio esforço – nossos próprios méritos, nossa própria justiça – e aquelas que apontam para Jesus Cristo, crucificado em nosso lugar para pagar por nossos pecados. A não ser que venhamos a Deus confessando a culpa de nosso pecado e nossa necessidade de sua graça – abraçando o dom de seu próprio Filho morrer em nosso lugar –, nós rejeitamos o único caminho que ele estipulou. Nós seremos então rejeitados e condenados por nossos pecados, e sofreremos as dores eternas do inferno. No entanto, as pessoas persistem em rejeitar o caminho fornecido por Deus, especialmente nas igrejas que negam ou minimizam o evangelho. James M. Boice escreveu sobre isso em seu comentário sobre Gênesis:

> Esse é o problema com tantas "pessoas religiosas boas". Elas vêm a Deus com seu elevado senso estético e querem ser recebidas por Deus por causa de suas lindas ofertas. Mas Deus rejeita a elas e a sua adoração ímpia. Não há sangue, nenhum Cristo, consequentemente, nenhum cristianismo autêntico, por mais bonito que o culto delas possa ser.[3]

Nós deveríamos oferecer o nosso melhor a Deus. Nós deveríamos oferecer uma linda adoração a ele porque ele é digno de nosso melhor. Não há maior privilégio para nós do que honrar e bendizer o nome dele. Mas isso só vem após o sangue, somente após termos confessado nossa culpa e colocado a nossa fé no sangue do sacrifício. Boice continua.

> Se uma pessoa primeiro vem por meio da fé em Cristo e do sangue derramado por ele, então ela pode apresentar todas as coisas bonitas que ela é capaz de encontrar ou de criar. E Deus ficará satisfeito com isso, porque a pessoa não confia nessas coisas para a salvação, mas as oferece a Deus apenas porque o ama e quer demonstrar afeição. É somente com base no sacrifício de Cristo que podemos vir.[4]

Você pode dizer que está vindo a Deus de alguma ou de várias maneiras. Você pode dizer que está vindo por causa de seu coração sincero. Você pode dizer que sua religião se baseia nas suas boas obras. Você pode confiar nos sacramentos, ou na tradição religiosa, ou no fato de ser membro da igreja. Mas separado do sangue de Jesus Cristo tudo isso será rejeitado, como a oferta de Caim, porque você não vem pela fé da forma que Deus estabeleceu. O apóstolo Pedro disse ao Sinédrio: "E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos" (At 4.12). Jesus ensinou: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6). Essas passagens referem-se não somente a alguma fé vaga com respeito a Jesus Cristo. Elas se referem ao sangue expiador dele, para o qual o sacrifício de Abel apontava e com o qual ele contava, e à morte substitutiva dele em nosso lugar na cruz. Como Hebreus 9.22 nos diz: "sem derramamento de sangue, não há remissão".

Justificação pela fé

Se há alguma dúvida acerca da importância que o escritor de Hebreus atribui à fé, Hebreus 11.4 remove qualquer ambiguidade. Ali ele nos diz que foi pela fé que Abel foi declarado justo: "Pela fé [...] obteve testemunho de ser justo".

Pela fé Abel foi declarado justo, ou justificado, por Deus. Esse é um dos grandes ensinamentos da Bíblia: a doutrina da justificação pela fé. Este é o porquê de aqueles cristãos hebreus da igreja primitiva que primeiro receberam essa carta terem sido exortados a não abandonar sua fé, como eles estavam tentados a fazer: porque somente pela fé em Cristo os pecadores são justificados por Deus. Essa doutrina está na essência do evangelho, as boas-novas que Deus nos oferece em Cristo, porque ela declara exatamente o que vemos no caso de Abel, como um pecador pode ser aceito e declarado justo pelo Deus santo.

João 3.16 declara que "Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna". Ao acreditar em Jesus Cristo, ao descansar em sua obra salvadora para o perdão de nossos pecados, ao aceitar a Palavra de Deus e vir a ele, o único caminho que Deus estabeleceu, somos perdoados e somos, como o nosso texto diz, "declarados justos pela fé". Nós não somos justos pelas obras, que declaram nosso suposto mérito – esse foi o erro de Caim e a causa de sua rejeição –, mas pela fé, que declara nossa necessidade e nossa aceitação do dom gracioso de Deus.

Nós vemos essa verdade enfatizada no relato de Gênesis. Abel era um pecador, sendo o filho de Adão e carregando a corrupção do pecado em sua natureza humana caída. No entanto, quando ele veio a Deus carregando o sangue de um substituto: "Agradou-se o SENHOR de Abel e de sua oferta" (Gn 4.4). O sangue afastou a ira de Deus ao falar da cruz vindoura de Cristo, e com base nisso Deus recebeu Abel com gratidão. Essa aceitação não estava disponível somente para ele; Caim poderia ter sido justificado da mesma maneira. Como Deus explicou a um amargo Caim: "Por que andas irado, e por que descaiu o teu semblante? Se procederes bem, não é certo que serás aceito?" (Gn 4.6-7).

A justificação pela fé faz a mesma exigência a todos os que leem essas palavras. Não apenas àqueles que foram nascidos em famílias cristãs, que têm os contatos corretos, que têm a aparência adequada, ou as palavras, ou o dinheiro para oferecer, mas todos podem vir dessa maneira. Por isso é que Deus disse a Caim: "Por que você não veio da maneira que eu graciosamente providenciei?" Deus oferece a cada um de nós a salvação, o perdão dos pecados e a restauração na comunhão com ele pelo sacrifício que ele providenciou, mesmo à custa do sangue de seu próprio Filho.

Essa ideia é vigorosamente defendida nos primeiros capítulos de Gênesis. Nós vimos o primeiro sacrifício quando Deus vestiu Adão e Eva com as peles dos animais inocentes (Gn 3.21). Embora Adão não tenha morrido, o pecado dele o impediu de continuar a viver no jardim do Éden. Gênesis 3.22-23 nos diz que ele já não era apto a habitar e servir a Deus lá, a comer da árvore da vida e a viver eternamente. Mas o versículo 24 então acrescenta um detalhe notável:

“E, expulso o homem, colocou [Deus] querubins ao oriente do jardim do Éden e o refulgir de uma espada que se revolvia, para guardar o caminho da árvore da vida”. A leste do Éden, em direção ao mundo amaldiçoado pelo pecado, foram Adão e Eva, seu caminho de volta impedido por anjos com uma espada flamejante.

Essa imagem mais tarde será importante na história de Israel, no tempo de Moisés, quando forem dadas instruções para a construção do tabernáculo. O tabernáculo era o lugar onde as pessoas vinham encontrar com Deus e onde Deus habitava em meio a seu povo. No centro dele, no Santo dos Santos, repousava a arca da aliança, o trono de Deus na terra, onde ele mantinha as tábuas dos Dez Mandamentos, sua lei.

O tabernáculo era uma estrutura móvel feita de armações de madeira e cortinas. O escritor de Hebreus fez um cuidadoso estudo no capítulo 9. Havia um pátio externo onde sacrifícios eram oferecidos e sacerdotes eram purificados antes de entrar. O pátio externo, chamado de Santo Lugar, era onde os sacerdotes serviam. Finalmente, havia o lugar sagrado interno, o Santo dos Santos, onde o próprio Deus habitava, separado da humanidade pecadora por um véu grosso. O que chama a atenção quando lemos as instruções no livro de Êxodo para a construção do tabernáculo é que a imagem do querubim devia ser bordada nas cortinas do tabernáculo: “Farás o tabernáculo, que terá dez cortinas, de linho retorcido, estofo azul, púrpura e carmesim; com querubins, as farás de obra de artista” (Êx 26.1). Esse detalhe evidentemente carregava grande significado porque ele é repetido quatro vezes no livro de Êxodo (26.1,31; 36.8,35). Assim como os querubins guardavam o caminho até Deus no jardim com uma espada flamejante, os querubins simbólicos nas cortinas no tabernáculo mantinham os pecadores afastados.

Podemos inferir disso que, após o pecado e a expulsão do jardim, Adão e Eva ainda vieram adorar a Deus na entrada do Éden. Foi no caminho guardado em meio aos querubins que eles vinham com sacrifícios de sangue. Provavelmente, é onde Abel e Caim vieram, um com um sacrifício de sangue e o outro com uma oferta representando suas obras. Abel teria sido como os sacerdotes posteriores de Israel, capazes de vir ao portão, ao Santo Lugar, para viver e servir na luz que refletia a Deus, mas impedidos de entrar no santuário interior pelos anjos guardiões, assim como o grosso véu com a imagem de querubins mantinha os sacerdotes de Israel fora do Santo dos Santos.

Mas esse não é o fim da história. O livro de Êxodo dava instruções adicionais com respeito ao propiciatório, a tampa da arca da aliança destinada à expiação dentro do Santo dos Santos.

> Farás também um propiciatório de ouro puro; de dois côvados e meio será o seu comprimento, e a largura, de um côvado e meio. Farás dois querubins de ouro; de ouro batido os farás, nas duas extremidades do propiciatório; um querubim, na extremidade de uma parte, e o outro, na extremidade da outra parte; de uma só peça com o propiciatório fareis os querubins nas duas extremidades dele. Os querubins estenderão as asas por cima, cobrindo com elas o propiciatório; estarão eles de faces voltadas uma para a outra, olhando para o propiciatório. Porás o propiciatório em cima da arca; e dentro dela porás o Testemunho, que eu te darei. (Êx 25.17-21)

Embora nenhum pecador pudesse entrar diretamente na presença de Deus – assim como nem Adão e nem Abel puderam voltar para o jardim –, havia um dia do ano, o dia da expiação, quando o sumo sacerdote de Israel podia entrar no Santo dos Santos. Esse dia único profetizava uma era inteira por vir. Quando o sumo sacerdote entrava, ele era confrontado pela visão de dois querubins. O propiciatório retratava graficamente então a entrada do jardim. Ali dois anjos poderosos estavam de frente um para outro, com asas elevadas para cima, projetando a sombra de sua presença. Os olhos deles voltados para a arca que continha as tábuas da lei de Deus – quebradas pelos pecadores. Eles viam que o homem estava impedido de entrar no jardim e na presença de Deus. Por ser um transgressor, o homem está sob sentença de morte e, portanto, não pode voltar para o local da vida.

Entretanto, no dia da expiação, o sumo sacerdote entrava e derramava o sangue do sacrifício expiatório sobre o propiciatório entre os querubins. Dessa maneira, aquilo que estivera fechado agora estava aberto. Isso nos dá uma importante compreensão sobre os querubins guardiões: eles não só mantinham fechado o caminho até Deus sem o sangue expiatório, mas guardavam o caminho para o grande dia por vir quando o verdadeiro sacrifício iria abrir os portões para o Paraíso. Esse dia único no ano, quando o sumo sacerdote vinha diante dos querubins com a oferta de sangue, simbolizava toda uma era que seria aberta pelo verdadeiro Sumo Sacerdote com o verdadeiro sangue de si mesmo que ele tinha derramado. Deus, por isso, disse a Moisés, concluindo seus mandamentos para o propiciatório: "Ali, virei a ti e, de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins que estão sobre a arca do Testemunho, falarei contigo acerca de tudo o que eu te ordenar para os filhos de Israel" (Êx 25.22).

Deus encontrava com seu povo entre os querubins – não no jardim, mas em sua entrada. Deus encontrava com eles no lugar onde o sangue era derramado para cobrir a transgressão da lei. Entre os anjos sobre a arca da aliança ficava o propiciatório. No grego esse termo é *hilastērion*, o mesmo que o apóstolo Paulo usou em Romanos 3.25 para descrever que Deus nos presenteou com a morte de Jesus Cristo. "A quem Deus propôs, no seu sangue, como *hilasterion*", ou seja, um propiciatório. A Almeida Revista e Atualizada define o termo precisamente como "propiciação", e a Nova Versão Internacional faz uma tradução mais geral: "como sacrifício para propiciação". A ideia é que os anjos esperavam por Cristo, cuja vinda poria fim à vigilância deles. Eles, portanto, guardaram o caminho a Deus até a vinda de Cristo.

O grande dia, pelo qual esperavam os anjos, chegou. Os evangelhos nos relatam isso. O dia chegou quando a cortina com querubins foi não somente afastada temporariamente, mas rasgada de alto a baixo; ambos removidos, os anjos foram aliviados de sua antiga tarefa. Mateus 27 nos conta sobre a morte de Cristo: "E Jesus, clamando outra vez com grande voz, entregou o espírito. Eis que o véu do santuário se rasgou em duas partes de alto a baixo" (v. 50-51).

Finalmente, o verdadeiro Sumo Sacerdote adentrou o caminho entre os querubins, e lá ele ofereceu seu próprio sangue de uma vez por todas. O caminho foi aberto, os anjos partiram regozijando-se, levando consigo a espada da morte. Agora a entrada está aberta e assegurada

pelo próprio Cristo, que é o caminho. Agora é para ele que nos dirigimos, não somente até a entrada, mas para dentro do jardim caminhamos com Deus. Entre os querubins, Abel foi declarado justo pela fé, porque ele olhou para o sacrifício por vir. Agora, por meio da fé em Cristo, cada pecador pode vir a ser aceito na comunhão com Deus e a receber vida eterna.

O que os anjos almejam ver

Hebreus 11.4 conclui dizendo de Abel: "Pela fé, Abel [...] também mesmo depois de morto, ainda fala". A fé dá testemunho de Abel, que ele foi considerado justo, e agora Abel dá testemunho da fé – a respeito do valor dela, sua dignidade e seu poder para justificar aqueles que confiam em Cristo.

Pouco depois de fazer sua fiel oferta, Abel foi morto. Caim tentou silenciar o testemunho dele. Nós aprendemos em Gênesis 4.8 que em vez de se arrepender, Caim assassinou seu irmão para extinguir o testemunho dado acerca da fé e da justiça. E ainda assim o homem de fé fala conosco na Palavra de Deus. A fé em Deus nunca silencia, porque o próprio Deus mantém vivo o testemunho de seus fiéis servos.

Quando eu penso em Abel, muitas vezes me lembro da afirmação de Pedro sobre o evangelho: "Coisas que até os anjos anseiam observar" (1Pe 1.12 - NVI). A fé possuída por Abel falou àqueles anjos; ela deu a eles a maravilhosa notícia que os pecadores podem voltar a Deus, que os que estão sob maldição podem se encontrar com ele no lugar que os anjos guardavam. Que maravilha foi para os querubins guardiões quando Abel, por seu sacrifício de fé, foi aceito e aprovado por Deus.

O mesmo deve ter acontecido quando Abel foi morto: o primeiro homem a morrer, mas também o primeiro a aparecer no céu. Que evento deve ter sido! Pela primeira vez um pecador aparecia nos átrios santos da glória, purificado e vestido na justiça do Filho de Deus. Como os anjos devem ter se maravilhado nesse mistério de graça! G. Campbell Morgan escreve:

> Foi uma grande ocasião quando a primeira alma representando a raça caída apareceu na luz imaculada da casa dos não caídos. Ele veio pela fé, remido pelo amor, ao custo de sacrifício. Como a Escritura declara que "coisas essas que anjos anelam perscrutar", isso de fato deve ter sido um mistério de vida e amor que exigia profunda atenção, e não por acaso, até mesmo perscrutada por eles, até que a explicação [...] ocorreu sobre a cruz do Calvário.[5]

Antes do tempo de Jesus Cristo, Abel – embora morto – falava de um sacrifício ainda por vir que retiraria o nosso pecado e da fé no sacrifício que declara justo o pecador. Agora que Cristo veio, Abel ainda fala disso, como uma voz que se regozija plenamente. Muitos de nossos hinos ecoam as palavras que Abel, embora morto, deve falar acerca de seu Salvador. As palavras de Horatius Bonar seriam bem-vindas e familiares nos lábios de Abel, que trouxe um sacrifício de fé na obra do sangue do Salvador:

> Não o que foi feito por minhas mãos
> Pode minha alma culpada salvar;

o que minha carne exausta fez também não
pode o meu espírito restaurar. [...]

Tua obra apenas, ó Cristo,
o peso do pecado pode apagar;
teu sangue apenas, ó divino sacrifício,
paz interior pode dar. [...]

Obra nenhuma, senão a tua sacrificial,
nenhum outro sangue o fará;
força nenhuma, salvo a que é divinal,
a salvo me conduzirá. [...]

Eu louvo o Deus que graça concedeu;
eu confio em sua verdade e poder;
ele me chama de seu, eu o chamo de meu,
meu Deus, minha luz, meu prazer.[6]

Assim fala a voz de Abel. Nós deveríamos falar o mesmo; se somos justificados pela fé naquele mesmo sangue, vestidos na mesma justiça e assim aceitos no amor de Deus, como Abel o foi antes de nós.

---

[1] João Calvino, *New Testament Commentaries*, 12 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), 12:160.
[2] George Whitefield, "The Lord Our Righteousness", sermão 14 em *Select Sermons of George Whitefield* (Edimburgo: Banner of Truth, 1958), 117.
[3] James Montgomery Boice, *Genesis*, vol. 1, *Creation and Fall* (Grand Rapids: Zondervan, 1982), 201.
[4] *Ibid.*, 202.
[5] G. Campbell Morgan, *The Crises of the Christ* (Old Tappan, N.J.: Fleming Revell, 1903), 392.
[6] Horatius Bonar, "Not What My Hands Have Done", 1861. [Em inglês: "*Not what my hands have done/ can save my guilty soul;/ not what my toiling flesh has borne/ can make my spirit whole. (...)/ Thy work alone, O Christ,/ can ease this weight of sin;/ thy blood alone, O Lamb of God,/ can give me peace within. (...)/ No other work, save thine,/ no other blood will do;/ no strength, save that which is divine,/ can bear me safely through. (...)*".]

39

FÉ QUE AGRADA A DEUS



Hebreus 11.5-6

Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte; não foi achado, porque Deus o trasladara. Pois, antes da sua trasladação, obteve testemunho de haver agradado a Deus.

> *De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam.* (Hb 11.5-6)

O *Breve Catecismo de Westminster* é famoso por sua primeira questão: "Qual o fim principal do homem?" e a sua resposta: "O fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre". De todas as pessoas retratadas na Escritura, fora o nosso Senhor Jesus Cristo, não há ninguém cuja descrição atinja mais esse padrão do que a de Enoque, o sétimo na linhagem de Adão. Esse homem era tão querido ao coração de Deus que ele tomou Enoque para si sem exigir que ele sofresse as dores da morte. Não é de surpreender, portanto, que encontremos Enoque nessa procissão de heróis da fé.

Curiosamente, o relato da vida de Enoque em Gênesis 5 não faz menção à sua fé. Contudo, a sua fé parece motivar a afirmação de Hebreus 11.6, que sem fé é impossível agradar a Deus. A ideia é que podemos ter certeza de que Enoque foi um homem de fé, porque de outra forma ele nunca poderia ter agradado a Deus como ele fez.

Hebreus 11 apresenta seus heróis da fé em ordem cronológica conforme eles são encontrados na Bíblia, mas vários comentaristas destacam que provavelmente há mais em jogo do que uma progressão histórica. Especificamente, parece que há também uma progressão tópica nas ideias defendidas nas histórias deles acerca da vida de fé. Isso ocorre especialmente com os três homens que viveram antes do grande dilúvio – Abel, Enoque e Noé.

Andrew Murray, por exemplo, os descreve como Abel, o sacrifício de fé; Enoque, o caminhar da fé; e Noé, o trabalhar da fé.[1] Certamente essa é uma progressão apoiada pela Bíblia: primeiro somos trazidos a um relacionamento correto com Deus ao confiar no sacrifício que ele providenciou no sangue de Cristo; segundo, sendo trazidos a um relacionamento com Deus, nós, então, andamos com ele pela fé; e terceiro, somente então nós realizamos obras de fé, as boas obras práticas que se seguem como um resultado da graça de Deus.

Arthur Pink vê essas três figuras combinadas para fornecer "um resumo da vida da fé": "Abel é mencionado primeiro não porque ele foi nascido antes de Enoque e Noé, mas porque o que está registrado em Gênesis 4 ilustrava e demonstrava onde a vida de fé começa. Da mesma maneira,

Enoque é mencionado em seguida [...] porque o que foi encontrado nele [...] tem de preceder o que foi tipificado pelo construtor da arca".[2] O esquema de Pink traça a adoração de fé em Abel, o caminhar de fé em Enoque e o testemunho de fé em Noé.

É difícil dizer se o escritor de Hebreus tinha esse tipo de esquema explícito em mente, já que ele mesmo não trata disso dessa forma. Parece que ele está principalmente seguindo a ordem bíblica, com cada retrato defendendo uma ideia particular sobre a fé. Contudo, parece que o Autor Divino colocou os relatos juntos de maneira tal a construir a progressão da qual falam Murray e Pink. Estes nos lembram da importância de um ordenamento bíblico da vida cristã:

> Testemunhar e trabalhar (serviço) é o mais enfatizado hoje. No entanto, querido leitor, Hebreus 11 não começa com o exemplo de Noé. De fato, não. Noé foi precedido por Enoque, e por essa razão: Não pode haver obra ou testemunho aceitável a Deus, a não ser que, e até que, haja um caminhar com Deus! [...] E isso, por sua vez, deve ser precedido pela adoração em fé presente em Abel.[3]

Enoque, aquele que andou com Deus

No último capítulo vimos que Abel foi declarado justo pela fé, uma vez que ele veio a Deus por meio do sangue de Cristo. Agora nos voltamos para o caminhar da fé com a vida de Enoque. A Bíblia diz muito pouco sobre esse homem. Tudo o que temos vem da genealogia em Gênesis 5:

> Enoque viveu sessenta e cinco anos e gerou a Metusalém. Andou Enoque com Deus; e, depois que gerou a Metusalém, viveu trezentos anos; e teve filhos e filhas. Todos os dias de Enoque foram trezentos e sessenta e cinco anos. Andou Enoque com Deus e já não era, porque Deus o tomou para si. (Gn 5.21-24)

O que sabemos acerca de Enoque, portanto, é que ele foi o sétimo patriarca na linhagem de Adão por meio de Sete. Quando tinha 65 anos teve um filho chamado Metusalém. Ele viveu um total de 365 anos, após o que ele misteriosamente partiu da terra sem morrer. Considerando toda a informação que não sabemos sobre esse homem, isso não se parece muito com uma biografia. Mas a Bíblia nos diz um fato vital que preenche volumes. Duas vezes nesses versos somos informados: "Andou Enoque com Deus". Isso não daria uma má inscrição numa lápide. Isso nos diz muito acerca do caráter e do padrão de vida desse homem. Muito mais importante que os títulos que ele possuía ou suas realizações na vida foi o seu caminhar com Deus.

O que significa andar com Deus? Primeiro, trata-se de um relacionamento vivo, um companheirismo entre um homem ou mulher e Deus. O andar junto implica conhecimento pessoal e compreensão cada vez maior daquele com quem andamos. Implica concordância de mente e coração. O profeta Amós corretamente perguntou: "Andarão dois juntos, se não houver entre eles acordo?" (Am 3.3). Há uma intimidade, uma comunhão e uma alegria de companhia entre dois que andam juntos. Quando é Deus a pessoa com quem andamos, há uma hierarquia, assim como quando os discípulos andavam com o Senhor Jesus Cristo. Um é o Senhor, o outro é o discípulo. Um é o professor, o outro é o estudante. Um é o Pai, o outro é o filho.

Dificilmente pode haver uma descrição mais bonita da vida cristã do que a ideia de andar com Deus. O grande puritano Thomas Watson disse:

> Andar com Deus é andar pela fé. Nos é dito para aproximarmo-nos de Deus (Hb 10.22) e [...] termos comunhão com ele. "[...] a nossa comunhão é com o Pai" (1Jo 1.3). Logo, temos de dar uma volta com ele todos os dias pela fé. [...] "Bem-aventurado o povo [...] que anda, ó SENHOR, na luz da tua presença" (Sl 89.15). "E cantarão os caminhos do SENHOR" (Sl 138.5). É como andar entre canteiros de temperos, que exalam um aromático perfume.[4]

Peter Lewis conta a história de um pastor chinês que estava aprisionado num campo de trabalhos em razão de a sua fé. Os seus captores o puseram responsável pela limpeza e esvaziamento do conteúdo das latrinas do campo. Todos os dias ele pegava o excremento imundo e o distribuía num campo como fertilizante. O cheiro era tão horrível que os guardas se afastavam dando a ele bastante espaço à medida que ele fazia seu trabalho. Por essa razão, o pastor veio a amar sua ocupação vil, porque na solidão resultante ele podia conversar com Deus e cantar, o que de outra maneira seria proibido. Ele alegremente chamava a esterqueira onde trabalhava e cantava de seu jardim:

> Eu venho sozinho ao jardim,
> enquanto o orvalho ainda está nas rosas...
> E ele anda comigo e fala comigo,
> e ele me diz que eu sou dele,
> e a alegria que compartilhamos quando nós ficamos ali,
> nem um outro jamais conheceu.[5]

É isto que a vida cristã pretende ser: um caminhar de fé, comunhão permanente com o nosso Deus amoroso. A presença dele transforma até as piores circunstâncias em camas de rosas, simplesmente porque ele está lá conosco. Que glória é isso, que quando Deus nos chama à fé nele, ele nos convida a andar ao lado dele. Todos os dias então – dias comuns, dias difíceis, dias alegres – são dias com Deus, um antegozo do céu: estar com ele, conhecer o seu amor, ver a sua luz e sentir o afeto de sua satisfação.

Andar com Deus é o destino em si, ainda que ao mesmo tempo estejamos de fato indo a um lugar! Estamos crescendo em nosso conhecimento do infinito e do divino; estamos nos tornando mais como ele no caráter quando ele nos guia; estamos percebendo o progresso nas coisas espirituais. Essa é a vida cristã! Não é um simples conhecimento de fatos, ou uma recitação austera de doutrinas. Ser um cristão é caminhar com Deus, conhecê-lo e viver à luz de sua presença.

Curiosamente, Hebreus 11.5-6 não foca a ideia de "andar com Deus", mas sim de "agradar a Deus". A explicação para isso é que o escritor de Hebreus está citando a tradução grega do Antigo Testamento (a Septuaginta) e não o texto hebraico original. Essa versão grega, que tantos escritores apostólicos usaram, é notória por sua relutância em usar antropomorfismos, ou seja, descrições de Deus em termos humanos. A Bíblia fala do braço de Deus ou da mão de Deus ou

dos olhos do Senhor, todos os quais são antropomorfismos. Literalmente, é claro, Deus não tem corpo e mãos, mas suas funções e atividades são descritas em termos humanos para o nosso benefício.

Por causa de sua hostilidade a essa forma de expressão, a Septuaginta muitas vezes removeu os antropomorfismos em suas transliterações de grego e hebraico. A passagem de Gênesis 5 sobre a vida de Enoque fornece um exemplo clássico. Em vez de dizer que ele andava com Deus, a Septuaginta diz: "Enoque agradava a Deus". Seguindo essa tradução de Gênesis 5, o escritor de Hebreus comenta que Enoque estava agradando a Deus e, portanto, viveu pela fé.

Nós não precisamos ficar perturbados por essa interferência humana na Palavra divina, pois o Novo Testamento, que é divinamente inspirado, sanciona essa interpretação razoável da vida de Enoque. Nós podemos corretamente tomar essa ideia de agradar a Deus como uma definição funcional do que significa andar com ele. Se nós queremos gozar da comunhão com Deus e sentir a aprovação de Deus, isso será resultado de nossa obediência à Palavra dele. Jesus falou sobre isso com seus discípulos pouco antes de sua partida. "Permanecei em mim", ele disse, "e eu permanecerei em vós. [...] Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço" (Jo 15.4,10). Enquanto o caminhar com Deus implica mais do que a simples obediência aos seus mandamentos, a obediência é necessária e integral para toda vida vivida em comunhão com Deus.

Dois elementos de fé

O ponto principal de nossa passagem é ainda outra prova da necessidade de fé. Enoque agradou a Deus e por isso foi tomado por Deus mesmo antes de morrer, o que certamente seria impossível sem fé. O escritor prossegue apontando dois componentes vitais da fé genuína: "[...] é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam" (Hb 11.6).

A primeira dessas afirmações enfatiza que a fé tem de ter um objeto. Hoje muitas vezes ouvimos a respeito do poder da fé sem que nada seja dito acerca do objeto ou conteúdo dessa fé. Nos é dito principalmente que acreditemos em nós mesmos, e é verdade que a autoconfiança nos ajudará a realizar muitas coisas. É mais provável que um jogador de futebol faça um gol de bola parada se ele acreditar que consegue. É mais provável que um vendedor realize uma venda se ele acreditar em sua habilidade para fazê-lo.

Mas a fé que o escritor de Hebreus está descrevendo difere grandemente disso. Em um primeiro momento pode parecer que ele está pedindo que as pessoas acreditem apenas na existência de Deus, que concordem pelo menos com uma ideia abstrata de Deus. Em um estudo mais cuidadoso, contudo, ele está sendo muito mais específico. Uma tradução literal do grego seria assim: "é necessário a qualquer um que venha a Deus que acredite que ele é". Esse fraseado aponta para o aspecto doutrinário ou confessional da fé de uma maneira que a audiência hebraica

original com certeza teria notado. O fraseado aqui é reminiscente do credo básico de Israel, chamado de *Shemá:* "Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR" (Dt 6.4). O *Shemá* era uma grande afirmação confessional da fé judaica, como ainda é, e os leitores hebraicos originais teriam entendido isso como uma forma de dizer: "toda pessoa que vem a Deus precisa entender claramente quem ele é".

No mínimo, a audiência judaico-cristã original não teria como ignorar a conexão com essa grande afirmação que Deus fez a Moisés na sarça ardente em Êxodo 3.14. Após receber a ordem de descer ao Egito e confrontar o poderoso Faraó, Moisés perguntou a Deus: "Qual é o seu nome?" Deus responde a ele, dizendo: "EU SOU O QUE SOU. [...] Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros". Novamente, na tradução grega usada pela igreja primitiva, a ligação é ainda mais explícita. Na Septuaginta, Êxodo 3.14 diz: "Diga a eles que eu sou aquele que existe". Ao usar intencionalmente essa linguagem, o nosso escritor diz: "Quem quer que se aproxime de Deus tem de crer que ele existe".

Portanto, o primeiro elemento de fé tem a ver com seu conteúdo e doutrina. A fé tem de identificar o Deus da Bíblia, o Senhor que falou a Moisés da sarça ardente, como o único Deus verdadeiro. A fé deve estar nele se é para ser uma fé salvadora. Repetidamente ele diz: "Eu sou Deus, e não há outro" (Is 46.9). A fé deve primeiro concordar com a afirmação de Deus e voltar-se para ele como o único Deus verdadeiro.

Esse elemento de fé também corresponde ao primeiro dos dez mandamentos: "Eu sou o SENHOR. [...] Não terás outros deuses diante de mim" (Êx 20.2-3). Essa é uma advertência contra todas as formas de idolatria, e especialmente filosofias e teologias que competem com a Bíblia. Todo aquele que se aproxima de Deus, nossa passagem diz, deve acreditar que o Deus da Bíblia é o único e verdadeiro Deus, não podendo colocar nenhum outro no lugar dele.

Primeiro, então, temos o conteúdo ou objeto da fé. Em segundo vem a motivação da fé: "[...] é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe *e que se torna galardoador dos que o buscam*" (Hb 11.6 – ênfase acrescentada). Temos de acreditar não somente que esse é o verdadeiro Deus, mas também que temos de nos relacionar com ele, que é o Juiz e Árbitro de nosso destino e de nossa sorte.

Assim que falamos de Deus concedendo recompensas, algumas pessoas ficam aborrecidas; elas concebem uma ameaça ao claro ensino bíblico da salvação somente pela graça. "Se a salvação é uma questão de ganhar sua recompensa, então só podemos estar falando de salvação pelas obras", eles concluem. Contudo, tudo isso está longe da realidade. Essa afirmação específica simplesmente afirma a realidade de que Deus é aquele que determina bênção *versus* condenação. Para ter fé, temos de perceber e aceitar que temos de nos relacionar com Deus, que o julgamento dele a nosso respeito é o juízo vital, e que devemos buscá-lo; ou seja, que devemos ganhar o favor dele.

Ao chamar esse segundo elemento de motivação da fé, eu quero dizer que a fé deve se voltar para Deus como aquele que salva; ela deve vir a ele em busca de recompensa, favor e graça. A

alternativa é ignorá-lo, pensar que não importa o que Deus pensa de nós, o que ele pretende para o nosso futuro. Essa é a essência da incredulidade. Poucas pessoas negam a existência de Deus, mas muitas negam a relevância de Deus, a necessidade de buscá-lo para a salvação. Isso é perceptível em nosso próprio cotidiano. A vasta maioria das pessoas concorda que Deus deve existir, mas elas não o buscam. Em vez disso, elas estão servindo a outros deuses mundanos como fonte das recompensas que elas tanto cobiçam.

Isso leva a uma questão vital: "Eu tenho de me relacionar com Deus? Eu preciso prestar atenção a ele, ouvir quando ele fala, abrir o meu coração para um relacionamento com ele, deixá-lo mudar a maneira como eu vivo, fazer dele a grande esperança de toda a minha vida? A resposta, de acordo com a revelação do próprio Deus na Bíblia, é sim.

Embora haja muitas razões pelas quais devamos ir a Deus em fé, eu darei apenas duas. Primeira, Deus nos diz que ele é um juiz santo que certamente vai punir todos os pecadores. Deus diz que no final dos tempos todos comparecerão diante dele para serem julgados. Apocalipse 20.12 traça a imagem: "Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então, se abriram livros. [...] E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros".

As pessoas enganam a si mesmas achando que tudo ficará bem naquele dia, já que segundo a avaliação delas mesmas elas são "basicamente boas pessoas". Mas a Bíblia apresenta um veredito bastante diferente, de acordo com o padrão de perfeita santidade de Deus. Romanos 3.23 defende isso de forma direta: "Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus". Romanos 6.23 nos fala das consequências: "[...] o salário do pecado é a morte". Toda pessoa que é culpada de pecado – e isso inclui cada um de nós – corre o terrível perigo de condenação. Por essa razão, devemos buscar a Deus, para descobrir como podemos ganhar o favor dele.

Essa é uma razão por que temos de nos relacionar com, como Francis Schaeffer coloca, "o Deus que intervém". No registro de Enoque, somos semelhantemente confrontados com uma razão positiva: há uma vida após esta com um Deus a ser conhecido e desfrutado com reverência.

Talvez o ponto mais interessante acerca de Enoque seja um que ainda não consideramos. Enoque nunca morreu. O escritor de Hebreus assim fala disso: "[...] Enoque foi trasladado para não ver a morte; não foi achado, porque Deus o trasladara". Um dia esse homem piedoso estava lá e no seguinte ele não podia ser achado. As pessoas procuravam por ele, mas ele simplesmente não estava lá. Elas podem nunca ter descoberto o que aconteceu a Enoque, mas nós sabemos. Deus o tomou desta vida e o levou para a próxima sem passar pela morte. Só há registro assim de duas pessoas: Enoque e o profeta Elias, que foi arrebatado numa carruagem de fogo. A quantidade de especulação devotada a essas questões tem literalmente enchido livros, mas esses são os simples fatos que as Escrituras nos dizem, e a especulação extra é inútil.

A questão é que o registro de Enoque nos fala de uma vida após a morte, e da habilidade de Deus em recompensar os seus com vida eterna. De fato, essa é a maneira que devemos pensar acerca das recompensas de Deus – a saber, o que ele mesmo disse a Abraão: "Eu sou o teu

escudo, a tua grande recompensa" (Gn 15.1). Que recompensa poderíamos desejar maior do que o próprio Deus? F. F. Bruce corretamente observa: "A recompensa desejada por aqueles que o buscam é a alegria de encontrá-lo; ele mesmo prova ser a 'grande alegria' deles" (Sl 43.4).[6]

Nossa recompensa é a que Enoque recebeu, a saber, vida eterna com Deus – o seu dom gratuito para todos os que se voltam para ele em fé. Mais cedo eu citei a afirmação de Paulo em Romanos 6.23, que começa com a primeira razão pela qual devemos buscar a Deus: "o salário do pecado é a morte". No entanto, a sentença é completada com uma segunda razão: "mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor". Nós vemos esse dom na experiência de Enoque, o homem que agradou a Deus pela fé, e esse é o maior de todos os motivos para buscarmos o Senhor. Assim como em Abel vemos o poder da morte de Cristo para nos restaurar para Deus, também, em Enoque, vemos o poder da ressurreição de Cristo, a nova vida em que também podemos entrar pela fé nele.

Buscando e encontrando a Deus

Deus é galardoador daqueles que o buscam. O que, então, significa buscar a Deus? Isso não quer dizer que o buscamos da maneira que um cientista busca o conhecimento. Não somos deixados para seguir uma obscura trilha de pistas, buscando ansiosamente montar uma teoria praticável. Não, Deus está ao nosso redor; a evidência de seu ser está diante de nossos olhos nesse exato momento. Todo o universo é uma demonstração, como Paulo diz, do "seu eterno poder, como também [da] sua própria divindade". Deus é, Paulo conclui, claramente percebido "desde o princípio do mundo [...] por meio das coisas que foram criadas" (Rm 1.20).

Buscar a Deus, portanto, significa buscar o seu favor, buscar um relacionamento com ele. Para os pecadores isso quer dizer buscar o perdão. Significa vir a ele, confessar que somos pecadores, da maneira que fez Davi no salmo 51: "Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade. [...] Pois eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim. [...] Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo; lava-me, e ficarei mais alvo que a neve" (Sl 51.1-7). O hissopo era uma planta que os sacerdotes usavam como uma broxa para salpicar o sangue sacrificial. "Purifica-me com hissopo" é a maneira de Davi dizer que ele estava vindo a Deus, buscando o perdão por meio do sangue de Cristo, o Cordeiro de Deus que tira o pecado de todos os que vêm a ele por meio da fé.

Mas buscar a Deus significa mais do que buscar o favor e o perdão, que ele livremente concede em Jesus Cristo. Implica também um relacionamento com ele. Significa fazer dele o Deus de sua vida: o seu Rei, o seu mestre e o seu Senhor. Significa, como Enoque nos mostra, andar com Deus e oferecer a sua vida para o prazer dele. Significa buscar aquele que é o fim principal de nossa vida, o propósito para o qual fomos feitos, a saber, glorificar a Deus e gozá-lo.

Buscar a Deus é apenas outra expressão para viver pela fé, que é a essência desse grande capítulo em Hebreus. Andrew Murray afirma isto:

> A fé busca a Deus; ela acredita que ele é; ela mantém o coração aberto para ele; ela se curva em humildade e esperança de que ele se faça conhecido. Conhecer a Deus, ver a Deus em tudo e em todo lugar, em nossa vida diária estar consciente da presença dele para que sempre andemos com ele – essa é a verdadeira nobreza do homem; essa é a vida que a fé vive; essa é a bem-aventurança que Jesus agora revelou ao rasgar o véu. A fé pode andar com Deus.[7]

O que, então, você encontrará se você buscá-lo? Enoque dá a resposta. Você achará vida. Vida eterna. Isso quer dizer uma vida que vai além do túmulo, uma vida no céu. Mas também significa céu nesta vida, neste mundo. Significa a resposta para o problema da morte. Deus poupou Enoque da morte porque pela fé ele estava agradando a Deus. Para nós isso quer dizer um triunfo parecido sobre a morte; quer dizer que a morte perderá o seu aguilhão. A morte será uma porta aberta para a plenitude da vida que começamos aqui pela fé. A morte significará a perfeição daquilo que aqui é apenas imperfeitamente atingido, o caminhar com Deus, o repousar nele, o deleite nele e o conhecer a sua aprovação, que é a maior de todas as recompensas da fé.

Isso nos leva à última questão: se você buscar, você pode ter certeza de que vai achá-lo? A resposta é óbvia, não é? A nossa passagem diz que Deus "se torna galardoador dos que o buscam", não que você tenha que o encontrar por si mesmo. Se você buscar a Deus, ele vai responder a sua busca. "Ninguém pode vir a mim", disse Jesus, "se o Pai, que me enviou, não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia" (Jo 6.44). Isso quer dizer que, se você buscar a Deus, ele na verdade está buscando você, e consequentemente você vai encontrá-lo. Deus está trazendo você para os braços de seu amor com o propósito de dar a vida eterna que vem por meio da fé em Cristo. Aqueles que o buscam ele recompensa consigo mesmo, e aqueles que andam com ele nesta vida ele traz para si mesmo na próxima, vencendo o túmulo, para uma comunhão de alegria que vai durar para sempre.

---

[1] Andrew Murray, *The Holiest of All* (Grand Rapids: Fleming Revell, 1993), 445–56.
[2] Arthur W. Pink, *An Exposition of Hebrews* (Grand Rapids: Baker, 1954), 667–68.
[3] *Ibid.*, 668.
[4] Thomas Watson, *A Body of Divinity* (Edimburgo: Banner of Truth, 1958), 53–54.
[5] C. Austin Miles, "In the Garden", 1912. [Em inglês: "*I come to the garden alone,/ while the dew is still on the roses. (...)/ And he walks with me and he talks with me,/ and he tells me I am his own,/ and the joy we share as we tarry there,/ none other has ever known*".]
[6] F. F. Bruce, *The Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), 287.
[7] Murray, *Holiest of All,* 450.

40

FÉ QUE TRABALHA



Hebreus 11.7

> *Pela fé, Noé, divinamente instruído acerca de acontecimentos que ainda não se viam e sendo temente a Deus, aparelhou uma arca para a salvação de sua casa; pela qual condenou o mundo e se tornou herdeiro da justiça que vem da fé.* (Hb 7. 11)

O nosso estudo dos exemplos de fé do Antigo Testamento em Hebreus 11 agora nos traz até a história de Noé, uma das grandes figuras da História humana. Noé compartilha uma distinção com Adão – deles descende cada um dos seres humanos hoje, já que Deus recomeçou a raça humana por meio da família de Noé após o grande dilúvio.

O dilúvio do qual Noé foi salvo é um dos grandes eventos na História de nosso planeta. Ele foi um evento provocado pela magnitude do pecado da humanidade. Gênesis 6.5 diz: "Viu o SENHOR que a maldade do homem se havia multiplicado na terra", Deus, então, manifestou toda a sua ira na destruição de nossa raça rebelde, salvando somente o fiel Noé e sua família. Não é de se admirar que praticamente toda religião e mitologia, da Ásia até a América do Norte, lembre-se de Noé e do dilúvio. Uma tábua suméria de 1600 a.C. nos conta como um rei foi advertido acerca de um dilúvio destrutivo e por isso construiu um grande barco. Em acádio há o épico *Atrahasis*, que fala de um grande dilúvio que destruiu a humanidade após tentativas anteriores de moderar a maldade dela. Somente Atrahasis e sua família, que foram advertidos pelo deus criador Enki, escaparam no barco que eles receberam ordem de construir. Essa saga parece ter fornecido o material-fonte para o épico babilônico *Gilgamesh*, que conta uma história parecida.[1] Embora esses e outros exemplos estejam corrompidos por ideias pagãs, eles preservam uma memória compartilhada desse evento cataclísmico.

O nome de Noé parece também ter sido transmitido de uma língua para outra. No sânscrito antigo o nome dele se tornou Manu, baseado na palavra *ma* para água. Dessa forma o nome é "Nu das águas". Isso foi transmitido para a antiga Índia, onde Manu foi o pai de todos os povos. A mitologia egípcia denominava esse deus da água de Nu, e o fundador mítico dos povos germânicos era Mannus, do qual veio a palavra inglesa para homem, *man*.[2]

Os eventos da vida de Noé têm grande significado teológico. As palavras "justiça" e "graça" apareceram pela primeira vez na Bíblia no relato de Noé. O dilúvio é um grande símbolo de julgamento. A arca nos fornece um símbolo de salvação (1Pe 3.20). O arco-íris continua a ser um

símbolo permanente da aliança – um lembrete que Deus pôs no céu para si mesmo, ficando entre nós e o juízo de Deus, assim como Jesus agora é "fiador de superior aliança" (Hb 7.22).

Noé talvez seja mais conhecido hoje como um ícone conservacionista, um tipo de Papai Noel para o movimento ambiental. A principal coisa associada a ele são os animais que ele salvou, mas em Hebreus 11 ele é lembrado por sua fé. Tudo o que dissemos sobre Noé prova que ele era um grande e importante homem, conquanto seja a sua fé que o tornou grande aos olhos de Deus. De fato, Noé resume tudo o que aprendemos acerca da fé até aqui em Hebreus 11. Como Enoque ele "andou com Deus" (Gn 6.8-9); como Abel ele foi um herdeiro da justiça que é pela fé.

Um modelo de fé

Hebreus 11.7 inicia: "Pela fé, Noé, divinamente instruído acerca de acontecimentos que ainda não se viam e sendo temente a Deus, aparelhou uma arca para a salvação de sua casa". Isso nos diz que Noé é um extraordinário exemplo de fé por estar convicto "de fatos que se não veem" (Hb 11.1). Havia duas coisas que Noé acreditava que não eram vistas: o grande dilúvio que Deus tinha prometido e a salvação que viria por meio da arca. A passagem que descreve isso é a de Gênesis 6.13-18:

> [...] disse Deus a Noé: Resolvi dar cabo de toda carne, porque a terra está cheia da violência dos homens; eis que os farei perecer juntamente com a terra. Faze uma arca de tábuas de cipreste; nela farás compartimentos e a calafetarás com betume por dentro e por fora. Deste modo a farás: de trezentos côvados será o comprimento; de cinquenta, a largura; e a altura, de trinta. Farás ao seu redor uma abertura de um côvado de altura; a porta da arca colocarás lateralmente; farás pavimentos na arca: um em baixo, um segundo e um terceiro. Porque estou para derramar águas em dilúvio sobre a terra para consumir toda carne em que há fôlego de vida debaixo dos céus; tudo o que há na terra perecerá. Contigo, porém, estabelecerei a minha aliança; entrarás na arca, tu e teus filhos, e tua mulher, e as mulheres de teus filhos.

Gênesis 6.3 nos diz que Deus falou essas palavras para Noé 120 anos antes do dilúvio. Nunca tinha havido um evento como o que Deus descreveu, ou uma embarcação assim. A arca que Noé recebeu a ordem de construir tinha um tamanho espantoso – cerca do tamanho de um moderno navio de guerra – e podemos supor que Noé recebeu a ordem de construí-la na terra seca, longe de qualquer oceano ou mar. Isso é fé em coisas não vistas! Embora ele não tivesse nenhuma sombra de prova senão a Palavra de Deus, Noé, entretanto, creu. Isso mostra que a fé em coisas não vistas é o mesmo que a fé na Palavra de Deus, a mesma fé nas promessas de Deus. Nós cremos em coisas que não possuem evidência tangível porque Deus assim nos informou e nos deu sua promessa. Nós cremos no próprio Deus, e isso é fé em coisas não vistas.

Esse tipo de fé exigiu que Noé permanecesse sozinho em sua geração. Separado dos familiares próximos – e a força da fé deles não fica muito clara – Noé sozinho confiou no Senhor. Se vamos viver pela fé e não por vista, muitas vezes isso ocorrerá conosco também.

Noé também fornece um excelente exemplo do que nos é dito em Hebreus 11.6, que "sem fé é impossível agradar a Deus". Nós sabemos que Noé agradou a Deus porque Gênesis 6.9 diz: "Noé

era homem justo e íntegro entre os seus contemporâneos; Noé andava com Deus". Assim como Enoque, Noé era um eminente homem de fé com muito a nos dizer.

Porque Noé é descrito como íntegro, muitas pessoas argumentam que ele foi justificado, ou que ele agradou a Deus por suas obras. Elas falham em reconhecer que o versículo precedente diz: "Porém Noé achou graça diante do SENHOR" (Gn 6.8). Isso não quer dizer que ele era íntegro e, por isso, achou graça diante de Deus; mas que sua integridade em si era o resultado do favor de Deus. De fato, a graça de Deus era a fonte de onde Noé extraía sua fé, que por sua vez era o poder motivador por trás de suas obras. Hebreus 11.7 insiste que Noé fez tudo "pela fé". A fé era o princípio operador para tudo o que Noé fez ou alcançou. "Pela fé, Noé [...] aparelhou a arca para a salvação de sua casa." Ele nos mostrou que a mesma fé que nos traz a um correto relacionamento com Deus também nos move às ações que agradam a Deus em obras práticas de obediência.

De fato, o que Deus exigiu de Noé foi muito maior do que ele pede a nós. Deus exigiu que Noé acreditasse em algo que nunca tinha acontecido, algo totalmente inédito e aparentemente improvável. Em contraste, Deus nos pede que acreditemos nas coisas que já aconteceram, a saber, a morte e ressurreição de Jesus Cristo – coisas que foram feitas não em uma esquina, mas à plena luz da História e registradas na Bíblia. Semelhantemente, Deus prometeu fazer algo por Noé que era difícil de imaginar, ou seja, salvá-lo em meio ao dilúvio por intermédio da arca. Entretanto, Deus nos promete algo que ele fez inúmeras vezes antes, provavelmente na vida de pessoas que conhecemos pessoalmente. Ele promete perdoar os nossos pecados por meio da fé em Cristo, nos dar o seu Espírito e nos conduzir a uma nova vida. Algumas promessas permanecem para o futuro, tais como a ressurreição dos mortos. Contudo, mesmo isso não é novidade, já que aconteceu a Jesus, que nos precedeu em todas as coisas. Como Noé, somos salvos por crer nas coisas que não são vistas, e agradamos a Deus somente por crer em sua Palavra e confiar em sua promessa.

Fé e obras

Além de nos mostrar um modelo de fé que salvou a ele e a sua família, Noé também demonstra que a fé sempre resulta em obras: "Pela fé, Noé, divinamente instruído acerca de acontecimentos que ainda não se viam e sendo temente a Deus, aparelhou uma arca para a salvação de sua casa" (Hb 11.7).

As pessoas muitas vezes ficam confusas acerca do relacionamento entre fé e obras. O apóstolo Paulo insiste que somos declarados justos em Cristo "independentemente de obras" (Rm 4.6). Mas o apóstolo Tiago diz que "a fé, se não tiver obras, por si só está morta" (Tg 2.17). Tiago prossegue dizendo: "mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé" (v. 18). Essa aparente contradição leva muitas pessoas a escolher um versículo ou o outro. Martinho Lutero, por exemplo, um famoso seguidor de Paulo e da salvação pela fé somente,

escarneceu da carta de Tiago, questionando sua canonicidade e tachando-a de "uma epístola de palha".[3]

Uma das expressões mais úteis para resolver essa situação é uma de João Calvino. Ele disse: "Nós somos salvos só pela fé, mas fé que salva nunca está só". A fé verdadeira e salvadora está sempre acompanhada pela obediência, "que flui da fé como água de uma fonte".[4]

Hebreus 11.7 nos fala de duas coisas que provavam a fé possuída por Noé, fluindo naturalmente daquela fonte. A primeira é uma palavra no grego, *eulabētheis* (temente). F. F. Bruce a traduz como "com respeito reverente".[5] B. F. Westcott a traduz: "movido por piedoso cuidado".[6] Philip Hughes a coloca como "prestando atenção" com cuidadosa cautela.[7] A ideia defendida aqui é que Noé tinha reverência por Deus, o que o levou a ser atencioso para com os detalhes daquilo que Deus ordenou.

Em Gênesis 6.14-21 nós lemos um resumo detalhado das instruções para a construção da arca. Sem dúvida Noé precisava de tais detalhes para fazer o trabalho dado a ele. Mas a sua fé é louvada por sua preocupação atenta a tudo o que Deus disse a ele: "Assim fez Noé, consoante a tudo o que Deus lhe ordenara" (Gn 6.22).

Os puritanos ingleses do século 17 eram como Noé. O nome "puritanos" foi dado a eles por zombadores por causa de seu cuidado em estudar e obedecer a Palavra de Deus nos mínimos detalhes. Então, como hoje, as pessoas acham que tal atenção reverente é um fanatismo religioso. Elas equivocadamente comparam isso com a atitude dos fariseus, que tornaram a vida difícil não com sua obediência bíblica, mas com suas restrições feitas por homens. No entanto, a obediência bíblica não atrapalha você, ou o deixa limitado. Em vez disso, ela liberta você para fazer o que é bom, verdadeiro e proveitoso. Essa é a razão de Tiago falar da "lei da liberdade" (Tg 1.25). Estudar e seguir a Palavra de Deus não vai diminuir você, mas fazê-lo crescer. Contudo, o caminho da obediência a Cristo é estreito, um que diz sim e não, um que mantém você na arca e fora do dilúvio. Jesus ensinou: "Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela" (Mt 7.13-14).

Essa era a maneira de vida de Noé, resultante de sua fé. Mas há uma grande obra que fluiu de sua fé e serviu como sua principal evidência – a arca de Noé. Hebreus 11.1 diz que a fé é a "convicção de fatos que se não veem", e a arca de Noé era a evidência que apontava para o dilúvio muito antes que qualquer um visse as gotas de chuva caindo.

A arca de Noé fornecia uma demonstração clássica do relacionamento da fé com as obras. Por que Noé construiu a arca? Qual foi a causa dessa obra? Foi a sua fé. Foi "pela fé" que ele construiu a arca. Isso fica muito claro, porque a não ser que ele cresse, teria sido insanidade fazer algo assim. Noé construiu a arca somente porque realmente acreditou ser verdade o que Deus disse sobre o dilúvio, que ele viria, e que, a não ser que construísse a arca, ele seria tragado junto com os demais.

Mas e se Noé não tivesse construído a arca? O que diríamos sobre a sua fé? Imagine Noé insistindo que acreditava no que Deus havia dito se ele não estivesse ocupado trabalhando na arca. O que diríamos de uma fé assim? Diríamos o que Tiago disse – que tal fé é inútil e morta a não ser que seja acompanhada por obras. Se Noé nem tivesse começado a trabalhar na arca, cortando árvores e fazendo diagramas, então o simples fato é que ele não podia ter crido. Contudo, ele creu e por isso construiu a arca. É assim que a fé e as obras se encaixam.

O mesmo se aplica a nós. Nós sempre agimos de acordo com a nossa fé, de acordo com nossas reais convicções. Se você acreditasse que há uma bomba em seu quarto, você correria para fora agora mesmo. Se acreditarmos ser necessário nos arrepender e crer nas boas-novas para sermos salvos, correremos da tentação e pelo menos começaremos a cortar as árvores de nossos hábitos pecaminosos e construir nossa fé. Noé gastou 120 anos para construir a arca, e a nossa santificação ainda levará um tempo. Todavia, se crermos, nós pelo menos começaremos a trabalhar agora. Não há escapatória da verdade: fé e obras são inseparáveis. Como Alexander Maclaren disse: "se a fé de alguma forma for real em nós, ela vai operar. Se ela não produz efeito algum, ela não existe".[8]

A fé condenando o mundo

Hebreus 11.7 faz uma comparação severa entre fé e incredulidade, como foi visto por meio de Noé e sua geração incrédula: "pela qual condenou o mundo". Pode-se dizer que Noé condenou o mundo de várias maneiras, mas, antes que ele condenasse o mundo, podemos ter certeza de que o mundo o condenou. Ray Stedman diz:

> Podemos corretamente visualizar o escárnio e a zombaria que Noé deve ter enfrentado diariamente quando construía uma embarcação enorme. Ele estava a centenas de quilômetros do oceano mais próximo, com uma embarcação muitas vezes maior que o necessário para sua família, e, quando acabou –, ele a encheu com animais! Se vivesse em nosso tempo, ele teria sido apelidado de "Noé maluco". Jesus, contudo, usou "os dias de Noé" como representação da condição do mundo antes do retorno dele, e indicou que seus seguidores têm de estar preparados para encarar o mesmo tipo de hostilidade zombeteira que Noé encontrou dia após dia.[9]

A vida cristã também parece maluca para uma época egoísta como a nossa. Ninguém quer negar a si mesmo, ninguém está disposto a se sacrificar. Devotar-se à santidade é espantoso para o mundo ao nosso redor.

A fé que Noé possuía condenou o mundo, em primeiro lugar por meio do testemunho dele. A segunda carta de Pedro 2.5 chama Noé de um "pregador da justiça". Certamente ele teria explicado suas ações, o porquê de estar construindo a arca, àqueles que perguntavam e continuavam a rir dele. Ele teria advertido o mundo de um juízo que viria e ofereceu o caminho da segurança na arca. Da mesma maneira, devemos ensinar e explicar a vida que levamos, a verdade que acreditamos e a salvação que buscamos. E, em sua rejeição de nossa mensagem, o mundo é condenado por não crer.

O testemunho de Noé condenou o mundo, mas também podemos dizer que a sua fé condenou o mundo. Ali estava, diante dos olhos deles, a evidência da Palavra de Deus, que eles rejeitaram ou ignoraram. O desprezo a Noé ficou conhecido na descrição de Jesus: "Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do Homem" (Mt 24.38-39). Assim como hoje, a maior parte das pessoas não presta atenção às questões espirituais; eles eram indiferentes à Palavra de Deus quando ela era proclamada, e a fé exercida por Noé os condenou por causa da incredulidade deles.

João Calvino salienta que Noé também condenou o mundo por intermédio de sua salvação: "O fato de Noé ter obedecido o mandamento de Deus condena por seu exemplo a teimosia do mundo, e o fato de ele ter sido miraculosamente salvo do meio da morte é prova de que todo o mundo – o qual Deus sem dúvida teria preservado não fora esse indigno de salvação – pereceu justamente".[10] A salvação de Noé provou que toda pessoa poderia ter sido salva por meio da confiança na Palavra de Deus. A salvação de Noé certamente justificou sua fé e seu testemunho, embora as vozes do mundo maldosamente rissem dele. Alexander Maclaren comenta com exatidão:

> Sem dúvida havia muitas coisas engraçadas e sensatas que foram ditas sobre ele. [...] E então, em uma manhã, a chuva começou, e continuou, e por 40 dias ela não parou, e eles começaram a pensar que talvez, afinal de contas, houvesse algum sentido na loucura dele. Noé entrou em sua arca, e ainda chovia. [...] Eu imagino o que eles pensaram sobre tudo isso então, com a água chegando aos seus joelhos. Como as zombarias e gracejos devem ter parado em suas gargantas antes de chegar aos lábios deles.[11]

A fé herda a justiça

Isso leva a uma última afirmação sobre Noé – ele "se tornou herdeiro da justiça que vem da fé" (Hb 11.7). Há dois elementos-chave nessa afirmação: herança e justiça que vêm com a fé.

Deixe-me tratar do segundo elemento em primeiro lugar. O apóstolo Paulo seguiu uma linha de raciocínio parecida em Filipenses 3, em que ele contrasta a justiça da fé com a justiça da lei. Primeiro ele fala da primeira justiça como um fariseu:

> Bem que eu poderia confiar também na carne. Se qualquer outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais: circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu, quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível. (Fp 3.4-6)

Ele então faz um balanço desses itens, percebendo que as mesmas coisas que ele antes considerava como lucro, no que diz respeito à justiça, ele agora compreendia como desvantagens. Somente um recurso fornece a justiça que Deus aceita – a justiça que é pela fé. Ele continua:

> [...] o que, para mim, era lucro, isso considerei perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé. (Fp 3.7-9)

A afirmação-chave é a última, que Paulo não quer a justiça de suas próprias obras debaixo da lei – que na melhor das hipóteses são imperfeitas e, portanto, inúteis –, mas a justiça de Cristo, que vem somente pela fé nele. Certamente o escritor de Hebreus está defendendo a mesma ideia com relação a Noé: embora tenha feito muitas coisas boas, ele não buscou uma justiça própria limitada e imperfeita, mas a justiça perfeita de Deus que vem por meio da fé.

Nós somos informados que essa justiça veio a Noé por meio de herança. Pela fé ele se tornou um herdeiro da justiça. Pela fé ele se tornou um filho de Deus. Esse é o porquê de ter sido tão apropriado a ele agir de uma maneira piedosa e justa – porque pela fé Noé era filho de Deus e, portanto, destinado a herdar as riquezas dele. Herança significa que a fonte do presente não eram os seus próprios recursos, mas aquele que concedeu a herança. É assim que a justiça de Cristo vem a nós: uma herança de Deus para seus filhos, e não de nós mesmos como uma realização. Além do mais, uma herança é estabelecida por um procedimento e uma lei estabelecida. Paulo fala disso em Romanos 4.16, em que ele diz que nossa herança "provém da fé, para que seja segundo a graça". Ela é um presente, e um presente é recebido com braços abertos para o louvor e glória do próprio doador.

É isso que torna a justiça da fé tão segura. Quando recebemos a justiça como uma herança, por meio dos braços abertos da fé, ela é mais tarde possuída como um direito. Não é algo que tenha de ser protegido. Os filhos não possuem sua herança por meio da conquista ou da destreza, mas como um direito indestrutível inerente ao *status* deles como filhos do pai. Exatamente dessa maneira, nossa justiça em Cristo, recebida como uma herança pela fé, não pode ser perdida ou retirada. Ela está intimamente ligada a nós como um nome de um pai está ligado ao filho que o possui. Por fim, nossa herança está baseada na vontade soberana de Deus e não em nossa própria vontade: "Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus" (Jo 1.12-13).

Tudo isso sendo verdade, essa justiça que vem da fé é muito mais segura do que qualquer uma que poderíamos conquistar por nós mesmos, uma coroa mais sólida do que qualquer uma que pudéssemos colocar em nossa própria cabeça, perfeita e totalmente aceitável aos olhos do Senhor.

Um ministério de salvação

A fé possuída por Noé significava salvação para alguns – a saber, ele mesmo e sua família – e condenação para outros, na verdade todo o restante do mundo, que sucumbiu debaixo da ira

santa de Deus. Contudo, o resultado direto de sua fé foi a salvação, embora a condenação fosse somente uma consequência indireta.

Hebreus 11.7 diz que a fé possuída por Noé condenou o mundo. Os cristãos às vezes são encorajados por afirmações como essas a assumir o papel de condenar o mundo; destacar quanto o mundo está apodrecido se torna o ministério deles. Eles se concentram nos pecados dominantes e se unem à histeria a respeito das mais recentes libertinagens. No entanto, não parece ter sido assim que Noé viveu; ele traçou um curso diferente para nós.

Tudo o que Noé fez foi calculado para salvar. Ele agiu como um instrumento de salvação, embora sua fé indiretamente condenasse o mundo. Ele foi um embaixador da graça de Deus, e isso é o que cada cristão é chamado a ser.

Noé era um "pregador da justiça" (2Pe 2.5). Certamente isso implicava uma condenação ao pecado e uma advertência de julgamento, mas tudo isso foi feito na sombra da arca da salvação. É para lá que o verdadeiro esforço de Noé foi. A sua fé o levou a trabalhar na arca. Se o mundo não procurasse a porta aberta da arca, então, sim, ele seria destruído. Noé, entretanto, direcionou seu trabalho para a salvação. Nosso trabalho tem de ter essa mesma influência: recomendar e oferecer salvação para os outros, orar para que Deus conceda a eles fé para que creiam e sejam salvos. Esse é o trabalho do cristão, pela fé na Palavra de Deus. Paulo disse isso em 2Coríntios 5.19-20: "a saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação. De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus".

Acredite, diz Deus ao mundo por meio de nossa fé, que o julgamento ainda está por vir. Acredite que na cruz de Cristo – uma arca tão larga e extensa e alta e profunda quanto jamais foi a de Noé – todo aquele que crê achará segurança em meio à tempestade. Peter Lewis disse isto muito bem:

> Cristo Jesus agora é a nossa arca: grande o suficiente para todo o mundo; forte o suficiente para resistir aos choques da vida, às águas da morte que se elevam e aos cataclismos do último julgamento. Há segurança aqui no Filho de Deus, enviado para ser abrigo para nós, salvação, de que tão desesperadamente necessitamos; a nossa arca e passagem segura para o novo mundo que Deus planejou. É dessa arca que sairemos para herdar um novo céu e uma nova terra. (Ap 21.1)[12]

Deus pede simplesmente que acreditemos, que você confie nele, e que por meio dessa fé ele promoverá o descanso em você e por meio de você, salvando você e outros da ira vindoura e levando você para a maravilhosa salvação que ele provê em Jesus Cristo.

---

[1] *New Bible Dictionary*, org. J. D. Douglas *et al.*, 2ª ed. (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1982), 382.
[2] Veja James M. Boice, *Genesis*, 3 vols. (Grand Rapids: Zondervan, 1982), 1:258–59.
[3] *What Luther Said: A Practical In-Home Anthology for the Active Christian,* org. Ewald M. Plass (St. Louis: Concordia, 1959), 988.
[4] João Calvino, *Calvin's New Testament Commentaries*, 12 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), 12:165.

[5] F. F. Bruce, *The Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), 286.
[6] B. F. Westcott, *The Epistle to the Hebrews* (Londres: Macmillan, 1903), 358.
[7] Philip E. Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), 463.
[8] Alexander Maclaren, *Expositions of Holy Scripture*, 11 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1959), 10:116.
[9] Ray Stedman, *Hebrews* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1992), 122.
[10] Calvino, *New Testament Commentaries,* 12:166.
[11] Maclaren, *Expositions of Holy Scripture,* 10:119.
[12] Peter Lewis*, God's Hall of Fame* (Ross-shire, U.K.: Christian Focus, 1999), 52.

41

FÉ QUE OLHA PARA FRENTE



Hebreus 11.8-10

Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu, a fim de ir para um lugar que devia receber por herança; e partiu sem saber aonde ia. Pela fé, peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa; porque aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador. (Hb 11.8-10)

De todos os estudos sobre a vida de fé em Hebreus 11, o mais longo e mais complicado é o de Abraão, o patriarca de Israel. O relato sobre ele é também um dos mais longos no Antigo Testamento, indo do capítulo 12 até o 25 no livro de Gênesis.

O significado de Abraão dificilmente pode ser superestimado. Foi através dele que Deus deu a aliança da graça pela qual somos salvos. Portanto, nossa salvação repousa em parte na fidelidade de Deus a Abraão. Paulo dá a Abraão a importante designação de "o pai de todos os que creem" (Rm 4.11). Assim, somos salvos como a descendência espiritual prometida por Deus a Abraão, e a fé dele provê um modelo que estamos obrigados a seguir. Por essa razão, Jesus reagiu à jactância dos judeus dizendo que eles eram filhos de Abraão só de palavra: "Se sois filhos de Abraão, praticai as obras de Abraão" (Jo 8.39).

No Novo Testamento, Abraão fornece o exemplo de fé por excelência. No Antigo Testamento, ele é a primeira pessoa a ser especificamente recomendada por sua fé. Gênesis 15.6 diz: "[Abraão] creu no SENHOR, e isso lhe foi imputado para justiça". O apóstolo Paulo particularmente enfatiza Abraão como um modelo para a fé. A discussão de Paulo sobre a justificação pela fé em Romanos 3 é seguida no capítulo 4 por uma prova de sua doutrina proveniente da vida de Abraão. O livro de Gálatas também se fia fortemente no precedente de fé presente em Abraão.

Por tudo isso, não nos surpreende que o escritor de Hebreus dê tanta atenção a Abraão. Anteriormente, ele apelou ao exemplo de Abraão, escrevendo sobre sua fé paciente que recebeu a promessa de Deus (Hb 6.13-15). No capítulo 11, o relato de Abraão vai do versículo 8 ao 10, uma passagem que se inicia com: "Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu [...] e partiu".

Fé obediente ao chamado de Deus

A história de Abraão começa após uma breve biografia de seu pai Tera no final de Gênesis 11. Nós aprendemos sobre o chamado de Deus a Abraão em Gênesis 12.1: "Ora, disse o SENHOR

a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei". A vida de fé seguida por Abraão começa aqui, pois, como diz a nossa passagem, pela fé ele "obedeceu [...] e partiu sem saber aonde ia" (Hb 11.8). Esse não foi apenas o início da salvação de Abraão, mas um importante início na história da obra redentiva de Deus.

Nós vemos em Abraão que a fé age em resposta ao chamado de Deus. É a iniciativa de Deus que é enfatizada no início da vida de fé seguida por Abraão, é a graça soberana de Deus que segue seu chamado soberano.

É importante perceber que Abraão foi salvo não porque há algo especial acerca dele, mas pela virtude da soberania da escolha de Deus. Abraão não foi escolhido por sua fé, mas por causa da graça de Deus. Podemos pensar que ele foi escolhido porque era um bom homem. No entanto, a Bíblia argumenta de outra maneira: "Ouvi-me vós, os que procurais a justiça, os que buscais o SENHOR; olhai para a rocha de que fostes cortados e para a caverna do poço de que fostes cavados. Olhai para Abraão, vosso pai, e para Sara, que vos deu à luz" (Is 51.1-2). A ideia de Isaías é que nada na descendência deles os recomendou a Deus, nada além da iniciativa graciosa de Deus.

Josué 24.2-3 é ainda mais claro:

> [...] Josué disse a todo o povo: Assim diz o SENHOR, Deus de Israel: Antigamente, vossos pais, Tera, pai de Abraão e de Naor, habitaram dalém do Eufrates e serviram a outros deuses. Eu, porém, tomei Abraão, vosso pai, dalém do rio e o fiz percorrer toda a terra de Canaã; também lhe multipliquei a descendência.

Abraão não estava buscando a Deus. Ele era um adorador de ídolos pagão quando Deus o chamou. O que Paulo escreve em Romanos 3.11-12 também se aplicava a Abraão: "não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer".

Abraão foi salvo, então, porque Deus o buscou. A fé dele foi precedida pelo chamado de Deus e pela resposta a ele, um chamado que veio somente pela graça, pela escolha soberana de Deus. James M. Boice aplica esse exemplo a nós:

> Da maneira que Deus chamou Abraão, Deus chama todos os que se tornam seus filhos. Deus vem a nós quando estamos desesperadamente perdidos no pecado e sem conhecimento dele (Ef 2.1-7). Esse é um fato universal na biografia espiritual dos cristãos. E nossa resposta é nada mais do que fé em Deus e em suas promessas.[1]

Assim é como a história de Abraão começa: "Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu [...] e partiu". Ele tinha 75 anos de idade, vivendo em Ur, a terra de seus pais, naquele tempo uma localidade próspera. Em Atos 7.2-3 Estêvão nos diz: "O Deus da glória apareceu a Abraão, nosso pai, quando estava na Mesopotâmia, antes de habitar em Harã, e lhe disse: Sai da tua terra e da tua parentela e vem para a terra que eu te mostrarei".

A vida de fé começa quando Deus revela a si mesmo para nós. No caso de Abraão aparentemente foi uma visitação divina. Para nós pode ser ouvir a Palavra de Deus pregada, ou

abrir e ler a Bíblia. Ela pode começar quando vemos algo à semelhança de Cristo na vida de outra pessoa. Contudo, em todos os casos, a fé começa com Deus revelando a si mesmo para alguém perdido no pecado, ignorante ou indiferente em relação a ele.

Nós vemos aqui, também, o que a fé exige. Abraão teve de deixar sua casa, sua família, sua perspectiva de vida, para ir aonde Deus o chamou. Assim ocorre com todos os que serão salvos. Deus nos chama não apenas para crer em alguns fatos abstratos, mas para obedecer a seu chamado e para segui-lo. O exemplo de Abraão nos mostra como é a conversão real, a saber, que há uma mudança definitiva de vida. Arthur Pink escreve:

> A evidência da regeneração é encontrada em uma conversão genuína: trata-se daquele completo rompimento com a antiga vida, tanto interna como externamente, o que é prova do novo nascimento. [...] No momento que um homem verdadeiramente percebe que está ligado a Deus, deve haver uma mudança radical: "E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas". (2Co 5.17)[2]

Para Abraão isso significou se pôr de pé quando foi chamado e ir para onde lhe foi ordenado como uma manifestação de sua confiança em Deus. Surpreendentemente, o versículo 8 nos diz que nem ele mesmo sabia para onde estava indo. Abraão não tinha um plano claríssimo, uma visão que mapeava onde ele estaria em cinco, ou dez, ou 50 anos. Em vez disso, ele encontrou a Deus, ele ouviu o chamado de Deus e – com grande custo pessoal e certamente com muita perplexidade – ele obedeceu e foi. A fé sempre exige ação decisiva e sempre se manifesta em obediência ao mandamento de Deus. Falando de Abraão, Tiago escreveu acerca de fé e obras: "Vês como a fé operava juntamente com as suas obras; com efeito, foi pelas obras que a fé se consumou" (Tg 2.22). Como Pink diz: "Fé e obediência nunca podem ser separadas; como o Sol e a luz, o fogo e o calor. [...] A obediência é a filha da fé".[3]

Nós começamos a vida de fé não sabendo aonde estamos indo. No início, a maioria de nós, incluindo Abraão, não era capaz de imaginar o que iria acontecer conosco e em nós, tudo o que seria exigido, tudo que teríamos de abrir mão e o que receberíamos ao longo da jornada da fé. Como nós, Abraão realmente não sabia o que o estava aguardando, mas ele havia encontrado a Deus e ouvido o seu chamado. Ele acreditava, e pela fé obedeceu e partiu. Isso em si é mais do que a carne sozinha pode jamais fazer, e isso mostra que a fé é um dom divino inspirado e habilitado somente por Deus.

Imagine o que os amigos e vizinhos de Abraão teriam pensado acerca dele. Quando ele estava fazendo as malas, certamente eles perguntaram: "Aonde você está indo?" Ele não podia responder simplesmente: "Eu não sei. Eu fui chamado por Deus para segui-lo". Imagine a resposta deles, e então perceba que não será diferente para você. As pessoas vão perguntar a você, se você responder ao chamado de Deus em fé: "Por que você está abrindo mão dos prazeres do pecado? Por que você está jogando sua vida fora para servir onde Deus chama você? Por que você está obedecendo a Bíblia em vez de fazer o que é popular?" Você, como todos os crentes desde os tempos de Abraão, deve somente responder – ainda que seja muito difícil – "Eu

encontrei a Deus, e ele me chamou não sei para onde. Eu tenho de obedecer, pois quero ser salvo pela fé nele".

A fé crendo na promessa de Deus

O chamado à fé é sempre seguido pela vida de fé; o mesmo princípio pelo qual nós primeiro somos salvos nos capacita a viver como pessoas salvas. Assim, encontramos esta descrição da vida de Abraão na terra de Canaã: "Pela fé, peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa" (Hb 11.9).

Nós temos visto como é difícil obedecer ao chamado de Deus. No entanto, muitos cristãos têm aprendido como é muito fácil no início da vida de fé e como é muito mais difícil viver essa vida de fé num período de muitos, muitos anos. Abraão começou por obedecer o chamado de Deus, e ele perseverou em acreditar na promessa de Deus. Deus tinha prometido a ele uma terra como sua própria herança, e a fé de Abraão consistia em receber essa promessa enquanto ele continuava a obedecer e servir.

Em meio a muitos sobressaltos, Abraão finalmente chegou à terra de Canaã, a qual Deus tinha prometido que ele iria possuir. Contudo, quando Abraão chegou lá, ele descobriu que ela era habitada pelos cananeus, um povo idólatra que não conhecia o Senhor. Pela fé ele viveu lá, não como o seu proprietário, mas como um estrangeiro "em terra alheia" (Hb 11.9). Ele viveu como um hóspede, um estrangeiro residente, na mesma terra que Deus tinha prometido que seria dele.

Essa é uma figura clássica da vida de fé. Nós temos grandes promessas de Deus que pertencem a nós agora, mas em geral ainda não foram manifestas em nossa experiência. Abraão partiu para a terra que lhe foi prometida, mas quando ele chegou lá ela ainda não pertencia a ele. Isso nos mostra o caráter "já-ainda não" da vida de fé. Nós já possuímos as promessas, mas elas ainda não estão consumadas durante o nosso tempo de vida. É isso que Hebreus 11 enfatiza desde o início, que a fé é evidência, a possessão, de coisas que se não veem.

Pela fé Abraão viveu na terra que ainda não era sua. Como Estêvão disse: "Nela, [Deus] não lhe deu herança, nem sequer o espaço de um pé; mas prometeu dar-lhe a posse dela e, depois dele, à sua descendência, não tendo ele filho" (At 7.5). Como nós, Abraão recebeu a promessa pela fé; ele viveu com base na promessa já que não tinha ainda recebido a realidade. Mesmo quando teve filhos e começou a ver o futuro tomar forma, ele estava "habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa" (Hb 11.9). Mesmo depois de muitos anos, na ocasião da morte de sua esposa Sara, Abraão teve de comprar um lote de terra onde pudesse enterrá-la – evidência total de que ele não passava de um peregrino nessa terra que Deus tinha prometido que seria dele.

A experiência de Abraão nos informa que a vida de fé não implica receber todas as promessas de Deus de forma tangível, mas sim acreditar nelas em face das dificuldades, recebendo-as pela

fé, vivendo como Abraão viveu, com confiança e esperança em Deus. Do início ao fim, a vida cristã baseia-se na fé e não no que é visível. Philip Hughes escreve:

> Ele que começa pela fé tem de continuar pela fé; pois a fé é o princípio não somente de iniciação, mas também de perseverança. A vida de fé não cessa para Abraão quando ele deixa Ur dos caldeus ou quando ele finalmente põe o pé no território para onde havia se dirigido. Na verdade, a situação que ele encontrou em sua chegada na terra da promessa foi uma provação mais severa de sua fé do que fora o seu chamado para deixar sua casa e parentela. Para ele foi mais fácil pela fé quando viajava rumo a um alvo ainda não visto do que viajar, atingir esse alvo e descobrir que a plenitude de tudo o que fora prometido era um "ainda não".[4]

A situação de Abraão fica bem clara pela saudação que inicia a primeira carta de Pedro. O apóstolo estava escrevendo para os primeiros cristãos, que eram "forasteiros" por toda a Ásia Menor. Ele então começou sua carta com estas palavras: "Aos eleitos que são forasteiros" (1Pe 1.1). Essa descrição dizia a eles duas coisas sobre si mesmos – as mesmas duas coisas mostradas a nós na vida de Abraão. A primeira é que vivemos esta vida num mundo que não é o nosso, como peregrinos e não proprietários, como estrangeiros vivendo num país estrangeiro. Isso quer dizer que os cristãos não pertencem a este mundo, mas a outro. Como o apóstolo Paulo escreveu: "Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo" (Fp 3.20). Nossa lealdade pertence a outro reino. É isso que oramos na oração do Pai nosso: "Venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu". Como estrangeiros, nossos interesses a longo prazo não estão ligados ao presente mundo, que sabemos estar passando. Não encontramos o nosso conforto aqui, não porque sejamos pessoas difíceis, mas porque nossa casa permanente fica em outro lugar e temos uma saudade cada vez maior do lugar a que pertencemos.

Ser um peregrino significa que não amamos as coisas deste mundo. Colossenses 3.1-3 nos diz: "Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra; porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus". Para os cristãos sempre é bom, por isso, analisar quanto as coisas do mundo fascinam o nosso coração. Temos de levar a sério o que João escreve em sua primeira carta:

> Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente. (1Jo 2.15-17)

É assim que os cristãos têm vivido a cada geração. O puritano Jeremiah Burroughs fez esta advertência útil:

> A Escritura nos diz claramente que temos de nos comportar aqui como peregrinos e estrangeiros (1Pe 2.11). Considere a sua condição, vocês são peregrinos e estrangeiros; então não pensem que encontrarão satisfação aqui. [...] Então não fiquemos atribulados quando virmos que outros homens possuem grande riqueza, mas nós não. Por

> quê? Estamos indo para outro país; vocês estão, de certo modo, somente residindo aqui por uma noite. Se fosse para você viver 100 anos, em comparação à eternidade isso não passaria de uma noite. É como se você estivesse viajando e tivesse parado em uma hospedaria.[5]

Portanto, devemos viver como aqueles que esperam acordar logo no reino da glória. Lá é o local a que pertencemos em Cristo. Essa é a outra parte da saudação de Pedro que tão bem descreve a posição de Abraão e a nossa. Ele escreve para os seus leitores não somente como a estrangeiros no mundo, mas como "aos eleitos [...] segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo" (1Pe 1.1-2). Isso é o que nós somos, isso nos diz o local ao qual pertencemos. Nós somos o povo escolhido de Deus, seus filhos eleitos e amados em Cristo.

Isso quer dizer que, embora o mundo os considere como nada, vocês são escolhidos de Deus. A dura realidade é que vocês não se encaixam no mundo. É pouco provável que o mundo tenha grande consideração por vocês, que vivem pela fé, dentro dos limites dela. Há uma razão por que a História secular não registra nada sobre Abraão – porque Abraão e o que ele representava não eram interessantes, não tinham apelo algum para o mundo. Ele não foi um rei poderoso, ou um artista famoso, ou um trapaceiro ou corrupto. São essas as coisas que prendem a atenção do mundo. Como vocês vivem uma vida tranquila e piedosa, vocês também não vão interessar ao mundo. Vocês não pertencem a ele, mas vocês pertencem a Deus. Ele estima vocês, ainda que o mundo os despreze – como desprezou o nosso Senhor Jesus Cristo. Deus os separou para si, ele santificou vocês pelo Espírito Santo, ele comprou vocês pelo precioso sangue de Jesus para pertencer a ele.

Muitas vezes é difícil para nós suportar a realidade de nossa peregrinação. Nós ficamos ávidos por mais possessões, ficamos ressentidos por não poder ser como os outros ao nosso redor. O desejo de estabelecer raízes neste mundo, um cansaço da peregrinação pela fé, nos leva a muitas dificuldades espirituais. Esse é o motivo pelo qual temos de viver pela fé como Abraão. Nós vivemos nossa fé e a alimentamos das promessas, nos deleitamos no amor ilimitado de Deus por nós, relembrando que o nosso fim será muito diferente daquele do mundo. Enquanto esperamos, Deus nos dá a si mesmo como nosso atual conforto, nossa companhia íntima, nosso auxílio salvador. Como aconteceu com os homens de fé antes dele, Abraão não fez sua peregrinação sozinho neste mundo, pois ele andava com Deus. O que Deus disse para confortá-lo, ele também diz a nós: "Eu sou o teu escudo, o teu grandíssimo galardão" (Gn 15.1 - ACF).

A fé vendo uma cidade

A nossa passagem conclui com uma das grandes afirmações da vida de fé, uma afirmação que inspirou os corações de inúmeros crentes. O versículo 10 nos conta o que manteve Abraão prosseguindo todos aqueles longos anos: "Porque aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador".

É fácil para nós achar que aqueles que viveram há muito tempo eram primitivos, que eram homens que necessariamente possuíam uma compreensão muito débil. Mas está claro que Abraão tinha um senso altamente desenvolvido de sua posição espiritual. O que era isso, nos perguntamos, que permitia a esse homem viver tão heroicamente em tais dificuldades? A resposta está aqui: ele "aguardava a cidade que tem fundamentos".

Imagine quantas vezes Abraão, de dentro de sua tenda, olhou para alguma cidade ou assentamento naquela terra. Ele deve ter desejado aqueles confortos. Ele tinha um grande desejo pelas coisas oferecidas naquela terra, por mais empoeirada que fosse – um desejo de se assentar, viver em paz e descansar. No entanto, o nosso texto nos diz claramente que pela fé ele levantou os seus olhos para coisas melhores embora distantes, para uma cidade distante que sobrepujava a qualquer coisa colocada diante dos olhos dele – uma cidade com fundamentos –, projetada e construída não pelos reis cananeus, mas pelo Senhor dos céus.

Há uma óbvia comparação entre as tendas nas quais Abraão viveu, moradias sem fundamentos, e as cidades de Canaã com seus fundamentos terrenos, e finalmente a cidade por vir, a Cidade de Deus, com seus fundamentos eternos. Abraão ansiava pelos fundamentos, mas ele escolheu o eterno em vez do transitório. Nós podemos dizer o mesmo acerca do esplendor daquelas cidades. Elas devem ter sido impressionantes comparadas às tendas de Abraão. Mas ele as comparou com a cidade da qual Deus foi o arquiteto e edificador, uma cidade de glória indizível e majestade infinita. Abraão contemplou o que estava por vir, ele não se contentou com as ofertas do mundo, não sacrificou sua herança por causa da rejeição de uma humanidade moribunda. O coração de Abraão estava na cidade porvir, ele colocou suas esperanças lá por meio da fé em Deus.

Abraão aplicou à sua situação o que muitas vezes chamamos de uma "perspectiva eterna". Ele considerou o seu presente à luz de sua futura herança com Deus. É assim que a fé cristã é sustentada em meio à privação e à tentação. John MacArthur escreve:

> O cristão [...] está disposto a esquecer a presente glória, conforto e satisfação deste presente mundo pela glória futura que é sua em Cristo. Em contraste com a atitude "compre agora-pague depois" prevalecente no mundo, o cristão está disposto a pagar agora e receber depois. O que torna um cristão disposto a fazer tais sacrifícios? Esperança, baseada na fé que o futuro reserva algo muito melhor do que o presente. Paulo escreve em Romanos 8.18: "Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós".[6]

Adquirir uma perspectiva eterna da Palavra de Deus é essencial para toda vida cristã perseverante e consistente. Uma boa ilustração disso é vista na alegoria clássica de John Bunyan, *O Peregrino*. O herói de Bunyan, Cristão, havia deixado sua casa como Abraão e partido em direção à cidade eterna. Ao longo do caminho, ele encontrou uma dificuldade após a outra. Em uma ocasião, ele se afastou do caminho e se perdeu; mais tarde ele foi tentado pelos homens chamados Simplório, Indolente e Presunção. Ele então ficou exausto no Morro da Dificuldade, quase recuando ante os rugidos dos leões ao longo do caminho.

Finalmente, Cristão chegou à Casa Bonita, uma parada onde ele pôde descansar e ser equipado para as provações angustiantes à frente. Ele recebeu muitas coisas lá de auxiliadores piedosos, e, quando se preparava para partir novamente, eles o aconselharam a demorar o tempo suficiente para escalar a montanha de onde poderia enxergar longe, bem à frente. Lá, abrigado nas Montanhas Deleitáveis, ele pôde ver a Cidade Celestial, o destino que ele buscava. Aquela visão deu vigor a seus membros e resolução ao seu coração. Adiante dele esperavam muitos perigos e tentações: guerra espiritual com Apoliom, perseguição na Torre da Vaidade, uma angustiante fuga em meio ao Vale da Sombra da Morte. Entretanto, aquela visão única da cidade do céu – a cidade com fundamentos – muito o encorajou a seguir a longa jornada de provações.

É assim que Abraão viveu pela fé por muitos anos, em uma terra que não era sua: ele "aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador". Se vamos perseverar na vida cristã, então também temos de fixar os nossos olhos naquela cidade. Afinal, esse é o nosso destino, nossa verdadeira casa, embora não tenhamos ideia do que nos espera até lá.

Como o apóstolo João no livro de Apocalipse, pela fé temos de ser transportados para uma "grande e elevada montanha" para ver "a santa cidade, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus" (Ap 21.10). A cidade, nos é dito, "tem a glória de Deus. O seu fulgor era semelhante a uma pedra preciosíssima, como pedra de jaspe cristalina" (v. 11). João nos diz: "A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada" (v. 23). Lá flui o rio da água da vida, junto ao qual cresce a árvore da vida. A visão de João conclui com estas palavras:

> No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos. Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela, estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os seus servos o servirão, contemplarão a sua face, e na sua fronte está o nome dele. Então, já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos. (Ap 22.2-5)

Essa é a cidade a que pertencemos, se temos confiado em Cristo, e confiamos nele agora. Lá é para onde a jornada nos leva, por mais difícil que seja; pela fé algum dia chegaremos aos portões da cidade com fundamentos, para ali ver a glória de Deus. Lá seremos recebidos se essas palavras finais se aplicarem a nós: "Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras [no sangue do Cordeiro], para que lhes assista o direito à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas" (Ap 22.14).

Lá é para onde Cristo nos conduz por meio da fé nele. Lá está a herança que finalmente receberemos após a vida que começou pela fé ao respondermos ao chamado de Deus. Uma vida adotada ao recebermos a promessa de Deus, uma vida sustentada pela visão da Cidade de Deus ainda por vir. E, se isso é verdade – e é –, então certamente temos de viver agora como cidadãos que pertencem àquela cidade, como filhos e filhas da realeza do céu, onde logo iremos viver para sempre.

[1] James Montgomery Boice, *Ordinary Men Called by God* (Grand Rapids: Victor, 1982), 18.
[2] A. W. Pink, *An Exposition of Hebrews* (Grand Rapids: Baker, 1954), 692.
[3] *Ibid.*, 695.
[4] Philip E. Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), 468.
[5] Jeremiah Burroughs, *The Rare Jewel of Christian Contentment* (Edimburgo: Banner of Truth, 1964), 95.
[6] John A. MacArthur Jr., *Colossians and Philemon* (Chicago: Moody, 1992), 20.

42

FÉ NA PROMESSA



Hebreus 11.11-12

> *Pela fé, também, a própria Sara recebeu poder para ser mãe, não obstante o avançado de sua idade, pois teve por fiel aquele que lhe havia feito a promessa. Por isso, também de um, aliás já amortecido, saiu uma posteridade tão numerosa como as estrelas do céu e inumerável como a areia que está na praia do mar.* (Hb 11.11-12)

"No mundo, passais por aflições." Foi assim que o nosso Senhor Jesus concluiu seu tempo com os discípulos no cenáculo antes de ir para o jardim do Getsêmani e de sua prisão (Jo 16.33). Pedro, que ouviu essas palavras e apreendeu a verdade delas, disse em sua primeira carta: "Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo" (1Pe 4.12). Isso é algo que os pastores aprendem muito cedo, que há muita tribulação e tristeza no mundo. Cada um de nós vai aprender e experimentar isso se vivermos o suficiente.

É importante percebermos a certeza da tribulação quando estamos falando acerca da fé, como ocorre no capítulo 11 de Hebreus. A fé não cresce apenas no terreno da bênção, ou somente quando o Sol está brilhando. A fé cristã não é como nosso time de esporte favorito, que se desenvolve somente em meio a uma série de vitórias; ou como a fé nas outras pessoas, que tão facilmente definha quando elas nos decepcionam. O que torna a fé cristã tão diferente é que o objeto dela é verdadeiramente e sempre digno de nossa confiança. A nossa fé está em Deus, e mesmo nas tristezas e provações devemos dizer pela fé: "O SENHOR é a minha força e o meu cântico, porque ele me salvou" (Sl 118.14).

A grande tristeza de Abraão

Hebreus 11 continua com a vida de Abraão como um exemplo de fé. O texto chama a nossa atenção para o remédio de Deus para a grande tristeza da vida do patriarca. O versículo 11 diz: "Pela fé, também, a própria Sara recebeu poder para ser mãe, não obstante o avançado de sua idade, pois teve por fiel aquele que lhe havia feito a promessa". Esse verso se refere ao tempo em que Deus veio a Abraão com uma promessa de grande bênção: "Não temas, Abrão, eu sou o teu escudo, e teu galardão será sobremodo grande" (Gn 15.1). Imagine ouvir tais palavras do Senhor, e, mesmo quando Abrão (como ele era então chamado) as ouviu, em vez de se alegrar ele reclamou. "SENHOR Deus", ele disse, "que me haverás de dar, se continuo sem filhos e o herdeiro

da minha casa é o damasceno Eliézer? [...] A mim não me concedeste descendência, e um servo nascido na minha casa será o meu herdeiro" (v. 2-3).

Essa cena nos encoraja. Deus não nos despreza quando, irados, reclamamos apesar das muitas grandes bênçãos que ele provê. Aqui Abrão se parece conosco. Ele é o beneficiário da maravilhosa graça, ainda assim o coração dele está partido por causa de algo que ele valorizava e não tinha. O escritor de Hebreus chama a nossa atenção para essa circunstância a fim de acrescentar mais linhas à descrição de Abrão em sua vida de fé.

A tristeza de Abrão tornou-se especialmente aflitiva por causa do nome dele, que significa "pai de muitos". Mas ele era de idade avançada e não tinha se tornado pai de um único filho. Muito antes, Deus tinha prometido: "Darei à tua descendência esta terra" (Gn 12.7), mas após décadas Abrão não tinha descendência. Isso seria uma fonte de grande consternação em nossa sociedade, mas no Oriente, onde Abrão viveu, era uma humilhação irritante. Donald Grey Barnhouse observa que Abrão era um homem preeminente na terra que era um entroncamento para viajantes. Ele imagina uma provável conversa com um mercador de passagem: "à noite os mercadores viriam à tenda de Abrão para prestar respeito. As perguntas de Abrão seguiriam um padrão estabelecido. 'Quantos anos você tem? Quem é você? Há quanto tempo está aqui?' Quando o comerciante tivesse se apresentado, Abrão seria forçado a dizer seu nome: 'Abrão, pai de muitos'". Isso deve ter acontecido centenas de vezes, milhares, e cada vez mais irritante. "Ó, pai de muitos! Parabéns! E quantos filhos você tem?" E a resposta era tão humilhante para Abrão: "nenhum". E muitas vezes deve ter provocado no visitante uma vontade de rir da incongruência do nome e do fato de não haver nenhum filho para justificar um nome assim. Abrão deve ter ficado impaciente com a pergunta e odiado a situação com grande amargura.[1]

É assim que a grande tristeza e espera muitas vezes torna-se um problema difícil de ser ignorado. Ela azeda encontros que de outra maneira seriam agradáveis. Pessoas solteiras acham difícil ficar junto às casadas, às vezes evitam a igreja por esse único motivo. Pessoas como Abrão e sua esposa, que não podem ter filhos, muitas vezes acham o simples som de crianças um fardo e uma reprovação constante. Homens que se consideram fracassados não conseguem suportar o sucesso dos outros. Mulheres que se acham simples invejam a beleza daquelas mais abençoadas. A lista não para. A vida até parece um desfile de tristeza e inveja, corações partidos e descontentes. Não importa o que tenhamos, muitas vezes há algo faltando que amarga a nossa existência. Nós sabemos, portanto, como é estar no lugar de Abrão, respondendo à graça de Deus com um choro irritadiço: "O que você pode me dar, já que eu não tenho isso!"

A Bíblia responde diretamente ao nosso choro descontente, fazendo sem meias palavras promessas de grande bênção. Foi o que aconteceu com Abrão. Gênesis 15 passa a descrever uma das cenas mais maravilhosas de toda a Escritura. Primeiro, Deus prometeu a Abrão que um filho proveniente de seu próprio corpo seria o seu herdeiro. Abrão tinha ouvido isso antes, e ele estava incrédulo. Logo, como constantemente faz, Deus apelou para um outro sentido de Abrão, levando-o para fora sob o céu estrelado. Ele disse: "Olha para os céus e conta as estrelas, se é

que o podes. [...] Será assim a tua posteridade" (Gn 15.5). Imagine a cena! Abrão foi conduzido por Deus para fora da tenda para olhar a multidão incontável de estrelas como a medida de sua bênção vindoura. Como deve ter sido impressionante o bastante para subjugar a incredulidade dele. O versículo seguinte nos conta a resposta de Abrão, naquilo que o apóstolo Paulo usa como um paradigma para todos nós: "Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça" (Gn 15.6; Rm 4.3).

O Deus de promessas

Deus se relaciona com seus filhos neste mundo em grande parte por meio de promessas. No Antigo Testamento, os israelitas eram um povo que olhava para além do horizonte, olhava para a promessa ainda por vir, ainda por se cumprir. Essa grande vinda se concretizou na pessoa de Jesus Cristo. Os cristãos, também, estão esperando por coisas ainda por vir. O crente do Novo Testamento também é alguém que olha para o que ainda está por vir, para as promessas ainda por se cumprir. Como 2Pedro 1.4 diz: ele tem nos doado "as suas preciosas e mui grandes promessas".

A experiência de Abrão nos mostra pelo menos duas razões por que Deus lida conosco por meio de promessas. A primeira razão é elevar os nossos olhos acima do reino de nossas circunstâncias, da mesma forma que ele voltou os olhos de Abrão para os céus. Por toda a nossa vida, as promessas de Deus elevam as nossas aspirações. Por nós mesmos estaríamos contentes com alguns relacionamentos felizes; Deus quer que tenhamos união como o Filho de Deus. Nós aspiramos o sucesso terreno; ele nos quer dar a glória celestial. Para nós estaria bom saúde e riqueza; mas ele tem vida eterna entesourada para nós.

Tal foi o caso de Abrão. Ele queria um filho, mas o objetivo de Deus era que ele se tornasse o pai de todos os redimidos. Deus já havia dito a Abrão que por meio dele abençoaria todas as nações (Gn 12.3). Mas o desejo de Abrão já estava formado, como geralmente acontece conosco, graças à sua experiência recente e local – por suas necessidades urgentes, como elas são chamadas hoje. Ele só queria que os líderes de caravanas tivessem admiração por ele. Ele queria conhecer a alegria humana de olhar nos olhos de um filho. Ele queria respeito; ele queria fazer parte; ele queria se sentir bem. São essas as coisas que queremos também. Elas são boas coisas, até certo ponto, mas elas não se comparam com o que Deus quer para nós. Paulo nos lembra de que: "Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam" (1Co 2.9). Para impedir que nos satisfaçamos com coisas menores, Deus nos deixa enfrentar circunstâncias de necessidade e nos faz promessas de grande bênção, muito além do que imaginamos.

A segunda razão por que Deus lida conosco por meio de promessas está relacionada à primeira, e também é revelada no exemplo de Abrão. Deus está nos mandando partir, está dirigindo os nossos passos para uma jornada. Se tivéssemos escolha, todos nós iríamos nos acomodar a esta vida, a este mundo, a esta existência carnal. Abrão, podemos ter certeza, teria

ficado muito alegre em criar um monte de filhos junto a um bom e limpo poço, com tijolos de argila queimados para formar as paredes de uma casa robusta. Mas este mundo não é nossa casa, ela não é onde Deus vai nos estabelecer para sempre. Novamente, Paulo nos diz: "Porque a aparência deste mundo passa" (1Co 7.31). Nós não fomos feitos para este lugar. As nossas almas não foram criadas somente para esta vida, por isso Deus usa a combinação de querer e de promessas para nos pôr de pé e a caminho.

Quando percebemos Deus lidando conosco por meio de promessas, e quando começamos a olhar para elas, nós logo começamos a nos sentir como Abrão sob o céu estrelado. As promessas de Deus vão muito além do que possamos imaginar. J. C. Ryle coloca muito bem isso:

> Há promessas futuras no tesouro de Deus para cada condição. Acerca da misericórdia e compaixão infinitas; acerca de sua prontidão em receber todos os que se arrependem e creem; acerca da disposição em perdoar, perdão e absolvição dos principais dos pecadores; acerca de seu poder para mudar os corações e alterar nossa natureza corrupta; acerca dos encorajamentos para orar, ouvir o evangelho e se aproximar do trono da graça; acerca da força para cumprir as obrigações, do conforto na tribulação, na condução em meio à perplexidade, ajuda na doença, consolo na terra, apoio na perda, felicidade além do túmulo, recompensa na glória – acerca de todas essas coisas há um suprimento abundante de promessas na Palavra. Ninguém pode ter uma ideia de sua abundância a não ser que cuidadosamente a busque nas Escrituras, nunca perdendo o assunto de vista. Se alguém duvida disso, eu posso dizer: "Venha e veja". Como a rainha de Sabá na corte de Salomão, você logo dirá: "Eis que não me contaram a metade" (1Rs 10.7).[2]

Fé que espera

Abrão recebeu a grande promessa de Deus com fé, mas ainda assim os anos seguintes foram difíceis. A esposa dele parece ter especialmente sofrido com a própria incapacidade de ter filhos. Em Gênesis 16 vemos como ela respondeu: "Ora, Sarai, mulher de Abrão, não lhe dava filhos; tendo, porém, uma serva egípcia, por nome Agar, disse Sarai a Abrão: Eis que o SENHOR me tem impedido de dar à luz filhos; toma, pois, a minha serva, e assim me edificarei com filhos por meio dela" (v. 1-2).

Abrão dormiu com Agar e ela concebeu, dando a ele um filho chamado Ismael. Isso pode ter parecido uma resposta à oração – uma bênção de Deus –, no entanto, se parecia, e a ilusão logo se desfez. O primeiro resultado foi um tumulto dentro da casa de Abrão, já que Agar e Sarai, como era previsível, deram início a uma amarga guerra por *status* e autoridade. Isso ocorreu quando Abrão tinha 86 anos de idade, 10 anos após sua chegada na terra. O segundo problema surgiu 13 anos depois, quando Abrão tinha 99 anos. Deus veio para reafirmar a promessa original e informar a Abrão que Ismael não seria o filho da bênção.

O problema com a sugestão de Sara e a ação de Abrão foi a tentativa de alcançar a promessa de Deus por meio do poder do homem. Abrão tinha se cansado com o passar dos muitos anos, e o desânimo de sua esposa desgastou a determinação dele. Por fim, ele desistiu da ideia de que uma mulher tão idosa teria um filho – algo humanamente impossível – e decidiu dar uma ajuda ao levar Agar para a cama dele.

Esse é o tipo de coisa que somos tentados a fazer. Nós temos uma grande expectativa e confiamos que Deus tem a intenção de nos abençoar de acordo com sua sabedoria. Contudo, só para dar uma ajuda a ele, nós tomamos o problema em nossas próprias mãos, de acordo com a nossa sabedoria, empregando até mesmo meios pecaminosos para atingir os fins que desejamos. Cansada de esperar por um marido, uma moça se entrega ao sexo antes do casamento para conquistar o coração de um homem. Ansiosos por conseguir uma promoção que tanto merecemos, nós mentimos ou tiramos vantagem de outras pessoas. Nós justificamos tudo isso dizendo que é fé, assim como Abrão e Sarai devem ter feito, quando na verdade é a incredulidade que está de mãos dadas conosco. Ao duvidar do poder de Deus por causa daquilo que parece impossível, nós manipulamos o que é possível usando nossas próprias ferramentas.

Isso acontece nas igrejas também. Ansiosos por fazer a obra de Deus, mas incapazes de esperar o tempo dele, muitas igrejas agem de maneira humana. Assim nós usamos manipulação psicológica para criar a aparência de conversões, quando na verdade somente Deus pode converter a alma. Ansiosos por encher a igreja – com certeza é isso que Deus quer! –, nós recorremos ao *marketing* barato e a outras medidas claramente não bíblicas. Embora Deus diga que sua Palavra é suficiente para todas as necessidades, as igrejas facilmente põem Sarai de lado e abraçam Agar que é aparentemente mais fértil. Sempre que as igrejas fazem isso, elas (como Abrão) dão à luz filhos ilegítimos a quem (como Ismael) é negada a bênção de Deus.

Gênesis 17 nos fala do retorno de Deus a Abrão, quando Ismael tinha 13 anos de idade. Deus o desafiou, ao mesmo tempo em que renovou sua promessa. Ele disse: "Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda na minha presença e sê perfeito. Farei uma aliança entre mim e ti e te multiplicarei extraordinariamente" (v. 1-2). Deus estava confrontando Abrão por sua incredulidade e seu pecado. "Eu sou o Deus Todo-Poderoso", ele disse, afirmando veementemente ser digno de absoluta confiança e também de onipotência para realizar tudo o que ele tinha prometido. "Anda na minha presença e sê perfeito", ele então comandou, compelindo sua exigência de obediência. Tanto repreendendo a incredulidade de Abrão quanto o encorajando à nova fé, Deus acrescentou: "Farei [ou 'confirmarei'] uma aliança entre mim e ti e te multiplicarei extraordinariamente".

Abrão tinha 99 anos de idade, mas o seu sucesso com Agar mostrou que ele era capaz de gerar filhos. Portanto, deve ter sido um grande encorajamento para Abrão, por mais surpreendente que possa ter parecido, quando Deus declarou que doravante o nome dele seria Abraão. Não Abrão, o "pai de muitos", mas Abraão, "pai de um povo". Certamente Deus queria que isso fosse um sinal da fé de Abrão. O patriarca tinha tropeçado em sua fé, mas Deus o pôs de pé novamente com um sinal ainda maior de bênção e um chamado para renovada confiança.

Imagine o idoso Abrão voltando de sua reunião, colocando seu único filho ao lado dele e anunciando que ele tinha um novo nome. As pessoas devem ter sussurrado: "Ele finalmente não aguentou mais. O nome deve ser Abechad, 'pai de um'". Como eles devem ter ficado chocados quando o homem de fé anunciou: "Meu nome não é mais Abrão, pai de muitos; mas Abraão, pai

de uma nação". Esse era o tipo de convicção e comprometimento absolutos que Deus exigiu de Abraão, e exige de nós também.

A ideia é que a fé tem de esperar no Senhor. Abrão tinha 75 anos de idade quando partiu para Canaã, 85 quando desistiu e teve um filho com Agar, e 99 quando Deus o reergueu com uma nova promessa e um novo nome. A fé recebe a promessa de Deus e a fé espera nele, muitas vezes por períodos muito longos.

A espera é constantemente exaltada nos Salmos. O salmo 27 termina assim: "Espera pelo SENHOR, tem bom ânimo, e fortifique-se o teu coração; espera, pois, pelo SENHOR" (v. 14). O salmo 37 diz: "Descansa no SENHOR e espera nele [...]. Espera no SENHOR, segue o seu caminho" (v. 7,34). A maneira como o salmo 130 fala da espera talvez seja a que mais fale ao nosso coração: "Aguardo o SENHOR, a minha alma o aguarda; eu espero na sua palavra. A minha alma anseia pelo Senhor mais do que os guardas pelo romper da manhã. Mais do que os guardas pelo romper da manhã" (v. 5-6). Spurgeon comenta: "Este é o mais divino preceito, e exige muita graça para ser cumprido. Acalmar o espírito, ficar em silêncio diante do Senhor, esperar em santa paciência o tempo para a dissipação das dificuldades da Providência – cada coração gracioso deveria estar visando isso". Esperar pelo Senhor é difícil, mas é o sinal de um coração sábio e crente que confia num Deus gracioso e onipotente. Spurgeon conclui: "Para ele o tempo não é nada, que também não seja para ti. Vale a pena esperar por Deus [...] esperar em obediência como um servo, em esperança como um herdeiro, com expectativa como um crente".[3]

Esperar pelo Senhor é depender dele; é estudar os seus atributos e confiar neles. É, por exemplo, saber que ele é fiel, muitas vezes de maneiras que nunca consideramos. Esperar implica nos comprometer com o seu poder, sua bondade e sua sabedoria; já que tudo isso se une para dirigir os acontecimentos de nossa vida, não de acordo com o nosso plano, mas de acordo com o dele. É sobre essas coisas que os Salmos falam quando nos exortam a esperar no Senhor. O salmo 27, por exemplo, começa com palavras de conforto, baseadas naquilo que Deus é: "O SENHOR é a minha luz e a minha salvação; de quem terei medo? O SENHOR é a fortaleza da minha vida; a quem temerei?" (v. 1).

A fé espera no Senhor. Arthur Pink diz:

> A fé fornece um terreno de apoio firme enquanto eu espero pelo cumprimento das promessas de Deus. A fé dá um apoio seguro ao meu coração durante o intervalo. A fé acredita em Deus e confia na veracidade dele: como ela assim faz, o coração fica ancorado e permanece firme, não importa quão forte seja a tempestade nem quão demorada seja a temporada de espera. [...] A verdadeira fé resulta numa expectativa confiante e contínua das coisas futuras.[4]

Apesar de tropeçar na incredulidade e no pecado, Abraão nos dá um grande exemplo de espera no Senhor em fé. O texto de Hebreus 11.11 corretamente liga a fé de Abraão à de Sara, dizendo: "Pela fé, também, a própria Sara recebeu poder para ser mãe, não obstante o avançado de sua idade, pois teve por fiel aquele que lhe havia feito a promessa". Romanos 4.20-21 nos fornece outra descrição clássica da fé paciente de Abraão. Falando de Abraão, Paulo escreve:

“Não duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus; mas, pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus, estando plenamente convicto de que ele era poderoso para cumprir o que prometera”.

Tudo pela graça

Hebreus 11.11 parece ter um episódio específico da vida de Abraão em mente, porque o texto inclui a fé de Sara que também recebeu a promessa. De fato, há uma indagação de quem é o sujeito principal desse versículo, Abraão ou Sara. Diferentes versões tornam um ou o outro como o sujeito desse versículo. O fluxo de pensamento faz de Abraão o sujeito principal, especialmente em conexão com o versículo 12, mas juntos é que esse triste casal encontrou graça para confiar em Deus e na promessa dele.

Abraão tinha 99 anos quando Deus renovou a promessa, mas ele não tinha o filho da promessa. Deus havia mudado o nome do patriarca; ele mudou também o nome da esposa de Abraão de Sarai para Sara, um nome que significa “princesa”, para indicar que a promessa dele ainda estava relacionada a ela. Sim, Abraão seria o pai de uma nação, mas não era por meio de escravas jovens que Abraão comprara e trouxera para sua cama. Seria por meio de sua legítima esposa, Sara, apesar da idade avançada dela e de seu útero estéril. Deus disse: “A Sarai, tua mulher, já não lhe chamarás Sarai, porém Sara. Abençoá-la-ei e dela te darei um filho; sim, eu a abençoarei, e ela se tornará nações; reis de povos procederão dela” (Gn 17.15-16).

A insistência da parte de Deus de que a descendência de Abraão seria nascida por meio de Sara é um sinal de que a salvação é somente pela graça. Deus prometeu grande bênção para Abraão em termos de descendência. Nós mencionamos o constrangimento que ele deve ter sofrido em ter passado tanto tempo sem filhos, mas há outra questão que é muito mais importante. A infertilidade de Abraão colocou em questão a aliança de Deus – a fidelidade de Deus e o seu plano de salvação. Como o mundo seria abençoado? Como viria a semente da salvação? Seria por meios naturais – pelas obras – ou por meios sobrenaturais – somente pela graça? Nós encontramos a clara resposta de Deus na promessa dele com respeito a Sara. “[...] ela se tornará nações”, disse Deus dessa mulher enrugada de 90 anos. “Reis de povos procederão dela”.

Superficialmente, isso realmente era risível. Na verdade, Abraão riu da ideia. Nos versículos seguintes, nós descobrimos que:

> [...] se prostrou Abraão, rosto em terra, e se riu, e disse consigo: A um homem de cem anos há de nascer um filho? Dará à luz Sara com seus noventa anos? [...] [mas] Deus lhe respondeu: De fato, Sara, tua mulher, te dará um filho, e lhe chamarás Isaque; estabelecerei com ele a minha aliança, aliança perpétua para a sua descendência. (Gn 17.17-19)

É assim que Deus projetou o funcionamento da salvação: de maneira a confundir as expectativas humanas e deixar toda a glória somente para si. Em Gênesis 18 Deus fez a mesma promessa novamente, dessa vez na presença de Sara, e ela também riu (Gn 18.12). Mas Gênesis

21 nos conta que Abraão esteve com ela e ela deu à luz um filho. Eles lhe deram o nome de Isaque, que quer dizer "riso". Eles já não riam em incredulidade, mas choravam lágrimas de alegria em renovada admiração do poder e da fidelidade do Deus que mantém suas promessas.

Hebreus 11.12 nos diz o que pode acontecer quando a fé espera na promessa de Deus: "Por isso, também de um, aliás já amortecido, saiu uma posteridade tão numerosa como as estrelas do céu e inumerável como a areia que está na praia do mar". Ao lutar contra sua tendência natural à incredulidade, Abraão e Sara confiaram no Senhor. É maravilhoso que Hebreus 11 nada diga acerca das reclamações e do riso incrédulo deles – pecados que foram lavados pelo sangue de Cristo – mas fale somente de sua fé, que é o que Deus relembrou. Ao acreditar em Deus, eles vieram juntos como marido e mulher, e pelo poder de sua graça Deus trouxe vida de um útero morto, trazendo salvação que é somente graça.

Dessa maneira, o útero estéril significa salvação pela graça por toda a Bíblia. Isaías pôde bravamente escrever: "Canta alegremente, ó estéril, que não deste à luz; exulta com alegre canto e exclama, tu que não tiveste dores de parto; porque mais são os filhos da mulher solitária do que os filhos da casada" (54.1).

Isso foi elevado a um novo nível quando outro descendente de Abraão, na verdade a semente especial que Deus tinha em mente desde o começo, nasceu não do ventre de uma estéril, mas sim de uma virgem. O útero da estéril fala do fracasso humano, da fraqueza e da futilidade; o útero da virgem fala de uma obra que pertence somente a Deus, na qual as obras humanas em hipótese alguma têm lugar – uma rocha cortada não com mãos humanas. Deus falou a José acerca de um filho proveniente do útero de sua noiva virgem: "Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles" (Mt 1.21).

O nascimento virginal nos ensina que os meios pelos quais o evangelho produz os seus fins não são os meios naturais ou os controlados pelo homem; eles não são coisas que possamos manipular por nosso próprio sucesso ou que dependam de nós. A bênção que Deus prometeu a Abraão só poderia ocorrer se uma mulher idosa e estéril pudesse conceber e dar à luz. No que diz respeito a Cristo, descobrimos que haverá salvação de nossos pecados somente se uma menina virgem puder fazer o mesmo. O fato de Sara ter concebido e dado à luz, e de Maria ter feito o mesmo, nos diz que a salvação em que cremos procede de Deus do começo ao fim e é para a glória do nome dele apenas. Portanto, confiemo-nos a esse Deus que dá vida aos mortos e produz bênçãos a partir da estéril, até mesmo salvação por meio da virgem, que deu à luz o nosso Senhor Jesus Cristo.

Certamente isso nos exorta a voltar-nos para Deus em toda a nossa necessidade, e com todos os nossos desejos, confiando no poder dele e nele esperando por todas as preciosas promessas que recebemos na Escritura. Jeremiah Burroughs exorta: "Toda vez que um homem piedoso lê as Escrituras [...] e ali encontra uma promessa, ele deveria colocar sua mão sobre ela e dizer – isso é parte de minha herança, ela é minha, e eu devo viver com base nela".[5]

Percebamos, então, que a nossa maior herança é o próprio Deus; a maior de suas promessas é esta: "Eu serei o seu Deus, e vocês serão o meu povo". É o próprio Deus que recebemos quando descansamos em suas promessas. O que ele está buscando é o nosso coração, em meio a esta longa e às vezes difícil vida de fé, quando ele nos chama a esperar nele. Por meio da fé de Abraão, nós também podemos receber as palavras de bênção: "Não temas [...] eu sou o teu escudo, e teu galardão será sobremodo grande" (Gn 15.1).

---

[1] Donald Grey Barnhouse, *Expositions of Bible Doctrine Taking the Epistle to the Romans as a Point of Departure*, 10 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1954), 4:311–12.
[2] J. C. Ryle, *Holiness: Its Nature, Hindrances, Difficulties, and Roots* (Durham, Eng.: Evangelical Press, 1979), 263.
[3] Charles Haddon Spurgeon, *A Treasury of David*, 3 vols. (Peabody, Mass.: Hendrickson, n.d.), 1:172, 178.
[4] A. W. Pink, *An Exposition of Hebrews* (Grand Rapids: Baker, 1954), 650.
[5] Jeremiah Burroughs, *The Rare Jewel of Christian Contentment* (Edimburgo: Banner of Truth, 1964), 82–83.

43

FÉ QUE PROCURA UMA PÁTRIA



Hebreus 11.13-16

> *Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas; vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra. Porque os que falam desse modo manifestam estar procurando uma pátria. E, se, na verdade, se lembrassem daquela de onde saíram, teriam oportunidade de voltar. Mas, agora, aspiram a uma pátria superior, isto é, celestial. Por isso, Deus não se envergonha deles, de ser chamado o seu Deus, porquanto lhes preparou uma cidade.* (Hb 11.13-16)

O apóstolo Paulo ilustrou seu ensino da doutrina da justificação pela fé ao apelar para o exemplo de Abraão. Ele salienta que Abraão é o pai de judeus crentes e gentios crentes. Paulo o descreveu como "o pai de todos os que creem, embora não circuncidados, a fim de que lhes fosse imputada a justiça, e pai da circuncisão, isto é, daqueles que não são apenas circuncisos, mas também andam nas pisadas da fé que teve Abraão, nosso pai, antes de ser circuncidado" (Rm 4.11-12).

A ideia defendida por Paulo é que nem a circuncisão e nem a incircuncisão importam no que diz respeito à nossa posição diante de Deus, porque Abraão, antes de ser circuncidado, foi justificado pela fé somente. O que importa é andar nos passos da fé, passos estabelecidos diante de nós por nosso pai na fé, Abraão. Isso torna os nossos estudos da fé possuída por Abraão algo mais do que estudos acadêmicos. Se nós somos salvos, ele é o nosso pai na fé, e devemos andar nos passos dele. Em seu comentário de Romanos, John Murray diz: "Andar nos passos é marchar em fila. Abraão é considerado o líder da turma e nós caminhamos, não lado a lado, mas em fila, seguindo nas pegadas deixadas por Abraão".[1]

Muitas pessoas tendem a pensar a vida cristã somente em termos de um evento definitivo no passado. Nós falamos sobre ter nascido de novo, ou "decidir por Jesus", como se isso fosse toda a vida cristã. Contudo, a ideia de andar na fé mostra que a vida cristã é uma peregrinação cujo destino não está nesta vida, mas somente distante na próxima. É isso que a nossa passagem explora à medida que continuamos a estudar a fé presente em Abraão. O texto nos apresenta três pontos: (1) o fim da jornada de fé; (2) a fé deixando sua casa terrena; e (3) a fé buscando o lar verdadeiro e celestial com Deus.

O fim da jornada de fé

Hebreus 11.13-16 considera a fé como uma peregrinação. O versículo 13 descreve como se parece, para um cristão, o fim dessa jornada de vida: "Todos estes morreram na fé, sem ter

obtido as promessas; vendo-as, porém, de longe, e saudando-as". Há dúvidas se "todos estes" diz respeito a todos os exemplos dados desde o início de Hebreus 11 (Abel, Enoque, Noé, etc.) ou a Abraão e sua família imediata. O contexto sugere que se trata apenas de Abraão, embora essas palavras pudessem ser ditas de todos os crentes apresentados na Bíblia. Eles morreram ainda acreditando, mas não tendo todas as coisas em que acreditaram. Eles estavam em busca de algo não percebido neste mundo, nesta vida. As promessas em que eles confiaram não foram cumpridas em sua presente existência terrena. "Vendo-as, porém, de longe, e saudando-as." A Abraão foram prometidos filhos, e ele viveu para ver o filho prometido do ventre de Sara. Entretanto, *tudo* o que Deus tinha prometido – descendentes como as estrelas do céu, e com eles a possessão da terra – não ocorreu nesta vida terrena. Ele morreu ainda esperando por tudo o que almejara e pelo que empreendeu em uma jornada nesta vida.

Esse versículo pode parecer expressar uma tragédia. Afinal, Abraão e esses crentes com ele passaram toda a vida almejando por coisas que lhes foram prometidas, ansiando por ter para si uma casa. Eles confiaram em Deus para isso e acreditaram nas promessas dadas a eles, mas eles morreram sem as ter recebido. Que história triste! Que incentivo fraco para a fé que elas representaram! Se a fé significa isto – morrer apenas com esperanças não realizadas –, então nós certamente somos, como disse Paulo, "os mais infelizes de todos os homens" (1Co 15.19).

Todavia, algo que isso nos diz é que o cristianismo não é uma religião focada na terra e na presente vida. As Escrituras repetem esse ponto incessantemente. Paulo diz: "Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra" (Cl 3.2). Jesus ensinou: "Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam" (Mt 6.19-20).

Isso confronta diretamente a ideia que é bastante predominante em nosso tempo: uma versão empacotada de cristianismo que oferece principalmente benefícios temporais. É mais ou menos assim: "Se você confiar em Jesus, você terá mais sucesso no trabalho, será um melhor marido ou esposa ou pai, terá menos estresse e perderá peso". Com certeza, o cristianismo de fato nos dá recursos espirituais que transformam esta presente vida – recursos como justiça, paz e alegria. Mas como é fácil esquecer que ser um cristão significa ser perseguido neste mundo. As nossas bênçãos são espirituais e não materiais (veja Ef 1.3). Ser um cristão significa viver como um estrangeiro e um peregrino; significa não ser capaz de se ajustar àqueles que são escravos do pecado; significa negar a si mesmo e pegar a sua cruz; significa uma vida de conflito e comunhão nos sofrimentos de Cristo. A vida cristã significa paz com Deus, mas guerra com a carne, o mundo e o diabo. As principais bênçãos que o cristianismo oferece não se encontram de forma alguma nesta vida, mas na vida por vir, na ressurreição dos mortos. De fato, mesmo as nossas bênçãos presentes, abundantes e maravilhosas como são, estão localizadas no céu e são acessadas pelo exercício da fé.

Nunca passou pela cabeça de Paulo que ser um cristão significava felicidade, saúde e riqueza na presente vida. Em vez disso, ele confessava que se não recebermos grandes bênçãos além-túmulo, seria melhor que vivêssemos como hedonistas, aproveitando os prazeres temporais do pecado. "Se os mortos não ressuscitam", ele argumentou, "comamos e bebamos, que amanhã morreremos" (1Co 15.32).

O mundo vive essencialmente assim, mas não é a maneira de vida do cristão. Os cristãos percebem que, mesmo no fim desta vida, as bênçãos pelas quais esperamos não terão sido recebidas. Nós somos peregrinos aqui e nossa pátria, nosso descanso, nosso tesouro está na terra após o túmulo. Hebreus 11.13 diz: "Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas; vendo-as, porém, de longe, e saudando-as". Os cristãos estão presentemente cheios de alegria por causa da certeza do que está adiante; pela fé saudamos e desfrutamos das coisas prometidas para a vida por vir.

É óbvio, portanto, que a visão cristã da morte é bastante diferente da não cristã. Eu mencionei que o apóstolo Paulo enfatiza a vida por vir; essa ênfase moldou a visão dele sobre a morte. De uma prisão romana, ele escreveu sua Carta aos Filipenses, totalmente consciente de que poderia ser condenado à morte. A atitude dele para com tudo isso foi maravilhosamente direta: "Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro" (Fp 1.21). Paulo viveu neste mundo como um servo de Cristo, com um anseio por Cristo, e por isso a morte se tornou um meio pelo qual o desejo do coração dele podia ser atingido. Paulo não era suicida; ele estava pronto para viver enquanto fosse propósito do Senhor. Contudo, longe de temer a morte, ele a via como o momento de coroação de sua fé.

Alguns anos depois, Paulo estava de volta à cadeia por pregar o evangelho, dessa vez certo de que a morte estava próxima. Ele escreveu a Timóteo: "Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia" (2Tm 4.7-8). Paulo não era como o homem deste mundo, que encara a morte olhando para trás, pensando nos bons e velhos tempos, lembrando de suas realizações gloriosas e desejando poder voltar no tempo. Para Paulo esta vida era apenas uma jornada até o que há após a morte: uma coroa de justiça e uma casa na glória com o Senhor. Não importava quanto esta vida pudesse ser plena, ela era apenas uma preparação para o que está por vir. Contrastando com as maravilhas que alguém pudesse ter experimentado aqui, Paulo podia dizer: "Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam" (1Co 2.9).

A maneira de Paulo ver a morte estava centrada na cruz de Jesus Cristo. É por causa da cruz que Paulo pôde dizer: "Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?" (1Co 15.54-55). Isso não quer dizer que a morte já não é terrível, que já não é mais um inimigo. Ela *é* um inimigo, mas um inimigo que Cristo derrotou ao tirar de nós a culpa de nosso pecado. É isso que os versículos seguintes dizem: "O aguilhão da morte é o

pecado, e a força do pecado é a lei. Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo" (1Co 15.56-57).

O *Breve Catecismo de Westminster* resume o ensino bíblico sobre o que a morte faz por um crente: "A alma dos fiéis, na hora da morte, é aperfeiçoada em santidade, e imediatamente entra na glória; e o corpo deles, estando ainda unido a Cristo, descansa na sepultura até a ressurreição" (P/R 37). Semelhantemente, Thomas Watson escreve:

> No momento da morte, um crente é liberto do pecado; ele não é removido *em* seus pecados, mas *de* seus pecados; ele nunca mais terá um pensamento orgulhoso e fútil; ele nunca mais entristecerá o Espírito de Deus. [...] A morte golpeia um crente como o anjo fez com Pedro, fazendo com que as cadeias dele caíssem (At 12.7). Na hora da morte os crentes são aperfeiçoados em santidade. [...] Ó, que bendito privilégio! Não ter mancha ou ruga; ser mais puro do que os raios do sol; ser tão livre do pecado quanto os anjos! (Ef 5.27). Isso deixa o crente desejoso de possuir seu passaporte e partir; ele viverá satisfeito naquele ar puro onde não sobe nenhum vapor negro do pecado.[2]

O versículo 13 diz que Abraão e os outros "morreram na fé". Que diferença faz a fé para cada filho de Deus na hora da morte. A não ser que o Senhor venha, todos teremos de encará-la um dia. Charles Spurgeon diz:

> O túmulo – o que é? É o banho no qual o cristão coloca as roupas que é o seu corpo para serem lavadas e purificadas. A morte – o que é? É a sala de espera onde nos vestimos para a imortalidade; é o lugar onde o corpo, como Ester, banha-se em especiarias para que possa estar adequado para o abraço de seu Senhor. A morte é o portão da vida; eu não temerei, portanto, a morte.[3]

A maneira como Abraão trata a morte é instrutiva. Nós vemos aqui que ele nunca recebeu de fato a promessa de possuir a terra durante seu tempo de vida. Gênesis 23, contudo, nos conta o que ele fez quando chegou a hora de preparar-se para a morte. Sara, sua esposa, finalmente morreu em idade avançada, e Abraão lamentou e pranteou a morte dela. Ele então fez algo que nunca havia feito. Ele foi a Efrom, o hitita, um dono de terra dos arredores, e comprou a caverna de Macpela como o local do sepultamento de Sara e depois para ele mesmo. Obviamente Abraão era muito respeitado, porque Efrom queria dar a ele a terra sem custo. No entanto, Abraão insistiu; ele iria possuir aquele pedaço de Canaã definitivamente. Veja o que Abraão está provando: na vida ele era um peregrino na terra, mas na morte ele seria um proprietário. O corpo dele e o de Sara repousariam na terra possuída por ele, porque era na morte que ele buscaria pelo cumprimento da promessa de Deus de dar a ele uma terra e um lar.

Abraão morreu firme na fé. Spurgeon reflete sobre isso e imagina um sepulcro suntuoso erigido por Deus, não diferente da caverna de Abraão, no qual repousam os corpos de todas as pessoas. Nele, Spurgeon vê inscritas as palavras do versículo 13: "Todos estes morreram na fé". Ele escreve: "Quanto àqueles que morreram sem fé, eles de fato morreram; mas, quanto ao povo de Deus, uma gloriosa ressurreição espera por eles. Eles dormem em Jesus e são abençoados. Como é bom o sono deles".[4]

A fé deixando a casa

Nossa passagem descreve a vida de fé como uma peregrinação numa terra estrangeira, uma jornada pela fé a uma casa que nos espera além do túmulo. Os versículos 13-15 destacam tal peregrinação, a saber, que ela requer que em primeiro lugar deixemos nossa antiga casa: Abraão e outros reconheceram "que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra. Porque os que falam desse modo manifestam estar procurando uma pátria. E, se, na verdade, se lembrassem daquela de onde saíram, teriam oportunidade de voltar".

Abraão e os outros confessaram ser "estrangeiros e peregrinos". Essa é uma citação direta de Gênesis 23.4. Quando Abraão foi aos hititas para comprar seu túmulo, ele lhes disse: "Sou estrangeiro e morador entre vós". No grego, o autor de Hebreus traduziu isso com duas palavras, a primeira é *xenoi*, que significa "estrangeiros". Esse era um termo pejorativo que indicava intrusos. Não é o tipo de palavra que alguém gostaria de ver aplicada a si. Ele descreve não apenas uma pessoa de outro lugar, mas também alguém que não se encaixa, que não pertence. Em nossa sociedade, os estrangeiros conseguem se incorporar, mas o escritor de Hebreus diz que os cristãos jamais se incorporam a este mundo.

O outro termo é *parepidēmoi,* ou peregrinos. São pessoas de passagem em direção a outro destino. Nos escritos gregos, o termo era aplicado a alguém alojado temporariamente numa estalagem, sem uma casa no local por onde passava, mesmo que fosse ficar lá por um tempo. É isso que o nosso texto diz sobre Abraão e aqueles que o seguiram na fé. Ao admitir que eram estrangeiros e forasteiros, eles "manifestam estar procurando uma pátria" (v. 14), a saber, uma no mundo por vir.

Uma vez que todos viemos de algum lugar, isso requer que o crente abandone sua casa para responder ao chamado de Deus. Abraão estava vivendo na terra de seus pais quando Deus o chamou para partir e ir para a terra da promessa, para lá viver como um estrangeiro e forasteiro. Hebreus o elogia, graças à sua fé, por ele não ter tentado voltar: "E, se, na verdade, se lembrassem daquela de onde saíram, teriam oportunidade de voltar" (Hb 11.15). Nada ficou entre Abraão e seu antigo lar – nada além de sua fé. O fato de ele não ter tentado voltar mostra a força e a realidade dessa fé.

Praticamente a pior coisa que se pode dizer de alguém que um dia professou a fé em Cristo é que ele voltou para a casa que havia deixado. A esposa de Ló foi transformada em um pilar de sal simplesmente porque ela olhou de volta para Sodoma; o coração dela voltou com os olhos dela, e Deus a julgou por incredulidade. A acusação mais forte contra os israelitas no êxodo foi que eles reclamavam acerca das dificuldades de sua jornada e ansiavam retornar à antiga escravidão no Egito. Eles clamavam: "Quem nos dará carne a comer? Lembramo-nos dos peixes que, no Egito, comíamos de graça; dos pepinos, dos melões, dos alhos silvestres, das cebolas e dos alhos" (Nm 11.4-5). Por esses e muitos outros pecados Deus fez com que uma geração inteira vagasse e morresse no deserto. Foi pela mesma traição espiritual que Paulo infelizmente reportou a apostasia de um de seus auxiliares: "Porque Demas, tendo amado o presente século,

me abandonou" (2Tm 4.10). Contrastando com esses exemplos, pessoas de fé são como Pedro, Tiago e João quando Jesus os chamou para serem seus discípulos. Lucas 5.11 nos diz que: "E, arrastando eles os barcos sobre a praia, deixando tudo, o seguiram".

Tenhamos ou não de fato deixado este mundo, o local a que antes de tudo somos fiéis é determinado não pelo que dizemos, mas por como vivemos. Esse ensino parece ter sido enfatizado na igreja primitiva. Um documento bastante antigo, a Carta a Diognetus, fala em termos fortes: "[Os cristãos] moram em seus próprios países, mas apenas como peregrinos. [...] Todo país estrangeiro é a pátria de alguém, e toda pátria é estrangeira. [...] Os cristãos habitam na terra, mas a cidadania deles está no céu".[5] Jesus diz o mesmo na forma de um simples desafio: "Porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração" (Mt 6.21). E onde o seu coração estiver, certamente ali será o seu lar.

Quando Abraão deixou Ur, ele já não pensava em si mesmo em termos de sua primeira casa, mas na casa para onde ele se dirigia. Isso se aplica a você? Em que termos você pensa sobre si mesmo? O que define a sua identidade? É a sua pátria terrena, ou a escola onde você se formou? Se essas são as fontes de sua identidade e o seu desejo, então elas ainda são a sua casa. Você ainda não colocou o seu coração na cidade que está por vir, a casa celestial para a qual Deus chamou você. Os seus comprometimentos antigos vão impedi-lo de avançar e vão desencorajá-lo da verdadeira peregrinação em fé diante do Senhor. Isso não quer dizer que os cristãos devam mudar fisicamente o seu local de residência, embora talvez isso tenha de acontecer. Em vez disso, temos de mudar nossas antigas esperanças, sonhos e afeições neste mundo para outros novos em Cristo e no mundo por vir.

Os cristãos devem pensar em si mesmos, cada vez mais, não em termos das antigas categorias, da antiga pátria. Eles devem pensar em termos de para onde nos dirigimos, em termos daquele que nos chama e daqueles com quem passaremos a eternidade no céu. Como ficamos livres para a prática da piedade quando o nosso coração abandona nossa casa terrena! Como esse abandono nos ajuda a repudiar o mundanismo, o pecado, e a nos revestirmos de um caráter celestial! Se não abandonarmos nossa antiga casa, não poderemos avançar para o local celestial a que Deus nos chamou; se não a deixarmos, simplesmente mostramos que não estávamos almejando uma pátria melhor, uma celestial. Esse é um teste sensato de nossa fé. Como Jesus disse: "Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim; e quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim. Quem acha a sua vida perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa achá-la-á" (Mt 10.37-39).

Fé procurando uma pátria

Abraão prontamente abandonou tudo. Ao fazer isso ele mostra o que a fé requer. A fé faz com que a pessoa deixe sua casa em busca de outra: "Mas, agora, aspiram a uma pátria superior, isto é, celestial. Por isso, Deus não se envergonha deles, de ser chamado o seu Deus, porquanto lhes

preparou uma cidade" (Hb 11.16). Essa cidade não é apenas a recompensa do viver como um estranho e estrangeiro, mas também é a razão e a motivação. A razão de as pessoas gastarem sua vida como se estivessem de passagem é que elas estão a caminho de um lugar amado por seu coração. Abraão viveu como um peregrino aqui por causa de seu anseio por ter aquilo que só pode ser possuído pela fé e atingido somente no mundo que ainda está por vir. A casa dele era em outro lugar, com Deus e na cidade que Deus tinha preparado; logo, para ele era apenas natural viver da forma que ele viveu.

Deixe-me colocar em outras palavras. Vimos antes como os cristãos enxergam a questão da morte. A morte em si é terrível; ela não é algo bom. No entanto, para aqueles que confiam no Senhor, ela se torna um portal para a vida. Se crermos nisso, então a nossa visão da morte mudará a nossa visão da vida. Não é aqui que colocaremos o nosso coração, mas além do horizonte da vida. Esse novo foco transforma a nossa visão das presentes provações e tristezas. Um famoso pregador expressou essa atitude numa carta a um amigo anunciando a morte de sua querida esposa. "Eu tenho uma das melhores notícias para dar. Uma pessoa amada por você completou o combate dela, ela recebeu uma resposta para as orações dela e a alegria eterna habita nela. Minha querida esposa, a fonte do meu melhor conforto terreno por 20 anos, partiu na terça."[6] Não é que esse homem não tenha sentido tristeza pela perda de sua esposa, mas ele compreendeu o que a morte significava para ela. Ela significava chegar em casa, encontrar o lar e a alegria pela qual ela havia buscado por muito tempo. Os cristãos pela fé têm visto melhores coisas em outro lugar. O nosso tesouro está lá e para lá segue o nosso coração. Por isso, nós alegremente aceitamos o fato de que somos peregrinos aqui, porque ele nos diz que temos uma herança lá. Como um hino muito amado diz, nós vamos "estimar a antiga rude cruz, e trocá-la por uma coroa".

Munidos com essa atitude, os cristãos não encontram seu descanso aqui, contentando-se com riquezas menores. É isso o que John Bunyan transmitiu em *O Peregrino*, quando Cristão explicou sua partida para aqueles que tentaram demovê-lo da ideia de sair de sua casa e ficaram confusos pelo anseio dele de deixar uma vida terrena confortável. Cristão insistiu para que eles fossem com ele: "Tudo o que vocês abandonarem não é digno de ser comparado com o que eu estou buscando desfrutar (2Co 4.18). Se vocês vierem comigo, e permanecerem firmes, nós iremos prosperar. Para onde eu vou, há fartura (Lc 15.17). Venham comigo, e ponham à prova minhas palavras". Um dos homens respondeu: "Quais são as coisas que você busca, já que você deixa todo o mundo para encontrá-las?" Cristão respondeu: "Eu busco uma herança incorruptível, imaculada, imarcescível (1Pe 1.4). Ela está reservada e segura no céu (Hb 11.16), para ser entregue no devido tempo para aqueles que diligentemente a buscam".[7]

Abraão era um homem admirável. A sua fé, também, buscava uma casa – uma cidade celestial que Deus tinha preparado para ele. Todo cristão conhece um pouco do anseio que Abraão conheceu. Ele viveu em tendas podendo ver a cidade terrena, olhando para os prazeres dela, mas

levantando os seus olhos para as promessas de Deus, esquecendo-se de uma para poder ganhar a outra.

Como é maravilhoso, então, ler o que o versículo 16 diz para concluir: "Por isso, Deus não se envergonha deles, de ser chamado o seu Deus, porquanto lhes preparou uma cidade". O que poderia ser mais amoroso do que isso: que Deus, o Deus santo e o Deus de graça, o Deus soberano de todo o mundo, não se envergonha daqueles que confiam nele, que peregrinam neste mundo ansiando pela casa que ele preparou. Aquilo que Jesus disse para a mulher no poço se aplica a Abraão e a todos os que andam nos passos dele: "Porque são esses que o Pai procura para seus adoradores" (Jo 4.23).

Por todos aqueles longos anos Abraão identificou-se não com a casa que ele tinha deixado ou com o lugar onde ele residiu, mas com a casa que ele estava buscando e com o Deus que o chamou e lhe deu promessas nas quais ele creu. Ele e seus filhos estavam dispostos a serem chamados homens de Deus, não homens do mundo, e por isso Deus estava disposto a dizer, como constantemente lemos no Antigo Testamento: "Eu sou [...] o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó" (Êx 3.6). Se vamos andar nas pegadas de Abraão, então podemos inserir os nossos nomes nesse lugar. Deus zelosamente dirá de nós: "Eu serei o seu Deus, e vocês serão o meu povo", se em troca dissermos ao mundo que somos dele.

Duas mortes

A nossa passagem fala de morrer na fé e receber uma casa no lugar daquela que deixamos neste mundo passageiro. Ter um lar, um país e uma cidade melhores preparados para nós pelo próprio Deus, além do túmulo, faz uma grande diferença na hora da morte. Mas para todos aqueles cuja casa é aqui, que não possuem nenhuma casa ou vida a não ser neste mundo pobre e moribundo, a morte é uma tragédia.

Em 1899 dois homens preeminentes morreram, e a maneira como morreram ilustra essa diferença. O primeiro foi o Coronel Robert G. Ingersoll, a quem são atribuídas famosas palestras sobre imortalidade na Universidade de Harvard, e que dedicou sua mente brilhante à refutação do cristianismo. Ingersoll morreu repentinamente naquele ano, deixando totalmente devastada sua família – pega de surpresa. Tão enlutada estava sua esposa que ela não permitiu que o corpo dele fosse retirado da casa deles, até que a saúde da família exigiu a retirada do corpo. Os pertences dele então foram cremados, e o velório foi uma cena de tal desalento e desespero que até mesmo os jornais do dia comentaram o fato. A morte veio para esse homem e não havia esperança, mas somente uma irreversível tragédia.

O outro homem que morreu naquele ano foi Dwight L. Moody, o grande evangelista cristão. A saúde dele já vinha debilitada havia algum tempo, e a família dele tinha se reunido ao redor de sua cama. Em sua última manhã, o filho dele o ouviu exclamar: "A terra está sumindo; o céu está se abrindo; Deus está chamando". "Você está sonhando, pai", disse seu filho. Moody, contudo, respondeu: "Não, Will, isto não é um sonho. Eu estou nos portões. Eu vejo a face das crianças".

Moody pareceu reviver, mas então ele começou a desfalecer novamente. “A morte é isto?”, ouviu-se ele dizer. “Isto não é ruim; não há vale. Isto é felicidade. Isto é glorioso.” A filha dele tinha chegado então e começou a orar para que ele se recuperasse. “Não, não, Emma”, ele disse. “Não ore por isso. Deus está chamando. Este é o meu dia de coroação. Eu tenho esperado por isso.”

Não muito depois disso Moody morreu, e a família dele confiante em sua entrada no céu. O funeral dele foi uma cena de triunfo e grande alegria. Os presentes cantaram hinos e exaltaram a Deus. “Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?”, eles exclamavam. Ao andar nas pegadas de Abraão, o cristão tinha encontrado o lar que ele estivera buscando por toda a sua peregrinação terrena. Ele não tivera vergonha de Deus, e agora Deus não tinha vergonha dele. Ele tinha vivido por Deus neste mundo, deixando para trás os seus prazeres e suas glórias, e Deus lhe tinha preparado uma cidade – “uma herança”, diz Pedro, “incorruptível, sem mácula imarcescível, reservada nos céus” para ele (1Pe 1.4). “Já agora”, ele podia dizer juntamente com Paulo, “a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda” (2Tm 4.8).

---

[1] John Murray, *The Epistle to the Romans* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1968), 139.
[2] Thomas Watson, *A Body of Divinity* (Edimburgo: Banner of Truth, 1958), 296–97.
[3] Charles Haddon Spurgeon, *Spurgeon’s Sermons*, 10 vols. (Grand Rapids: Baker, n.d.), 1:229.
[4] Charles Haddon Spurgeon, *“*An Inscription for the Mausoleum of the Saints”, *Metropolitan Tabernacle Pulpit,* 63 vols. (Pasadena, Tex.: Pilgrim Publications, 1973), 31:105.
[5] Cyril C. Richardson, org., *Early Christian Fathers* (Nova York: Collier, 1970), 217.
[6] Henry Venn, anunciando a morte de sua esposa — citado em J. C. Ryle, *Holiness* (Darlington, U.K.: Evangelical Press, 1979), 190.
[7] John Bunyan, *The Pilgrim’s Progress* (Nashville: Thomas Nelson, 1999), 13.

44

FÉ TESTADA



Hebreus 11.17-19

> *Pela fé, Abraão, quando posto à prova, ofereceu Isaque; estava mesmo para sacrificar o seu unigênito aquele que acolheu alegremente as promessas, a quem se tinha dito: Em Isaque será chamada a tua descendência; porque considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos, de onde também, figuradamente, o recobrou.* (Hb 11.17-19)

Em Gênesis 22 nós lemos que Deus veio a Abraão e o testou. Isso marca a quinta vez que Gênesis registra Deus aparecendo a Abraão. A primeira ocorreu no capítulo 12, o chamado inicial de Deus a Abraão. No capítulo 15 Deus veio e prometeu a Abraão descendentes como estrelas do céu. No capítulo 17 Deus veio para redirecionar Abraão de volta ao caminho de fé que ele tinha abandonado em seu encontro com Agar. No capítulo 18 o anjo do Senhor apareceu a Abraão e Sara para anunciar o nascimento do filho da promessa e para lidar com o problema do pecado de Sodoma e Gomorra. No primeiro desses encontros, Deus chamou Abraão à fé; no segundo e terceiro encontros Deus fortaleceu sua fé; no quarto encontro Deus recompensou a fé dele. Agora, no quinto e último desses importantes encontros entre Abraão e o Senhor, essa fé seria testada pelo mais difícil dos mandamentos.

O Novo Testamento confirma que Deus testa a fé de seu povo. Em 1Pedro 1 o apóstolo fala de várias provações e acrescenta: "Para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo" (1Pe 1.7). O propósito de Deus é o fortalecimento da fé pela provação, a prova da fé por meio de testes fornecidos pelo próprio Deus.

A fé de Abraão testada

Deus testou Abraão com a maior provação imaginável: "Acrescentou Deus: Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que eu te mostrarei" (Gn 22.2).

Em primeiro lugar, essa foi uma provação da devoção de Abraão ao Senhor. A devoção a Deus está no coração de sua lei: "Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força" (Dt 6.5). A prova de amor é sempre encontrada na disposição para o sacrifício. Deus testou Abraão não simplesmente ao pedir por um sacrifício, ou mesmo por um grande sacrifício, mas o sacrifício daquilo que Abraão tinha de mais precioso: o

seu herdeiro pactual, Isaque. O teste de nossa devoção cristã sempre envolve isso, que amemos não somente os presentes – por maiores que sejam –, mas acima de tudo o próprio Doador. A questão sempre é se estamos dispostos a colocar a Deus em primeiro lugar – na verdade, se estamos dispostos a considerá-lo como tudo. John Owen escreve:

> Deus nos diz, "Dá-me, filho meu, o teu coração" (Pv 23.26). Deus nos ordena amá-lo com todo o nosso coração, alma, força e mente (Lc 10.27). Essa é a resposta que Deus quer de nós em troca de seu amor por nós. [...] Isso é amor, que Deus primeiro nos dá e então nós o amamos em resposta a esse amor.[1]

Podemos nos perguntar se Deus tem o direito de exigir tal devoção singular. A resposta é um "sim" retumbante. Arthur Pink explica:

> O Senhor possui um direito absoluto sobre nós, sobre tudo o que possuímos. Como o nosso Criador e Soberano ele possui o direito de exigir de nós qualquer coisa que lhe agrade, e seja o que for que ele exija temos de conceder. Tudo o que temos vem dele, e tem de ser empregado para ele, e estar à disposição dele. [...] A generosidade de Deus deve nos encorajar a render livremente a ele tudo o que ele pede, pois ninguém jamais perde por render qualquer coisa a Deus.[2]

Nós podemos esperar que Deus teste a nossa devoção a ele de maneira singela ou grandiosa. Nós seremos desafiados a sacrificar ou subordinar a nossa carreira à vontade dele. Talvez seja um relacionamento que é importante para nós, mas não pode se conformar com a prioridade de nossa devoção a Jesus Cristo. Talvez seja dinheiro; talvez seja certa autoimagem ou um estilo de vida; pode ser praticamente qualquer coisa. Deus testa a nossa fé em termos de nossa disposição para sacrificar a ele. Dessa maneira, ele também nos protege da idolatria à qual o nosso coração é tão inerentemente propenso. Até mesmo as coisas boas que ele nos deu – como Isaque, esse filho da promessa de Deus –, o Senhor exige que coloquemos de volta nas mãos dele, sempre mantendo todas as coisas como fundo em favor do Doador e Possuidor de todas as coisas.

Segundo, esse foi o julgamento da compreensão espiritual de Abraão. Vemos isso nos versículos 17-18: "Pela fé, Abraão, quando posto à prova, ofereceu Isaque; estava mesmo para sacrificar o seu unigênito aquele que acolheu alegremente as promessas, a quem se tinha dito: Em Isaque será chamada a tua descendência". Deus tinha feito grandes e insuperáveis promessas a Abraão: possessão da terra, descendência como a areia da praia, todas as nações abençoadas por meio dele – tudo a ser cumprido por meio de seu próprio filho Isaque, a quem Deus agora ordenou a ele sacrificar.

Podemos ver quão conturbador isso deve ter sido. A promessa de Deus parecia se opor ao seu mandamento. Se Deus fosse fiel à sua promessa a Abraão, então Isaque teria de viver; mas, se o mandamento de Deus fosse obedecido, então Isaque teria de morrer. Isso parecia ser muito inconsistente, internamente contraditório. Nenhum de nós jamais recebeu esse específico mandamento de Deus, já que Abraão estava cumprindo um papel único na História, mas Deus pode nos chamar a obedecê-lo de uma maneira que pareça espiritualmente contraproducente para

nós mesmos ou para os nossos projetos. Assim como Abraão, teremos de evocar a compreensão espiritual necessária para obedecer a Palavra de Deus.

Terceiro, foi um julgamento do conhecimento de Deus e da confiança nele por parte de Abraão. Eu digo isso por causa do horror daquilo que estava em jogo nesse mandamento. Abraão estava prestes a matar o próprio filho. Além do mais, era "seu único filho". Isso não era estritamente verdade, pois Isaque não era o único filho vivo. A questão é que ele era o único filho da promessa, o único herdeiro da aliança. William Lane escreve: "Quando Abraão obedeceu o mandado de Deus para deixar Ur, ele simplesmente abriu mão de seu passado. No entanto, quando ele foi intimado ao Monte Moriá para entregar o seu próprio filho a Deus, foi pedido a ele que renunciasse também a seu futuro".[3]

Além disso, Gênesis 22.2 nos lembra do profundo amor de Abraão por seu filho: "Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas". Esse era um amor piedoso e apropriado, e sem dúvida um amor íntimo e intenso de um pai para com o seu filho e herdeiro. A simples ideia de cravar uma faca no peito dele deve ter sido horrível para Abraão, e o ato em si seria muito pior. A obediência exigia que Abraão conhecesse a Deus e confiasse nele com confiança inabalável.

Um grande problema para a fé

Abraão passou pelo teste da obediência a Deus. Hebreus 11.17 simplesmente nos diz: "Pela fé, Abraão, quando posto à prova, ofereceu Isaque". O relato de Gênesis é consideravelmente mais completo:

> Levantou-se, pois, Abraão de madrugada e, tendo preparado o seu jumento, tomou consigo dois dos seus servos e a Isaque, seu filho; rachou lenha para o holocausto e foi para o lugar que Deus lhe havia indicado. Ao terceiro dia, erguendo Abraão os olhos, viu o lugar de longe. Então, disse a seus servos: Esperai aqui, com o jumento; eu e o rapaz iremos até lá e, havendo adorado, voltaremos para junto de vós. Tomou Abraão a lenha do holocausto e a colocou sobre Isaque, seu filho; ele, porém, levava nas mãos o fogo e o cutelo. Assim, caminhavam ambos juntos. Quando Isaque disse a Abraão, seu pai: Meu pai! Respondeu Abraão: Eis-me aqui, meu filho! Perguntou-lhe Isaque: Eis o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto? Respondeu Abraão: Deus proverá para si, meu filho, o cordeiro para o holocausto; e seguiam ambos juntos. Chegaram ao lugar que Deus lhe havia designado; ali edificou Abraão um altar, sobre ele dispôs a lenha, amarrou Isaque, seu filho, e o deitou no altar, em cima da lenha; e, estendendo a mão, tomou o cutelo para imolar o filho. (Gn 22.3-10)

Esse incrível relato levanta algumas questões importantes. Como a fé supera as objeções naturais a esse mandamento? Como a fé passa nesse tipo de teste? Eu quero oferecer quatro respostas, começando com esta: a fé se ajoelha diante de Deus em humilde submissão.

Com certeza Abraão teve uma longa noite antes de partir com o seu filho para o lugar do sacrifício. Certamente ele refletiu sobre a surpreendente exigência que Deus tinha feito, e também sobre o direito de Deus de fazê-la. Ele deve ter pensado no quanto amava Isaque, e também acerca de sua devoção ao Senhor. Ainda que fosse incapaz de raciocinar sobre todos os problemas, ele deve ter se ajoelhado diante de Deus, confiado nele e pedido graça para obedecer. Vale a pena destacar que esse teste maior ocorreu no fim de sua vida de jornada de fé. O sucesso

de Abraão aqui é o produto de provações anteriores e menores, das quais em muitas ele falhou, quando Deus afiou e refinou o seu caráter e a sua fé. Ao receber essa ordem, Abraão deve ter avaliado que a vontade de Deus era mais elevada do que a sua própria. "Seja feita a tua vontade", ele deve ter orado, talvez com lágrimas ao pensar no que fora exigido. A fé de Abraão humildemente se curvou diante de Deus e assim foi capaz de obedecer o mandamento de Deus.

Por mais dificuldade que esse teste tenha causado a Abraão, o relato do acontecimento tem provado a fé de um número muito maior de pessoas. Muitos leem esses versículos e rechaçam o Deus que fala neles. Como pode um Deus bom pedir a um pai que mate o seu filho? Por isso, muitos rejeitam a Bíblia com base nesse uso supostamente distorcido da autoridade divina. Os moralistas rejeitam a Deus, mas os existencialistas rejeitam Abraão, achando que a sua fé é impossível de ser compreendida. O exemplo clássico é Søren Kierkegaard, cujo livro *Fear and Trembling* exigia saber como Abraão poderia ter certeza de que realmente era Deus falando com ele; como poderia um pai realmente fazer o que Abraão foi em frente e fez? Certamente esse não é o tipo de fé que um existencialista autêntico decente quer imitar hoje!

Como Abraão iria responder a essa linha de raciocínio? Certamente ele teria dito que ele era uma criatura diante do Criador. Abraão adorou a Deus como Deus e, portanto, não pensou em se colocar na posição de juiz do Altíssimo e Senhor do céu. A fé possuída por Abraão estava enraizada na humildade consciente; a sua fé se prostrava diante do trono de um Deus que ele não ousaria julgar.

De vez em quando eu me encontro falando com alguém que está perturbado acerca de um assunto como esse teste da fé de Abraão, ou de Deus endurecendo o coração de Faraó no êxodo, ou do ensino bíblico sobre a punição corporal eterna de pecadores no inferno. Inevitavelmente, da perspectiva da pessoa, o que Deus está fazendo é algo terrível. Como pode um Deus bom fazer algo que é tão errado?

Da perspectiva de seu humanismo, as pessoas com essas questões nunca vão receber uma resposta aceitável. O humanismo é uma crença, muito arraigada em todos nós, de que o melhor para o maior número de seres humanos é fundamentalmente o parâmetro de todo o bem. No entanto, Deus não é um humanista; ele é um teísta. Deus não acha que o bem maior para o homem é o bem maior. Ele acha que a glória de seu próprio nome é suprema. Ele acha que a manifestação de sua justiça, de sua santidade e de seu amor, vale mais do que todas as estrelas no céu.

No que diz respeito a tais questões perturbadoras como a ordem que Deus deu a Abraão, o nosso humanismo nunca será satisfeito. Deus não pretende satisfazer o nosso humanismo, mas nos guiar para fora dele. Deus não vai satisfazer as nossas indagações no julgamento dele; Deus não vai aceitar uma posição no banco das testemunhas, enquanto nos atrevemos a sentar na cadeira do juiz. Somente de joelhos diante de um Deus verdadeiro é que vamos receber, e ser capazes de aceitar, respostas satisfatórias para perguntas como essas relacionadas ao teste de

Abraão. Ele já não era um humanista; todos os seus anos exercendo a fé o tinham ensinado a se ajoelhar humildemente diante do Senhor e a confiar nele.

Ao perguntar como Abraão resolveu os seus problemas e passou nesse teste de fé, a segunda explicação é que a fé que recebe as promessas de Deus também tem de obedecer os mandamentos de Deus. Vemos mais do que um indício disso em nossa passagem de Hebreus. Quem obedeceu o mandamento de Deus? "Aquele que acolheu alegremente as promessas" (Hb 11.17).

A mesma fé que recebe e confia na Palavra de Deus na promessa é obrigada a receber e obedecer a Palavra de Deus no mandamento. É o mesmo Deus e a mesma Palavra. É isso que Jó disse à sua esposa, quando ela o incitou a reclamar acerca do que Deus tinha permitido que acontecesse a ele: "Temos recebido o bem de Deus e não receberíamos também o mal?" (Jó 2.10). A fé aceita a promessa e preceito, comandos e confortos, Cristo como Senhor bem como Cristo como Salvador, sabendo que um não pode ser possuído sem o outro. A fé sabe que o caminho da segurança e da bênção é também o caminho da obediência. Arthur Pink escreve: "a fé espiritual não pega e escolhe: ela teme a Deus assim como o ama".[4]

Alguns podem contestar que nesse caso a promessa e o mandamento estão em posições totalmente opostas. O mandamento pode ser obedecido somente pelo enfraquecimento da promessa. A resposta a essa objeção é que a fé que obedece o mandamento de Deus deixa os meios do cumprimento da promessa para Deus. Se Deus ordenou isso, então Deus sabe o que está fazendo e é capaz de fazer com que funcione para o bem. De fato, essa é uma das impressionantes diferenças entre aquele que crê em Deus e aquele que crê em si. Aqueles que confiam em Deus não encontram seu consolo em ser capazes de resolver o quebra-cabeça por meio da adição de sua própria aritmética mental. O cristão encontra paz quando conhece o que Deus revelou e ordenou; mesmo sem compreensão, a sua fé aceita isso como verdade porque vem de Deus.

Em suma, nós acreditamos que Deus sabe melhor do que nós. Ele possui maior e melhor informação, até mesmo dados infinitos comparados com nossa amostra minúscula. Deus também possui uma capacidade infinitamente superior para processar e ordenar essa informação. Além do mais, Deus faz tudo isso sem pecado, ao passo que o cristão percebe que o pecado infectou todos os circuitos de seu próprio computador mental. Assim sendo, o crente fica grato em confiar em Deus quando ele fala, tendo na Palavra dele um guia infinitamente melhor e mais seguro do que até mesmo a nossa própria razão.

A terceira razão é consequência disso. Por um lado, a fé obedece mesmo sem respostas; mas nós também observamos que a fé obtém compreensão por meio da Palavra de Deus. O Senhor testou não somente a devoção de Abraão, mas também sua compreensão espiritual. O sucesso dele, ao ser provado, deve-se, em parte, à resposta que ele encontrou naquilo que Deus já tinha revelado.

Isso, também, é algo que Hebreus deixa claro: "Porque considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos" (Hb 11.19). Não se tratava de uma razão incrédula e autônoma, mas de raciocínio fiel daquilo que Deus tinha revelado. Essa fé explica Abraão estar disposto a tirar a vida de seu amado filho. Ele acreditava que Deus poderia levantá-lo dos mortos para a vida novamente. Essa afirmação em Hebreus não é encontrada no relato de Gênesis, mas ali é provada. Gênesis 22.5 nos diz que, quando Abraão chegou no local designado ele disse a seus servos: "Esperai aqui, com o jumento; eu e o rapaz iremos até lá e, havendo adorado, voltaremos para junto de vós". Perceba que ele disse: "Voltaremos".

De onde, então, Abraão tirou a ideia de que, se ele matasse seu filho, Deus iria ressuscitar o rapaz? Primeiro, ele deve ter percebido que a promessa de Deus exigia que Isaque estivesse vivo. Se Isaque tinha de estar vivo e ainda tinha de ser morto, então Deus tinha de ressuscitá-lo dos mortos. Essa lógica faz sentido, mas certamente há algo mais. Lembre-se das circunstâncias da concepção e nascimento de Isaque, quando Sara havia passado muito da idade de gerar um filho. Com certeza, tudo isso deixou claro para Abraão que Deus tem poder sobre a vida, e se ele tem poder sobre a vida então ele tem poder sobre a morte também. Essa era a resposta final ao problema de Abraão, como é para todos os nossos problemas. Com o conhecimento do poder de Deus para tirar e dar vida, Abraão estava pronto a obedecer.

A compreensão de Abraão veio de uma reflexão fiel sobre o que Deus tinha anteriormente revelado acerca de si mesmo. Abraão não tinha a Bíblia, nada dela havia sido escrito, mas ele tinha experiência pessoal com Deus. Nós temos a Bíblia, a própria Palavra e revelação de Deus, e nossa fé encontrará poder para obedecer ao aprender e compreender os caminhos de Deus por meio do estudo da sua Palavra.

Finalmente, e certamente esta é a explicação mais importante, Abraão foi capaz de obedecer porque ele conhecia e confiava em Deus. Como realmente veio a conhecer a Deus, Abraão foi capaz de confiar nele completamente, capaz de confiar no Senhor como seu Deus e de honrá-lo pela obediência. Philip Hughes explica:

> Como ele desfrutava de um relacionamento adequado com Deus, Abraão sabia que Deus é totalmente santo, justo e amoroso, e que ele não pode mentir para si mesmo. Ele percebeu que não cabia a ele, uma criatura finita e pecadora, questionar a palavra de seu Criador infinito. [...] Essa provação, de fato, longe de abalar a fé de Abraão, na verdade serviu para firmá-la. Afinal, por meio dela o caráter imutável do propósito de Deus e da impossibilidade de Deus se revelar falso à sua promessa se tornaram, mais do que nunca, as grandes realidades motivadoras para Abraão.[5]

Isso não quer dizer que foi fácil para Abraão obedecer. Abraão deve ter morrido milhares de mortes durante a marcha de três dias até o local onde iria sacrificar o filho que amava. No entanto, isso quer dizer que ele era capaz de obedecer pela fé. Será esse o significado para você, se você vier a conhecer a Deus, a estudar e a compreender os atributos dele, a perceber que porque ele é santo então todas as motivações dele são santas e que porque ele é todo poderoso nada está além de sua habilidade para salvar. Porque Deus é bom, como Paulo escreveu em

Romanos 8.28: "[...] todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus". Abraão "considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo [Isaque] dentre os mortos" (Hb 11.19), e um Deus assim era digno da confiança de Abraão, assim como ele é digno da nossa.

A parábola do filho ofertado

O versículo 19 conclui dizendo: "[...] de onde também, figuradamente, o recobrou". Isso nos diz como a história terminou. À medida que eles subiam no monte, Isaque perguntou a seu pai acerca do cordeiro para o holocausto. "Onde está o cordeiro?", ele perguntou. A isso, Abraão deu uma estimulante resposta: "Deus proverá para si, meu filho, o cordeiro para o holocausto" (Gn 22.8). Isso nos mostra quanto Abraão era capaz de compreender, embora ele vivesse numa época tão primitiva na história redentiva.

Gênesis nos diz como Deus providenciou o cordeiro para Abraão. Quando sua faca começou a fazer a descida mortal que poria fim à vida de Isaque:

> [...] do céu lhe bradou o Anjo do SENHOR: Abraão! Abraão! Ele respondeu: Eis-me aqui! Então, lhe disse: Não estendas a mão sobre o rapaz e nada lhe faças; pois agora sei que temes a Deus, porquanto não me negaste o filho, o teu único filho. Tendo Abraão erguido os olhos, viu atrás de si um carneiro preso pelos chifres entre os arbustos; tomou Abraão o carneiro e o ofereceu em holocausto, em lugar de seu filho. E pôs Abraão por nome àquele lugar – O SENHOR Proverá. Daí dizer-se até ao dia de hoje: No monte do SENHOR se proverá. (Gn 22.11-14)

É com base nesse relato que Hebreus conclui: "De onde também, figuradamente, o recobrou". Isaque não morreu e teve de ser ressuscitado, mas Deus poupou a sua vida e honrou a fé que Abraão possuía.

Os cristãos há muito veem esse episódio no topo do Monte Moriá como uma figura da provisão de Deus para outro sacrifício, o verdadeiro sacrifício, o cordeiro de Deus. "Onde está o cordeiro?", Isaque perguntou, assim como a totalidade do Antigo Testamento faz a mesma pergunta. Anos depois, no sacerdócio israelita, cordeiro após cordeiro foi sacrificado dia após dia no templo. Durante o tempo todo, contudo, todos sabiam que meros animais não podiam tirar o pecado. "Onde está o verdadeiro cordeiro?", os sacerdotes e as pessoas devem ter se perguntado constantemente. A resposta foi finalmente dada pelo último profeta da antiga dispensação, João Batista, que viu Jesus andando junto ao Jordão e gritou: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!" (Jo 1.29).

É interessante notar que o texto grego em Hebreus 11.19 não diz que o livramento de Isaque foi "figuradamente" como uma ressurreição. A palavra que o texto usa é "parábola", de forma que o versículo 19 literalmente diz: Abraão "considerou que Deus era poderoso até para ressuscitar [Isaque] dentre os mortos, de onde também, *como uma parábola*, o recobrou". Os cristãos há muito compreendem o significado desse texto como se dissesse que a morte de Isaque ilustrava e apontava para outra morte, a verdadeira morte que tira o nosso pecado.

De fato, os paralelos são surpreendentes. Abraão foi um pai a quem se pediu que sacrificasse seu filho. Nós anteriormente chamamos a atenção para o fato de a expressão "único filho" não se

encaixar perfeitamente aqui, embora Isaque fosse singular como o filho da promessa. Mas talvez o propósito real da frase seja apontar para outro Pai que de fato deu o seu único Filho como um sacrifício. João 3.16 nos diz: "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna".

Ainda há bem mais. Isaque carregou lenha para o sacrifício em suas costas, assim como Jesus Cristo mais tarde carregaria sua cruz para o lugar do próprio sacrifício. A jornada de Abraão e Isaque pelo vale da sombra da morte totalizou três dias, e por três dias Jesus Cristo permaneceu no túmulo antes que ele, como Isaque prefigura, fosse ressuscitado pelo poder de Deus. Clemente de Alexandria, escrevendo no século 2º d.C., vê o livramento de Isaque como "uma intimação da divindade do Senhor [...] pois Jesus ressurgiu após seu enterro, não tendo sofrido mal algum, como Isaque livrado no sacrifício".[6] De fato, alguns cristãos veem o cordeiro nos arbustos como um símbolo da natureza humana de Cristo, oferecida para morrer por nós, e Isaque como um símbolo da natureza divina de Cristo, a qual, embora fosse levada para o local da morte, não lhe foi permitido morrer.

Esses paralelos são interessantes – na verdade, mais do que provocativos. Mas se os adicionarmos, qual o significado para nós? Mais cedo nós refletimos sobre a repugnância que as pessoas experimentam com a ideia de se ordenar a um pai que ofereça o seu filho como sacrifício. O que, então, pensamos de um Pai que faz isso voluntariamente, como Deus fez? Se isso é repulsivo para nós, só o é porque nos esquecemos ou negamos o fato essencial de nossa situação: somos pecadores diante de um Deus santo. Somente nos curvando diante de Deus uma passagem como essa fará sentido para nós. Agora, entretanto, devemos acrescentar que só podemos compreendê-la ao confessar a culpa de nosso pecado e a nossa necessidade de um cordeiro que morra dessa maneira por nós. Temos de ser aqueles que clamam: "Onde está o cordeiro? Onde está o cordeiro para mim?"

Se clamarmos ao cordeiro em fé, descobriremos na Palavra de Deus o maravilhoso fato de que Deus, o Pai, deu seu único Filho por amor a nós. Romanos 3.25 nos diz: "A quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé". Falando de Jesus, Paulo escreve: "No qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça" (Ef 1.7). Como Paulo também diz, tudo isso é "para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado" (Ef 1.6).

A chave para a aceitação da Palavra de Deus é perceber que a glória de Deus é mais elevada do que o bem do homem. Aqui, no entanto, descobrimos que na realidade, para os pecadores, a glória de Deus é também fonte de nosso bem, a saber, de nossa redenção no sangue de Cristo e do perdão de nossos pecados. Se isso não mudar nossa forma de pensar acerca de um Pai oferecer seu Filho, acredito então que nada jamais o fará. Na cruz de Jesus Cristo encontramos o que Paulo descreve como "a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade" do amor de Cristo "que excede todo entendimento" (Ef 3.18-19). Esse é o amor que nos chama à fé em Deus.

Portanto, sempre que Deus testa a nossa fé, colocando à prova a nossa devoção a ele, sempre que Deus nos chama a dizer: "Seja feita a tua vontade", lembremo-nos de Jesus Cristo, que encarou a morte na cruz por nós com palavras semelhantes. Com gotas de suor tingidas de sangue em sua testa, Jesus orou: "Pai, se queres, passa de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua" (Lc 22.42).

Quão grande foi a alegria de Abraão sobre o monte. Ele o denominou de acordo com o que tinha acontecido ali, chamando o lugar de "O SENHOR proverá". Nós olhamos para trás com maior alegria para outro monte, onde outro Cordeiro foi morto em nosso lugar, e damos a ele o nome de "O Senhor proveu". Portanto, sempre que Deus testa a nossa fé, sempre que ele impõe seus direitos soberanos, nós nos lembramos de que ele é um Deus que nos comprou uma salvação gratuita, um perdão total, uma caríssima redenção ao custo de seu próprio Filho. Como Peter Lewis escreveu:

> A fé de Abraão pode nos inspirar, mas é a fé de Jesus que nos salva, o Filho que "a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz" (Fp 2.8). Não há expiação no Monte Moriá, mas há no Gólgota um sacrifício perfeito e definitivo; aquilo que *lá* foi feito é que salva Abraão e Isaque e você e eu.[7]

O sacrifício nos salva, se em fé nos voltarmos para o Pai e para o seu Filho, ansiosos por receber o que ele prometeu e dispostos a obedecer sua Palavra, porque viemos a conhecer o amor dele e confiar em sua graça.

---

[1] John Owen, *Communion with God* (Edimburgo: Banner of Truth, 1994), 17–18.
[2] A. W. Pink, *An Exposition of Hebrews* (Grand Rapids: Baker, 1954), 745.
[3] William L. Lane, *Hebrews 9–13* (Dallas: Word Books, 1991), 360.
[4] Pink, *Hebrews,* 748.
[5] Philip E. Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), 482.
[6] Citado em *ibid.,* 485.
[7] Peter Lewis*, God's Hall of Fame* (Ross-shire, U.K.: Christian Focus, 1999), 86.

45

FÉ QUE CONFIA NO PLANO DE DEUS



Hebreus 11.20-22

> *Pela fé, igualmente Isaque abençoou a Jacó e a Esaú, acerca de coisas que ainda estavam para vir. Pela fé, Jacó, quando estava para morrer, abençoou cada um dos filhos de José e, apoiado sobre a extremidade do seu bordão, adorou. Pela fé, José, próximo do seu fim, fez menção do êxodo dos filhos de Israel, bem como deu ordens quanto aos seus próprios ossos.* (Hb 11.20-22)

Quando Deus veio a Abraão, ele entrou em aliança não somente com esse único homem, mas também com todas as gerações que viriam por meio de Abraão: "Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e da tua descendência" (Gn 17.7). Portanto, quando o registro de Hebreus 11 segue para além de Abraão, nós não encontramos apenas indivíduos ao acaso, mas as gerações que vieram dele. Os versículos 20-22 tratam da fé dos herdeiros das três gerações que se seguiram: Isaque, Jacó e José.

Deus não somente fez aliança com Abraão, mas por meio de promessas e profecias ele também revelou muito de seu plano a ele:

> Quanto a mim, será contigo a minha aliança; serás pai de numerosas nações. Abrão já não será o teu nome, e sim Abraão; porque por pai de numerosas nações te constituí. Far-te-ei fecundo extraordinariamente, de ti farei nações, e reis procederão de ti... Dar-te-ei e à tua descendência a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em possessão perpétua, e serei o seu Deus. (Gn 17.4-8)

Deus também deu essa profecia especialmente clara a Abraão: "Sabe, com certeza, que a tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos. Mas também eu julgarei a gente a que têm de sujeitar-se; e depois sairão com grandes riquezas... Na quarta geração, tornarão para aqui" (Gn 15.13-16).

Para os homens que iremos estudar neste capítulo esses eventos eram ainda futuros; eles viviam na sombra do plano de Deus, revelado por meio de promessas e profecias. Apesar de todas as dificuldades e fraquezas deles, eles confiaram em Deus e responderam em fé ao plano que ele tinha revelado. O apóstolo Paulo nos diz que Deus tem um plano de acordo com o qual ele "faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade" (Ef 1.11). Em Efésios 3.10-11 ele acrescenta que esse propósito eterno é realizado em Jesus Cristo e é para o louvor da glória e

sabedoria de Deus. Em meio aos perigos e incertezas do mundo deles – um mundo essencialmente parecido com o nosso –, Isaque, Jacó e José perceberam algo do plano de Deus e colocaram sua confiança nele.

Três retratos de fé amadurecida

Após dar bastante atenção a Abraão, o escritor de Hebreus resume a fé dos três patriarcas que vêm após Abraão: Isaque, o filho dele, Jacó, seu neto, e José, seu bisneto. Para resumir a fé que possuíam, ele olha para cada um dos três no final da vida deles, oferecendo retratos de fé amadurecida que confirmam a afirmação feita em Hebreus 11.13: "Todos estes morreram na fé".

Primeiro vemos Isaque, o filho da promessa nascido de Abraão e Sara, que, embora fosse o meio-irmão mais novo de Ismael, recebeu a bênção da aliança. Quando Abraão morreu, o Senhor veio a Isaque para confirmar a aliança com ele: "[...] a ti e a tua descendência darei todas estas terras e confirmarei o juramento que fiz a Abraão, teu pai. Multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus e lhe darei todas estas terras. Na tua descendência serão abençoadas todas as nações da terra" (Gn 26.3-4). Essa é uma recapitulação da promessa que Deus tinha feito a Abraão antes dele.

Quando lemos o relato de Isaque no livro de Gênesis, ele não se apresenta como o mais corajoso homem de fé. A vida dele em sua maior parte foi rotineira, embora Deus o tenha abençoado ricamente. A maior parte do material bíblico acerca dele diz respeito à transmissão da bênção a seus filhos Jacó e Esaú. É isso que o escritor de Hebreus foca no versículo 20: "Pela fé, igualmente Isaque abençoou a Jacó e a Esaú".

Gênesis 25 nos fala do nascimento desses gêmeos, Esaú, o mais velho, e Jacó, o mais novo. Eles nasceram em resposta à oração de Isaque e Rebeca por causa da esterilidade dela. Durante a gravidez o Senhor informou a Rebeca que o filho mais jovem receberia a bênção (v. 23), eles então sabiam desde o início essa parte do plano de Deus. Contudo, Isaque preferiu Esaú. Gênesis 25.28 nos conta em termos pouco elogiosos que Isaque gostava mais dele porque ele era um habilidoso caçador e Isaque "se saboreava de sua caça".

Em um dos episódios mais famosos da Bíblia, Jacó enganou seu pai já idoso e cego de modo a este dar a ele a bênção em vez de a Esaú. Dessa maneira, a profecia que Deus tinha dado foi cumprida e o plano de Deus foi confirmado. Isaque havia dito a Esaú que matasse uma caça e preparasse seu prato favorito, após o que ele lhe daria a sua bênção. No entanto, sob insistência de sua mãe, Jacó foi até o local onde estava Isaque, após se cobrir com peles de animais para emular o toque e o cheiro de Esaú e após trazer uma refeição semelhante àquela que seu pai queria. Isaque, portanto, deu a Jacó a bênção que ele havia pretendido dar ao gêmeo de Jacó.

Quando Esaú retornou para descobrir que Jacó tinha roubado a bênção, ele implorou a seu pai para desfazer o que tinha acontecido. "Abençoa-me também a mim, meu pai!" Esaú chorou (Gn 27.34). Isaque, porém, aparentemente reconhecendo a atuação do plano de Deus, sabia que não podia desfazer o que havia sido feito. A bênção que restou a ele dar foi informar a Esaú que ele

de fato iria servir a seu irmão mais novo. Aparentemente, o escritor de Hebreus tem em mente essa resposta ao controle providencial de Deus quando ele escreve: "Pela fé, igualmente Isaque abençoou a Jacó e a Esaú".

O relato da Bíblia passa de Isaque para Jacó, e ele também demonstra uma história de vida não muito exemplar. Aquilo que Jacó fez para ganhar a bênção de seu pai se tornou um padrão de vida. Ele enganou a seu pai para roubar a bênção de Esaú, e fez o mesmo com seu sogro Labão nos grandes rebanhos a fim de enriquecer. As tendências gananciosas de Jacó não o abençoaram de fato, pois a cada realização autossuficiente ele tinha de fugir da ira daqueles a quem ele tinha enganado. Finalmente, esse padrão o trouxe ao fim de seus extraordinários recursos mentais. Ao lado do vau do Jaboque, Deus lutou com Jacó até subjugá-lo, e o subjugado foi transformado num homem de fé (veja Gn 32). Deus mudou o nome dele de Jacó para Israel, e dali por diante ele foi um crente modelo. Hebreus 11.21 nos conta o final da vida dele, dizendo: "Pela fé, Jacó, quando estava para morrer, abençoou cada um dos filhos de José e, apoiado sobre a extremidade do seu bordão, adorou".

Assim como Isaque tinha abençoado seus filhos Jacó e Esaú, chegou o tempo de Jacó transmitir sua bênção para a próxima geração. Anos após os dramáticos eventos por meio dos quais ele foi subjugado à fé, Jacó e sua família tinham ido para o Egito durante um período de fome. Após a maravilhosa sequência de eventos registrados em Gênesis 37–42, José estava servindo no Egito como primeiro ministro do Faraó. Gênesis 48 nos fala de Jacó dando a José a bênção do primogênito, e depois então transmitindo a bênção dele aos dois filhos de José, Manassés e Efraim.

Hebreus 11.21 na verdade nos fala de dois episódios diferentes: a concessão da bênção e o pedido de Jacó para que José prometesse enterrá-lo na terra de seus pais – um pedido que nos é dito que foi feito enquanto ele adorava a Deus estando apoiado em seu bordão: "Rogo-te que me não enterres no Egito", ele disse, "porém que eu jaza com meus pais; por isso, me levarás do Egito e me enterrarás no lugar da sepultura deles". "Farei segundo a tua palavra", José respondeu. "Jura-me. E ele jurou-lhe; e Israel se inclinou sobre a cabeceira da cama" (Gn 47.29-31).

Essa figura de Jacó adorando a Deus quando ele se apoiava em seu bordão, próximo ao fim de suas forças, apresenta uma linda figura de fé. Era adequado que Jacó fizesse esse pedido dessa maneira, pois o bordão era o sinal da peregrinação de Jacó. William Lane escreve: "O ato de adoração final de Jacó, apoiando-se na extremidade de seu bordão, era característico de alguém que viveu sua vida como um estrangeiro e peregrino". Nós vemos o porquê o escritor de Hebreus escreveu essa passagem para resumir a vida de Jacó como um crente peregrino "que, em face da morte, reclamava o futuro por meio do exercício da fé na concretização das promessas de Deus".[1]

Finalmente, temos José, que pela fé "próximo do seu fim, fez menção do êxodo dos filhos de Israel, bem como deu ordens quanto aos seus próprios ossos" (Hb 11.22). De todos os empolgantes eventos da vida de José esse parece ser um resumo estranho, mas o relato se

encaixa na abordagem de ver a fé dos patriarcas na hora da morte. A história de José é bem conhecida: traído por seus irmãos, ele acabou como um escravo no Egito. Confiando em Deus, ele foi por fim liberto e elevado a primeiro ministro do Faraó, com grande poder e fortuna. Quando uma fome atingiu Canaã, a família chegou como refugiados, somente para descobrir que seu irmão há muito perdido era o administrador de grãos do Egito. Jacó, que tinha equivocadamente pensado que José estava morto, regozijou-se, e a família da aliança partiu para o que acabaria por ser uma estada muito longa no Egito.

Anteriormente, nós estudamos a profecia de Deus a Abraão, contando-lhe os eventos que agora aconteciam no Egito. Os descendentes dele seriam estrangeiros em outra terra, escravizados e maltratados por 400 anos; depois do que, Deus os libertaria num grande êxodo (Gn 15.12-16). Nós sabemos que essa profecia permaneceu na família porque José estava consciente dela e confiou no que Deus revelara acerca de seu plano. Portanto, à medida que sua própria morte se aproximava, ele exortou os outros a acreditarem na promessa de libertação, e orientou que seus restos fossem levados do Egito quando o êxodo ocorresse. Apesar do fato de seus palácios e grandes riquezas estarem todos no Egito, e apesar de suas grandes realizações estarem lá – os monumentos terrenos, a sua sabedoria e habilidade em salvar a nação da fome –, José sabia que seu futuro repousava nas promessas de Deus. Para mostrar isso, e sem dúvida para encorajar as gerações de israelitas escravizados acerca do êxodo vindouro, José orientou que seus ossos fossem levados para serem enterrados no túmulo de Abraão e de Isaque e de Jacó na Terra Prometida. Se ele não pôde viver lá em vida, ele então iria para lá na morte, confiando no Deus da promessa. João Calvino escreve: "O fato de a riqueza, os luxos e honras não levarem o homem santo a esquecer da promessa e nem o segurarem no Egito é um forte argumento para a fé".[2]

Fé que confia no plano de Deus

Essas três breves descrições, e os registros de Gênesis para os quais elas apontam, exemplificam tudo o que temos visto neste capítulo sobre fé. Hebreus 11.1 diz: "Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem". Certamente é isso que encontramos no relato de Isaque, Jacó e José, que confiaram em coisas invisíveis, realidades espirituais tornadas tangíveis a eles somente pela fé. A fé que possuíam estava focada em realidades espirituais. Ela estava arraigada não em coisas deste mundo, mas nas coisas do céu. Nos versículos 9-10 o escritor inclui esses patriarcas na grande afirmação acerca da fé do patriarca Abraão: "Pela fé, peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa; porque aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador".

Esses três membros da família tiveram experiências variadas. No entanto, todos eles estavam buscando em Deus bênçãos espirituais enquanto viviam como peregrinos neste mundo. Dessa maneira, eles demonstraram que a cidadania deles estava no céu, e cada um deles demonstrou

uma preocupação em transmitir uma herança espiritual a seus filhos. Seremos diligentes em fazer o mesmo se possuirmos a mesma fé.

A fé desses homens em primeiro lugar era espiritual; mas em segundo, era direcionada para frente – como a transmissão da bênção demonstra. Nenhum desses homens experimentou o cumprimento das promessas quando morreram, mas estavam olhando para frente para o que Deus faria no futuro. É por isso que eles levaram tão a sério a transmissão da bênção de Deus. Isaque morreu acreditando que o plano de Deus ocorreria por meio de seus descendentes, levando por fim à sua própria salvação na vinda do Messias. José, especialmente, baseou sua esperança numa compreensão tangível de que, embora ele fosse forçado a viver e servir numa terra estranha, no futuro Deus iria prover uma casa para ele, mesmo na morte.

Hebreus 11 também enfatiza como a fé lida com a perspectiva da morte, e essa é uma terceira característica da fé dos patriarcas. É óbvio que esses homens confiaram na ressurreição operada por Deus, pois eles encararam a morte com serenidade, Jacó adorando a Deus enquanto descansava sobre o seu bordão. Faz parte da fé cristã aproximar-se da morte com uma paz que vem de Deus. A poesia e a hinologia cristã são abundantes em expressões de confiança em Deus, em face da morte, e da morte como entrada na vida eterna, como nas linhas deste poema cristão:

> O cavalo pálido está de pé e não irá aguardar,
> a noite chegou e eu preciso cavalgar;
> mas não sozinho para terras não exploradas,
> meu Amigo vai comigo, de mãos dadas.
> Eu corri a corrida; a batalha lutei;
> Eu agora face a face o verei,
> quem para si há muito tempo me chamou
> e a confiar e a seguir me convidou...
> Não mais a esmo, montar e cavalgar irei,
> o cavalo pálido me leva para onde habitarei.[3]

Quarto e finalmente, a fé dos três patriarcas estava firmemente fixada na Palavra de Deus. Consequentemente, estava fixada no plano que Deus revelou por meio da Palavra. Eles receberam a revelação de Deus em fé, e no plano de Deus viram que eles foram reunidos para o seu grande propósito redentivo – remontando a Abraão e àqueles antes dele, e seguindo em frente até a eternidade futura. Eles viram que, pela graça de Deus, desempenhavam uma parte naquele plano, e que eram conexões que ligavam outros à verdadeira Terra da Promessa de Deus. Nas promessas e profecias da Palavra de Deus, eles viram as substâncias das coisas por vir assim como devemos nós, e eles sabiam como encarar o presente e o futuro, que é o que a fé faz pelo crente.

O plano infalível de Deus

Se compreender o plano de Deus foi essencial para esses patriarcas, e se Hebreus 11 nos fala deles como modelos para a nossa fé, então o plano de Deus tem de ser de grande importância

para todos os cristãos. Abraão e seus descendentes sabiam algumas coisas acerca do que Deus tinha reservado e, naquilo que eles sabiam, eles confiavam. Nós temos toda a Bíblia, que nos diz muito mais, e naquilo que possuímos temos também de confiar.

A Bíblia nos mostra que o plano de Deus se concentra na obra de Jesus Cristo para a salvação dos pecadores. É em Cristo que essas promessas a Abraão se cumprem. O apóstolo Paulo nos diz que Jesus era o herdeiro para o qual todos os descendentes de Abraão apontavam, aquele em quem todas as promessas de Deus são asseguradas para nós (Gl 3.14-16). Em 2Coríntios 1.20 ele diz: "Porque quantas são as promessas de Deus, tantas têm nele [em Cristo] o sim". Portanto, Paulo diz aos crentes: "Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra" (Cl 3.2).

O plano de Deus para a História colocou no centro a vinda de Jesus Cristo para suportar o pecado do mundo e então para operar um novo princípio dentro da História por meio da fé daqueles que confiam nele. Mesmo agora, esse plano prossegue quando o evangelho é pregado e vivido, quando homens e mulheres vêm à fé, quando pais transmitem a fé a seus filhos. O plano de Deus prossegue até culminar no retorno de Cristo em poder, o julgamento de todas as pessoas e a consumação de todas as coisas para a glória de Deus. É sobre isso o plano de Deus, como nos é dito nas Escrituras.

Mas a Bíblia também deixa claro que Deus tem um plano para as pessoas individualmente. Talvez a afirmação do plano de Deus mais conhecida pelos crentes venha de Jeremias 29.11, em que Deus disse à geração no exílio: "Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o SENHOR; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais".

Nossa passagem em Hebreus 11 deixa claro três coisas acerca do plano de Deus, como Peter Lewis explica em seu estudo desses versos. Primeira, o plano de Deus não pode ser manipulado. Os patriarcas tinham muita informação acerca de seu futuro, mas isso não lhes deu controle sobre eventos futuros. Isaque é quem melhor ilustra isso. Ele queria dar a Esaú a bênção, embora soubesse que Deus tinha dito que ela iria para Jacó. Quando estava velho e cego, Isaque planejou abençoar Esaú, mas a bênção não era de Isaque para dar ou manipular. A trapaça de Jacó na obtenção da bênção pode não o recomendar como um exemplo de piedade, mas ela mostra a habilidade de Deus em implementar seu próprio plano.

Uma razão pela qual não podemos manipular a vontade de Deus é que não somos capazes de discerni-la a não ser que ele tenha falado em sua Palavra. Como Isaías diz: "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o SENHOR" (Is 55.8). Ou como Paulo disse em sua famosa doxologia: "Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro?" (Rm 11.33-34). Algumas pessoas gastam seu tempo tentando descobrir os detalhes do plano de Deus, buscando decifrar coisas como o exato momento da segunda vinda de Cristo. Contudo, com base na informação do Antigo Testamento, não poderíamos descobrir nem mesmo a data de sua primeira vinda. O Messias deveria nascer em Belém, deveria ser chamado de

Nazareno, e deveria retornar do Egito. Quem poderia achar uma lógica nisso senão o Deus que o tinha planejado?

Se sabemos que Deus tem um plano, mas não podemos predizer o futuro, o que devemos fazer? Devemos nos submeter à Palavra de Deus. Devemos confiar e obedecer, passo a passo, à medida que Deus nos conduz em meio a este mundo; como os peregrinos, estamos em nossa longa viagem para casa.

A segunda ideia que Peter Lewis extrai dessa passagem é que o plano de Deus não pode ser subestimado. Sempre que pensamos ter certeza do que Deus tem guardado para nós, é possível que sejamos surpreendidos. José aprendeu essa lição quando trouxe seus dois filhos diante de Jacó para receber a bênção. Gênesis 48 nos conta como José os trouxe diante de seu Pai e cuidadosamente colocou o filho mais velho, Manassés, perto da mão direita de Jacó, e Efraim, o mais novo, perto da mão esquerda. A Bíblia descreve o que então aconteceu: "Mas Israel estendeu a mão direita e a pôs sobre a cabeça de Efraim, que era o mais novo, e a sua esquerda sobre a cabeça de Manassés, cruzando assim as mãos, não obstante ser Manassés o primogênito" (v. 14). Quando José viu a mão direita de seu Pai sobre o seu filho mais novo, Efraim, ele protestou: "Não assim, meu pai, pois o primogênito é este; põe a mão direita sobre a cabeça dele" (v. 18). Entretanto, Jacó se recusou, e suas mãos cruzadas são uma firme lembrança de que não podemos controlar o plano de Deus ou subestimá-lo.

Isso quer dizer que podemos esperar ser surpreendidos por Deus, e que devemos manter os nossos olhos focados nele sempre. Ele vai começar coisas em lugares inesperados, fazer coisas por meio de pessoas inesperadas, tudo para mostrar que ele é aquele que está orquestrando um plano que funciona de acordo com sua própria vontade secreta. Quão frequentemente Deus é glorificado por agir de maneiras contrárias, contradizendo as expectativas gerais. Ele toma o principal dos pecadores e perseguidor da igreja, Saulo de Tarso, e faz dele Paulo, o grande apóstolo da graça. Ele toma um monge obcecado pelo pecado como Martinho Lutero e por meio dele devolve o evangelho à igreja. Hoje ele faz o cristianismo queimar mais intensamente em lugares pobres e tiranizados na Ásia e África. O cristianismo glorifica a Deus ao operar de forma a contradizer a sabedoria do mundo. Ele é o "Deus que vivifica os mortos e chama à existência as coisas que não existem" (Rm 4.17).

As mãos cruzadas de Jacó nos lembram de que o plano de Deus não está sujeito aos padrões e convenções humanos. Na lógica do mundo antigo, o filho mais velho sempre recebia a bênção principal, mas Deus opera de forma diferente. Na verdade, nenhuma das três figuras em nossa passagem eram os filhos mais velhos de acordo com a carne (ou seja, por nascimento). Isaque, Jacó e José eram todos filhos mais novos, mas eles foram também aqueles que receberam a bênção de Deus. Eles receberam sua posição de acordo com a graça, pela fé, e é assim que Deus opera no mundo. Portanto, Philip Hughes corretamente conclui: "A vontade de Deus não pode ser forçada a se conformar aos padrões e preconcepções humanas. O poder dele se manifesta

precisamente dentro da esfera da fraqueza humana. [...] A linhagem da promessa não é a linhagem da carne, mas a linhagem da fé".[4]

Todos nós temos planos. Eu tenho um plano para a minha vida, e Deus tem um plano para a minha vida, e eu preciso perceber que o plano dele é diferente do meu. O meu plano é aquele que segue uma linha reta, cada trabalho construído sobre um anterior, pequenos sucessos conduzindo a grandes sucessos. O meu plano visa realização e bênção e conforto terreno. Contudo, embora eu tenha um plano, posso ter certeza de que o de Deus é diferente. Ele pega o meu plano, o edita com tristezas, fracassos e fraquezas, e o devolve a mim, uma provação por vez. Não há como sabermos o que Deus reserva, exceto que receberemos provações e tribulações, todas as quais são vencidas pela fé. Não podemos prever o plano de Deus, mas podemos confiar nele cegamente. Não há como saber o que o amanhã trará, mas conhecemos o Deus que o trará. É por isso que Jesus nos advertiu a não levar os nossos planos tão a sério:

> Por isso, vos digo: não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes? Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai Celeste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves? Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida [...] homens de pequena fé? Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos? Porque os gentios é que procuram todas estas coisas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas. (Mt 6.25-33)

O plano de Deus não pode ser manipulado, e nós não podemos prevê-lo. No entanto, terceiro, essa passagem nos mostra que o plano de Deus não pode falhar. Isaque era um homem fraco, Jacó era um enganador e José era uma vítima. Contudo, por meio dessas três gerações Deus firmemente teceu seu plano até o fim que ele tinha determinado. Para o Egito foi o seu povo na hora certa. Isaque tentou dar a bênção a Esaú, mas o plano de Deus prevaleceu; José alinhou seus filhos diante de seu pai, somente para ver Jacó inverter a ordem de suas mãos. Anos mais tarde Faraó iria determinar que Israel fosse mantido na escravidão, mas o povo de Deus carregou o corpo de José no êxodo. Nada pode mudar ou frustrar o plano e a vontade de Deus.

> [...] eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade. (Is 46.9-10)

Isso quer dizer que não podemos julgar as intenções de Deus pela aparência de nossas circunstâncias. Deus está trabalhando de acordo com o plano dele, para o bem daqueles que confiam nele. Peter Lewis escreve:

> Mil anos com ele é como um dia. Como José podemos ter certeza do futuro de Deus e, portanto, de nosso futuro, pois ambos são um em Jesus Cristo. Esse futuro pode parecer menos substancial do que o presente, mas ele será real e glorioso quando as pirâmides do Egito forem pó e os impérios dos homens esquecidos.[5]

Uma das coisas que podemos ter plena certeza: Jesus Cristo reina agora sobre o trono do céu, e a história está conduzindo para a exaltação dele como Senhor dos senhores. "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor" (Ap 5.12). Com certeza esse é o fim da História, que "ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai" (Fp 2.10-11).

A História possui um final revelado na exaltação de Cristo. Entretanto, a História também tem um ponto central, um sustentáculo no qual ela gira, a saber, que o Filho de Deus veio ao mundo e viveu e morreu por nós na cruz. A História diz respeito a ele; ela é a "história dele". Portanto, uma coisa é certa: o plano de Deus nos conduz à vida por meio da fé em Cristo ou à morte na condenação para aqueles que rejeitam o nome dele.

Finalmente, a certeza do plano de Deus nos diz o que realmente necessitamos saber agora, que devemos servir a ele que é o Senhor desse grande plano. Devemos colocar em prática a Palavra de Deus em nossa vida, dando testemunho de Jesus Cristo, que nos mostra o plano de Deus cumprido. "Eis que faço novas todas as coisas", ele diz (Ap 21.5). "Tudo está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. Eu, a quem tem sede, darei de graça da fonte da água da vida. O vencedor herdará estas coisas, e eu lhe serei Deus, e ele me será filho" (Ap 21.6-7).

---

[1] William L. Lane, *Hebrews 9–13* (Dallas: Word Books, 1991), 365.
[2] João Calvino, *New Testament Commentaries*, 12 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), 12:175.
[3] John Powis Smith, citado em Martyn Lloyd-Jones, *The Life of Joy* (Grand Rapids: Baker, 1989), 103–4. [Em inglês: "*The pale horse stands and will not bide,/ the night has come and I must ride;/ but not alone to unknown lands,/ my Friend goes with me, holding hands./ I've fought the fight; I've run the race;/ I now shall see him face to face,/ who called me to him long ago and bade me trust and follow. (...)I'll mount and ride, no more to roam,/ the pale horse bears me to my home*".]
[4] Philip E. Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), 487.
[5] Peter Lewis*, God's Hall of Fame* (Ross-shire, U.K.: Christian Focus, 1999), 94.

46

FÉ ESCOLHENDO A DEUS



Hebreus 11.23-26

Pela fé, Moisés, apenas nascido, foi ocultado por seus pais, durante três meses, porque viram que a criança era formosa; também não ficaram amedrontados pelo decreto do rei. Pela fé, Moisés, quando já homem- feito, recusou ser chamado filho da filha de Faraó, preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir prazeres transitórios do pecado; porquanto considerou o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão. (Hb 11.23-26)

Sem dúvida as duas figuras mais preeminentes do Antigo Testamento são Abraão e Moisés. Não é de surpreender, então, que quando o escritor de Hebreus se volte para os modelos de fé do Antigo Testamento, ele gaste mais tempo com esses dois grandes homens. Hebreus 11 nos diz cinco coisas que Abraão fez pela fé. Quando o texto se volta para a vida de Moisés, há também cinco afirmações que começam com "pela fé". O relato de Moisés inicia por nos contar sobre a fé dos pais dele, e termina com a fé da geração que seguiu Moisés. Como nós, a sua fé foi o produto da influência de outros sobre ele, e a marca dele foi feita na fé daqueles que ele influenciou para o Senhor.

A fé possuída por Moisés era particularmente útil para o propósito do autor, uma vez que o grande objetivo da Carta aos Hebreus é persuadir os cristãos judeus a não abandonar Cristo por Moisés. O autor nos mostra que Moisés se alinhava com Cristo, mesmo na desgraça, e, se as pessoas realmente queriam seguir o exemplo de Moisés, elas teriam de fazer isso como cristãos e não como judeus.

A escolha de Moisés

A fé sempre se fará conhecida por meio de suas escolhas, e Moisés é recomendado aqui por uma escolha que fez. "Pela fé, Moisés, quando já homem-feito, recusou ser chamado filho da filha de Faraó, preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir prazeres transitórios do pecado; porquanto considerou o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão" (Hb 11.24-26). Isso parece se referir a um incidente que ocorreu quando Moisés tinha 40 anos de idade (veja At 7.23). Êxodo 2.11-12 nos diz que ele tomou partido dos israelitas contra os egípcios, perdendo assim o *status* de filho da filha do faraó: "Naqueles dias, sendo Moisés já homem, saiu a seus irmãos e viu os seus labores penosos; e viu que certo egípcio espancava um hebreu, um do seu povo. Olhou de um e de outro lado e, vendo que não havia ali ninguém, matou o egípcio, e o escondeu na areia".

A história de Moisés é bastante conhecida. Faraó, temendo o número crescente de israelitas, tinha decretado que todos os meninos hebreus fossem mortos. Por isso, após o nascimento de Moisés, os seus pais hebreus o ocultaram numa cesta, que eles deixaram à deriva no Nilo, confiando o seu bebê aos cuidados do Senhor em vez de deixá-lo ser morto pelos soldados do Faraó. Como resultado da providência de Deus, Moisés foi encontrado pela filha do Faraó e criado na família imperial. Estêvão resume as vantagens que isso trouxe: "E Moisés foi educado em toda a ciência dos egípcios e era poderoso em palavras e obras" (At 7.22).

Quando atingiu a maturidade, parece que Moisés percebeu que tinha uma escolha diante dele, uma que iria determinar o destino dele. A escolha era simples: ele iria se identificar com os escravos hebreus ou com os senhores egípcios? Esse é o tipo de escolha que a fé exige, e ela acarreta um sim e um não. As pessoas hoje querem tornar tudo em sim; se você disser não, você tem a mente fechada e é negativo. No entanto, Moisés sabia que um sim exigia um não. Ele disse sim para sua identidade como um israelita, como um filho de Abraão e um seguidor de Yahweh, e muito deliberadamente disse não para seu *status* com um príncipe do Egito, um filho da filha do Faraó e um filho dos deuses do Nilo.

Pense em tudo o que Moisés deixou ao se colocar ao lado do povo de Deus. Primeiro, ele deixou para trás a honra e o poder mundano. Ele "recusou ser chamado filho da filha de Faraó" (Hb 11.24). De acordo com algumas tradições, Faraó não tinha filhos próprios e, por isso, Moisés estava na linha de ascensão ao trono. Isso é uma possibilidade, mas não uma certeza. O que é certo é que ele estava alinhado com a casa real em uma época em que a realeza estava próxima à divindade. Poder e exaltação fenomenais seriam dele se ele mantivesse sua posição na casa do Faraó. Segundo, ele voltou suas costas para os prazeres do pecado, que sempre estão disponíveis para uma pessoa em posição tão elevada, e ao que parece eram parte integrante da vida na corte de Faraó. Terceiro, ele voltou suas costas para "os tesouros do Egito" que ele sabia estarem muito além do cômputo humano.

É uma quantidade enorme para se abrir mão, então deve ter havido algo muito atrativo para tirar os olhos de Moisés dessas coisas. Moisés abriu mão de tudo isso por duas coisas: primeiro, pelo privilégio de maus-tratos com o povo de Deus; e segundo, compartilhar da desgraça de Cristo. Essa é a escolha que Moisés fez. Charles Spurgeon diz a ele:

> Ó Moisés, se você tem de se juntar a Israel não há recompensa presente para você. Você nada tem a ganhar, mas tudo a perder; você tem de fazer isso por puro princípio, por amor a Deus, por uma total convicção da verdade, pois as tribos não possuem honras ou riqueza para conceder. Você receberá aflição, e isso é tudo. Você será chamado de tolo, e as pessoas vão achar que elas têm razão de fazer isso.[1]

Isso não parece ser uma propaganda muito boa para o cristianismo. Mas ela é essencialmente verdadeira. Muitas vezes as pessoas vão tentar evangelizar outras com promessas de quão maravilhoso é ser um cristão. No entanto, Moisés apresenta uma imagem mais autêntica. Para ser um cristão, você precisa desistir do mundo para abraçar a cruz. Certa vez um mestre veio a Jesus

se oferecendo para segui-lo aonde quer que ele fosse. Jesus respondeu: “As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8.20). Ele exortou seus discípulos a calcular o custo de segui-lo, dizendo: “Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo” (Lc 14.33). A escolha de Moisés é a escolha que todos que desejam seguir a Jesus têm de fazer: os prazeres e tesouros do Egito ou a aflição com o povo de Deus e comunhão na cruz de Cristo.

Entretanto, a nossa presente perda não fica sem recompensa: ela ganha paz espiritual agora e riquezas inauditas depois. A escolha de Moisés lhe custou honra entre os homens, mas lhe trouxe honra com Deus, como mostra a nossa passagem, um nome que será louvado para sempre. Como afirma um estudioso: “Não importa qual fosse a posição social de Moisés, se tivesse permanecido como um membro da sociedade egípcia, tudo o que saberíamos dele agora seria um nome numa múmia no museu britânico”.[2] Mas em vez disso encontramos o nome dele no hall dos heróis amados pelo próprio Deus.

A fé possuída por Moisés

O que faz um homem fazer uma escolha como essa? Nossa passagem nos diz que foi “pela fé” que Moisés escolheu reprovação em vez de poder e Israel em lugar do Egito. Quando as pessoas se deparam com uma escolha como a de Moisés, elas atribuem outros motivos a ela, mas não há outros motivos que expliquem de modo verossímil o que ele fez.

Por exemplo, podemos pensar que foi uma lealdade de sangue que forçou a escolha de Moisés. Contudo, o laço sanguíneo dificilmente é o suficiente para ir de príncipe a escravo. A Bíblia também não diz que essa foi a motivação de Moisés. Pode bem ter sido, então, uma peculiaridade do caráter dele, uma excentricidade que o levou a escolher algo tão ridículo. No entanto, tudo aponta para outra direção: Moisés era um homem de distinção entre os egípcios, um homem de respeito entre os governantes. Talvez, então, fosse um entusiasmo repentino; talvez ele tenha ouvido algum pregador inflamado e se tornado idealista por um tempo. Entretanto, tendo 40 anos depois para considerar o que fez, Moisés nunca lamentou ou se arrependeu de sua escolha. O que, então, pode explicar o fato de um homem fazer uma escolha como a que Moisés fez? A única resposta é fé.

Em quê Moisés acreditava? Ele acreditava, principalmente, que os israelitas, embora escravizados, eram o povo de Deus. Ele compreendia que os egípcios, conquanto controlassem o poder e desfrutassem de riqueza, estavam em oposição ao verdadeiro Deus. Os prazeres deles eram pecaminosos e as aflições de Israel eram santas. Com certeza, isso quer dizer que ele sabia que o Deus de Israel, Yahweh, é o Deus verdadeiro, e que os muitos deuses do Nilo eram ídolos vazios. Se isso era verdade, ele sabia que era melhor fazer parte do povo de Deus, mesmo num estado de aflição.

De onde veio tal fé? Podemos perguntar. A primeira resposta se encontra em nosso texto: ela veio de seus pais. O versículo 23 resume a confiança deles no Senhor: “Pela fé, Moisés, apenas

nascido, foi ocultado por seus pais, durante três meses, porque viram que a criança era formosa; também não ficaram amedrontados pelo decreto do rei".

Faraó tinha ordenado o assassinato dos bebês meninos dos hebreus, por isso os pais de Moisés, Anrão e Joquebede, esconderam-no por três meses após o seu nascimento, não temendo o decreto do Faraó. O versículo 23 diz que eles fizeram isso porque viram que "a criança era formosa". O texto grego diz que ele era "bonito". De alguma maneira, eles olharam para Moisés e viram que ele era especial, e por isso resolveram se arriscar para salvar a vida dele. Anrão e Joquebede foram motivados por algo mais do que o amor paternal comum; eles tinham fé que o Senhor tinha dado a eles um filho especial.

De acordo com o historiador judeu Josefo, Anrão tinha recebido um sonho no qual foi dito a ele que essa criança iria libertar Israel. Se isso é verdade, é consistente com o que o Antigo Testamento mostra com respeito a outros nascimentos notáveis, tal como o de Jacó, e depois o de Sansão e o de Samuel, e por fim o de Jesus Cristo. No mínimo, os pais de Moisés viram na impressionante beleza de seu filho um sinal da graça divina que os motivou a tomar sua decisão. Hebreus 11.23 diz que foi pela fé que eles o ocultaram, e com certeza foi pela fé que eles mais tarde colocaram o seu recém-nascido no Nilo, onde ele foi descoberto pela filha do Faraó.

Um detalhe que dá credibilidade à ideia dos pais de Moisés saberem que ele era nascido para ser um libertador é que mais tarde eles disseram isso a ele. Em Atos 7.25 Estêvão fala do assassinato do egípcio por Moisés e diz: "Ora, Moisés cuidava que seus irmãos entenderiam que Deus os queria salvar por intermédio dele; eles, porém, não compreenderam". A escolha feita por Moisés de ficar ao lado de Israel, portanto, pelo menos em parte, foi motivada por seu conhecimento de seu chamado como libertador.

Moisés obteve sua fé da maneira antiga: de seus pais. Ela veio daquilo que eles o ensinaram acerca do Senhor e de sua aliança com Israel, de suas promessas de uma terra e de uma multidão de sementes. Ela veio, mais especialmente, do exemplo de fé dos pais dele. A primeira coisa pela qual Moisés é elogiado no versículo 27 – que ele não temeu a ira do rei – é primeiro atribuída aos pais dele. É assim que transmitimos a fé para nossos filhos: por nossas palavras; mais diretamente, contudo, por nossas ações. As crianças ou são endurecidas pela hipocrisia de seus pais ou, como Moisés, são inspiradas pela consistência entre palavra e atos. Se não somos perdoadores com os nossos filhos e mostramos uma indisposição de admitir os nossos pecados, então nós comunicamos a eles uma falta de graça. Se nós gastamos o nosso dinheiro conosco mesmos, temos má vontade para com a igreja e com os necessitados, ou se falamos rudemente das pessoas, parecendo nos regozijar com os fracassos e tolices delas, então nós comunicamos outra religião que não é o cristianismo. Mas, quando somos rápidos em nos arrepender e prontos a perdoar, quando confiamos no Senhor para nossa própria provisão e damos liberalmente aos outros, e quando falamos graciosamente de outros pecadores – para listar somente algumas aplicações práticas –, nós mostramos a nossos filhos a nossa fé em um Deus que é misericordioso, bom e poderoso para salvar.

Até mesmo na casa do Faraó, a fé possuída por Moisés foi fortalecida pela providência de Deus. Um dos grandes problemas do Estado naquele tempo era a questão dos escravos hebreus. Por essa razão Faraó tentou matar Moisés e a geração de bebês dele, porque, cumprindo a promessa de Deus a Abraão, eles estavam aumentando como a areia da praia. O livro de Êxodo começa com o problema que confrontou os egípcios, conforme descrito pelo próprio Faraó: "Eis que o povo dos filhos de Israel é mais numeroso e mais forte do que nós. Eia, usemos de astúcia para com ele, para que não se multiplique, e seja o caso que, vindo guerra, ele se ajunte com os nossos inimigos, peleje contra nós e saia da terra" (Êx 1.9-10).

Quantas vezes Moisés deve ter ouvido falar desse problema nas escolas e palácios do Faraó. Ele deve ter assistido seminários sobre "o problema israelita", com dicas de como os oprimir e afligir, tudo qualificado com o fato de que nada parecia diminuir o número deles. Moisés deve ter pensado nas coisas que seus pais lhe ensinaram, que o verdadeiro Deus estava com o povo de Israel, que ele tinha prometido a eles um número crescente e, mais do que isso, que ele tinha preparado para eles uma casa em uma terra da promessa. É assim também que os pais transmitem a fé para seus filhos: ensinando-lhes a pensar biblicamente acerca do mundo e de sua época.

Por causa da fé dos seus pais, Moisés cresceu consciente de sua própria identidade e acreditando nas promessas do Senhor para o povo afligido de Israel. Eles deram a Moisés o que é mais necessário a toda criança: fé no Senhor. Foi "pela fé" que Moisés escolheu se identificar com o povo de Deus.

O cálculo da fé

Nós vimos vários exemplos em Hebreus 11 do relacionamento entre a fé e obras. A fé sempre opera, como vimos no exemplo de Noé. A crença de Noé de que o dilúvio estava vindo fez com que seu machado derrubasse árvores e com que seu martelo construísse a arca. Abraão acreditava na promessa de Deus, e por isso ele ofereceu Isaque, como Deus ordenou. Moisés, também, tinha fé, e sua fé "considerou", ou seja, ela fez cálculos e eles levaram as suas ações.

A ação de Moisés foi o resultado do cálculo da fé. O versículo 25 diz que ele "preferiu", e o versículo 26 nos diz por que: "considerou". De acordo com o cálculo da fé, Moisés "considerou o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão". Moisés é ainda outro exemplo do princípio de Hebreus 11.6, no qual a fé acredita que Deus recompensa aqueles que sinceramente o buscam. Moisés queria o que era melhor, como todos queremos, e, de acordo com o cálculo da fé, ele preferiu a presente aflição ao prazer, a desgraça de Cristo aos tesouros do Egito. Ele os colocou lado a lado, e pela fé ele fez um cálculo contrário à vista, considerando um maior do que o outro.

Moisés desprezou a honra de ser o filho da filha do Faraó, e pela fé ele viu que essa distinção significava apostatar de Deus. Ser filho da filha do Faraó, ainda que significasse ganhar o trono e a coroa do Egito, significava perder o seu *status* como um israelita, e, portanto, perder a aliança

com Deus. Pela fé, então, Moisés considerou que ele estava escolhendo entre Faraó, um rei, e Yahweh, o verdadeiro Deus. Com base nesse cálculo ele fez sua escolha.

Da mesma forma, ele olhou para os prazeres da corte do Faraó. J. C. Ryle comenta: "A fé disse a Moisés que os prazeres mundanos eram 'prazeres pecaminosos'. Eles estavam misturados com o pecado, eles conduziam ao pecado, eles eram prejudiciais para a alma e desagradáveis a Deus. Não seria confortável ter prazer enquanto Deus estava contra ele. É melhor sofrer e obedecer a Deus, do que estar livre da dor e pecar".[3] Considerando assim, ele estava disposto a abrir mão de uma vida de prazer. O mesmo se aplica aos vastos tesouros que seriam dele como um príncipe egípcio. Eles eram tesouros mundanos, tesouros temporários, de forma alguma comparados às riquezas espirituais e eternas que vêm por meio da fé em Deus.

Muitos olham com desprezo para a escolha de Moisés e lamentam: "Que idiota! Ter tudo isto – honra, poder, prazer, riqueza – e jogar fora! Essas são as coisas que grandes multidões gastam sua vida tentando obter pelo menos uma parcela! E aqui Moisés joga tudo fora! Que tolice! Que tragédia!" O que Moisés diria para tudo isso? Eles eram tesouros que ele conhecia, tesouros do Egito que ele então comparou com as riquezas de Deus. Moisés, então, teria acrescentado mais duas palavras do versículo 25: "prazeres transitórios". Os prazeres do pecado que ele rejeitou iriam durar somente por pouco tempo. Ou, como diz Spurgeon, eles eram "por um tempo". Ele fala por Moisés quando ouve um sino tocando no ar por trás daquelas palavras:

> Você ouviu o soar de um sino? Era um som melancólico. Ele falava de um túmulo recém-cavado. Esse é o soar da alegria terrena – "Por um tempo!" Honrado por fazer o que é errado – "Por um tempo!" Alegria em má companhia – "Por um tempo!" Próspero por meio de uma concessão – "Por um tempo!" O que haverá depois de um tempo? Morte e julgamento.[4]

É assim que a fé de Moisés fez o seu cálculo, e, uma vez que aceitamos o princípio dele, não nos maravilhamos com a sua escolha. O que a fé disse a ele senão que havia uma recompensa no céu que sobrepujava em muito a qualquer tesouro do Egito? Como Paulo disse: "Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós" (Rm 8.18). A fé mostrou a Moisés uma coroa que não desvanece, uma glória que brilha com a luz do céu. E a fé mostrou a Moisés como avaliar as aflições do povo de Deus. J. C. Ryle fala disso assim:

> A fé disse a Moisés que aflição e sofrimento não eram males reais. Eles eram a escola de Deus, na qual ele treina os filhos da graça para a glória; os remédios que são necessários para purificar nossas vontades corruptas; a fornalha que deve queimar nossa escória até as cinzas; a faca que deve cortar os laços que nos prendem ao mundo. [...]
>
> Não se surpreenda por ele recusar a grandeza, as riquezas e os prazeres. Ele olhava para muito além. Ele via com os olhos da fé reinos desintegrando-se até o pó, riquezas criando asas e voando para longe, prazeres conduzindo à morte e ao juízo, e somente Cristo e seu pequeno rebanho permanecendo para sempre. [...] Ele viu com os olhos da fé a aflição durando só um momento, o opróbrio removido e terminando em louvor eterno, e o povo desprezado de Deus reinando como reis com Cristo na glória.[5]

É isso que a fé mostrou a Moisés quando ele considerou os reinos deste mundo, os prazeres e tesouros do Nilo. Eu me pergunto o que a sua fé vê quando você olha ao seu redor. Você vê coisas aqui que você deveria ter? Você vê coisas agora das quais você com certeza gosta? Você vê a aflição do povo de Deus e dá as costas? Você vê a reprovação de Cristo na qual você não quer tomar parte? Então você vê com olhos diferentes, uma fé diferente da de Moisés, e você deverá ter uma recompensa diferente.

Moisés poderia ter pensado de forma muito diferente, e poucos teriam se oposto. Ele podia ter pensado que rejeitar o amor de sua mãe adotiva com certeza era algo ruim. Mas em vez disso ele sabia que Deus é maior do que qualquer pai ou mãe ou amante ou amigo; quando havia uma escolha a se fazer, ele tinha de optar por Deus. Ou ele poderia ter dado ouvidos à ideia de que permanecendo como egípcio, suprimindo suas convicções, dissimulando sua lealdade, ele poderia fazer um bem maior do que partindo. Ele poderia ter sido como aqueles que permanecem no local a que não pertencem, como Ló sentado no portão de Sodoma. Esse é o mito da influência que hoje aflige tantos crentes deslocados. "É verdade que eu estou aliado aos incrédulos, aos injustos, aos maus", eles dizem, "mas vale a pena pelo bem que eu posso fazer". Moisés não racionalizou dessa maneira. Ele poderia ter pensado no exemplo de José antes dele, que permaneceu na corte do Faraó, embora José fosse capaz de assim fazer sem participação no pecado ou sem apostasia. Moisés, no entanto, sabia que sua situação era diferente, sua época era diferente, e sua consciência gritava contra o pensamento de associação com o mau.

Às vezes os crentes são chamados a servir em cortes terrenas. Obadias resgatou os profetas como mordomo do perverso rei Acabe, mas ele ali servia em grande temor e arriscando sua vida diariamente. Daniel serviu ao rei da Babilônia – não em honra e riqueza e prazeres do pecado, mas no covil de leões e com seu coração diariamente voltado em direção a Jerusalém. Alguns crentes podem ser chamados a servir e a ajudar os faraós deste mundo. A escolha com a qual os cristãos se deparam nem sempre é tão inflexível quanto a que estava diante de Moisés, já que o Faraó representava uma empresa explicitamente idólatra. As organizações a que o cristão serve (e pode até mesmo conduzir) hoje vão variar na piedade de seus fins e meios. Como Moisés, cada cristão terá de perguntar se ele ou ela está honrando a Deus ou o traindo, comprometendo-se com o pecado ou o reprimindo, e servindo a seu próximo ou explorando outro ser humano. Cristo chama seus seguidores a ser sal do mundo – e isso requer que a maioria dos cristãos trabalhe em instituições terrenas –, mas ele então os adverte contra perder o próprio sabor no processo (Mt 5.13). No caso de Moisés – conhecendo sua época e seu próprio coração –, a sua fé o chamou a tomar uma atitude sacrificial contra o mundo e pelo Senhor.

Moisés poderia ter feito alguma concessão para evitar uma escolha tão cara, uma decisão tão desagradável e uma separação tão custosa. Ele poderia ter sido Moisés, o israelita, na corte do Faraó. Mas ele certamente sabia que se o Senhor é Deus, ele tinha de servir a ele e não aos deuses do Egito. Se os hebreus eram o povo dele, então ele não podia usar as cores egípcias. Se a aflição como um escravo era o chamado dele, então ele não podia buscar prazer e honra. Esse era

o chamado de Moisés para a situação específica dele. Percebamos, contudo, como essa forma de pensar afeta grandemente toda a estrutura de nossa época relativista, nossa época de tolerância e nossa época de fé fácil, de sim e não juntos. Para o crédito eterno de Moisés, não houve para ele compromisso pela metade, nenhum comprometimento covarde, não houve olhar para trás em direção à cidade do prazer pecaminoso. Ele sabia que Tiago mais tarde iria dizer que Deus não irá recompensar o homem de ânimo dobre (Tg 1.8). Pela fé Moisés preferiu "ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir prazeres transitórios do pecado; porquanto considerou o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão" (Hb 11.25-26).

"Com Cristo"

Considere a extraordinária afirmação que Moisés compartilhou "o opróbrio de Cristo". Em que sentido podemos dizer que Moisés acreditava em Jesus, que veio tantos séculos mais tarde? Esse é um ponto importante para o escritor de Hebreus, já que o objetivo dele era motivar os leitores judaico-cristãos a seguir o exemplo de sofrimento pelo nome de Cristo por parte de Moisés.

Há algumas maneiras pelas quais podemos pensar em Moisés olhando para Cristo, a primeira das quais reconhece o paralelo nessa passagem entre o povo de Deus e o próprio Cristo. Em Hebreus 11.26 o mau tratamento com o povo de Deus é visto como, essencialmente, o mesmo que desgraça por causa de Cristo. Talvez o escritor de Hebreus tivesse em mente o salmo 89.50-51, que diz: "Lembra-te, Senhor, do opróbrio dos teus servos [...] com que, SENHOR, os teus inimigos têm vilipendiado, sim, vilipendiado os passos do teu ungido". "Ungido" é o que *Cristo* significa, e no salmo o termo é aplicado não a Jesus especificamente, mas ao povo de Deus.

Moisés não escolheu a aflição como tal, mas sim a aflição "com o povo de Deus". E que diferença essas poucas palavras fazem: a diferença entre tristeza e alegria, entre perda e o maior de todos os ganhos. Spurgeon escreve: "'Aflição' ninguém iria escolher; mas 'aflição com o povo de Deus' é aflição em gloriosa companhia. 'Com o povo de Deus': esse é o doce que mata o amargor da aflição".[6]

"Com o povo de Deus" é onde você sempre quer estar, porque é onde Deus está trabalhando como um propósito eterno. É onde os verdadeiros milagres são vistos, onde a graça salvadora é encontrada, onde flores desabrocham no deserto, onde flui um rio que alegra a Cidade de Deus, seja na bênção ou na aflição. Para a mentalidade da fé, "com o povo de Deus" é sempre o lugar para se estar, o local a que pertencemos e onde estaremos enquanto pudermos escolher. Se necessário for, estaremos com o povo de Deus como escravos no Egito, para que possamos também estar com eles como filhos nobres de Deus na glória para sempre.

Essa é uma forma de olhar para Moisés compartilhando da desgraça, mas para o escritor de Hebreus o "Cristo" sem sombra de dúvida significa o Senhor Jesus Cristo. O que ele defende é que a fé de Moisés era a fé em Jesus. Isso é algo claramente afirmado nos evangelhos. Quando

Natanael trouxe seu irmão Filipe para conhecer Jesus, ele o fez com estas palavras: "Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas: Jesus, o Nazareno, filho de José" (Jo 1.45). Mais tarde, Jesus disse aos judeus: "[...] se, de fato, crêsseis em Moisés, também creríeis em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito" (Jo 5.46). E no monte da transfiguração, quem estava de pé com Cristo e Elias, aparecendo em glória e falando acerca da cruz vindoura, senão Moisés (Lc 9.30)? Muito, ou quase tudo, do que Moisés veio a conhecer acerca de Jesus veio após sua decisão de deixar a casa do Faraó. Mas isto ele certamente sabia: que Deus iria enviar um Salvador para trazer um reino. Pela fé, ele também sabia que antes da coroa há uma cruz.

A desgraça de Moisés foi uma com a de Cristo. Ela se encaixou no padrão que Cristo mais tarde iria aperfeiçoar em obediência e sofrimento. "Ele sabia que os prêmios da terra eram desprezíveis comparados com a recompensa final dada por Deus"[7] – e essa é a maneira de Cristo, a maneira da comunhão nos sofrimentos dele. "Bem-aventurados sois", disse Jesus, "quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus" (Mt 5.11-12). Essa é a escolha que Moisés fez e a recompensa que ele buscava. Assim ele pôde dizer juntamente com Paulo em Filipenses 3.8: "Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo".

Essa é uma escolha que temos de fazer, e a fé a fará com sabedoria. Jesus disse: "Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus" (Mt 10.32). Confessar a Cristo sempre cobra um alto preço; significa não somente dizer sim para ele, mas também sim para a aflição do seu povo, e sim para a desgraça dele diante do mundo. A confissão também traz um não, pois Jesus também disse: "[...] quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim. Quem acha a sua vida perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa achá-la-á" (Mt 10.38-39). O sim e o não da fé em Cristo serão ricamente recompensados, pois em Cristo há maior riqueza do que em todos os tesouros desse mundo egípcio.

---

[1] Charles Haddon Spurgeon, "Moses' Decision", em *Metropolitan Tabernacle Pulpit*, 63 vols. (Pasadena Tex.: Pilgrim Publications, 1971), 18:427.
[2] G. A. F. Knight, citado em Peter Lewis, *God's Hall of Fame* (Ross-shire, U.K.: Christian Focus, 1999), 102.
[3] J. C. Ryle: *Holiness* (Darlington, U.K.: Evangelical Press, 1979), 138.
[4] Spurgeon, "Moses: His Faith and Decision", em *Metropolitan Tabernacle Pulpit*, 34:359.
[5] Ryle, *Holiness,* 139.
[6] Spurgeon, "Moses: His Faith and Decision", 357–58.
[7] William Barclay, *The Letter to the Hebrews* (Louisville: Westminster/John Knox, 1976), 157.

47

FÉ QUE FAZ A TRAVESSIA



Hebreus 11.27-29

Pela fé, ele abandonou o Egito, não ficando amedrontado com a cólera do rei; antes, permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível. Pela fé, celebrou a Páscoa e o derramamento do sangue, para que o exterminador não tocasse nos primogênitos dos israelitas. Pela fé, atravessaram o mar Vermelho como por terra seca; tentando-o os egípcios, foram tragados de todo. (Hb 11.27-29)

Hebreus apela para vários exemplos do Antigo Testamento, alguns positivos e outros negativos. O principal entre os exemplos negativos é a geração que deixou o Egito no êxodo. O escritor de Hebreus lidou com eles nos capítulos 3 e 4, repetidamente se referindo às reclamações e rebeliões deles. O texto principal dele foi o salmo 95, que advertia as próximas gerações contra a incredulidade: "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o coração, como em Meribá, como no dia de Massá, no deserto" (Sl 95.7-8; Hb 3.7-8).

O êxodo é o grande evento do Antigo Testamento e o paradigma neotestamentário dominante para a salvação cristã. Agora, em Hebreus 11, o autor, com seu registro sobre a fé, nos leva para o tempo de Moisés e a geração que ele conduziu para fora do Egito. Apesar das muitas falhas e rebeliões deles, aquela geração realizou sim um grande ato de fé: o êxodo em si e a passagem pelo mar Vermelho.

O foco desses versículos, contudo, está no próprio Moisés, o líder do povo de Deus no êxodo. O exemplo dele mostra que liderança piedosa é feita corajosamente pela fé, e que tal liderança é capaz de reproduzir sua fé na vida de outros.

Do medo para a fé

Hebreus 11.27 apresenta um problema exegético relacionado com a partida de Moisés do Egito. O versículo 27 diz: "Pela fé, ele abandonou o Egito, não ficando amedrontado com a cólera do rei; antes, permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível". A questão é: à que partida de Moisés o texto se refere? É a primeira partida, após ele ter matado um capataz egípcio (Êx 2.15), ou a partida que ocorre muito mais tarde no verdadeiro êxodo (Êx 12.33-51)?

Uma leitura inicial sugere a partida anterior, já que isso mantém os versículos na sequência histórica. O principal problema é que tal leitura parece contradizer o registro do Antigo Testamento. Êxodo 2.14 diz explicitamente que Moisés estava com medo, e o versículo 15 o

mostra “fugindo” do Faraó. Hebreus, porém, diz que ele não temeu a ira do rei quando fugiu, e por essa razão muitos comentaristas insistem que o texto tem de se referir à ocasião posterior. Entre esses estão João Calvino, John Owen e B. F. Westcott. De acordo com a visão deles, o texto tem de se referir ao tempo do êxodo, quando Moisés tão corajosamente se pôs de pé diante do Faraó e enviou as pragas de Deus.

Contudo, essa análise também tem problemas. Primeiro, se o versículo 27 se refere ao êxodo, ele está fora de ordem com o versículo 28, que menciona a guarda da Páscoa. O escritor de Hebreus tem seguido a progressão histórica direta, que agora seria quebrada.

Um segundo problema é muito mais sério. Por que o escritor de Hebreus sai de sua rota para defender a ideia de que Moisés não temeu o Faraó? Não há razão para mencionar a falta de medo de Moisés na referência ao êxodo, já que então o Faraó e os egípcios estavam suplicando aos israelitas que partissem. Entretanto, se o texto faz referência à partida anterior, nós vemos muito bem por que o escritor de Hebreus a menciona. Dada a importância da fé possuída por Moisés para o argumento geral dessa carta, o escritor buscaria explicar a afirmação do medo de Moisés em Êxodo 2.14. Sim, o relato de Êxodo diz que Moisés estava com medo, mas, ele esclarece, não deveríamos pensar que era medo do Faraó; a partida dele então foi pela fé, já que ele sabia que Deus o tinha chamado para libertar o povo. Na verdade, a tentativa abortiva de Moisés de fugir do povo tinha falhado; e, sim, Moisés ficou com medo, mas sua fé em Deus superou o seu medo e ele partiu para esperar pelo Senhor.

Seguindo esse raciocínio, o versículo 27 provavelmente se refere à partida anterior, quando Moisés tinha 40 anos de idade, servindo, portanto, como uma conclusão adequada para o que foi dito nos versículos 25 e 26. Cinco afirmações nesse registro de Moisés começam com as palavras “pela fé”, e juntas elas registram a vida e o ministério dele. Pela fé os seus pais o esconderam; pela fé ele preferiu o povo de Deus à casa do Faraó; pela fé ele deixou o Egito em direção a Midiã; pela fé ele guardou a Páscoa (o que resume todo o período de seu retorno como libertador); e pela fé ele conduziu o povo através das águas do mar Vermelho.

Essa interpretação do versículo 27 pode não estar certa, mas podemos ter certeza do que defende o escritor nesse versículo. Lembre-se de que essa carta foi escrita para cristãos judeus que passavam por perseguição – ou pelo menos estavam ameaçados de passar. Se o cenário era Roma, e a perseguição de César pudesse ser evitada por meio da renúncia a Cristo e do retorno ao judaísmo, então havia um impressionante paralelo entre a experiência de Moisés e a deles mesmos. O escritor de Hebreus está usando, portanto, esse exemplo para defender a ideia de que o medo deve ser enfrentado com a fé. Esse é um tema forte no relato de Moisés. Somos informados de que os pais dele o esconderam porque “não ficaram amedrontados pelo decreto do rei” (v. 23). Agora Moisés abandonou o Egito, não temendo a ira do rei, mas “como quem vê aquele que é invisível”. Da mesma forma, esses cristãos não devem recuar na hora de sua provação. Em face da perseguição de César, um rei em nada diferente do Faraó, eles têm de permanecer firmes em sua fé em Deus.

Como foi que Moisés permaneceu firme, e que os cristãos judeus podiam esperar fazer o mesmo? A resposta é dada no final do versículo 27: ele "permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível". É sempre assim que o povo de Deus triunfa sobre as circunstâncias ameaçadoras. Foi assim que Davi derrotou Golias. O gigante zombou do jovem Davi, mas ele respondeu: "Tu vens contra mim com espada, e com lança, e com escudo; eu, porém, vou contra ti em nome do SENHOR dos Exércitos" (1Sm 17.45). Foi assim que os três amigos de Daniel permaneceram firmes diante do rei da Babilônia, chegando ao ponto de serem lançados na fornalha de fogo ardente. Eles viram o seu Senhor – invisível à vista, mas evidente para a fé. Quando o rei os viu intocados em meio às chamas, ele bradou, maravilhado, que uma quarta figura que parecia com Deus estava com eles (Dn 3.25). Foi assim também que Moisés encarou seu antigo fracasso, o seu impulso para fugir em vez de lutar, e suas longas décadas esperando pelo tempo de Deus enquanto vivia no deserto. A afirmação desse princípio no Novo Testamento é dada por Paulo em 2Coríntios 5.7: "[...] andamos por fé e não pelo que vemos".

Um grande exemplo cristão vem do reformador escocês John Knox. Quando perguntado como ele pôde tão bravamente confrontar a rainha católica romana, Knox respondeu: "Uma pessoa não teme a rainha da Escócia quando tem estado de joelhos diante do Rei dos reis". Dizem que às vezes Napoleão chamava seus generais um por um antes de uma grande batalha para olhar nos olhos deles sem nada falar. Da mesma forma, o homem ou mulher de frequente comunhão com Deus na oração e na Palavra verá a face dele em meio à batalha; desse modo, achando coragem e forte incentivo para crer.

A fé guardando a Palavra de Deus

A afirmação de que Moisés viu "aquele que é invisível" pode estar apontando para a sarça ardente, o evento fantástico e essencial quando Moisés viu Deus pela primeira vez. A ênfase, contudo, parece ser numa contínua percepção espiritual. Isso está plenamente de acordo a ideia desse capítulo, que a fé é "convicção de fatos que se não veem" (v. 1). Moisés tinha certeza da promessa de Deus e, portanto, do futuro. Ele deixou o Egito esperando pelo tempo de Deus em que aquele futuro se tornaria real.

Sem dúvida, os anos de espera foram mais longos do que Moisés achava possível – ao todo 40 anos, como Atos 7.23 nos diz. Inicialmente a mudança de cenário pode ter sido reanimadora, mas dez anos e uma idade avançada devem ter sido para Moisés uma provação de sua fé. Quando os dez anos viraram 20, e depois 30 e finalmente 40, a confiança dele deve ter se esgotado, seu senso de chamado definhou numa obscura, se não amarga, memória. Mas Deus estava trabalhando com um propósito na vida dele, até que chegou o tempo de Moisés voltar. Peter Lewis comenta:

> Moisés teve de aprender a ser um servo e não um senhor, um profeta e não um príncipe, o amigo de Deus e não o Faraó. E assim Deus o despiu de suas vantagens e começou a sua aprendizagem na liderança espiritual. [...] Moisés

> passou seus primeiros 40 anos se tornando alguém, depois seus segundo 40 anos se tornando um ninguém e então Deus pôde usá-lo. [...] Foi um aprendizado na fé.[1]

Moisés, sem dúvida impressionado pela sarça ardente e o chamado dramático para voltar como libertador de Israel, voltou sabendo que a liderança dele tinha de ser marcada pela fé, pois foi a fé que deu a ele a paciência por aqueles longos e difíceis anos. Êxodo 4 a 10 mostra a corajosa confrontação com o rei do Egito, na qual ele envia uma praga após a outra contra o incrédulo Faraó. Hebreus 11.28 aponta para o fim do drama, a décima e última praga, dessa vez sobre os primogênitos. Deus tinha dito a Moisés:

> Ainda mais uma praga trarei sobre Faraó e sobre o Egito. Então, vos deixará ir daqui; [...] Cerca da meia-noite passarei pelo meio do Egito. E todo primogênito na terra do Egito morrerá, desde o primogênito de Faraó, que se assenta no seu trono, até ao primogênito da serva que está junto à mó, e todo primogênito dos animais. (Êx 11.1,4-5)

Assim foi celebrada a primeira Páscoa, à qual o versículo 28 refere-se como um incidente de grande fé por Moisés. Deus disse a Moisés que os israelitas deviam sacrificar um cordeiro sem defeito e espalhar o sangue dele sobre os umbrais de suas casas. O anjo da morte, vendo o sangue, passaria direto e a terrível praga não os visitaria (Êx 12.1-13). Isso foi feito sob a direção de Moisés, e Israel foi assim poupada, enquanto altos lamentos encheram as casas do Egito.

Há várias maneiras de ver a fé de Moisés em funcionamento aqui. Primeiro, as várias pragas opuseram os deuses visíveis do Egito contra o Deus invisível que estava por trás de Moisés. Um após o outro, os ídolos egípcios foram envergonhados nas pragas: Hapi, deus do Nilo, Heket, a rã, Amon-Rá, o deus sol. Esses e outros deuses egípcios foram zombados pelas várias pragas que Deus enviou: a praga de sangue no rio, a praga de rãs, a praga de trevas, e assim por diante. Moisés não temia um deus moldado de materiais visíveis, mas um Deus verdadeiro e invisível. Moisés acreditava na Palavra do Senhor, e ele e seu povo foram salvos. Faraó, no entanto, endureceu o seu coração, e por sua incredulidade ele e seu povo foram destruídos.

Não fica claro até que ponto Moisés percebeu o significado da primeira Páscoa. Foi dito a ele que o sangue do cordeiro faria com que o anjo destruidor passasse direto, e provavelmente, sem total compreensão, Moisés ainda assim agiu por fé. Parece ser esse o ponto principal desse versículo, que Moisés pela fé agiu em cuidadosa observância do que Deus havia dito. Dessa forma, quando colocamos juntos os versículos 27 e 28, nós vemos um claro contraste. A fé não teme e nem dá ouvidos ao mundo, aos poderes e governantes dele, mas a fé teme e ouve a Deus, obedecendo cuidadosamente toda a Palavra dele. Moisés guardou a Palavra de Deus, assim como foi dito a ele, e dessa maneira ele e inúmeros outros foram salvos da ira de Deus. O mesmo se aplica a todo o que ouve a Palavra de Deus e crê.

O cordeiro pascal

Outra forma de o versículo 28 falar de grande fé tem a ver com o sangue do cordeiro. Nós podemos imaginar os pensamentos dos egípcios quando os israelitas trouxeram os cordeiros para dentro de suas casas, quando os mataram e espalharam o sangue ao redor dos umbrais das portas. Eles estavam familiarizados com sacrifícios de animais, mas, como o Livro de Hebreus chama a atenção em 10.1-4, os israelitas devem ter percebido que o sangue de um animal indefeso não oferecia proteção, nenhuma ajuda real contra o que estava vindo. Eram os olhos da fé que viam outro sacrifício, um maior, um que é necessário por causa do pecado e que nos protege para sempre da ira santa de Deus.

Independentemente de quão bem a geração de Moisés compreendeu o pleno significado do cordeiro da Páscoa, a ligação seria bastante clara para os leitores cristãos dessa carta. Para eles ficaria clara a ideia que eles têm de ser salvos da mesma maneira que Moisés foi. A ira de Deus virá sobre a cidade do homem, e ela certamente cairá sobre os seus opressores ímpios. Mas, se eles quisessem escapar da morte que tal julgamento traz, como Moisés, eles teriam de ser achados seguros sob o sangue de Jesus Cristo. Philip Hughes explica a ligação:

> Assim como se exigia que o cordeiro da Páscoa fosse perfeito e sem mácula e que seu sacrifício fosse o momento do povo sair da escravidão para a liberdade, assim Cristo é o cumprimento de tudo o que foi simbolizado por esse evento: ele é "o Cordeiro de Deus" (Jo 1.29,36), "nosso Cordeiro pascal" (1Co 5.7), cujo precioso sangue redentor é "como de cordeiro sem defeito e sem mácula" (1Pe 1.19), e que por meio de sua morte destruiu o poder do diabo, nosso faraó espiritual, e nos libertou da escravidão de toda uma vida (Hb 2.14).[2]

Sendo esse o caso, o ato mais importante da fé é apropriar-se de Cristo como o Cordeiro de Deus para remover o nosso pecado e nos preservar contra a vinda da ira certa e santa de Deus. Hughes cita João Crisóstomo, que há muito disse:

> Se o sangue de um cordeiro então preservou os judeus ilesos em meio aos egípcios e na presença de uma destruição tão grande, muito mais seremos salvos pelo sangue de Cristo – o qual não foi borrifado nos umbrais de nossas portas, mas em nossa alma. Pois mesmo agora o destruidor ainda se move por aí na escuridão da noite; estejamos, entretanto, armados com o sacrifício de Cristo, já que Deus nos trouxe para fora do Egito, nos tirou das trevas e da idolatria.[3]

Foi a isso que Moisés se apegou pela fé no sangue do cordeiro pascal. Assim sendo, se esses cristãos judeus iam recorrer a Moisés em vez de a Cristo, à antiga em vez de à nova aliança, eles estariam abandonando aquilo por meio do que o próprio Moisés foi salvo: sua fé na obra de Cristo para a salvação.

Fé que faz a travessia

O versículo 29 conclui o relato de Moisés e sua geração ao falar da partida deles da terra do Egito: "Pela fé, atravessaram o mar Vermelho como por terra seca; tentando-o os egípcios, foram tragados de todo".

Esse relato é bem conhecido. Após a praga sobre os primogênitos, Faraó e todos os egípcios insistiram na partida de Israel, chegando até mesmo a suprir os israelitas com grandes riquezas para a jornada. No entanto, o coração do Faraó foi endurecido mais uma vez, e ele os perseguiu com suas carruagens. Os israelitas ficaram aterrorizados e clamaram contra Moisés dizendo que Deus estava permitindo a destruição deles. Moisés então deu sua maravilhosa resposta, uma que ressoa por toda a Bíblia, sendo ecoada pelos fiéis nas gerações por vir: "Moisés, porém, respondeu ao povo: Não temais; aquietai-vos e vede o livramento do SENHOR que, hoje, vos fará; porque os egípcios, que hoje vedes, nunca mais os tornareis a ver. O SENHOR pelejará por vós, e vós vos calareis" (Êx 14.13-14).

Dado o fato de que os egípcios vinham na direção deles pela retaguarda, e que diante deles estendia-se impassível o mar Vermelho, essa foi uma afirmação de fé e tanto. Moisés, entretanto, tinha aprendido que a promessa de Deus de libertar era certeza de sucesso. Foi pela fé que ele exortou o povo, e Deus recompensou Moisés com esta resposta:

> [...] levanta o teu bordão, estende a mão sobre o mar e divide-o, para que os filhos de Israel passem pelo meio do mar em seco. Eis que endurecerei o coração dos egípcios, para que vos sigam e entrem nele; serei glorificado em Faraó e em todo o seu exército, nos seus carros e nos seus cavalarianos; e os egípcios saberão que eu sou o SENHOR, quando for glorificado em Faraó, nos seus carros e nos seus cavalarianos. (Êx 14.16-18)

Aqui estava o ponto sem retorno, e, embora o povo necessitasse de estímulo, eles foram adiante em direção ao mar dividido. Assim como muitos outros crentes, eles não viram outra forma de escapar até que Deus a revelou aos olhos de sua fé.

Essa é uma das grandes imagens da salvação de Deus, uma salvação somente pela graça que, porém, exige de nós um passo adiante por meio da fé salvadora. Essa é a única maneira de alguém ser salvo: Deus providencia um meio de escapar da fúria intensa de sua ira. Isso nos aponta Jesus Cristo, que disse: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida" (Jo 14.6). Assim como o cajado de Moisés partiu as ondas, assim Jesus Cristo foi levantado "para que todo o que nele crê tenha a vida eterna" (Jo 3.14-15).

João Damasceno, escrevendo no século 8º, usou esse exemplo da graça salvadora de Deus como um incentivo para o louvor cristão:

> Vinde, vós fiéis, levantai a canção
> de alegria triunfante;
> Deus trouxe seu Israel
> da tristeza para a alegria;
> libertou do amargo jugo do Faraó
> os filhos e filhas de Jacó;
> conduziu-os sem que molhassem os pés
> através das águas do mar Vermelho.[4]

O próprio Moisés entendeu a passagem pelo mar Vermelho como uma libertação singular e célebre. Êxodo 15 registra a canção dele para o Senhor, uma canção que celebra uma graça soberana e uma poderosa salvação.

> Cantarei ao SENHOR, porque triunfou gloriosamente;
> lançou no mar o cavalo e o seu cavaleiro.
> O SENHOR é a minha força e o meu cântico;
> ele me foi por salvação; [...]
> O SENHOR reinará por todo o sempre. (Êx 15.1-2,18)

Essa é a conclusão correta, e o alvo do êxodo, que o povo de Deus o adore e coloque sua fé no poder salvador dele que os protegererá de todo adversário.

A salvação pela fé

Moisés foi uma figura fundamental em algumas das cenas mais dramáticas na história redentiva. Isso o torna digno de nosso estudo. Primeiro, devemos considerar Moisés como um líder. O aspecto-chave da liderança de Moisés, como ocorre com toda liderança cristã, foi a sua fé. O que, afinal, os líderes cristãos buscam, senão inspirar e instilar fé em outras pessoas? O sucesso de Moisés como um líder piedoso consistia não somente em sua própria salvação, mas na transmissão de sua fé para outros.

Moisés nos mostra o valor da liderança que inspira fé. Ele mesmo foi o recipiente desse tipo de inspiração. Nós vemos isso em José, que ordenou que seus ossos fossem levados do Egito no êxodo, como um lembrete intencional a seus descendentes da promessa de libertação feita por Deus. Moisés lembrou-se dessa promessa, porque quando partiu ele levou os ossos de José; a fé do patriarca deve ter produzido uma forte impressão nele. Os pais de Moisés também deram um forte exemplo de fé, e o impacto deles foi sentido por meio da fé de seu filho, que conduziu tantos outros à salvação deles. O exemplo de Moisés é um excelente lembrete para todo líder cristão durante sua vida daquilo que Paulo mais tarde escreveu a Timóteo: “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes” (1Tm 4.16).

Segundo, deveríamos refletir sobre a maneira como a fé serviu como o antídoto para o medo e o perigo. Esse é o ponto principal desses versículos em Hebreus 11. Já percebemos que essa passagem é poderosamente equivalente à situação dos leitores originais, já que eles estavam enfrentando perseguição. Moisés, como seus pais, deu um exemplo de coragem destemida em face do poder mundano. No entanto, o maior encorajamento vem no versículo 29, em que vemos Deus intervindo em favor de seu povo. John Owen corretamente comenta sobre a morte dos egípcios no mar Vermelho:

> Quando os opressores da igreja estão próximos de sua própria ruína, eles normalmente se enfurecem ainda mais, e são mais obstinados em suas perseguições cruéis. Assim é hoje entre os inimigos anticristãos da igreja. [...] Essa

> destruição dos egípcios, com a consequente libertação de Israel, foi um tipo e garantia da vitória e triunfo que a igreja terá sobre os adversários não cristãos.[5]

Terceiro e por último, o exemplo de Moisés deixa muito clara a diferença entre fé e incredulidade. A incredulidade teme o rei, encolhe-se diante dos poderes mundanos, assusta-se com a tribulação e a provação, desaba diante da pressão, da oposição e do perigo. Os olhos da fé, todavia, olham para este mundo com olhos muito diferentes. Antes de tudo, eles veem um Deus que é invisível. Outros podem não ver a Deus. Os nossos empregadores podem não ver a Deus e podem não considerar as realidades da justiça de Deus ao tomar decisões. Amigos, vizinhos e familiares podem não compreender as escolhas que os cristãos farão, simplesmente porque eles são cegos para a realidade e a glória de Deus. A fé, contudo, vê a Deus e nos liberta do temor de qualquer outro poder. A nossa oração deveria ser por todos aqueles que conhecemos, para que Deus abra os olhos deles, ao mesmo tempo em que oramos para que nós possamos ver, saber e agir na presença de Deus em nossa vida. Ver a Deus retira o medo, pois alguém mais poderoso que o Faraó está conosco. Como dirá o escritor de Hebreus no capítulo 13: "Porque [Deus] tem dito: De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei. Assim afirmemos confiantemente: O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem?" (Hb 13.5-6).

A fé nos permite olhar para este mundo e vê-lo da maneira que Deus o vê. O nosso mundo está sob juízo; assim como o destruidor dos primogênitos uma vez visitou o Egito, assim a ira santa de Deus deve, no fim, visitar toda a impiedade. É isso que as águas do mar Vermelho simbolizaram: o juízo de Deus derramado sobre os inimigos dele, destruindo-os e lançando-os para sempre no abismo de trevas da morte. As mesmas águas que salvaram Israel destruíram os egípcios. É isso que o Novo Testamento diz acerca do evangelho, que é descrito como uma espada de dois gumes (Hb 4.12; Ap 1.16). Para uns é um cheiro de vida, mas para outros, um cheiro de morte (2Co 2.16). É isso que Pedro disse em sua primeira carta, em que ele refere-se a Cristo como a pedra angular do templo espiritual de Deus. "Para vós outros, portanto, os que credes", escreveu ele, citando o profeta Isaías, essa pedra "é a preciosidade; mas, para os descrentes [...] Pedra de tropeço e rocha de ofensa" (1Pe 2.7-8). Aqui vemos a diferença entre fé e incredulidade no evangelho.

As águas do mar Vermelho são um símbolo especialmente adequado à segunda vinda de Cristo, assim como eram as águas do dilúvio de Noé. Assim como a travessia do povo de Deus pelo mar, a vinda de Cristo trará bênção sobre o seu povo e ao mesmo tempo trará juízo sobre os inimigos deles. Como Paulo escreveu a outro grupo de cristãos perseguidos, Deus será vingado naquele dia por vir:

> Quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder, quando vier para ser

> glorificado nos seus santos e ser admirado em todos os que creram, naquele dia (porquanto foi crido entre vós o nosso testemunho). (2Ts 1.7-10)

Que diferença a fé faz! Ela agora significa a diferença entre o medo e a perseverança corajosa – o mesmo de que os cristãos primitivos necessitavam e de que nós tanto necessitamos hoje. Entretanto, ela terá um significado ainda maior naquele grande dia por vir quando os céus se partirem, como uma vez ocorreu com o mar Vermelho, e Jesus voltar para trazer salvação àqueles que confiaram nele e juízo sobre o mundo que o rejeitou. "Certamente, venho sem demora", ele diz já no final da Bíblia. E todos aqueles que olham para ele com fé, afligidos neste mundo, mas não destruídos, clamam em resposta: "Amém! Vem, Senhor Jesus!" (Ap 22.20).

---

[1] Peter Lewis, *God's Hall of Fame* (Ross-shire, U.K.: Christian Focus, 1999), 105.
[2] Philip E. Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), 150.
[3] *Ibid.*, 151.
[4] João Damasceno, "Come, Ye Faithful, Raise the Strain", trad. John Mason Neale, 1853. [Em inglês: "*Come, ye faithful, raise the strain/ of triumphant gladness;/ God hath brought his Israel/ into joy from sadness;/ loosed from Pharaoh's bitter yoke/ Jacob's sons and daughters;/ led them with unmoistened foot/ through the Red Sea waters*".]
[5] John Owen, *An Exposition of the Epistle to the Hebrews*, 7 vols. (Edimburgo: Banner of Truth, 1991), 7:174.

48

FÉ QUE CONQUISTA



Hebreus 11.30-40

> *Ora, todos estes que obtiveram bom testemunho por sua fé não obtiveram, contudo, a concretização da promessa, por haver Deus provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados.* (Hb 11.39-40)

Finalmente chegamos ao último dos exemplos de fé do Antigo Testamento. Os versículos que finalizam Hebreus 11 fazem referência ao último versículo de Hebreus 10, em que o escritor diz desses cristãos perseguidos: "Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma" (Hb 10.39). A salvação é por meio da fé; fracassar em crer ou recuar da fé por causa de dificuldades ou da oposição leva ao juízo e à destruição. Foi isto que motivou o escritor de Hebreus em todos esses estudos sobre a fé: não apenas contos encorajadores e interessantes, mas uma questão de vida ou morte eterna. Agora ele resumidamente oferece dois últimos exemplos – Josué e Raabe – seguidos por uma lista de outros cuja fé conquistou e suportou até o fim.

Os muros caem

O versículo 30 aponta para um famoso exemplo de fé que conquista por meio do poder de Deus, a saber, a queda de Jericó sob a piedosa liderança de Josué. O escritor de Hebreus avança 40 anos após a ocasião de seu último exemplo, pulando intencionalmente a rebelião daqueles que pereceram no deserto, a quem ele mais cedo empregou como um exemplo de incredulidade. Quarenta anos se passaram após a travessia do mar Vermelho antes que finalmente Deus trouxesse Israel para a Terra Prometida. Moisés morreu com 120 anos, e Josué, filho de Num, assumiu como líder de Israel. O Livro de Josué, que traz esse relato, começa com a transferência de autoridade. Em uma famosa passagem, Deus deu a Josué a incumbência para a liderança e também para a fé: "Sê forte e corajoso, porque tu farás este povo herdar a terra que, sob juramento, prometi dar a seus pais. [...] Sê forte e corajoso; não temas, nem te espantes, porque o SENHOR, teu Deus, é contigo por onde quer que andares" (Js 1.6,9).

O primeiro desafio de Josué foi capturar a cidade-fortaleza de Jericó, que dominava a entrada para a terra de Canaã, é por isso que Hebreus 11.30 relembra a sua fé. A primeira ação de Josué rumo a seu objetivo foi enviar espias para reconhecer a posição do inimigo, e esses espias seriam os veículos pelos quais o nome de Raabe é ligado ao de Josué.

Antes da batalha, Josué encontrou uma misteriosa figura que se autodenominou "o comandante do exército do SENHOR". Muitos o identificam como o Cristo pré-encarnado. Primeiro, ele afirma que o Senhor havia entregue Jericó nas mãos de Josué. Mas então vieram instruções que devem ter parecido bizarras: fazer com que as pessoas simplesmente marchassem ao redor da cidade por sete dias, no sétimo dia tocar as trombetas, após o que as muralhas cairiam (Js 6.3-5). Josué e o povo sob ele fizeram exatamente como lhes foi mandado e, assim como Deus havida dito, quando as trombetas soaram, os muros caíram e os israelitas passaram a cidade ao fio da espada (Js 6.20-21).

O versículo 30 celebra isso como um grande momento no registro da fé: "Pela fé, ruíram as muralhas de Jericó, depois de rodeadas por sete dias". Isso é a fé confiando na promessa de Deus e obedecendo cuidadosamente os mandamentos que ele deu. Talvez tenhamos aqui o clássico retrato de fé evocando o poder de Deus, e a partir disso os cristãos há muito chegaram à conclusão que João Crisóstomo expressou na igreja antiga: "Com certeza o som de trombetas é incapaz de derrubar pedras, ainda que fossem soadas por 10.000 anos, mas a fé pode fazer todas as coisas".[1]

Casada com a bravura de Josué está a fé de Raabe, uma prostituta canaanita: "Pela fé, Raabe, a meretriz, não foi destruída com os desobedientes, porque acolheu com paz aos espias" (Hb 11.31). Antes da batalha, os espias de Josué haviam sido detectados pelos líderes de Jericó, e Raabe os escondeu pondo a própria vida em risco. Um comentarista diz sobre ela: "No momento [...] parecia que não havia nem uma chance em um milhão de os filhos de Israel capturarem Jericó. Esses nômades do deserto não tinham artilharia e nem mecanismos de cerco. Raabe, no entanto, creu – e apostou todo o seu futuro na fé de que Deus tornaria possível o impossível".[2] Raabe explicou o porquê: "Bem sei que o SENHOR vos deu esta terra, [...]. [...] temos ouvido que o SENHOR secou as águas do mar Vermelho diante de vós, quando saíeis do Egito; [...] porque o SENHOR, vosso Deus, é Deus em cima nos céus e embaixo na terra" (Js 2.9-11). Com base nessa fé, Raabe pediu aos espias que garantissem a sobrevivência dela quando a cidade fosse tomada. Ela combinou de amarrar um cordão escarlata em sua janela para marcar a casa dela. Embora não haja evidência com respeito ao que Raabe pretendia com a escolha da cor, os comentaristas cristãos há muito compreendem o cordão escarlata como um tipo do sangue expiador de Jesus. Um dos comentaristas mais antigos da igreja, Clemente de Roma, escreveu que esse sinal prefigurava "que por meio do sangue do Senhor todo aquele que confia e espera em Deus terá redenção" (1Clem 12.7).

Josué e Raabe formaram um belo par! Eles eram completamente diferentes de tantas formas importantes. Josué era um homem, um israelita, sucessor de Moisés como líder de Israel e o conquistador de Jericó. Raabe era uma mulher, membro da raça amonita amaldiçoada, uma prostituta e uma cidadã da cidade condenada. Eles só tinham uma coisa em comum: acreditavam no Senhor e confiavam no poder dele para salvar. Centenas de anos depois, nós olhamos para

trás e nenhuma dessas diferenças parece ter a mínima importância. O que conta é a fé que possuíam e a salvação que receberam por meio dela.

Fé que conquista

Nesse ponto, parece que o escritor de Hebreus olha onde ele está em sua narrativa, avalia o vasto território bíblico que tinha coberto nesse capítulo, olha para frente para tudo o que espera relatar, e decide que é hora para uma mudança de estratégia. É confortador saber que eu não sou o único pregador cujas ambições são refreadas pelas restrições de tempo, e talvez pelo curto tempo de atenção da audiência. O versículo 32 nos diz: "E que mais direi? Certamente, me faltará o tempo necessário para referir o que há a respeito de Gideão, de Baraque, de Sansão, de Jefté, de Davi, de Samuel e dos profetas". Por falta de tempo para essas grandes histórias de fé, o autor simplesmente menciona os nomes dos heróis dessas histórias e, nos versículos restantes do capítulo, conta novamente algumas das variadas proezas de fé. O que ele quer dizer é que o Antigo Testamento está cheio de relatos de fé, e cada um deles é suficiente para nos inspirar à imitação. Essa seção final pode ser dividida em duas categorias: nos versículos 32-35a, nós vemos a fé tendo sucesso na superação de obstáculos, e nos versículos 35b-38 a fé é demonstrada obtendo conquista por meio da perseverança em face de grande sofrimento.

Vamos começar examinando essa lista de seis grandes nomes. Gideão deu a Israel a vitória sobre os midianitas com sua força de apenas 300 homens. Obedecendo o mandamento de Deus, ele os armou com tochas e jarras de barro; quando as trombetas soaram, eles despedaçaram os jarros, e Deus fez com que os inimigos entrassem em pânico (veja Jz 7). Junto ao nome dele está o de Baraque, outro líder que uniu as tribos em sua vitória contra Sísera e o poderoso exército canaanita de carruagens.

Em seguida vem Sansão e Jefté, também do livro de Juízes. O voto insensato de Jefté custou a vida de sua filha, mas ele também foi um homem de fé. Apesar de seu início como um filho rejeitado e sua carreira posterior como um bandido, por meio da fé ele conduziu as tribos na batalha contra os amonitas. Sansão dificilmente foi um modelo de virtude; ele é especialmente conhecido por sua fraqueza fatal por mulheres estrangeiras. Entretanto, ele pertence a essa lista de heróis da fé por causa de sua guerra de um homem só contra os filisteus, e especialmente pela forma como terminou sua vida, atingindo pela fé, em sua morte, o que tinha falhado em fazer durante sua vida por causa da incredulidade.

Finalmente, temos dois grandes heróis do Antigo Testamento, Davi, o rei, e Samuel, o profeta. A longa carreira de Samuel como juiz e profeta foi crucial, servindo de ponte entre os anos de desordem sob os juízes e a primeira monarquia que ele tanto fez para criar. Até mesmo o nascimento dele conta uma história de grande fé, com sua mãe estéril, Ana, clamando a Deus por ajuda e oferecendo o filho dela para o serviço do Senhor. Sem o ministério fiel de Samuel, Israel com certeza teria caído em desordem, os filisteus o teriam subjugado e Davi teria morrido como um pastor desconhecido.

O nome mais reconhecido nessa lista é o de Davi, o maior de todos os reis de Israel: um homem segundo o coração de Deus (1Sm 13.14), que matou o gigante Golias pela fé e cuja carreira é um dos tipos de Jesus Cristo no Antigo Testamento. Embora Davi fosse um grande pecador, ele também foi o homem de fé fundamental do Antigo Testamento.

Após passar por essa lista de nomes, o escritor de Hebreus volta-se em seguida para os poderosos atos que a fé capacitou esses e outros a fazer. A lista está organizada em três grupos de três, começando no versículo 33: "os quais, por meio da fé, subjugaram reinos, praticaram a justiça, obtiveram promessas". O número de guerreiros nessa lista de nomes que acabamos de estudar talvez leve o escritor a afirmar primeiro que pela fé eles "subjugaram reinos". Certamente se poderia dizer isso de Josué, Davi e Salomão. De fato, a vitória na batalha foi provavelmente a realização mais comum produzida pela fé durante esse período primitivo da história de Israel.

É bastante possível, porém, ser bem-sucedido na batalha pela justiça no Senhor. Por isso, nós lemos que esses heróis "praticaram a justiça" também. O texto grego diz literalmente que eles "estabeleceram justiça". Com certeza essa era uma marca dos juízes e reis fiéis de Israel. Eles não simplesmente ganharam batalhas, mas também serviram a Deus ao estabelecer a justiça dele dentro de seus domínios. Essa sempre é uma marca de liderança piedosa, como foi dito de Davi: "Reinou, pois, Davi sobre todo o Israel; julgava e fazia justiça a todo o seu povo" (2Sm 8.15).

Por causa da fé, esses crentes "obtiveram promessas". Uma das ênfases nesse capítulo é a ideia que se encontra no versículo 39: "Ora, todos estes que obtiveram bom testemunho por sua fé não obtiveram, contudo, a concretização da promessa". Isso também é afirmado no versículo 13, que a fé cristã olha para as promessas que só serão plenamente cumpridas no céu. Mas também é verdade que esses heróis da fé viram muitas promessas se cumprirem. Josué viu as muralhas caírem; Raabe foi salva da morte; Davi foi feito rei como prometido; e assim por diante. A experiência deles nos encoraja a confiar que nossa fé nas grandes promessas do evangelho será cumprida no tempo de Deus, assim como o foram as promessas deles.

O segundo trio de realizações ocorre do versículo 33 ao 34: eles "fecharam a boca de leões, extinguiram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada". Davi e Sansão mataram leões, mas parece que esse texto diz respeito a Daniel, que recusou o edito do rei de parar de adorar o Senhor. Quando Daniel foi lançado na cova dos leões como punição, Deus fechou a boca dos leões e ele saiu ileso. Os três amigos dele, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, semelhantemente se recusaram a obedecer a ordem do rei de negar a Deus. Quando eles foram jogados na fornalha, Deus foi com eles. Ele os protegeu e saíram ilesos. Certamente o escritor de Hebreus nos encorajaria a lembrar o grande testemunho de fé por parte deles: "Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos, ele nos livrará da fornalha de fogo ardente e das tuas mãos, ó rei. Se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a imagem de ouro que levantaste" (Dn 3.17-18).

O versículo 34 acrescenta que outros "da fraqueza tiraram força" por meio da fé. Aqui Sansão vem à mente, tendo sido privado de sua força em razão de sua insensatez, mas a recuperando no final por meio da fé. Esse é um tema bíblico comum, mas um exemplo notável é Josafá, que "[fez-se] poderos[o] em guerra, [pôs] em fuga exércitos de estrangeiros" (Hb 11.34). Quando confrontado por um vasto exército inimigo invasor, Josafá se pôs de pé diante de Deus na assembleia da nação. Adorando a Deus por seu poder, ele salientou a ameaça dos exércitos invasores e concluiu: "Ah! Nosso Deus, acaso, não executarás tu o teu julgamento contra eles? Porque em nós não há força para resistirmos a essa grande multidão que vem contra nós, e não sabemos nós o que fazer; porém os nossos olhos estão postos em ti" (2Cr 20.12). A Escritura continua: "Todo o Judá estava em pé diante do SENHOR, como também as suas crianças, as suas mulheres e os seus filhos" (2Cr 20.13). Josafá olhou para Deus em sua fraqueza e achou força. O Senhor enviou um profeta para responder a esse grande e piedoso rei: "Não temais, nem vos assusteis por causa desta grande multidão, pois a peleja não é vossa, mas de Deus" (2Cr 20.14-15). Se foi assim que Deus trabalhou no passado, é assim também que o encontraremos operando hoje se tão somente olharmos para ele com o mesmo tipo de fé.

O escritor de Hebreus completa sua enumeração de realizações dizendo: "Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos" (Hb 11.35). Essa afirmação fala de dois eventos, um do ministério de Elias e o outro do de Eliseu. Elias havia procurado abrigo com a viúva de Sarepta, uma mulher da pagã Sidom. Ela havia confiado em Deus ao obedecer as várias ordens do profeta, e por meio da fé ela recebeu essa maravilhosa demonstração da bênção de Deus (1Rs 17). Em contraste com a viúva de Sarepta, Eliseu recebeu ajuda de uma mulher rica que fora incapaz de gerar um filho. Deus a abençoou com um filho, mas, quando ele posteriormente morreu, ela buscou o profeta para pedir a intervenção de Deus. Por meio da fé dela no ministério de Eliseu, um ministério que simbolizava o de Cristo, o filho dela foi restaurado à vida (2Rs 4).

A ideia por trás de tudo isso é que pela fé o povo de Deus alcançou o que de outra forma nunca conseguiria. De maneiras abertamente milagrosas, bem como de maneiras sutis e secretas, o Senhor opera seu grande poder em favor daqueles que confiam nele. Poderíamos fazer essa colocação na forma de uma pergunta: Como podemos superar grandes obstáculos? Como nós, que somos tão fracos, encontramos a força que as nossas circunstâncias exigem? O que devemos fazer para superar tragédias? A resposta para todas essas perguntas é a mesma. O povo de Deus deve ter fé nele, encontrando libertação, poder e ressurreição no Deus em quem cremos e confiamos.

A fé suportando o sofrimento

Se a descrição da fé fosse parar exatamente aqui, ela poderia nos deixar com a perigosa falsa impressão de que a fé nos livra do sofrimento neste mundo. Esse é o tipo de coisa que muitas vezes ouvimos hoje, que, se tão somente tivermos fé suficiente, nunca precisamos ficar doentes, ou pobres, ou atribulados de forma alguma. Contudo, os versículos 35-38 refutam tal

pensamento, nos falando de "outros", ou seja, de pessoas que confiaram em Deus, mas foram sujeitas às maiores provações. A fé deles, contudo, não foi menos triunfante, pois ela os capacitou a honrar a Deus por meio da fiel resistência até o fim:

> Alguns foram torturados, não aceitando seu resgate, para obterem superior ressurreição; outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, até de algemas e prisões. Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos a fio de espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados (homens dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra. (Hb 11.35-38)

A primeira afirmação é dramática, a saber, que alguns dos fiéis foram torturados até a morte e se recusaram a ganhar sua libertação por meio da negação da fé. É provável que o escritor tenha em mente os mártires macabeus. Esses foram judeus do 2º século antes de Cristo que resistiram ao rei selêucida Antíoco Epifânio, que os perseguiu exigindo que comessem carne suína e sacrificassem aos deuses gregos. Uma descrição no livro apócrifo de 2Macabeus casa com a palavra grega característica para tortura em nossa passagem (*tympanizō*), uma palavra que significa ser esticado sobre uma estrutura e espancado. A cena que o termo descreve era bem conhecida na época do autor: a tortura e assassinato de sete irmãos em série, cada um dos quais se recusou a negar o Senhor. As torturas brutais são graficamente descritas e incluem escalpar, mutilação, arrancar a língua e fritar nas chamas, a maior parte das quais ocorriam enquanto eles estavam esticados sobre a roda de uma catapulta.

Como nossa passagem descreve, esses sete irmãos aceitaram a morte deles em vez de renunciar à sua fé, especificamente por causa de sua esperança numa ressurreição – uma melhor do que a experimentada nas mãos de Elias e Eliseu, que restauraram da morte apenas para este mundo, mas uma ressurreição para a vida eterna no mundo por vir. Um dos irmãos disse aos seus atormentadores: "O Rei do universo, por morrermos pelas suas leis, nos ressuscitará para uma vida eterna e renovada" (2Mac 7.9). O último dos irmãos a morrer confiantemente se voltou para o rei perverso e lhe assegurou que seus irmãos, embora mortos, "depois de terem suportado um breve sofrimento, alcançaram a vida eterna, em virtude da aliança com Deus" (veja 2Mac 7.36).

Esse tipo de sacrifício e fidelidade é incompreensível para o homem que não conhece a Deus. Contudo, para os olhos da fé ele é considerado uma barganha justa, ainda que desagradável, até mesmo um privilégio e honra sofrer por causa de Deus. Outro escritor judeu daquela época coloca assim:

> Mas as almas dos justos estão nas mãos de Deus, e eles não sofrerão nenhum castigo. Os insensatos imaginam que os justos estão mortos, pensam que a morte destes é uma desgraça e que a sua separação de nós é uma calamidade; mas a verdade é que eles estão em paz. Aos olhos dos homens, os justos estão a ser castigados, mas estes têm a firme esperança de ser imortais. (Sabedoria de Salomão 3.1-4)

Hebreus 11.36 fala daqueles que foram ridicularizados, acorrentados e colocados na prisão. Podemos pensar num número muito grande de profetas que sofreram isso, assim como o nosso

Senhor Jesus. O versículo 37 fala daqueles que foram apedrejados (como o foram muitos dos fiéis e especialmente os profetas), ou serrados ao meio (a tradição afirma que foi assim que o profeta Isaías morreu nas mãos do rei ímpio Manassés), ou condenados à morte pela espada (como o apóstolo Tiago). "Andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados [...] errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra" (Hb 11.37-38). Pode ser que o autor tivesse os Macabeus em mente, pois isso é especificamente afirmado acerca deles (1Mac 2.28; 2Mac 5.27; 10.6), embora essas coisas também se aplicassem a Elias e Eliseu.

Finalmente, temos essa exposição incompleta: "homens dos quais o mundo não era digno" (Hb 11.38). Esses homens e mulheres foram considerados inadequados pelo mundo por causa de sua fé em Deus, quando na realidade este mundo – por causa de sua incredulidade – não era um local adequado para eles. "Por isso", Hebreus 11.16 nos diz, "Deus não se envergonha deles, de ser chamado o seu Deus, porquanto lhes preparou uma cidade". Quão bem eles nos fazem lembrar de que, como o apóstolo João escreve: "[...] o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente" (1Jo 2.17).

Um panorama de fé

O centro de visitantes no campo de batalhas Gettysburg apresenta um panorama representando o que ocorreu lá, um retrato circular dentro do qual um observador pode ficar de pé para ver todo o drama da batalha. O nosso escritor fez a mesma coisa por nós nesses versículos. Aqui nós nos colocamos de pé dentro da história bíblica, entre os heróis da fé, e vemos o que a fé traz e o que ela pode fazer. O que João disse no fim de sua primeira carta seria uma inscrição mais do que adequada: "[...] esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé" (1Jo 5.4).

A partir desse panorama, nós podemos traçar quatro conclusões finais. A primeira é que o que importa não são as circunstâncias em que nos encontramos, mas nossa fé em Deus. Deveria ser óbvio que a fé cristã não nos garante conforto neste mundo. Sim, Deus nos livra de algumas tribulações, mas outras vezes ele nos livra em meio à tribulação. O fiel Elias foi poupado da ira de Acabe, mas muitos outros profetas fiéis morreram pela espada do rei (1Rs 19.10). Jeremias escapou do ódio do rei Jeoaquim, mas Urias – seu colega profeta – não escapou. Se Deus enviou um anjo para romper os grilhões de Pedro, ele também permitiu que Tiago – um dos três discípulos mais achegados a Jesus – morresse por ordem de Herodes. Compreenda, então, que Deus pode nos colocar de um lado ou de outro desse registro: do lado daqueles que tiveram sucesso na conquista ou do lado daqueles que conquistaram na derrota. O que importa não são as circunstâncias – nem a bênção nesta vida, nem as provações. O que importa é a fé por meio da qual podemos obter conquistas em todas as circunstâncias por meio do sangue de Cristo.

Segundo, a fé basta enquanto esperamos pelo cumprimento das promessas de Deus. Muitas bênçãos vêm para o cristão nesta vida, mas o grande ponto de todo esse capítulo é aquele

encontrado no versículo 39: “Ora, todos estes que obtiveram bom testemunho por sua fé não obtiveram, contudo, a concretização da promessa”. Isso se deve em parte porque as promessas de Deus estão além do que pode ser recebido nesta existência mortal. Não é na carne, mas na glória que estamos aptos a receber o que Deus tem para nós: “Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam” (1Co 2.9). Dessa forma nós somos encorajados em nossa fé, sabendo que logo à frente está um eterno peso de glória; além da cruz há uma coroa. O que temos enquanto esperamos, muitas vezes em grande dificuldade? A fé basta para o homem ou mulher de Deus, pois a fé percebe e torna real as coisas que ainda são invisíveis.

Terceiro, e esse é provavelmente o ensino principal que o escritor de Hebreus tinha para seus leitores originais – tempos de provação, em especial, exigem fé. Essa carta foi escrita para aqueles tentados a retroceder por causa da perseguição. Mais cedo, o escritor os lembrou de um tempo quando os seus próprios heróis sofreram algumas das coisas registradas nessa passagem. Somente aqueles que permanecem firmes na fé, mesmo em dificuldade, se juntam a essa lista de salvação. De fato, é isso que as provações produzem: elas testam e aferem a nossa fé, elas queimam a escória para que o que reste seja puro e glorioso para Deus. Jonathan Edwards corretamente comenta: “A divina excelência do verdadeiro cristianismo nunca é exibida com uma vantagem tal como quando passa pelas maiores provações; é então que a verdadeira fé aparece muito mais preciosa do que o ouro”.[3]

Nas provações, somos encorajados pelo conhecimento do sofrimento de Cristo por nós e pelo laço inquebrável com ele por meio de nossa fé. É por isso que Paulo pôde escrever:

> Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? Como está escrito: Por amor de ti, somos entregues à morte o dia todo, fomos considerados como ovelhas para o matadouro. Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. (Rm 8.35-37)

Quarto, e finalmente, lembremo-nos de que no fim, quando tudo o mais se for, o que importará é a nossa fé. Somente pela fé é que somos salvos. Olhe para trás, para a lista de nomes, e para aqueles associados com essas descrições, e pense na grande variedade que há entre eles. Alguns eram judeus, outros não. Alguns eram ricos e outros eram pobres. Alguns eram homens, algumas eram mulheres; alguns eram amados, alguns odiados; alguns eram bem-sucedidos, alguns não. O que, então, colocou o nome deles nessa lista abençoada dos amados de Deus? É somente uma coisa: fé. Um dia iremos olhar para trás e ver quão insignificantes são tantas coisas que achamos tão importantes agora – nossas roupas, nossos carros, nossas casas, nossa reputação – assim como olhamos para trás, para os heróis de Hebreus 11, e percebemos que a fé que possuíam é tudo o que realmente importava. Com fé ganhamos Cristo e sua cruz, o perdão dos pecados e a vida eterna; sem fé somos deixados para perecer com as coisas inúteis deste mundo.

Você é rico? Pobre? Popular? Desprezado? Respeitado ou menosprezado? Em quê isso importará, comparado à sua fé? Trabalhe, então, para o tesouro eterno por meio da fé, que acima de tudo é preciosa, porque por meio da fé a sua alma será salva. O mártir do século 20 Jim Elliot estava correto quando disse: "Não é tolo aquele que dá o que não pode guardar, para ganhar o que não pode perder".

Esta é a nota na qual nossa passagem conclui: "Ora, todos estes que obtiveram bom testemunho por sua fé" (Hb 11.39). Ela literalmente diz: "Esses foram autenticados por sua fé". Em outras palavras, os nomes deles só estão escritos aqui por causa da fé que possuíram, e o mesmo se aplica ao Livro da Vida no céu, onde os nomes deles também se encontram. É somente pela fé em Cristo que somos salvos, e consequentemente temos os nossos nomes registrados na lista dos redimidos. No dia do julgamento é isso o que vai importar, e então de fato a fé será mais preciosa do que o ouro.

Esses homens e mulheres de fé morreram sem receber tudo o que tinha sido prometido. O versículo 40 conclui: "Por haver Deus provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados". A palavra-chave é "superior". Ela é a chave para todo o livro de Hebreus, que fala de coisas superiores em Cristo – um plano superior, um sacerdote superior, uma aliança superior, um sacrifício superior, sangue superior, uma casa eterna superior. Esses heróis da fé estavam esperando para ver todas essas coisas que são superiores – coisas que só podem ser vistas pela fé em Jesus Cristo. Se esses santos do Antigo Testamento puderam crer não tendo visto Cristo – conhecendo somente sombras e não a realidade – nada vendo parecido com a clareza com que vemos o preço de nossa redenção pela cruz –, então quanto mais fé devemos ter do que eles, nós que somos chamados pelo próprio nome dele? Calvino escreve: " Uma pequena centelha de luz os levou para o céu, mas agora que o Sol da justiça brilha sobre nós que desculpa daremos se ainda nos apegarmos à terra?"[4] Longe de concluir a partir desse grande capítulo que nossas circunstâncias exigem uma menor fé, o que ele defende é que nosso maior privilégio traz uma maior responsabilidade. À luz da cruz de Cristo, é assim que todo coração crente deve responder:

> Quando eu contemplo a maravilhosa cruz
> na qual o Príncipe da glória morreu,
> meu ganho mais rico eu reduzo a perda
> e faço derramar todo o meu orgulho.
>
> Proíba, Senhor, que eu me glorie,
> a não ser na morte de meu Cristo, meu Deus!
> Todas as coisas que me encantam mais,
> eu as sacrifico ao seu sangue.[...]
>
> Toda a minha natureza,
> *é um presente muito insignificante;*
> amor tão surpreendente, tão divino,

exige minha alma, minha vida, meu tudo.[5]

---

[1] Citado em Philip E. Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), 502.
[2] William Barclay, *The Letter to the Hebrews* (Louisville: Westminster/John Knox, 1976), 161–62.
[3] Jonathan Edwards, *The Religious Affections* (Edimburgo: Banner of Truth, 1961), 21–22.
[4] João Calvino, *New Testament Commentaries*, 12 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), 12:185–86.
[5] Isaac Watts, "When I Survey the Wondrous Cross", 1707, 1709. Trad.: http://paulofranke-historiasdoshinos.blogspot.com.br/2013/09/when-i-survey-wondrous-cross-isaac-watts.html. [Em inglês: "*When I survey the wondrous cross/ on which the Prince of glory died,/ my richest gain I count but loss,/ and pour contempt on all my pride.// Forbid it, Lord, that I should boast,/ save in the death of Christ my God:/ all the vain things that charm me most,/ I sacrifice them to his blood. (...)// Were the whole realm of nature mine,/ that were a present far too small;/ love so amazing, so divine,/ demands my soul, my life, my all*".]

49

FÉ FIXA EM JESUS



Hebreus 12.1-3

> [...] *também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus.* (Hb 12.1-2)

Foi dito corretamente que a história de nossa vida somente é terminada na vida de outras pessoas, outras que amamos e guiamos, influenciamos e inspiramos. O mesmo pode ser dito do grandioso capítulo 11 do livro de Hebreus, que só é terminado no capítulo seguinte, no qual o exemplo desses heróis da fé chega até nós. O alvo do capítulo 11 não era mera história, mas exortação. É por isso que o capítulo 12 começa com a palavra-chave, "portanto", exigindo que lidemos com as implicações do que aprendemos, aplicando as lições de fé para nossa própria vida.

O contexto da vida cristã

Há quatro coisas que deveríamos notar a partir dessa passagem, começando com o contexto da vida cristã. Muitas vezes é dito que o contexto é a chave para a interpretação, a questão então é esta: qual é o contexto, qual é o cenário, em que você, como cristão, deveria interpretar sua vida? Você imagina a si mesmo vivendo em meio à sociedade secular – com seu testemunho de materialismo, sensualidade e relativismo? Ou você se imagina como parte de uma corporação particular ou organização com suas próprias ordens de submissão? Você se imagina como parte da família em que você cresceu, do bairro onde mora, de um grupo racial, ou uma classe socioeconômica? Seja qual for a sua resposta, a maneira como você imagina o contexto ou cenário de sua vida vai moldar dramaticamente sua maneira de vida.

O escritor de Hebreus sugere um contexto bem diferente, a saber, que os cristãos deveriam se imaginar como "rodeados por uma grande nuvem de testemunhas" que dão testemunho de fé no Senhor. Se você é um crente, ele diz, esse é o contexto no qual você deveria se ver. Esse é o corpo ao qual você pertence, e cuja aprovação você deveria cortejar. De certo modo, este é o público diante de quem você vive, um grande estádio lotado com os amados de Deus, os fiéis de todas as épocas, e agora é o dia quando você está correndo sua corrida ao som da aprovação e encorajamento por parte deles.

Essa nuvem de testemunhas se refere, é claro, aos heróis da fé apresentados no capítulo 11: Noé, Abraão, Moisés e os outros. Às vezes isso é chamado de Abadia de Westminster da fé bíblica, comparando esse capítulo à grande igreja da Inglaterra onde tantos dos heróis daquela nação estão enterrados. No entanto, há uma grande diferença aqui, a saber, que o escritor de Hebreus não vê a esses como homens mortos a serem relembrados, mas testemunhas vivas a serem ouvidas. Embora mortos, eles ainda vivem, e o que foi dito de Abel pode ser dito deles: "Pela fé, Abel [...] mesmo depois de morto, ainda fala" (Hb 11.4). John Owen escreve: "Todos os santos do Antigo Testamento, de certo modo, continuam a olhar para nós em nossa luta, encorajando-nos em nosso serviço, e prontos a testificar o nosso sucesso com os seus aplausos. Eles são colocados ao nosso redor com esse fim; nós somos 'rodeados' por eles".[1]

Assim, então, é como você deveria compreender sua vida. Você pertence a essa nobre companhia do povo de Deus; vivendo neste mundo, mas glorificando a Deus por meio da fé. Esse é o contexto da vida de vocês. Vocês estão rodeados por aqueles com quem vocês vão passar a eternidade, aqueles que serão os seus irmãos e irmãs muito depois que cada um dos demais seja destinado ao juízo. Vocês deveriam ouvir a voz deles e se conformar ao padrão de fé deles, não ao padrão deste mundo.

O chamado da vida cristã

Isso nos leva a considerar o chamado da vida cristã. O versículo 1 conclui nos dizendo que Deus nos propôs uma corrida. Ele planejou um curso para a nossa vida. Há lugares para ir, coisas que devemos fazer, desafios que devemos confrontar. Nós não conhecemos as curvas desse caminho para o céu. Francamente, também não é importante que saibamos. O nosso chamado é que "corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta" (Hb 12.1). Muitos cristãos esforçam-se demais tentando descobrir o que está adiante, quando o nosso chamado é perseverar na fé aonde quer que Deus nos conduza.

Essa metáfora de vida como uma corrida era comum na literatura antiga bem como na Bíblia. Paulo a emprega em 1Coríntios 9.24-25, em que diz aos cristãos que "correi de tal maneira que o alcanceis [o prêmio] [...] uma coroa [...] incorruptível". Ele descreve sua própria vida em termos semelhantes, escrevendo, ao fim de sua vida, para seu discípulo Timóteo: "Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada" (2Tm 4.7-8).

O escritor de Hebreus agora aplica a mesma terminologia a nós. Primeiro, ele nos diz que as arquibancadas estão lotadas com os santos do passado. O escritor os coloca lá não como meros espectadores, mas também como uma torcida. Ele nos diz para prestar atenção ao testemunho deles, a atender ao encorajamento que eles nos dão. Há Abel nos lembrando do verdadeiro sacrifício em que devemos confiar. Noé brada que, embora o mundo esteja condenado, há uma arca de salvação. Abraão encoraja a todos que esperam pelas promessas ainda não cumpridas, da mesma forma que ele fez por tantos anos em Canaã. Moisés brada para aqueles que, como ele,

têm de perder *status* e benefícios no mundo, riquezas e posição, a fim de seguir ao Senhor. A presença deles nos dá a vantagem de correr em casa a nossa corrida, se tão somente os virmos lá pela fé e ouvirmos os seus gritos.

Mais cedo vimos que o contexto no qual enxergamos a nós mesmos tem uma grande influência sobre nosso pensamento, mas o modo como concebemos nosso chamado na vida é ainda mais vital. Qual é o propósito ou objetivo de sua vida? É conquistar certo padrão de riqueza? É alcançar uma posição de influência e poder? É ser popular ou desfrutar do máximo de lazer e de diversão? Essas são maneiras de nossa sociedade incrédula definir o sucesso, mas não é como um cristão deve pensar sua vida.

Quão libertador é para o cristão perceber que seu verdadeiro chamado é a corrida da fé no Deus vivo: perseverar nos vários contextos em que Deus colocará você, manter firme suas convicções e sua obediência a Deus nos diferentes contextos e períodos de vida, crescer na graça e glorificar a Deus por meio da fé até o fim de sua vida. Esta é a nossa vitória: não os padrões mundanos de sucesso, mas permanecer na fé até o fim.

Esse não é um chamado fácil, e, como se fôssemos atletas treinando pesado, o escritor de Hebreus nos dá instruções de treino: "desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia" (v. 1). Ele fala aqui de duas coisas, começando com pesos ou, como colocam algumas versões, impedimentos. Nos jogos gregos antigos, um corredor treinava para tornar seu corpo magro. Então, antes que a corrida começasse, ele se despia de seu longo vestuário para correr completamente nu. A palavra grega aqui para impedimento pode ser usada de duas maneiras: o excesso de peso corporal e de roupas pesadas. O escritor de Hebreus nos diz que qualquer coisa que nos torna mais lentos tem de ser descartada se queremos correr bem.

Essa exortação nos ajuda com toda a sorte de decisões acerca de nossa vida. As pessoas dirão: "Isso não é tecnicamente um pecado, então deve estar tudo bem para mim". Aqui, no entanto, nós lemos que qualquer coisa que pese em você, qualquer coisa que impeça o seu progresso espiritual, deve ser descartada. Talvez isso envolva o seu estilo de vida. Por exemplo, muitos cristãos hoje aderiram à cultura de entretenimento, desperdiçando horas em programas de televisão estúpidos, literatura prejudicial e filmes questionáveis. Devemos nos perguntar: "Isso é um auxílio ou um impedimento para mim espiritualmente?" Impedimentos podem ser ambições profissionais, passatempos, associações e amizades, hábitos e preocupações. Qualquer uma dessas coisas pode ser ou não um problema, e isso vai variar de pessoa para pessoa. Mas cada um de nós deve olhar para as coisas presentes em nossa vida e perguntar: "Isso é um auxílio? Isso é um impedimento?" Se é um impedimento, então o crente mais sábio vai se livrar dele, não esperando até que sinta o peso na corrida.

Quando nos voltamos para a questão do pecado, a situação é muito mais séria. Impedimentos pesam em nós, mas o pecado enreda os nossos pés, possivelmente nos derrubando. Perceba como o escritor faz essa colocação: "o pecado que tenazmente nos assedia". A ideia é que o pecado nos enreda. Nós não levamos o pecado a sério, colocando-nos em grande perigo. O pecado é

enganoso, como lemos no capítulo 3, capaz de nos desviar do caminho completamente. Portanto, temos de ser sábios com respeito ao pecado, buscando de Deus a graça para sermos livres dos pecados de que temos consciência, enquanto nos afastamos das abundantes tentações do pecado.

Pense, por exemplo, quão rápida e completamente um grande homem como o rei Davi caiu em pecado quando permitiu a seu coração que cobiçasse Bate-Seba. Quão enredado ele ficou, e que impacto horrível esse pecado teve na vida dele e de toda a sua família, até mesmo em todo o reino! Ele estava correndo brilhantemente, como quase ninguém tinha corrido antes, mas o pecado o enredou e o derrubou. O pecado sexual e o orgulho continuam a enredar os pés de muitos hoje, incluindo líderes na igreja.

Por isso, devemos fugir da tentação e resistir a todo pecado. O pecado é um agente de morte em nosso mundo; ele é o senhor de inúmeros escravos; o pecado nunca é proveitoso, e os prazeres que ele oferece aos insensatos são cheios de venenos mortais. Até mesmo crentes verdadeiros, cujos débitos estão pagos pelo sangue do Cordeiro, não se podem dar o luxo de pecar, pois temos uma corrida para correr, uma rota estabelecida por Deus para esses poucos e curtos anos de nossa vida. A não ser que rapidamente nos afastemos do pecado, logo iremos nos achar distraídos e enredados.

Esse é o nosso chamado, a desafiadora corrida de uma vida de fé. Note o tipo de corrida que corremos. Não é uma curta distância, e nós não vamos terminá-la com uma explosão precipitada de energia. É uma corrida de longa distância, e nossa grande virtude não é a velocidade, e sim a perseverança. Muitos experimentam o fluxo de empolgação na conversão, apenas para descobrir que o entusiasmo tem de ser convertido em resistência. O que Jesus disse à igreja em Tiatira deve ser repetido para nós também: "Conheço as tuas obras, o teu amor, a tua fé, o teu serviço, a tua perseverança" (Ap 2.19).

O encorajamento da vida cristã

Isso nos leva ao que muitas vezes eu chamo de "conselho cristão para múltiplos fins", de Hebreus 12.2, o qual nos dá o encorajamento da vida cristã: eu digo isso porque não há nenhuma circunstância, nenhuma dificuldade, nenhuma tentação para a qual ele não seja um guia confiável: "olhar para Jesus". Esse é o "segredo" da vida cristã, o encorajamento que precisamos para a nossa fé: colocar os nossos olhos não no mundo com suas seduções e ameaças, nem mesmo em nós mesmos com nossos sucessos insignificantes e muitas falhas, mas naquele que é a fonte e fundação de todo o nosso vigor espiritual. John Owen escreve:

> Uma visão constante da glória de Cristo vai reviver nossa alma e fazer com que nossa vida espiritual floresça e prospere. [...] Quanto mais contemplarmos a glória de Cristo pela fé agora, mais o estado de nossa alma será espiritual e celestial. A razão por que a vida espiritual em nossa alma enfraquece e definha é porque enchemos a nossa mente com outras coisas. [...] Mas, quando a mente estiver cheia de pensamentos de Cristo e de sua glória, essas coisas serão expulsas. [...] É assim que nossa vida espiritual é renovada.[2]

O escritor de Hebreus mostrou o contexto de nossa vida de fé e o chamado de nossa vida de fé; agora ele põe diante de nós o encorajamento que a nossa fé requer: "olhar para Jesus". Há três maneiras de esse versículo nos encorajar. Primeira, ele nos mostra Cristo como o principal exemplo para nossa fé. A palavra grega traduzida como "autor" (*archēgos*) é melhor traduzida como "precursor" ou "pioneiro". Ela descreve alguém que segue à frente para abrir caminho e superar barreiras. Semelhantemente, a palavra "consumador" (*teleiōtēs*) significa que Jesus é o supremo e perfeito exemplo de fé, especialmente porque o texto grego fala *da* fé e não de *nossa* fé.

É digno de nota que esse versículo foca na provação na cruz, onde a fé de Jesus em Deus foi maximamente colocada à prova e mais intensamente demonstrada. As autoridades religiosas disseram sobre ele na cruz: "Confiou em Deus" (Mt 27.43). Elas estavam zombando dele, mas como isso era verdade. Pela fé Jesus agradou a Deus como o fez Enoque. Como Abraão, Jesus olhou para frente, para a cidade por vir, pela fé, ele estava disposto a fazer o sacrifício supremo. Pela fé, Jesus, como Moisés, rejeitou a glória terrena para ser contado entre os aflitos de Deus e tornar-se o libertador deles. Pela fé, Jesus fez o sacrifício que a fé de Abel apresentou. Se os heróis do Antigo Testamento são luzes que dão testemunho da fé em Deus, Jesus na cruz é o Sol ardente a trazer a fé à sua expressão mais deslumbrante.

Jesus suportou sofrimento e humilhação na cruz. Os cristãos hebreus estavam em perigo de recuar dessas mesmas coisas, assim como nós as consideramos tão difíceis de suportar. Foi pela fé que Jesus "suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia", perseverando no objetivo designado a ele e dessa forma entrando em sua glória no céu. Ele "está assentado à destra do trono de Deus", porque fielmente suportou o sofrimento e não temeu o desprezo do mundo. Isso é um exemplo para nós, de que iremos carregar a cruz em nossa própria vida. A primeira Carta de Pedro 2.21 diz: "Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos". Quão importante, então, para nós é fixar os nossos olhos nele. James M. Boice escreveu:

> A única coisa que sempre nos fará seguir nesse caminho de autonegação e discipulado é fixar os nossos olhos em Jesus e naquilo que ele fez por nós, levando-nos consequentemente a amá-lo, e dessa maneira também querendo estar com ele agora e sempre. Jesus é nosso único modelo possível para a autonegação. Ele é a própria imagem do carregar a cruz. É por amor a ele e por um desejo de ser como ele que tomamos nossa cruz e prontamente o seguimos.[3]

Jesus é nosso exemplo na perseverança e também na alegria espiritual: "em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz" (Hb 12.2). Essa é uma afirmação fantástica e ela diz muito a respeito da fé do Senhor. Nós podemos conceber a alegria de Jesus diante da cruz de várias maneiras. Primeira, Jesus se alegrou em fazer a vontade de seu Pai. Ele disse: "A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra" (Jo 4.34). William Newell escreve: "Não há alegria semelhante à da realização de uma tarefa nobre: e da tarefa mais nobre de toda a eternidade, Cristo diria – 'Eu a terminei'".[4]

Jesus também ansiava por sua futura reunião com o Pai no céu e por receber seu deleite com a maior de todas as alegrias. Ele se regozijou com o conhecimento daquilo que seu sofrimento e morte iriam realizar, a saber, a redenção de um povo para si. Em suma, Jesus regozijou-se porque viu a coroa além da cruz; ele viu o que o seu sangue comprou, viu até mesmo a igreja que seria a sua noiva para sempre na glória regenerada da era sem fim por vir. Da mesma maneira, o apóstolo Tiago nos escreve: "Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança" (Tg 1.2-3). Devemos nos regozijar nas provações, porque ao resistir ganhamos a coroa que espera além da cruz.

Jesus não somente é o exemplo para a nossa fé, mas ele é também o objeto de nossa fé. Ele nos espera na linha de chegada; é para ele e por ele que corremos. Nós resistimos e perseveramos porque queremos conhecê-lo e nos juntar a ele e compartilhar as bênçãos de sua salvação. Mais uma vez isso explica por que a cruz é enfatizada aqui, pois a cruz não somente é o maior de todos os exemplos da fé do Senhor, mas também o foco de nossa fé nele. Nós vemos o sangue dele derramado para nos trazer o perdão; vemos a ira de Deus esgotada sobre ele, e ali encontramos a nossa segurança – nossa justiça na cruz dele. Ser um cristão, então, significa confiar no sangue expiatório dele, em sua obra concluída para nossa salvação, e se apegar a esse evangelho como o grande tesouro de nosso coração. Daqui em diante nós queremos ser fiéis a ele. Nós desejamos agradar e servir a ele, e vamos resistir até o fim para que passemos a eternidade com ele. É isso o que Paulo diz ao falar de sua própria ambição:

> [...] prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus. [...] uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus. (Fp 3.12-14)

Nós fixamos nossos olhos em Jesus porque ele é o exemplo e o objeto de nossa fé.

Terceiro, nós fixamos os nossos olhos em Jesus porque ele é a fonte de nossa fé. É nesse sentido que a tradução "Autor e Consumador da fé" possui verdadeiro mérito. Jesus não é simplesmente um exemplo, como algum herói morto há tempos. Nem é ele o objeto de nossa fé como um simples ideal filosófico. Em vez disso, ele é um recipiente ativo de nossa fé, ativo em inspirar a fé em nós e nos capacitar a crer porque ele está vivo agora. A fé em Cristo produz união com um Senhor vivo que reina nos céus, que está assentado à direita do trono de Deus em poder. Portanto, quando fixamos os nossos olhos nele, ele opera em nós por seu poder, enviando o Espírito Santo de Deus para nos sustentar em nossas provações. Thomas Watson diz:

> Assim como o Espírito está trabalhando em nosso coração, assim está Cristo trabalhando no céu. Cristo está sempre orando para que a graça dos santos possa persistir. [...] Essa oração que Cristo fez por Pedro era a cópia da oração que ele agora faz pelos crentes. 'Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça' (Lc 22.32). Como podem perecer os filhos de tais orações?[5]

Esse encorajamento – "olhando firmemente para [...] Jesus" – é de importância vital em uma corrida difícil como a nossa. Aqueles que olham fixamente para o mundo e as coisas do mundo serão amoldados aos padrões dele. No entanto, de uma forma ainda mais poderosa e confiável, aqueles que fixam os olhos em Jesus se descobrirão transformados no padrão dele – não simplesmente por causa do trabalho de nosso próprio coração, mas por causa de sua obra ativa e transformadora por meio do Espírito Santo. Com os nossos olhos fixos nele, nós somos, Paulo diz, "transformados, de glória em glória, na sua própria imagem" (2Co 3.18).

Como é essencial compreendermos esse princípio! Como cristãos nós vivemos no contexto dessa grande nuvem de testemunhas, com uma corrida para correr com persistência, uma corrida que inclui o sofrimento e a humilhação da cruz. Por isso, temos de remover todo impedimento e pecado que nos embaraça, pois isso já é mais do que a carne pode aguentar. Mas somos encorajados e capacitados em nossa fé quando olhamos para Jesus Cristo, nosso grande exemplo de fé, o objeto e a fonte de nossa fé, o seu Autor e Consumador, visto que ele reina com poder nas alturas em nós e por nós.

Se você nunca olhou para Jesus com fé, se você ainda tem de responder ao piedoso chamado daqueles que o seguem, essa exortação se aplica especialmente a você. Olhe para Jesus Cristo, e você encontrará alguém que é todo amoroso, cujo exemplo de vida e morte transcende todos os outros – e mais importante –, que sofreu a morte para que você possa ser perdoado e tenha vida eterna. A não ser que você olhe para Jesus com fé, você nunca conhecerá a vida que é de Deus. Embora você possa gozar deste mundo por um tempo, não haverá coroa para você no fim, mas somente o juízo de Deus e a punição que seus pecados merecem.

Uma cura para corações cansados

Finalmente, encontramos nessa passagem uma cura para corações cansados. É isso que o versículo 3 diz: "Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatigueis, desmaiando em vossa alma". Aqui o escritor de Hebreus antecipa um problema e prescreve a cura dele.

Esse versículo pressupõe algo que os crentes sabem bem até demais, ou seja, que de tempos em tempos os cristãos se cansam e ficam abatidos. Se você se sente assim, você não é o único; isso já era de se esperar. Especialmente quando confrontado com dificuldades ou provações prolongadas, até mesmo o mais forte cristão pode experimentar a depressão espiritual. A cura para isso, ele diz, é considerar Jesus em sua própria luta contra a oposição do mundo.

Isso pode soar parecido com a exortação, no versículo 2, a fixarmos os nossos olhos em Jesus, mas há uma diferença de ênfase aqui. No versículo 2 a palavra grega *aphoraō* significava olhar de uma coisa para outra; a ênfase era continuar a olhar para longe das distrações e a fixar os nossos olhos em Jesus. Aqui no versículo 3 o escritor usa uma palavra diferente, *analogizomai*, que quer dizer "considerar atentamente". Esse é um termo de contabilidade relacionado à palavra inglesa "logística". Quando falamos de "autenticar" algo, nós queremos dizer que um registro do

que aconteceu deve ser mantido. A ideia aqui é que devemos meditar ou refletir sobre a vida e a morte de Jesus, fazer um inventário delas, uma vez que dizem respeito à nossa própria luta. Em especial, devemos lembrar como Deus ordenou o sofrimento de Jesus para a glória dele e para a nossa. Devemos nos lembrar de que além da cruz há uma coroa; foi assim para o nosso Senhor, e assim será para nós. Como Paulo escreve, fazendo exatamente o que o nosso texto sugere: "Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós" (Rm 8.18). Essa é a cura para os nossos corações quando ficamos cansados na longa corrida desta vida de fé.

Como consideramos Jesus? Consultando o que a Bíblia diz sobre ele. Nós lemos os relatos dos Evangelhos e aprendemos o que Jesus disse e fez e como Deus o livrou. Nós lemos as cartas, que explicam o significado da vida, morte e ressurreição dele. Na verdade, no Antigo Testamento nós vemos Cristo em sua obra, quando ele é profetizado e representado por vários tipos de símbolo.

É exatamente isso que encontramos o nosso Senhor fazendo por seus discípulos nos relatos dos Evangelhos. Talvez a maneira mais adequada de concluir esses estudos sobre fé em Hebreus 11 – especialmente quando somos lembrados aqui de que todos eles nos dirigem para Jesus – seja com um relato que aparece em Lucas 24. Ali nós aprendemos sobre dois discípulos abatidos indo embora de Jerusalém no mesmo dia em que Jesus ressuscitou. Eles estavam cansados e desfalecidos, mas, sem que o reconhecessem, o próprio Jesus, ressurreto do túmulo, vinha com eles pela estrada. Jesus perguntou sobre o que eles estavam falando; Lucas nos diz: "E eles pararam entristecidos" (v. 17). É assim que Jesus às vezes nos encontra, desencorajados e parados em vez de estarmos correndo a corrida. Os dois discípulos contaram a Jesus acerca de um homem de Nazaré que eles pensaram que seria o Messias. No entanto, eles acrescentaram, ele tinha sido preso e morto, e eles não compreenderam os relatos confusos que tinham ouvido acerca de ele ter sido visto posteriormente.

A resposta de Jesus foi direcioná-los para a Escritura: "E, começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras" (Lc 24.27). O que Jesus fez por eles devemos fazer por nós mesmos, buscando-o e encontrando-o e contemplando a vida e o ministério dele nas páginas da Escritura.

Quando o grupo chegou a seu destino, Jesus se revelou aos discípulos e então miraculosamente desapareceu. Contudo, apesar desse encontro direto com o Senhor ressurreto e do desaparecimento dramático dele, os dois discípulos, agora grandemente encorajados, ficaram maravilhados não com essa experiência sobrenatural, mas com todas as coisas que eles tinham visto nas Escrituras! "E disseram um ao outro: Porventura, não nos ardia o coração, quando ele, pelo caminho, nos falava, quando nos expunha as Escrituras?" (Lc 24.32).

É isso que encontraremos quando o nosso coração tiver esfriado na longa e às vezes difícil corrida a que somos chamados como discípulos de Cristo. Nós abrimos as Escrituras e Jesus nos ensina sobre si mesmo – não menos do que ele ensinou àqueles dois discípulos –, e, quando

consideramos sobre ele em seus sofrimentos por nós, a vitória dele sobre o pecado e a morte, nosso coração também fica aquecido e até queima dentro de nós. É isso que nos faz regozijar como deveríamos, cantando palavras de confiante fé:

> Minha esperança está em quem se deu por mim, o Senhor,
> e pagou o preço de todo o meu pecado no Calvário.
> Por mim morreu, por mim vivo está,
> e vida eterna e luz ele gratuitamente dá.[6]

Se você quer viver dessa maneira, com esse tipo de alegria e poder, então deve fixar os seus olhos em Jesus, não neste mundo ou em quaisquer coisas nele, e considerar quão grande Salvador ele de fato é.

---

[1] John Owen, *An Exposition of the Epistle to the Hebrews*, 7 vols. (Edimburgo: Banner of Truth, 1991), 221.
[2] John Owen, *The Glory of Christ* (Edimburgo: Banner of Truth, 1994), 167.
[3] James M. Boice e Philip G. Ryken, *The Heart of the Cross* (Wheaton, Ill.: Crossway, 1999), 182.
[4] William R. Newell, *Hebrews* (Londres: Oliphants, 1947), 403.
[5] Thomas Watson, *A Body of Divinity* (Edimburgo: Banner of Truth, 1958), 281.
[6] Norman J. Clayton, © 1945 Wordspring Music, LLC. Todos os direitos reservados. Usado com permissão. [Em inglês: "*My hope is in the Lord who gave himself for me,/ and paid the price of all my sin at Calvary./ For me he died, for me he lives,/ and everlasting life and light he freely gives*".]

PARTE 5



Exortações finais

50

DISCIPLINADOS COMO FILHOS



Hebreus 12.4-13

[...] *o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe.* (Hb 12.6)

O grande pregador Alexander Maclaren comparou Hebreus 12.4-13 a um farol. O texto traz o tipo de ensino que não percebemos muito quando o Sol está brilhando. Como a luz de um farol, ele não se destaca muito bem durante o dia. Mas, quando a noite chega, e as tempestades começam a soprar contra nós, esse ensino subitamente resplandece como uma luz que é essencial se queremos encontrar o nosso caminho. Esses versos são assim porque eles falam da disciplina divina: o ensino bíblico de que Deus castiga e educa seus filhos por meio das dificuldades e sofrimentos da vida. Esse é um tópico com o qual dificilmente nos preocupamos quando Deus não parece estar fazendo isso; mas, quando a sua mão de suplício pesa, os cristãos precisam muito do encorajamento e da instrução encontrados aqui.

A preocupação de um pastor

Esses versículos surgem da preocupação de um pastor. Ele temia que seus leitores não encarassem corretamente as tribulações que estavam experimentando. O propósito principal nessa carta é exortar os cristãos a serem constantes na provação, permanecer firmes na fé. Com esse objetivo, ele nos lembra de que eles ainda não sofreram da mesma forma que Jesus, ou mesmo como tinham sofrido pela fé os mártires: "Ora, na vossa luta contra o pecado, ainda não tendes resistido até ao sangue" (v. 4). Perceba que a luta deles é contra o pecado, não contra os perseguidores romanos ou a comunidade judaica que os estava afligindo. Os versículos 1-3 retratam a vida cristã como uma corrida a ser corrida com perseverança, e agora o versículo 4 a concebe como uma luta de boxe – outro evento esportivo grego, no qual competimos nos colocando à prova contra nosso oponente, o pecado. Se tão somente pudéssemos nos livrar de nosso pecado, não haveria motivo para Deus permitir que enfrentássemos dificuldades. Quando o pecado finalmente tiver saído do mundo, então, mas somente então, finalmente haverá paz na terra.

Após defender brevemente essa ideia, o escritor se volta rapidamente para sua preocupação principal. Uma vez que seus leitores estavam suportando dificuldades, a principal preocupação dele era que as preocupações deles os levassem a tirar conclusões erradas. Como é fácil para nós pensar que não temos o favor de Deus quando as circunstâncias se voltam contra nós; de fato,

não há nada mais perigoso nas provações do que concluir que Deus nos esqueceu ou nos traiu. Portanto, o versículo 5 começa fazendo uma afirmação que provavelmente tinha a intenção de ser uma pergunta: "[...] estais esquecidos da exortação que, como a filhos, discorre convosco". Isso se refere a Provérbios 3.11-12, que diz: "Filho meu, não rejeites a disciplina do SENHOR, nem te enfades da sua repreensão. Porque o SENHOR repreende a quem ama, assim como o pai, ao filho a quem quer bem". Compreendendo isso, os leitores não deveriam desfalecer quando Deus os repreendesse por meio da aflição.

A conclusão que se pode tirar da mensagem desses versículos é que, quando os cristãos experimentam provações, não é porque Deus é incapaz de protegê-los. Deus pode nos preservar de toda provação. Ele é soberano sobre todos os aspectos de nossa vida. Jesus põe isso dessa maneira: "Não se vendem dois pardais por um asse? E nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai. E, quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados" (Mt 10.29-30). Logo, quando passamos por provações, Deus as permitiu e até mesmo as ordenou. É a percepção disso que às vezes faz com que os crentes questionem o relacionamento deles com Deus quando as coisas ficam difíceis.

Disciplina e correção paternas

Com essa introdução, nós agora nos voltamos para o importante ensino transmitido nessa passagem, a saber, que "o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe" (Hb 12.6). A correção divina é um sinal de filiação, um termo que fala de nossa adoção na família de Deus. "Pois que filho há que o pai não corrige?", o versículo 7 pergunta. O versículo 8 continua: "[...] se estais sem correção, de que todos se têm tornado participantes, logo, sois bastardos e não filhos". No mundo antigo, a disciplina era prerrogativa inquestionável e a obrigação de um pai. Um filho não ser disciplinado por seu pai não era um sinal de favor, mas de negligência e rejeição. O amor paterno e a disciplina andam juntos, e a consciência disso deve transformar a maneira que os cristãos pensam a respeito das provações. Andrew Murray coloca isso da seguinte maneira:

> Em toda provação, pequena ou grande: antes de tudo e imediatamente reconheça a mão de Deus nela. Diga de uma vez: o meu Pai permitiu que isso acontecesse; eu acolho isso da parte dele; minha primeira preocupação é glorificá-lo nisso; ele transformará isso em uma bênção. Podemos ter certeza disso; regozijemo-nos nisso pela fé.[1]

O escritor nos diz duas coisas que Deus faz para nos educar corretamente, começando com a disciplina paterna. A palavra grega para isso é *paideia*, da palavra pais, que significa "filho", e fala da criação de uma criança. Essa é a principal maneira que devemos pensar acerca de como Deus nos trata em nossas provações. Assim como um pai instrui um filho, sujeitando-o a um processo de educação e preparação que exige experiências destinadas a estimular o desenvolvimento, Deus também nos conduz em meio a esta vida. Da mesma maneira que um filho ou uma filha na infância, toda a nossa vida é uma preparação para a idade da maturidade

que espera por nós na vida por vir. Isso explica muitas de nossas provações. Deus nos envia desafios e dificuldades, não por maldade, mas por amor paternal. As provações são destinadas a nos fortalecer, a aplicar força contra o músculo de nossa fé para nos fazer avançar em direção ao nosso potencial espiritual.

Às vezes, contudo, Deus emprega dificuldades punitivas para castigar o pecado em nossa vida. Junto com a disciplina, Deus emprega a correção paternal. Não se deve pensar nisso como a ira condenatória de Deus, mas sim como a punição corretiva de um pai. A respeito dessas surras celestiais, o versículo 6 nos diz: "o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe". A palavra-chave é *mastigoi*, que significa flagelo ou açoitamento como uma forma intensa de punição. Se achamos que Deus nunca faria isso, obviamente estamos enganados. Embora não sejamos judicialmente punidos por Deus como Juiz – tendo Cristo suportado toda a pena de nosso pecado na cruz –, Deus, o Pai, aplica punição corretiva e dolorosa da mesma maneira que um pai amoroso faz, porque ele quer que cresçamos da maneira correta. Muitos cristãos têm testificado gratamente que a única maneira que Deus chegou a eles em meio aos pecados e teimosia deles foi permitindo um doloroso infortúnio – a perda de um emprego, uma doença severa, a perseguição por causa de sua fé. Por fim eles reconheceram isso como um sinal de cuidado paternal, o tipo que somente filhos amados recebem de Deus.

A ideia defendida pelo escritor é que, como coloca Calvino: "os flagelos de Deus dão testemunho de seu amor para conosco".[2] J. C. Ryle comenta:

> Por meio da aflição, ele nos ensina muitas lições preciosas, as quais, sem a aflição, nunca iríamos aprender. Por meio da aflição, ele nos mostra a nossa vaidade e fraqueza, nos arrasta até o trono de graça, purifica os nossos sentimentos, afasta-nos do mundo, faz-nos ansiar pelo céu. Na manhã da ressurreição iremos todos dizer: "Foi-me bom ter eu passado pela aflição". Nós iremos agradecer a Deus por todas as tempestades.[3]

Todo cristão com muita experiência sabe que precisamos desse tipo de treinamento e disciplina; pois sem temor, ansiedade e perda, muito facilmente, nos esquecemos de Deus e do céu. Por nós mesmos nos acostumaríamos com o mundo e até mesmo com o pecado. Como C. S. Lewis famosamente disse: "Deus sussurra para nós em nossos prazeres, fala em nossa consciência, mas grita em nossas dores: elas são o megafone dele para despertar um mundo surdo".[4] J. I. Packer com certeza estava correto quando disse:

> Essa é razão definitiva, do nosso ponto de vista, por que Deus enche a nossa vida com tribulações e perplexidades de um tipo ou de outro – é para assegurar que iremos aprender a nos apegar firmemente a ele. [...] Deus quer que sintamos que o nosso caminho pela vida é acidentado e perturbador, para que possamos aprender a confiar nele cheios de gratidão. Portanto, ele toma providências para nos levar a confiar nele e para nos tirar da autodependência.[5]

Faz muita diferença o fato de Deus se relacionar conosco como seus filhos amados. Em termos do mundo antigo, Deus se relaciona conosco especialmente da maneira que um pai fazia com seus filhos – aqueles que eram seus herdeiros, que o representavam na vida e carregavam o

seu nome no mundo. Isso quer dizer que o próprio coração de Deus está ligado a nós, que somos as meninas dos seus olhos. Certamente essas devem ser excelentes notícias, ainda que atreladas às dificuldades por meio das quais Deus está nos educando como filhos.

O rei Davi não foi um bom pai. Ele deu um terrível exemplo com seu pecado contra Bate-Seba e seu marido Urias, um exemplo que seu filho Amnom imitou contra uma das filhas de Davi (veja 2Sm 13.1-19). Não parece que Davi gastou muito tempo disciplinando seus filhos, talvez porque ele tenha perdido a sua credibilidade como um modelo. O resultado foi que os filhos dele cresceram e se tornaram uma verdadeira raça de víboras.

Apesar de seu mau exemplo na educação de seus filhos, fica claro que Davi amava seus filhos. Na verdade, até mesmo o filho que o traiu nunca deixou de ser amado por Davi. Um de seus filhos mais velhos era Absalão, que se rebelou contra o governo de seu pai fazendo com que o exército de Davi tivesse de lutar contra o exército dele no campo de batalha. A revolta de Absalão ameaçou gravemente o reino e colocou em risco a vida de Davi. Tudo aquilo que Davi tinha trabalhado para conquistar durante toda a vida estava em jogo quando ocorreu a batalha contra o seu filho. No desenrolar do dia, chegaram notícias do fronte, informando que a batalha fora vencida e que o filho usurpador havia caído. A Bíblia diz que, quando Davi ouviu as notícias, ele subiu as escadas para um cômodo e chorou: "Meu filho Absalão, meu filho, meu filho Absalão! Quem me dera que eu morrera por ti, Absalão, meu filho, meu filho!" (2Sm 18.33). Para o desalento de seus generais, Davi não sentiu alegria na vitória, mas somente remorso pelo líder rebelde que caíra, seu filho.

Se é assim que Davi se sentia acerca de um filho que ele nem ao menos havia criado adequadamente, quanto Deus então deve se importar com cada um de nós, os filhinhos amados que ele está criando tão cuidadosamente. O fato de Deus nos amar como filhos é a melhor de todas as notícias. Isso deve nos motivar a aceitar e a nos beneficiar da disciplina que ele tão carinhosamente aplica.

Suportando a disciplina como filhos

Os cristãos podem e de fato reagem de muitas maneiras à disciplina quando ela assume a forma de circunstâncias difíceis. Uma delas é a reação do estoico, que busca aceitar obstinadamente o que não se pode evitar. Tal pessoa reage com resignação hostil, certamente sem gratidão, buscando simplesmente pôr fim à luta. Ao que parece, essa é uma das preocupações que o escritor tem em mente, pois ele diz no versículo 5: "[...] não menosprezes a correção que vem do Senhor". Uma pessoa assim não vê propósito no sofrimento e, portanto, não busca aprender nenhuma de suas lições. Ela só quer atravessar a tempestade em direção a dias mais ensolarados.

Outros reagem às provações com autopiedade e ira. Nós ouvimos esse tipo de coisa quando as pessoas disparam: "O que eu fiz para merecer isso?" Essa, também, é uma preocupação de nosso escritor, pois ele diz: "Nem desmaies quando por ele és reprovado". Alguns crentes manifestam

alegria abundante quando Deus os está abençoando com benefícios terrenos, mas rapidamente recorrem ao ressentimento emburrado quando Deus os está abençoando com provações. Tais cristãos nunca farão muito progresso, porque eles falham em perceber que as provações são parte integrante da vida cristã, que elas não são um sinal da negligência de Deus, mas de seu envolvimento paternal. A aflição é um sinal de que somos filhos, de que a nossa conduta é importante para Deus e tem uma influência na glória dele.

Isso nos leva ao terceiro tipo de reação, a que é recomendada no versículo 7: "É para disciplina que perseverais (Deus vos trata como filhos)". A ideia aqui é ver o propósito de nossas provações. Pode haver inúmeras razões por que sofremos, mas uma delas é certa: Deus está nos treinando para a piedade. Estamos passando por uma disciplina produtiva, assim como Pedro escreve em sua primeira carta:

> Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações, para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo. (1Pe 1.6-7)

De modo semelhante, Tiago é muito sério ao escrever:

> Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança. [...] Bem-aventurado o homem que suporta, com perseverança, a provação; porque, depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam. (Tg 1.2-3,12)

Uma comparação de pais

A nossa passagem começa com a preocupação de um pastor de que seu rebanho possa tirar conclusões erradas de suas provações. Em seguida, ele segue para uma comparação argumentando do menor para o maior, comparando a disciplina de nossos pais terrenos com a disciplina de nosso Pai no céu.

Hebreus 12.9 compara o pai de nossa carne com o pai de nosso espírito, ou seja, nosso pai terreno com o nosso pai celestial. A experiência mostra que os pais são mais respeitados quando estão envolvidos na vida de seus filhos, quando estabelecem limites claros e os impõem com disciplina. Os pais que tentam ganhar o amor dos filhos tratando-os como colegas e amigos, dando a eles o que querem e negligenciando a disciplina, não somente falham em sua tarefa, mas recebem desprezo em vez de admiração. Se a disciplina nos faz respeitar os nossos pais terrestres, então o mesmo deve ser verdade com respeito ao nosso pai celestial.

Nós devemos "estar em muito maior submissão ao Pai espiritual e, então, viveremos" (Hb 12.9). Os pais ensinam seus filhos a olhar para os dois lados antes de atravessar uma rua para evitar serem atingidos pelos carros; assim também, a disciplina de Deus nos protege do perigo e nos conduz avante na vida. A questão é que, assim como criancinhas guiadas e guardadas pela

mão disciplinadora de um pai, devemos perceber que a nossa vida está em jogo – nossa vida eterna – e por isso devemos honrar a Deus por ele cuidar de nossa alma.

Além do mais, a disciplina faz toda a diferença na qualidade e na utilidade de nossa vida. William Lane comenta: "Deus está treinando seus filhos para o gozo da vida em seu sentido mais pleno"[6], devemos, portanto, responder zelosamente, percebendo os perigos da desobediência e os benefícios do cuidado disciplinador de Deus.

Os leitores hebreus que receberam originalmente essa carta e conheciam a lei do Antigo Testamento teriam feito outra conexão com essa afirmação acerca da vida. Eles com certeza teriam lembrado das palavras de Deus ao dar sua lei a Israel:

> Vê que proponho, hoje, a vida e o bem, a morte e o mal; se guardares o mandamento que hoje te ordeno, que ames o SENHOR, teu Deus, andes nos seus caminhos, e guardes os seus mandamentos, e os seus estatutos, e os seus juízos, então, viverás e te multiplicarás, e o SENHOR, teu Deus, te abençoará na terra à qual passas para possuí-la. Porém, se o teu coração se desviar, e não quiseres dar ouvidos, e fores seduzido, e te inclinares a outros deuses, e os servires, então, hoje, te declaro que, certamente, perecerás; não permanecerás longo tempo na terra à qual vais passando o Jordão, para a possuíres. Os céus e a terra tomo, hoje, por testemunhas contra ti, que te propus a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua descendência, amando o SENHOR, teu Deus, dando ouvidos à sua voz e apegando-te a ele. (Dt 30.15-20)

Muito mais do que os pais terrenos, Deus no céu é digno de nossa adoração e reverência por causa de sua influência reguladora em nossa vida. Sem dúvida, a palavra "vida" também relembra o quinto mandamento: "Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o SENHOR, teu Deus, te dá" (Êx 20.12).

O segundo ponto de comparação é encontrado no versículo 10, a saber, que nossa disciplina terrena possui valor para este mundo, para uma vida curta de seja lá quantos anos forem. A disciplina de Deus, contudo, tem valor eterno para uma vida que nunca acaba. Alexander Maclaren escreve:

> A disciplina dos pais terrenos treina um menino ou uma menina para as circunstâncias, atividades, ocupações, profissões, todas as quais terminam com esta vida que é curta. O treinamento de Deus é para um dia eterno. [...] A intenção do escritor [é] lidar com o escopo limitado de um e o propósito eterno e amplo do outro.[7]

Terceiro, o escritor diz que nossos pais "nos corrigiam [...] segundo melhor lhes parecia". Todo pai comete erros, procede com base em motivações confusas, de uma forma ou de outra peca para com os seus filhos, e ainda assim deve ser honrado por seus filhos. Até mesmo um pai ruim muitas vezes exerce uma influência positiva nos filhos por meio da disciplina que aplica.

No que diz respeito a Deus, nós não temos tal problema: "Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade" (v. 10). Faz uma grande diferença perceber que Deus, que é bom, só nos faz o bem em sua forma de disciplina. Ainda que seja difícil para nós percebermos, ele está fazendo "todas as coisas coope[rarem] para o bem" de

nossa vida (Rm 8.28). Uma vez que Deus é santo, todas as intenções dele para conosco são santas também. Elas são puras, elas são para o nosso benefício, e elas dão crédito a ele.

Porque Deus é amor, mesmo quando as piores aflições são derramadas sobre nós, por trás delas está a mão movida por amor. O amor de Deus também significa que ele passa pelas aflições conosco. Uma passagem favorita de conforto cristão faz essa mesma promessa: "Quando passares pelas águas, eu serei contigo; quando, pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti. Porque eu sou o SENHOR, teu Deus, o Santo de Israel, o teu Salvador" (Is 43.2-3). O puritano Richard Sibbes, portanto, pôde dizer:

> Se Deus nos põe à prova, ele estará conosco na provação, e depois de um tempo ele nos tira, mais refinados. Nada perderemos senão a escória (Zc 13.9). Com base em nossa força, não somos capazes de suportar a menor tribulação, mas pela assistência do Espírito podemos suportar a maior das tribulações.[8]

Deus nos disciplina para o nosso bem, e esse bem é o nosso crescimento e santidade. De fato, o versículo 10 nos diz que ele nos fará compartilhar da santidade dele a fim de que sejamos como ele, puros e santos. No versículo 11 o escritor faz essa conclusão para seu argumento: "Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça". É claro que a disciplina na hora é dolorosa, razão por que ela tem a nossa atenção. Mas o cristão, cujos olhos estão no horizonte de uma vida por vir, percebe a recompensa ao fim da provação, um grande ganho a partir da presente dor.

O famoso técnico de futebol americano Tom Landry faz a seguinte colocação: "O trabalho de um técnico é fazer com que os homens façam o que eles não querem fazer, a fim de ser o que eles sempre quiseram ser".[9] Essa não é uma má descrição do que Deus está fazendo por nós e em nós porque ele deseja o nosso bem. Ele está nos tornando o que deveríamos ser, o que em nossos momentos mais sensatos nós queremos ser, por meios que nunca iríamos escolher por nós mesmos. Sendo esse o caso, iremos pensar sobre a disciplina de Deus de acordo com o que achamos da santidade. Se almejamos ser tornados santos – se clamamos para ter corações renovados, para que os pecados sejam removidos, para sermos como Deus em nossos pensamentos e desejos –, então não vacilaremos quando ele nos fizer passar por aflições, já que elas são o regime de treinamento dele para todos os que serão santos. J. I. Packer descreve bem isso:

> Neste mundo, filhos da realeza têm de passar por treino e disciplina extras, o que não ocorre com os outros filhos, a fim de adequá-los ao seu elevado destino. O mesmo ocorre com os filhos do Rei dos reis. A chave para a compreensão do comportamento dele para com eles é lembrar que, por toda a vida deles, ele os está treinando para o que espera por eles e os esculpindo à imagem de Cristo. Às vezes o processo de esculpir é doloroso, e a disciplina incômoda; mas então as Escrituras lembram: "Porque o Senhor corrige a quem *ama* e açoita a *todo filho a quem recebe*. É para disciplina que perseverais (Deus vos trata como filhos). [...] Toda disciplina, com efeito, no

momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça...". (Hb 12.6-7,11)[10]

Uma ardente exortação

A nossa passagem conclui nos versículos 12 e 13 com uma ardente exortação que flui da lógica do argumento do escritor: "Por isso, restabelecei as mãos descaídas e os joelhos trôpegos; e fazei caminhos retos para os pés, para que não se extravie o que é manco; antes, seja curado". Isso quer dizer que os cristãos devem demonstrar determinação em sua luta e cansaço, compreendendo o propósito de suas provações e o cuidado paterno de Deus. O versículo 12 pega emprestado suas palavras de Isaías 35.3: "Fortalecei as mãos frouxas e firmai os joelhos vacilantes" – que prossegue dizendo: "Dizei aos desalentados de coração: Sede fortes, não temais. Eis o vosso Deus. [...] ele vem e vos salvará". Como corredores que veem a linha de chegada, os leitores de Hebreus devem ter bom ânimo, levantar as mãos e as pernas para correr a corrida até o fim.

O versículo 13 então ecoa as palavras de Provérbios 4.26-27, nos dizendo para fazer caminhos retos, não nos extraviando para a direita ou esquerda. Aqui somos lembrados do próprio ensino de nosso Senhor, que o caminho largo, seguido por muitos, conduz à destruição, mas o caminho estreito, um caminho de rejeição ao pecado, conduz à vida. O versículo 13 termina com um lembrete de que o nosso exemplo tem uma influência sobre os outros, especialmente ajudando ou prejudicando aqueles que são mancos ou fracos na fé.

Tendo esses desafios diante de nós, certamente não iremos nos ressentir das repreensões que Deus nos dá por meio da Escritura, ou por meio de outros cristãos, ou de seu castigo em circunstâncias difíceis. Em vez disso, devemos recebê-las com ações de graça, nos arrependendo e buscando a graça de Deus, avidamente, para obter poder para mudar. Ele está operando "para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade".

Mais importante do que isso, no entanto, e certamente essa é a ênfase principal de nossa passagem – conhecer e ter certeza do amor de Deus faz toda a diferença. Não se esqueçam de que vocês são filhos pela fé em Jesus Cristo, filhos amados por Deus. João 1.12 diz: "Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome". Por um lado, isso quer dizer que, se você ainda não se voltou para Deus por meio da fé em Cristo, você não é filho dele. Você não possui o consolo de saber que suas provações são governadas pelo cuidado amoroso de Deus. A não ser que você se volte para Deus por meio da fé em Cristo, a ira de Deus ainda permanece sobre você, e você está alienado desse amor do qual temos falado. As suas provações são simplesmente o fruto de seus pecados – dos seus e dos de outros – sem nenhum propósito salvador, até que você se arrependa, creia, e venha a Deus como um filho por meio da fé em Cristo.

Contudo, se você é um cristão, você pode fixar os seus olhos em Jesus, glorificado agora no céu, e ver que Deus, em seu amor, enviou um Salvador para morrer por seus pecados. Para Jesus,

houve uma cruz antes da coroa. Embora a cruz dele tenha removido os seus pecados de uma vez por todas, o padrão dele de provação antes da glória será o seu padrão também.

Isso é algo que William Cowper aprendeu em sua vida grandemente atribulada. A mãe de Cowper morreu quando ele era um menino pequeno, e ele foi profundamente marcado pelo abuso que recebeu nos anos que se seguiram no internato. O resultado foi uma severa depressão que o afligiu por muitos anos. Por volta de seus 30 anos, uma série de eventos – a morte de seu pai e de sua madrasta, o afogamento de seu melhor amigo e o seu total fracasso em conseguir se sustentar – causou nele um colapso mental. Muitas pessoas aconselharam Cowper, mas um pastor teve a preocupação de lhe explicar o evangelho, as boas-novas de que Deus tinha enviado o seu Filho para morrer pelos pecados de Cowper. Foi em um hospital psiquiátrico que Cowper chegou a essa convicção a partir das Escrituras. Anos mais tarde, ele falou sobre o dia em que o amor de Deus o libertou:

> Eu me atirei numa cadeira próxima à janela e, vendo ali a Bíblia, arrisquei-me mais uma vez a me dedicar a ela em busca de conforto e instrução. O versículo que eu li foi o 25º do capítulo 3 de Romanos: "A quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça" [...] Imediatamente recebi força para crer e toda a luz do Sol da Justiça brilhou sobre mim. Eu vi a suficiência da expiação que ele tinha feito, o meu perdão foi selado no sangue dele. [...] Eu só consegui olhar para o céu em temor silencioso, tomado de amor e admiração.[11]

Cowper ainda iria se debater nos anos vindouros, mas nunca mais seria o mesmo agora que conhecia o amor de Deus por ele, um amor que era maior que suas provações e que deu significado a todas elas. Ele descobriu o amor de Deus provado no dom de seu Filho para remover os nossos pecados. O testemunho de Cowper está registrado em um hino que ele escreveu, intitulado "Hark, My Soul! It is the Lord" [Ouve oh! minh'alma! É o Senhor]. Ele imaginou o seu Deus amoroso falando com ele em graça:

> Livrei-te quando ferido,
> E, quando sangrando, curei tua ferida;
> Busquei-te erradio, corrige-te,
> Transformei tuas trevas em luz.[12]

Você está em necessidade e labuta, dificuldade e tristeza? Se você não está, a hora chegará. Quão grande diferença faz saber que Deus nos ama por meio da fé em Cristo. Quão grande alegria é aprender que em nossa tristeza Deus está nos treinando por seu amor, que sua mão amorosa está nos preparando para uma eternidade de glória no céu. Faz toda a diferença entre vagar sem rumo e correr uma corrida com convicção, entre as trevas da alma e a luz do evangelho.

---

[1] Andrew Murray, *The Holiest of All: An Exposition of the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Revell, 1993), 507.
[2] João Calvino, *New Testament Commentaries*, 12 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), 12:190.

[3] J. C. Ryle, *Expository Thoughts on Mark* (Edimburgo: Banner of Truth, 1994), 83.
[4] C. S. Lewis, *The Problem of Pain* (Nova York: Macmillan, 1978), 81.
[5] J. I. Packer, *Knowing God* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1979), 227.
[6] William L. Lane, *Hebrews 9–13* (Dallas: Word Books, 1991), 423.
[7] Alexander Maclaren, *Expositions of Holy Scripture*, 11 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1959), 10:219.
[8] Richard Sibbes, *The Bruised Reed* (Edimburgo: Banner of Truth, 1998), 55.
[9] Citado em Ray Stedman, *Hebrews* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1992), 141.
[10] J. I. Packer, *Knowing God* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1979), 201–2.
[11] Citado em Elsie Houghton, *Christian Hymn Writers* (Glamorgan, U.K.: Evangelical Press of Wales, 1982), 149.
[12] William Cowper, "Hark, My Soul! It is the Lord", 1768. [Em inglês: "*I delivered thee when bound,/ And, when bleeding, healed thy wound;/ Sought thee wandering, set thee right,/ Turned thy darkness into light*".]

51

UM CHAMADO À SANTIDADE



Hebreus 12.14-17

Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor. (Hb 12.14)

De todos os jovens que morreram tragicamente no ataque à escola de Columbine de ensino secundário em abril de 1999, nenhum tocou a vida de mais pessoas do que Cassie Bernall. Cassie tem sido descrita corretamente como uma mártir; ou seja, como alguém que morreu por sua fé em Cristo. Ela pereceu na biblioteca de sua escola quando um dos dois jovens assassinos colocou seu rifle automático na cabeça dela e perguntou: "Você acredita em Deus?" Alguns acham que Cassie poderia estar orando, o que teria chamado a atenção deles e motivado a pergunta. No entanto, a pergunta não se tratava de mera especulação teológica. Quando perguntaram: "Você acredita em Deus?", eles estavam desafiando a disposição dela de morrer por Cristo. Com a ponta do rifle pressionando sua fronte, a jovem refletiu sobre sua resposta.

Cassie respondeu alto e em bom som, pois outro adolescente, agachado sob uma mesa a sete metros de distância, ouviu a resposta clara dela. Ele, mais tarde, relembrou: "Um deles perguntou a ela se ela acreditava em Deus. Ela pausou, como se não soubesse o que iria responder, e então disse sim. Ela devia estar assustada, mas a voz dela não soava trêmula. Foi algo forte".[1] Ela disse sim, e com isso o jovem assassino puxou o gatilho, e Cassie Bernall entrou na recompensa eterna com o Deus que ela confessou em face da morte.

Cassie Bernall é famosa por ter morrido por Cristo, mas o que talvez seja menos conhecido é que nos meses anteriores a sua morte, ela havia vivido para Cristo. Na verdade, dois anos antes, Cassie tinha sido muito parecida com os dois jovens revoltados que mais tarde atiraram nela: envolvida no submundo adolescente das trevas góticas com suas armadilhas de música conturbada, ira selvagem e flerte com o suicídio. Ela havia entregado a sua alma a Satanás em um ritual negro; ela e uma amiga estavam planejando o assassinato de um professor que elas odiavam e escreveram letras discutindo seriamente a ideia de matar seus pais. Quando encontraram essas cartas, os pais dela intervieram dramaticamente, entre outras maneiras enviando-a para um grupo de jovens em uma igreja próxima. Cassie chamou a atenção em meio aos jovens cristãos, por causa de seu vestido e de seu comportamento, e frequentava de má vontade. No entanto, após finalmente fazer uma amiga cristã, Cassie foi dramaticamente

convertida a Cristo em um retiro de jovens. Deus trouxe o evangelho de seu amor e perdão e o poder da vida para o coração dela. Cassie retornou para casa e exclamou: "Mãe, eu mudei".

Após dois anos vivendo para Cristo, essa jovem estava disposta a morrer por Cristo. A mãe dela escreve: "A verdadeira questão levantada pela morte de Cassie não é o que ela disse aos seus assassinos, mas o que a tornou capaz de enfrentá-los como ela fez. [...] Cassie não simplesmente morreu em 20 de abril, mas morreu diariamente nos dois anos anteriores".[2] Pela fé ela havia entregado sua vida para Cristo, e foi assim que essa jovem cristã foi capaz de enfrentar a morte por causa dele.

Um chamado santo

Essa é a maneira que o escritor de Hebreus estava pensando nessa passagem. Se havia uma preocupação na mente dele, era que os seus leitores cristãos permanecessem firmes quando o dia da provação viesse, talvez como subitamente veio para Cassie Bernall. A carta inteira deixa claro que ele esperava sofrimento e perseguição no futuro imediato. Essa foi parte de sua mensagem quando ele os exortou a olhar para Jesus que "em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não [fez] caso da ignomínia" (12.2). Em Hebreus 12.4 o autor salienta: "Ora, na vossa luta contra o pecado, ainda não tendes resistido até ao sangue", o que claramente implica que eles logo poderiam encarar esse mesmo tipo de provação.

Hebreus 12 começa com a corrida que os cristãos devem correr, desprendendo-se de cada obstáculo e fugindo do pecado a fim de resistir até o fim com os nossos olhos fixos em Cristo (v. 1-3). Os versículos 4-13 então falam da disciplina de Deus quando ele treina os seus filhos para uma colheita de justiça.

O versículo 14 continua esse discurso, dando as orientações específicas que os cristãos precisam. A instrução direta é do que uma jovem crente como Cassie Bernall especialmente necessita a fim de saber como viver como um cristão. Mas é também algo que os crentes mais experientes precisam lembrar. Essa instrução consiste de uma exortação a ser buscada com dois alvos específicos: "Segui a paz com todos e a santificação". O primeiro tem a ver com o nosso relacionamento com outras pessoas, e o segundo com o nosso relacionamento com Deus.

Aos cristãos é ordenado viverem em paz com as pessoas ao redor deles, serem pacificadores no mundo. É isso que o nosso Senhor Jesus enfatizou quando ensinou: "Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus" (Mt 5.9). Isso é algo que Paulo enfatizou em sua Carta aos Romanos: "se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens" (Rm 12.18).

É isso que todos nós buscamos em nome de Cristo: "Seguir a paz com todos". Essa é uma busca contínua e determinada; como alguém caça a presa, assim devem os cristãos perseguir a paz. Devemos pensar na paz em termos abrangentes, como o efeito do evangelho na sociedade quando ele é transmitido por meio de nossa vida. O salmo 34.14 coloca assim: "Aparta-te do mal e pratica o que é bom; procura a paz e empenha-te por alcançá-la".

O evangelista chinês Watchman Nee nos conta uma história que ilustra o nosso chamado para a paz. Um cristão que tinha uma plantação de arroz num morro tinha de bombear água à mão para trazê-la de um riacho que corria no pé do morro. Abaixo dele havia um vizinho que tinha feito um buraco no muro de divisa para que, quando o cristão tentasse bombear água em seu campo, ela fosse drenada para o campo dele, vizinho. O cristão ficou compreensivelmente frustrado com esse roubo contínuo. Ao consultar seus amigos cristãos, ele perguntou: "O que devo fazer? Eu tenho tentado ser paciente e não retaliar. Não está correto eu confrontá-lo?" Os cristãos oraram, e então um deles percebeu que como cristãos eles certamente tinham uma tarefa de buscar mais do que justiça para si mesmos, mas viver de tal maneira a abençoar os outros.

De posse de tal conselho, o cristão buscou uma estratégia diferente. No dia seguinte ele saiu e primeiro bombeou água para o campo de seu vizinho e depois continuou a fazer um trabalho adicional para suprir água para o seu próprio campo. Não demorou muito, esse procedimento levou o vizinho a perguntar por que o cristão agia dessa maneira. Como resultado do relacionamento que se seguiu o vizinho se tornou ele mesmo um cristão.[3]

Esse é o tipo de atitude que nossa passagem exorta, a que põe a paz com nossos vizinhos e o ser uma bênção para outros à frente de nossos próprios direitos e prerrogativas. O apóstolo Pedro argumentou dessa maneira: "Pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos [...] quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente" (1Pe 2.21,23).

A vida cristã não está somente focada em nossos relacionamentos com outras pessoas, mas ela também tem uma dimensão vertical: nosso relacionamento com Deus. Portanto, o escritor acrescenta: "Segui [...] a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" (v. 14). A palavra grega traduzida como "santificação" é aquele processo pelo qual os cristãos são livres do poder do pecado e transformados para a piedade. A santificação é a obra de Deus em nós, mas uma em que somos ativos pela fé. A santidade significa "separar": separar *do* mundo pecaminoso e *para* Deus para a sua satisfação e serviço.

Essa não é uma opção para o crente, mas como Paulo diz: "Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor" (2Tm 2.19). A salvação do cristão não é causada por nossa santidade, mas ela necessita de nossa santidade, pois esse é o próprio propósito de Deus em nos salvar, que possamos ser conformados "à imagem de seu Filho" (Rm 8.29). A santidade é necessária para que sejamos salvos. Ela é necessária como uma *condição* de nossa aceitação por Deus, uma vez que somos justificados somente pela fé em Cristo, e não por obras. Mas ela é necessária como uma *consequência* de nossa aceitação por Deus, tanto que o apóstolo Tiago zomba da ideia de ser salvo pela fé que fracassa em produzir boas obras. "Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta", escreve ele (Tg 2.17).

A santidade tem sido uma ênfase importante do escritor de Hebreus. Cristo foi aperfeiçoado como nosso Salvador para que ele possa nos aperfeiçoar para entrar na plenitude da salvação que ele concede. Hebreus 10.14 diz: "Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre

quantos estão sendo santificados". A morte sacrificial de Cristo imputou sobre nós a sua própria justiça perfeita e também nos colocou no caminho da santidade crescente; esses dois sempre andam juntos. James. M. Boice escreve: "O verdadeiro cristianismo conduz [um crente] a Jesus Cristo. E isso quer dizer que o Espírito Santo vem viver dentro do cristão, dando à pessoa uma nova natureza, criando amor por Deus e um desejo de obedecê-lo, e dando a habilidade de fazer o que Deus requer. Em outras palavras, o evangelho nos conduz a uma transformação interna".[4]

É o avanço dessa obra progressiva que os cristãos devem zelosamente buscar nesta vida. Portanto, embora tenhamos de ser uma bênção para o mundo, uma fonte de paz para quem está ao nosso redor até onde formos capazes, nunca devemos assim fazer transigindo com o mundo, ou nos tornando mundanos. Na verdade, os cristãos são melhores para o mundo quando menos se parecem com o mundo: quando somos piedosos, quando trazemos luz para dissipar o reino de trevas do pecado. O nosso empenho pela paz e a santidade caminham juntos.

É claro que para pecadores como nós isso é uma luta, por isso é que o texto nos exorta: "Esforcem-se" (v. 14 - NVI). Paulo fala em termos semelhantes:

> Não que eu [...] tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus. (Fp 3.12-14)

É assim que um cristão busca a santidade, ansiando mais por refletir o caráter de Deus e ver a morte do pecado em nosso coração pelo poder da graça dele.

Para uma adolescente como Cassie Bernall, isso significou aprender a pensar de forma diferente dos outros jovens na escola: não pensar em termos de popularidade ou imagem, ou se colocar em primeiro lugar. Em vez disso, ela foi chamada para viver o amor dela por Deus e o amor dele pelas pessoas, a pensar como Deus gostaria que ela agisse em várias situações, e a estar disposta a abrir mão de seus direitos em favor de outra pessoa. Isso não é muito diferente para cada um de nós; jovem e idoso, somos chamados a "seguir a paz com todos e a santificação".

Três perigos para os cristãos

O escritor de Hebreus prossegue ao listar três ameaças para os cristãos, individual e corporativamente. A primeira é encontrada no versículo 15: "Atentando, diligentemente, por que ninguém seja faltoso, separando-se da graça de Deus". Esta é a principal preocupação do escritor, que alguém possa ficar para trás ou abandonar a corrida.

O escritor expressou essa preocupação acerca da apostasia várias vezes em Hebreus, que houvesse pessoas entre os seus leitores que sob provação caíssem e negassem a Cristo. No capítulo 2 ele escreveu sobre crentes "se desviando" da fé no fluxo de incredulidade mundana. O capítulo 3 advertiu sobre a aparência enganosa do pecado, que endurece o coração para que a

pessoa se “afaste do Deus vivo” (v. 12). No capítulo 6 ele escreveu sobre as pessoas que tinham avançado tanto no cristianismo a ponto de serem iluminadas por ele, de terem “provado o dom celestial”, e até mesmo terem experimentado o poder do Espírito de Deus entre o povo de Deus. É possível se encaixar nessa descrição e ainda assim ter um compromisso superficial com Cristo tal que fracasse em perseverar. O capítulo 10 então exortou: “Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa” (v. 36). Agora, nessa quinta exortação contra a apostasia, o escritor de Hebreus retorna ao mesmo tema, descrevendo-o como sermos faltosos ou nos separar da graça de Deus.

Isso nos lembra de que, embora a Bíblia nos ensine que todos os verdadeiros cristãos estão seguros na obra salvadora de Deus – nós somos “guardados pelo poder de Deus” (1Pe 1.5) –, a Bíblia também nos ensina que a realidade de nossa fé é provada por nossa perseverança até o fim. Um verdadeiro cristão vai perseverar, ainda que possa tropeçar, assim como Paulo nos assegura em Filipenses 1.6 que Deus completará a obra que começou em nós. O salmo 37 fala do cuidado de Deus por seu autêntico filho: “O SENHOR firma os passos do homem bom e no seu caminho se compraz; se cair, não ficará prostrado, porque o SENHOR o segura pela mão” (Sl 37.23-24).

Se vocês são fracos, isto deveria confortar vocês; como Jesus disse de suas verdadeiras ovelhas: “Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão” (Jo 10.28). Mas se a sua vida cristã é superficial, talvez você deva ficar preocupado, pois isso deixa claro que há muitos que fazem uma profissão de fé em Cristo, mas caem da graça de Deus, especialmente quando a situação fica difícil.

O versículo 15 inclui um antídoto para esse primeiro perigo, a saber, o cuidado pastoral dos cristãos uns com os outros: “atentando”, o autor escreve, “que ninguém seja faltoso, separando-se da graça de Deus”. Ele quer dizer que os cristãos hebreus devem ativamente se conscientizar desse perigo, especialmente, sem dúvida, quando estão passando por tribulação. Um dos antigos comentaristas gregos, Teofilácto, coloca isso em termos de um bando de viajantes empenhados em uma jornada e observa que eles periodicamente têm de se assegurar de que todos ainda estão lá. “Alguém se desviou?”, ele pergunta. “Alguém foi deixado para trás enquanto os outros prosseguiram?”[5]

A palavra grega para “atentando diligentemente” é *episkopeō,* da qual vem *episkopos,* uma das principais palavras do Novo Testamento referentes a um presbítero ou ministro. O escritor não está restringindo essa obrigação aos oficiais da igreja, mas certamente essa é uma das principais obrigações de um ministro: supervisionar o rebanho, assegurar que todos estejam acompanhando, e especialmente perceber a ausência de qualquer um que tenha desaparecido. Em nossa passagem, essa obrigação, que se aplica especialmente aos ministros e presbíteros, é dada de forma geral a todos os cristãos. Devemos buscar aqueles que parecem ter retrocedido ou se desviado, indagar acerca de suas lutas, exortar e encorajá-los na verdade do evangelho. Dessa maneira, somos usados por Deus para a perseverança daqueles que pertencem a ele.

O versículo 15 percebe um segundo perigo. Atentando diligentemente, ele acrescenta: “por que ninguém seja faltoso, separando-se da graça de Deus; nem haja alguma raiz de amargura que, brotando, vos perturbe, e, por meio dela, muitos sejam contaminados”. Isso é uma alusão a Deuteronômio 29.18, em que Moisés disse: “Para que, entre vós, não haja homem, nem mulher, nem família, nem tribo cujo coração, hoje, se desvie do SENHOR, nosso Deus, e vá servir aos deuses destas nações; para que não haja entre vós raiz que produza erva venenosa e amarga”. O perigo é que se levante um grupo na igreja para promover ensino e práticas não bíblicos.

Uma raiz assim não é somente amarga porque o seu gosto é ruim, mas é veneno mortal que traz morte espiritual. Ela causa problemas e contaminação – ou seja, ela exclui o povo da presença de Deus, de forma que a preocupação, mais uma vez, é acerca da apostasia, desta vez por causa da heresia na igreja. Por isso é que hoje nós precisamos supervisionar tudo o que se relaciona ao ensino e à prática, para que raízes amargas não cresçam em nosso meio e causem a queda de alguns de nossas fileiras. Paulo começa sua carta de instrução a Timóteo com apenas uma preocupação: admoestar “a certas pessoas, a fim de que não ensinem outra doutrina”, ter cuidado com aqueles que “promovem [mais] discussões do que o serviço de Deus, na fé” (1Tm 1.3-4).

O versículo 16 traz uma terceira advertência, contra padrões sensuais e ímpios que fazem com que as pessoas se desviem do eterno para o mundano: “Atentando diligentemente [que]... [não] haja algum impuro ou profano”. Esses dois termos descrevem uma atitude profana para com a vida, a saber, para com o que é sensual e ligado à terra, atitudes que busquem desejos carnais de todos os tipos, sexuais ou não, em vez de bênçãos espirituais. Essa atitude está por toda parte hoje; de fato, a economia da nação é praticamente construída sobre dois pilares do mundanismo: o sensual e o ímpio.

Um exemplo flagrante dessa mentalidade, bem como uma boa advertência contra ela, vem da vida de Esaú, o filho mais velho do patriarca Isaque e o irmão de Jacó. Esaú tinha uma sensualidade muito aflorada, razão por que ele tomou esposas pagãs e assim desgostou seus pais piedosos. Contudo, o exemplo mais grave dessa sensualidade veio com sua disposição de trocar seu direito de primogenitura – a aliança da salvação com o Senhor – por um prato de cozido. É isso que Hebreus 12.16 salienta, que ele “por um repasto, vendeu o seu direito de primogenitura”, um terrível ato de estupidez registrado em Gênesis 25.29-34. Gênesis diz que “desprezou Esaú o seu direito de primogenitura” – ou seja, seu relacionamento pactual com Deus. Certamente esse é o cúmulo do desprezo pelas coisas de Deus, e ainda assim é uma escolha que é repetida a todo o momento em nossa época. O nosso trabalho como cristãos, diz o escritor de Hebreus, é assegurar que esse tipo de atitude secular não tenha espaço na igreja, e que cada cristão seja advertido contra ela.

Hebreus 12.17 nos fala por que a mentalidade sensual de Esaú deve tanto ser evitada: “Pois sabeis também que, posteriormente, querendo herdar a bênção, foi rejeitado, pois não achou lugar de arrependimento, embora, com lágrimas, o tivesse buscado”. Esse texto refere-se ao

apuro de Esaú quando, anos depois, a bênção pactual que ele tinha desprezado foi de fato dada a Jacó em vez de a ele. Gênesis 27 registra que Esaú arrependeu-se de ter dado algo tão valioso. Ele não estava arrependido por seu pecado ou por sua atitude depravada, mas somente por causa das consequências. No entanto, ele foi incapaz de desfazer o que tinha sido feito, e da mesma maneira as pessoas com uma atitude sensual e ímpia hoje são incapazes de desfazer suas muitas escolhas estúpidas, não importa quantos anos elas chorem. Quantas pessoas até mesmo culpam a Deus por não as ajudar, quando elas o haviam rejeitado antes em favor do mundo, um mundo que acaba por não atender a suas promessas reluzentes. Atente diligentemente, nos é ordenado, que essa atitude e seu custo em lágrimas não tenham lugar na comunidade cristã.

Esses são perigos reais que nós encaramos hoje, como sempre. Primeiro é a preocupação geral de que alguns vão se desviar; segundo é a ameaça de heresia dentro da igreja; terceiro é o perigo de impiedade sensual, uma ameaça que temos de levar muito a sério, especialmente com os nossos jovens e outros que estão sujeitos a serem facilmente influenciados pelos valores mundanos.

"Sem santidade ninguém verá o Senhor"

Há uma afirmação que domina essa passagem. O escritor diz que devemos nos empenhar pela santidade "sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hb 12.14). Esse é um versículo que tem feito com que muitos cristãos percam o sono, porque se infere dele que a salvação resulta de nossos feitos morais. Se você está pensando assim, deixe-me lembrá-lo de que ninguém é salvo por causa de sua santidade perfeita. Nós não somos salvos por nossas obras – que são igualmente manchadas pelo pecado e por isso são inaceitáveis a Deus –, mas sim pela obra perfeita de Jesus Cristo. Essa é a grande mensagem do livro de Hebreus, que Cristo tornou perfeito o que deve ser apresentado a Deus. Ele atingiu as exigências de justiça de Deus e oferece isso a Deus em favor de todos os que vêm pela fé nele. Hebreus 7.26-27 diz de Cristo: "Com efeito, nos convinha um sumo sacerdote como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e feito mais alto do que os céus", ele sacrificou "uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu". Mais do que isso, Jesus foi ressuscitado dos mortos para mostrar que Deus aceitou a expiação do pecado feita por ele. Ele agora vive e reina no céu para assegurar a nossa perseverança. Hebreus 7.24-25 diz: "este, no entanto, porque continua para sempre, tem o seu sacerdócio imutável. Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles".

Portanto, a ideia defendida em Hebreus 12.14 não é que temos de ser salvos por nossa própria santidade, um ensino que só pode levar você ao desespero. A tese dessa afirmação é, todavia, direta e séria. Ela é acerca da necessidade de santificação por todos os que chamam a si mesmos de cristãos e buscam ser salvos. O que o versículo diz é verdade: sem santificação "ninguém verá o Senhor". Jesus disse o mesmo em termos positivos no Sermão do Monte: "Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus" (Mt 5.8).

No céu os cristãos verão a Deus; ou seja, teremos comunhão abençoada com ele por virtude de nossa participação perfeita em seu caráter santo. O apóstolo João escreve sobre isso em sua primeira carta e até mesmo anuncia que é vendo Cristo na morte que finalmente será erradicado de nós qualquer vestígio de pecado. "Amados", ele escreve, "agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é" (1Jo 3.2). O *Breve Catecismo de Westminster* coloca isso em termos especialmente amáveis: "Quais são as bênçãos que os fiéis recebem de Cristo na hora da morte?", e responde: "As almas dos fiéis na hora da morte são aperfeiçoadas em santidade, e imediatamente entram na glória" (P/R 37). Tendo iniciado nossa santidade nesta vida, iremos gozar de sua perfeição na vida por vir, e iremos contemplar a Deus na beleza da santidade.

Assim sendo, Hebreus 12.14 nos exorta, de três maneiras, em uma busca presente daquela santidade que sozinha nos capacita a ver o Senhor. Primeiro, somos exortados à santidade porque santidade é a nossa preparação para o céu. Os únicos que serão aperfeiçoados em santidade, então, são aqueles que estão sendo aperfeiçoados em santidade agora, por mais que o processo seja lento e muito difícil. J. C. Ryle defende isso persuasivamente:

> Temos de ser santos, porque sem santidade na terra nós nunca estaremos preparados para desfrutar do céu. O céu é um lugar santo. [...] Suponha por um momento que seja permitido a você entrar no céu sem santidade. O que você faria? Que possível satisfação você poderia sentir lá? A qual dos santos você iria se juntar, e do lado de quem você iria se sentar? Os prazeres deles não são os seus prazeres, o gosto deles não é o seu, o caráter deles não é o seu. Como você possivelmente poderia ser feliz se não tivesse sido santo na terra?[6]

O melhor, então, é nos preparar para as bênçãos eternas de santidade por todo o sempre no céu, buscando a santidade em nossa vida agora.

Segundo, temos de perseverar em nossa fé se queremos ser salvos, e perseverança não é possível sem santidade. Por essa razão é que Hebreus 12.1 começa essa seção de ensino nos dizendo: "desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia". Se não nos esforçarmos contra o pecado, seremos superados e não iremos terminar a corrida. No capítulo 2 nos é dito que o pecado é uma correnteza que vai nos arrastar para o mar; o capítulo 3 diz que o nosso coração é endurecido pelo engano do pecado. A não ser que façamos o que ordena essa passagem, portanto, fazendo todo o esforço não somente para viver em paz, mas também em santidade, não iremos ver o Senhor porque não iremos perseverar na fé. Como no caso de Esaú, uma mentalidade sensual e secular insiste em desprezar o Senhor e suas bênçãos. As pessoas rejeitam a santidade porque amam o mundo, e esse amor vai privá-las do céu.

Terceiro, e finalmente, temos de crescer em santidade porque as nossas presentes ações têm implicações eternas. Essa, também, é a lição de Esaú; as ações irresponsáveis dele levaram à alienação definitiva das riquezas eternas em Deus. Por um lado, não há pecado do qual não se possa arrepender, nenhuma atitude que não possa ser pregada na cruz por meio da fé em Cristo. Cassie Bernall uma vez ofereceu, seriamente, sua alma a Satanás, mas acabou sua vida

professando a fé em Deus para um assassino que empunhava uma arma. A questão não é que seja impossível se arrepender do pecado e ser perdoado, porque é possível. A questão é que temos de buscar a santidade porque o que pensamos, dizemos e fazemos agora têm importância eterna. Paulo escreve: "Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna" (Gl 6.8). O que geralmente se diz é: "Plante um pensamento e colha uma ação; plante uma ação e colha um hábito; plante um hábito e colha um estilo de vida; plante um estilo de vida e colha um caráter; plante um caráter e colha um destino". Esse é o epitáfio de muitas almas arruinadas, e temos de fazer todo o esforço – tudo no poder da graça de Deus recebida através da fé em Cristo – para avançar em santidade, sem a qual nunca veremos o Senhor.

Isso é algo que Cassie Bernall obviamente veio a perceber. Há um epitáfio na vida dela, e é o título do livro que sua mãe escreveu para contar a história dela: *She said yes* [Ela disse sim]. Naquele livro o pastor de jovens dela escreveu: "O mundo olha para o 'sim' de Cassie no dia 20 de abril, mas nós precisamos olhar para o 'sim' diário que ela disse dia após dia, mês após mês".[7] Cassie certamente teria concordado, porque pouco antes de sua morte ela sublinhou uma frase num livro que estava lendo: "Todos nós deveríamos viver a vida de forma a sermos capazes de encarar a eternidade a qualquer momento".

Essa é uma mensagem para cada um de nós, não só porque com ela podemos encarar a morte a qualquer momento, mas porque é isso que espera por todos os que estão em Cristo. A vida entesourada para nós é uma vida santa. Portanto, façamos todo o esforço para sermos santos, pois é com santidade que um dia veremos nosso precioso Senhor, e é com santidade que outros podem vê-lo em nós agora.

---

[1] Misty Bernall, *She Said Yes: The Unlikely Martyrdom of Cassie Bernall* (Farmington, Pa.: Plough, 1999), 13.
[2] *Ibid.*, 119.
[3] Citado de James Montgomery Boice, *Ephesians* (Grand Rapids: Zondervan, 1988), 111–12.
[4] James M. Boice, *Amazing Grace* (Wheaton, Ill.: Tyndale House, 1993), 114–15.
[5] Citado em William Barclay, *The Letter to the Hebrews* (Louisville: Westminster/John Knox, 1976), 182.
[6] J. C. Ryle, *Holiness* (Darlington, U.K.: Evangelical Press, 1979), 42.
[7] Bernall, *She said yes,* 119.

52

A MONTANHA DA GRAÇA



Hebreus 12.18-24

> [...] *tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembleia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, e a Jesus, o Mediador da nova aliança, e ao sangue da aspersão que fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel.* (Hb 12.22-24)

O livro de Hebreus apresenta ao leitor um brilhante roteiro de história e geografia bíblicas. O escritor nos leva a vários lugares na história bíblica, relembrando o que aconteceu e sempre relacionando o que vemos à pessoa e obra de Cristo e então à vida de fé cristã. Em diferentes capítulos descobrimo-nos no deserto do êxodo, nas tendas de Abraão, diante do véu do tabernáculo, nas cortes de Melquisedeque, nos portões do jardim do Éden e na arca com Noé navegando no dilúvio. Essa obra-prima provê uma variedade envolvente e estimula o interesse pelo livro de Hebreus.

Dessa maneira o escritor também defende sua tese de que o Antigo Testamento, assim como o Novo, é totalmente sobre Jesus Cristo. Aonde quer que vamos na Bíblia, o escritor mostra, a mensagem é voltar-se para Cristo em fé. Todas as promessas e profecias do Antigo Testamento encontram o seu "sim" e "amém" em Jesus e na igreja do Novo Testamento que ele está construindo. Em todo esse grande cenário de revelação, portanto, há uma mensagem consistente, a saber, que temos de nos apegar a Cristo como Salvador sejam quais forem as dificuldades ou provações que possam nos sobrevir.

A montanha de Deus

Hebreus 12 conclui nos levando para outra parada na excursão pelas terras bíblicas, dessa vez para o Monte Sinai, onde Moisés trouxe Israel no êxodo para se encontrar com Deus. Nós lembramos que quando Deus libertou seu povo da escravidão no Egito, ele não simplesmente os libertou para fazer o que eles quisessem; ele os trouxe para a montanha onde ele habitava para que eles pudessem adorá-lo. "Deixa ir o meu povo", clamou Moisés a Faraó, "para que me celebre uma festa no deserto" (Êx 5.1).

Esse é um excelente lembrete de que o propósito de nossa libertação, o propósito da igreja, é adorar e servir a Deus – não agradar ao mundo, não vender bens e serviços para a cultura secular, mas agradar a Deus por meio de nosso culto vivo. No entanto, não se diz aos cristãos que eles

chegaram ao Monte Sinai no deserto. O Monte Sinai é retratado, mas apenas para apresentar um contraste pelo qual o monte de nossa salvação pode ser visto mais claramente. É um contraste entre o Sinai e Sião, entre Moisés e Cristo, entre a lei e o evangelho.

> [...] não tendes chegado ao fogo palpável e ardente, e à escuridão, e às trevas, e à tempestade, e ao clangor da trombeta, e ao som de palavras tais, que quantos o ouviram suplicaram que não se lhes falasse mais, pois já não suportavam o que lhes era ordenado: Até um animal, se tocar o monte, será apedrejado. Na verdade, de tal modo era horrível o espetáculo, que Moisés disse: Sinto-me aterrado e trêmulo! (Hb 12.18-21)

O autor de Hebreus está escrevendo para que as pessoas percebam. Ele amontoa descrição após descrição para deixar claro a situação do judaísmo, a situação à qual Moisés trouxe as 12 tribos e à qual o escritor adverte os cristãos hebreus a não retornar. Essa é a situação da antiga aliança, e ela não se revela como uma situação muito atrativa.

A descrição em Hebreus 12.18-21 vem dos livros de Êxodo e Deuteronômio. Primeiro, o escritor diz: "Ora, não tendes chegado ao fogo palpável". Isso relembra Êxodo 19.12, em que Deus disse a Moisés: "Guardai-vos de subir ao monte, nem toqueis o seu limite; todo aquele que tocar o monte será morto". Quando o homem veio a Deus na montanha da lei, houve uma separação entre o homem e Deus, uma separação tornada necessária por nosso pecado e pela santidade dele.

Segundo, a montanha era "fogo [...] ardente". Não se tratava de fogo pintado em uma lareira decorativa. Era um fogo que podia ser sentido, que ameaçava o povo com o seu calor, com seu poder destrutivo. Essa mensagem foi a mesma entregue pela espada flamejante do anjo no portão do jardim do Éden. Era uma barreira de acesso, uma barreira mortal.

Terceiro, havia "trevas", a montanha da sombra da morte. Ela foi coberta com "escuridão" e "tempestade". Esse é o significado de vir a Deus sob a administração da lei, sob a antiga aliança. Havia um toque de trombeta e uma voz de trovão que aterrorizavam as pessoas. Elas não podiam suportar a voz de Deus, então enviaram Moisés para lhes servir de mediador.

Para sentir todo o impacto, temos de recitar esses itens um após o outro, da maneira que o escritor de Hebreus fez: a montanha é isolada; ela está em chamas, escura, em trevas e tempestuosa; dela soa uma trombeta e uma voz que faz com que as pessoas implorem para parar, com receio de morrer. Até mesmo o líder espiritual Moisés, um verdadeiro gigante na fé, um homem separado por Deus e para Deus, clamou: "Sinto-me aterrado e trêmulo". Essa é a montanha para qual Israel tinha sido trazido, após ser liberto da escravidão do Egito. B. F. Westcott comenta:

> Isso que o escritor descreve é a forma da revelação, fogo e trevas e trovão, sinais materiais da natureza de Deus. Dessa forma todo elemento é um que externamente causa medo. [...] A montanha está perdida no fogo e fumaça. Ela já não era, por assim dizer, uma montanha. Ela se tornou a manifestação de majestade terrível, um símbolo da presença divina.[1]

Esta é a tese do escritor: na igreja vocês foram igualmente trazidos para a presença do próprio Deus. Vocês foram trazidos para uma montanha – mas não *aquela* montanha. Há uma comparação positiva aqui. A igreja, com Israel, foi liberta da escravidão, trazida à presença de Deus com o propósito de se consagrar a ele. Mas aí para a comparação e o contraste começa. Philip Hughes escreve:

> Tais eram os terrores do Sinai, a montanha da lei de Deus, onde, por causa de sua pecaminosidade, o povo foi incapaz de se aproximar da presença de Deus. Quão diferentes são as circunstâncias em Sião, o monte da graça de Deus, onde, graças àquele que guardou perfeitamente a lei e ao sacrifício de si mesmo – definitivo e suficiente, oferecido pelo Filho encarnado em nosso lugar – nós somos convidados a nos aproximar com ousadia do Santo dos santos celestial.[2]

"Ora, não tendes chegado" àquela montanha, o escritor diz, "mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo". Somos aqui lembrados de uma comparação que Paulo fez em Gálatas 4. Ali a antiga aliança é o Monte Sinai e seus filhos são escravos, Paulo diz, comparando-a à mulher ilegítima de Abraão, Hagar. Esse é o judaísmo, essa é a antiga aliança. Mas nós somos "a Jerusalém lá de cima" que é livre (veja Gl 4.21-26). Essa liberdade, esse acesso a Deus em Cristo, é visualmente apresentado aqui em Hebreus 12.22-24, quando o escritor se volta para a situação do crente da nova aliança.

A cidade de Deus

Os cristãos, pela fé em Cristo, chegam à presença do próprio Deus, o lugar onde Deus exerce soberania e a partir do qual ele envia livramento. Essa Sião é sua acrópole, o lugar de seu trono. O que vemos nesses versículos é uma cidade-montanha; de fato, é "a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador" (Hb 11.10), sólida em seus fundamentos como uma grande montanha erguendo-se da terra. Nós somos conduzidos a essa nova montanha, conservando na memória a antiga montanha que foi coberta com trevas, fogo e escuridão. Agora, tudo isso foi trespassado, soprado de lado pelo vento do evangelho, rasgado como o véu no templo diante do Santo dos Santos, e o que vemos é a cidade resplandecente, a cidade do Deus vivo.

O Sinai proibia a entrada do homem pecador. Nenhum homem, mulher, ou criação podia nem mesmo colocar o pé naquela montanha. Mas aqui na montanha da graça está uma cidade nas nuvens, onde o povo de Deus habita. A visão do Sinai produzia medo, mas Sião é uma cena de grande encorajamento. Do Sinai estrondeavam ameaças de proibição, mas dessa montanha soa a voz do convite. Aproximar-se da primeira montanha era tremer de medo – até Moisés sentiu medo. Aproximar-se dessa montanha é encontrar esperança renovada com cada passo iluminado. Essa é a diferença feita pela vinda de Jesus Cristo, que removeu tudo o que se opunha entre nós e Deus, que retirou as trevas, o fogo e a escuridão, que transforma a montanha do medo em uma montanha de graça. Trata-se de um retrato grandioso da diferença que faz a vinda de Cristo para retirar o nosso pecado.

Sobre a montanha está a cidade de Deus. É impossível não pensar no grande livro de Agostinho com esse nome. Ele disse que há duas cidades com dois amores. A cidade do homem é baseada no amor a si mesmo, o que quer dizer inimizade a Deus; a cidade de Deus é construída com base no amor a Deus em vez do amor a si mesmo. Neste mundo, a cidade de Deus é fraca e pobre, mas lá está ela, apresentada à nossa fé, no alto da montanha de Deus, coroada em glória.

Abraão, nós lembramos, vivia em tendas. Ele era um peregrino na terra da promessa. Mas o tempo todo ele ainda era parte dessa cidade superior, e nela ele colocou os seus olhos. Ele e sua família habitavam em lugares secos, mas durante todo o tempo a promessa do salmo 46.4 era real por meio da fé deles: "Há um rio, cujas correntes alegram a Cidade de Deus, o santuário das moradas do Altíssimo". Pela fé Abraão bebeu desse rio; da mesma forma que o Espírito de Deus quando envia o evangelho, revigorando nossa alma e lançando nossas raízes junto aos riachos de água viva.

No último capítulo da Bíblia, nosso Senhor Jesus pronunciou sua última beatitude: "Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras [no sangue do Cordeiro], para que lhes assista o direito à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas" (Ap 22.14). Junto a esse pronunciamento vai o último convite da Bíblia: "O Espírito e a noiva dizem: Vem! Aquele que ouve, diga: Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida" (Ap 22.17). Essas são as coisas dentro daquela cidade. Gravadas sobre os seus muros está essa inscrição, diz Ezequiel: "O SENHOR Está Ali" (48.35). Tudo o que está dentro dela, diz Zacarias, traz a inscrição "Santo ao SENHOR" (Zc 14.20).

Mas tendes chegado a isso, diz o nosso texto, se você é um cristão. Você chegou a essa montanha e a essa cidade. Olhe para ela, ele diz, com os olhos da fé. Tudo o que há ali é seu, todas as bênçãos de Deus e até mesmo o próprio Deus.

A igreja dos primogênitos

O escritor de Hebreus então prossegue descrevendo os habitantes da cidade: "Mas tendes chegado [...] a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembleia" (v. 22). No capítulo 2 nós notamos que a antiga aliança foi dada por meio de anjos; foram eles que tocaram as trombetas e alimentaram as chamas no Monte Sinai. Os anjos eram os que revestiam os céus de trevas e escuridão, operando seu ministério de desespero diante de qualquer um que pudesse se aproximar. Mas agora, o autor diz, sobre essa montanha a que chegamos em Cristo, multidões de anjos podem ser vistos, todos em miríades festivas. Eles agora são um grupo de boas-vindas, convidando-nos a participar da alegre adoração ao Senhor.

Além do mais, o que encontramos na cidade – e que visão convidativa – é algo a que nós mesmos pertencemos: a "igreja dos primogênitos arrolados nos céus" (v. 23). O termo "primogênito" nos fala do caráter e composição dessa igreja. "Primogênito" tem várias conotações, todas elas maravilhosas. O primogênito recebia uma porção dobrada de uma herança, e aqui nós temos uma cidade inteira de tais herdeiros. Os herdeiros recebiam sua porção

por nascimento, não por realização ou mérito. Assim, também, esses primogênitos gozam de seus direitos pelo novo nascimento em Cristo. Esse *status* é resultado somente da fé: "[...] a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus" (Jo 1.12).

Além do mais, os primogênitos são aqueles especialmente amados do Pai. É isso que Deus disse de Israel em sua demanda com o Faraó: "Israel é meu filho, meu primogênito. [...] deixa ir meu filho, para que me sirva" (Êx 4.22-23). Esses cidadãos são aqueles amados de Deus, defendidos e libertos por seu poder para comunhão com ele e para adorá-lo para sempre.

Nós trazemos à memória o Egito e o êxodo, e nos lembramos, também, de que os filhos primogênitos foram redimidos pelo sangue do cordeiro. Certamente o escritor tem isso em mente quando compara o Sinai ao Sião. O anjo da morte veio para a terra do Nilo, e as únicas portas que ele ignorou foram aquelas marcadas pelo sangue redentor do cordeiro. Assim, também, essa igreja na cidade de Deus é cheia daqueles que foram redimidos pelo sangue salvador de Cristo. Assim como os filhos primogênitos de Israel mais tarde tiveram de ser redimidos de Deus (veja Êx 13.13), assim também esses pertencem a ele, são separados para ele, para sua glória e serviço.

Finalmente, lembramo-nos de que nosso Senhor Jesus é a "cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos" (Cl 1.18). Ele é, como Paulo escreve em Romanos 8.29, "o primogênito entre muitos irmãos", a quem todos os filhos de Deus devem ser trazidos à conformidade. Nessa cidade, Jesus é a pedra de esquina que estabelece o padrão para todos os demais; ele é o primogênito de Deus e todos os santos são "conformes à imagem de seu Filho".

O escritor de Hebreus prossegue ao dizer que os primogênitos estão "arrolados nos céus" (v. 23). Quando Moisés trouxe os filhos de Israel até o Sinai no êxodo, ele estava arrolando os nomes deles nos anais da nação (Nm 3.40-43). Esse foi um arrolamento na terra; mas os primogênitos são registrados no céu, uma fonte de grande regozijo e louvor. Como o pai da igreja Atanásio exclamou: "Quem não gostaria de desfrutar da ilustre companhia desses! Quem não desejaria estar arrolado com esses, para que possa ouvir com eles: 'Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo'" (Mt 25.34).[3]

Se essa é a cidade de Deus, é claro então que o próprio Deus tem de estar lá. E o autor chama a nossa atenção para ele: "Mas tendes chegado [...] a Deus, o Juiz de todos". Foi isso também que os israelitas encontraram no Monte Sinai: um Deus julgador, um Deus que deu a lei, um Deus que lhes deu os Dez Mandamentos no monte. Para pecadores, essa é uma visão que desfaz até as mais calorosas boas-vindas. Mas esse claramente não é o significado aqui.

Na verdade, a questão aqui é quase o oposto de condenação. Pois aqui vemos Deus como juiz, mas o fogo, a fumaça, as trevas e a escuridão, o soar ameaçador das trombetas – todos os ornamentos de condenação – desapareceram! Na verdade, o que vemos com esse Deus julgador não é o inferno, e sim o céu, não aqueles que foram presos e punidos, mas os "espíritos dos justos aperfeiçoados" (Hb 12.23). A multidão ao redor desse Deus e Juiz foi absolvida em sua corte; eles são julgados justos e são aperfeiçoados. Essa é a multidão a qual pertencemos, se viemos por meio da fé em Cristo. Philip Hughes escreve: "Esse Juiz é também o Deus de nosso

Senhor Jesus Cristo, cujo sacrifício perfeito é [...] a causa primeira de nossa aceitação e justificação. [...] A ele o cristão se achega com gratidão e confiança, sabendo que o trono, que para outros é de julgamento, para ele é um trono de graça" (Hb 4.16; 10.22).[4]

Para essa multidão Deus se levanta como juiz, não para condenar, mas para justificar. Na verdade, o próprio fato de ele ser o Juiz aumenta ainda mais o nosso conforto, pois ele será justo em nos aceitar em Cristo, que já pagou todo o débito de nosso pecado. É sobre isso que Paulo estava falando em Romanos 8.31-34:

> Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas? Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós.

O mediador da nova aliança

Finalmente, o escritor de Hebreus nos diz que como cristãos temos "chegado [...] a Jesus, o Mediador da nova aliança". Isso é colocado por último para ênfase, como o clímax de tudo o que já vimos. Moisés foi o mediador que andou rumo a outra montanha tremendo de medo. Jesus é o mediador de uma nova aliança em seu sangue, uma que tira o medo, remove as nuvens de fúria e abre o portão do Paraíso para todo o que vem em fé.

Lembramo-nos da ideia central da Carta aos Hebreus e vemos o que essa passagem está ensinando. Que estupidez seria deixar esse mediador, Jesus, pelo antigo mediador, Moisés; deixar essa montanha de graça pela montanha de medo e trevas que foi o Sinai!

Essa passagem fala de alegria para o nosso coração também. Eu suponho que a maioria de nós nunca foi tentada a voltar ao judaísmo. O escritor de Hebreus prossegue ao mencionar o "sangue da aspersão que fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel" (v. 24). Moisés aspergiu o sangue de sacrifícios sobre o povo quando a antiga comunidade pactual estava sendo formada, e Jesus agora é visto fazendo o mesmo pela comunidade da nova aliança.

O sangue de Jesus, nos é dito, fala uma palavra melhor do que o sangue de Abel. Novamente, nós temos uma referência do Antigo Testamento, uma que tem o sangue não apenas aspergido, mas na verdade falando. Em Gênesis 4 nós lemos que Caim, o primeiro filho de Adão e Eva, matou seu irmão Abel – que recebera o favor de Deus por meio da fé. Deus foi após Caim e disse: "Que fizeste? A voz do sangue de teu irmão clama da terra a mim" (Gn 4.10). Por essa razão Deus amaldiçoou Caim, a voz do sangue de Abel ecoou com desespero por todos os anos de sua vida amaldiçoada. Por outro lado, Westcott observa: "O sangue de Cristo advoga diante de Deus perdão e fala de paz para o homem. O sangue, isto é, a permanente virtude da vida oferecida por Cristo, está no céu; inseparável do Rei e Sacerdote glorificado".[5]

Que grande contraste há entre o sangue de Abel e o de Cristo! Ambos foram mortos por seus irmãos: Abel por Caim, e Jesus por seus pares judeus – bem como pelos pecados daqueles irmãos primogênitos que irão compartilhar a eternidade com ele. Jesus foi morto por nós, seus

irmãos. Mas que mensagem diferente o sangue de Jesus proclama! O sangue de Abel trouxe tempestades sobre a terra, já o sangue de Jesus clama: "Acalma-te, emudece!" Assim como aquelas palavras acalmaram os ventos e ondas quando Jesus as falou do barco, assim também a voz de seu sangue dissipa as tempestades da montanha, o fogo e a tempestade do Monte Sinai, para fazer do Monte Sião um lugar de paz, calma e alegria para todo o sempre.

Tendes chegado

A passagem seguinte nos dá uma aplicação do autor para essa maravilhosa descrição dos benefícios e bênçãos para todos que se achegam a Deus por meio de Jesus Cristo. A principal aplicação dele é: "Tende cuidado, não recuseis ao que fala" (v. 25). Ou seja, assegure-se de não rejeitar uma salvação como essa, já que não há outra.

No entanto, devemos considerar também o que essa passagem diz acerca do que significa ser um cristão. O que devemos compreender acerca da vida cristã? A chave para isso é encontrada no versículo 22, que diz: "Tendes chegado". O escritor de Hebreus não diz: "Vocês estão chegando" ou "Um dia vocês chegarão". Ele diz: "Tendes chegado". É como se tirássemos nossas lentes escuras, para que possamos ter a perspectiva de Deus em nossa presente existência como seu povo no mundo. Não se trata apenas de uma figura de nossa futura realidade – se você é um cristão essa é agora a sua realidade. Você chegou a essa montanha, onde as chamas ameaçadoras já não ardem. Você chegou a essa cidade, na qual a adoração de anjos cerca o povo de Deus. Você chegou a essa igreja, justificada por Deus, declarada justa e tornada perfeita em Cristo. Por quê? É para onde a nossa passagem nos leva – todas essas coisas ocorrem por causa dessa coisa única e essencial, porque "Tendes chegado [...] a Jesus, o Mediador da nova aliança" (Hb 12.22,24), a esse sangue que fala coisas melhores. Vocês chegaram a Jesus e tudo isso é encontrado nele. John Owen corretamente diz: "Nós temos aqui um abençoado, sim, uma gloriosa descrição da igreja universal, conforme a natureza e comunhão dela são reveladas sob o evangelho. [...] Nós temos aqui a substância de todos os privilégios que recebemos por meio do evangelho".[6]

Pense sobre isso na próxima vez que você se assentar na igreja. Talvez você esteja do lado de um cristão pecador e fraco, talvez de alguém que esteja a ponto de esgotar a sua paciência, que secou o seu reservatório de amor cristão. Pense sobre isso da próxima vez que estiver em um estudo bíblico e novos convertidos chegarem – ignorantes da Bíblia e tendo caminhado somente dois passos na estrada da santificação. Eles são, se realmente acreditaram em Jesus Cristo, destinados não somente ao aperfeiçoamento, mas à glória. Se você pudesse vê-los agora – aquelas pessoas cuja convivência na igreja demanda tanto esforço da sua parte, que decepcionaram você, que se debatem com o pecado. Se você pudesse vê-las agora como elas certamente serão na cidade a que elas agora pertencem, você ficaria maravilhado com a glória que Deus preparou para aqueles que o amam. Elas estão destinadas à glória, a serem perfeitas,

conformadas à imagem de seu irmão primogênito, Jesus Cristo. Elas se tornaram cidadãs da cidade-montanha de Deus porque vieram a Cristo com fé.

Pense sobre isso, também, quando você olhar para si mesmo, quando você se desesperar a respeito de pecados que o afligem constantemente, quando se encontrar tão sobrecarregado com impureza, fraqueza, dúvida e medo. Aqui Deus abre o véu e mostra a você o que ele já vê em você: "os espíritos dos justos aperfeiçoados".

Uma frase de para-choque diz: "Eu não sou perfeito, eu sou apenas perdoado". Mas aos olhos de Deus essa afirmação não é verdade. Sim, há muito a ser feito, toda uma rede de pecado a ser expulsa e substituída pela verdade e a graça. Mas esse aperfeiçoamento final em Cristo é tão certo que o escritor de Hebreus pode dizer: "[...] temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas. [...] Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados" (Hb 10.10,14). Nós não somos apenas perdoados, mas somos tornados perfeitos em Cristo. É assim que Deus agora nos vê em Cristo, e esse é o nosso destino de acordo com o poder da graça salvadora de Deus.

Se você chegou à fé em Cristo, nunca se esqueça de que você chegou "a Jesus, o Mediador da nova aliança", ao sangue que fala uma palavra de graça e não de condenação. O poder de Jesus para salvar é maior do que o seu para pecar. Portanto, ele está entronizado na cidade dele, a obra salvadora dele está segura em sua vida. Ele nos chama para descansar o nosso coração nele, e com ações de graça oferecer a Deus o culto de nossa vida.

---

[1] B. F. Westcott, *The Epistle to the Hebrews* (Londres: Macmillan, 1903), 412.
[2] Philip E. Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), 543.
[3] Citado em Hughes, *Hebrews,* 549.
[4] *Ibid.*
[5] Westcott, *Hebrews,* 419.
[6] John Owen, *An Exposition of the Epistle to the Hebrews*, 7 vols. (Edimburgo: Banner of Truth, 1991), 7:329.

53

O QUE NÃO PODE SER ABALADO



Hebreus 12.25-29

> [...] *recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor; porque o nosso Deus é fogo consumidor.* (Hb 12.28-29)

Em Hebreus 12.18-24 nós observamos uma cena dramática em nossa excursão de geografia bíblica. O escritor de Hebreus nos mostrou duas montanhas em sequência. Primeiro foi o Monte Sinai, no qual a lei foi dada para a geração do êxodo. Era uma montanha de presságio, atingida por raios e fogo, trevas e escuridão. A sua mensagem foi o perigo de se aproximar de Deus em sua santidade. Até Moisés, é lembrado a nós, tremeu de medo ante a visão dela.

Então nos é mostrada a mesma cena após a vinda de Cristo para remover as tempestades de julgamento, após as trevas serem rompidas com a luz do evangelho. O Sinai tornou-se Sião, o monte onde está a Cidade de Deus e a igreja de seu primogênito. Choros de medo dão lugar a canções de alegria. As vozes festivas agora nos convidam a nos aproximar em fé para a vida eterna.

Com base no que temos visto, o escritor de Hebreus espera que façamos algumas reflexões acerca da vida e da eternidade. Tendo essa vista diante de nós e esse som em nossos ouvidos, ele nos exorta: "Tende cuidado, não recuseis ao que fala" (Hb 12.25). Dado o glorioso prospecto colocado diante de nós no evangelho, ele diz, seria extrema estupidez olhar para isso, ouvir esse chamado, e ainda assim recusar.

Tende cuidado

Hebreus 12.25-29 completa a quinta e última exortação contra o perigo da apostasia, uma preocupação que tem incomodado o nosso escritor ao longo de toda a carta. "Tende cuidado", ele diz, "não recuseis ao que fala" (v. 25). "Tende cuidado" é uma das expressões favoritas dele, denotando vigilância para um perigo real e grave. No capítulo 3 ele incumbiu a seus leitores: "Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo" (v. 12). Esta é uma grande preocupação, que entre os crentes professos nessa comunidade, alguns, sob a ameaça de perseguição, possam negar a fé.

A questão que ele aborda no versículo 25 já havia sido abordada. Ele está argumentando do menor para o maior, nesse caso do Monte Sinai para o Monte Sião. Se os israelitas não

escaparam da mais severa punição quando endureceram seu coração para com a revelação do Monte Sinai, muito maior será a punição para aqueles que não dão atenção ao evangelho, que nos vem do Monte Sião celestial! Isso é parecido com o que ele argumentou no capítulo 2: "Se, pois, se tornou firme a palavra falada por meio de anjos, e toda transgressão ou desobediência recebeu justo castigo, como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação?" (v. 2-3).

Não há meio-termo nas coisas de Deus. George H. Guthrie corretamente diz: "A Palavra deve ser recebida ou rejeitada. [...] Para aqueles que rejeitam a Palavra, não há escapatória do julgamento de Deus. No fim, uma pessoa reside como um cidadão do reino inabalável de Deus ou perece com o resto do universo".[1]

Muitas pessoas tiram uma conclusão errônea acerca do Novo Testamento e do cristianismo. Elas concluem que uma vez que Jesus fala de graça e paz, Deus já não precisa levar a obediência tão a sério quanto ele fazia no Antigo Testamento. As pessoas comparam Moisés e Jesus, e acham que Jesus é um cara mais legal que será mais tolerante com os pecados e com a incredulidade rebelde delas. Entretanto, elas estão muito enganadas. De acordo com o Novo Testamento, o mesmo Jesus que tão carinhosamente ministra ao seu próprio rebanho retornará em vingança para julgar o mundo que o crucificou em razão da incredulidade. O apóstolo Paulo coloca isso nos termos mais severos, escrevendo sobre o retorno de Cristo: "Quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus" (2Ts 1.7-8).

Muitas pessoas chegam a uma conclusão parecida quando comparam a autoridade de Jesus com outras autoridades neste mundo. Com certeza foi assim que Pôncio Pilatos, o governador romano em Judá, sentiu-se quando Jesus, embora fosse seu prisioneiro e demonstrasse fraqueza externa, declarou que governava um reino. "*Você* é um rei?", Pilatos perguntou sarcasticamente. Jesus respondeu: "O meu reino não é deste mundo" (Jo 18.33-36). O reino de Jesus é espiritual. Isso quer dizer que, enquanto somos obrigados a respeitar e temer os poderes terrenos, nós podemos nos dar o luxo de ignorar a autoridade espiritual de Jesus? Se o governo de Jesus é meramente espiritual, isso quer dizer que ele nada tem a ver com as pessoas que escolhem não ser religiosas? James M. Boice responde:

> Nada está mais longe da verdade, pois quando dizemos que o reino de Cristo não é deste mundo, o que de fato estamos dizendo é que o reino de Cristo é do céu e, portanto, tem direito ainda maior sobre nós do que os reinos terrenos que tão bem conhecemos. [...] Acima deles está Cristo, e, quando desprezamos o reinado dele, colocamos em risco não só a nossa sorte e a nossa vida, mas a nossa alma eterna.[2]

O evangelho apresenta a mais alta obrigação de obediência, trazendo uma maior punição para a desobediência – maior até que a lei de Moisés. William Barclay diz:

> Se um homem merece a condenação por negligenciar a mensagem imperfeita da lei, quanto mais ele a merece por negligenciar a mensagem perfeita do evangelho? Porque o evangelho é a revelação total de Deus. Pesa sobre o

> homem que ouve o evangelho uma responsabilidade duas vezes maior e terrível. Se negligenciarmos o evangelho, a condenação deve ser ainda mais terrível.[3]

Sendo esse o caso, a advertência de nosso autor para "ter cuidado" é bastante razoável. Porque eles desobedeceram a revelação terrena de Deus, uma geração inteira de israelitas foi forçada a vagar e morrer no deserto. A penalidade por rejeitar o testemunho do evangelho vindo do céu, conforme ele é pregado e lido na Bíblia, é a condenação consideravelmente maior – até mesmo eterna.

O que não pode ser abalado

O versículo 25 argumenta do menor para o maior, da lei para o evangelho. O nosso escritor espera impressionar seus leitores com o significado eterno das escolhas que estão diante deles. Isso o leva a um segundo argumento: "Ainda uma vez por todas farei abalar não só a terra, mas também o céu" (Hb 12.26). Aqui está outra comparação, começando com a violenta cena do Monte Sinai. Ali Deus abalou a terra. Como o salmo 68 diz: "tremeu a terra; também os céus gotejaram à presença de Deus; o próprio Sinai se abalou na presença de Deus" (v. 8). Esse tremor da terra no Sinai, o escritor diz, apontava para um tremor maior, um que impactará tudo: "Ainda uma vez por todas farei abalar não só a terra, mas também o céu" (Hb 12.26). O escritor de Hebreus explica: "Ora, esta palavra: Ainda uma vez por todas significa a remoção dessas coisas abaladas, como tinham sido feitas, para que as coisas que não são abaladas permaneçam" (Hb 12.27). Essa é uma citação de Ageu 2.6-7, que diz: "Pois assim diz o SENHOR dos Exércitos: Ainda uma vez, dentro em pouco, farei abalar o céu, a terra, o mar e a terra seca; farei abalar todas as nações, e as coisas preciosas de todas as nações virão, e encherei de glória esta casa, diz o SENHOR dos Exércitos".

Nós estamos lendo uma lição histórica profética, um lembrete de que um dia esse presente reino criado será abalado por Deus, deixando apenas aquelas coisas eternas que são dele. Esse é o ensino de praticamente todos os escritores do Novo Testamento. João escreve em sua primeira carta: "[...] o mundo passa, bem como a sua concupiscência". Todas as coisas pelas quais as pessoas vivem, tudo por que nos esforçamos que é deste mundo por fim chegará a nada. Em contraste, João exorta, "aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente" (1Jo 2.17). Pedro semelhantemente escreve sobre o julgamento que virá sobre o mundo após o retorno de Cristo: "[...] os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas" (2Pe 3.10). Paulo talvez coloque isso de forma mais sucinta: "Porque a aparência deste mundo passa" (1Co 7.31).

Esse é um ponto em que a visão cristã claramente está em desacordo com o mundo. É difícil subestimar a importância dessa matéria. Durante toda a nossa vida somos ensinados que as coisas materiais, as coisas que são duráveis e estáveis, são as coisas terrenas. Ideias, crenças, comprometimentos espirituais – essas coisas vêm e vão, nos é dito. O que importa é o dinheiro, edifícios gigantes de pedra e aço, realizações no mundo das nações, do comércio e das artes.

Acredite no que você quiser nas questões espirituais, nos é dito, desde que elas sejam uma consideração secundária. No entanto, não deixe que elas interfiram com as coisas duráveis do mundo.

Com base nessa visão, uma pessoa prática iria abandonar o cristianismo em face da oposição, do ridículo e especialmente da perseguição. Os cristãos hebreus estavam em perigo de ter sua propriedade confiscada. Eles podiam perder suas casas por causa do evangelho; eles podiam perder seus empregos por causa de Cristo; eles podiam ser encarcerados e até morrer, sendo que tudo isso podia ser evitado bastando que eles mudassem sua posição religiosa. Permanecer no cristianismo é uma insanidade, se as coisas do mundo são aquelas que realmente importam.

Entretanto, este mundo não é o que há de mais importante. Se fosse, então o nosso compromisso com Cristo poderia bem ser secundário. Mas Deus, que abalou a terra quando desceu no Monte Sinai, vai abalar os céus e a terra – todas as coisas – quando Cristo vier novamente em glória e poder. Chegará o dia quando tudo o que pertence a este mundo vai passar, e aqueles que têm sua esperança e sonhos, sua segurança e sua salvação arraigados neste mundo, serão levados à completa ruína junto com ele.

A história de dois reinos

Talvez o maior exemplo da estupidez de colocar as prioridades terrenas na frente das espirituais seja dado pelo Império Romano. O poder dominador de Roma controlava todo o mundo conhecido quando essa carta foi escrita. A carta foi provavelmente escrita pelos cristãos judeus que viviam em Roma; a ameaça a eles veio do governo romano com a ajuda da sinagoga judaica. O que poderia ter sido mais impressionante naqueles dias, mais estável, ou mais duradouro do que o Império Romano? Se alguém tivesse perguntado: "O que vai durar? O Império Romano ou o cristianismo?" As pessoas teriam rido! Elas iriam afirmar: "Roma vai durar para sempre!" Elas teriam apontado para a pompa e o esplendor como meros símbolos do poder e glória eterna de Roma.

No entanto, de nossa perspectiva as coisas parecem bastante diferentes. A tempo, Roma iria opor toda a sua força contra o evangelho e os seguidores de Jesus Cristo. Mas no fim foi Roma que capitulou. Não demorou e a "cidade eterna" foi invadida por bárbaros, suas estátuas foram despedaçadas no chão e seus edifícios foram pilhados, queimados e desmoronaram. Mas o evangelho de Jesus Cristo, aquela voz que vem do céu, tem durado até hoje e durará para sempre. Ele dura porque é construído na verdade, não nas pretensões humanas – porque ele é verdade. Ele dura porque é a Palavra de Deus. O profeta Isaías bem disse: "Toda a carne é erva, e toda a sua glória, como a flor da erva; [...] seca-se a erva, e cai a sua flor, mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente" (Is 40.6,8).

Hoje, o grande poder de Roma, que o leitor cristão dessa carta compreensivelmente temia, é apenas uma memória. Enquanto isso o reino de Cristo ainda está conosco, sua força inalterada. O impacto dos dois reinos tem sido descrito com muita inteligência ao se comparar Nero, o

imperador que provavelmente estava envolvido nessa perseguição, ao apóstolo Paulo, a quem Nero condenou à morte. “Hoje as pessoas dão a seus cachorros o nome de Nero, mas a seus filhos o nome de Paulo.”

A voz que mais precisamos ouvir é a do próprio Jesus. Ele disse: “Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão” (Mt 24.35). Portanto, as prioridades de um cristão são opostas às do mundo. Não que as coisas do mundo não tenham importância para nós. Os cristãos bem podem estar envolvidos na construção de grandes edifícios e nos esforços de um tipo ou de outro no mundo. Mas longe de colocar as coisas espirituais em segundo plano, é a nossa fidelidade a Cristo que colocamos em primeiro lugar. Quando os compromissos e agendas do mundo, especialmente os que envolvem pecado, se põem no nosso caminho de obediência a Cristo, então temos de estar preparados para abrir mão do mundo, relembrando qual reino vai passar e qual vai durar.

Além do mais, os cristãos são ensinados pelo apóstolo Paulo em 1Coríntios 3.13-15 que:

> Manifesta se tornará a obra de cada um; pois o Dia a demonstrará, porque está sendo revelada pelo fogo; e qual seja a obra de cada um o próprio fogo o provará. Se permanecer a obra de alguém que sobre o fundamento edificou, esse receberá galardão; se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele dano; mas esse mesmo será salvo, todavia, como que através do fogo.

Assim sendo, por que qualquer um de nós iria querer se dar às coisas que vão perecer? Os cristãos podem e em muitos casos devem estar envolvidos em projetos do mundo, mas os crentes sábios o farão de maneira que seja agradável a Deus, que sirva ao reino de Deus, e assim vão oferecer todo o seu trabalho à inspeção e aprovação dele.

O versículo 28 diz que estamos “recebendo [...] um reino inabalável”. Essa é a oração que nos é ensinada: “Venha o teu reino” – ou seja, que o reino de Deus se estenda mais ampla e profundamente em nossa vida e neste mundo. É disso que trata a História, e, se formos sábios, iremos valorizar a nossa participação no reino espiritual de Cristo muito mais do que qualquer chamado mundano.

Infelizmente, há alguns cuja falsa profissão de fé será revelada por sua escolha do mundo em vez de Cristo. Um exemplo disso vem da época da Reforma na França. Ali, como em outros lugares, a propagação do evangelho trouxe tumulto e até mesmo guerra. Os cristãos evangélicos, conhecidos então como huguenotes, tinham como um de seus líderes um homem chamado Henrique de Navarra. Henrique era um membro da família real francesa, que era católica romana, mas ele tinha ouvido o evangelho, professado a fé em Cristo, e ficado ao lado da igreja reformada. Quando, em 1593, veio a oportunidade para Henrique ser coroado rei da França, sua profissão foi colocada à prova. Para consolidar sua posição política, ele teria de reverter ao catolicismo romano, pelo menos oficialmente. Esse é o tipo de teste que os leitores dessa Carta aos Hebreus estavam enfrentando. Iriam eles fazer concessões quanto à sua fé? Iriam eles colocar os interesses deste mundo na frente de sua fidelidade a Cristo?

Para Henrique de Navarra foi a escolha entre uma coroa real na terra e a coroa que está à espera do povo de Deus no céu. Henry escolheu o mundo. Explicando sua disposição de reverter ao catolicismo romano, ele insensivelmente declarou: "Paris vale uma missa". Mas Paris não vale uma missa. Uma promoção no serviço não vale a traição a Jesus Cristo, nem um romance vale um compromisso com o mundo, nem qualquer tesouro vale a salvação eterna. Essas são todas as coisas que serão abaladas, que vão desmoronar no fim, enquanto nós, pela fé, estamos recebendo um reino que não pode ser, e não será, abalado porque é de Deus.

Com reverência e temor

Até agora temos sido exortados a ter cuidado com a nossa fé por causa da consequência de rejeitar o evangelho e por causa da natureza efêmera de todos os reinos e tesouros do mundo. Os versículos 28 e 29 concluem a nossa passagem com um terceiro argumento e uma exortação adicional: "Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor; porque o nosso Deus é fogo consumidor".

Embora o evangelho nos dê uma melhor revelação do que a recebida no Monte Sinai, uma salvação por meio da graça em Jesus Cristo, não é um Deus diferente que fala nesta época. Deus é imutável. Ele é agora o que sempre foi, e isso quer dizer que ele ainda é santo e exaltado, maravilhoso em sua glória. Ele ainda é "um fogo consumidor".

O evangelho nos convida a nos aproximar de Deus, a viver em sua montanha na cidade que ele preparou. No entanto, ocorre também que a santidade de Deus estabelece uma distinção eterna entre o Criador e a criatura. O versículo 29 nos lembra de Êxodo 3, em que Moisés viu o fogo consumidor na sarça. Deus chamou Moisés para se aproximar, mas então disse a ele: "Não te chegues para cá; tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa" (Êx 3.5). A imagem de Deus como um fogo intenso fala da santidade e do temor reverente com os quais sempre devemos tratá-lo. Deus nunca pode ser tratado levianamente. Ainda que a ameaça da ira dele tenha sido removida pela cruz de Cristo, ele mesmo não é um Deus inofensivo; ele é sempre poderoso.

Essa verdade é famosamente retratada por C. S. Lewis em sua série de fantasias para crianças, *Nárnia*. Lewis usa a figura de Aslan, o leão gigante e majestoso, para retratar o Senhor. Em certo momento, uma de suas heroínas, Jill, a menina aventureira, chega até um riacho. Ela está perdida e morrendo de sede. No entanto, conforme avança, ela espia o leão assentado calmamente diante da água. Aterrorizada, ela fica paralisada. O leão a convida: "Se você está com sede, venha e beba". Morrendo de sede, e atraída pelo borbulhar ondulante do riacho, a menina avança um pouco. "Você promete não fazer nada comigo, se eu for?", ela humildemente pergunta. "Eu não faço promessa alguma", disse o leão. Atraída para perto pelo barulho refrescante da água, ela expressa sua dúvida em voz alta: "Você devora meninas?" "Eu tenho engolido meninos e meninas, mulheres e homens, reis e imperadores, cidades e reinos", ele responde. Jill recua após

isso, concluindo: “Eu não ouso ir e beber”. “Então você vai morrer de sede”, disse o leão. “Ó meu Deus!”, Jill clama, dando ainda um passo à frente por causa da sua necessidade de se refrescar: “Eu acho que tenho de ir e procurar por outro riacho, então”. Mas o leão responde: “Não há outro riacho”.[4]

Se a sede de sua alma vai ser saciada pelas águas da vida eterna, então você terá de lidar com esse tipo de Deus. Ele não sairá do caminho para você. Ele não vai se tornar mais palatável, um tipo de Deus mais amigável. Ele nunca será previsível. No entanto, ele é o Salvador, o Deus de majestade e graça; o Deus que abala os céus e a terra, mas dá aos seus um reino que não pode ser abalado.

Hebreus 12.29 relembra os fogos do Monte Sinai, citando uma afirmação feita por Moisés em Deuteronômio 4.24. Moisés estava advertindo as tribos acerca da apostasia e da idolatria, uma traição ao verdadeiro Deus – trocado pelos falsos deuses deste mundo. “Guardai-vos”, ele disse, “não vos esqueçais da aliança do SENHOR, vosso Deus, feita convosco, e vos façais alguma imagem esculpida, semelhança de alguma coisa que o SENHOR, vosso Deus, vos proibiu. Porque o SENHOR, teu Deus, é fogo que consome, é Deus zeloso” (Dt 4.23-24). Nunca imagine que a fidelidade a Deus é uma questão trivial, pois ele é zeloso com relação às afeições de seu povo. Ele é um fogo consumidor, que purifica tudo o que entra em contato com ele.

Sendo Deus o tipo de Deus que é, os dois ingredientes essenciais para a verdadeira espiritualidade são aqueles encontrados no versículo 28, a saber, gratidão e temor. “Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor.” Como criaturas diante do Criador, devemos tremer de medo, temos de reconhecer a santidade dele com um piedoso temor que produz reverência em toda a nossa conduta para com ele. Contudo, ao temor nós temos de acrescentar as ações de graças. Nós somos pecadores redimidos pela mão de misericórdia, inimigos que são reconciliados pelo amor, rebeldes que são transformados em filhos e herdeiros do reino eterno de Deus. Essa percepção com certeza deve produzir gratidão em nosso coração para com os presentes que não fizemos por merecer. Essas duas atitudes são tratadas na Bíblia como os parâmetros pelos quais podemos analisar toda a nossa adoração, todas as nossas obras, toda a nossa vida conforme ela é oferecida a ele. “Sejamos gratos”, não desejando o mundo e atiçando o zelo da ira dele; “sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor”, não esquecendo que se trata do Deus santo do céu, um “fogo consumidor”.

Investindo na eternidade

Todos se deparam com uma grande escolha nesta vida, uma escolha que mais tarde é testada e refinada. Na cacofonia deste mundo, em nossa vida ocupada, na pressa sempre presente de realizações humanas triviais, Deus está falando. Deus chama este mundo; ele chama cada um de nós. No Monte Sinai, ele falou da terra, mas no evangelho hoje ele fala do céu. A nossa escolha é simples: Iremos prestar atenção à voz dele? Iremos receber e obedecer o Deus que intervém em

nossas questões terrenas? Não é fácil prestar atenção ao chamado de Deus num mundo como o nosso, viver para um mundo que ainda está por vir, que é invisível para a nossa visão e que só é evidente para a nossa fé. No entanto, Deus não pretende que seja fácil, pois é a valiosa devoção de nosso coração que ele busca. É sempre assim: temos de perder a nossa vida a fim de salvá-la, temos de desistir do mundo para ganhar o reino de Deus.

Um homem que julgou as coisas corretamente, que compreendeu o relacionamento entre este presente mundo e o mundo por vir, foi Jeremias, o profeta de Deus em Jerusalém no período da destruição da cidade. Os babilônios tinham sitiado a cidade, montado os acampamentos de seu vasto exército nas cidades ao redor, que eles tinham pisoteado. Deus então veio a Jeremias e disse a ele para pegar o seu dinheiro e fazer um investimento. Havia terra à venda na cidade natal de Jeremias, Anatote, uma daquelas aldeias que, na época, estavam sendo postas ao chão pelo exército inimigo. Sem dúvida o preço da propriedade estava em baixa lá. Mas, de acordo com a Palavra de Deus, um homem veio a Jeremias, dizendo: "Compra agora o meu campo que está em Anatote, na terra de Benjamim; porque teu é o direito de posse e de resgate; compra-o" (Jr 32.8). O custo era de 17 ciclos de prata, e Jeremias, com entusiasmo, pagou o dinheiro, pegou a escritura de compra e tomou providências para salvaguardar o campo.

Esse é o tipo de coisa que Deus está nos pedindo para fazer. Há lotes disponíveis no reino de Deus, mas eles não parecem muito promissores para os analistas de mercado do mundo. Na verdade, como Jeremias, podemos comprar barato porque as pessoas dificilmente estão procurando aproveitar o preço. Mas há uma dificuldade. Para investir no projeto de Deus, temos de renunciar ao mundo. Nós não podemos servir a Deus e a Mamon. Temos de escolher entre a cidade de Deus, a nova Jerusalém, e a cidade deste mundo, com suas presentes ofertas atrativas. Jeremias pagou 17 ciclos de prata, que não era uma grande quantia, e ele esperava um grande lucro daquele lote de terreno espiritual; na verdade, ele esperava um eterno peso de glória. Deus nos oferece uma herança em seu reino gratuitamente – tudo o que temos de fazer é esquecer de todos os outros reinos e de todos os outros deuses.

Jeremias ficou contente por comprar sua terra, "eu paguei barato", ele pode ter dito, "mas eu venderei caro no futuro". Ele previu um dia quando os reinos deste mundo serão abalados, e tudo o que não estiver com o selo real de Deus será removido para sempre. Um lugar no reino de Deus é gratuito, por meio da fé em Jesus Cristo, mas vai nos custar tudo o mais neste mundo – e que pechincha! "O reino dos céus", disse Jesus, "é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo" (Mt 13.44). Portanto, ao ver os céus e a terra sendo abalados, e ao receber pela fé um reino que não pode ser abalado, devemos viver em reverente gratidão. É isso que Pedro aconselhou:

> Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade, esperando e apressando a vinda do Dia de Deus, por causa do qual os céus, incendiados, serão desfeitos,

> e os elementos abrasados se derreterão. Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça. (2Pe 3.11-13)

Que a nossa esperança esteja em Jesus Cristo, cuja vinda apressa-se, que é digno de tudo o que podemos dar e que é mais do que capaz de preservar tudo o que depositarmos nas mãos dele.

---

[1] George H. Guthrie, *Hebrews* (Grand Rapids: Zondervan, 1998), 425.
[2] James Montgomery Boice, *The Gospel of John* (Grand Rapids: Zondervan, 1985), 1.278.
[3] William Barclay, *The Letter to the Hebrews* (Louisville: Westminster/John Knox, 1976), 188.
[4] C. S. Lewis, *The Silver Chair* (Nova York: HarperCollins, 1953), 21–23.

54

JESUS CRISTO É O MESMO



Hebreus 13.1-8

> [Deus] *tem dito: De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei. Assim afirmemos confiantemente: O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem? Lembrai-vos dos vossos guias, os quais vos pregaram a palavra de Deus; e, considerando atentamente o fim da sua vida, imitai a fé que tiveram. Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre.* (Hb 13.5-8)

Quando Jesus se preparava para deixar seus discípulos na noite em que seria preso, ele lhes deu um claro mandamento para guiá-los dali por diante. "O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei" (Jo 15.12).

Nós chegamos a um ponto semelhante no livro de Hebreus. Essa carta foi enviada a um corpo de crentes judeus que estavam tentando reverter do cristianismo para o judaísmo para escapar da perseguição. O grande refrão de Hebreus é uma advertência contra a apostasia, contra o abandono da fé, e uma exortação a permanecer firme em Cristo para a salvação. Cinco vezes essa advertência é dada de uma forma ou de outra, incluindo aquela no fim do capítulo 12 se referindo à voz de Deus no evangelho: "Tende cuidado, não recuseis ao que fala" (v. 25).

Agora, semelhante a Jesus na noite em que deixaria os 12 discípulos, o escritor de Hebreus se prepara para deixar os seus leitores e, nesse capítulo final, ele oferece suas palavras finais de exortação. Não é de surpreender, portanto, que ele comece da mesma maneira que Jesus, exortando-os no versículo 1: "Seja constante o amor fraternal".

Nós podemos organizar esse capítulo final em quatro seções. Primeira, há vida dentro da comunidade da igreja, que é o que vamos examinar neste estudo. Em seguida é a crença da igreja em meio a um mundo incrédulo, nos versículos 9-14. Começando no versículo 15 há um chamado para vidas oferecidas sacrificialmente ao Senhor. Por fim, o capítulo conclui com uma das maiores bênçãos do Novo Testamento, nos versículos 20 e 21.

Uma comunidade que ama

Hebreus 13 começa, então, com um mandamento que os cristãos necessitam levar a sério: "Seja constante o amor fraternal". Os cristãos devem viver continuamente por esse princípio. O cristianismo é a família de Deus. A igreja deve ser uma comunidade caracterizada pelo amor de família.

Uma pessoa que escreveu muito acerca do amor cristão foi Francis Schaeffer. Muito de sua vida se deu em meio às disputas na igreja que provocaram divisões. Schaeffer era conhecido como um poderoso defensor das doutrinas cristãs, mas ao mesmo tempo lutava para manter o amor dentro do corpo de crentes. Um de seus livros começa com estas palavras:

> No decorrer dos séculos, os homens têm exibido muitos símbolos diferentes para mostrar que são cristãos. Eles têm usado marcas nas lapelas de seus casacos, pendurado correntes no pescoço, usado até mesmo cortes especiais de cabelo. [...] Mas há um sinal muito melhor. [...] Ele é uma marca universal que deve durar por todas as épocas da igreja até Jesus voltar.[1]

Essa marca é o amor entre cristãos, e Schaeffer prova isso com o ensino de Jesus em João 13.35: "Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros". Há uma condição, um "se", ele destaca – a saber, se amarmos uns aos outros –, e um resultado, as pessoas verão isso como a marca que identifica os discípulos de Jesus.

Em outro livro, Schaeffer escreve: "Evangelismo é um chamado, mas não o primeiro chamado. Construir congregações é um chamado, mas não o primeiro chamado. O primeiro chamado de um cristão é [...] voltar ao primeiro mandamento de amar a Deus, de amar os irmãos na fé, e então ao próximo como a si mesmo".[2] Devemos demonstrar amor como uma parte essencial de nosso testemunho, mas é ainda mais importante porque Deus é amor e somos chamados para ser imagem de Deus no mundo. O apóstolo João coloca isso em termos desafiadores, escrevendo em sua primeira carta: "Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor" (1Jo 4.7-8). O amor aos outros é um transbordar de nosso relacionamento com Deus, e é como demonstramos gratidão por seu amor por nós.

O amor é sempre demonstrado em ações concretas, e nossa passagem dá dois exemplos importantes. Primeiro: "Não negligencieis a hospitalidade" (Hb 13.2). Aqui descobrimos que o escopo do amor de nossa família na verdade deve ser mais amplo, assim como Jesus ensinou na parábola do bom samaritano. Um fariseu havia perguntado: "Quem é o meu próximo?" Jesus demonstrou a ele que o seu próximo é toda pessoa em necessidade e que temos de demonstrar compaixão aos outros como a temos recebido de Deus. O mesmo princípio anima o chamado à hospitalidade no livro de Hebreus.

A ideia principal aqui é trazer as pessoas para nossa casa. No mundo antigo, em que viajar era perigoso e havia poucas hospedarias, esse era um importante ministério. Hoje, com nossas vidas compartimentadas, a hospitalidade não é menos importante. Aqui está uma questão-diagnóstico: quantas pessoas seriam capazes de descrever o interior de sua casa? Se você é casado, há alguém que seja solteiro que poderia dizer como chegar até a sua mesa de jantar? Se você é solteiro, há viúvas ou crianças que já viram o parque onde você vai para relaxar? Há alguma pessoa com quem você tenha passado um tempo, simplesmente porque a considera irmão ou irmã na família

de Deus, e tem buscado aliviar a solidão dela ou atender a sua necessidade de encorajamento e suporte? Essa exortação se aplica não somente a outros cristãos, mas ela inclui também todo tipo de pessoas que, ainda que sejam estranhas, temos de abraçar com o amor de Deus por meio da hospitalidade cristã.

O segundo exemplo tem a ver com os que estavam presos: "Lembrai-vos dos encarcerados, como se presos com eles; dos que sofrem maus-tratos, como se, com efeito, vós mesmos em pessoa fôsseis os maltratados" (v. 3). Se o primeiro exemplo é o da hospitalidade, aqui o princípio é o da simpatia por aqueles que estão passando por provações. É provável que o texto se refira aos irmãos em Cristo aprisionados e maltratados por sua fé, mas novamente não temos garantia para limitar esse ensino somente aos crentes. Ray Stedman escreve: "Mesmo os que estão aprisionados merecem a ajuda cristã, uma vez que Jesus ministrou aos culpados e aos condenados simplesmente porque eles eram seres humanos".[3] Nesse ministério Jesus é o nosso exemplo e o recipiente final de nossos atos de amor. "Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes" (Mt 25.40).

Os verbos-chave caminham juntos aqui. O versículo 2 diz: "Não negligencieis a hospitalidade". O versículo 3 acrescenta: "Lembrai-vos dos encarcerados". Não negligencieis... lembrai. Parece que o problema é a maneira como vemos nossa vida e uns aos outros – a dificuldade é que esquecemos de amar as outras pessoas, provavelmente porque estamos envoltos demais em nós mesmos.

O versículo 2 inclui uma afirmação interessante acerca do valor espiritual desses atos de amor: "pois alguns, praticando-a, sem o saber acolheram anjos". Os exemplos mais preeminentes disso, é claro, são Abraão e Ló. Ao ver estrangeiros, Abraão apressou-se para fora de sua tenda e matou um bezerro para eles, vindo a saber somente mais tarde que eles traziam boas notícias como mensageiros do Senhor. Dois anjos que visitavam Ló foram por ele defendidos da turba lasciva de Sodoma. Ló acabou sendo salvo da destruição da cidade por aqueles a quem ele tinha servido (veja Gn 18-19).

O ponto aqui é que pode haver mais para as pessoas que encontramos do que os olhos podem atingir. É possível que, quando você se assenta na igreja, a pessoa próxima a você realmente seja um anjo, mas é provável que ela seja algo ainda mais maravilhoso. Ao seu lado no banco talvez haja um santo de Deus visivelmente. Do outro lado do ambiente estão aqueles que são destinados a servir como sacerdotes e reis na presença do próprio Deus vivo, que agora estão sendo preparados para usar seus trajes gloriosos. Encontrar um anjo pode ser maravilhoso, mas na igreja estão aqueles a quem os anjos são "enviados para serviço" e que "hão de herdar a salvação" (Hb 1.14). Há uma obra em andamento na vida deles que os anjos surpreendem-se e alegram-se em ver.

C. S. Lewis em seu ensaio "The Weight of Glory" [O peso da glória] chamou a atenção para como é extraordinário viver entre aqueles cujo destino eterno está em desenvolvimento.

> A pessoa mais sem graça e a mais interessante com quem você pode falar pode ser um dia uma criatura que, se você visse agora, você seria fortemente tentado a adorar, ou senão um horror e uma corrupção tal que você só encontra, se é que possível, num pesadelo. [...] Não existem pessoas *comuns*. Você nunca falou com um simples mortal. [...] É com imortais que fazemos piada, que trabalhamos, casamos, desrespeitamos e exploramos – horrores imortais ou esplendores eternos.[4]

A mais poderosa força na vida de tais criaturas, feitas à imagem de Deus, é o amor. Christopher Morley disse: "Se todos descobríssemos que só tínhamos cinco minutos restantes para dizer tudo o que queríamos dizer, todos os celulares estariam ocupados por pessoas ligando para outras pessoas para gaguejar que as amam".[5] O nosso trabalho é ir ao encontro delas, no mundo real, para contrastar o amor autogratificante do mundo com o amor autossacrificial de Cristo.

Uma comunidade santa

A igreja é chamada para amar, mas também é chamada à pureza e à liberdade da corrupção pecaminosa. O amor não é a única virtude, mas está lado a lado com a santidade que é de Deus, que disse, "Sede santos, porque eu sou santo" (1Pe 1.16). Francis Schaeffer novamente coloca bem isso:

> O cristão realmente tem uma dupla tarefa. Ele tem de praticar a santidade e o amor de Deus. [...] Não o amor dele sem a santidade dele – isso é simplesmente compromisso. Qualquer coisa que os cristãos façam, individualmente ou em grupo, que falhe em mostrar o equilíbrio simultâneo entre a santidade e o amor de Deus mostra ao mundo não uma demonstração do Deus que existe, mas uma caricatura do Deus que existe.[6]

A igreja, assim como o cristão individualmente, é a morada do próprio Deus, o templo dele. Por isso Paulo escreve: "Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor" (2Tm 2.19). Novamente, a nossa passagem fornece exemplos completos, primeiro a pureza do casamento: "Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula; porque Deus julgará os impuros e adúlteros" (Hb 13.4).

Os primeiros leitores dessa carta estavam numa posição parecida com a nossa, dentro de uma sociedade depravada inundada em complacência e perversão sexual. No entanto, uma marca da pureza cristã sempre foi o nosso dever de ser dramaticamente diferente exatamente nessa área. Paulo denuncia fortemente a imoralidade sexual em muitas de suas cartas, muitas vezes listando a imoralidade entre os pecados que temos de rejeitar. Certa vez, ele escreveu da imoralidade sexual: "eu vos declaro, como já, outrora, vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam" (Gl 5.21). O nosso texto da mesma forma diz: "Deus julgará os impuros e adúlteros". Deus está julgando, agora mesmo, a devassidão de nossa sociedade, bem como as igrejas supostamente cristãs que aderem ou toleram isso. A não ser que os cristãos estejam dispostos e sejam capazes de ser diferentes justamente nesse ponto de maior depravação de nossa sociedade, não podemos esperar que o nosso testemunho seja levado a sério e que a nossa própria profissão de fé não seja questionada.

Quem deve honrar o casamento? Todos nós, diz Hebreus 13.4. Toda a igreja. Nós temos um interesse especial em defender a instituição do casamento e os casamentos reais em nosso meio. O casamento é a primeira instituição estabelecida por Deus e basicamente o tijolo da igreja e da sociedade. Não deve haver melhor aferidor da saúde espiritual da congregação, hoje, do que a saúde de seus casamentos. Maridos e mulheres são depositários de algo precioso diante do Senhor e da igreja. Uma de nossas grandes necessidades de hoje é o exemplo de casamentos fortes e piedosos para encorajar aqueles que nunca viram o amor verdadeiro e fornecer a eles um exemplo. Um dos maiores testemunhos em nossa época será o de casais cristãos que fielmente enfrentam as lutas do casamento com a graça e o poder de Deus. Junto a isso está o extraordinário testemunho, como é considerado agora pelo mundo, de solteiros cristãos que mantêm o leito do casamento puro por meio do autocontrole e da prudência piedosa. Acima de tudo, Deus é honrado quando casais honram os votos que fizeram a ele, e quando todos os cristãos honram o casamento.

O segundo exemplo de santidade tem a ver com contentamento *versus* ganância: "Seja a vossa vida sem avareza. Contentai-vos com as coisas que tendes" (Hb 13.5). O que se tem em vista aqui é uma atitude para com as possessões, o amor ao dinheiro contrastado com o contentamento grato que flui da fé. Paulo descreveu a ganância como "idolatria" (Cl 3.5), e também se pode dizer que o contentamento é um dos sinais mais puros do verdadeiro culto a Deus. Em seu inestimável livro *The Rare Jewel of Christian Contentment*, Jeremiah Burroughs escreveu:

> Você adora a Deus mais [com o contentamento] do que quando você ouve um sermão, ou quando passa meia hora, ou uma hora, em oração, ou quando você vai receber um sacramento. Esses [...] são somente atos externos de adoração. [...] Mas [o contentamento] é adoração da alma – o sujeitar a si mesma dessa maneira a Deus [...] ao ser satisfeita com o que Deus faz.[7]

Arthur Pink acrescenta: "O contentamento é o produto de um coração que descansa em Deus [...] é a certeza abençoada de que Deus faz todas as coisas bem e está, agora mesmo, fazendo todas as coisas cooperarem para o meu máximo proveito".[8]

Se isso parece desafiador, a nossa passagem contém uma extraordinária promessa que transforma o nosso pensamento. Os versículos 5 e 6 nos dizem: "Porque ele tem dito: De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei. Assim afirmemos confiantemente: O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem?" Aqui está o motor que move o amor e a santidade cristã, a saber, a presença fiel de Deus como o nosso sustentador e ajudador.

Esse é o monólogo da fé: se Deus é meu ajudador, então o que o homem pode fazer a mim? O ponto aqui é que dada a promessa de Deus de estar conosco – o Deus que nos deu o seu único Filho e, portanto, certamente nos dará tudo o mais que ele possui –, então Deus é meu ajudador, e ele nunca vai me deixar ou me esquecer. Se isso é verdade, então por que eu devo ter medo?

Aqui está o antídoto para o medo do homem que de outro modo de tal forma domina a nossa vida, que nos afasta de Deus e conduz ao pecado.

Se Deus é nosso ajudador, então o que nos pode fazer o homem? As pessoas podem nos levar à tentação, é claro; mas, se Deus é meu ajudador, eu não preciso cair, e, se eu tropeçar, ele certamente vai me levantar. As pessoas podem nos envolver em provações – elas podem ameaçar a nossa paz e prosperidade temporal, mas Deus não é capaz de prover nossas necessidades? As pessoas podem nos evitar, mas nós não temos o amor de Deus e da família da igreja? As pessoas podem nos prender e maltratar, mas Deus não virá nos encontrar? Deus não ordena ao seu povo para que, aqui mesmo, nos busque para nos ajudar, confortar e alegrar? O que o homem pode me fazer se Deus é o meu ajudador?

Uma comunidade que imita

O conhecimento da presença e da ajuda de Deus é o maior de nossos encorajamentos, mas há também o exemplo dos cristãos que viveram antes de nós. Neles, no resultado de sua vida e morte, nós vemos testamentos vivos da fidelidade de Deus e da bem-aventurança de confiar nele. É isso que Hebreus 13.7 nos recomenda: "Lembrai-vos dos vossos guias, os quais vos pregaram a palavra de Deus; e, considerando atentamente o fim da sua vida, imitai a fé que tiveram".

Essa é a terceira coisa que somos exortados a fazer. Primeiro é o chamado ao amor, então a sermos santos, e agora a lembrar que não somos os primeiros a ter experimentado esse tipo de vida. Nós temos excelentes exemplos de como um cristão deve viver e que tipo de vida é. Lembrai-vos, diz Hebreus, das pessoas que ensinaram a você a Palavra de Deus. Talvez sejam os pais ou um professor na escola, talvez um cristão que se tornou o seu amigo. Devemos buscar o exemplo de líderes na igreja, e especialmente entre eles os pregadores da Palavra de Deus.

Perceba que devemos aprender com eles. Não suas personalidades, ou suas técnicas de ministério, mas "o fim de sua vida". O texto parece apontar para a vida e a morte dessas pessoas e perguntar: "Que lição devemos tirar delas?"

Se achamos que estamos vivendo a única época em que a carne é fraca, quando até mesmo pastores e líderes bem conhecidos da igreja caem em pecado, cometem graves erros, desgraçam a si mesmos e escandalizam a igreja, então estamos grandemente enganados. Mas a confiança do escritor não está nos homens de Deus; ela está no Deus dos homens. Deus – no curso da vida de seu povo, e especialmente na vida daqueles separados para o seu serviço – revela o alegre resultado de andar com ele na fé no decorrer de toda a vida. Pessoalmente encontro grande consolo e motivação nos ministros mais velhos que tenho o privilégio de conhecer. Olhando para eles, sei que os melhores homens são no máximo homens. Contudo, vejo no caráter espiritual deles o que Deus pode fazer em um homem no decorrer de uma vida de fé.

Perceba o que devemos imitar nos líderes e mestres da Palavra de Deus: não os seus métodos terrenos, não os seus pecados – alguns dos quais podemos chegar a conhecer –, não as suas extravagâncias ou pontos fracos, mas sua fé. Imitar a sua fé. Estudar e refletir sobre o tempo em

que eles confiaram no Senhor e destemidamente se posicionaram por ele ou com ele. Perceba que foi a fé que deu poder ao ministério deles; foi a fé que os sustentou até o fim. Por meio do exemplo deles, decida confiar no Senhor, firmar-se na Palavra dele e depender completamente de sua graça incomparável, especialmente quando outros estão cedendo e os tempos estão difíceis. O nosso padrão de vida é o maior de todos os legados que qualquer um de nós pode transmitir, e é dando exemplos assim que os líderes cristãos servem mais poderosamente ao Senhor e à igreja dele. Por isso, como Paulo nos mostra em 1Timóteo 3, a qualificação para um presbítero na igreja não é dinheiro ou estatura no mundo, mas fé em Cristo que resulta num exemplo piedoso para os outros.

Jesus Cristo é o mesmo

O versículo 8 completa a nossa passagem, e sem ele tudo o que dissemos pode se perder em nós. Os tempos mudam, nós dizemos. O que foi bom para outros pode não ser bom para nós. O que funcionou antes pode falhar em nosso tempo. Contra tais preocupações, o autor aponta esta verdade essencial: "Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre". A questão não é apenas que Jesus, sendo a segunda pessoa da Trindade eterna, permanece hoje como ele sempre foi antes, por mais que isso seja verdade. A questão é como isso está relacionado à nossa passagem, a saber, que podemos confiantemente abraçar o padrão da vida cristã ensinada pela Bíblia porque Jesus é o mesmo.

Isso quer dizer que, se você é um cristão, esses mandamentos não são dados apenas como algum ideal ou programa, alguma filosofia antiga que serviu a uma geração anterior. Em vez disso, por esse tipo de vida, você está agora servindo e seguindo o próprio Jesus Cristo, que era, e é e há de vir, que vive e reina agora nos céus e pelo seu Espírito na terra. O Líder que você verdadeiramente segue, o Senhor que você serve e confia, não é outro senão o próprio Jesus Cristo, que em sua Palavra fala com você como falou antes com outros, e cujo chamado nunca será revogado ou ignorado.

Três implicações vitais fluem desse versículo. Primeira, uma vez que Jesus Cristo é o mesmo, o ministério e chamado dele são os mesmos que sempre foram. O Cristo que você vê nos Evangelhos – purificando o leproso, ressuscitando o morto, acalmando as tempestades, alimentando os famintos, falando palavras de perdão aos pecadores – é o nosso próprio Senhor, o Filho de Deus, poderoso para salvar. Semelhantemente, as exigências que ele fez aos seus primeiros discípulos são totalmente válidas hoje, pois ele ainda é o mesmo: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me" (Lc 9.23). Esse chamado para a cruz ainda é o mesmo hoje. Também o é a oferta de bênção de Cristo: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei" (Mt 11.28).

Segunda, a vida cristã sempre é a mesma, imutável em todas as gerações. As histórias e ensinos na Bíblia não são irrelevantes para o homem moderno ou pós-moderno. Em face da reclamação do mundo de que o nosso credo é obsoleto, esta é a nossa resposta: "Jesus Cristo é o

mesmo". Este é o porquê de devermos estudar a história da igreja e as biografias cristãs, porque outras vidas de fé são exemplos para nós. A. W. Tozer escreveu: "Um dos atuais erros mais populares, fonte de grande parte do barulho, tumultuando a atividade religiosa nos círculos evangélicos, é a noção de que, à medida que os tempos mudam, a igreja tem de mudar com eles".[9] Ao contrário, nossa sabedoria é aquela de Jeremias 6.16, que diz: "Assim diz o SENHOR: Ponde-vos à margem no caminho e vede, perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho; andai por ele e achareis descanso para a vossa alma".

Porque Jesus Cristo é o mesmo, agora é nossa vez de viver como povo de Cristo de uma maneira que seria reconhecível por aqueles que vieram antes de nós. Eles não aceitarão a desculpa de que nossa época é diferente da deles, nem deveriam. Todas as épocas são diferentes de algumas maneiras, mas Jesus Cristo é sempre o mesmo. Se pudéssemos entrevistar os fiéis antepassados de nossas igrejas, há alguma coisa que iria alegrá-los mais do que saber que o evangelho que eles pregaram é o evangelho que pregamos, ou que a vida de fé que eles demonstraram é agora o padrão para nós quando andamos com o Senhor? Se isso se aplica a simples homens e mulheres que viveram em gerações passadas, que bênção deve ser para o nosso Senhor Jesus, que ainda vive, ver-nos demonstrar em nossa vida e em nossas igrejas a verdade e o amor e a pureza aos quais ele chamou seus discípulos desde os primeiros dias.

Terceira, porque Jesus Cristo é o mesmo hoje e sempre, é Jesus que representamos e demonstramos diante de nossa geração. Não é uma tradição, não uma filosofia de homem que servimos, mas Jesus Cristo, o Salvador dos pecadores, o Filho de Deus que exibe o seu amor em nosso mundo, que chama a homens e mulheres através de nós para uma viva esperança assim como ele fez em épocas passadas.

Ravi Zacharias nos fala de um evangelista chamado Jakov, que pregava o evangelho na Iugoslávia comunista. Naqueles dias a igreja formal era um braço do cruel regime e um reduto de lobos em pele de cordeiro. Por causa disso, Jakov enfrentou muitas dificuldades para conseguir que as pessoas dessem crédito a suas afirmações acerca do amor de Cristo. Um dia um ancião chamado Cimmerman o repreendeu duramente por causa do terrível testemunho daqueles que se denominavam cristãos. "Eles usam aqueles casacos elaborados, gorros e cruzes", ele exclamou, "significando uma comissão celestial, mas eu não consigo ignorar a vida e os esquemas malignos deles". Jakov respondeu apresentando uma situação hipotética. Suponha que um homem roubasse o casaco de Cimmerman, o vestisse, arrombasse um banco e fugisse correndo. "O que você diria às autoridades se elas viessem à sua casa e acusassem você de arrombar o banco?", ele perguntou. Cimmerman respondeu nervoso, e Jakov prosseguiu com o seu trabalho. Zacharias conclui a história:

> Jakov continuou a voltar ao povoado periodicamente apenas para criar laços de amizade com Cimmerman, encorajá-lo e compartilhar o amor de Cristo com ele. Finalmente, um dia Cimmerman perguntou: "Como alguém se torna um cristão?" e Jakov o ensinou os passos simples de arrependimento pelo pecado e confiança na obra de Jesus Cristo. Depois, gentilmente o direcionou para o Pastor de sua alma. Cimmerman ajoelhou-se no chão com

> sua cabeça curvada e rendeu sua vida a Cristo. Quando ele se pôs de pé, derramando-se em lágrimas, ele abraçou Jakov e disse: “Obrigado por estar em minha vida”. Ele então apontou para os céus e sussurrou: “Você usa o casaco dele muito bem”.[10]

Se queremos usar a genuína marca de Jesus Cristo neste mundo, terá de ser da maneira ensinada nesses versículos de Hebreus 13. Será por meio do amor e da pureza diante do mundo, brilhando, como Paulo disse: “como luzeiros no mundo, preservando a palavra da vida” (Fp 2.15-16). Dessa maneira, então, será Jesus que verdadeira e fielmente proclamaremos, mostrando sua marca de amor e usando a túnica de justiça dele.

[1] Francis A. Schaeffer, *The Mark of the Christian*, em *The Complete Works of Francis A. Schaeffer* (Wheaton, Ill.: Crossway, 1982), 4:183.
[2] Francis A. Schaeffer, *Genesis in Space and Time*, em *Complete Works*, 1:85.
[3] Ray Stedman, *Hebrews* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity 1992), 150.
[4] C. S. Lewis, *The Weight of Glory and Other Addresses* (Nova York: Macmillan, 1975), 19.
[5] Citado em Ravi Zacharias, *Can Man Live without God?* (Dallas: Word, 1994), 105.
[6] Francis A. Schaeffer, *The Mark of the Christian,* 193–94.
[7] Jeremiah Burroughs, *The Rare Jewel of Christian Contentment* (Edimburgo: Banner of Truth, 1964), 120.
[8] Arthur W. Pink, *Comfort for Christians* (Grand Rapids: Baker, 1976), 85–86.
[9] Citado em D. Martyn Lloyd-Jones, *Old Testament Evangelistic Sermons* (Carlisle, Pa.: Banner of Truth, 1995), xvi.
[10] Zacharias, *Can Man Live without God?* 102.

55

FORA DO ARRAIAL



Hebreus 13.9-14

Por isso, foi que também Jesus, para santificar o povo, pelo seu próprio sangue, sofreu fora da porta. Saiamos, pois, a ele, fora do arraial, levando o seu vitupério. (Hb 13.12-13)

Em nosso estudo anterior, vimos que o apelo do escritor para o caráter imutável de Cristo fundamentou o seu ensino na vida cristã. Os cristãos deviam viver em amor e pureza, como o fizeram aqueles de quem eles aprenderam a fé, porque "Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre" (Hb 13.8). Porque Jesus permanece o mesmo e vive para sempre, a maneira de discipulado para ele é igual. O mesmo se pode dizer da verdade cristã. Se Jesus Cristo é o mesmo sempre, então as doutrinas de nossa salvação sempre permanecem inalteradas, fundamentadas como elas são na pessoa e obra dele. Tendo dado instruções na vida cristã nos versículos 1-8, o escritor agora se volta para a questão da fé cristã.

Uma advertência contra o falso ensino

Uma das marcas da maturidade espiritual é permanecer firme diante de doutrinas estranhas e diferentes. Paulo disse que os cristãos que são maduros em seu conhecimento de Cristo já não são "como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro" (Ef 4.14). Um dos problemas com os cristãos que receberam a Carta aos Hebreus era que eles ainda não estavam tão maduros. Nós sabemos disso por causa do que foi dito em 5.11-14 que, embora agora eles já devessem ser mestres, ainda eram como crianças no que diz respeito à verdade. Sendo esse o caso, nós entendemos o porquê de Hebreus 13.9 os advertir: "Não vos deixeis envolver por doutrinas várias e estranhas". Essa advertência sempre é necessária, mas especialmente quando a igreja é fraca na graça e superficial na compreensão, como certamente ocorre em nossos dias. Perceba como o escritor coloca isso: há um perigo de que esses cristãos fracos sejam levados por ensinos estranhos, assim como um vento forte leva a palha, ou ondas fortes jogam de um lado para outro um navio que não está bem ancorado.

Como os hebreus, uma coisa da qual podemos ter certeza é que surgirão falsos ensinos. Foi essa a advertência de Paulo para os presbíteros efésios durante sua última visita a eles, registrada em Atos 20. "Eu sei", disse ele, "que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho". Paulo identifica a natureza do ataque deles: "homens

falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles" (v. 29-30). Sabendo isso, os cristãos – especialmente aqueles a quem foi confiada a administração da igreja – precisam sempre estar atentos para defender a verdade.

Essa também foi a ênfase a Timóteo: "Mantém o padrão das sãs palavras que de mim ouviste com fé e com o amor que está em Cristo Jesus. Guarda o bom depósito, mediante o Espírito Santo que habita em nós" (2Tm 1.13-14). Paulo enfatizou que essa seria a grande ameaça para a igreja nos anos por vir, aquelas pessoas superficiais "não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças" (2Tm 4.3), e assim se desviarão da verdade.

Quando você salienta isso hoje, é provável que você seja tachado como desagregador, crítico severo, que deve ter alguma deficiência psicológica que explique tal atitude paranoica. Ainda assim, a Bíblia nos instrui a levar essa advertência muito a sério.

Uma das razões por que esse perigo de falso ensino é tão constante é que os cristãos têm um inimigo agressivo e ativo – a saber, o demônio – que constantemente conspira para enfraquecer ou derrotar a nossa fé. O demônio tem duas estratégias principais, e ambas são vistas no Livro de Hebreus. A primeira é a perseguição, a investida externa de Satanás sobre a igreja. O escritor de Hebreus identifica essa ameaça e se preocupa que alguns venham a trair a fé para evitar o sofrimento. Contudo, à luz da história da igreja, a perseguição na verdade não é uma estratégia muito efetiva. Sempre ocorreu que "o sangue dos mártires é a semente da igreja", de forma que a perseguição faz a igreja crescer mais forte.

No entanto, Satanás tem outra estratégia, e essa é trabalhar de dentro da igreja: a estratégia de infiltração. Ele envia falsos mestres para se travestir de cristãos e incitar a falsidade e o erro dentro da igreja, e dessa maneira ele tem conseguido causar muito mal ao longo dos anos. De fato, levando em conta que os cristãos americanos têm experimentado tão pouca perseguição, não deveríamos ficar surpresos em perceber que o demônio tem andado bastante ocupado trabalhando de dentro, empregando, como Paulo os descreve: "falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, transformando-se em apóstolos de Cristo. E não é de admirar, porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz" (2Co 11.13-14). Essa é uma ameaça muito grave em nossos dias. Devemos estar constantemente atentos a ela e combatê-la.

O versículo 9 faz uma descrição reveladora do falso ensino. A versão Almeida Revista e Atualizada o descreve como "doutrinas várias e estranhas", o que tira um pouco do sabor original. No grego, duas palavras são usadas aqui, a primeira é *poikilais*, que é melhor traduzida como "distinto". A palavra é usada para roupa tecida com muitas cores; a Septuaginta (a tradução grega do Antigo Testamento) usa essa palavra para a túnica multicolorida que Jacó deu a seu filho favorito José (Gn 37.3). O falso ensino é parecido com isto: é deslumbrante de contemplar; em vez da verdade simples, ele apresenta algo sedutor de todos os pontos de vista. No trabalho com metal, essa palavra é usada para ligas semelhantes ao latão; assim, também, o falso ensino mistura o celestial com o terreno, a revelação divina com a razão humana; ele

combina e trabalha em conjunto em vez de preservar a substância pura. Coisas descritas por essa palavra são complexas e não claras, elaboradas e não simples.

No que diz respeito ao falso e novo ensino, é claro que aí está a atratividade. Ele é fascinante porque faz uma abordagem engenhosa de um tema antigo; ele é sedutor para a mente; ele apela ao nosso orgulho intelectual. Isso sempre é uma tentação para aqueles que se devotam ao trabalho acadêmico, razão por que os estudiosos muitas vezes produzem ensino do tipo que causa grande estrago na igreja. Você nunca será declarado o mais recente gênio, é pouco provável que sua dissertação receba muita atenção nos círculos intelectuais, se você não estiver disposto a se dedicar ao ensino descrito por essa palavra. É claro que há lugar para o estudo autêntico e equilibrado, mas queremos sempre nos assegurar de que estamos seguindo o exemplo que Paulo explicou em 2Coríntios 4.2: "pela manifestação da verdade" para que os homens possam ser levados a prestar atenção a Deus e não a nós.

A segunda descrição dada no versículo 9 é *xenais*, que significa "estranho" ou "estrangeiro". Essa era a palavra grega usada para aqueles que eram cidadãos de outra nação, para estrangeiros, e até soldados mercenários. A palavra também foi usada para coisas não conhecidas anteriormente, coisas inauditas e não familiares. O falso ensino é estranho e estrangeiro; ele não é nativo da Palavra de Deus. Aqui somos advertidos contra inovações na teologia, que semelhante ao distinto sempre é tentador para nossas mentes caídas.

Ambos os termos – distinto e estranho – descrevem adequadamente o que hoje está ingressando na mente dos cristãos nos sermões, no rádio e nos balcões das livrarias cristãs. Assim como em nossa sociedade secular e também em nossa igreja secular, o "novo" é ensinado como sendo melhor. Nós temos novas perspectivas e novos paradigmas, novos modelos para a vida cristã, novas orações que prometem bênçãos abundantes. Dado tal ataque selvagem vindo de dentro da igreja – que é exatamente o que o evangelicalismo americano está expressando hoje –, não é de se admirar que estejamos perdendo o poder espiritual para a verdadeira piedade.

Indubitavelmente surge a pergunta: "Como podemos saber a diferença?" Como julgamos a doutrina? Pela sinceridade do professor? Com base na personalidade dele? Por que é popular e todos estão comprando? É assim que muitos consumidores buscam a verdade. Contudo, o que a nossa passagem fala acerca do falso ensino nos diz como devemos discernir as questões da verdade. Cuidado com o ensino que é misto, que mistura a Palavra de Deus com a palavra do homem. Cuidado com as doutrinas que são novas, que se gabam de ter descoberto o que a patética igreja nunca compreendeu.

A acusação de inovação foi levantada contra os reformadores protestantes pela Igreja Católica Romana no século 16. Os reformadores levaram a acusação a sério; reconhecendo que, se isso fosse verdade, iria condenar o ensino deles. Eles se esforçaram em demonstrar, e efetivamente o fizeram, que o ensino deles não era novo, mas sim as doutrinas originais e antigas do cristianismo. As verdades da Reforma eram encontradas nos escritos dos antigos pais da igreja e derivadas dos apóstolos e profetas na Bíblia.

Definitivamente este é o nosso único guia seguro no que diz respeito às questões da verdade: Isso concorda com os claros ensinos da Escritura? Se apresenta uma nova interpretação das passagens da Bíblia, ela se enquadra no que lemos em outras partes da Palavra de Deus? Ela sugere uma forma de aproximação e relacionamento com Deus diferente do que foi estabelecido por nosso Senhor e por seus agentes de revelação bíblica? Foi essa a abordagem de Paulo em sua Carta aos Gálatas. Logo após ele ter estabelecido aquela igreja, eles foram afastados por mestres de doutrinas novas e persuasivas. Paulo respondeu: "Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema" (Gl 1.8). Essa afirmação é impactante. Não importa quão impressionante seja o pregador ou a mensagem, ainda que ele apareça como um anjo do céu – e é claro, Satanás pode surgir com uma aparência assim –, qualquer professor deve ser rejeitado se o que ele diz é contrário ao ensino profético e apostólico da Escritura.

Alimento para a alma

Hebreus 13.9 faz uma advertência geral contra o falso ensino, mas prossegue e fala de uma ameaça específica para aquela igreja: "[...] o que vale é estar o coração confirmado com graça e não com alimentos, pois nunca tiveram proveito os que com isto se preocuparam". Nós não conhecemos precisamente o erro a que essa advertência se refere. O judaísmo enfatizava a importância de comer ou não comer certos tipos de comida. A advertência aqui não parece ser acerca da abstenção, mas sim acerca de comer refeições sacramentais que supostamente traziam benefícios espirituais. O escritor provavelmente tinha a refeição da Páscoa em mente, bem como outros banquetes sacrificiais preeminentes na vida religiosa judaica.

O Novo Testamento revela que os escrúpulos religiosos sobre comida não morreram facilmente na igreja primitiva. Atos 10 nos mostra como foi difícil Deus fazer com que o apóstolo Pedro abandonasse tais visões – ordenando a ele, três vezes por meio de uma visão, que comesse o que ele tinha previamente considerado comida impura. Paulo parece ter combatido esses tipos de visão praticamente em todo lugar em que ele foi. Em 1Coríntios 8.8 ele escreveu: "Não é a comida que nos recomendará a Deus, pois nada perderemos, se não comermos, e nada ganharemos, se comermos". Aos colossenses ele escreveu: "Ninguém, pois, vos julgue por causa de comida e bebida" (2.16). Aos romanos ele disse: "Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo" (14.17).

A questão é que a força espiritual não vem a nós pelo que comemos, mas pela graça, que é recebida por meio da fé. De fato, podemos estender o princípio para dizer que nenhuma atividade externa em si mesma provê bênção espiritual, mas somente o exercício da fé em Cristo. Isso se opõe diretamente a um princípio contrário que tem sido preeminente na história da igreja. O princípio é expresso pela frase em latim *ex opere operato,* que quer dizer: "ao se fazer, está feito". Essa afirmação originou-se para defender o sacramentalismo católico romano, que ensinava que a pessoa se beneficia da participação externa nos sacramentos, e especialmente da

missa, independentemente da disposição interior do coração. Esse princípio é também encontrado no evangelicalismo de avivamento, com sua confiança nos apelos, jejuns, orações especialmente formuladas e coisas assim, às quais são atribuídos poderes mágicos simplesmente por serem realizadas. "Apenas faça!" é o lema dessa abordagem da bênção espiritual, com pouca ênfase em como ou por que isso é feito.

Muitos comentaristas imaginam que os cristãos hebreus foram criticados por evitar as festas judaicas, que o cristianismo foi ridicularizado por não ofertar um altar ou sacrifícios externos. O ataque pode ter sido algo como: "A religião de vocês nem mesmo possui um altar. Vocês nem mesmo oferecem sacrifícios. Vocês não têm refeições para comer e receber bênção espiritual". A esse tipo de crítica, o escritor responde: "Possuímos um altar do qual não têm direito de comer os que ministram no tabernáculo" (Hb 13.10). O uso da palavra "altar" refere-se a todo o sistema de religião que os cristãos tinham em lugar do judaísmo. Esse versículo ajuda a datar o Livro de Hebreus, já que ele fala do serviço no templo no tempo presente, indicando que o livro foi escrito antes da destruição de Jerusalém em 70 d.C.

No caso de muitos sacrifícios do Antigo Testamento, a carne do sacrifício depois era dada aos sacerdotes para que comessem (veja Lv 19.5-6; 22.29-30). Entretanto, o sacrifício oferecido no dia da expiação, que ocorria uma vez por ano quando o sumo sacerdote oferecia um sacrifício pelos pecados de todo o povo, não podia ser comido. Em vez disso, ele era levado para fora do acampamento e queimado (Lv 16.27). Os versículos 11 e 12 defendem que esse era um sacrifício a que a morte de Cristo correspondeu – aquele que os sacerdotes da antiga aliança não puderam consumir, mas que aqueles que deixaram o judaísmo para seguir a Cristo receberam como sua comida: "Pois aqueles animais cujo sangue é trazido para dentro do Santo dos Santos, pelo sumo sacerdote, como oblação pelo pecado, têm o corpo queimado fora do acampamento. Por isso, foi que também Jesus, para santificar o povo, pelo seu próprio sangue, sofreu fora da porta" (Hb 13.11-12). Esses versículos formam uma poderosa polêmica das próprias regulamentações levíticas contra a ideia de permanecer no judaísmo após o verdadeiro sacrifício ter vindo, e eles constituem uma forte resposta que os cristãos podiam dar a seus críticos judeus.

Perceba que o escritor de Hebreus deixa passar a oportunidade de comentar o sacramento cristão da Ceia do Senhor. De fato, por toda essa carta o nosso autor parece ignorar excelentes oportunidades para conectar o seu ensino à refeição sacramental. Por exemplo, ao falar de Melquisedeque no capítulo 7, ele falhou ao mencionar que esse rei sacerdote alimentou Abraão com vinho e pão, os próprios elementos do ritual de comunhão. Levando essa tendência em consideração, e a preocupação acerca de uma ênfase em comidas, pode ser que um dos problemas nessa igreja hebraica fosse uma supervalorização dos sacramentos. Um escritor diz:

> É provável que, desde essa época, houvesse aqueles que tinham uma visão mecânica dos sacramentos, esquecendo-se de que nenhum sacramento no mundo serve para coisa alguma por si mesmo e que sua única utilidade é que nele a graça de Deus encontra a fé do homem. Não é a refeição, mas a fé e a graça que importam.[1]

Nossa passagem condena qualquer visão de que Cristo entra nos homens e mulheres simplesmente porque eles comem comida. Isso confronta o ensino católico romano da transubstanciação, de que os elementos da Ceia do Senhor são literal e fisicamente o corpo e sangue de Jesus Cristo, e que nós participamos de Cristo e de sua graça simplesmente comendo e bebendo os elementos, mesmo sem fé. De fato, esse ensino pode se tornar tão divorciado de qualquer consideração espiritual sobre Jesus e sua obra salvadora que muitas igrejas católicas romanas praticam a veneração dos próprios elementos, de forma que longas vigílias são feitas adorando os pedaços de pão e taças de vinho. Longe de recomendar uma ênfase em um altar sacramental cristão, a nossa passagem refuta e condena categoricamente todo o sistema religioso sacramental e mecânico.

O argumento aqui é familiar para as pessoas que se convertem do catolicismo romano para o cristianismo bíblico hoje. É dito a elas: "Mas vocês não poderão participar dos sacramentos. Serão negados a vocês a confissão, a penitência e especialmente a missa". A isso os crentes podem corretamente responder da mesma maneira que esses antigos cristãos responderam aos judeus: "Em lugar deles temos Cristo. Nós o recebemos pela graça e por meio da fé. Nele nós temos um altar do qual os sacerdotes incrédulos não têm o direito de comer".

Nós podemos estender o princípio a qualquer um que coloque a realidade da religião em qualquer forma externa. O arcebispo William Laud, o patrono inglês da igreja alta, foi à Escócia em 1633. Não encontrando nenhuma catedral ou outras demonstrações externas de grandiosidade religiosa, ele relatou que a Escócia não possuía "religião alguma que eu pudesse ver – o que me entristeceu muito".[2] No entanto, os escoceses tinham Cristo pela fé, e essa é de fato a verdadeira religião. É o que as pessoas ainda pensam hoje de onde não há grandes telas, fontes de águas dançantes, nenhum altar a que se suplique que as pessoas venham – nenhum do restante dos maquinários de convencimento religioso de hoje –, mas onde há simples fé em Jesus Cristo. Pois a vida eterna não vem por esses meios externos, mas somente pelo coração inclinado para a cruz por meio da simples fé na Palavra de Deus.

Não podemos ter certeza de qual era exatamente o problema entre os hebreus, mas vemos na resposta um princípio que podemos usar como uma regra geral. A não ser que um sistema de religião confie totalmente na obra de Cristo e em sua obra expiatória, ela é estrangeira, é estranha à verdadeira religião da Escritura, que é somente pela graça, somente pela fé, somente em Cristo e especialmente no sangue redentor dele.

Fora do arraial

Fica claro do que se segue que o escritor de Hebreus não espera que seus leitores se tornem populares ao permanecer firmes contra o falso ensino. Ele, portanto, acrescenta uma afirmação que liga a nossa desgraça à desgraça da cruz, que foi erigida "fora do arraial". Ele escreve: "Por isso, foi que também Jesus, para santificar o povo, pelo seu próprio sangue, sofreu fora da porta. Saiamos, pois, a ele, fora do arraial, levando o seu vitupério" (v. 12-13).

Porque Jesus ensinou a verdade acerca de Deus, acerca do homem e acerca do único caminho de salvação, ele foi desprezado e rejeitado pelos homens, e foi literalmente lançado fora dos portões da cidade. Ali ele foi condenado à morte como alguém amaldiçoado. Todo o ministério e mensagem de Jesus foram inaceitáveis para a religião terrena, e assim ele se tornou um objeto de escárnio e abuso. Fora do portão ele sofreu e morreu. Nessa separação, um princípio é estabelecido para todos os que viriam a Deus por meio de Cristo. Fora do acampamento é aonde vamos para encontrar a graça de Deus, pois ali é onde a cruz foi erigida, onde Deus encontra-se conosco para perdoar nosso pecado e nos aceitar na justiça de seu Filho a quem o mundo desprezou.

Isso quer dizer que se você quer aceitação nos tribunais do respeitável mundo acadêmico, se você quer ser admirado nos bares elegantes da sabedoria convencional ou progressiva do mundo, e, especialmente, se você quer evitar o escândalo de uma religião que o homem rejeita, então você não pode ter comunhão com esse Jesus Cristo. Não é possível se aproximar da cruz de Cristo e ainda permanecer dentro dos limites seguros da cidade terrena, pois a cruz é encontrada fora do arraial. Contudo, se você sair dos portões da aceitação do mundo, não porque tem algum ressentimento contra o mundo, mas porque vê Jesus ali, você vai ganhar a salvação que ele comprou com seu sangue para tornar você santo para Deus.

Uma vez que a salvação é encontrada em Jesus Cristo e somente nele, o escritor nos exorta: "Saiamos, pois, a ele, fora do arraial, levando o seu vitupério" (v. 13). Essa é uma verdade suprimida acerca do cristianismo, que as bênçãos da salvação não podem ser possuídas sem a desgraça da cruz de Jesus. Paulo escreveu:

> [...] os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. (1Co 1.22-24)

A Timóteo ele escreveu: "Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos" (2Tm 3.12). Jesus deixou bastante claro que seguir a ele significa rejeição por este mundo. Ele disse aos discípulos: "Se o mundo vos odeia, sabei que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim. Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia" (Jo 15.18-19). Se você quer se juntar a Cristo e receber a salvação, não há como evitar suportar a desgraça que Cristo sofreu ao ser enviado para fora do arraial.

É possível que haja aqui uma alusão a Moisés. A mesma palavra usada para a desgraça que temos de suportar é usada para ele em Hebreus 11.26: "[Ele] considerou o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão". Como Moisés, ao aceitar tal desgraça nós vamos ter perdas em termos deste mundo, somente para receber de Deus uma grande libertação. Além do mais, essa ideia de sair do arraial pode também relembrar um evento que ocorreu durante o êxodo. Moisés estava na montanha recebendo a lei de Deus,

enquanto o povo estava adorando o bezerro de ouro que tinha feito. Êxodo 33.7 nos conta que, quando Moisés voltou, ele montou sua tenda fora do arraial do povo, que havia rejeitado a Deus, e lá é onde Deus veio em sua nuvem de glória para encontrar com seus fiéis seguidores. F. F. Bruce completa a analogia:

> Agora, na pessoa de Jesus, Deus tinha novamente sido rejeitado no arraial. A presença dele devia, portanto, ser desfrutada fora do arraial, onde Jesus estava, e todos que o buscavam tinham de sair e se aproximar dele por meio de Jesus. Nesse contexto o "arraial" significa a comunhão e as ordenanças estabelecidas do judaísmo. Abandoná-las, com todas as suas associações sagradas herdadas da antiguidade remota, era uma tarefa difícil, mas era algo necessário. [...] O que era formalmente sagrado agora estava dessacralizado, porque Jesus tinha sido expulso de lá; o que antes não era sagrado agora era sagrado, porque Jesus estava lá.[3]

Assim é hoje, onde quer que Jesus seja negado como o único Salvador para os pecadores, seja em falsas igrejas, em famílias, ou no mundo em geral. Todos que permanecem com ele têm de estar dispostos a ir para fora do arraial. Àqueles que decidem segui-lo, contudo, Jesus diz:

> Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos por amor de mim e por amor do evangelho, que não receba, já no presente, o cêntuplo de casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições; e, no mundo por vir, a vida eterna. (Mc 10.29-30)

Aguardando a cidade por vir

O versículo 14 conclui a exortação; não tanto com um incentivo, mas com um lembrete, com receio de que a determinação dos líderes fosse enfraquecida por causa da dificuldade do chamado deles: "Na verdade, não temos aqui cidade permanente", o autor lembra, "mas buscamos a que há de vir". A ideia é clara: "Não esqueçam, vocês são chamados para esquecer o mundo, este mundo é passageiro e a herança de vocês é encontrada no lugar para onde vocês estão indo". Nós naturalmente pensamos no mundo como um lugar seguro; nós pensamos em segurança em termos de instituições estabelecidas do mundo. Entretanto, o fato é que a segurança é encontrada com aquele cuja vitória já assegurou a nossa salvação. Onde quer que Jesus esteja, ali é terreno sagrado, ali há paz, ali há segurança, há esperança e vida eterna.

É difícil não se adequar ao mundo em que estamos vivendo, e, como os 12 discípulos, nós muitas vezes nos achamos desafiados a não seguir o caminho do mundo. Simão Pedro nos representa muito bem quando Jesus perguntou a ele, após as multidões o terem abandonado: "Porventura, quereis também vós outros retirar-vos? Respondeu-lhe Simão Pedro: Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna; e nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus" (Jo 6.67-69). Mas os cristãos precisam constantemente ser relembrados que "a nossa pátria está nos céus" (Fp 3.20), que nós, como os homens e mulheres de fé que foram antes de nós, estamos aguardando "a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador" (Hb 11.10).

Temos de lembrar da situação celestial que corresponde à nossa saída do arraial para estar com Jesus. O escritor de Hebreus fez referência a isso, à nossa situação celestial, como sendo do

lado de dentro do véu (6.19; 10.20). Nós somos trazidos para perto por Deus, com Cristo em sua habitação celestial, como filhos de Deus, seu povo, seu rebanho. Portanto, pela fé vemos que fora do arraial na verdade é do lado de dentro do véu com Cristo. É isso que Paulo quis dizer quando disse: "Porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus" (Cl 3.3). No entanto, chegará o dia quando o que está escondido será revelado aos olhos de todos. Chegará o dia quando os portões desta cidade terrena serão fechados para juízo e destruição, e nós estaremos gratos por estar fora daqueles portões. Então o que parece ser um lugar indigno e fraco onde agora nos encontramos na sombra de uma cruz amaldiçoada, será manifesto na glória do novo céu e da nova terra como a pedra angular de uma cidade que nunca passará, banhada na luz do túmulo aberto da manhã da ressurreição de Cristo. Ele diz: "E eis que venho sem demora". Depois, ao falar da cidade eterna, que está por vir, ele clama: "Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras [no sangue do Cordeiro], para que lhes assista o direito à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas" (Ap 22.12-14).

Por enquanto os portões estão abertos. Ainda podemos sair do acampamento ao seguir a Cristo, e assim adentrando o véu para a cidade por vir por meio da fé no sangue dele. "Vem!", ele diz hoje, "Aquele que ouve, diga: Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida" (Ap 22.17).

---

[1] William Barclay, *The Letter to the Hebrews* (Louisville: Westminster/John Knox, 1976), 198.
[2] Citado em F. F. Bruce, *The Epistle to the Hebrews,* rev. org. (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), 379.
[3] Bruce, *Hebrews,* 381–82.

56

UM SACRIFÍCIO DE LOUVOR



Hebreus 13.15-19

> *Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome.* (Hb 13.15)

Muitas vezes um único versículo captura a mensagem de um livro da Bíblia, especialmente as cartas do Novo Testamento. A Carta aos Romanos já de início entrega o seu tema, em uma das grandes afirmações da Bíblia: "Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé" (Rm 1.17). A mensagem de Gálatas é dada sucintamente em 2.16: "Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus". Primeira João 2.3 entrega a mensagem da carta: "Ora, sabemos que o temos conhecido por isto: se guardamos os seus mandamentos". Se fôssemos pegar um único versículo para sintetizar o Livro de Hebreus, bem poderia ser o primeiro versículo de nossa passagem nesse capítulo: "Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor".

Uma vida como sacrifício

Diferente de Romanos ou Gálatas, Hebreus não é focado na doutrina da justificação. Ele certamente concorda com esse grande ensino, e até mesmo vai além dele. Contudo, como William Newell com exatidão afirma:

> O assunto de Hebreus não é a nossa justificação, nem o fato de sermos libertos da condenação: mas sim o fato de sermos trazidos à agradável companhia dos que estão louvando e adorando a Deus, Cristo conduzindo o louvor. [...] Em Hebreus, como em nenhum outro livro, é apresentado um ser humano crente deixado aqui por alguns anos de existência em peregrinação como se fosse na terra, mas na verdade ocupada com o céu, com o trono lá [...] com o grande sumo sacerdote lá, Jesus, o Filho de Deus.[1]

Isso pode ser demonstrado por um sumário do conteúdo do livro. Mal o capítulo 1 estabelece a supremacia de Cristo, e o capítulo 2 já dá a Jesus sua principal designação nesse livro, o autor ou pioneiro de nossa salvação (2.10; 12.2). É isso que Hebreus ensina acerca de Cristo, que ele vai adiante de nós, abrindo o caminho que devemos seguir até a presença de Deus, removendo todo obstáculo, satisfazendo todas as exigências, de fato trazendo todos aqueles que ele salva como adoradores diante do Pai no céu. Hebreus 2.12-13 coloca as palavras do salmo 22 nos

lábios de Jesus: “A meus irmãos declararei o teu nome, cantar-te-ei louvores no meio da congregação. [...] E ainda: Eis aqui estou eu e os filhos que Deus me deu”.

Nos capítulos 3 e 4 a principal exortação é que não devemos fazer o que os israelitas fizeram antes de nós, desviando-se da Terra Prometida, mas devemos sim persistir na fé, seguindo a Cristo até o nosso destino celestial. O capítulo 6 nos diz que a promessa pactual de Deus está ancorada no céu como nossa grande esperança, e ela é assegurada por Jesus, que foi antes de nós (v. 19-20). O capítulo 9 usa a ilustração do tabernáculo, com o Santo dos Santos selado pelo véu do Santo Lugar; a ideia é que agora Jesus abriu o caminho para o Santo dos Santos, onde o próprio Deus habita. Diferente dos sacerdotes judeus, que traziam apenas o sangue de touros e bodes, que eram incapazes de remover a cortina, Jesus abriu o caminho de uma vez por todas ao trazer o seu próprio sangue. O sacrifício perfeito de si mesmo não somente remove a barreira, mas também nos santifica para nos aproximar de Deus; ele serve para purificar “a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!” (9.14). Hebreus 10.19-22 conclui assim: “Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, [...] e tendo grande sacerdote sobre a casa de Deus, aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé”. Sendo esse o caso, o autor agora diz: “Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor” (Hb 13.15).

Essas palavras, junto com todo o corpo de ensino em Hebreus, deixam claro quão fútil é oferecer culto ou sacrifício a Deus senão “por intermédio de Jesus”. Longe do caminho que ele abriu por sua vida e sua morte, longe do acesso que ele ganhou com seu sangue, todos os obstáculos de nosso pecado e da santidade de Deus permanecem firmes contra nós. A ira de Deus permanece em oposição mortal a nós, de forma que ninguém é recebido por Deus exceto “por meio dele”. Esse versículo deixa claro qual é o propósito da vida cristã “por meio de Jesus”: aproximar-se de Deus e viver como sacrifício a ele, oferecendo um sacrifício de louvor.

Essa afirmação vem junto com ainda outra defesa do cristianismo contra as acusações do judaísmo. Uma constante preocupação nesse livro é que os cristãos hebreus não voltem aos antigos caminhos, caminhos que não dão acesso a Deus por causa da rejeição a Jesus por parte deles. Os judeus, ao que parece, vinham zombando do cristianismo porque ele carecia dos rituais externos em que os judeus tanto confiavam. Hebreus 13.9 indica que os judeus zombavam porque os cristãos não participavam de suas festas sagradas e nem observavam as leis escrupulosas deles acerca de comida. No entanto, o escritor diz no versículo 10, falando da fé em Cristo: “Possuímos um altar do qual [eles] não têm direito de comer”. Aparentemente, os cristãos eram ridicularizados porque não ofereciam sacrifícios a Deus. O nosso escritor responde ao apontar para o sacrifício todo suficiente já oferecido por Jesus em nosso lugar: “[...] Jesus, para santificar o povo, pelo seu próprio sangue, sofreu fora da porta” (Hb 13.12). Entretanto, ele agora destaca, os cristãos têm um sacrifício para oferecer a Deus, a saber, a oferta espiritual de toda a nossa vida, um sacrifício não pelo perdão do pecado, mas de gratidão e louvor.

Em termos do judaísmo do Antigo Testamento, esse sacrifício refere-se à oferta de gratidão, que foi oferecida não para fazer expiação pelo pecado, mas em gratidão pela salvação e pelos muitos dons que Deus tem dado. Na verdade, as palavras gregas usadas no versículo 15 para "sacrifício de louvor" são palavras exatas usadas pela Septuaginta (a tradução grega do Antigo Testamento usada pela igreja primitiva) em Levítico 7.12-13, que prescreve a execução de tais ofertas de gratidão. Os judeus que desejavam expressar gratidão a Deus ofereciam pão, bolos ou grãos para serem usados pelos sacerdotes no culto a Deus. Esse é o tipo de sacrifício que os cristãos oferecem ao nosso Senhor: nós livremente oferecemos nossos bens e nós mesmos para o culto e a adoração a ele. Essa era a mais alta expressão de religião no judaísmo, uma marca de piedade especial e ocasional, mas agora ela deve caracterizar toda a nossa vida como filhos de Deus. Paulo, em Romanos 12.1, fala dessa maneira de nossa inteira resposta à graça de Deus no evangelho: "Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional".

Isso contrasta muito com a maneira que muitos veem o cristianismo. Para muitos, a maior aspiração é simplesmente "ser salvo". Se eles apenas puderem ir para o céu, já será o bastante para eles. Entretanto, o cristianismo não se resume a isso. A justificação, uma doutrina que corretamente enfatizamos, não é o ponto final de nossa salvação, mas sim o meio para uma vida de agradável serviço a Deus. A justificação muitas vezes é chamada de dobradiça sobre a qual a porta do evangelho gira, e isso com certeza é verdade, mas é uma porta que foi feita para ficar aberta, para nos prover entrada na presença de Deus, para que possamos viver com alegria e temor como filhos da realeza neste mundo, e oferecer nossa vida como sacrifício de adoração para o serviço e satisfação dele. Jesus disse que o Pai está buscando adoradores que o adorem em espírito e em verdade (Jo 4.23-24). É para isso que somos salvos, para viver como sacrifício a ele, para oferecer um estilo de vida de adoração, para abençoar a outros e para a glória do nome dele.

Isso quer dizer que os cristãos devem se dedicar somente ao trabalho religioso, que todos nós devemos largar as nossas carreiras seculares e ingressar no ministério cristão vocacionado? A resposta é não. Em vez disso, isso quer dizer que todo trabalho na verdade é religioso, envolvendo adoração a um deus ou a outro. Para os seguidores de Cristo, quer dizer que já não podemos viver para nós mesmos, mas como Paulo diz em Colossenses 3.17: "[...] tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai".

As pessoas reclamam que alguns cristãos estão "com a cabeça concentrada demais no céu para serem úteis na terra". Contudo, o oposto é mais exato, que muitos cristãos professos estão "com a cabeça concentrada demais na terra para terem utilidade celestial". A nossa passagem diz: "ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor" – isso quer dizer sete dias por semana e em todo o tipo de ação humana.

O sacrifício de nossos lábios

Quando Paulo falou em Romanos de nossas vidas sendo oferecidas como sacrifícios vivos, ele prosseguiu ao fazer uma afirmação geral de que devemos viver de uma maneira piedosa e não de forma mundana. "E não vos conformeis com este século", ele escreveu, "mas transformai-vos pela renovação da vossa mente" (Rm 12.2). O escritor de Hebreus foca especificamente em nossa maneira de falar: "[...] ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome" (Hb 13.15).

A ideia básica é que devemos adorar a Deus e professar a fé cristã com os nossos lábios. Não se trata apenas de nossas reuniões para o culto público, mas engloba toda a nossa maneira de falar, a qual ou confessa ou nega o nome dele. Por meio de nossa fala, toda a nossa atitude é revelada com exatidão avassaladora. Jesus disse: "Porque a boca fala do que está cheio o coração" (Mt 12.34). O que está em seu coração sairá de sua boca. A única maneira, então, de ter uma boca pura é ter um coração puro. A fala pura e íntegra, portanto, indica toda uma vida vivida para o louvor a Deus.

Tão poderosa é nossa fala como medida de nossa real condição espiritual que Paulo a usou em Romanos 3 como um resumo da depravação natural do homem: "A garganta deles é sepulcro aberto; com a língua, urdem engano, veneno de víbora está nos seus lábios, a boca, eles a têm cheia de maldição e de amargura" (Rm 3.13-14). Isso por si só já descreve suficientemente a cultura ocidental de hoje. Por trás da aparência de prosperidade, a maneira como as pessoas normalmente falam revela uma deterioração da alma.

Alguns dos piores pecados cometidos contra Deus são cometidos pela língua. Alguns dos maiores males cometidos contra outras pessoas são feitos pela língua. "Paus e pedras podem quebrar os meus ossos", dizemos, "mas palavras nunca podem me ferir". Isso simplesmente não é verdade. Tiago diz:

> [...] a língua é fogo; é mundo de iniquidade; a língua está situada entre os membros de nosso corpo, e contamina o corpo inteiro, e não só põe em chamas toda a carreira da existência humana, como também é posta ela mesma em chamas pelo inferno. [...] é mal incontido, carregado de veneno mortífero. (Tg 3.6,8)

Todos nós podemos nos lembrar de coisas ditas a nós, talvez recentemente, talvez anos atrás, que nos feriram profundamente, que criaram um mundo todo de maldade em nossa vida. Provavelmente fizemos o mesmo a outros. Palavras são armas poderosas, mas também instrumentos de bênção e louvor.

O versículo 15 usa a expressão "o fruto dos lábios". Essa é uma citação de Oseias 14.2, que fala do povo de Deus oferecendo a ele "os sacrifícios dos nossos lábios". A referência óbvia é às ofertas sacrificiais, e nossos lábios são vistos como altares sobre os quais nossos corações dão louvor ao Senhor.

Muito mais valioso a Deus do que qualquer demonstração religiosa externa que oferecemos, é que devemos devotar o nosso falar como sacrifício a ele. Isso é algo que devemos buscar em

oração e cultivar como uma obrigação cristã. Peça a Deus para santificar os seus lábios, para que sejam servos da vontade dele como uma fonte de prazer a ele. Isso, é claro, exigirá a santificação de seu coração, que é o ponto principal. Em grande parte, medimos a santificação de nosso coração pela santidade de nossa fala – quando a fofoca, piadas grosseiras, palavrões e reclamação dão lugar às palavras de encorajamento, edificação, sabedoria e louvor a Deus.

Um oficial militar desbocado e agressivo foi convertido à fé em Jesus Cristo. Imediatamente ele percebeu que sua boca exigia uma renovação radical, e ele buscou graça no Senhor. Alguns anos mais tarde, um tenente que havia servido sob o comando dele anos antes foi transferido para a unidade dele. Após algumas semanas, o jovem oficial pediu para encontrá-lo e disse: "Eu costumava odiar você porque você era tão duro conosco e falava tão asperamente. No entanto, eu tenho observado você e, pela maneira que você fala e trata as pessoas, é óbvio que alguma mudança radical aconteceu em sua vida. Eu queria saber o que é". Obviamente, o oficial cristão ficou grandemente encorajado pela avaliação de sua vida transformada e estava feliz pela oportunidade de falar de Jesus Cristo e de seu poder para salvar e transformar. Da mesma maneira, os cristãos devem dar testemunho de Cristo, tendo de falar acerca dele ou não.

A bondade de compartilhar

O versículo 15 fala de nossos lábios como instrumentos de louvor, mas o versículo 16 se volta para atos práticos de amor e bondade, e especialmente de generosidade com a nossa riqueza material. "Não negligencieis, igualmente, a prática do bem e a mútua cooperação; pois, com tais sacrifícios, Deus se compraz". Isso inclui uma avidez por agir bondosamente para com os outros, e a trabalhar para o benefício temporal e espiritual de outras pessoas. O texto, contudo, fala especialmente de uma prontidão em demonstrar generosidade para com os necessitados, dar livremente de nossa riqueza porque sabemos que isso agrada e glorifica a Deus, e porque amamos os outros mais do que o nosso dinheiro.

A falsa religião é sempre exposta por sua atitude para com as possessões. "Não podeis servir a Deus e às riquezas", Jesus disse (Mt 6.24). Tiago 1.27 acrescenta: "A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo". Isso não é justiça pelas obras, mas o culto espiritual e verdadeiro que Deus exige por toda a Bíblia. O profeta Miqueias também lidou com esse contraste entre a religião externa e a verdadeira religião. Miqueias é indagado:

> Com que me apresentarei ao SENHOR e me inclinarei ante o Deus excelso? Virei perante ele com holocaustos, com bezerros de um ano? Agradar-se-á o SENHOR de milhares de carneiros, de dez mil ribeiros de azeite? Darei o meu primogênito pela minha transgressão, o fruto do meu corpo, pelo pecado da minha alma?

A isso ele respondeu: "Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o SENHOR pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus" (Mq 6.6-8).

A partir disso vemos quanto o verdadeiro culto espiritual é prático e terreno. George Guthrie escreve:

> Dinheiro é uma área que testa a autenticidade de nossa devoção a Deus. O coração que está muito próximo do bolso está fora de lugar e fica insensível para os excelentes dons e provisões de Deus. [A utilização que fazemos do dinheiro] é uma esfera na qual grande vitalidade espiritual pode ser cultivada e demonstrada.[2]

Assim como ocorre com a nossa fala, somente quando o coração está desapegado do mundo e próximo de Deus é que podemos usar o nosso dinheiro como um instrumento de adoração e serviço sacrificial.

Por fim, é para Deus que buscamos viver assim, já que tal adoração espiritual autêntica muitas vezes passará despercebida e não terá alarde no mundo e nem mesmo na igreja. É a Deus que servimos quando ministramos aos outros, e colocamos o bem-estar deles à frente de nosso próprio ganho financeiro. Corrie ten Boom conta a história acerca de um exemplo dado pelo pai dela – um comerciante pobre, mas piedoso. Certa manhã a família dela tinha se reunido para orar, pedindo a Deus que enviasse a eles um cliente para comprar um relógio, para que eles pudessem pagar as contas que tinham vencido. Um cliente de fato veio, pegando um relógio muito caro. Enquanto pagava, ele casualmente comentou que outro comerciante tinha vendido a ele um relógio defeituoso. Casper, o pai de Corrie, pediu para examinar aquele relógio, e salientou que só era preciso um pequeno reparo. Assegurando ao homem que o outro comerciante tinha vendido a ele um relógio de excelente qualidade, o pai de Corrie devolveu o dinheiro já que o homem retornou o relógio que iria comprar.

A pequena Corrie perguntou: “Papai, por que você fez isso? Você não está preocupado com as contas vencidas?” O pai dela respondeu: “Há um dinheiro abençoado e um não abençoado”, acrescentando que Deus não seria honrado se permitisse que a reputação de outro homem fosse erroneamente prejudicada, especialmente uma vez que o outro comerciante também era um crente. Ele assegurou à menininha que Deus iria prover, e apenas alguns dias depois um homem veio e comprou o relógio mais caro que eles tinham, e a venda não só pagou as contas, mas também pagou por dois anos a educação de Corrie.[3] Que excelente lembrete é esse de que, no contexto das pressões financeiras e das tentações, o nosso uso piedoso do dinheiro vai ensinar aos nossos filhos o que significa confiar no Senhor, ao mesmo tempo em que revela a Deus o zelo de nossa própria confiança e devoção.

Siga o líder

A nossa passagem termina com uma exortação para nos submetermos aos líderes espirituais instituídos na igreja. Isso parece ser diferente do chamado a oferecer sacrifícios espirituais, e serve para concluir a exortação que começa no versículo 7 com uma referência anterior aos líderes. Especialmente numa cultura autossuficiente como a nossa, submissão à autoridade

ordenada por Deus é um verdadeiro exercício espiritual e um elemento de nossa adoração ao Senhor.

Na Bíblia, toda submissão – seja de cidadãos a governantes, filhos aos pais, ou esposas aos maridos – é feita ao Senhor. Ela é um ato sacrificial de adoração e confiança. O versículo 17 dá dois mandamentos, acompanhados pelas razões que compelem à obediência piedosa: "Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossa alma, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros".

O primeiro desses mandamentos – "obedecei" – fala principalmente de receber o ensino dado pelos líderes espirituais. O verbo grego (*peithesthe*) é também usado para "ser persuadido". "Sede submissos" fala de render-se à autoridade adequada estabelecida por Deus. A recepção da verdade e a submissão a nossos líderes nós oferecemos a Deus como adoração.

Seis razões são dadas para essa obediência e submissão. A primeira é encontrada na palavra "líderes", que pode ser traduzida como "guias".* Autênticos líderes espirituais são aqueles que vão adiante do rebanho rumo à Palavra de Deus, rumo à oração e rumo à vida cristã. Assim como a grande mensagem de Hebreus é que Jesus é nosso guia todo suficiente a nos conduzir a Deus, assim também o nosso Senhor designou líderes na igreja para nos guiar em nome dele. Isso está especialmente ligado à ideia de ser persuadido, porque os líderes cristãos são guias na Palavra de Deus. Não deveríamos dizer: "Eu creio porque o reverendo ou o doutor Fulano de tal assim disse", mas sim, "eu tenho sido ensinado que essa é a Palavra de Deus, ela tem sido explicada a mim por meu pastor, e minha consciência agora está ligada a Deus para crer e obedecer".

Segunda, nós nos submetemos aos líderes espirituais porque a autoridade deles vem de Cristo. Efésios 4.11-12 diz: "E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo". Essa autoridade é espiritual e moral, não temporal ou mundana. Como Jesus disse: "O meu reino não é deste mundo" (Jo 18.36). Uma vez que líderes cristãos, especialmente presbíteros e diáconos, são chamados a servir à igreja, devemos recebê-los como autoridades estabelecidas pelo próprio Jesus.

Terceira e quarta, esses líderes "velam por vossa alma, como quem deve prestar contas". Muitas pessoas têm uma companhia de seguros para ajudá-las a proteger suas posses. Quando a companhia dá conselhos acerca da segurança de sua casa, o proprietário responde obedientemente. Outros têm um consultor financeiro que zela pela fortuna deles. Se o consultor envia informação, o investidor a lê e age com base nela. Se aconselhado a mudar de investimento, o investidor assim o faz. Entretanto, os líderes mencionados em Hebreus zelam por nossas próprias almas. Eles são dotados por Deus para o governo e o ensino cristão. Eles permanecem acordados à noite – é isso que o verbo "velam" literalmente significa – refletindo sobre o nosso bem-estar espiritual, de que forma eles podem ajudar e nos apoiar na fé. Que melhor razão poderia haver para que alegremente seguíssemos o governo e os ensinos deles?

Além do mais, como pastores auxiliares eles têm de prestar contas ao Pastor Chefe. Eles não estão servindo para o seu próprio benefício, mas para o nosso, e eles são chamados a prestar contas. A nossa resposta, então, é ajudá-los por meio da obediência e da fé.

Quinta, nossa obediência é o que torna a liderança espiritual uma alegria e não um fardo. Sem dúvida, o maior abatimento que todo pastor enfrenta é uma congregação que não acredita naquilo que ele está ensinando da Palavra de Deus. É isso o que desgasta um ministro: não horas duras de trabalho, mas a frustração com um rebanho com o coração endurecido. O maior presente que um cristão pode dar a um líder espiritual é uma prontidão em crer e obedecer a Palavra de Deus.

Finalmente, esse versículo conclui que não é vantagem alguma para nós que os nossos ministros fiquem sobrecarregados pela divisão, disputa e incredulidade na igreja. Um termo usado no mercado é empregado no texto e diz: "porque isto não aproveita a vós outros". Certamente há poucas bênçãos na vida superiores a pertencer a uma igreja unificada, piedosa e espiritual. Cada um de nós desempenha um papel vital na construção de um corpo assim.

Se invertermos esse versículo, ele serve como uma cartilha para aqueles que vão assumir uma liderança espiritual. Devemos ser guias na Palavra de Deus e na vida cristã, praticar o que pregamos e dar um exemplo de piedade. Nós carregamos o fardo da autoridade e, portanto, da responsabilidade. Isso vai nos manter alertas à noite, a pensar acerca do sermão para pregar e das ovelhas que podem estar se desviando, a conhecer as tristezas de muitos corações e a lamentar por aqueles que sofrem. Não é de se admirar que a igreja há muito considera como uma excelente ilustração da liderança cristã os pastores que estavam montando guarda sobre o rebanho na noite em que Jesus nasceu. Hugh Latimer, o grande reformador inglês, disse:

> Agora esses pastores [...] eles guardam suas ovelhas, eles correm para lá e para cá, gastando tempo à toa e negligenciando o seu ofício e chamado. [...] Eu gostaria que esses clérigos [...] aprendessem com esses pobres pastores esta lição; ou seja, permanecer fiéis aos seus rebanhos e às suas ovelhas, ficar entre elas, cuidar delas [...] e alimentá-las com a comida da Palavra de Deus.[4]

A isso acrescentamos o conhecimento de que iremos dar conta do cuidado para com nossos rebanhos. Os ministros deviam pensar acerca disso quando tentados a pecar ou negligenciar; embora tenhamos autoridade, ela é em nome de Cristo e, por isso, tem de ser à imagem de Cristo.

Até mesmo os homens mais fortes percebem sua necessidade de graça para um chamado como esse. O próprio Paulo disse: "Quem, porém, é suficiente para estas coisas?" (2Co 2.16). Não é surpresa, então, que o escritor de Hebreus prossiga ao dizer: "Orai por nós" (Hb 13.18). Se a nossa obrigação cristã é a obediência aos líderes cristãos, certamente a oração é o maior ministério que alguém pode oferecer para um pastor, presbítero ou diácono. O escritor de Hebreus acrescenta: "[...] estamos persuadidos de termos boa consciência, desejando em todas as coisas viver condignamente" (Hb 13.18). Certamente esse comentário apenas encobre levemente um desejo por oração exatamente nessas questões. "Eu vejo qual é a obrigação de um pastor e acho que estou no caminho certo", o pastor está dizendo, "mas, por favor, orem para que eu

possa ser fiel, servindo a Deus com uma consciência limpa e vivendo honradamente como um exemplo para os outros".

Se normalmente você não ora por seus pastores, pedindo por essas coisas, então você falha em perceber a importância deles para a igreja e a fragilidade da natureza pecaminosa deles – que, semelhante à sua, é carne em toda a sua fraqueza. Nós estamos vivendo num tempo marcado por grandes pecados entre os líderes espirituais, o estrago tem sido inestimável, e devemos clamar a Deus para que tal coisa não ocorra na igreja. Temos de orar para que nossos líderes sejam protegidos dos ataques espirituais e dos perigos normais da vida neste mundo. Após a morte de um famoso e extraordinário líder cristão, um membro de sua congregação me disse: "Nunca me ocorreu que um homem como ele necessitasse de minhas orações". Deixe a lição assentar em seu coração, e ore por seus líderes.

O céu na Terra

No funeral do grande puritano Richard Sibbes, Izaak Walton destacou: "A este abençoado homem seja dado o justo louvor: o céu estava nele, antes que ele estivesse no céu".[5] Com certeza, é o que deve ocorrer com os líderes cristãos a quem Deus concede para ensinar e liderar o rebanho dele. Quando a igreja é forte, quando ela ousadamente se posiciona por Deus, sempre há líderes assim, ousados e fiéis à Palavra dele, dando o exemplo e pregando persuasivamente no poder do Espírito Santo.

O escritor de Hebreus foi capaz de direcionar seus leitores à memória de tais líderes entre eles: "os quais vos pregaram a palavra de Deus" e cujos exemplos eram dignos de imitação (Hb 13.7). No entanto, os melhores líderes sempre serão frustrados no ministério a não ser que o povo de Deus alegremente ouça o que é ensinado da Palavra, creia e ponha em prática, comprometendo suas vidas com Deus por meio da oração, da adoração e do serviço. Toda a vida cristã se resume a isso, e é algo poderoso e abençoado. Na verdade, quando os pastores e ovelhas vivem em harmonia diante do Senhor, o que Walton disse de Sibbes pode se aplicar a todos nós – o céu estará em nós mesmo enquanto andarmos sobre a face desta terra.

[1] William Newell, *Hebrews Verse by Verse* (Londres: Oliphants, 1947), 453, 455.
[2] George Guthrie, *Hebrews* (Grand Rapids: Zondervan, 1998), 448–49.
[3] Citado em *ibid.,* 449.
* Conforme é traduzido na Versão Almeida Revisada e Atualizada. (N. do R.)
[4] Citado em Philip E. Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), 586–87.
[5] Izaak Walton, comentando sobre Richard Sibbes, citado em Richard Sibbes, *The Bruised Reed* (Edimburgo: Banner of Truth, 1998), viii.

57

BÊNÇÃO DE PAZ



Hebreus 13.20–25

> [...] *o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança, vos aperfeiçoe em todo o bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém!* (Hb 13.20–21)

O que chamamos de Livro de Hebreus na verdade é uma carta. Ela foi escrita por uma figura apostólica da igreja primitiva para tratar de preocupações reais e para ensinar coisas reais que as pessoas precisavam ouvir. Nós agora chegamos ao fim dessa carta, e podemos aprender muito do fechamento dela. Geralmente, a maneira como uma carta termina, bem como a forma como começa, revela a atitude do escritor para com os leitores, as intenções dele e sua personalidade, e o tipo de relacionamento que eles tinham.

No decorrer dessas linhas, nós primeiro vemos que há um relacionamento pastoral caloroso entre o escritor e seus leitores. Ele tem estreita amizade com os seus líderes e é bem conhecido o bastante para enviar saudações para todas as pessoas de Deus ali. Ele se dirige a elas como "irmãos" (v. 22), e no versículo 19 pede oração para que ele possa ser-lhes restituído logo. Nós não sabemos o que o mantinha afastado da igreja, mas o desejo ardente dele é estar reunido com o rebanho pelo qual ele tem tanto interesse.

O versículo 22 descreve essa carta como uma "palavra de exortação". Ela é um sermão escrito e enviado de um pastor para uma congregação. O escritor a descreve como uma breve carta. Já foi observado que a leitura desse sermão epistolar levaria menos de uma hora – assim, aparentemente essa é a ideia da Bíblia de um sermão "curto"!

Essas considerações finais também indicam um provável relacionamento entre o escritor e o apóstolo Paulo. Muitos têm identificado o escritor como Paulo. Entretanto, mais cedo eu afirmei minha visão de que isso é improvável. O texto grego de Hebreus é notavelmente diferente em estilo e vocabulário das cartas paulinas conhecidas. Além do mais, em 2.3 o escritor fala de ter aprendido a mensagem sobre o Senhor não diretamente, mas "pelos que a ouviram". Essa não é maneira que Paulo recebeu o evangelho. Pelo contrário, em Gálatas 1.16 Paulo insiste: "não consultei carne e sangue". Ele recebeu o evangelho diretamente do Senhor.

Contudo, o escritor de Hebreus deve ter tido um relacionamento próximo com Paulo, como esses versículos finais mostram. Ele escreve no versículo 23 sobre Timóteo, que era assistente de Paulo. No versículo 20, ele escreve "o Deus da paz", uma expressão que aparece muitas vezes

nas cartas de Paulo, geralmente muito próximas ao fim (veja Rm 15.33; 16.20; 2Co 13.11; 1Ts 5.23; Fp 4.7). Além do mais, a bênção final no versículo 25, como todas as bênçãos de Paulo, fala da graça de Deus, e é idêntica à linha final de Paulo em sua carta a Tito. Por toda a sua originalidade, a Carta aos Hebreus mostra essas marcas de familiaridade com os escritos de Paulo, junto com uma estrutura teológica abrangente que também revela a influência de Paulo.

Além do mais, essas considerações finais lançaram alguma luz sobre a localização daqueles que receberam essa carta. As principais opções são que esses judeus viviam na Palestina diretamente sob a influência das autoridades de Jerusalém, ou que eram cristãos convertidos de entre os judeus da Diáspora, na Turquia ou até mesmo na própria Roma. Eu tenho defendido que esta última opção é mais provável: essa era uma igreja composta de cristãos judeus vivendo em Roma ou nos arredores. O judeu romano tinha um *status* especial de proteção, graças ao apoio a Júlio César contra Pompeia uns 100 anos antes. Agora, no entanto, os cristãos hebreus não só estavam perdendo essa proteção, mas estavam também experimentando a perseguição nas mãos dos judeus.

A menção a Timóteo fortalece especialmente a teoria de que esses leitores podem ter estado em Roma: "Notifico-vos que o irmão Timóteo foi posto em liberdade; com ele, caso venha logo, vos verei". Se Hebreus foi escrito do meio para o fim dos anos 60, como muitos estudiosos acham, então não seria uma surpresa se os leitores fossem íntimos de Timóteo. Nós sabemos das cartas escritas por Paulo da prisão (Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom) que Timóteo havia sido enviado por Paulo para liderar a importante igreja em Éfeso (na Ásia Menor ocidental), mas que foi chamado de volta a Roma por Paulo logo depois, conforme mostrado em 2Timóteo 4.21. Paulo advertiu o seu jovem protegido acerca dos inimigos em Roma, como Alexandre, o latoeiro, e talvez tais pessoas tenham provocado a prisão de Timóteo – razão por que Hebreus 13.23 nos diz que ele acabara de ser liberto. O versículo 24 acrescenta: "Os da Itália vos saúdam". É possível que isso se refira às pessoas vivendo na Itália, mas a forma mais natural de entender isso é que alguns italianos que viviam onde o escritor estava enviaram suas saudações, nesse caso faz todo o sentido que a localização dos destinatários fosse na Itália.

Uma grande bendição

Todos esses são pontos interessantes, e até certo ponto úteis na compreensão de Hebreus, mas a mensagem principal de nossa passagem vem através da grande bendição dos versículos 20 e 21. "Bendição" significa "boa palavra", e todas as cartas do Novo Testamento incluem uma bendição no fim, algumas mais elaboradas do que outras. Uma bendição é uma oração a Deus em favor dos leitores. Isso é especialmente apropriado aqui, já que nos versículos anteriores o escritor pede que eles orem por ele mesmo.

Essa bendição é bastante longa e complicada, mas o propósito dela é simples e direto. A carta é uma "palavra de exortação", a saber, que por meio de Jesus Cristo a congregação devia permanecer firme na fé e viver de uma maneira agradável a Deus. O versículo 15 resume toda

essa confiança: “Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor”. A bendição da mesma forma resume toda a carta, a saber, que os leitores deviam fazer a vontade de Deus e agradá-lo com suas vidas.

Há algo importante aqui que devemos perceber. O escritor tem expectativas de como os leitores vão reagir, de como eles vão viver em seu difícil contexto. Entretanto, no final não é a eles que ele apela, mas ao próprio Deus. Embora nós tenhamos a responsabilidade e a capacidade moral de agir, nos falta o poder para cumprir o que Deus ordena. O nosso escritor exorta constantemente esses cristãos, mas por fim ele recorre a Deus em busca das boas coisas necessárias para fazer a vontade divina.

Essa é a mensagem da Bíblia para as pessoas hoje, assim como foi para as pessoas na época da carta. O que vai capacitar homens e mulheres a levar vidas que são diferentes do mundo, vidas que agradam a Deus e realizam a vontade santa dele? Por exemplo, o que vai capacitar você a parar de viver para si mesmo? O que o fará parar de usar outras pessoas e, em vez disso, amá-las como Deus ordena, servindo-as com genuína boa vontade e passar das boas intenções para as boas obras de fato? O que vai capacitar você a levar a Deus em consideração, a realmente levar uma vida devota no sentido mais verdadeiro? Algumas dessas coisas vão acontecer como resultado do esforço humano? A resposta da Bíblia é um retumbante “não”! Somos corrompidos pelo pecado. Paulo diz isso de forma muito direta em Romanos 3: “Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer” (v. 10-12).

Isso pode ser provado até mesmo sem a Bíblia. Nós gastamos séculos tentando civilizar o homem e o mundo. Especialmente nos últimos 100 ou 200 anos, a humanidade tem seriamente proposto um céu na terra, seja por meio da educação, da reforma social ou da ação política. Nós tivemos o Iluminismo, a democracia, o comunismo, o fascismo, e agora temos o humanismo secular. Mas olhe para o caos que está o mundo! Considere a confusão e o tormento, não apenas em pequenas ditaduras em algum canto longínquo do globo, mas no centro da civilização, aqui na América e em outros lugares, onde os deuses do humanismo mais orgulhosamente caminham. Veja o que está acontecendo em nossas escolas e *shoppings*, olhe para a televisão e veja o que vem de lá, veja o que as pessoas são atraídas a ver. Olhe mais de perto, para nossas famílias, distantes da graça de Deus, e veja a futilidade de esforçar-se por uma mudança real pelo poder do homem; por verdadeira bênção, paz, alegria e fruto que seja agradável a Deus. Sem a intervenção direta de Deus, essas coisas continuam além do nosso alcance em qualquer sentido verdadeiro e durável.

Olhe então para si mesmo, para seu próprio coração. A Bíblia proclama que, sem a graça de Deus, sem a habitação do Espírito Santo de Deus no homem ou na mulher que vêm à fé em Cristo, o coração é um monstro que serve a si mesmo, engana a si mesmo e por fim se autodestrói. Salvação e bênção são “não por força nem por poder”, diz o profeta, “mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos” (Zc 4.6).

E assim, por meio de Jesus Cristo, o escritor de Hebreus tem esperança real de que a boa e agradável vontade de Deus forme raízes na vida de seus leitores. Por quê? Porque ele apela em favor deles ao "Deus da paz". Enquanto o homem é acometido por seu próprio caos, Deus tem dentro de si mesmo verdadeira paz para conceder. Além do mais, Deus está buscando paz conosco e oferece paz ao mundo, ainda que este permaneça em guerra com ele.

A mensagem do cristianismo não é que temos de fazer a vontade de Deus e então podemos ter paz com Deus. Nunca seremos capazes de fazer a vontade dele até que primeiro recebamos a paz dele. Paulo muito eloquentemente fala disso em Romanos 5.6-8: "Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios. [...] Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores". Você não tem de merecer ou negociar a paz com Deus, mas somente recebê-la por meio de seu Filho Jesus Cristo. Da paz que ele dá provém toda boa coisa para fazer a vontade dele, até mesmo o fruto pacífico de santidade e alegria que ela traz.

A aliança eterna de Deus com Jesus Cristo

O Livro de Hebreus talvez seja a mais cristocêntrica das Cartas. Consequentemente, encontramos Cristo no centro de sua bendição final. O nosso escritor está buscando vidas transformadas que vão permanecer firmes na fé, e se a fonte dessa transformação é a paz do próprio Deus, o meio através do qual ela é recebida é o ministério do Senhor Jesus Cristo. É "por Jesus Cristo" que vem toda bênção espiritual.

O versículo 20 vê Jesus como "o grande Pastor das ovelhas", de forma que somente seguindo a Cristo, sendo parte do rebanho que ele pastoreia, é que alguém alcança as bênçãos da salvação. Jesus disse: "Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" (Jo 8.31-32). É o chamado de Cristo, quando tornado efetivo pelo Espírito Santo de Deus, que nos conduz para fora de nosso pecado, da mesma forma que Deus levou Jesus para fora do túmulo na ressurreição.

De fato, andar com Jesus é experimentar a ressurreição espiritual que antecipa o levantar dos mortos para a vida no último dia. É isso que Paulo diz em Efésios 1.18-20, em que ele ora para que os cristãos conheçam as riquezas que possuem em Cristo, e "a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos". Esse poder, ele diz, é como a atuação da poderosa força de Deus que ressuscitou Jesus de entre os mortos. Portanto, Paulo pode nos dizer: "[...] se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas" (2Co 5.17). Baseado na própria experiência, ele escreve: "logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim" (Gl 2.20). Uma nova e piedosa vida é percebida quando seguimos Cristo como o grande Pastor e quando ele trabalha em nós com poder espiritual procedente do alto.

O versículo 20 vê tudo isso como o resultado de uma aliança entre o Pai e o Filho: foi "pelo sangue da eterna aliança" que Deus "tornou a trazer dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor". Essa afirmação é extraordinária e instrutiva. Uma aliança é um acordo irrevogável; ela fornece os

termos de acordo com os quais duas partes estabelecem um relacionamento. No mundo antigo, um senhor conquistador iria impor os termos sobre os seus novos vassalos que, ao aceitar os termos, entravam em um relacionamento pactual. Da mesma forma, parceiros comerciais podem entrar em uma aliança com obrigações específicas. O relacionamento pactual que mais conhecemos é o casamento, um relacionamento que passa a ter validade por meio do solene juramento dos votos formais.

As partes nessa aliança muito evidentemente são Deus, o Pai, e o seu Filho, o Senhor Jesus Cristo. Ela é chamada de uma aliança eterna, o que significa que seus efeitos se estendem para todo o sempre. Cristo foi ressuscitado de entre os mortos de uma vez por todas em uma vida eterna que ele é capaz de conceder aos seus. Hebreus 7.25 nos diz: "Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles". Porque Jesus vive e reina para sempre, ele é capaz de oferecer uma salvação segura e eterna. Por meio da fé somos feitos "herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo" (Rm 8.17). E essa herança é, assim, eterna. Paulo escreve a Tito que Deus derramou o seu Espírito sobre nós "a fim de que, justificados por graça, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna" (Tt 3.7). Por meio de Cristo, portanto, é que Deus faz aliança conosco, dizendo em Ezequiel 37.26: "Farei com eles aliança de paz; será aliança perpétua". A nova aliança no sangue de Jesus, que o escritor de Hebreus descreveu no capítulo 8, é eterna, e seus benefícios – a saber, perdão dos pecados, santificação pelo Espírito Santo e comunhão com Deus – duram para sempre.

Ao mesmo tempo, essa aliança é eterna em outra direção, atingindo a eternidade passada. A Bíblia dá amplo testemunho de uma aliança entre Deus, o Pai, e Deus, o Filho, estabelecida em seu próprio concílio pré-criação e eterno. Pedro fala de Cristo como o "cordeiro sem defeito e sem mácula, [...] conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo" (1Pe 1.19-20). Apocalipse 13.8 o chama de "Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo".

Os teólogos chamam essa aliança de aliança da redenção. Deus, o Pai, deu a seu Filho a incumbência que ele voluntariamente aceitou, com promessas que seriam concedidas em caso de sucesso. Por isso Jesus orou brevemente antes de seu aprisionamento: "Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer" (Jo 17.4). Os dados bíblicos mostram que Cristo aceitou as seguintes condições: (1) que ele deveria assumir a carne humana, nascer de uma mulher e sob a lei; (2) que ele deveria cumprir toda a lei de Deus em favor de seu povo eleito, alcançando por ele a justiça perfeita onde Adão falhou; e (3) que ele deveria receber, em lugar de seu povo, a punição que eles mereceram por causa dos pecados deles, derramando o seu próprio sangue por eles na cruz. Em recompensa, Deus prometeu a ele a salvação de todos os eleitos na condição de irmãos dele e nele, Cristo, adotados, bem como domínio sobre todas as coisas por meio de sua ressurreição do túmulo.[1]

Isaías 53.11-12 referiu-se a essa aliança eterna oito séculos antes do nascimento de Cristo:

> Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito; o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si. Por isso, eu lhe darei muitos como a sua parte, e

> com os poderosos repartirá ele o despojo, porquanto derramou a sua alma na morte; foi contado com os transgressores; contudo, levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu.

Esse acordo pactual entre Deus, o Pai, e Deus, o Filho, explica por que, como Hebreus 12.2 diz, foi "em troca da alegria que lhe estava proposta" que Jesus "suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus". Na sombra da cruz, o nosso Senhor pôde ver a vitória que o capacitaria a nos reunir em seu amor eterno.

O puritano John Flavel, pregando nesse texto, imagina a conversa que deve ter ocorrido antes que mundos nascessem, e ele a usa para nos exortar à mais alta devoção ao Deus que então concedeu a nossa salvação. O Pai nos diz: "Meu Filho, aqui está uma companhia de pobres almas miseráveis, que se arruinaram completamente, e agora estão descobertas diante de minha justiça! A justiça exige satisfação da parte deles, ou satisfará a si mesma na ruína eterna deles: o que será feito dessas almas?" Cristo responde: "Oh!, meu Pai, tal é o meu amor e compaixão por eles que, em vez de perecerem eternamente, eu serei responsável por eles como seu fiador; traze-me todas as dívidas para que eu possa ver quanto devem a ti; de minhas mãos o requererás! Escolho antes sofrer eu tua ira do que eles a sofrerem – sobre mim, meu Pai, sobre mim seja todo o débito deles". "Mas meu Filho", Deus diz, "se tu assumires em favor deles, terás de pagar até o último centavo, sem abatimentos; se eu os poupar, a ti não pouparei". E Cristo responde: "Feliz estou, Pai, seja assim; cobra tudo de mim, estou disposto a pagar – e embora isso se revele um tipo de ruína para mim, embora isso acabe com toda a minha riqueza, esvazie todo o meu tesouro... ainda assim estou feliz em assumir a dívida".

Flavel conclui dessa troca, que concorda com a figura bíblica, que temos de nos envergonhar por sermos ingratos ao que é tão puro que arcou com nossa mancha, ao que é tão rico que assumiu a nossa pobreza, ao que é tão inocente que pagou a pena por nossa culpa movido por amor. Como podemos, ele pergunta, ignorar tão grande salvação e reclamar sob o jugo da obediência a ele? Flavel escreve: "Oh!, se você soubesse a graça de nosso Senhor Jesus Cristo em sua maravilhosa compaixão por você, você não seria capaz de agir assim"![2]

O precioso sangue de Cristo

O versículo 20 é muito direto ao focar na obra de Cristo na cruz, de acordo com a aliança eterna. Foi por meio de seu sangue que ele cumpriu sua parte da aliança, tendo primeiro aparecido como um cordeiro sem mancha, perfeito e inculpável, sendo, portanto, apto para se oferecer por outros. O Livro de Hebreus é embebido no sangue de Cristo; uma grande porção de seu ensino tem a ver com a eficácia salvadora e única do sangue do Filho de Deus, ou seja, quanto ele suplanta e cumpre o significado do sangue de touros e bodes, oferecidos diariamente pelos judeus por muitos séculos. Segundo o escritor, é assim que Cristo nos salva: não é dando um exemplo moral; não é simplesmente iluminando nossa mente com sua própria filosofia; e não é pela obtenção de poder para implementar uma agenda política melhor. Hebreus 13.12 afirma de forma direta: "[...] Jesus, para santificar o povo, pelo seu próprio sangue, sofreu fora da porta".

Para muitos, a expiação é um assunto repulsivo. Eles hesitam em pensar que Deus iria requerer derramamento de sangue a fim de atingir seus objetivos. É difícil haver uma visão mais chocante do que a do sangue humano sendo derramado. As pessoas veem sangue e desmaiam. Elas se deparam com uma cena de crime, ou um acidente de trânsito, e ficam paralisadas até perceber que estão olhando para uma mancha de sangue humano no chão. O sangue é a própria presença de morte, sofrimento e lamento. Mas é com o derramamento do precioso sangue de seu próprio Filho que Deus faz suas declarações finais mais importantes e essenciais a este mundo, declarações que temos de ouvir e receber se queremos ir a Deus para sermos salvos.

A primeira declaração que o sangue de Cristo faz é o juízo santo de Deus sobre o nosso pecado. Na verdade, somente quando vemos o sangue do Filho de Deus derramado sobre a terra é que compreendemos algo da pecaminosidade do pecado. O puritano Jeremiah Burroughs escreveu:

> A partir de então vemos o que é a malignidade do pecado. Quão grande ela é que abriu uma brecha tão grande entre Deus e minha alma, que somente dessa maneira e por tais meios deve o pecado ser tirado. Ou eu devo permanecer sob o fardo de meu pecado eternamente, ou Jesus Cristo, que é Deus e homem, deve sofrer tão intensamente por causa dele.[3]

J. C. Ryle acrescenta: "Terrivelmente negra essa culpa deve ser, pois nada, senão o sangue do Filho de Deus, pode prover satisfação. Imenso deve ser o peso do pecado humano, que fez Jesus gemer e soar gotas de sangue em agonia no Getsêmani e chorar no Gólgota, 'Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27.46)"[4]

Segunda, o sangue de Cristo também mostra a grande magnitude do amor de Deus por nós. Paulo fala do amor de Deus em Efésios 3.18 dentro das dimensões adequadas a uma cruz – louvando a largura, o comprimento, a altura e a profundidade desse amor.

J. I. Packer escreve:

> A medida do amor é quanto ele dá, e a medida do amor de Deus é o dom de seu único filho ser feito homem, morrer pelos pecados e assim se tornar o mediador que pode nos levar a Deus. Não é de se surpreender que Paulo fale do amor de Deus como "grande", e que excede todo o entendimento! (Ef 2.4; 3.19) [...] Os escritores do Novo Testamento constantemente apontam para a cruz de Cristo como a prova suprema da realidade e imensidão do amor de Deus.[5]

Terceira, o sangue de Cristo proclama o total envolvimento de Deus em nosso mundo, em todos os níveis. As pessoas hoje reclamam que é impossível, num mundo como o nosso, crer na visão bíblica de um Deus soberano, santo e bom. "Onde está Deus em meio a toda essa tristeza e sofrimento?", elas acusam. "Se há um Deus, por que ele não faz alguma coisa?" Nós estamos apontando o dedo para Deus, ao passo que nas cortes de justiça dele a situação já é o inverso – nós é que estamos sob justa acusação. E ainda assim não é para nós que o próprio Deus aponta quando sua ira é liberada, mas para o seu próprio filho amado.

De uma forma mais surpreendente do que qualquer uma que possamos conceber, Deus fez a coisa mais extraordinária. Nós queremos que as nossas tribulações desapareçam num passe de mágica. Deus, no entanto – cuja santidade torna tal farsa impensável, exigindo uma responsabilização total por nosso pecado –, veio ao nosso mundo para lidar pessoalmente com o pecado e a morte. Isso é importante para o escritor de Hebreus, que Deus, o Filho, venha e experimente tudo o que experimentamos, todas as dificuldades e humilhações da vida em um mundo pecaminoso, todas as tentações da carne, até mesmo a própria morte. Deus entra nas próprias profundezas deste reino caído; ele prova das sobras mais amargas de tudo o que é errado e corrompido na criação que ele fez boa. O escritor de Hebreus coloca assim: "Por isso mesmo, convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo. Pois, naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados" (Hb 2.17-18).

Na verdade, à luz da cruz de Cristo, a acusação de que Deus está distante e é indiferente à realidade deste mundo é a maior de todas as blasfêmias. Pois a cruz demonstra o envolvimento de Deus neste mundo de uma forma que não só é maior do que podíamos pedir, mas é muito mais graciosa do que poderíamos imaginar. Deus fez uma aliança há muito tempo na eternidade, muito antes do tempo e da criação, que sua vontade seria feita. Contudo, ele também entrou no mundo na pessoa de seu Filho, derramando seu próprio sangue e tomando sobre si a morte para que pudesse buscar e salvar aqueles que estavam perdidos.

Dele, e por meio dele, e para ele

Temos chamado esse trecho de uma grande bendição, mas na conclusão o versículo 21 se torna uma grande doxologia, uma canção de adoração que produz um clímax adequado para tudo o que aprendemos em Hebreus. Falando de Jesus, o escritor conclui: "a quem seja a glória para todo o sempre. Amém!"

Há uma semelhança impressionante aqui com o que talvez seja a maior de todas as doxologias de Paulo. O apóstolo concluiu Romanos 11 dizendo sobre Deus: "Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!" (Rm 11.36). Uma vez que o Livro de Hebreus tem como seu grande tema a divindade e a grandiosidade insuperáveis de Jesus Cristo, que nos leva a Deus, é muito adequado que essa mesma fórmula seja aplicada ao Filho de Deus. O versículo 20 fala do sangue dele como a fonte de nossa salvação: Jesus Cristo é a fonte de tudo o que ganhamos de Deus. O versículo 21 pede que os cristãos sejam aperfeiçoados para servir e agradar a Deus *por* Jesus Cristo, que é o nosso grande Pastor e líder na salvação. As últimas palavras da bendição, então, nos dizem que tudo isso é *para* Jesus Cristo, o qual, como Deus encarnado, é o recipiente de todo o nosso louvor e adoração.

Os versículos iniciais do Livro de Hebreus defendem a tese de que a revelação definitiva e final de Deus ao homem é por meio de seu Filho, que em sua ressurreição recebeu supremacia

sobre todas as coisas. Já que o Filho é a revelação do Pai, longe de roubar louvor de Deus quando adoramos a Jesus Cristo, nós estamos na verdade adorando a Deus da maneira que ele prescreveu. Burroughs corretamente diz: "Jesus Cristo é o Altar sobre quem todos os nossos sacrifícios espirituais são oferecidos".[6] John Owen acrescenta: "O Pai comunica todo o seu amor a nós por meio de Cristo e nós extravasamos o nosso amor ao Pai somente através de Cristo. [...] Cristo é o sacerdote em cujas mãos nós colocamos todas as ofertas que desejamos dar ao Pai".[7] O amor primeiro e principal do Pai está em seu Filho, como a satisfação de sua própria alma e como o Mediador que nos leva a Deus. Portanto, a principal satisfação de Deus é que o louvor seja dado ao Filho de nosso Senhor. Jesus disse: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6). Toda a nossa salvação e todo o nosso louvor são *dele*, e *por meio dele*, e *para ele*, tudo para a glória de Deus, o Pai.

Se isso é verdade, então a única coisa absolutamente essencial é se manter firme em Jesus Cristo. Esses primeiros cristãos estavam vendo o mundo deles mudar bem diante de seus olhos, assim como nós. A segurança deles, sua paz e sua prosperidade no mundo estavam desaparecendo em face do pecado e da morte. Enquanto isso, foi ordenado a eles viver o tipo de vida que eles dificilmente podiam imaginar: fazer tudo de acordo com a vontade de Deus e agradá-lo em todas as coisas. Por isso é que o escritor de Hebreus conclui: "A graça seja com todos vós" (v. 25), porque eles iriam precisar do favor e da ajuda de Deus de todas as formas. Este é o grande e estável poder a que os cristãos podem se apegar, firme e seguro, uma âncora dentro do véu – a graça do Deus Todo-Poderoso. É do sangue *dele*, de Cristo, que a graça é disponibilizada para nós. É *por meio* do ministério presente dele que encontramos graça para as provações do dia a dia. É *para* ele, que está entronizado à destra da Majestade nas alturas, que oferecemos todos os frutos dessa graça.

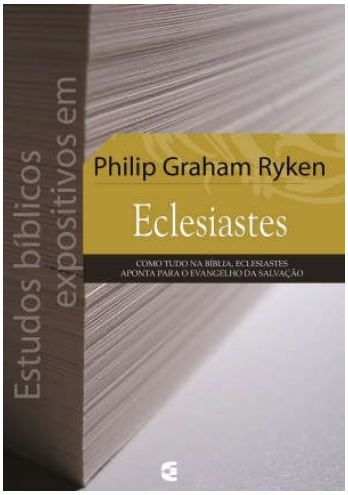
"Portanto", diz o escritor de Hebreus, com palavras que certamente são adequadas para concluir o nosso estudo de sua grandiosa carta,

> [...] desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus. (12.1-2)

A ele seja a glória para todo o sempre, para a glória de seu Pai no céu. Amém.

---

[1] Veja A. A. Hodge, *The Confession of Faith* (Edimburgo: Banner of Truth, 1958), 127; e Herman Witsius, *The Economy of the Covenants between God and Man*, 2 vols. (Phillipsburg, N.J.: Presbyterian and Reformed, 1990), 1:171.
[2] John Flavel, *The Works of John Flavel*, 6 vols. (Edimburgo: Banner of Truth, 1968), 1:61.
[3] Jeremiah Burroughs, *Gospel Worship* (Morgan, Pa.: Soli Deo Gloria, 1990), 353.
[4] J. C. Ryle, *Holiness* (Darlington, U.K.: Evangelical Press, 1979), 6.
[5] J. I. Packer, *Knowing God* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1979), 114.
[6] Burroughs, *Gospel Worship*, 147.
[7] John Owen, *Communion with God* (Edimburgo: Banner of Truth, 1991), 20.


Estudos bíblicos expositivos em
Philip Graham Ryken
Eclesiastes
COMO TUDO NA BÍBLIA, ECLESIASTES APONTA PARA O EVANGELHO DA SALVAÇÃO

Estudos bíblicos expositivos em Eclesiastes

Graham Ryken, Philip
9788576228448
320 páginas

Compre agora e leia

Ao aconselhar-nos a não depositar nossa esperança em prazeres terrenos e em tesouros mundanos, Eclesiastes nos ensina a depositar nossa esperança em Deus. O livro nos lembra também, especialmente em seus últimos versículos, que o dia do juízo está se aproximando. Como tudo na Bíblia, portanto, Eclesiastes aponta para o evangelho da salvação. Nossa única segurança está na misericórdia de Jesus Cristo.

Compre agora e leia

A GRAÇA INCANSÁVEL

O evangelho segundo Isaque e Jacó



Iain M. Duguid

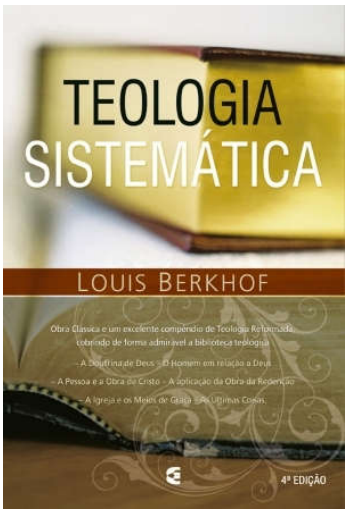
A graça incansável

M. Duguid, Iain
9788576228882
128 páginas

Compre agora e leia

A Bíblia não é muito lisonjeira a respeito daqueles cuja vida relata: o registro é fiel, e conta toda a verdade. Abraão teve altos e baixos. Os poucos eventos registrados da vida de Isaque são, na maioria dos casos, baixos. Jacó não foi nenhum herói, para dizer o mínimo. Isso deveria servir de estímulo para quem está preocupado com o fracasso. Deus nos confiou uma tarefa para a qual nos sentimos incapazes? A força divina é mais visível quando maiores são as nossas fraquezas; e sua glória mais aparente quando mais insignificantes são as pessoas que realizam os seus propósitos maravilhosos. Na vida de Isaque e de Jacó isso fica bastante evidente.

Compre agora e leia


TEOLOGIA
SISTEMÁTICA
LOUIS BERKHOF
Obra Clássica e um excelente compêndio de Teologia Reformada,
cobrindo de forma admirável a biblioteca teológica
– A Doutrina de Deus – O Homem em relação a Deus
– A Pessoa e a Obra de Cristo – A aplicação da Obra da Redenção
– A Igreja e os Meios de Graça – As Últimas Coisas.
4ª EDIÇÃO

Teologia sistemática

Berkhof, Louis
9788576229346
720 páginas

Compre agora e leia

A Obra Clássica e excelente compêndio de Teologia Reformada, cobrindo de forma admirável a biblioteca teológica. A Doutrina de Deus – O Homem em relação a Deus – A Pessoa e a Obra de Cristo – A aplicação da Obra da Redenção – A Igreja e os Meios de Graça – As Últimas Coisas. Outras publicações têm surgido na mesma área, mas nenhuma mostrou as qualidades, a abrangência e profundidade que fizeram desta a Teologia Sistemática mais usada em nosso país. É por isso que, com grande satisfação, a apresentamos aos seus leitores e pesquisadores, com a certeza de que novas gerações de estudiosos das Escrituras serão formados sob sua benéfica influência.

Compre agora e leia

O PRIVILÉGIO E A RESPONSABILIDADE DOS QUE PREGAM

SERVOS ORDENADOS



Jesus e as crianças

Confrontando o Neopaganismo na Cultura e na Igreja

As Institutas – Capítulo XVI.3–4

Bem vindo à Reforma

Revista Servos Ordenados

Marra, Claudio

9788576229339

32 páginas

Compre agora e leia

A revista *Servos Ordenados* foi criada para servir os oficiais da Igreja Presbiteriana do Brasil, seus pastores, presbíteros e diáconos. Publicada trimestralmente a partir de março de 2004, ela oferece apoio a esses servos, discutindo suas funções à luz da Escritura e da Constituição da Igreja, analisando possibilidades de ação nas igrejas locais e oferecendo ajuda para a sua vida pessoal, como cristãos e em seu relacionamento familiar.

Compre agora e leia


FILIPE FONTES
Educação em casa, na igreja, na escola
Uma perspectiva cristã

Educação em casa, na igreja, na escola

Fontes, Filipe
9788576229353
176 páginas

Compre agora e leia

O livro é composto de duas partes. A primeira, formada de três capítulos, procura definir educação cristã. Ela parte do pressuposto de que este é um conceito cuja definição é, geralmente, confuso e superficial e que necessita, portanto, de maior clareza e profundidade. Nossa esperança é a de que essa primeira parte contribua para que tal necessidade seja diminuída. A segunda, composta de quatro capítulos, apresenta uma perspectiva cristã da educação. Entre os capítulos que compõem essa parte, o primeiro (capítulo 4) oferece uma discussão geral sobre o agente, o conteúdo e o propósito da educação. (...) Os capítulos seguintes trabalham com a atividade de cada um dos agentes secundários da educação. O capítulo 5 trata da educação cristã familiar. (...) O capítulo 6 trata da educação cristã eclesiástica. (...) Incluímos nesse capítulo, um breve tópico sobre a Escola Dominical, uma palavra aos professores de crianças e um tópico sobre uma questão bastante polêmica na atualidade – a do "culto infantil" (...) O capítulo 7 trata da educação cristã escolar. (...) Incluímos nesse capítulo um tópico sobre uma questão espinhosa, embora bastante comum: a atuação do professor cristão na escola secular.

Compre agora e leia